MEMÓRIA DAS DATAS
1866 – 2002

IRMÃS DOMINICANAS DE SANTA CATARINA DE SENA

Irmã Rita Maria do Nascimento Lourenço Nicolau, OP
São Domingos de Benfica, 30 de Abril de 2002

Colaboração especial de:

Irmã Ana Maria de Sousa Vieira
Irmã Maria Cecília Campos
Irmã Rosália Marques Lincho

À memória da Madre Teresa de Saldanha
e a de todas as Irmãs
que com o dom de suas vidas
tornaram possível a realização do seu sonho.

A obra é de Deus, ele quer que actuemos.
Teresa de Saldanha

Apresentação

Ainda em início de novo milénio, surge esta obra *Memória das Datas* da Congregação das Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena.

História ainda jovem, se pensarmos nos longos anos de uma Igreja tão roçada de experiência. Bem pequena se comparada com outros vultos, mas interessante, rica de tempos e contratempos, de fragilidades, de vicissitudes e de bênçãos. Rica de vida, de gente, de santidade.

Esta narração tem o seu início em Lisboa, a 4 de Setembro de 1837, quando nascia a figura principal deste publicação – D. Teresa de Saldanha Oliveira e Sousa. Com ela vamos percorrer longas distâncias: Portugal de norte a sul; vários países, continentes e ilhas; raças, culturas e línguas. Vamos encontrar os grandes da sociedade e os pequenos da história. Vamos transportar-nos ao mundo da faina hábil, do empenhamento lúcido, da dedicação a toda a prova. Vamos transportar-nos ao mundo do serviço heróico, da gratuidade, do Amor. Mas o final da história, esse não cabe neste volume. Trata-se de uma história viva, com gente viva e... a vida não descansa, continua.

Esta narrativa talvez deixe aos leitores alguma interrogação.

Quem era, afinal e na verdade, essa tão forte mulher que assim concebeu uma tal família?

Mais. Quem era o Amor que a habitava? *Deus super omnia*, a máxima da sua vida.

Escreve este livro quem levou a cabo gigantesco processo: Canonização de Madre Teresa de Saldanha!

Escreve este livro quem sabe dela, dos que com ela lidaram e das Irmãs que lhe seguiram o rastro.

Esta é a memória de uma família, feita em família. Escrevê-la só foi possível com a colaboração das Irmãs que, antes de nós, escreveram crónicas, actas, registos, e das que, no presente, colaboraram para levantar dados, dar testemunhos, avivar a memória.

Memória das Datas é uma história da família fundada por D. Teresa de Saldanha, em 1866 e continuada pelas seguidoras do seu projecto, até aos dias de hoje.

Lisboa, Casa de São José – São Domingos de Benfica, 18 de Abril de 2002.

Irmã Maria Manuela dos Anjos, OP, Superiora Geral.

«Quando a história de uma Ordem se entende
como biografia colectiva,
como crónica de família
de uma Comunidade de seguimento
esta história chega a adquirir
a categoria teológica.»

J. B. Metz [1]

Introdução

Fazer memória da vida e obra de tantas mulheres, que constituíram a Congregação das Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena, sob a acção do Espírito Santo, não é um regresso saudosista ao passado, mas antes uma força determinante que nos permitirá acreditar que o mesmo Espírito que conduziu a Congregação ao longo do tempo continua vivo e actuante e nos convida à surpresa de um futuro sempre novo.

Sem memória não existe passado, nem pensamento. Sem passado estamos sempre em estado de aprendizagem do que há de mais elementar e sem pensamento não há criatividade nem futuro. Só a memória permite viver o presente e projectar o futuro.

1 J. B. METZ, *Las Órdenes Religiosas – su misión en un futuro próximo como testimonio vivo del seguimiento de Cristo*, Herder, Barcelona, 1992, p. 109.

«Tenho grande consolação ao ver como o nosso bom Deus tem abençoado o pequeno "grupo de sementes" plantado há tantos anos na pequena casa das Portas da Cruz.»[2] Esta frase escrita pela Madre Teresa de Saldanha nos últimos anos da sua vida é bem elucidativa do nascimento e crescimento da Congregação que fundou.

Foi em 1866 que as duas primeiras vocacionadas aceitaram o desafio de Jesus: «Se o grão de trigo que cai na terra não morrer, permanece só; mas se morrer produzirá muito fruto»[3] e deixaram tudo para O seguir numa Congregação de que seriam os alicerces: a Congregação das Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena, fundada por D. Teresa de Saldanha, em Lisboa, Portugal.

O pequeno grupo estabelecido na Casa das Portas da Cruz, qual semente lançada à terra, foi produzindo frutos e tornou-se pão para muitas crianças famintas, em diversos locais onde a fome era grande.

A Congregação, nascida como pequena semente, plantada no campo que Domingos de Gusmão lavrou no século XII, tornou-se árvore frondosa e os seus ramos chegaram a longínquas paragens. Trata-se de um novo ramo que nasceu, cresceu e se desenvolveu, em Portugal, alimentada na abundância da seiva dominicana. Foi a primeira Congregação a ser fundada neste país, após o decreto de extinção das Ordens Religiosas em 1834.

Muitas foram as mulheres que realizaram a sua vocação e responderam ao apelo baptismal da santidade, na Congregação. Neste pequeno livro queremos fazer memória de todas as que, desde o início e até aos dias de hoje, concretizaram o sonho da Madre Fundadora, ampliando os seus gestos de misericórdia.

Citamos alguns nomes, na certeza de que, muitas mais escreveram belas páginas do Evangelho, ao serviço do Reino. Cremos que estas vidas exemplares, marcadas pelo cunho da santidade são, para todas nós, uma herança e um desafio.

Memória das Datas, desejado e aguardado por Irmãs e amigos, resulta da conjugação de muitas vontades. Estamos certas que nos ajudará a prosseguir, com fidelidade o carisma fundacional, para projectarmos um futuro de esperança, mediante a experiência evangelizadora dominicana em todo o tempo lugar e contribuirá, sem dúvida, para colocar Teresa de Saldanha no lugar que lhe compete na História da Igreja como pioneira da renovação da vida consagrada em Portugal.

Capítulo I
Memória da Fundação

Contexto histórico

O momento histórico do Portugal oitocentista foi marcado por transformações, que vincaram profundas desigualdades sociais. Teresa de Saldanha nasceu e viveu neste contexto. Sensível ao sofrimento humano e sempre atenta à voz interior do seu Senhor, sentiu a urgência de fazer algo para melhorar as condições de vida do seu povo.

---

2 Carta de Madre Teresa de Saldanha à Madre Maria Catarina Roth, 16 de Abril de 1912, A.G.C., Doc. 25, k.

3 Jo 12, 24.

Revoluções sucessivas impediam o desenvolvimento das estruturas sociais, políticas e religiosas. Igreja e Estado viviam em constante tensão. As muitas lutas liberais levaram o país ao esgotamento. A adesão de alguns eclesiásticos ao Partido Absolutista, criou-lhes, no Regime Liberal, uma situação incómoda. Tudo isto se reflectiu na vida do povo, que se viu enganado por uns, explorado por outros, sem que ninguém se ocupasse ou preocupasse com as suas necessidades básicas. A miséria alastrava. Antes era a Igreja que se ocupava da assistência aos pobres, através das Ordens Religiosas, das Corporações também das Misericórdias, esse «género de religião inventada pelos seculares para exercício da virtude.»[4]

O separatismo do Estado liberal e a Lei da Extinção das Ordens Religiosas em 1834, que incorporou os seus bens à Fazenda Nacional, criou novos problemas.

Os pobres e os doentes estavam, na maior parte dos casos, abandonados à sua própria sorte, ou à ajuda de algumas senhoras da sociedade. A juntar-se à deplorável situação das pessoas do campo, surgiu o proletariado. Era a industrialização. Esta geração não tinha acesso a qualquer tipo de educação, formação ou alfabetização.

Teresa preocupava-se com a situação do seu povo esmagado, definhado por trabalhos e doenças, crianças privadas dos seus direitos mais elementares, raparigas obrigadas a árduas tarefas sem possibilidade de tomarem consciência dos seus direitos, mergulhadas na mais dura ignorância.

Trabalhando com as Irmãs da Caridade francesas, fundou com outras senhoras, em 1859, a Associação Protectora das Meninas Pobres com o objectivo de educar as crianças mais desprotegidas. Tinham várias escolas e subsidiavam muitas outras.

Em 1862, as Irmãs da Caridade, depois de grande agitação política, viram-se expulsas do país, o que agravou a situação da assistência, em Lisboa. Esta circunstância esteve na base do projecto da fundação empreendida por Teresa de Saldanha.

A inspiração original

«Acha-se aqui presente, alguém a quem Deus Nosso Senhor inspirou, há algum tempo uma grande obra, que talvez pareça impossível aos homens, mas, bem possível é a Deus que tantas vezes se serve dos seus mais humildes servos, para neles realizar obras magníficas. A falta de pessoas que se dediquem exclusivamente ao tratamento dos pobres, dos enfermos e à prática de todas as obras de misericórdia, inspirou à dita pessoa, que tem uma vocação ardente de se consagrar ao serviço de Deus e dos pobres.»5

A cronista continua: «O Padre Russell disse que tinha examinado bem esta vocação; que lhe parecia ser inspirada por Deus e que convencido disto não tinha, da sua parte, posto obstáculos a semelhantes desejos e, pelo contrário, fazia tudo que estava ao seu alcance para ajudar uma obra, da qual podiam resultar tantos bens. Que infelizmente todas as Ordens Religiosas estavam extintas em Portugal; que os poucos Conventos que ainda existiam, com o tempo haviam de acabar, mas, que, não supunha, Deus tivesse abandonado um país, onde havia ainda tanta fé, e que era muito possível quando tudo bom se achava no maior destroço,

---

[4] Cf. RAMOS, A., in: A.A.V. *A Igreja e a opção pelos pobres*, 81.

5 Cf. Acta de 1 de Outubro de 1866, A.G.C., Doc. 6965.

Deus Nosso Senhor, permitisse que sobre estas ruínas se levantasse uma nova e viçosa árvore, uma instituição, que será talvez a salvação de Portugal.»6

Teresa de Saldanha nascida a 4 de Setembro de 1837, em Lisboa, era a pessoa a quem Deus inspirara a fundação.

Educada numa família católica e com uma profunda formação evangélica, alimentou, desde jovem, o desejo ardente de se consagrar totalmente a Deus e de contribuir para minorar o estado de miséria em que se encontrava o seu povo, como ela própria exprime: «Se, por um lado, o lugar aonde eu possa ser chamada a trabalhar me é indiferente, porque Deus está em toda a parte, por outro lado, conhecendo o triste estado do meu pobre País, senti sempre um grande desejo de trabalhar aqui, onde tanto bem se pode fazer.»7 É que, «Em Lisboa nada existia nesse tempo de comunidades religiosas dedicadas à vida activa; nem Hospitaleiras, nem Doroteias; as Irmãs de Caridade francesas tinham sido expulsas8; portanto, a falta tão grande de uma Congregação que se dedicasse ao serviço dos pobres e educação de crianças, fez-me desejar imenso poder trabalhar para realizar o meu sonho, o que assim parecia nesse tempo semelhante plano, pelas dificuldades se julgavam invencíveis.»9

Contudo, eram ainda proibidas, no país, as congregações religiosas: «Quantos obstáculos a vencer por parte das autoridades e, depois, o espírito maligno da época actual, perseguindo por toda a parte a Igreja Católica. Barreiras insuperáveis se puseram diante de mim para me roubar toda a esperança.»10

Pronta a partir para, no estrangeiro, realizar a sua vocação, tinha um plano e uma esperança: voltar para Portugal e colaborar no ressurgimento da Ordem Dominicana, no país. Conhecia o desejo do Mestre Geral da Ordem, Padre Alexandre Jandel, que em 1863 tinha estado em Lisboa: «O Geral da Ordem deseja muito estabelecer a Ordem em Portugal. Veio o Verão passado a Lisboa e, se isso acontecesse, sei que me mandavam para Portugal.»11

Devido ao impedimento do pai, os planos de Teresa de Saldanha foram gorados. Fez, então, sem cessar, devoções e orações pedindo a Deus que a ilustrasse e lhe desse a conhecer a Sua Divina Vontade. Assim, depois de insistentes preces, em Outubro de 1865, começou a projectar, com ajuda dos Padres Dominicanos Irlandeses, da Comunidade no Convento do Corpo Santo, em Lisboa, a fundação de uma Congregação de Irmãs Terceiras de São Domingos que se ocupassem da educação da mocidade, de tratar dos doentes pobres, visitando-os nos seus domicílios, que substituísse as Irmãs da Caridade.

À procura de caminhos

Frequentando a Igreja do Corpo Santo, aconselhava-se com o Padre Wiseman. Este religioso, bem ciente do deplorável estado do país, animou-a a obter as licenças necessárias

---

6 Idem.

7 SALDANHA, Teresa, *Notas autobiográficas*, A.G.C., Doc. 6969.

8 As Irmãs da Caridade francesas chegaram a Portugal em 1857 e foram expulsas em 1862.

9 THIAUCOURT, Maria Rosa, OP, *Madre Teresa de Saldanha - Vida e Obra*, p. 42.

10 Idem, A.G.C., Doc. 6969.

11 Idem.

para estabelecer uma Congregação Religiosa. Acreditava que da sua inspiração surgiria o princípio da regeneração religiosa de Portugal: «O santo Padre Wiseman escutava silenciosamente quando eu lhe falava nos meus desejos e dizia-me que nunca desistisse da resolução de trabalhar em Portugal, empregada no serviço de Deus.»[12]

Depois de muita oração e aconselhamento, Teresa lançou-se na audaciosa aventura de restaurar a vida dominicana, revelando grande apreço e amor à vida religiosa, como tão bem expressa em carta à Madre Maria Imelda Magee: «A vida religiosa neste país, infelizmente, quase desapareceu; o que resta dos conventos está a morrer e quem sabe se isso não será, talvez, a Vontade de Deus que antes do último convento fechar, uma simples, humilde, escondida Congregação poderá surgir em Portugal das ruínas de uma vida religiosa decadente? Esta Ordem será escolhida por Deus para fazer grandes serviços em Portugal e espero confiadamente que esse dia venha depressa.»[13]

Para levar por diante esse projecto, correspondeu-se com a Prioresa do Convento Dominicano de Sena, Drogheda, em Irlanda, no sentido de receber apoio na formação das primeiras religiosas da nova Congregação.

> «Já passaram dez anos desde que comecei a sentir o ardente chamamento de me consagrar a Deus e de O servir numa Comunidade religiosa activa. O mundo, onde tenho de viver, levantou contra mim dificuldades, aparentemente insuperáveis, mas nada alterou a minha resolução de pertencer a Deus somente. Eu persisti em silêncio, com a ajuda da graça de Deus. Testemunhando o triste estado do meu querido país, estando convencida da necessidade de estabelecer aqui uma Ordem de beneficência Esperando ser capaz de me juntar mais facilmente a uma Comunidade religiosa estabelecida no meu país do que a uma lá fora. Faço-lhe uma petição formal, como Madre Prioresa do Convento de Drogheda: é que algumas jovens pudessem ir e fazer o seu Noviciado lá fora e quando voltarem, plantarem aqui a nova e vigorosa árvore. Faço-lhe agora um pedido: acolhê-las no seu convento; prepare-as para a vida activa da Ordem Terceira de São Domingos e mande-as depois para Portugal.»[14]

Numa outra carta, Teresa refere: «A vossa casa é um Mosteiro da Segunda Ordem, nós sabemo-lo bem, mas tudo o que diz respeito ao espírito da regra, as nossas queridas postulantes aprendê-lo-ão convosco na perfeição e para as iniciar nas obras da vida apostólica, o cuidado com os doentes, etc. a Madre deu-me a esperança, na sua primeira carta, que se poderia arranjar algo por intermédio do vosso bom Vigário, Dr. Russell . Vejo nas suas cartas sentimentos que nos animam: o interesse que nos manifestais e o desejo que tendes de nos ajudar.»

Tratava-se de um projecto arrojado, naquele tempo. Todos os ventos eram contrários ao lançamento dessa grande empresa: «Nessa época, ano de 1866, as Ordens Religiosas tanto

---

[12] Idem.

[13] Carta de D. Teresa de Saldanha à Madre Maria Imelda Magee, A.G.C., Doc. 7492.

[14] Carta de D. Teresa de Saldanha à Madre Maria Imelda Magee, 2 de Janeiro de 1866, A.G.C., Doc. 6979.

de homens como de mulheres, estavam extintas em Portugal, não se podia aproveitar coisa alguma, era necessário começar de novo.»[15]

Autorização do Patriarca de Lisboa

Antes de dar início à Obra foi necessária a autorização do Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa. No dia 19 de Março de 1866 a cunhada de Teresa, D. Isabel, foi a São Vicente de Fora expor o projecto ao Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Bento Rodrigues e pedir autorização para o seu início. Sua Eminência disse-lhe que, pelo seu lado, estimava muito, mas que se admirava que houvesse ânimo de começar alguma coisa quando estava para acabar tudo desse género em Portugal. «Era todo desanimação. Muitas apoquentações e uma fraquíssima saúde tiravam-lhe as forças para lutar; mas concluiu dizendo que aprovava muito, e que contassem com ele em tudo o que estivesse ao seu alcance.»[16]

As cartas que nos fazem a narração dos passos dados, das emoções sentidas, das graças alcançadas, são os mais fidedignos testemunhos desse nascimento histórico. Foi com imensa alegria que Teresa escreveu ao Padre Russell:

> «Cantemos o *Te Deum*, imediatamente. Ainda estou a tremer de emoção. A Maria acaba de chegar. Esteve com o Senhor Patriarca. Ele está disposto a tudo, tudo; prometeu a sua protecção dizendo, no entanto, que não pode fazer muito. A Maria não nomeou ninguém, mas contou tudo. O Senhor Patriarca recebeu muito bem a proposta e louvou a coragem de todos os que se vão dedicar directamente e disse: «Porque não começar já?» Eu fiquei em oração quase todo o tempo em que a Maria esteve ausente. Deus é demasiado bom, demasiado bom para mim. Não sou capaz de dizer o que sinto, isto é o começo da grande obra!
>
> O Senhor Patriarca prometeu o maior segredo possível e a Maria disse que o Mestre Geral não quer dar a sua aprovação sem primeiramente o Senhor Patriarca dar licença. Ainda parece impossível ter o seu consentimento!»[17]

Escreveu também à Madre Prioresa de Drogheda: «No dia 19 de Março, festa do nosso Patrono São José e no mesmo dia em que a Madre me estava a escrever, a minha cunhada, que é minha sincera e fiel amiga, foi ao Patriarca e, assistida por uma graça especial de Deus, relatou o nosso plano e obteve a licença que nós desejávamos. O que parecia tão difícil e quase impossível, derreteu como gelo, antes do irradiar do sol, quando Deus o quis. Não consigo expressar os meus sentimentos, vendo como o Patriarca nos concedeu a sua anuência para o nosso empreendimento, como ele o aprovou e prometeu protegê-lo.»[18]

Por sua vez, o Padre Russell narra ao seu Irmão, também dominicano e Vigário na Irlanda, como tudo se passou:

---

[15] SALDANHA, Teresa, Notas pessoais, A.G.C., Doc. 7267.

[16] MARQUESA DE RIO MAIOR, *Fundação da Ordem das Terceiras de São Domingos em Portugal*, 2ª Ed. p. 93.

[17] 19 de Março de 1866, A.G.C., Doc. 32.

[18] Carta de Teresa de Saldanha à Madre Maria Imelda Magee, A.G.C., Doc. 7492.

«Bem, sendo isto assim, tenho que lhe dizer a si e à Madre Imelda que nós obtivemos a licença e a promessa da protecção total do Patriarca. Ele ficou admirado de que algumas senhoras estejam, nas actuais circunstâncias, dispostas a consagrarem-se à educação e ao serviço dos pobres e, na esperança de servirem mesmo, em missões estrangeiras. A nossa agente diplomática para conhecer a disposição do Patriarca e solicitar o seu consentimento foi a cunhada da Dona Teresa, a jovem Condessa de Rio Maior. Ela é muito inteligente, tem muito tacto, rapidez e prudência como o melhor Corpo Diplomático, incansável dedicação e interesse pelo sucesso deste assunto. Ela vê a sua Irmã, Dona Teresa, como uma criatura angelical e, de facto, não está muito fora disso – só necessita das suas asas – e fica muito contente quando toma parte no prosseguimento "do abençoado projecto" buscado com muita perseverança e ardor por Dona Teresa. O seu relato ou reportagem, escrito por mim imediatamente depois da sua entrevista com o Patriarca, é interessantíssimo e será, espero eu, um documento histórico de grande valor, se Deus permitir que este projecto tenha sucesso.

Foi-lhe dito que o objectivo da Congregação será o da Ordem Terceira de São Domingos, em que as senhoras terão só votos simples, por um limitado número de anos, que será inteiramente português, e não de clausura, visto que o seu objectivo será visitar os pobres bem como ensinar os seus filhos. Elas esperam, quando o seu número aumentar, poder enviar Irmãs para as missões nas colónias portuguesas para ajudarem os padres e ensinarem a parte feminina da população; que tinham autorização do Mestre do Geral dos Dominicanos e a sua indicação é colocar o Instituto sob a jurisdição do Patriarca (o que lhe agradou); para o Noviciado e devida formação dos deveres e costumes da Ordem elas escolheram o meio-termo entre França e Inglaterra, Irlanda como o país para onde as primeiras postulantes irão ser mandadas. E será possível, disse o velho homem, "que alguma de vocês tenha tanta devoção para ir para tão longe, como é a Irlanda? Por que não convidar algumas das senhoras irlandesas para virem aqui e logo fundarem este Instituto – elas seriam bem vindas – não estão elas já aí no Bom Sucesso e todo o mundo fala tão bem delas; ninguém teria objecção contra elas!" Ele depois acrescentou: "Ah, eu tinha perdido toda a esperança de fazer algum bem, mas agora vejo, com alegria, um raio de esperança para o futuro". Ele foi ainda mais longe ao perguntar-lhe se ela queria uma casa, mas a nossa prudente diplomata, não tendo recebido instruções nesse ponto, evitou uma resposta. Ao terminar a entrevista, ela pediu segredo, presentemente. Ele sorriu tristemente, escreve a jovem condessa, e abanando a sua cabeça para a frente a para trás, disse: "Ah, minha senhora, ninguém precisa tanto de silêncio quanto eu; fique descansada ninguém saberá do objectivo da sua visita."

No princípio da entrevista, ele aconselhou a maior prudência: "o espírito do mal está dominante; desejoso, porém, de fazer o bem, este nem sempre pode ser realizado; é essencial toda a prudência para que o Governo não apregoe. Eu não posso fazer nada."

Sua Eminência ficou muito satisfeito quando a Condessa disse que nem o Geral, nem nós desejamos dar um passo sem lho comunicar a Sua Eminência e sem ter a certeza da sua aprovação; a única coisa que exigimos é o direito de escolher o nosso próprio director. Ele disse: "Certamente, isso é compreensível. Há

alguns anos, vi o Geral dos Dominicanos; primeiro pensei que era o Padre Etienne; fiquei muito satisfeito com a sua prudência em vir vestido de secular."

A boa e perspicaz jovem Condessa termina o seu longo relato ao dizer entre outras coisas: "São José realizou um milagre – este dia foi escolhido para a mais importante entrevista e a pobre Dona Teresa esteve todo o tempo na igreja rezando e as senhoras do Bom Sucesso e as minhas piedosas devotas diárias não estiveram ociosas, só não sabiam para o que é que eram solicitadas. São José realizou um milagre, mas para o conseguir prometi pôr uma linda estátua dele no primeiro oratório que iremos ter da Ordem."

A Condessa continua: "Tenho este projecto tanto no meu coração, que seria uma crueldade sua excluir-me de tomar parte nele.

Quando regressei a casa, pode imaginar como a Teresa se sentiu; ela chorou e riu. Mas o que é agora uma dificuldade para mim é narrar tudo isto à minha santa sogra, – ver o combate, oh o seu coração e alma, – por vê-la triste com a ideia do seu anjo se separar dela."

De momento, Teresa não pode partir, nem mesmo sair de casa; isso iria transtornar tudo, porque o seu pai e Irmãos, mesmo sendo muito bons, iriam recorrer a paus e pedras e tornar-se-iam maus. Se não fosse por isto, tudo caminharia a vapor.

Dona Teresa chamou-me à atenção para o facto da última carta à Madre Imelda, onde o Mestre Geral dá o seu consentimento para o Noviciado ser em Drogheda, ter sido escrita no dia de São José: por isso, é mais que justo que o bom São José seja escolhido como um dos Patronos da nova Ordem! Nós ficámos satisfeitos de que a Madre Imelda tenha sido suficientemente amorosa nesse dia especial, em comunicar a boa notícia de Roma e expressar receio acerca das dificuldades com o Patriarca, as quais São José estava a remover, enquanto ela estava a encorajar Teresa a ultrapassá-las.

Mas não foi só a Madre Imelda que temeu essas dificuldades: o Núncio, ele próprio a quem eu comuniquei a nossa intenção de tentar obter a licença do Patriarca, disse-me que eu estava a perder o meu tempo. Ele, o Patriarca, daria palavras delicadas e evasivas, mas nenhuma licença; iria pedir tempo para considerar e depois consultar o Governo, que, com certeza, iria recusar. Mas em vez deste balde de água fria, eu disse-lhe que nós iríamos à mesma tentar com o seu consentimento. Irei visitá-lo depois de Domingo de Páscoa, para lhe dizer do nosso sucesso.» [19]

Autorização do Mestre Geral da Ordem

Teresa deu todos os passos em estreita comunhão com o Mestre Geral da Ordem, Frei Alexandre Vicente Jandel, como podemos ver pela correspondência entre este e a Madre Imelda Magee, Prioresa do Convento de Sena, em Drogheda:

[19] Carta do Padre Patrick Bernard Russell ao seu irmão Padre Provincial dos Dominicanos na Irlanda, Março de 1866, A.G.C., Doc. 7522.

«Acabo de receber a vossa carta de 19, e apresso-me a responder-lhe. Apesar dos imensos obstáculos que prevejo para o sucesso da obra da qual me comunicais o projecto, farei de todo o coração tudo o que depender de mim, para ajudar e para secundar a boa vontade das senhoras que se lhe querem dedicar. Com esse objectivo se, depois de tudo bem considerado, elas persistem em preferir fazer o noviciado na vossa comunidade, estou totalmente disposto, desde já, a dar o meu consentimento, mas antes, devo apresentar-vos algumas observações, sobre as quais vos peço que as chameis muito seriamente à atenção.

Temos em Inglaterra comunidades da Ordem Terceira em estado florescente, dedicadas às mesmas obras de caridade às quais se destinarão as Terceiras Portuguesas. As suas Constituições já tiveram a aprovação da Santa Sé e elas observam-nas fielmente. Não seria, então, incomparavelmente melhor, para as aspirantes portuguesas, fazerem aí o seu noviciado, do que escolher para tal um mosteiro da Segunda Ordem, onde não poderão ser iniciadas na vida inteiramente activa à qual vós não sois chamadas, e o que é bem mais grave, elas serão formadas sob uma regra que nunca mais deverão praticar. Neste aspecto o noviciado será inevitavelmente deficiente, coisa tanto mais lamentável, quanto necessitarão em seguida de formar outras numa regra que elas próprias deverão estudar às apalpadelas, não a tendo jamais praticado, nem visto praticar, o que é de grande importância. Vejo, portanto, como bem mais favorável, que elas vão fazer o seu noviciado em Stone, no convento da Madre Margarida.

Mas seja qual for a decisão que tomem neste aspecto, restará uma grande dificuldade que elas não parecem ter visto, que é saber de quem é que deverão depender e a quem prometerão obediência: ao Patriarca de Lisboa? Isso deve ser, mas ele aceita-as? É mesmo oportuno pedir-lhe consentimento? Eu entendo a necessidade do mais profundo segredo, para não comprometer ou impossibilitar a obra desde o seu início, mas apesar disso repito, quem será o Superior?

Enfim, advirta-as que em qualquer hipótese nunca lhes permitirei, depois do noviciado, mais do que votos de três ou cinco anos, no máximo, para que se a empresa encalhar, elas estejam livres, no final desse tempo, para voltarem à sua pátria e às suas famílias.

Haveria ainda bastantes outras considerações a juntar, mas hoje limito-me a estas, sobre as quais uma solução prévia me parece, de facto, necessária.

Aconteça o que acontecer, só posso felicitar-vos pelo vosso zelo em secundar, segundo as vossas forças, os esforços inspirados pelo desejo de alcançar a glória de Deus, o bem das almas, num país que tem uma extrema necessidade disso, e o desenvolvimento da nossa Ordem.»[20]

Após as explicações dadas pela Madre Imelda, Prioresa de Drogheda o Mestre Geral compreende melhor a situação, mas continua a pôr questões como podemos ler na carta de 4 de Março de 1866:

«Quanto ao negócio de Portugal, eu ignorava completamente as dificuldades que o pedido tinha encontrado da parte da Madre Margarida, e desde

[20] Roma, 21 de Janeiro de 1866, A.G.C., Doc. 3046.

> já vos repito que estou totalmente disposto a permitir, da minha parte, que o noviciado se faça na vossa casa, sobretudo depois das explicações que me dá. Ainda restam, no entanto, duas questões que deverão necessariamente ser resolvidas previamente: 1.º - a quem é que as Irmãs portuguesas vão prometer obediência na sua profissão?; 2.º - que farão elas no caso possível, se não provável, de não lhes ser permitido estabelecerem-se em Portugal? É indispensável que estas duas questões sejam claramente resolvidas antes da admissão de qualquer postulante.»

A 6 de Maio desse mesmo ano, o Mestre Geral está já mais convicto da viabilidade do projecto, insiste ainda na necessária autorização do Patriarca – que já a tinha concedido a 19 de Março – mas coloca ainda uma pertinente questão: «Estou muito edificado pela carta da D. Teresa, e abençoo-a de todo o coração tal como às suas companheiras e aos seus piedosos projectos.

É necessário rezar muito durante este mês de Maria para que a Santíssima Virgem incline o Patriarca a ser-lhe favorável. Se este primeiro sucesso for obtido restará ainda resolver uma segunda questão: que farão elas, se depois da profissão lhes for impossível regressarem à sua pátria, para aí viverem a vida religiosa, e para vós mesmas, estareis vós dispostas a conservá-las indefinidamente no vosso mosteiro, se elas aí quiserem permanecer, enquanto esperam os momentos da Providência?»

A 1 de Junho de 1866 escreve muito animado com as boas notícias da fundação: «As boas notícias que me dá de Lisboa são para mim uma verdadeira consolação, e apresso-me a conceder-vos, no que me diz respeito, uma autorização plena para receber as jovens portuguesas que queiram começar o noviciado na vossa casa, sob as condições que me expõe.»

Garantida a autorização do Patriarca e do Mestre Geral da Ordem as duas aspirantes puderam viajar para Irlanda a 7 de Novembro desse ano de 1866.

A 1 de Janeiro de 1867 Frei Alexandre Vicente Jandel alegra-se com esse facto e garante a sua bênção: «É com grande prazer que tomo conhecimento da chegada entre vós, e das excelentes disposições, das duas Postulantes portuguesas. Desejo bem que D. Teresa possa resolver os problemas e seguir de perto as suas companheiras. Diga-lhe, quando lhe escrever, que a abençoo de todo o coração, bem como às postulantes, e que rezarei com muito fervor pelo sucesso da sua obra.»[21]

O Padre Russell em carta ao seu Irmão, também dominicano e Provincial na Irlanda, conta os passos dados para esta fundação:

> «D. Teresa recebeu a carta da Madre Maria Imelda e claro que ficou encantada com ela. Continha a autorização do Mestre Geral para o Noviciado da Ordem Terceira ser em Drogheda acompanhado de duas condições. Ele exige a autorização do Patriarca e a aceitação do Instituto sob a sua jurisdição e, caso o Governo suprima a Congregação, deseja saber o que farão as religiosas no caso de

21 Extractos de cartas do Mestre Geral, Frei Alexandre Vincent Jandel, à Madre Maria Imelda Magee, Roma, 21 de Janeiro de 1866, A.G.C., Doc. 3046.

expulsão. Bem, se conseguirmos o consentimento do Patriarca, nós não ligamos ao Governo. As senhoras viverão na sua própria casa e com os seus próprios meios e não pedirão nada e, por isso, não terão receio do Governo. O Instituto é particularmente concebido para fugir às hostilidades do Governo. Não terão clausura, nem farão votos solenes, supomos ter então o reconhecimento e a protecção do Patriarca. Deixe-nos ter a maior segurança e apoio e nós encarregamo-nos do Governo. A não ser alguma pequena impertinência, nada mais.

Mas muito ainda falta fazer. Eu desejaria como a Madre Imelda que a Dona Teresa fosse de imediato; as vantagens dessa formação seriam palpáveis. Mas, como pode concluir das palavras da jovem Condessa, a sua partida, de momento, é impossível. Ela suspirou por quebrar as suas correntes, mas a tentativa de fazê-lo contra a vontade de seu pai, e ele adora-a, daria os piores resultados. Ele é um homem muito violento e, não só iria resistir ferozmente à vontade da sua filha, mas também não hesitaria em publicar essa resistência e clamar contra ela influências indevidas.

Como ela não pode ir, outras, embora não tendo todo o seu zelo, serão as primeiras a partir. Por outro lado, a presença dela entre as primeiras professas iria estimular e encorajar algumas das suas companheiras para se juntarem a ela. Aí na Irlanda não se conhecem todas as dificuldades de uma jovem senhora que deseje, neste país, dedicar a sua vida à religião. Só Deus consegue juntar os elementos necessários para o sucesso deste assunto e remover as enormes dificuldades.»[22]

Os fundamentos

Teresa de Saldanha, impulsionada por um grande amor a Deus e por um coração inquieto diante das misérias do seu povo, ao fundar a Congregação alicerçou-a na Ordem de São Domingos, cujo espírito é contemplativo e apostólico por excelência. Tomou como patrona da sua obra, Santa Catarina de Sena, dominicana e modelo perfeito de amor a Deus, à Igreja e aos pobres.

O seu sentir espiritual identifica-se com Domingos: «O meu deleite é pensar em Vós, falar de Vós.»[23] e com Catarina: «Permita que eu morra ardendo em chamas de amor por vós.»[24]

Aberta a Deus e ao próximo viu, nas circunstâncias e nos apelos da sociedade do seu tempo, a Sua vontade e quis uma Congregação de mulheres santas e dedicadas a todas as obras de misericórdia.

«A Congregação de Santa Catarina de Sena, em Portugal, tem por fim principal a santificação dos seus membros e em segundo lugar a educação religiosa e civil da mocidade e todas as obras de caridade.»[25]

---

22 Padre Patrick Russell ao seu irmão, Provincial Dominicano na Irlanda, Março de 1866, A.G.C., Doc. 7522.

23 Cf. A.G.C., Doc. 6968.

24 Cf. A.G.C., Doc. 6994.

25 Constituições manuscritas, Cap. 1.º, Art. 1.º, A.G.C.

Numa carta ao Mestre Geral, Padre Alexande Vincent Jandel, escreve: «Encontrando-me à frente de uma Associação de Caridade que mantém escolas para crianças pobres o meu desejo é introduzir as Irmãs nestes estabelecimentos, onde poderão fazer um bem imenso, ocupando-se da educação destas crianças. A visita aos doentes nos seus domicílios, entra também nos nossos planos, porque o contacto com os pobres é um dos melhores meios de fazer o bem e contribuir para salvação de muitas almas.»

A situação das religiosas idosas dos vários Conventos Dominicanos, em vias de extinção, preocupou-a profundamente. Conjugou o seu desejo de fazer o bem com a salvação desses conventos, evitando que as Irmãs morressem abandonadas e que os conventos e as suas igrejas fossem profanados. Reabilitou-os, abrindo neles obras ao serviço dos mais necessitados.

Teresa de Saldanha era uma mulher culta, lida, viajada. Conhecia pela revista da Ordem, *L'Année Dominicaine*, a existência de outras Congregações Dominicanas nascentes pela Europa, sobretudo em França e Inglaterra. Contactou com as Irmãs Dominicanas de Cette e Nancy, em França, com as da Holanda, as de Stone, na Inglaterra das quais traduziu as Constituições adaptando-a às circunstâncias sociais e religiosas de Portugal. Contudo, foi para o Convento de Sena, em Drogheda, na Irlanda, que enviou para serem formadas, as primeiras candidatas da fundação portuguesa.

Conhecia muito bem o ideário da Ordem: oração contemplativa e litúrgica, zelo apostólico, amor à verdade, vida fraterna, prática dos votos, alegria, o estudo e, desde o início da fundação, imprimiu à Congregação essas características, estabelecendo normas para as primeiras Irmãs, no seu regresso de Drogheda.

Através das exortações da Madre Fundadora nos Capítulos, verifica-se que era muito exigente no que dizia respeito à consagração a Deus e à vida comunitária: «Devemos aspirar sempre à perfeição em tudo o que fazemos ou dizemos. Vivendo por Deus e em Deus, é natural que unidas a Ele, tudo se faça com maior perfeição. É fundamental observar bem os três votos com prontidão.

Se nós amamos a Nosso Senhor, amamos as nossas Irmãs e praticamos a caridade. Temos de ser muito exactas nas observâncias. Nunca pensar que uma transgressão é pouca coisa.»[26]

Todas as comunidades deviam empenhar-se, quer na liturgia, quer no zelo e cumprimento das Constituições, no amor fraterno e na partilha de vida que gera a alegria: «Ontem estive na casa de São José e fazia gosto ver a alegria da nossa Comunidade.»[27]

Depois da República, a Madre Fundadora recordava, com saudade, às Irmãs da diáspora como tinha sido boa e fecunda a experiência comunitária e de oração, vividas: «Sinto-me tão privada da nossa tão querida vida religiosa regular. Lembra-se da consolação que eu sentia em estar sempre no coro?»[28]

A Congregação, onde quer que se encontre procura agir de acordo com o mesmo Espírito que animou a primeira geração de Irmãs, mantendo vivo o carisma fundacional.

---

25 Carta de D. Teresa de Saldanha, 1866, A.G.C.

[26] Exortações da Madre Fundadora, 1895-1900, A.G.C., Livro 68.

[27] Carta de Teresa de Saldanha a Maria Augusta Campos, 1876, Doc. 1531.

[28] A.G.C., Doc. 8, k.

A primeira geração de Irmãs

Em Janeiro de 1866, Teresa começou a corresponder-se com a Madre Maria Imelda Magee, Prioresa do Convento de Sena em Drogheda, na Irlanda, de modo a estabelecer os princípios da nova Congregação que essas Irmãs iriam acarinhar e formar no seu próprio Noviciado.

Vencidas muitas dificuldades, Teresa de Saldanha, com 29 anos de idade, dá início à fundação da Congregação, ao enviar as duas primeiras vocacionadas para Drogheda: Harriet Martin, inglesa, mas a viver em Lisboa, e Maria José Barros de Castro, portuguesa.

Embarcaram em Lisboa, no dia 7 de Novembro de 1866. É assim que a Marquesa de Rio Maior descreve essa despedida: «No dia 7 de Novembro estava um tempo lindo; às quatro horas da tarde disse-me a Teresa que saísse com ela. Fomos de carruagem ate ao Arco da Rua Augusta; ali apeamo-nos e seguimos para o Corpo Santo. Alguma coisa se passava, grande, imensa, entre o Céu e a terra.»[29] Ali encontraram as duas vocacionadas, cheias de firmeza e confiança, apesar da incerteza do futuro. Iam partir para voltar, talvez para serem insultadas, perseguidas.

Eram quatro e meia da tarde quando embarcaram no vapor *Galileu*. Foi aí que o Padre Russell convidou Teresa a abençoar as suas filhas. Esta, com humilde hesitação, obedeceu. O Padre Russell olhou para o céu numa prece muda, enquanto as duas Irmãs ajoelharam aos pés de Teresa que, fixando os olhos nelas com ternura poisou as mãos sobre as cabeças das duas fundadoras. A cena passou-se num entardecer, cheio de sol e de luz, rio Tejo, junto ao Cais do Sodré, em Lisboa. Tinham ouvido o chamamento de Jesus para «fazer-se ao largo»[30] e, aceitando o convite iam para novas margens.

Embarcaram, sem certezas, mas com o coração num misto de saudade e confiança que espelhava serenidade e paz. Teresa não pôde embarcar, devido ao impedimento paterno mas, como sentinela vigilante, seguiu o percurso das Irmãs, através de uma assídua e solícita correspondência e provendo aos meios necessários para a sua manutenção. Em Lisboa, começou a preparar tudo para o seu regresso.

Na madrugada do dia seguinte, 8 de Novembro de 1866, quinta-feira, o vapor partiu. Durante cinco dias navegaram em alto-mar, chegando a Liverpool no dia 13 de Novembro. Aí permaneceram durante cinco dias para se refazerem da mareação da viagem. Mas, nova etapa as esperava. No dia 17, embarcaram num vapor para atravessar o canal da Irlanda e, no dia seguinte, às 8 da manhã chegaram a Dublin, com muita chuva e frio. Num pequeno carro de aluguer, com a chuva a cair-lhes em cima, chegaram ao Convento de São Salvador, dos Dominicanos, onde residia o Padre Bernard Russell, Irmão do Dr. Patrick Russell.

Este bom padre, Vigário da Ordem na Irlanda, deu-lhes almoço e teve a amabilidade de lhes mostrar a cidade de Dublin. Depois, levou-as de comboio para Drogheda. Foi no dia 18 de Novembro, às cinco horas da tarde, que chegaram ao Convento de Sena. O bondoso acolhimento das Irmãs de Sena tocou vivamente as recém-chegadas. A sub-mestra das noviças, Madre Maria Ângela, conduziu-as à igreja, onde se ajoelharam cantando todas o *Salmo* 121. Depois entraram no convento e aí, a comunidade, reunida no coro, cantando o

---

[29] Idem.

[30] Lc 5,4.

Laetatus sum, recebeu-as calorosamente. Depois do beijo da paz, foram conduzidas em procissão para o Noviciado, enquanto o Vigário e as Irmãs entoavam a *Ladainha* da Virgem Maria. Chegado ao altar de Nossa Senhora no Noviciado, o Padre Vigário cantou as orações *Protege Domine et Actiones Nostras* e deu às Irmãs a bênção solene.

Depois da partida das Irmãs, Teresa escreveu ao Mestre Geral dos Dominicanos, o Padre Jandel, explicando os seus planos, desejos e dificuldades quanto à fundação.

Em Janeiro de 1867, o Mestre Geral da Ordem expressou a sua alegria pela chegada das duas postulantes portuguesas e o seu desejo de que D. Teresa as pudesse seguir rapidamente.

Este manifesto interesse do Padre Jandel foi um grande incentivo para Teresa prosseguir com entusiasmo crescente, pois considerava-o um santo e escolhido por Deus para restaurar a Ordem de São Domingos em Portugal. É que, uns anos antes, em 1863, o Padre Jandel estivera em Lisboa para deitar uma última absolvição aos restos da Ordem Dominicana Portuguesa, reduzida aos Conventos de Santa Joana, do Sacramento, do Salvador em Lisboa, e Santa Catarina de Sena em Évora.[31]

O Padre Bernard Russell em carta a Teresa dá-lhe novas da caminhada das duas postulantes: «Precisarei dizer-lhe como me sinto comovido com a abençoada empresa que agora prende todos os seus pensamentos e esperanças? Desde as primeiras luzes que tive deste santo projecto, estou intimamente convencido que é uma Obra de Deus... Considero-me feliz em lhe anunciar que a nossa querida Irmã Harriet Martin e Maria José tomarão o hábito de religiosas na próxima festa da Purificação. Estas duas primeiras postulantes para a instituição da Terceira Ordem Dominicana em Portugal são as favoritas da Madre prioresa, Madres, noviças e todas as Irmãs do convento. O frio excepcional desta estação na Irlanda deve excitar a admiração das Irmãs portuguesas. Poucas vezes se tem visto tão abundante queda de neve.»[32]

Efectivamente, as duas postulantes iniciaram o Noviciado no dia 2 de Fevereiro de 1867. É deste modo que a crónica lembra esse dia: «Havia muito tempo que não se via raio algum de sol, mas no dia 2 de Fevereiro vimos, com alegria, amanhecer um dia lindo; o sol resplandecia e brilhava dentro da capela; era um prognóstico favorável... A cerimónia foi muito tocante. Para ser mais solene seguiram-se os antigos costumes... Vestidas de preto, foram conduzida à Sala do Capítulo onde, na presença de toda a comunidade, pediram para se admitidas na Ordem Terceira. Receberam o hábito das mãos da Madre Maria Imelda Magee, prioresa do convento, e o modelo do hábito foi o das Irmãs Dominicanas de Nancy. Em procissão, seguiram até ao coro, levando as religiosas velas acesas e cantando o hino *Veni Creator*. Depois a Mestra de Noviças, Madre Maria Catarina de Ricci, conduziu as duas noviças junto da prioresa para esta lhes dar os nomes de religião. Conhecendo o desejo da Fundadora de que as Irmãs conservassem os nomes dos seus santos, chamaram-se: Irmã Maria José e Irmã Maria Madalena. Foram muito abraçadas e festejadas por todas as religiosas que mostravam a maior alegria e satisfação de as ver vestidas com o hábito dominicano. A formação do Noviciado foi realizada juntamente com as noviças daquele convento.»

---

[31] THIAUCOURT, p. 115, 116.

[32] THIAUCOURT, p. 136.

As duas Irmãs deram testemunho de acolhimento e abertura ao projecto agora iniciado, edificando pela sua humildade e obediência. Contudo, foi a Irmã Maria José que demonstrou maior abnegação por estar num país cuja língua não percebia, sendo mesmo obrigada a servir-se de um dicionário para fazer as suas confissões. É com imensa ternura e gratidão que se dirige a D. Teresa, como podemos ver nalguns extractos de cartas escritas de Drogheda:

> «Estou convencida que a Dona Teresa e a sua obra são o principal objecto das conversas, tanto as religiosas umas com as outras, como com as pessoas que aqui vêm. É um interesse propriamente seu. São muito suas amigas. O seu retrato está no Noviciado por baixo de Santa Catarina de Sena, à direita do Santo Padre Pio IX e à esquerda do Geral da Ordem.
>
> Agradeço-lhe a lembrança que teve desta sua filha e a generosidade com a qual repartiu comigo tanta cruz e de todos os tamanhos!
>
> Eu tremo e tenho sempre presente o espírito do país e a empresa que V. Ex.ª tem em vista. Deus Nosso Senhor tudo pode, Ele seja servido dar-lhe as forças necessárias e nos abençoe. V. Ex.ª está pronta para sofrer e eu estou pronta para estar a seu lado na ocasião dos seus maiores trabalhos. V. Ex.ª sofre como forte na virtude e por isso é ambiciosa, eu sofro como fraca. Torno a dizer, conte com a minha fraqueza nos seus maiores trabalhos.
>
> Confunde-me a sua grande humildade de se achar indigna de Nosso Senhor a escolher para dar princípio à grande empresa que tem em vista! Ninguém pode duvidar que o nosso bom Deus opera um milagre na pessoa de V. Ex.ª, nos nossos tristes e calamitosos tempos.
>
> Não trabalhe tanto que exponha a sua saúde, bem vê que é necessária. Conheço o seu génio activo, porém, é necessário termo.
>
> Ah minha querida Senhora, se o nosso bom Deus não lhe fizesse especiais favores da Sua Divina Graça não poderia V. Ex.ª empreender a obra que já tem princípio! Não há lógica que não nos diga ou ensine que todos os autores destas obras são grandes Servos de Nosso Senhor e muito Seus privilegiados.
>
> Grande é o amor que V. Ex.ª tem a Nosso Senhor. Grande é o seu coração para ter tanta caridade com os infelizes! Bastante subida é a sua virtude para empreender uma obra cercada de dificuldades, com o único fim de dar glória a Deus e socorrer as desgraças.
>
> Quero tornar a dizer-lhe que estou muito agradecida pela bondade que teve de me escrever e as lembranças que teve a meu respeito, e agora confesso-lhe a minha fraqueza que, quando li a sua carta escrita na linguagem do meu país e as expressões de amizade que nela me dirige, algumas lágrimas caíram dos meus olhos.
>
> Não imagina, minha querida Senhora, o gosto que me dá e a firmeza que me faz o contar-me os seus trabalhos tão santos!
>
> Vossa Ex.ª não quer senão a vontade de Nosso Senhor, tem-lhe bastante amor e um espírito verdadeiramente evangélico para firmar a sua obra com alicerces pelos quais nós tenhamos sempre o Nosso Senhor por nós.» [33]

[33] 1867-1868, A.G.C., Docs: 7481, 7475, 7469, 7477, 7479, 7481b, 7480.

Passado o ano canónico, as duas Irmãs fizeram a sua profissão religiosa, por três anos, na Congregação das Terceiras Dominicanas de Portugal, no dia 25 de Fevereiro de 1868. Os votos foram feitos nas mãos da Madre Maria Imelda Magee, Prioresa do Mosteiro de Sena, em Drogheda, em lugar de Sua Eminência, D. Manuel, Cardeal Patriarca de Lisboa, como podemos ver na fórmula profissão:

> «Eu Irmã Maria José Barros de Castro faço a minha profissão e prometo obediência a Deus, à Bem aventurada sempre Virgem Maria, ao nosso Santo Pai São Domingos e a vós, Soror Maria Imelda Magee, prioresa deste Convento de Santa Catarina de Sena, em Drogheda, no lugar de Sua Eminência D. Manuel, Cardeal Patriarca de Lisboa e dos seus sucessores, conforma a Regra de Santo Agostinho e as especiais Instituições das Irmãs da Penitencia da Ordem Terceira de São Domingos, cujo cuidado está entregue ao acima mencionado Cardeal Patriarca que eu vos hei-de obedecer e às minhas outras prioresas, pelo espaço de três anos.
>
> Aos 25 de Fevereiro do ano de 1868, no trigésimo nono da minha idade.»[34]

No mesmo dia, tomou hábito a primeira postulante irlandesa para a Congregação, sendo-lhe dado o nome de Irmã Mary Dominic Murphy. As cerimónias foram realizadas de acordo com o cerimonial das Irmãs da Ordem Terceira de Inglaterra.

No dia 12 de Maio de 1868, as duas primeiras Irmãs professas, foram para o Hospital de São Vicente, Stephen's Green, em Dublin, onde as Irmãs da Caridade, a pedido do Padre Provincial da Ordem, muito bondosamente se disponibilizaram, para lhes dar conhecimentos práticos nos cuidados espirituais e corporais dos doentes, durante o tempo que fosse julgado necessário. Aí permaneceram até ao dia 5 de Junho do mesmo ano.

As duas primeiras Irmãs da Congregação deixaram o Convento de Sena em Drogheda, no dia 8 de Novembro, e embarcaram rumo a Portugal para realizarem a sua árdua e gloriosa missão. Chegaram a Lisboa no dia 13 de Novembro de 1868.

Às duas primeiras Irmãs, outras se seguiram, sendo a segunda vocação portuguesa uma amiga da Fundadora, Maria Josefina Champalimaud Duff que embarcou a 30 de Novembro de 1868 para a Irlanda. Tomou hábito a 2 de Março de 1869, juntamente com duas jovens irlandesas: Kate Corbally e Margareth Maguire, data em que professou a primeira irlandesa da Congregação, Irmã Mary Dominic Murphy que veio juntar-se às duas primeiras em Lisboa.

As Monjas Dominicanas irlandesas ajudaram a Congregação, não só na formação das primeiras Irmãs, mas também recrutando vocações.

Fizeram o Noviciado e professaram no Convento de Sena, Drogheda, na Irlanda, as Irmãs: Madalena Martin, Maria José Barros de Castro; Mary Dominic Murphy; Maria Rosa, Kate Corbally; Maria Inês, Josefina Duff e Irmã Maria de São Patrício, Margareth Maguire.

Fizeram o Noviciado e professaram na Comunidade das Portas da Cruz, em Lisboa, as Irmãs: Maria de Santo Agostinho, Isabel Maguire; Catarina, Kathleen Callan; Maria Catarina de Ricci, Zeferina Andrade; Maria Joana, Emília de Oliveira Mota; Maria de São Francisco de

---

[34] Livro de Registo das Profissões, I, A.G.C.

Assis, Maria Gonçalves; Maria da Conceição Andrade e Maria de Santa Clara Ramos. As duas primeiras irlandesas e as restantes portuguesas.

As primeiras oito Irmãs da Congregação eram: duas portuguesas, uma inglesa e cinco irlandesas.

Em vida da Madre Fundadora ingressaram na Congregação em Portugal, muitas outras Irmãs irlandesas, inglesas, francesas, alemãs, brasileiras, indianas, contudo, o maior número foram portuguesas.

Nas Portas da Cruz

Pensando no regresso das Irmãs, Teresa de Saldanha transferiu a sede da Associação Protectora das Meninas Pobres, de que era Presidente, do Largo da Páscoa, para uma casa maior no Largo das Portas da Cruz, também em Lisboa. Como todas as obras de Deus, esta começou com um princípio bem pobre: «Comecei eu esta grande Obra tendo apenas 15.000 rs mensais que meus pais me davam para eu me arranjar, vestir, calçar, etc. e tive que pedir dinheiro para sustentar as primeiras duas Irmãs nas Portas da Cruz, a Madre Vigária e a Irmã Maria Madalena Martin, isto no ano de 1868, ainda algumas das actuais Irmãs não existiam. Tudo isto está bem presente na minha memória e louvo a Deus Nosso Senhor por tudo.»[35]

Chegadas a Lisboa, as Irmãs Maria José e Madalena Martin foram calorosamente recebidas por Teresa de Saldanha que lhes tinha preparado a Comunidade nessa casa, situada em Alfama, um bairro muito pobre. A casa tinha capela, uma parte reservada às Irmãs e a escola. As Irmãs assumiram a direcção da Escola da Associação, para terem meios de se manter e poderem fazer apostolado numa instituição que tinha existência legal. A Congregação nasceu, pois, à sombra da Associação Protectora das Meninas Pobres.

Teresa de Saldanha fez, juntamente com o Padre Russell, a regra das Irmãs para que a vida comunitária se iniciasse com todo o rigor e perfeição que ela pretendia para a Congregação.

Horário das primeiras Irmãs da Congregação, 1868

05.30 h – Levantar
06.00 h – Meditação
06.30 h – Ofício: Prima, Terça, Sexta e Noa – Missa
08.00 h – Almoço
09.00 h – Início das Aulas
12.00 h – Visita ao Santíssimo
12.30 h – Jantar
17.00 h – Vésperas e Completas. Meditação, Matinas e Laudes
19.00 h – Ceia
20.00 h – Recreação
21.00 h – Rezas da noite, silêncio. [36]

---

[35] Carta da Madre Teresa de Saldanha à Madre Maria de Santo Inocêncio Lima, 20 de Junho de 1911, A.G.C., Doc. 2008.

[36] A.G.C, Doc. 7037.

A Irmã Maria Madalena Martin foi nomeada Vigária e superiora da casa e a Madre Maria José Barros de Castro, Procuradora, ficando ambas sujeitas à Fundadora que presidia ao capítulo das culpas, duas vezes por semana.[37]

Além de se ocuparem da Escola da Associação Protectora de Meninas Pobres, as Irmãs dedicavam-se também ao ensino de algumas crianças surdas-mudas e na visita aos doentes e pobres, distribuindo-lhes as esmolas da Associação de Nossa Senhora Consoladora dos Aflitos. É isso que narra a crónica: «Sendo também o fim do Instituto ou das Irmãs visitar os pobres, foram as Irmãs encarregadas de ir levar a casa dos pobres algumas das esmolas que esta Associação distribuía no Bairro de São Vicente. Era isto muito bom para as Irmãs, pois levando uma esmola podiam entrar em casa dos pobres. Iam contentíssimas.»[38]

Com alegria e entusiasmo, as Irmãs entregavam-se a essa missão: «Naquele dia, a boa condessa D. Maria mandou uma carta contendo 1000 réis para ser entregue imediatamente a uma pobre mulher, que encontrara na rua. As Irmãs foram logo levar-lha. Na 4ª. feira seguinte, foram dar esmola a uma pobre infeliz família: uma mulher nova com cinco crianças sem pão e sem possuir coisa alguma com que comprasse alimentos, estavam sofrendo fome e, além disso, o marido estava preso.»[39]

Estas visitas aos pobres eram sempre um meio de evangelização: «As Irmãs saíram para distribuir esmolas e decidiram os arranjos para o baptismo de uma criança, filha de uma pobre família.»[40]

É nota constante e insistentemente sublinhada, esta aproximação aos pobres. Estes eram a grande ocupação e preocupação das Irmãs, como narra a cronista: «Nada de extraordinário ocorreu durante o mês, continuando as Irmãs a visitar os pobres e socorrendo-os em todas as suas necessidades espirituais e temporais.»[41] Igual importância é dada no final da crónica do ano de 1872: «Forçoso é não relatar por completo, apesar de ser muito interessante, especialmente nos pontos em que a cronista conta as visitas aos doentes, aos pobres, quadros de miséria espiritual e material, às vezes bastante edificantes.»[42]

Na Calçada do Cascão, junto à Casa das Portas da Cruz, havia uma fábrica onde trabalhavam duzentas raparigas dos 12 aos 20 anos. O director era protestante e as raparigas que trabalhavam a fazer botões, 14 horas por dia, eram de uma ignorância absoluta. «Fazia dó ver tantas raparigas vestidas de farrapos fazendo girar máquinas e com um ar de miséria e de cansaço incrível, parecendo algumas não terem mais de oito anos.»[43] Ao ter conhecimento dessa situação, Teresa viu claro a vereda que o Senhor lhe tinha traçado ao colocar a primeira casa da Congregação paredes-meias com essa fábrica. Um súbito entusiasmo animou a sua fisionomia e decidiu abrir uma aula nocturna. As Irmãs iniciaram, assim, um projecto de

---

[37] Cf. Actas dos Capítulos e Conselhos da Ordem Terceira de São Domingos, A.G.C., Doc. 6965.

[38] THIAUCOURT, Madre Teresa…, p. 211.

[39] Idem, p. 270.

[40] Idem, p. 274.

[41] Idem, p. 282.

[42] Idem, p. 290.

[43] Idem, p. 128.

evangelização e alfabetização junto dessas operárias. Ao domingo ensinavam o Catecismo a algumas raparigas que trabalhavam na fábrica dos botões e estabeleceram no colégio uma aula nocturna três vezes na semana para que as raparigas recebessem alguma instrução, visto de dia não poderem ir ao colégio.[44] A acção educativa e evangelizadora estendeu-se também aos rapazes.

A acta da reunião do Conselho da Casa das Portas da Cruz, do dia 15 de Setembro de 1871, regista: «D. Teresa de Saldanha disse que tinha que comunicar a toda a Comunidade um negócio de suma importância. Recebeu esta senhora uma carta do Reverendo Padre Jandel, Geral da Ordem, datada de Roma, 9 de Julho de 1871, e nesta carta exprimia o desejo que de um convento dominicano – o de Drogheda, na Irlanda, ou de Stone, na Inglaterra, ou mesmo de um outro – viesse, a pedido das nossas Irmãs, uma religiosa que, por alguns anos, exercesse o lugar de superiora na Casa das Portas da Cruz e formasse as futuras Irmãs.» [45]

Às mãos de D. Teresa, ainda surpresa com esta sugestão, chegou-lhe, entretanto, carta da superiora de Drogheda que lhe comunicava ter recebido o pedido do Mestre Geral para que não apresentasse dificuldades se as Irmãs Terceiras Portuguesas se dirigissem à Comunidade de Sena solicitando uma das religiosas para superiora. A prioresa dizia também que talvez fosse mais conveniente ser escolhida uma religiosa do Convento de Stone por ser de vida apostólica.

Devido ao condicionalismo sociopolítico, D. Teresa ficou apreensiva por ter de colocar uma superiora estrangeira, de qualquer dos mosteiros, e ainda que muito santa e apenas por um período de três anos. Contudo, depois de muita oração e ponderação, expôs às Irmãs a necessidade de reflectir profundamente antes de resolver este importantíssimo assunto, do qual dependia o futuro da Obra.

Em 28 de Novembro de 1871, D. Teresa respondeu à carta do Padre Jandel nos seguintes termos:

> «Dizia-me Vossa Paternidade recear causar-me pena dando-me francamente a sua opinião sobre o meio de obter uma superiora da Ordem capaz de dirigir a nossa pequena Comunidade. Mas, bem longe de me causar pena, Rev.mo Padre, considerei esta vossa opinião, vossos desejos, como uma prova, além de tantas outras, do vosso interesse para connosco e que consolação foi a minha ter podido dar os passos que sabia serem dados com a vossa aprovação, merecendo assim, um dia, a vossa particular bênção. O desejo o bem espiritual das nossas Irmãs e o gozo de ver um dia prosperar o nosso querido Instituto da Ordem Terceira. A vossa carta é para mim a perfeita manifestação da vontade de Deus.»[46]

Para que tudo fosse de acordo com o querer de Deus, as Irmãs fizeram uma novena a São Domingos e, no último dia, houve uma votação secreta. Procedeu-se ao escrutínio e após o apuramento saiu eleita por unanimidade a Madre Maria Catarina de Ricci, do Convento de

---

[44] Cf. Actas das Sessões da APMP, Livro 1, IAN/TT, Doc. 359.

[45] THIAUCOURT, p. 267.

[46] Cf. THOMAS, *The Lord may be in a hurry*, 1967, p. 15.

Drogheda. O resultado da votação foi recebido com a maior alegria dado a Madre ser tão dedicada à Obra e às Irmãs por ter sido sua Mestra de Noviças.[47]

Como a Comunidade de Sena não consente que saia uma religiosa do seu convento sem ser acompanhada por outra religiosa professa, foi a Madre Maria Ângela escolhida para vir com a Madre Maria Catarina de Ricci para Lisboa. Obtidas todas as licenças, embarcaram as duas Madres em Southampton na companhia do Padre Patrício Russell que regressava das suas férias na Irlanda. Chegaram a Lisboa, à Comunidade das Portas da Cruz, no dia 13 de Dezembro de 1871. A alegria da sua chegada foi anuviada com a notícia da morte do Marquês de Bemposta e Subserra, pai da Marquesa de Rio Maior, pelo que D. Teresa teve de se retirar para acompanhar a cunhada em hora tão dolorosa.

A Madre Maria Catarina de Ricci foi nomeada prioresa e a Madre Maria Ângela Subprioresa e, mais tarde, Mestra de Noviças. A cerimónia da nomeação decorreu com muita solenidade. D. Teresa vestiu o seu hábito nesta ocasião, mas o prazer de se ver com ele foi de curta duração, pois teve de o tirar imediatamente depois da cerimónia. O jantar foi um pouco mais tarde do que o costume, seguindo-se grande recreio, tendo ido todas para o mirante gozar da linda vista sobre o Tejo, até à hora de Vésperas e Completas. No dia seguinte houve festa para todas as pessoas da casa com refeição melhorada, acompanhada de música e cantares da Irlanda.

Nos dias seguintes organizou-se a vida comunitária. A Irmã Maria José conservou o cargo de procuradora e de sacristã e superintendente das escolas pobres; a Irmã Maria Madalena foi nomeada arquivista; a Madre Maria Inês Duff foi nomeada enfermeira além de continuar como Mestra de Noviças até ser nomeada a Madre Maria Ângela; a Irmã Maria Rosa Corbally conservou o cargo de Mestra das Escolas; a Irmã Mary Dominic foi nomeada sub enfermeira e confirmada no cargo como roupeira; a Irmã Maria de São Patrício foi nomeada sub sacristã.

Durante dois anos, as duas Madres do Convento de Drogheda orientaram a jovem comunidade, formando novas religiosas. Problemas de saúde impediram-nas de cumprirem os três anos previstos, tendo deixado a Comunidade das Portas da Cruz e regressado ao seu convento de Drogheda no dia 16 de Outubro de 1873.

D. Teresa conservou sempre um bom relacionamento com as Irmãs irlandesas. «Nunca poderei esquecer a dívida de gratidão que tenho para com a querida Sena, e o amor, interesse e confiança que, querida Madre Imelda, me mostrou desde o começo desta grande obra. Ajudou-me de todas as formas possíveis, Deus é testemunha do profundo sentimento de gratidão que existe no meu coração para consigo. Não posso esquecer que estas duas queridas Irmãs, Maria de Ricci e Ângela deixaram o seu convento, casa, amigos, para virem para aqui.»[48] E noutra ocasião manifesta: «Muito grata estou. Detesto a ingratidão e nunca eu poderei esquecer o que vos devo, pelo interesse, o amor, o carinho e toda a ajuda que o Convento de Sena concedeu ao nosso jovem Instituto! Sempre, desde o início.» [49]

Após a sua saída, foi nomeada a Madre Maria José Barros de Castro, Vigária da Congregação, cargo que assumiu e bem desempenhou até à confirmação da eleição da Madre

---

[47] Cf. Livro das Actas dos Capítulos e Conselhos da Comunidade de São José, A.G.C., Doc. 6965.

[48] Carta de Teresa de Saldanha à Madre Imelda Magee, A.G.C., Doc. 7123.

[49] Carta de Teresa de Saldanha à Madre Imelda Magee, A.G.C., Doc. 6952.

Fundadora como Superiora Geral no dia 15 de Janeiro de 1888. Para Mestra de Noviças foi nomeada a Madre Maria Inês Duff, de quem se falará adiante.

Capítulo II
Memória da Casa de Benfica

Casa de São Domingos de Benfica, 1877

A Casa das Portas da Cruz tornou-se pequena para o Noviciado. D. Teresa de Saldanha, sempre solícita com o crescimento da Obra, pretendia um espaço maior. Inicialmente, pensou num dos antigos conventos, em vias de extinção. Devido, porém, à desconfiança do Governo em relação à vida religiosa, achou mais prudente um espaço que não manifestasse qualquer suspeita.

Foi assim que em Abril de 1877, comprou em hasta pública, com a herança que recebeu por morte de seu pai e fazendo um empréstimo que levou dez anos a pagar, o palácio e quinta de São Domingos de Benfica, outrora pertença da Infanta D. Isabel Maria, filha do rei D. João VI.

Quando Teresa adquiriu esta casa e quinta, continuava a ter como prioridade as suas obras de caridade. A ideia fundamental da sua obra era a ajuda imediata aos pequeninos esfarrapados das ruas e das águas-furtadas, aos ignorantes e esfomeados. Contudo, sentiu também a urgência da educação e evangelização daquelas que, pela sua posição social se destinavam a exercer maior influência junto das camadas pobres.

Por isso, além de aí estabelecer a Casa-Mãe da Congregação, o Noviciado e uma escola gratuita para crianças pobres, abriu também aí um estabelecimento de ensino de onde saíram boas mães de família, grandes educadoras e evangelizadoras que deixaram marcas profundas na sociedade. Muitas jovens mestras e alunas ingressaram na vida religiosa.

A Madre Maria Rosa Thiaucourt escreveu acerca deste imóvel: «A quinta de Benfica era uma quinta modelar, género Versailles, tinha longas e largas ruas ladeadas de buxo com aroma balsâmico, magnólias, pomares de laranjeiras, árvores frondosas, altos cedros do Líbano, água de óptima qualidade, tanques enormes, uma cascata com musgos e frescas avencas que velhas alfarrobeiras protegiam; corria-lhes um rio ao fundo, o solo era abençoado e produzia flores com profusão e beleza. Tinha do outro lado horta, vacaria, casas para os funcionários, e um prédio anexo, muito soalheiro onde D. Teresa estabeleceu a enfermaria para as Irmãs doentes.»[50]

Teresa de Saldanha, embora sem ter professado ainda, passou a viver nesta casa, orientando quer a Congregação que se dilatava, quer o próprio colégio que se tornou um estabelecimento de ensino modelar, chegando a ter cem alunas internas. A direcção estava a cargo da Irmã Maria Rosa Corbally, cuja dedicação era extrema. À Madre Maria Inês Duff assumiu a direcção religiosa. As Irmãs ensinavam Inglês, Desenho e as disciplinas curriculares da época. Para o Francês e Alemão D. Teresa mandou vir professoras dos próprios países. Algumas delas ingressaram na Congregação. Era regra adoptada e seguida, as meninas terem certos dias para falarem Inglês e outros para falarem Francês. Dessa maneira

---

[50] THIAUCOURT, *Maria Rosa, Madre Teresa de Saldanha, vida e obra*, p. 326.

conseguiam falar correctamente essas duas línguas estrangeiras.[51] As festas da distribuição de prémios eram momentos altos na vida do colégio, sendo muitas vezes presididas pelo Senhor Núncio ou pelo Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa.

Foi na capela desta casa que a Madre Fundadora tomou o hábito no dia 18 de Abril de 1887, professou no dia 2 de Outubro do mesmo ano e aí foi eleita Superiora Geral, sucessivas vezes.

Professaram na Casa Mãe, em São Domingos de Benfica, entre 1877 e 1910, duzentas e cinquenta Irmãs, entre as quais se contam: Maria Gertrudes de Jesus, Maria de São Luís Gonzaga, Maria de São Tomás de Aquino Alves Pereira e Maria Ângela Merici, Maria Sophie Germain, Francesa. A maior parte delas destinadas às novas fundações. A última religiosa que professou nesta casa foi a Irmã Maria de Santa Cruz Santos Lessa no dia 2 de Janeiro de 1910 e morreu a 22 de Fevereiro do mesmo ano.

São Domingos de Benfica era um espaço onde todos se sentiam bem devido ao silêncio, harmonia e frescura das suas árvores. Durante os trinta e três anos que as Irmãs estiveram em Benfica fizeram muitos melhoramentos. Ainda no Verão de 1910 se fizeram obras no Noviciado e nas aulas. Contudo, no dia marcado para a reabertura do ano lectivo, as Irmãs foram obrigadas a abandonar a casa.

Nos anos que se seguiram, a Madre Teresa de Saldanha refere-se a esta casa com muitas saudades, lembrando que era um modelo de vida religiosa regular, onde a fraternidade e a alegria contagiavam: «Como me lembro frequentemente da nossa vida passada em Benfica! Que saudades dos nossos recreios tão alegres...!»[52]

Enfim... Irmã Teresa Catarina

No dia 19 de Março de 1887, Teresa, ultrapassados os principais obstáculos, um dos quais a hipoteca por dez anos na compra da quinta e palácio de São Domingos de Benfica, pediu para ser admitida a receber o hábito dominicano, como noviça na Congregação que fundara. Fazia, nesse dia, vinte e um anos que se tinha dado o primeiro passo para a realização da fundação, pois foi no dia de São José, em 1866, que se obteve a aprovação do Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa para semelhante empresa.

O Conselho da Comunidade reuniu-se e a Madre Vigária falou das extraordinárias lutas e dificuldades enfrentadas por D. Teresa para dar início à fundação da Congregação e do seu humilde pedido para ingressar na mesma Congregação. Os votos foram unânimes.[53]

Narra a crónica: «A 18 de Abril de 1887, segunda-feira dos Prazeres de Nossa Senhora, a nossa querida Fundadora recebeu o Santo Hábito que lhe foi dado pelo Rev.do Padre Dr. Patrício Russell. Tomou o nome de Irmã Teresa Catarina Rosa Maria do Santíssimo Sacramento. Por devoção especial sua, conservou o mesmo nome e acrescentou os outros.»[54]

À tarde, veio Monsenhor Vincent Vannutelli, Núncio Apostólico, felicitá-la por ter realizado os seus santos desejos. À saída o Senhor Núncio perguntou às Irmãs se desejavam

---

[51] Cf. Idem, p. 350.

[52] Carta de Teresa de Saldanha à Madre Maria Catarina Roth, A.G.C., Doc. 57, k.

[53] Cf. Crónicas da Congregação, Livro 204, fls 7 e 8.

[54] Idem, fls. 10 e 11.

alguma coisa. As Irmãs disseram que tinham um ardente desejo de pedir para a Fundadora, dispensa de parte do ano do Noviciado. O Senhor Núncio aprovou este desejo e ensinou a maneira de escrever o requerimento. As Irmãs ficaram cheias de alegria e, com esperança de obter esta graça, fizeram o pedido à Santa Sé.[55]

A Congregação dos Bispos e Regulares enviou um rescrito datado de 25 de Junho de 1887 em que refere: «... atentos às circunstâncias particulares que se dão no presente caso, benignamente concedemos ao Ex.mo Patriarca de Lisboa a faculdade, se o mesmo Senhor o julgar conveniente, dispensar à mencionada Fundadora a falta de sete meses de Noviciado, a fim de que no dia 2 do próximo mês de Outubro possa ser admitida à profissão de votos simples.»[56]

Teresa de Saldanha conta a sua felicidade à amiga, Maria Augusta: «O Santíssimo Padre, Leão XIII, abrindo o tesouro das suas graças, por meio de um Breve, acaba de me dispensar dos sete meses que me faltavam para completar o ano do Noviciado, como fundadora, e marcou o dia 2 de Outubro para a minha profissão, que será feita com votos de cinco anos, e permitindo que goze de todos os privilégios das mais antigas Irmãs, podendo tomar parte na próxima eleição da Superiora Geral. Sua Eminência dignou-se confirmar este Breve e ele mesmo vem receber os meus votos, no Domingo.

Podes imaginar como me sinto feliz, mas confundida à vista de tantas graças.»[57]

Efectivamente, na capela da Casa-Mãe, dedicada a São José, fez a Profissão Religiosa a ilustre Fundadora, no dia 2 de Outubro de 1887, nas mãos de D. José Sebastião Neto, Cardeal Patriarca de Lisboa, pronunciando a fórmula da profissão:

«Eu, Irmã Maria Teresa Catarina Rosa Maria do Santíssimo Sacramento de Saldanha Oliveira e Sousa, faço a minha Profissão e prometo obediência a Deus, à Santíssima Virgem, ao nosso Bem-Aventurado Pai São Domingos e a vós Eminentíssimo Senhor D. José III, Cardeal Patriarca de Lisboa, e aos vossos sucessores, conforme a Regra de Santo Agostinho e as Constituições das Irmãs da Ordem Terceira da Penitência de São Domingos, em Portugal, que eu serei obediente a vós e aos meus outros Superiores, pelo espaço dos cinco anos seguintes.
Aos 2 de Outubro, do ano de Nosso Senhor Jesus Cristo, mil oitocentos e oitenta e sete, Domingo, Festa de Nossa Senhora do Rosário, na Capela de São José em São Domingos de Benfica, no quinquagésimo ano da minha idade, às 3.30 horas da tarde.

Irmã Teresa Catarina Rosa Maria do Santíssimo Sacramento.»[58]

No mesmo ano, foi eleita primeira Superiora Geral da Congregação:

> «Aos 9 de Novembro, à hora do meio dia, reuniram-se as Irmãs eleitoras, para procederem à primeira eleição canónica da Prioresa Geral da Congregação,

---

[55] Idem.

[56] Rescrito da Santa Sé, A.G.C., Doc. 6991.

[57] Carta de Teresa de Saldanha, A.G.C., Doc. 1092.

[58] Livro de Registos das Profissões, I, A.G.C.

> cujo cargo tinha sido exercido com o título de Vigária, pela Madre Maria José Barros de Castro, por nomeação do Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa. Estavam presentes dez eleitoras e, tendo-se procedido à eleição por escrutínio secreto, achou-se que no primeiro escrutínio ficou eleita, por unanimidade de votos, a Rev.da Madre Soror Teresa Catarina de Saldanha Oliveira e Sousa.»[59]

Em vista desta votação, o Frei Patrício Bernardo Russell, na qualidade de Presidente da eleição, tomando nas suas mãos o livro das Constituições, declarou em voz alta a sobredita Madre Teresa Catarina de Saldanha Oliveira e Sousa canonicamente eleita para Prioresa Geral da Congregação.

A crónica refere que a paz e a união com que tudo se fez foi uma edificação. Igualmente edificante foi ver a abnegação que a boa Madre Vigária mostrou, aceitando com verdadeira alegria o resultado da eleição, não considerando como ofensa, não ter sido ela a eleita.[60]

A nova Superiora Geral não tomou logo posse por não ter os anos de profissão requeridos pelas Constituições para exercer o dito cargo. Foi necessário, por isso, recorrer à Santa Sé. O Cardeal Masella enviou-lhe o rescrito de confirmação datado de 21 de Dezembro de 1887:

> «A Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares concede todas as dispensas necessárias à vossa eleição ao cargo de Superiora Geral. O Cardeal Patriarca executa o Rescrito e o bom Deus confirmará do alto dos céus o que fizermos sobre a terra para a Sua maior glória. Receba, minha Reverendíssima Madre, as minhas mais sinceras felicitações e os meus votos mais ardentes para um futuro muito próspero da vossa Obra.»[61]

No dia 15 de Janeiro de 1888 o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa confirmou a Madre Teresa Catarina no cargo de Superiora Geral, como narra a crónica da Congregação:

> «Sua Eminência dirigiu-lhe palavras cheias de amor e de consolação e tirou o Breve para o entregar à nossa mãe e esta, levantando-se, fez a vénia aos pés de Sua Em.cia. Enquanto estava prostrada o Senhor Patriarca rezou *Veni Sancte Spiritus*. Acabada a Antífona, a nossa mãe levantou-se e Sua Em.cia disse às Irmãs que fizessem a sua sujeição à nova Prelada e todas fizeram a vénia. Dirigiram-se depois ao coro onde rezaram o *Magnificat*, o *Te Deum*, Ladainha de Nossa Senhora e a Antífona do Nosso Pai São Domingos.»[62]

Passados alguns meses, a 8 de Outubro de 1888, reuniram-se os membros do Conselho Ordinário e Extraordinário da Congregação a fim de elegerem as Assistentes Gerais. Depois de se terem feito as orações do costume a Madre Fundadora disse às Madres do Conselho que

---

[59] Acta da eleição da primeira Superiora Geral da Congregação, A.G.C., Livro 218, fl. 1.

[60] Cf. Crónica da Congregação, A.G.C., Livro 204, fls 23-25.

[61] Carta do Cardeal Gaetan Aloisi Masella, Roma, 27 de Dezembro de 1887, A.G.C., Doc. 8009.

[62] Crónicas da Congregação, Livro 204, fls. 37 e 38, A.G.C.

o desejo do seu coração e o que pedia o próprio dever, seria propor para sua 1.ª Assistente a querida Madre Vigária a quem tanto deve a Congregação, pelo incansável zelo e interesse que esta boa Madre empregou nos negócios da casa e na direcção espiritual da comunidade durante os 14 anos que exerceu o lugar de superiora, mas que a Madre Vigária recusara aceitar aquele cargo e pedira para não ser proposta e isto mesmo afirmou na presença do Conselho.

Comoveu a todas ouvir a Madre Geral expressar a sua gratidão para com a Madre Vigária, a quem confessou dever em grande parte, a consolação de estar vestida com o Santo Hábito Dominicano e ocupando o lugar de Superiora Geral da Congregação com tanta alegria de todas as suas filhas.

Ficaram eleitas para 1ª Assistente a Madre Maria Inês Duff, para 2ª Assistente a Madre Maria Catarina de Ricci Andrade e a Madre Maria José Barros de Castro para Procuradora, serviço que desempenhou até à sua morte, em 1905.

Já depois de ter sido eleita Superiora Geral, a Madre Teresa de Saldanha emitiu os seus votos perpétuos, sendo o primeiro membro da Congregação a fazê-lo. Foi no dia 2 de Outubro de 1892:

> «Eu, Irmã Teresa Catarina Rosa Maria do Santíssimo Sacramento de Saldanha Oliveira e Sousa, Superiora Geral da Congregação de Santa Catarina de Sena da Ordem Terceira de São Domingos, em Portugal, na presença de Vossa Eminência, D. José III, Cardeal Patriarca de Lisboa, Delegado da Santa Sé para este fim, faço a minha profissão e prometo obediência a Deus, à Santíssima Virgem e ao nosso Pai São Domingos; prometo viver segundo a Regra de Santo Agostinho e as Constituições da nossa Congregação e de obedecer até à morte às Madres Superioras Gerais que me sucederem neste cargo.
>
> Irmã Teresa Catarina Rosa Maria do Santíssimo Sacramento.
>
> 2 de Outubro, do ano de Nosso Senhor Jesus Cristo mil oitocentos e noventa e dois, às cinco e meia da tarde, na Igreja de São José, em São Domingos de Benfica, Casa Mãe da Congregação de Santa Catarina de Sena.
>
> Domingo, Festa do Santíssimo Rosário de Nossa Senhora.» [63]

Capítulo III
Memória do desejo

«Foi o *desejo ardente* de trabalhar para a glória de Deus e salvação das almas, que no ano de 1864, Deus me inspirou o plano de estabelecer, em Portugal, uma Congregação Regular de Irmãs de São Domingos. Nessa época, as Ordens religiosas, tanto de homens como de mulheres, estavam extintas, não se podia aproveitar coisa alguma, era necessário começar de novo.»[64]

---

[63] Registo de Votos Perpétuos, Livro 21, A.G.C.

[64] A.G.C., Doc. 6948.

«Vós sabeis o *grande desejo* que eu sinto de me consagrar a Deus e empregar a minha vida em obras de caridade... Mas como poderá realizar-se este *meu desejo*?»[65]

«Depois de muitas devoções feitas, com o fim de saber bem qual era a Vontade de Deus, foi em Outubro de 1865 que principiei a Fundação em Portugal de uma Congregação que se pudesse ocupar de educar crianças pobres e ricas, tratar dos doentes e visitá-los nos seus domicílios. Eu dirigia dois colégios de crianças pobres e o *meu desejo* era entregá-los às Irmãs Terceiras.»[66]

Com efeito, Teresa de Saldanha tinha um *grande desejo*: consagrar-se inteiramente a Deus. Ciente de que não o poderia realizar sem sair de Portugal e acostumada a descobrir a vontade de Deus nas circunstâncias da vida, concluiu que Ele a chamava para fundar uma Congregação Religiosa no seu no seu país, onde reinava, naquela época, a descristianização e a injustiça.

Teresa teve a felicidade de ver o *seu desejo* realizado abrindo, em Portugal, muitas obras. Quando o tufão revolucionário deitou tudo por terra, soube reconhecer o *Desejo de Deus* que lhe pedia para espalhar pelo mundo esse bem fazer. Apesar dessa diápora, o *seu grande desejo*, de trabalhar em Portugal, continua através dos tempos pelas suas filhas.

Num país onde não havia religiosas de vida apostólica, as Irmãs rapidamente se tornaram conhecidas e solicitadas para preencher uma lacuna da Igreja Portuguesa, sobretudo na linha da assistência e da educação. A Congregação foi crescendo e dilatando a sua acção de misericórdia.

Não só em Lisboa, mas também noutros locais do País, as Irmãs abriram Asilos, Dispensários e Escolas para crianças e jovens e desenvolveram projectos de evangelização e alfabetização junto dos operários. A sua missão, desde o início foi irradiar, servir, espalhar a boa semente do Evangelho.

Às solicitações vindas de Prelados, de Párocos, da Rainha de Portugal, Dona Amélia de Orleães, juntou-se a preocupação de Teresa de readquirir alguns antigos conventos da Ordem Dominicana, em perigo de profanação e apropriação estatal. Esse seu desejo foi corroborado pelos pedidos de protecção das monjas, oferecendo os seus conventos para se sentirem acompanhadas por religiosas.[67]

Conseguiu, efectivamente, que grande parte das fundações – escolas, dispensários, asilos, etc., fossem em antigos conventos, como confirma D. João de Lima Vidal:

> «Parecia-lhe, e tinha razão, que, sem essa obra, o convento estaria sempre em perigo. Só estas questões de ensino, de educação, de assistência, pesavam na balança para as decisões. E, se Teresa tinha conseguido meter-se tanto pelas ruínas dos conventos para as reparar e salvar, a sua grande arma tinha sido sempre os

---

[65] Notas de Teresa de Saldanha, Novembro de 1865, A.G.C., Doc. 7269.

66 A.G.C., Doc. nº 7265.

67 Cf. THIAUCOURT, *Madre Teresa*... p. 349.

ranchos de crianças que andavam continuamente à sua volta, e pareciam pregadas, como cachos de uva, às dobras do seu largo manto.»[68]

Casa de São José, Vila do Conde – 1873

Conhecemos a correspondência de Teresa de Saldanha com o Padre José Ferreira Marnoco e Sousa – grande devoto de São Domingos – no sentido de fundar um estabelecimento de educação naquela vila nortenha: «Em Janeiro, sabes que se abre a casa de Vila do Conde, mas com mestras seculares que mais tarde tomarão hábito. Esta casa vai ser como a das Portas da Cruz. Há uma aula para pobres, montada como a nossa, até mandei uma carteira para modelo, e, acho que a Associação deve ajudar esta nova Casa de São José, de Vila do Conde! Mandaram-se fazer carteiras, mesas, bancos, etc. e tudo isto importa em 140000 rs. A capela em 55000 rs, e eu achava era uma grande consolação nós ajudarmos esta casa, fornecendo a aula, pagando a capela onde vai habitar Nosso Senhor e haverá missa diária e espero, Nosso Senhor nos abençoaria por toda esta boa obra, pois a Associação bastante tem prosperado desde que as Irmãs estão nas Portas da Cruz.»[69]

D. Teresa de Saldanha chegou a ir visitar esta nova escola, que fez parte da Associação Protectora de Meninas Pobres, como vemos em carta dirigida à Maria Augusta: «Vim achar um pensionato muito bem organizado, de crianças pobres e raparigas apesar de ser à custa de sacrifícios meus, temos mais uma casa de Irmãs Terceiras. Temos lugar e condições para fazer muito bem e estamos muito bem relacionadas aqui.»[70]

Por proposta do Abade de Sousela, um grupo de cinco vocacionadas de Vila do Conde foi receber formação na Casa das Portas da Cruz, em Lisboa, com o objectivo de professarem e regressarem para aquela fundação. Algumas foram consideradas inaptas para a vida religiosa e voltaram às suas famílias. Três delas perseveraram, tendo professado no ano de 1875: Irmã Maria Catarina de Ricci Andrade, Madre Maria Joana Oliveira Mota e Irmã Maria da Conceição Ferreira. Contudo, foram enviadas para a nova fundação de Braga. A saída de algumas das postulantes, desgostou muito o Senhor Abade assim como a D. Maria Maia, protectora da fundação.

Até 1877 esta fundação continuou ligada à Casa-Mãe da Congregação, embora orientada por mestras seculares, como podemos depreender da correspondência do Padre Joaquim António Martins com D. Teresa de Saldanha: «... A Maria Maia disse-me há pouco tempo que deseja ir aí ver a Casa de Benfica, mas que queria nessa ocasião trazer daí alguém com ela que concorresse para o bem da educação daqui.... Lembra-me que a Ex.ma Madre Vigária disse aqui que V. Ex.ª tencionava visitar esta casa por todo o mês de Julho ou Agosto, na volta de Roma; quando nos dará esse gosto?»[71]

Entretanto, algumas das mestras da confiança das Irmãs foram deixando a escola; por sua vez, o trato com D. Maria Maia que nunca foi fácil, agravou-se devido a problemas de saúde dos seus familiares.

---

68 LIMA VIDAL, D. João Evangelista de, *Teresa de Saldanha e suas Dominicanas*, p. 279.

69 Carta de Teresa de Saldanha a Maria Augusta de Campos, A.G.C., Doc. 675.

70 THIAUCOURT, *Madre Teresa*… p. 315.

71 Carta do Padre Joaquim António Martins, 7 de Agosto de 1877, IAN/TT, Cx. 40, 267.

Em 1 de Outubro de 1877, o Padre Joaquim António Martins escrevia a D. Teresa referindo que D. Maria Maia não podia continuar com a casa, concluindo: «Enquanto à passagem ou não passagem da casa, dívidas e escritura dela, eu não tomo a mínima parte em nenhuma dessas coisas, nada disso pertence a mim, é tudo entre V. Ex.as e Maria Maia. Contudo eu sei e posso afirmar com certeza que Maria Maia não quer entregar a casa a outro Instituto, mas quer entregar a Direcção dela ao seu legítimo dono, que são as Irmãs Terceiras de São Domingos; pois ela sabe que em consciência a casa não é dela e que por isso também não pode, só o legítimo dono é que a pode entregar a quem queira e se quiser. Também é certo que Maria Maia tem encargos muito superiores à capacidade dela; e que é incompetente para sustentar a posição de Directora. Confesso também e reconheço que V. Ex.ª tem feito sacrifícios imensos por esta casa, e cada ano está despendendo uma avultada quantia.»[72]

De acordo com a correspondência do Padre Joaquim A. Martins no final de 1877, os problemas persistiam: «As coisas por aqui continuam nada melhores. Muito agradeço a franqueza com que me explicou tudo. Enquanto aos negócios da casa, Maria Maia disse-me que escreve estes dias a V. Ex.ª Eu estou de expectativa a ver tudo isto no que parará!»[73]

Não conhecemos como tudo se passou. Até agora não se encontrou documentação que permita saber como evoluíram os acontecimentos. Sabe-se, porém, que em Fevereiro de 1877, as Irmãs Doroteias tomaram conta da Casa de Vila do Conde, como refere o sacerdote acima mencionado: «Efectivamente eu aqui vi chegar as Doroteias, como participei imediatamente para à Madre Maria Catarina de Ricci. Em toda esta mudança de coisas eu não tomei parte activa alguma...»[74]

A correspondência da Madre Fundadora com o Padre Marnoco revela o espírito que queria insuflar na Congregação: «O único meio de se poder navegar por este mundo e na época em que estamos é: fazer o bem, embora o corpo dos missionários seja pouco numeroso. Estamos numa época em que é preciso trabalhar muito, mas trabalhar com prudência.»[75]

Colégio da Regeneração, Braga, 1877

Num antigo convento de Concepcionistas do século XVII, o Padre João Airosa fundou, em Braga, a Casa do Abrigo, que mais tarde tomou o nome de Colégio da Regeneração e cujos estatutos foram aprovados em 1874, por D. José Joaquim d'Azevedo e Moura, Arcebispo Primaz, em provisão de 26 de Maio de 1874, e pelo Senhor Governador do Distrito Conde de Margaride.

O objectivo desta obra, colocada sob a protecção principal da Virgem Santíssima e tendo como padroeira secundária Santa Maria Madalena, era acolher jovens em risco.

Dois anos mais tarde, 1876, a pedido de uma comissão de senhoras e do próprio fundador, as Irmãs assumiram esta obra no dia 14 de Abril de 1877, tendo à sua frente a Madre Maria Catarina de Ricci Andrade.

---

[72] Idem, Cx. 40, 265.

[73] Idem, Cx. 40, 261, 262.

[74] Carta do Padre Joaquim António Martins, 6 de Fevereiro de 1878, IAN/TT, Cx. 40, 258.

[75] Cf. THIAUCOURT, *Madre Teresa…,* p. 299.

> «É esta uma obra que atrai as simpatias de todos, pelo benefício imenso que faz, trazendo ao bom caminho almas que se acham em perigo de se perderem. Uma associação de caridade protege esta casa, cuja administração interna está ao cuidado das Irmãs Terceiras. A casa sustenta-se de esmolas e do trabalho das arrependidas. Pela grande falta de Irmãs a Congregação só pode dispensar três e as mesmas arrependidas ajudam no trabalho da casa.» [76]

A fundação tinha um claro objectivo apostólico: a libertação e dignificação da mulher, que a sociedade atirara à marginalidade pelo caminho que mais a escraviza.

As raparigas dedicavam-se a trabalhos de tecelagem, bordados, costura e actividades de vida doméstica. Muitas delas aprenderam a ler, escrever, música, canto… Além das raparigas internas, havia uma oficina de tecelagem para externas: «O fim desta oficina era ensinar a arte de tecer às raparigas pobres de bom comportamento e ensinar-lhes ao mesmo tempo a educação religiosa e civil, e procurar-lhes, com o consentimento dos pais, e conforme a sua índole, a colocação que necessitam. É um externato e as suas alunas não comunicam com as recolhidas do colégio. As alunas entram na Oficina, de manhã, e saem ao fim do dia. Recebem do seu trabalho uma remuneração condigna, não inferior à das outras fábricas congéneres, ficando reservada semanalmente uma pequena percentagem destinada à compra de um tear, que o colégio lhes entrega e que cada uma levará para a sua casa, finda que seja a aprendizagem.»[77]

Há, portanto, uma dupla acção nesta fundação: libertação da mulher e promoção humana e profissional de mulheres pobres de recursos. Com esta acção formativa pretendia-se que, pela aprendizagem de uma profissão, as raparigas pudessem ganhar honestamente o seu pão, desenvolvendo pequenas empresas familiares. Foi pioneira na criação do próprio emprego. Colocando-as sob o olhar da família, evitavam os gravíssimos inconvenientes da separação ou da colocação em oficinas pouco cuidadosamente dirigidas, concorrendo assim para melhorar e estreitar os laços da família.

A pastoral familiar está também dentro dos objectivos desta iniciativa. Uma vez colocadas em casa, o colégio continua a acompanhá-las, velando pelo seu comportamento e integração social.

Têm sido inúmeros os bens alcançados através desta casa. As raparigas pobres, em todos os sentidos – pobres de sentido para a vida, pobres de amizade e amor, pobres de família, pobres de pão – encontram aqui o essencial para a vida. Muitas das que frequentavam o externato de tecelagem não tinham absolutamente nada de que viver: «porque os seus pais são muito pobres e necessitados. A direcção do colégio, ao presenciar tanta pobreza e miséria, fez por adquirir algumas esmolas, para prover à sua alimentação e agasalho, ao menos nos primeiros tempos de aprendizagem.»

Além da formação humana, as raparigas tinham diariamente um programa de formação e práticas espirituais.

Esta oficina funcionou só até 1918, porque durante a Primeira Guerra Mundial o material começou a escassear. Como consequência, reduziram-se as externas e aumentaram as internas.

---

[76] SALDANHA, Teresa de, *Notas pessoais*, A.G.C., Doc. 6948.

[77] Cf. THIAUCOURT, *Madre Teresa*…, p. 390.

A respeito desta original iniciativa escreveu o jornal *Correio Nacional* de 13 de Abril de 1895:

> «Relativamente aos frutos deste Instituto, ao progresso e adiantamento das alunas, é edificante e para admirar a mudança que se tem operado naqueles corações e a sua dedicação pelo trabalho. É incalculável o bem que se faz. A experiência vem mostrar exuberantemente a alta importância e a oportunidade da criação das oficinas cristãs, tão sabiamente recomendadas pelo Sumo Pontífice Leão XIII.»[78]

O sucesso pedagógico conseguido pelas Irmãs é reconhecido por Monsenhor Airosa, em carta de 28 de Dezembro de 1877, onde lhes agradece a dedicada e abnegada acção e refere as várias medalhas honoríficas recebidas pelos tecidos, bordados e outros trabalhos executados pelas educandas: «Deus recompense o bem que estão fazendo a estas pobres arrependidas e raparigas tão queridas de Jesus.»[79]

Muitas gerações de jovens e mulheres continuam a usufruir do apoio e dedicação das Irmãs, nesta obra social.

Contrariamente ao que aconteceu em todas as outras casas religiosas, as Irmãs da Regeneração de Braga não foram expulsas, na revolução de 1910, tendo em conta «a consideração de que goza esta obra benfazeja.»[80]

Os anos passaram, a pedagogia actualizou-se e o nome mudou. A Casa de Abrigo, Colégio da Regeneração tem hoje o nome do seu fundador, Instituto Monsenhor Airosa (IMA).

Convento da Conceição dos Cardaes, Lisboa, 1877

O Convento dos Cardaes foi fundado por D. Luísa de Távora, em 1681 para as religiosas Carmelitas Descalças que o ocuparam até à morte da última religiosa em 1867.

D. Teresa preocupada que à morte da última religiosa carmelita fosse usado para outros fins, vigiava-o de perto através da sua amiga Maria Augusta Faria de Campos a quem em 1877 pergunta: «Sabes se morreu a Freira dos Cardaes? Dizem-me que sim e, nesse caso, o convento será posto em praça. O que me leva a indagar isto é o desejo de impedir que estas casas antigas de religiosas caiam na mão dos Protestantes. Deus nos dê meios e a Sua Graça para podermos lutar contra o mal e fazer algum bem neste triste mundo.» [81]

Entretanto, sua mãe, D. Isabel Maria de Sousa Botelho Mourão e Vasconcelos, Condessa de Ri Maior, pediu o convento para a sede da Associação Consoladora dos Aflitos, por si fundada em 1847, com o objectivo de socorrer a pobreza envergonhada e aí estabelecer um asilo para mulheres cegas, com a intenção de entregar a direcção às Irmãs Dominicanas. Foi-lhe concedido por Decreto governamental.

---

[78] Cit. in THIAUCOURT, *Madre Teresa*…, p. 392.

[79] Idem, p. 392.

[80] Idem, p. 389.

[81] THIAUCOURT, *Madre Teresa*…, p. 402.

A inauguração do Asilo das Cegas teve lugar a 16 de Julho de 1878, sendo sua primeira superiora a Madre Maria de São Francisco de Assis Gonçalves, ex-pupila do extinto convento. Desde então tem recebido muitas raparigas e senhoras cegas. Algumas trabalham dentro de casa, em artesanato, malhas... aprendem a ler pelo método Braille, tocam piano.

Lima Vidal deixou-nos um retrato do ambiente do convento:

> «Hoje, em vez das carmelitas com os seus longos véus, com os seus rosários a chocalhar à cintura, vêem-se ceguinhas a caminhar a passos miúdos pelos corredores, a apalpar as paredes, a correr os dedos pelas esquinas, a procurar cautelosamente debaixo dos pés os degraus das escadas. Elas lá vivem alegremente, debaixo das asas dos seus anjos da guarda, que são as Irmãs. Rezam, cantam, trabalham, riem-se umas das outras, vêem tudo…»[82]

Em 1897, instituiu-se no mesmo asilo a Liga das Meninas Cristãs, voluntariado da época que trabalhavam para os pobres. Na crónica da Congregação do início do século pode ler-se: «A nossa Mãe visitou algumas vezes os Cardaes. Ali se dedicam inteiramente às raparigas privadas da vista, consolando e ajudando-as com a maior caridade. Há actualmente sete Irmãs.»[83]

Acerca dos efeitos da revolução de 1910 nesta casa, a cronista da Congregação escreve: «foram as Irmãs do Asilo as primeiras a serem expulsas e, com tanta pressa, que nem tiveram tempo de despirem os seus hábitos e assim foram levadas para o Arsenal da Marinha! Foram substituídas por empregadas, mas, por pouco tempo, porque as ceguinhas reclamaram as suas Dominicanas, que não tardaram a voltar, pedindo a Presidente da Direcção esta autorização ao próprio Governo. Não puderam usar o hábito por alguns anos, mas consideraram-se muito felizes por ficarem no Asilo a tratar das suas ceguinhas.»[84]

Era a segunda vez que o convento resistia à usurpação e ao vandalismo, permitindo que as Irmãs aí continuassem a exercer a sua acção social destinada, agora, não só a cegas, mas também a multideficientes. Esta permanência contribuiu para preservar o espólio artístico deste convento, paradigma do barroco, em Portugal.

Na década de noventa do século XX, a directora, Irmã Ana Maria de Sousa Vieira com o apoio dos Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, assim como o apoio de mecenas, procedeu a obras de conservação e restauro do património móvel e imóvel do convento, por forma a abri-lo a dá-lo a ver e a conhecer à Comunidade.

Desenvolveu-se um projecto cultural que envolve visitas guiadas ao convento, concertos, exposições tácteis, promovidas pelo convento e outras apresentadas por artistas plásticos. Um grupo de voluntárias assegura o acompanhamento nas visitas e a vigilância no período de abertura.

Para além da actividade social e cultural, as Irmãs exercem actividades pastorais na paróquia de Nossa Senhora das Mercês – animação litúrgica, apoio domiciliário aos doentes e preparação de adultos para o baptismo.

---

[82] Idem, p. 208.

[83] A.G.C., Doc. 7445.

[84] Crónicas da Congregação, A.G.C.

Todas estas características fazem do Convento dos Cardaes um espaço e uma obra única em que se conjuga uma obra social, uma acção cultural, com uma Comunidade religiosa residente.

Convento do Cristo Rei Salvador, Lisboa – 1878

O Convento do Salvador era especialmente querido à Madre Fundadora por ser o mais antigo Convento de Religiosas Dominicanas de Lisboa. Quando teve conhecimento da avançada idade e da débil saúde da última religiosa faz, mais uma vez uso de toda a sua influência para que o convento fosse cedido à Associação Protectora das Meninas Pobres.

Numa carta a Sua santidade o Papa Leão XIII, Teresa de Saldanha dá-lhe conta da razão das suas fundações:

> «O triste estado a que se acham reduzidos os nossos conventos; o perigo em que estão de serem, de um dia para o outro, profanados, e ficarem as igrejas sem culto, anima, a abaixo assinada, a vir humildemente depor aos pés de Vossa Santidade a seguinte petição:
>
> Existe em Lisboa, no Asilo de São José, uma Comunidade de Irmãs Terceiras de São Domingos da qual a abaixo assinada é Fundadora. As Irmãs Terceiras Dominicanas exercem todas as obras de misericórdia, visitando os doentes pobres nos seus domicílios, ajudando os moribundos, ensinando gratuitamente as crianças pobres, e ocupando-se também da classe elevada. Vendo o triste estado a que se acham reduzidos os nossos conventos; o perigo em que estão de serem, de um dia para o outro, profanados e ficarem as igrejas sem culto e em perigo iminente de caírem em poder de pessoas que as profanem e dos conventos serem comprados por protestantes, fazendo-se, deste modo, uma propaganda terrível contra a nossa religião, a abaixo assinada sente ardentíssimo desejo de procurar salvar alguns destes conventos de tão grandes profanações....vem pedir humildemente a necessária licença para diligenciar alcançar do governo português que este Asilo de São José seja transferido para um dos conventos cuja extinção está iminente, podendo alguma religiosa que a esse tempo viver, ficar residindo no mesmo convento.»[85]

E em carta ao Rei D. Luís, dá-lhe conta da mesma preocupação:

> «Ninguém ignora o muito bem que a Associação tem causado a esta cidade... Por isso, vem a suplicante, em nome da Associação e como presidente da direcção, pedir ao Governo que lhe seja dado o convento de religiosas do Salvador, a fim de passar para ele o Asilo. Sabe a Suplicante que no convento há só uma freira... A Associação reservará, do convento, a parte que for melhor e mais azada para seu cómodo e exercícios religiosos.» [86]

---

[85] THIAUCOURT, *Madre Teresa*..., p. 408.

[86] Idem, p. 409.

Foi-lhe, efectivamente, concedido esse convento, quase em ruínas. Para o restaurar empregou grande parte do património que herdou de sua mãe. Aí estabeleceu um grande Asilo de Meninas Pobres e a sede da Associação do mesmo nome. A única e última religiosa do convento que vivia só e abandonada, faleceu rodeada dos carinhos de Teresa de Saldanha e das Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena. A primeira superiora desta casa foi a Madre Maria do Loreto Lobão de quem as crianças gostavam tanto que lhe chamavam «A Mãezinha» mesmo depois de crescidos.

Já depois das Irmãs ocuparem o convento é que se fez o restauro da Igreja: «Em Março vou começar a obra na Igreja do Salvador, isto é, limpeza, pois está tudo uma miséria, será despesa toda minha e tenho nisto muita consolação, para ver se em Outubro próximo se pode abrir a Igreja e ter lá culto.»[87] A capela foi inaugurada em 30 de Outubro de 1892 como nos narra a crónica: «Teve ontem lugar a abertura da igreja do Convento do Salvador, fechada havia muitos anos. À tarde houve sermão pregado pelo Rev.do Padre Curado que fez notar a coincidência extraordinária de haver justamente naquele dia 500 anos que se tinha fundado o convento e que agora, por permissão Divina, estava de novo nas filhas de São Domingos, com o nobre fim de dar uma educação religiosa às crianças.»[88]

Em carta à Maria Augusta diz: «A abertura solene da Igreja do Salvador é no domingo, 30. Há grande festa de manhã e o Santíssimo fica exposto todo o dia.» [89]

À família escreveu: «É uma grande consolação podermos salvar mais uma casa religiosa. Assim vamos organizando tudo com a graça de Deus, para quando morrermos deixarmos tudo mais fácil de governar, estando as aulas entregues ao cuidado das nossas Irmãs Terceiras.»

Com grande satisfação esta empreendedora mulher recuperou mais uma casa religiosa e colocou-a ao serviço das crianças pobres, sob a orientação do novo ramo dominicano a nascer em Portugal.

De facto, estabeleceu-se no ano de 1887, no referido convento, uma Comunidade. A crónica do início do século refere: «há um colégio para meninas pequenas até à idade de dez anos e uma aula para meninas pobres. É grande o bem que se faz nesta casa. Há actualmente na Casa do Salvador nove Irmãs»[90] Além disso, as Irmãs visitavam os doentes nos seus domicílios e distribuíam bens pelas famílias pobres. Aqui se estabeleceu também a sede da Associação Protectora das Meninas Pobres.

Aí permaneceram as Irmãs até 1910.

Convento de Santa Joana Princesa, em Lisboa – 1880

No Convento de Santa Joana viviam, em 1888 duas religiosas Dominicanas contemplativas, a prioresa, Madre Margarida e Madre Maria de Jesus e algumas pupilas. Foi pedido por D. Teresa para aí acolher as religiosas Dominicanas francesas de Cette, ameaçadas

---

[87] Carta de Teresa de Saldanha à sua cunhada, Marquesa de Rio Maior, A.G.C., Doc. 6213.

[88] Idem, Doc. 419.

[89] A.G.C., Doc. 1606.

[90] A.G.C., Doc. 7445.

de expulsão. Pretendiam um convento grande porque pensavam refugiar-se em Portugal, mas não queriam separar-se e a Comunidade era numerosa. Essa Congregação acabou por não vir.

Tal como em outros casos, também aqui D. Teresa usou da sua influência, sobretudo da oração, para conseguir salvar este convento: «Quanto pedi à Santa Princesa que tomasse o negócio à sua conta! Deus tudo pode! Qual é o meu único fim? Salvar aquelas santas ruínas e trabalhar para a glória de Deus, para o bem da religião e da Igreja! Que desejo ardente tenho de poder, com o meu trabalho, fazer algum bem neste mundo! Já é grande milagre termos posto o pé dentro do Convento de Santa Joana!» [91]

D. Teresa conseguiu obter parte do grande convento o qual colocou sob a orientação da Irmã Maria Clara Ramos e aí estabeleceu uma escola gratuita da Associação Protectora das Meninas Pobres que funcionou até 1896.

Convento de Jesus, em Aveiro – 1884

O Convento de Jesus foi fundado em 24 de Novembro de 1458 por D. Brites Leitoa. Em 1461 o Mestre Geral da Ordem dos Pregadores, o Rev.do Padre Marcelo Aurilli, deu licença para que as religiosas fossem recebidas à obediência da Ordem.

Santa Joana, Princesa de Portugal, filha do Rei D. Afonso V, aí viveu, como religiosa Dominicana Contemplativa, de 1472 até à sua morte a 12 de Maio de 1490.

A partir de 1834 neste convento, como nos demais, foi proibida a emissão de votos. Por morte da última religiosa, em 1874, e a pedido da população de Aveiro, o governo deu o convento às pupilas que aí permaneceram, abrindo estas uma aula para crianças pobres. Devido às enormes dificuldades económicas, quer na manutenção do convento, quer do pequeno colégio, recorreram, como outros já tinham feito, a D. Teresa de Saldanha: «Escreveram-me muito aflitas por falta de meios e eu venho dizer-te que me parecia a nossa Associação lhes poderia enviar algum socorro e, se estivermos de acordo poderemos mandar mensalmente essa esmola. A senhora a quem deve ser enviado o vale do correio chama-se D. Leonor Angélica Cardoso de Lemos... Reina naquela casa um muito bom espírito e só à Ordem de São Domingos e a Nosso Senhor tem feito com que elas perseverem. Deus há-de recompensar-nos se as ajudarmos, de alguma maneira.»[92]

Mais tarde, D. Manuel de Bastos Pina, Bispo de Coimbra, a cuja diocese estava ligada Aveiro, pediu a D. Teresa de Saldanha que salvasse o pequeno colégio tomando-o sob a sua protecção e velando pela sua existência mandando para Aveiro as Irmãs Dominicanas. «Não havia neste concelho nenhum Convento de Religiosas de qualquer Ordem, nem colégios, estabelecimentos, institutos particulares de beneficência, dirigidos por indivíduos filiados em congregações religiosas estrangeiras.»[93]

D. Teresa de Saldanha anuiu ao pedido do Prelado. Fez muitos melhoramentos no edifício e as Irmãs Dominicanas foram para Aveiro em Outubro de 1884. Assumiram a direcção do colégio, incumbindo-se da guarda da casa e das venerandas relíquias da sua Santa Padroeira.

---

[91] THIAUCOURT, p. 424.

[92] Carta de Teresa de Saldanha a Maria Augusta Campos, 13 de Dezembro de 1882, A.G.C., Doc. 1369.

[93] Provisão de D. Manuel Correia de Bastos Pina, 1884. A.G.C., Doc. 7386.

São estes os termos da Provisão:

> «Fazemos saber que entre os muitos melhoramentos de que esta carta vê mais precisada a cidade de Aveiro da nova Diocese, e para os quais desejamos concorresse quanto em nós estiver. E porque a Ex.ma Sr.ª D. Teresa de Saldanha, respeitabilíssima Dama Cristã, e extremamente dedicada à educação religiosa do sexo feminino, atendeu o pedido que lhe fizemos, a rogo também das Recolhidas do Convento de Jesus da Cidade de Aveiro, para nos mandar para este fim do seu Colégio de São Domingos de Benfica algumas mestras para o mesmo convento. Encarregamos e autorizamos a mesma Ex.ma Senhora nos possa estabelecer e fundar no referido convento, um colégio de meninas internas e externas.
>
> E conquanto a ilustração, zelo, prudência e piedade da Fundadora, em quem pomos ilimitada confiança, torna desnecessários estes convives e cautelas, pomo-las aqui passa que fique a custo das dificuldades e da malícia dos tempos que vamos atravessando. Nesta santa obra em que muito nos empenhamos e para a qual pedimos a Deus todas as bênçãos e todos os auxílios da Sua Divina Graça.»[94]

Foi primeira superiora a Madre Maria Inês Champalimaud Duff. Desta santa e bondosa religiosa dependeu o bom andamento da actividade das Irmãs, em Aveiro.

O Prelado acompanhou a acção educativa e caritativa das Irmãs como o atestam as suas cartas a D. Teresa de Saldanha:

> «Sei da grande obra que anda fazendo em Jesus, e sei como lá tudo próspera. Dou muitos parabéns a Vossa Ex.cia**,** e espero que as tempestades que se levantaram naquela cidade, e que estão passadas, não açoutarão nunca o vosso colégio. Pelo menos, Vossa Ex.cia, pode contar sempre com a minha boa vontade, e com o muito que sou, Servo admirador e obrigado.»[95]
>
> «Quando acabei de ler a carta com que Vossa Ex.cia tanto e tanto me penhorou, não pude deixar de dizer para mim mesmo bendito seja Deus, porque nestes tempos tão difíceis aparecem ainda destes exemplos tão proveitosos e consoladores para a religião e para a fé. Como Bispo, pois ainda que indigno mas sinceramente empenhado no bem duma e doutra, felicito a ambas e felicito-me a mim mesmo pelo passo heróico que Vossa Ex.cia acaba de dar e que tanto atenta as virtudes e altos dotes da alma privilegiada de Vossa Ex.cia e tão visivelmente abençoada pelo Senhor pelo muito bem que faz.
>
> Devem muito a Vossa Ex.cia os Ministros da Religião, e eu, que devo tanto, tanto, confesso ao menos a dívida, e na impossibilidade de a pagar por outro modo, quero ao menos fazer ardentes votos a Deus, como peço para que proteja e abençoe Vossa Ex.cia para que converta em consolações as lides constantes da sua vida e para que a conserve por muitos anos, e muito venturosos, como exemplo vivo que é do amor de Deus e do próximo.»[96]

---

[94] Idem.

[95] 1889, A.G.C., Doc. 2433.

[96] 1887, A.G.C., Doc. 2607.

O seu objectivo era a educação de meninas. Narra a crónica da altura: «para se encarregar desta nova fundação, visto que de há muito esta senhora, Teresa de Saldanha, costumava gastar os seus rendimentos anuais em obras de beneficência e caridade, fez obras importantes; mandou vir mestras excelentes e, para dirigir o colégio, mandou vir de Benfica algumas senhoras da sua confiança.» A mesma cronista continua: «O Colégio de Santa Joana adquiriu novo alento, sendo frequentado por um grande número de crianças.» Além das internas havia «uma aula gratuita para os filhos do povo, frequentada por 180 crianças.» Acerca desta fundação testemunha um ilustre aveirense, D. João de Lima Vidal: «Entre as mais amplas beneficências que a sociedade e a religião ficaram devendo em Portugal à Fundadora das Irmãs Terceiras Dominicanas, figurará sem dúvida a fundação do Colégio de Santa Joana, na cidade de Aveiro.» [97]

D. Teresa de Saldanha sentia uma peculiar alegria nesta fundação. Por um lado, era mais um convento dominicano, e este com uma evocação muito especial, que conseguia recuperar, libertando-o de outras mãos, de outros fins; por outro lado, sentia que mais jovens, mais crianças, a população da zona seria abrangida pelo seu projecto evangélico.

Além da Madre Maria Inês Duff, tiveram notável papel educativo neste colégio a Madre Maria de Santo Agostinho Collins e a Madre Maria Rosa Thiaucourt que aí fundou as Rosaristas.

Em 1901 esta casa foi perturbada por grupos revolucionários, mas continuou a sua missão até 1910. A Madre Geral, no ano de 1904, foi recebida em Aveiro com imensa alegria, demorando-se oito dias para ver as Irmãs e animá-las com a sua presença que inspira um santo fervor e desejo de fazer cada vez mais por Nosso Senhor; vendo todo o bem que ali se faz com o pensionato, externato, aula de rapazes pequenos e aula de pobres. A Comunidade era constituída por vinte e oito Irmãs.[98]

Em 1910 as Irmãs viram-se forçadas a sair deste convento e da cidade, onde regressaram, em nova fundação quarenta e três anos depois. Ao convento não mais voltaram.

Convento do Sacramento, Lisboa – 1885

O Convento do Sacramento existia desde o início do século XVII. Dos antigos conventos de Dominicanas era este o mais famoso por ser padroado real.

Em 1885, apenas viviam no convento duas religiosas idosas e oito pupilas.[99] Com o receio que o Governo se apoderasse deste convento, como dos outros, as religiosas pediram a D. Teresa de Saldanha que lhes mandasse Irmãs da nova Congregação.

Assim, no dia 7 de Abril de 1855, deram entrada no Mosteiro do Sacramento as Irmãs Maria Madalena Machado e Maria da Cruz. As religiosas e as pupilas exultaram com a esperança de salvarem o convento e de nele prolongarem a presença dominicana. A última religiosa professa, Sor Maria da Piedade, faleceu no dia 4 de Janeiro de 1897.

No ano da chegada, no mês Junho, abriu-se uma aula externa para crianças pobres.

---

[97] LIMA VIDAL, *D. Teresa de Saldanha e as suas Dominicanas*, p. 251.

[98] Cf. A.G.C., Doc. 7445.

[99] Três dessas pupilas professaram na Congregação.

Além de assumirem a missão específica das aulas, as Irmãs ajudavam na vida comunitária das Religiosas Dominicanas Contemplativas, em vias de extinção desde 1834. Por portaria de 1889, o convento foi entregue à Associação Protectora das Meninas Pobres.

No dia 25 de Dezembro de 1893, Sua Majestade a Rainha D. Amélia abriu um Dispensário a expensas suas, a funcionar nesse convento, cujo serviço e orientação confiou às Irmãs. Acerca dele, escreve a rainha no seu diário: «Foi com o meu próprio dinheiro que criei um dispensário reservado às crianças pobres de Lisboa: um médico-chefe, ajudado por nove Irmãs dominicanas, nele trata duzentas crianças com resultados notáveis, visto que dispõe do material médico mais moderno e de uma alimentação abundante, servida em locais limpos e largamente arejados.»[100]

Os dísticos que se liam na recepção do dispensário no dia do seu segundo aniversário são elucidativos: «Viva a mãe dos pobrezinhos. Viva a protectora da infância desvalida. Viva a rainha, a Senhora D. Amélia, nossa mãe.»[101]

Em 1906, o relatório dá-nos conta que: «São tratadas diariamente crianças pobres que vão à consulta. Aparecem crianças com as feridas mais repugnantes, com as mais graves doenças. São-lhes dados remédios e duas refeições por dia. É trabalho custoso. A nossa virtuosa Soberana vai muitas vezes ajudar e animar as Irmãs com a sua presença. E retira-se sempre muito satisfeita com os trabalhos e todo o bem que as nossas queridas Irmãs ali fazem.

O mapa do movimento do mesmo ano confirma a acção das Irmãs: curativos – 55807; aplicações eléctricas 518; massagens 1270; banhos 2445; consultas 18570; refeições 55400; vacinações 2337.»[102]

A Madre Maria Madalena Machado foi a primeira prioresa desta casa e aqui viveu até à morte, em 1895. Substituiu-a a Madre Maria José Soares de Albergaria a quem se ficou a dever o bom andamento desta Obra, pelas suas raras qualidades. Foi grande a actividade desenvolvida pelas Irmãs nesta fundação, admitindo crianças recém-nascidas até aos sete anos.

Em carta a D. Teresa de Saldanha dizia a secretária da Rainha: «Estou certa que tudo há-de caminhar bem, pois todas as senhoras estão encantadas pelo serviço do Dispensário ser entregue às tuas filhas.»

Em 1905 a Madre Geral, Madre Teresa de Saldanha, começou a visita canónica às casas filiais, pelo Convento do Sacramento em Alcântara. «A nossa Mãe ficou muito satisfeita com os trabalhos e todo o bem que as nossas queridas Irmãs ali fazem. Actualmente estão no convento vinte Irmãs. Têm lá pensionato, aula externa, aula de crianças pobres e dispensário.»[103]

Com a expulsão das congregações, em 1910, fechou-se esta casa para não mais se reabrir.

Convento das Donas, Santarém – 1892

---

[100] BERN, Stéphane, *Eu, Amélia, última Rainha de Portugal*, Ed. Civilização, Maio de 1999, p. 121.

[101] Cf. Crónica do Convento do Sacramento, A.G.C., Livro 62.

[102] THIAUCOURT, *Madre Teresa*..., p. 483.

[103] A.G.C., Doc. 7445.

O Convento das Donas era, no ano de 1892, habitado por uma única religiosa dominicana contemplativa, de 85 anos, e algumas pupilas. A referida Irmã receava que, à sua morte, o convento fosse profanado, como muitos outros. Pediu ao Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa, que lhe enviasse Irmãs da recente Congregação Dominicana, para morrer no meio delas.

O Senhor Patriarca organizou tudo de tal maneira que, nesse mesmo ano, se abriu uma Comunidade no referido convento, como nos narra D. João de Lima Vidal: «Dona Teresa de Saldanha, com as suas Terceiras Dominicanas, era quase sempre o anjo de salvação pelo qual clamavam, na sua calamidade, as condenadas à morte, as últimas freiras dos entristecidos mosteiros. Os seus colégios de meninas pobres, as suas obras de beneficência, de educação e de ensino bastavam para que os homens do Governo lhes cedessem este ou aquele convento.»[104]

D. Luísa Andaluz, jovem de 17 anos, na época, refere-se à ida da Irmãs: «Neste mesmo ano de 1893, constou que vinham as Irmãs Dominicanas para Santarém, a convite do Eminentíssimo Cardeal e para fazer uma fundação no Convento das Donas da 2ª Ordem de São Domingos, convento em cuja capela eu fizera a minha 1ª comunhão. Já aí não existia, nesta data, senão uma religiosa de 85 anos e alguma pupilas. As Irmãs Dominicanas instalaram-se, fizeram as obras indispensáveis e em 1894 começaram o seu colégio, o que representou enorme benefício para a terra. A Eugénia e eu, desde a chegada das Irmãs, íamo-las acompanhando e ajudando em tudo que podíamos e como pretexto para lá irmos, mais vezes, frequentávamos as aulas de desenho. Tínhamos por privilégio especial poder estar com as Irmãs, nos seus recreios, na cerca e gostávamos de ir rezar para a mencionada capela.

O que tínhamos era uma grande devoção a Nossa Senhora e há muito que desejávamos pertencer à Associação das Filhas de Maria, mas em Santarém não havia nenhum centro. Ficámos radiantes quando as boas Irmãs Dominicanas, a saudosa Madre Maria de São Jacinto e a Madre Maria de São Paulo Mac Mahon[105] nos disseram que iam fundá-la no colégio. Até hoje nunca deixei de usar a mesma medalha: o diploma de entrada, que conservo, tem a data de 23 de Julho de 1895.»[106]

As Irmãs estabeleceram aí um colégio e uma escola gratuita para meninas pobres. Muito bem semearam, através da evangelização, da educação e da sensibilização da sociedade de Santarém ao problema dos mais pobres. Fundaram uma associação de jovens cujo fim consistia em tirar num dia da semana, uma hora do seu trabalho escolar, destinando esse tempo para fazer roupa para crianças pobres.

Em 1901, a perseguição religiosa foi intensa nesta cidade ribatejana como escreve a cronista: «Continua verdadeira perseguição às Ordens Religiosas. As nossas Irmãs em Santarém foram sujeitas a um verdadeiro inquérito tirânico. Foram todas chamadas à presença das autoridades. Teremos de fechar muito provavelmente esta nossa casa.» [107]

---

[104] LIMA VIDAL, *D. Teresa de Saldanha*..., p. 330.

[105] Madre Maria de São Jacinto de Sampaio Quintela e a Madre Maria de São Paulo Mac Mahon, primeira prioresa.

[106] *O Itinerário de Luiza Andaluz*, Servas de Nossa Senhora de Fátima, Lisboa 1997.

[107] THIAUCOURT, *Madre Teresa*.., p. 550.

As pressões foram de tal intensidade, que a Casa de Santarém se tornou por assim dizer a proto mártir, a vítima precursora de 1910.[108]

Devido ao clima de animosidade e agressividade contra as congregações, D. Teresa de Saldanha mandou retirar as Irmãs. O convento foi ocupado por serviços públicos.

Casa de Santa Catarina de Sena, Dispensário do Porto – 1896

Na cidade do Douro chegou um veemente apelo para a abertura de um dispensário que acudisse à miserável infância, os meninos de rua, que vagueavam por vielas, ilhotas e becos escuros, à procura de um pouco de pão.

Mais uma vez, a Rainha de Portugal, D. Amélia de Orleães, recorreu a D. Teresa de Saldanha pedindo Irmãs Dominicanas, cujo serviço e dedicação muito apreciava.

A casa abriu no extinto Convento de São Bento de Avé Maria, dia 22 de Maio de 1896, com 23 crianças, tendo como superiora a Madre Maria Joana Chantal Oliveira Mota. Passados poucos dias, o número das crianças já tinha quadriplicado, depressa chegou a duzentas as quais o Dispensário tratava e alimentava: dava leite aos bebés e caldo de carne às mais crescidinhas.

Em carta a um familiar, D. Teresa de Saldanha escreve: «Sabes, decerto, que tenho tido de lá ir frequentes vezes e consola-me o bem imenso que o Dispensário está fazendo às crianças pobres do Porto e como as Irmãs são apreciadas pela caridade com que tratam os doentes.»[109]

A propósito da acção exercida elas Irmãs neste Dispensário, é significativo o testemunho deixado pela Condessa de Samodães, uma das fundadoras: «Estive ontem no Dispensário e tudo ali corre perfeitamente; as Irmãs são cada vez mais queridas e estimadas; as crianças são imensas e vi algumas com ramos de flores para brindarem as Irmãs; gostei de ver aquela manifestação sincera de gratidão pelos benefícios e carinho recebidos.»[110]

Em 1905 a Madre Geral fez a visita canónica à Casa do Porto animando as Irmãs com a sua presença. Havia na Comunidade oito Irmãs.[111]

Também esta benfeitora obra de tratamento médico às crianças pobres não resistiu ao tufão revolucionário de 1910.

Convento de São José, Lagoa, Algarve – 1899

D. António Mendes Belo, Arcebispo-Bispo do Algarve, mais tarde Patriarca de Lisboa, escrevia a D. Teresa de Saldanha, em princípios de Dezembro de 1896: «As pobres recolhidas

---

[108] LIMA VIDAL, *D. Teresa de Saldanha*..., p. 332.

[109] THIAUCOURT, *Madre Teresa*..., p. 584.

[110] Idem, p. 584.

[111] Cf. A.G.C., Doc. 7445.

da Casa da Lagoa não cessam de importunar-me, por causa da projectada transformação do Recolhimento em casa de educação de meninas.»[112]

Vontade não faltava à fundadora da Irmãs Dominicanas de responder a esse apelo. Contudo, só em 1899 viu possibilidade de tratar seriamente do assunto, cedendo a instâncias reiteradas das pupilas. Em Outubro desse ano foram as Irmãs para Lagoa, indo como superiora a Madre Maria da Madre de Deus da Costa Ribeiro, a fim de abrirem ali um estabelecimento de educação no antigo Convento de Carmelitas, em extinção.

Era marcante a presença das Irmãs, no Algarve, como o atesta em carta a D. Teresa de Saldanha, o Prelado diocesano: «Fui ontem a Lagoa visitar as nossas boas Irmãs e as suas educandas! Trouxe as melhores impressões; vim mesmo encantado pela forma tão agradável com que tudo vai correndo no colégio. As Irmãs são ali muito estimadas e muito queridas! Toda a gente, creio eu, lhes reconhece a bondade, lhes aprecia as virtudes e dá o devido apreço ao bem que fazem em benefício da educação das crianças pobres e ricas.»[113]

Numa outra carta ao Vigário de Lagoa refere: «Recebemos o ofício de 22 do corrente no qual V. Rev. nos dá conta do modo extremamente simpático e lisonjeiro com que no Colégio de São José, dessa vila, se realizou a solenidade da distribuição de prémios às educandas, embora não nos surpreendesse semelhante facto, atenta à solicitude, zelo, louvável abnegação e desinteresse com que as virtuosas e beneméritas Irmãs, a cujo cargo está a direcção de tão útil instituto, se entregam ao desempenho da elevada missão que a si próprias se impuseram. Nunca serão demasiados os nossos louvores às digníssimas religiosas Dominicanas pelo serviço insigne a essa vila, nem descabidos os testemunhos de gratidão e reconhecimento de que todos lhes são devedores.»[114]

Apesar do reconhecido bem que as religiosas prestavam à sociedade e à causa da formação integral das crianças e, através destas, às suas famílias, a perseguição às Casas Religiosas. em 1901 bateu-lhes à porta. As Irmãs tiveram que responder a diversos inquéritos, demonstrando que se regiam pelos Estatutos da Associação Protectora das Meninas Pobres e que não obedeciam a quaisquer superiores de nacionalidade estrangeira.

No mês de Setembro de 1904 «a Madre Geral, Madre Teresa de Saldanha fez a visita canónica à Casa de São José de Lagoa. Teve a consolação de ver os grandes esforços e o muito bem que as Irmãs fazem que é também certificado pelas lindas e gratas cartas dirigidas à nossa Rev.ma Mãe pelo Ex.mo D. António Mendes Bello, Arcebispo e Bispo do Algarve. Estão actualmente na Casa de São José Lagoa, nove Irmãs.» [115]

Aí se mantiveram as Irmãs até 1910.

Hoje, o convento pertence à Câmara Municipal de Lagoa que continua a fazer dele um espaço de cultura, Museu e Centro Cultural.

Os descendentes das alunas do Colégio de São José reconhecendo que o desenvolvimento cultural da terra se deve à acção educativa das Irmãs, colocaram um painel de azulejos com a Madre Fundadora, no átrio do convento e o município deu o seu nome a uma rua da cidade de Lagoa a 4 de Abril de 1995:

---

[112] THIAUCOURT, *Madre Teresa*..., p. 603.

[113] Idem, p. 605.

[114] Idem, p. 607.

[115] Cf. A.G.C., Doc. 744.

«Acta da Câmara Municipal de Lagoa de 16 de Abril de 1995 – Toponímia: Foi presente o ofício da Junta de Freguesia de Lagoa, número sessenta e quatro, de sete do corrente, sugerindo que seja atribuído o nome da Fundadora do Colégio de São José, Madre Teresa de Saldanha, a uma das ruas de acesso ao Sítio dos Vales. A Câmara deliberou, por unanimidade, concordar com a proposta.»

Casa de São Domingos, Sanatório do Outão, Setúbal – 1899

A Rainha D. Amélia fundou a Assistência Nacional aos Tuberculosos, no dia 11 de Junho de 1899, cujo programa estabelecia: «construir hospitais à beira-mar, a fim de aí modificar o organismo das crianças susceptíveis de apanharem a terrível doença.»[116]

Com esse objectivo abriu o Sanatório do Outão e, mais uma vez, pediu às Dominicanas para assumirem essa benfazeja obra. O sanatório foi inaugurado no dia 6 de Junho em 1900, na presença de Suas Majestades a Rainha D. Amélia, El-Rei D. Carlos, os Príncipes e muitos outros convidados pela Assistência Nacional aos Tuberculosos, bem como sua Ex.cia Rev.ma o Arcebispo Auxiliar de Lisboa e as Irmãs. Todos assinaram o auto da inauguração que começou com 24 crianças pobres e doentes. Rapidamente se fizeram novos pavilhões e o número de utentes aumentou.

Além dos cuidados médicos, as Irmãs ministravam às crianças educação civil e religiosa. Durante os dez anos que ali permaneceram muito fizeram pelas crianças e pelas suas famílias. Foram muito apoiadas pelos Padres Franciscanos de Brancannes, Setúbal, que eram os seus capelães.

A um inquérito estatal respondeu a superiora Madre Imelda Bresane Leite Perry: «Somos nove Irmãs, ensinamos a ler, escrever e contar mas não com regularidade, porque as crianças estão na praia a maior parte do dia.»[117]

Em 1905 o Senhor Cardeal Patriarca fez visita pastoral ao Sanatório, administrando o sacramento do crisma às crianças. Narra-a uma carta à Madre Geral: « Já saberá que estive no Outão, crismei muitas crianças e pessoas de fora. Lá fiz uma prática às pequenas, ensinando-as a compreender o bem que ali lhes faz a Rainha e a serem agradecidas. As Irmãs estão muito bem; uma com um castelo na cozinha, alegre como uma gaivota e o médico contentíssimo com o serviço delas, todo elogios para com as Irmãs!»[118]

A Madre Geral costumava enviar algumas Irmãs para esta casa durante a férias de Setembro, para descansarem. Também ela ali se encontrava a descansar, com a sua sobrinha, Madre Maria Teresa e outras Irmãs quando, no dia 5 de Outubro de 1910, eclodiu a revolução.

Foram grandes os sobressaltos e sustos daqueles dias. As Irmãs passavam noites em claro, pois corria o boato que viriam deitar fogo à casa depois de retirarem as crianças!

De facto, não deitaram fogo, mas pressionaram tanto que as Irmãs foram obrigadas a deixar aquela tão simpática obra, cheias de tristeza.

Em 1915 as Irmãs receberam uma proposta do Dr. José de Almeida, Presidente da Assistência Nacional aos Tuberculosos, para voltarem ao Sanatório. O Conselho Geral

---

[116] BERN Stéphane, *Eu, Amélia, última Rainha de Portugal*, Ed. Civilização, Maio de 1999, p. 121.

[117] Idem, p. 631.

[118] THIAUCOURT, p. 633.

reflecte sobre o assunto e, consciente dos riscos de tal regresso, aceita a proposta, como se lê: «Apesar das dificuldades que há em tomar a direcção daquela casa por se saber que está na maior desordem, contudo, considerando que é uma das nossas antigas casas e que poderíamos fazer ali muito bem, resolveu-se aceitar a proposta.»[119]

As Irmãs voltaram mas, no mesmo ano, tiveram de se retirar, pois a Comissão da Assistência Nacional aos Tuberculosos não consentia que se abrisse a capela ao culto, receando que no caso de lá se celebrar missa, houvesse alguma manifestação de desagrado da parte do povo de Setúbal.[120]

As fundações em Portugal após 1910

Casa de Sant' Ana, Parede – 1910

Depois do decreto que exterminara as Congregações Religiosas em todo o território nacional, paradoxalmente, as Irmãs abriram uma Comunidade no Sanatório de Sant'Ana, na Parede no dia 21 de Dezembro de 1910.

Já anteriormente, em 1906, D. Claudina Chamiço pedira à Congregação para tomar conta desse sanatório por ela fundado e onde trabalhavam as Irmãs de São Vicente de Paulo. Nessa altura a Congregação não aceitou, visto já estarem lá as religiosas francesas.

Em 1910, quando estas foram expulsas, D. Claudina fez saber ao Ministério da Justiça que caso não pudessem ser as religiosas Dominicanas a desempenhar os serviços do Sanatório, este seria encerrado. Sabendo disso, dez dias depois da revolução de 1910, o Padre Paulo O'Sullivan dominicano do Corpo Santo foi procurar a Madre Geral e propôs-lhe irem as Irmãs que pudessem tomar conta do Sanatório de Sant'Ana na Parede.

A Madre Fundadora aceitou, como narra a Madre Fundadora e a Madre Maria José Soares de Albergaria acompanhada das Irmãs Maria Cecília Correia de Sá, Maria Amada de Lima e Lemos, Maria de São Carlos Silva e Maria Quitéria, entraram para o sanatório em 21 de Dezembro de 1910, setenta e dois dias depois do decreto que as exterminava em toda a extensão do território nacional.[121] Inicialmente só podiam ser três. Sem hábito religioso, é certo, sem que se soubesse que eram religiosas, sem darem nas vistas, prosseguiam serenas e firmes na prática do bem, suportando dificuldades e vencendo com paciência o ambiente hostil, típico da época.

No sanatório eram tratados velhos cardíacos, mulheres cancerosas e crianças com mal de Pott.

A primeira prioresa foi a Madre Maria José Soares de Albergaria que, com a sua mansidão, espírito de sacrifício e bom humor, foi desfazendo a atmosfera de resistência e desconfiança que reinava no hospital. Em Janeiro de 1911 já eram nove as Irmãs que ali trabalhavam, como conta a Madre Fundadora às Irmãs da América: «... nove Irmãs já estão na Parede vestidas à secular... O Sanatório está bem organizado. Há um capelão, missa e as Irmãs

---

[119] Actas do Conselho Geral, 27 de Abril de 1915, A.G.C., Livro 202.

[120] Actas do Conselho Geral, 7 de Agosto de 1915, A.G.C., Livro 202.

[121] LIMA VIDAL, D. João, *D. Teresa de Saldanha e as suas Dominicanas*, Cucujães, 1937, p. 379.

são bem pagas.» [122] Foi assim que, pouco a pouco, as Irmãs se foram integrando, e começaram a impor a ordem, a disciplina, a economia, a limpeza, a alegria.

Por esta casa passaram grandes nomes da Congregação: Madre Maria Teresa de Saldanha, sobrinha da Madre Fundadora, Madre Maria Amada de Lima e Lemos, Madre Maria Osana Dias Vieira, Madre Maria Imelda Bressane Leite Perry, Madre Maria Joana Martins, mulheres cheias de sabedoria e caridade que trataram, administraram, ensinaram, evangelizaram. Tornaram-se muito queridas quer dos médicos, quer dos doentes.

As Irmãs continuam a exercer a sua missão junto dos doentes e suas famílias, funcionários e pessoal de saúde.

Em 30 de Dezembro de 1998, a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa atribuiu à Congregação – Comunidade Dominicana de Sant'Ana – o «Medalhão de Honra de Prata» como testemunho de apreço e reconhecimento.

Pouco a pouco, e de acordo com as leis vigentes, a Congregação foi-se expandindo no território nacional.

Tentaram também estabelecer-se num Hospital de Crianças no Rego, em Lisboa, como refere a Madre Fundadora: «No Rego, hospital de crianças, pertencente à Marquesa do Faial, as nossas Irmãs irão lá, mas, de momento, é inútil pensar em estabelecer lá uma comunidade religiosa.» [123] Contudo, devido à hostilidade que se fazia sentir contra as religiosas, não puderam manter essa acção por muito tempo.

Casa do Sagrado Coração de Jesus, Nogueiró, Braga – 1913

Esta Casa do Nogueiró aparece referida no início da acta do Conselho Geral de 26 de Maio de 1913: «A Madre Maria Teresa disse que tinha tratado do negócio da casa do Nogueiró com Monsenhor João Pedro Airosa, e com o Padre João de Barros, que se prontificaram a olhar pela casa, encarregando-se o segundo de administrar e melhorar tanto quanto pudesse a dita propriedade.

Abriu-se uma Comunidade para as Irmãs doentes. Foi sua Superiora a Irmã Maria de Deus Costa Ribeiro. Durante muitos anos a casa foi sustentada com a pensão da Madre Maria do Loreto Lobão. À morte desta, ocorrida a 21 de Novembro de 1935 e devido a imensas dificuldades financeiras, a casa foi fechada em Janeiro de 1936.

Esta casa foi alugada aos Padres Agostinhos, espanhóis, por 600$00 mensais.[124] Na década de noventa do século XX foi vendida e já não pertence à Congregação.

Casa do Menino Jesus de Praga, Porto – 1914

Em 1914, devido aos imensos pedidos que vinham da população dos subúrbios da capital do Norte, e à oferta da Senhora Viscondessa da Pesqueira, que disponibilizou uma casa

---

[122] Carta da Madre Fundadora à Madre Maria Catarina Roth, A.G.C., Doc. 10, k.

[123] Carta da Madre Fundadora à Madre Maria Catarina Roth, A.G.C., Doc. 10, k.

[124] Cf. Crónicas, A.G.C., Livro 13.

com a condição de nela se abrir uma pensão para senhoras, a Congregação voltou ao Porto. O local e a obra eram diferentes. Além da pensão, as Irmãs abriram uma escola para crianças pobres que era custeada pelas verbas da pensão. A primeira prioresa desta casa foi a Madre Maria Madalena de Lima e Lemos.

Aí permaneceram as Irmãs até 1939 dedicadas inteiramente às suas crianças, às suas senhoras e às suas obras de apostolado e de caridade.

No Porto também estiveram Irmãs no Hospital da Ordem Terceira de São Francisco, de 1913 a 1916. Deixaram a obra, apesar de serem estimadas pelos doentes e pela direcção, porque não tinham condições para seguir os seus actos de Comunidade.[125]

Clínica Operatória Dr. Casimiro Vasconcelos, Viseu – 1915

Na acta do Conselho Geral de 27 de Abril de 1915 pode ler-se: «A Madre Geral falou na proposta que há tempos tínhamos de um médico de Viseu, Dr. Vasconcelos, para irmos dirigir uma Casa de Saúde que ele vai abrir por sua conta»[126]. Depois de se examinarem as condições, ficou resolvido que a Madre Maria Imelda Leite Perry sairia de Salamanca e tomaria conta da direcção da dita casa em Viseu, para onde partiria no dia 3 de Maio com as Irmãs Maria Quitéria Gomes e Maria Helena Teixeira.

A Madre Maria Imelda foi substituída pela Madre Maria Osana Vieira que foi a grande animadora da obra.

Alguns anos depois, tendo necessidade de mais Irmãs para outras casas, a Madre Geral pensou em retirar as que estavam em Viseu. Porque, além da necessidade, entendia que o número das Irmãs nunca poderia aumentar bastante para que haja vida regular. Assim, votou-se a saída das Irmãs.

Contudo, em Setembro a Madre Geral fazia saber ao Conselho que o Director da Clínica estava pronto a receber Irmãs fracas e doentes, a fim de recuperarem as forças e que lhe pedia para tomar aquela casa como benfeitora da Congregação, mas que lhe não tirasse as religiosas. Além disso, soube pelo Senhor Bispo e outras pessoas que as Irmãs eram muito bem vistas em Viseu e que era pena retirar as Irmãs.[127]

Portanto, apenas quando a Madre Maria Osana foi para Salamanca é que se fechou a casa, em 1919. Durante os anos em que as Irmãs estiveram na cidade de Viseu, foram incansáveis enfermeiras realizando grande bem e sendo muito queridas junto do povo.

As fundações em Portugal após a morte da Madre Fundadora

Casa do Sagrado Coração de Jesus, Lousã – 1920

A sucessora da Madre Fundadora, Madre Maria José Soares de Albergaria, segunda Superiora Geral da Congregação, fundou, em 1920, na Lousã, um colégio que substituiu o antigo Colégio de São José em São Domingos de Benfica.

---

[125] Actas do Conselho Geral, 27 de Abril de 1915, A.G.C., Doc. 202.

[126] Idem.

[127] Actas do Conselho Geral, A.G.C., Doc. 202.

Foi prioresa desta casa a Madre Maria Teresa de Saldanha que aí muito trabalhou juntamente com a Madre Maria de São João Evangelista de Lima Vidal.

Em 1921 surgiram as primeiras dificuldades, o Inspector Geral foi visitar o colégio e obrigou as Irmãs a fechar a capela por ser contra a lei vigente no país. Caso não o fizessem eram obrigadas a retirar-se do colégio.

Este colégio formou, durante quinze anos, inúmeras jovens de Lisboa, especialmente filhas de senhoras que foram alunas do Colégio São José de Benfica, que muito bem queriam às Irmãs. Foram alunas deste Colégio a Madre Maria de São Paulo Frias de Carvalho e a Madre Maria Inês Macedo.

No mesmo local abriram as Irmãs uma escola gratuita, *Florinhas da Serra,* que educava e alimentava crianças pobres.

A Congregação deixou Lousa em 1935.

Casa de São José, Coimbra – 1922

O Colégio de São José foi fundado pela Superiora Geral, Madre Maria José Soares de Albergaria em 1 de Novembro de 1922. Durante alguns anos teve anexo um Lar para alunas universitárias e da Escola Normal. Iniciou com o ensino primário, estendendo-se progressivamente a todos os outros níveis.

É um estabelecimento pequeno o que proporciona um ambiente familiar de conhecimento personalizado de cada um dos alunos e de respeito por cada elemento da comunidade educativa que procura testemunhar e divulgar os valores evangélicos.

O seu projecto educativo tem como centro «Educar para a Vida», através da formação religiosa, cultural e humano-social.

Funcionou durante alguns anos no Palácio dos Grilos. Mais tarde, passou para um prédio alugado na Rua Frei Tomé de Jesus, n.º 11, à Conchada.

A Madre Maria do Sameiro Marques, uma grande pedagoga, foi durante muitos anos Mestra de aulas, sendo conhecida em toda a cidade, pela sua acção educativa e por ter um coração aberto às necessidades dos mais pobres.

A Irmã Maria Rosa Monchique Sacramento, falecida em 1978, quando era Secretária Geral, foi aluna deste colégio.

O colégio tem, desde a década de noventa do século passado, contracto de associação e um regime de coeducação. Alguns dos seus alunos foram pelo quinto ano consecutivo vencedores do Jogo do 24 de Matemática, numa edição que conta com 6.800 alunos de 1.633 escolas básicas dos 2.º e 3.º ciclos de todo o país. Trata-se de uma iniciativa apoiada pelo Ministério da Educação para desenvolver o gosto pela Matemática, promovendo a sua aprendizagem de uma forma lúdica.[128]

É uma comunidade que tem manifestado, ao longo dos tempos, uma grande característica dominicana, o acolhimento: a pessoas das mais diversas classes sociais, às Irmãs de que por lá passam e apoio a pessoas que estão no hospital da cidade. Além das actividades exigidas pelo internato e externato, desde a infantil até ao 12.º ano, as Irmãs dedicam-se ao apostolado no meio do bairro e ao trabalho pastoral: catequese, liturgia e visita aos doentes.

---

[128] Cf. *Jornal de Coimbra*, 17 de Abril de 2002.

Casa de Nossa Senhora de Fátima, Leiria – 1924

A pedido de D. José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria, e por ele patrocinado, cedendo uma das casas da diocese, na Rua Padre António, n.º 11, a Congregação abriu uma escola a 7 de Novembro de 1924, com a designação de Patronato.

Da crónica da fundação extraímos: «Voltámos a casa do Senhor Bispo; íamos com imenso desejo que nos desse a chave e a Madre Maria Amada perguntou-lhe quando é que poderíamos ir, disse-nos quando quiséssemos que a casa era nossa. No dia 16 fomos outra vez a casa do Senhor Bispo, sempre amável, lembrando-se de tudo o que nós poderíamos precisar, deu-nos uma bênção particular, e com ela já fomos para a nossa casa.»[129]

De início eram apenas quatro meninas. Este número aumentou muito, dizendo algumas fontes que, no ano seguinte, eram já cinquenta alunas.

A Superiora Geral, Madre Maria José Soares de Albergaria, nomeou para superiora da casa a Madre Maria Amada de Lima e Lemos.

Desde o início houve, no colégio, alunas internas e externas.

Em 1973 passou a ter coeducação no 1.º Ciclo e em 1987/88, no 2.º e 3.º

Na Rua Ernesto Korrodi, muito próximo, foi aberto, em 1963, um Lar de apoio às alunas que deixavam o colégio depois do 9.º Ano. Daí, elas continuavam o seu estudo frequentando o Liceu Rodrigues Lobo, a Escola Secundária Domingos Sequeira ou o Magistério Primário, situadas estas últimas escolas na mesma rua. Fechou em 1979.

De 1979 a 1986 o velho edifício do Colégio foi totalmente remodelado.

Fechou o internato no final do ano lectivo de 1998, por não se justificar, dando o seu espaço lugar a um Centro de Recursos Educativos, construído em 1998/99.

Em 1990, o Colégio passou a ter paralelismo pedagógico por tempo indeterminado e em 1998, autonomia pedagógica. A partir de 1987/88 fez contrato simples com o Estado, conseguindo, assim, ajuda económica para os alunos mais carenciados, que até lá já eram apoiados pelo Ministério, caso a caso. Em 1996 pediu o Contrato de Associação, passando a ter um apoio total, com ensino gratuito, para todos os alunos do 2.º e 3.º Ciclos. O Conselho de Pais, criado em 1993, deu lugar à Associação de Pais que foi homologada no *Diário da República*, em 1996.

Nesta casa foi celebrado o Capítulo Geral de 1928, onde foi eleita a Madre Maria Teresa de Saldanha, sobrinha da Madre Fundadora.

Depois da remodelação de 1980, devido às boas instalações do internato, foi aqui celebrado o Capítulo Provincial de 1990 e o de 1993. Aqui se realizaram, ainda, vários Encontros e Acções de Formação a nível de Província.

O Aspirantado teve, nesta casa a sua sede, desde 1978 a 1989.

A Comunidade realiza uma intensa Acção Pastoral com os alunos, inserida na diocese e paróquia. Exerce também uma evangelização indirecta através de actividades, com mensagem, a nível de expressão dramática e de dança, totalmente abertas à Comunidade local. Com os alunos tem promovido acções concretas de solidariedade a favor dos desprotegidos da Comunidade local, de África e de Timor. D. Ximenes Belo, primeiro bispo de Timor e Prémio Nobel da Paz 1996, visitou o Colégio no dia 22 de Maio de 1997.

---

[129] Cf. Crónicas da Fundação, 1924 -1926.

Além de uma fecunda acção educativa, as Irmãs desta Comunidade estão activamente inseridas na pastoral, catequese paroquial, liturgia, visita e comunhão aos doentes e velhinhos.[130]

Casa de São José, Casa-Mãe, Braga – 1928

Em 1928, com o encerramento da Casa de Salamanca, Espanha, a Casa Mãe e o Noviciado foram estabelecidos em Braga, num edifício comprado pela Congregação, próximo do Colégio da Regeneração, na Rua dos Pelames, n.º 8, onde se abriu também uma grande escola para crianças pobres.

No dia 22 de Outubro de 1928 chegaram a Braga as noviças: «Depois de uma longa viagem, de mudanças em estações de comboio, desembarcámos em Braga, que nos era totalmente desconhecida. Quando entrámos na portaria, Madres e Irmãs que não conhecíamos, abriram-nos os braços para nos receber com muita alegria e verdadeira fraternidade.

Estávamos todas ansiosas por conhecer a Madre Geral. Ei-la que chega. Abraça-nos com a força do seu espírito e do seu coração, mas com a fragilidade do seu corpo. E dentro sentiamo-nos suas filhas, submissas, respeitosas, dedicadas, prontas para tudo...»[131]

Só nos primeiros dias de Novembro as noviças e a sua mestra foram à casa do Noviciado na Rua dos Pelames, nº. 8, perto da Regeneração. A bênção da casa foi no dia 5 de Dezembro. Aí se instalou também a sede da Congregação.

Foi nesta casa que adoeceu, em 1930, a Madre Maria Teresa de Saldanha, então Superiora Geral. Foi nesta casa que foram recebidas com muita amizade, festa e alegria, no dia 7 de Setembro de 1934, as duas primas Irmã Maria de São Luís de Beltrão Urbani e Irmã Maria de São Tomás Cochrane, depois de vinte e quatro anos de permanência numa Congregação dominicana em Inglaterra, para onde tinham ido em 1910.

No dia 22 de Dezembro, chegaram as primeiras postulantes: Maria da Trindade Pereira[132] que já há dois meses aguardava na Casa do Pinheiro da Bemposta e Matilde Ferreira[133], dentre outras. Durante vários anos esteve aqui o Noviciado sendo Mestra de Noviças, primeiro a Madre Maria Cecília Correa de Sá e depois a Madre Maria Catarina de Sena Arantes.

A primeira prioresa foi a Madre Maria da SS.ma Trindade de Castro Alcoforado

No dia 29 do mesmo mês abriu-se uma aula para crianças pobres.

A casa fechou quando o Noviciado foi transferido para o Ramalhão em Sintra no ano de 1942.

Casa de Santo António, Pinheiro da Bemposta – 1928

---

[130] Nota da Irmã Maria Manuel Fonseca, Março de 2002.

[131] Crónicas da Congregação, A.G.C., Livro 12.

[132] Trindade Pereira, tomou o nome de Irmã Maria Catarina de Ricci. Era tia da Madre Maria do Socorro Costa e tia avó da Irmã Maria do Rosário Ferreira.

[133] Matilde Ferreira, tomou o nome de Irmã Maria de São Miguel.

Em 1928 nascia no Pinheiro da Bemposta uma obra social fundada pela benemérita D. Maria da Conceição Maldonado Pereira[134], professora primária nesta terra, destinada a proteger crianças e raparigas pobres de modo a dar-lhes formação doméstica e ensiná-las a ler. Para dirigir a obra, D. Maria da Conceição convidou as Irmãs da Congregação.

A Superiora Geral, Madre Maria José Soares de Albergaria, deu parte às Madres do Conselho da proposta dessa fundação, referindo que esta senhora, já benfeitora da Casa do Nogueiró, se comprometeu a dar casa, mobília, sustento às Irmãs, com a única condição de se abrir uma aula para crianças pobres. O Conselho anuiu ao pedido e em Junho de 1928 já as Irmãs se encontravam nessa localidade, abrindo uma escola para crianças pobres, externas.[135]

Os primeiros estatutos do Patronato datam de 21 de Junho de 1932 e dizem que é uma associação de beneficência com o fim de ministrar gratuitamente a crianças pobres, educação profissional, moral e religiosa e instrução primária às que dela carecerem. Para atingir o seu fim, estabelecerá um jardim e escolas infantis para crianças dos quatro aos sete anos, uma escola profissional de artes femininas, uma escola de instrução primária e um recreatório aos domingos e feriados para todas as meninas da localidade indistintamente.

De facto, foi nesta casa que muitas senhoras do Pinheiro aprenderam a ler, a escrever e desenvolveram actividades e lavores femininos.[136] A grande impulsionadora desta obra foi a Irmã Maria de Santa Cruz Barbosa Estácio, que se dedicou com grande talento e amor às crianças e às sua famílias.

No ano de 1956, depois de vinte e oito anos de presença, as Irmãs abandonaram esta obra devido à degradação do edifício. «Esta situação causou desgostos e lamentos, não só à população do Pinheiro, mas também da vizinhança, já que muitas das suas meninas se fizeram mulheres graças à formação profissional e moral, recebida no Patronato. Pontificavam os "labores de costura", constituídos essencialmente por trabalhos de rendas e bordados.»[137]

Acerca dos benefícios desta casa escreveu o jornalista António Magalhães: «Os pais adoravam esta obra que tão bem preparava o futuro das suas filhas. As raparigas da localidade logo começaram a colher incalculáveis benefícios. Dizia-nos há tempos uma senhora, hoje mãe extremosa e exemplar, que devia tudo quanto era àquela casa.»[138]

Após um interregno de dezanove anos, a Comunidade reabriu, em 1975, «graças a um punhado de abnegados pinheirenses, coordenados pelo pároco da freguesia Padre Manuel Silva,»[139] para logo encerrar, devido a dificuldades do imóvel.

Enquanto se restaurava a casa, foram aprovados novos estatutos por despacho de 24 de Junho de 1976, ficando consignada a «assistência à infância, dos três anos até à idade escolar; apoio à juventude na organização e orientação de actividades de tempos livres, (ATL).»[140]

---

[134] Nasceu a 8 de Dezembro de 1846 e faleceu a 7 de Dezembro de 1935.

[135] Actas do Conselho Geral, 13 de Abril de 1928, Livro 213.

[136] *Jornal Pinheiro da Bemposta*, Outubro de 1993.

[137] Adelino Martins, *A Voz de Azemeis*, 2 de Dezembro de 1999.

[138] *Terras de La Salette*, 31 de Outubro de 1974.

[139] Idem.

[140] Idem.

Concluídas as obras indispensáveis, as Irmãs regressaram em Janeiro de 1978, sendo Provincial a Irmã Maria Assunta Sousa Cruz, e assumiram a orientação do Jardim de Infantil.

Permanece actualmente uma Instituição sem fins lucrativos cujos apoios são dados pelo Centro Regional de Segurança Social de Aveiro e ainda pelo pagamento das quotas e mensalidades dos Sócios. Existe uma direcção à qual pertence a prioresa da casa.
Em 1998 foram inauguradas «as obras de remodelação total da casa-mãe do Patronato, só se aproveitando as paredes exteriores. No primeiro piso fizeram-se quatro quartos destinados às religiosas, capela, sala de estar e, no rés do chão, construiu-se um importante ginásio para recreio das crianças.»[141] O edifício aumentado e reestruturado, com excelentes estruturas para a creche acolhe agora bebés dos três meses aos três anos, proporcionando à população um valioso serviço.

As Irmãs, além do trabalho na obra, estão activamente empenhadas na pastoral paroquial, catequese, grupos de jovens e dão apoio e formação às Fraternidades Leigas da Família Dominicana.[142]

Casa de São Domingos, Bencanta – 1934

Na crónica da Casa Mãe de 9 de Junho de 1934 está escrito: «A nossa Madre Geral, Madre Maria de São João de Lima Vidal, partiu para Coimbra com a Madre Prioresa. Vão especialmente para ver um Asilo em Bencanta do qual nos oferecem a direcção e parece aceitável.» [143]

A inauguração da casa: «Asilo Escola Ribeiro Freire», um internato para meninas pobres, foi no dia 14 de Outubro de 1934. A sua primeira Prioresa, a Madre Maria Catarina de Ricci Pereira. A obra começou com seis órfãs internas dos 7 aos 10 anos e bastantes externas. A casa e a quinta eram lindas.

A casa fechou em 1938.

Casa de Santa Catarina de Sena, Estremoz – 1935

A pedido de D. Fernando Reynolds, sendo Superiora Geral a Madre Maria de São João Evangelista de Lima Vidal, as Irmãs tomaram conta de uma obra num antigo Convento de Agostinhos, em Estremoz, diocese de Évora, no Alentejo, no dia 2 de Setembro de 1935.

A primeira Comunidade era constituída por dez Irmãs, tendo como superiora a Madre Maria Catarina de Sena Arantes. A obra era um Asilo para crianças – Infância Desvalida – e tinha também uma secção para mulheres idosas. As Irmãs ensinavam às meninas externas: bordados, pintura e catecismo.

Trabalhou nesta casa, onde também faleceu a 29 de Agosto de 1938, a Madre Maria do Resgate Barros de Castro, sobrinha da primeira Vigária da Congregação.

---

[141] Idem.

[142] Nota da Irmã Maria das Dores Marques Antunes, Março de 2002.

[143] Crónicas da Congregação, A.G.C., Livro 13.

O internato de meninas foi extinto e a casa, um antigo convento agostinho, passou a ser um Lar de Terceira Idade. As senhoras idosas ocupam-se em trabalhos de mão, os quais são expostos e vendidos. Também rezam em comum, tendo muita devoção a Nossa Senhora da Viola. Grupos de jovens e escuteiros animam, de vez em quando, as tardes destas senhoras, com festas.

Em 1985 celebraram-se os 50 anos da estada das Irmãs nesta obra. Houve, pelas 11 horas, um grande cortejo de oferendas seguido de missa presidida pelo Senhor Arcebispo de Évora, D. Maurílio de Gouveia.

Em 1996 abriu-se a Creche de Santa Isabel e em 1999 um externato até ao 4.º ano.

As Irmãs, além da obra, dão catequese, fazem parte do Conselho Paroquial, animam grupos de jovens e visitam doentes.

Casa da Sagrada Família, Guarda – 1936

A pedido da D. Fausta Patrício Gouveia – antiga educanda do Colégio de Santa Joana de Aveiro – e presidente de uma Comissão de Senhoras e do Bispo da Guarda, D. José Mattoso, a Congregação assumiu, no mandato da Madre Maria de São João Evangelista, a direcção do Asilo de Infância Desvalida, na cidade da Guarda, em 8 de Dezembro de 1936. A primeira superiora da casa foi a Madre Maria das Mercedes Ruiz.

Eis algumas das condições propostas: às Irmãs incumbe a formação moral e religiosa das crianças e a direcção interna da casa. O asilo dará às Irmãs: cama, mesa, roupa lavada, médico e medicamentos e uma pequena quantia mensal.

A obra tem-se mantido ao longo dos anos, adaptando-se às novas exigências da sociedade. Deixou de ser asilo e passou a ser casa, lar, onde muitas centenas de crianças e jovens têm recebido o carinho e o amor que lhes faltou na família. Têm tido oportunidade de estudar até poderem ser integradas na sociedade, constituindo a sua própria família.

Além do internato, há uma ajuda às famílias através das Actividades de Tempos Livres, onde muitas crianças ocupam o seu tempo pós-escolar.

Muitas Irmãs se dedicaram às crianças nesta obra, em tempos de muitas carências e dificuldades. Ficou, porém, conhecida em toda a cidade a Madre Maria da Penha Manjón Palomero que, ao longo de muitos anos, aí se entregou manifestando grande iniciativa e capacidade de influência em prol do desenvolvimento da obra. A cidade da Guarda reconheceu a sua muita caridade ao homenageá-la e ao dar o seu nome a uma praça.

No ano 2001 a Casa da Sagrada Família foi notícia nos jornais da cidade pela homenagem prestada pelo Rotary Club da Guarda: «Vamos homenagear a Irmã Maria Regina e a Casa da Sagrada Família da Guarda atendendo a que é o Ano Internacional do Voluntariado e também porque o lema do Rotary para este ano é "A Humanidade é a nossa missão". Feita a junção destes dois lemas entendemos que devíamos agradecer e

homenagear alguém que com a sua intervenção humanitária se destacasse na Guarda. A nossa opção recaiu sobre a Casa da Sagrada Família e sobre a sua directora a Irmã Maria Regina Andrade.»[144]

---

[144] SIMÕES Victor, *A Guarda*, 28 de Setembro de 2001.

Casa de São Domingos do SS mo Rosário, Fátima – 1939

Em 1939, o Senhor D. José Alves Correia, Bispo de Leiria, cedeu às Irmãs uma casa na Cova da Iria para receber as Irmãs idosas e doentes. Para ajudar à manutenção da casa, as Irmãs começaram a acolher peregrinos. Esta casa foi a primeira Comunidade religiosa em Fátima. A sua primeira superiora foi a Madre Maria Amada de Lima e Lemos, que iniciou o trabalho com os Servitas de Fátima. Durante muitos anos, sempre houve uma Irmã a atender os doentes no Santuário de Fátima.

Algum tempo depois, o Senhor Bispo precisou da casa e a Congregação iniciou a construção de um edifício novo. Foi inaugurada no Ano Santo de 1951.

No tempo em que era superiora a Madre Maria do Sagrado Coração de Jesus Valente e, a pedido do Senhor Bispo, abriu-se uma escola para crianças pobres, a quem se dava uma refeição diária. A Irmã Maria Benigna Faria foi, durante muitos anos, uma exímia educadora no Externato de São Domingos.

A Comunidade, além de atender aos peregrinos e à escola, dispensou, durante anos, uma Irmã para atender doentes no Santuário.

De 1978 a 1984, sendo a Madre Maria Cecília de Siqueira, Superiora Geral, foi aqui a sede da Congregação. O Noviciado também ficou nesta casa de 1978 a 1989, sendo Mestra de Noviças a Madre Maria Fernanda Rafael Pires.

Duas Irmãs da Casa de Fátima prestaram, durante muitos anos, os seus serviços no Convento dos Padres Dominicanos.

Pelos anos de 1965 a 1980, estiveram as Irmãs, em Aldeia Nova, a cuidar e educar rapazes pobres da Obra do Padre Gil, Dominicano. Pertenciam à Comunidade de Fátima.

Nesta casa têm-se realizado alguns Capítulos Gerais, retiros, encontros a nível da Congregação e da Província de Nossa Senhora do Rosário. Muitos peregrinos e grupos nacionais e internacionais procuram-na para encontros de oração, estudo e reflexão.

Casa de São José, Lisboa – 1938

Em 1938, sendo Superiora Geral a Madre Maria Rita Lecor Buys, abriu-se, na Rua Angra do Heroísmo, em Lisboa, o Externato de São José. O espaço tornou-se pequeno para o número de utentes. O Externato foi transferido para a Estrada da Luz, no dia 23 de Outubro de 1952, esperando a construção de um novo edifício.

No dia 8 de Julho de 1956 realizou-se o lançamento da primeira pedra da nova casa na Avenida das Descobertas, ao Restelo, em Lisboa. Presidiu ao acto D. Manuel dos Santos Rocha, Arcebispo de Mitilene.

No novo espaço do Externato de São José, abriu-se o ano lectivo no dia 15 de Outubro de 1958. A Madre Maria Rita Lecor Buys, então prioresa, alegrou-se por se realizar o grande sonho de restaurar em Lisboa um estabelecimento de educação que substituísse o de Benfica. A Madre Maria do Perpétuo Socorro Costa foi, durante muitos anos, a Mestra de Aulas, dando um grande impulso à formação religiosa e humana das alunas.

O colégio leccionou desde a Infantil até ao 12.º Ano. À presente data lecciona desde a Infantil até ao 9.º ano em regime de coeducação e com contrato simples.

Na década de sessenta do século passado, foi sede do Aspirantado. Várias dezenas de jovens aqui esclareceram a sua vocação. Na época era também sede de Juniorado, sendo

Mestra de Juniores a Madre Maria Assunta de Sousa Cruz. De 1988 a 1999 foi sede do Noviciado, sendo Mestra de Noviças a Irmã Graça Maria de Jesus Roque.

Desde 1976, a Casa de São José do Restelo é a sede da Província de Nossa Senhora do Rosário e aí se têm realizado alguns Capítulos Provinciais, tomadas de hábito e profissões.

A Comunidade, além do esmerado trabalho na educação e formação de seus alunos, também se tem dedicado a actividades pastorais em Algés e no Bairro de Caselas. As portas desta casa estão sempre abertas a grupos de reflexão, retiros, conferências, encontros de estudo e de formação.

Casa de Nossa Senhora do Sameiro, Braga – 1939

No mandato da Madre Geral, Madre Maria Rita Lecor Buys, em 1939, abriu-se uma Comunidade próxima do Santuário de Nossa Senhora do Sameiro em Braga. As Irmãs foram solicitadas para prestar serviços no Santuário de Nossa Senhora tomar e administrar a Casa das Estampas.

De 1969 a 1981 estiveram também ao serviço do Centro Apostólico, uma casa de retiros e encontros, da diocese.

Deixando o Centro Apostólico, as Irmãs continuam na Casa das Estampas exercendo o seu apostolado de acolhimento e orientação aos peregrinos que por ali passam e colaborando no serviço do Santuário.

Casa de São José, Ramalhão, Sintra, 1941

Em 1941, a Superiora Geral, Madre Maria Rita Lecor Buys sentiu a necessidade de transferir a Casa-Mãe e o Noviciado de Braga, onde se encontrava desde 1928.

Para esse fim comprou a casa e Quinta do Ramalhão, um palácio do século XVIII com o seu estilo neoclássico, nas proximidades de Sintra, onde esteve desterrada a rainha D. Carlota Joaquina, mulher do rei D. João VI. Aí se estabeleceu a Casa Generalícia da Congregação, o Noviciado e um colégio de meninas.

É uma bela quinta com recantos extraordinariamente aprazíveis pela variedade do seu arvoredo e a frescura dos seus lagos. Local convidativo à reflexão, à meditação, ao Noviciado.

As primeiras oito Irmãs entraram nesta casa no dia 8 de Setembro de 1941. A mudança do Noviciado realizou-se, de comboio, no dia 28 de Dezembro de 1941. Inicialmente, as Irmãs assistiam à missa no Colégio da Gandarinha, depois tiveram como capelão Frei Jordão de Oliveira, OP.

Ao longo de muitos anos, centenas de jovens aqui deram os primeiros passos na vida religiosa. Algumas partiram... Guardaram, contudo, a memória de um lar enorme, onde muitas mulheres vestidas de branco louvavam a Deus, com alegres cânticos, no silêncio e no convívio. Outras professaram e seguiram felizes os caminhos onde Deus as colocou ao Seu serviço. Foram Mestra de Noviças nesta casa a Madre Maria Inês Macedo, Madre Maria de São Pedro Ferreira, Madre Maria Emanuel Vaz Mota, Madre Maria de São Tomás de Aquino Figueiredo, Madre Maria Assunta Sousa Cruz, Madre Maria Manuela dos Anjos.

Na capela, com os símbolos da rainha pintados no tecto e o grande Cristo Crucificado, feito de pano e gesso, outrora venerado pelas Dominicanas no Convento de Salvador, em

Lisboa, realizaram-se muitas cerimónias de tomadas de hábito, profissões e procissões... O coro, com as suas duas filas de estalas, enchia-se de Irmãs a salmodiar e a cantar as Horas do Ofício. Em silêncio, seguiam as Irmãs pelos estreitos corredores, decorados de azulejos com símbolos dominicanos, até ao átrio. Aí, no lindo fontanário, praticavam o rito da purificação das mãos e rezavam o *De profundis*. Em seguida, entravam em procissão no enorme refeitório, onde, após as orações próprias, tomavam frugais e simples refeições, ao som da leitura de vidas de santos ou da liturgia dominicana.

Espaço importante era também a Sala do Capítulo onde semanalmente se realizava o capítulo das culpas e que era um convite à perene conversão e reconciliação comunitária. Nas solenidades, o capítulo das culpas era substituído pelo capítulo das graças. Está hoje nesta sala a maior biblioteca da Congregação.

O poema da Madre Teresa Catarina d'Almeida Correia de Sá descreve-nos o seu ambiente:

Recordando

Quando um dia mais tarde e sendo já velhinha
Ouvires, ao recreio, falar do Ramalhão,
Recordarás o tempo em que, amimadinha,
Vivias no aconchego do velho casarão...

Quantas coisas então te virão à memória
E que, já esquecidas, te lembram nesse dia.
Tantas Irmãs e Madres... e tanta velha história...
E tanta amizade... e tanta alegria...

Pouco a pouco o passado, como ressuscitando,
Fará de ti, velhinha, noviça outra vez.
Parecer-te-á de novo estares ainda estudando
As Constituições, Escritura ou Francês!

Verás o Ramalhão com a sua velha entrada
Lá está a portaria, a sala, o dormitório
Tornarás a rezar junto ao «Pai da escada»[145]
E entras, como dantes, no grande refeitório.

Indo depois ao Coro, como em tempos passados,
Começas, tu também, de novo a salmodiar...
Pela capela abaixo, com passos apressados,
Vês vir a sacristã, contas a tilintar.

Saindo ao terraço no alto das escadas
Verás que o recreio ainda ali se faz

[145] Imagem de São Domingos que pertenceu à Madre Fundadora e tem estado sempre na sede da Congregação. Era tradição rezar diante dele a pedir vocações.

E ouvirás, de novo, alegres gargalhadas
Como davas também, tantos anos atrás.

Ainda é o mesmo sino, apesar de antigo,
Que chama lá da torre, para irem rezar.
Ao ouvir o seu som, será como um amigo
Que após muitos anos, tornas a encontrar...

Como folhas dum livro passa na tua mente
A vida de noviça, como bela visão...
E quando te falarem, verás que, de repente,
Te custará a crer não estares no Ramalhão!

Sendo a sede da Congregação, o Ramalhão foi local de muitas chegadas e de muitas partidas. Aí vivia a Madre Geral e se celebraram muitos Capítulos, Encontros de Família onde o clima que se respirava era de muita alegria e festa de Irmãs que chegavam, de Irmãs que partiam.

Nesta casa a alegria era contínua. Tinha, porém, os seus pontos altos nos regozijos e nas festas em que se revelavam verdadeiros talentos em peças teatrais e improvisações, provocando a par das gargalhadas a fraterna comunicação.

No dia 22 de Janeiro de 1987, porém, a casa encheu-se tristeza. Um grupo de Irmãs regressavam de Fátima de um Encontro de formação, num carro conduzido pela Madre Geral, Madre Maria do Perpétuo Socorro Costa, quando, perto da Asseisseira, a viatura se despistou. Morreu de imediato a Madre Geral, a Madre Maria do Sagrado Coração de Jesus Valente, e as Irmãs Maria de S. João da Cruz Ferreira e Maria Deolinda Fernandes. Apenas sobreviveu a Ir. Maria da Natividade Pereira.

Toda a Congregação sofreu, com pesar, este imenso choque. As quatro urnas foram colocadas no ginásio do colégio para a celebração das exéquias presididas pelo Senhor D. António Baltasar Marcelino, bispo Auxiliar de Lisboa.

O Colégio de São José do Ramalhão

Na década de quarenta, do século XX, viviam-se momentos difíceis de crise e de incerteza em plena Segunda Guerra Mundial e suas sequelas. Apesar disso, o colégio abriu no dia 15 de Outubro de 1941, e conseguiu subsistir.

Das grandes salas de baile do palácio, com frescos ornamentais, fizeram-se dormitórios; da sala toda decorada, com motivos da floresta brasileira – sala da floresta – fez-se o refeitório.

Pelos seus corredores e nas suas salas milhares de jovens cresceram, procurando encontrar e viver a Verdade, que sempre lhes foi apresentada como um valor.

Ao longo dos anos o Colégio conheceu mudanças de regímen, reformas educativas, alterações de sistemas. Procurou evoluir, adaptar-se, criar novas perspectivas, abrir-se a situações diferentes e a modernas tecnologias. Contudo, não perdeu a sua identidade, não esqueceu o seu objectivo: a formação integral das alunas.

De cada uma das suas alunas quer o colégio fazer uma Mulher, uma cidadã do Mundo, uma profissional de sucesso, uma chama acesa na sua casa e na sua Comunidade. A cada uma procura ensinar a escolher o melhor e a viver de acordo com a opção que fez.

Firme na Esperança, com a confiança e a certeza de São José e a Alegria e a Verdade de São Domingos, o Ramalhão guia-se por um Projecto Educativo que tem como centro a pessoa do aluno, a quem se dirige todo o esforço, a quem se pretende ajudar a formar uma geração que viva em autêntica fraternidade, solidariedade, liberdade, responsabilidade e compromisso por um mundo novo e melhor. Este projecto engloba: a formação na fé, a formação cultural e a formação humano-social de cada aluna. Em espírito de abertura e diálogo, de esforço e cooperação, para fomentar o autêntico sentido de Justiça e Verdade, de Bem e Amor.

O colégio constitui uma comunidade educativa que procura testemunhar os valores evangélicos de pensamento e conduta. «Impelidas pela fé, movidas pela força do Espírito, personalidades como a Madre Maria Rita Lecor Buys, a Madre Teresa Catarina d'Almeida, a Madre Maria de Santo Agostinho Pinto Basto Couceiro da Costa e outras Irmãs que as coadjuvaram, perscrutando os caminhos do futuro deram vida a um pequeno internato que em breve criou fama, progressivamente se alargou a alunas externas. Com a entrega sem reservas à Deus, à Igreja, à Congregação e à cada uma das suas pedras vivas, as Irmãs procuraram desenvolver, à altura da sua missão e das suas responsabilidades, uma obra significante no contexto educativo português.»[146]

Como tudo na vida, também o Colégio sofreu alterações ao longo destes anos de existência. Alterações nas normas de vida, no vestuário ou no regímen, alterações no horário, no corpo docente e discente, na maneira de estar na vida. Antes, as famílias vinham visitar as internas aos domingos e o Carnaval era passado no Colégio, hoje as internas saem todos os fins-de-semana. Mas, talvez, a maior mudança fosse a introdução gradual do regímen de coeducação.

O ensino estende-se até ao 12.º ano. Os alunos do 1.º e 2.º ciclos participam em ateliês que completam o conhecimento ministrado nas aulas. Para os do 3.º ciclo há aulas de apoio e actividades circum-escolares e todos podem inscrever-se em: desporto, ténis, dança, acrobática, piano, viola. Para formação integral contribuem as festas e viagens de estudo.

A quinta e a casa abrem-se a grupos de reflexão pastoral e de escuteiros. Além da acção educativa no Colégio, as Irmãs, ao longo dos anos, dedicaram-se: à catequese nas localidades circundantes – São Pedro, Ranholas, Rio de Mouro, Abrunheira, Linhó, à visita aos pobres e presidiários.

Casa de Nossa Senhora de Fátima, Funchal, Madeira – 1953

Em 1948, a Madre Maria Rita Lecor Buys foi à Madeira estudar a possibilidade da Congregação aceitar uma obra de regeneração que lhe foi proposta. Contudo, foi só em 1953 que as Irmãs abriram a primeira Comunidade no Funchal, ilha da Madeira.

Assumiram a responsabilidade do Abrigo de Nossa Senhora de Fátima, uma casa para crianças e jovens com problemas sociais, uma obra da diocese. A primeira superiora da Comunidade foi a Madre Maria de São Tomás Figueiredo.

---

[146] Maria Lúcia de Carvalho Nobre, *Ramalhão 50 anos*, 1992.

Inicialmente, as jovens viviam num regime de grande internato. Na década de oitenta, do século XX, houve uma remodelação da obra. Construíram-se pequenas vivendas. Em cada uma delas vivem catorze jovens acompanhadas por uma Irmã que as orientam.

Pretende-se com esta modalidade uma forma mais pedagógica de preparar as jovens para uma integração social plena. Num clima familiar e personalizado, com maior aproximação, intervenção, responsabilização e aprendizagem de tudo o que diz respeito à casa, se preparam as jovens para a sua integração, na sociedade.

Além de serem educadoras das jovens, as Irmãs dedicam-se também à catequese paroquial.

Casa de Santa Joana Princesa, Aveiro – 1953

A pedido do bispo de Aveiro, D. João Evangelista de Lima Vidal, voltaram as Irmãs, em 1953, a esta cidade, com uma obra diferente – Lar de Santa Joana Princesa – para estudantes e funcionárias, num edifício alugado na Avenida Dr. Lourenço Peixinho, n.º 128. A primeira superiora desta casa foi a Madre Maria de São João Evangelista de Lima Vidal.

Esta casa permitiu, pelo carácter social, que muitas jovens pudessem prosseguir os seus estudos liceais e o Magistério Primário. Além da animação espiritual das estudantes, as Irmãs têm-se dedicado, ao longo dos anos, à pastoral juvenil, vocacional, catequética e a visitar idosos e doentes.

Nos anos 1978 a 1980, a pedido de D. Manuel de Almeida Trindade, bispo da diocese, uma Irmã da Comunidade, dedicou-se a tempo inteiro à orientação dos estudos, por meio da Tele-escola, no Seminário Diocesano de Calvão, onde pernoitava durante a semana, vindo aos fins-de-semana à Comunidade onde estava assinada. Houve Irmãs que também deram aulas de Português, Francês e de Moral na Escola José Estêvão de ensino oficial. Outras estiveram na direcção da, Federação Nacional dos Institutos Religiosos Femininos (FNIRF) Regional.

Com a criação da Universidade de Aveiro, o Lar passou a ser para estudantes universitárias. Como a casa não apresentava as condições requeridas, a Província optou por construir um edifício novo no Bairro de São Tiago, perto da Universidade, que foi inaugurado em 1993, numa cerimónia presidida pelo bispo da diocese, D. António Baltasar Marcelino.

No dia 4 de Setembro de 2001, reabriu o Noviciado da Província de Nossa Senhora do Rosário. Foi escolhida esta casa para a sua sede e para Mestra de Noviças a Irmã Maria de Fátima Brazão Neves.

Casa da Imaculada Conceição – Coimbra, 1954

A Congregação, no intuito de responder a uma necessidade, abriu em Coimbra, na Rua Venâncio Rodrigues, um Lar para estudantes universitárias. Muitas gerações de jovens aí sentiram o acolhimento e ambiente familiar, propícios para os anos em que frequentavam a Universidade.

Esta casa era também um local de passagem, onde muitas Irmãs e Irmãos da Ordem Dominicana se sentiam acolhidos. A Congregação encerrou-a, em 1976.

Lar de Enfermeiras, IPO, Lisboa – 1957

De 1957 a 1963 estiveram as Irmãs, a pedido do Dr. Gentil Martins, à frente de um Lar de enfermeiras no Instituto Português de Oncologia, em Lisboa.

Casa de Santa Cecília, Funchal, Madeira – 1963

A família Zino transformou um hotel em hospital para crianças pobres – Fundação Cecília Zino. A pedido da família, a Congregação assumiu essa obra, em 1963, tratando muitas crianças doentes. A reincidência de crianças na casa, levou os fundadores e as Irmãs a tomarem uma decisão de transformar o hospital numa instituição de acolhimento a crianças com problemas sociais e familiares. Não valia a pena tratar, se as crianças em casa não tinham condições mínimas.

Assim, em 1981, fechou-se o hospital, recebendo a obra crianças a partir da Infantil em regime de internato.

As Irmãs organizam a catequese paroquial que têm a sua sede na Fundação Cecília Zino.

Casa do Menino Jesus, Avanca – 1969

Avanca é uma povoação da diocese de Aveiro com fortes tradições dominicanas. De lá vieram algumas vocacionadas para a Congregação e o Laicado Dominicano estava aí muito bem enraizado.

A Congregação recebeu, em 1969, o pedido da Fundação Benjamim Dias Costa para que as Irmãs assumissem a direcção de uma Creche e Jardim de Infância para crianças pobres, filhos de trabalhadores assalariados de Avanca, sobretudo dos operários das fábricas Adico e Nestlé.

A Madre Maria Jacinta Morais Gomes fundou aí uma pequena Comunidade, em Setembro de 1969, sendo a primeira superiora a Irmã Maria de Santa Rosa Atanásio de Almeida.

Ao longo dos anos muitas crianças têm recebido o carinho das Irmãs que passam a maior parte do tempo com elas. Hoje a obra é uma Instituição de Solidariedade Social (IPSS) e, apesar de estar aberta a todas as crianças da freguesia, mantém a sua opção pelas de famílias mais pobres.

Além dessa missão, as Irmãs dedicam-se à pastoral paroquial.

Casa de São Domingos de Benfica, Furnas – Lisboa 1973

Em 1973, Frei Carlos Santos, OP, prior da Paróquia de São Domingos de Benfica, pediu à Congregação Irmãs para colaborarem na paróquia. Foram disponibilizadas duas Irmãs que estavam todo o dia na paróquia, a primeira com as pessoas idosas e a segunda com os jovens. Não tendo ainda residência própria, iam diariamente pernoitar no Ramalhão.

Em 1974, a Comunidade, constituída por três elementos, passou a residir numa paupérrima casa do Bairro das Furnas – um bairro de barracas de lusalite – para melhor se inserirem. O trabalho das Irmãs era essencialmente junto das pessoas mais carenciadas da terceira idade. Faziam-lhes tudo: lavavam-nas, tratavam das suas coisas, limpavam-lhes as casas, levavam-lhes a comida.

Em 1986 as pequenas casas do bairro foram substituídas por prédios. As Irmãs aí continuam inseridas, vivendo agora num 3.º andar, onde acolhem, com verdadeiro espírito fraterno, muita gente na sua passagem por Lisboa.

A Irmã Maria Osana Correia de Almeida trabalhou, durante vários anos, como Educadora de Infância num bairro de caboverdianos e ciganos.

Há alguns anos, passaram a estar integradas na estrutura da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa que opera no bairro, e a Irmã Inês Agostinho foi então chamada a lidar com os mais novos, a ocupar as crianças nas Actividades de Tempos Livres[147] ATL. A Irmã Verónica Pires Jerónimo visita e dá apoio aos idosos. Além dessas actividades, dedicam-se à pastoral e catequese na paróquia.

Todos os anos, no Natal, confeccionam e servem uma refeição a todos os pobres e sem abrigo, previamente inscritos.

Casa de Santa Teresinha, Belida, Santarém – 1974

A Menina Maria, como era conhecida, quando esteve doente no Hospital da Parede, ofereceu à Congregação a sua casa e quinta em Achete, Santarém, na condição de as Irmãs cuidarem dela até ao fim da sua vida.

Abriu-se uma pequena Comunidade nessa casa, uma zona rural, onde as Irmãs estiveram desde 1974 até 1993, dedicando-se à catequese paroquial. Várias foram as Irmãs que por ali passaram, mas a que permaneceu mais tempo foi a Irmã Maria das Neves Ferreira Dinis.

Com a morte da senhora, as Irmãs retiraram-se.

Casa Madre Teresa de Saldanha, Castro Daire – 1975

Castro Daire é uma bela vila rodeada de montanhas e situada na beira Alta, entre Viseu e Lamego. Foi através da D. Teresinha Tavares, do Graal, que a Madre Maria Assunta Sousa Cruz soube do desejo dos jovens padres, Adriano Monteiro e José Abrunhosa, de terem uma comunidade de religiosas na sua paróquia, Castro Daire.

Depois de visitas, contactos e licenças, estabeleceram-se as Irmãs, primeiro em Lamelas, numa velha e degradada casa do Senhor Abade que tinha falecido. Mais tarde alugaram uma casa na vila, perto da igreja e da escola que mais tarde vieram a adquirir.

A Irmã Maria de Fátima Fernandes de Castro, vinda de Moçambique, concorreu e foi colocada como professora de biologia na Escola Secundária de Castro Daire. Acompanhou-a a Irmã Maria de Santo Aleixo da Costa Oliveira. Mais tarde juntou-se-lhes a Irmã Maria Manuela dos Anjos que, depois de estagiar em Viseu, foi colocada na Escola de Castro Daire.

---

[147] AIDO Paulo, *Voz da Verdade*, 7 de Outubro de 2001.

Várias Irmãs, com diversas actividades têm passado por esta Comunidade e dado a sua colaboração.

Além das aulas, as Irmãs dedicam-se à pastoral dos doentes, assistência à terceira idade, catequese. Procuram ser uma presença simples e fraterna junto do povo, na vila ou nas muitas aldeias espalhadas pelas serranias e vales.

Casa de Nossa Senhora das Neves, Dornelas do Zêzere – 1975

Apostando nas comunidades de inserção e respondendo a um apelo da professora e do pároco da terra, a Madre Maria Assunta de Sousa Cruz, enquanto Provincial, abriu, em 1975, uma Comunidade em Dornelas do Zêzere, uma pequena aldeia, rodeada de montanhas por todos os lados, e beijada pelo rio Zêzere, entre Pampilhosa da Serra e o Fundão, na Beira Baixa, diocese de Coimbra.

Uma bela paisagem a condizer com um povo extremamente acolhedor e generoso que vivia da agricultura, do trabalho nas minas da Panasqueira e da emigração. Os acessos eram difíceis, pois não havia estradas alcatroadas e no Inverno, quando o Zêzere subia acima da pequena ponte, a aldeia ficava isolada, qual ilha.

Inicialmente, a Comunidade era constituída por quatro Irmãs que rapidamente se sentiram acolhidas e queridas do povo. A Irmã Maria da Conceição (Irmã Maria de Santa Rosa Atanásio) dedicou-se generosamente como enfermeira no posto público e em visitas domiciliárias. Quantas pessoas curou, substituindo, com a sua experiência, o médico que não havia. Uma das Irmãs deu aulas no ciclo no Posto público da Telescola, outra dedicou-se às crianças no Jardim de Infância, outra acolhia, escutava as pessoas, era uma presença em casa. Além dessas actividades dedicaram-se à pastoral catequética e juvenil a que deram grande incremento.

As Irmãs estiveram nesta aldeia até 1985, deixando um testemunho evangélico de caminhada com o povo mais simples e mais só.

Casa de Nossa Senhora da Conceição, Portimão –1986

No dia 8 de Novembro de 1986, após 76 anos da saída de Lagoa, as Irmãs voltaram ao Algarve. Desta vez não para um antigo convento transformado em colégio mas para acolher e cuidar de crianças pobres e desprotegidas, em Portimão.

Como fundadoras fizeram parte da comunidade as Irmãs Maria Marta Neves – superiora, Maria da Trindade Ferreira do Carmo e Maria Leopoldina Vaz Sebastião. Por coincidência ou escolha a nova fundação deu-se 120 anos após a partida das primeiras Irmãs para a Irlanda. Fez-se memória do acontecimento com a leitura do texto da largada do *Galileu*.

Chegaram a Portimão pelas 12 horas, à Casa de Nossa Senhora da Conceição,[148] sua nova residência. Apresentados os cumprimentos à Ex.ma Direcção, foi celebrada a Eucaristia, seguindo-se o almoço e convívio. Subiram então as Irmãs às suas instalações –

[148] Cf. Livro de Crónica da Província de Nossa Senhora do Rosário, 1976.

um espaço muito pequenino. Aí foram lidas as cartas de nomeação da prioresa e assinado o contrato com a Direcção.

As Irmãs assumiram a Obra a fim de tomarem a seu cargo a administração interna da casa e a orientação pedagógica das crianças.

Foram muito bem acolhidas desde o início. Quando, pela primeira vez, a Madre Provincial, com outras Irmãs do Conselho, visitaram a casa, a fim de se estudar a possibilidade da ida das Irmãs, foram acolhidas pela Senhora D. Beatriz, uma funcionária. Esta, ao ver as Irmãs, antes de qualquer cumprimento, exclamou, elevando as mãos e os olhos ao céu: «Milagre!, há oito anos que ando a pedir a Deus que envie Irmãs para esta casa.» E antes de se despedir: «A minha Fé tem crescido, durante estes oito anos, mas, se as Irmãs vierem, eu digo: Deus está vivo!»

As Irmãs foram e ali têm permanecido até aos nossos dias, onde têm dado um grande testemunho de dedicação e amor. Prova disso são os sorrisos abundantes nos rostos das crianças.

Na realização da sua missão, as Irmãs sentiram, desde o início, e até ao presente, um grande acolhimento, carinho e colaboração, quer da parte das pessoas mais responsáveis, quer da gente mais humilde. Prova disso é a generosidade extraordinária com que o povo de Portimão agracia a Casa de Nossa Senhora da Conceição e a excepcional dedicação do actual Presidente da Direcção.

Em Dezembro de 1990, foram inauguradas novas instalações para a Casa de Nossa Senhora da Conceição, no Bairro Coca Maravilhas. Melhores condições de alojamento, no entanto mais afastadas do centro da cidade e da Igreja.

No dia 26 de Janeiro de 2002 o Lions Clube de Portimão homenageou na pessoa da Irmã Maria Marta dos Santos Neves a dedicação das Irmãs naquela obra.

Casa de Santa Maria, Nordeste, São Miguel, Açores – 1988

No dia 4 de Setembro de 1988, por volta das 2 horas da manhã, na Casa de São Domingos, em Fátima, procedeu-se ao Rito de Envio das Irmãs que iam formar a primeira Comunidade nos Açores. Eram as Irmãs: Maria Fernanda Cafofo, como prioresa, Margarida Tavares, Maria Letícia da Silva e Rosa Catarina Pereira Figueiredo.[149]

As Irmãs foram tomar a responsabilidade da Casa de Trabalho, fundada e ainda, nessa data, orientada pela Senhora D. Maria do Carmo Pacheco Monte, na vila de Nordeste.

Em Ponta Delgada, esperava-as o Senhor Presidente da Câmara de Nordeste, Sr. Eduardo Medeiros, também Presidente da Direcção da Casa de Trabalho e o Sr. António Fernandes, Secretário da mesma Direcção e Provedor da Santa Casa da Misericórdia. Ambos acompanharam as Irmãs até à vila.

Eram cerca de 15 h quando as Irmãs fundadoras, com a Madre Provincial e em manifesta curiosidade e alegria, chegaram ao seu destino. Foram acolhidas com grande honra e expressão de regozijo. Cá fora, à entrada, estavam as crianças, D. Maria do Carmo Monte, o Padre Agostinho, pároco da vila, outras personalidades e muito povo. As Irmãs foram recebidas com foguetes, banda de música, flores e uma passadeira de verdura.

---

[149] Cf. Livro de Crónica da Casa de Santa Maria, 1888.

Dentro da casa estava tudo muito bem preparado. Houve uma celebração da Eucaristia, uma sessão solene protocolar e almoço.

Em seguida, realizou-se a procissão de Nossa Senhora da Luz, a nível da Paróquia, na qual as Irmãs participaram, já com as meninas da Casa de Trabalho. Esta casa, acolhe crianças e jovens do sexo feminino, desprovidas de meio social adequado. Desenvolve ainda várias actividades de artesanato e mantém um Jardim de Infância.

Os primeiros tempos foram de descoberta e adaptação ao meio. Foram também de criteriosa e discreta transição, da orientação pedagógica e administração interna, da autoridade vigente para as Irmãs, continuando, contudo a funcionar a mesma Direcção.

Além da responsabilidade da Casa de Trabalho, as Irmãs começaram também a colaborar, na Pastoral da Paróquia e no Lar de idosos.

As instalações eram bastante precárias, mas em Dezembro de 1996, foi inaugurada uma residência própria para as Irmãs.

Sempre muito queridas, quer dos mais responsáveis, quer do povo, as Irmãs têm continuado a desenvolver, até aos nossos dias, com dedicação e reconhecido valor, grande serviço às crianças, àquela Vila, ao Reino de Deus.[150]

Capítulo IV
Memória da diáspora

A revolução republicana provocou na Congregação uma verdadeira diáspora. É a essa situação que se refere a primeira reunião do Conselho Geral, após a implantação da República, presidida pela Madre Fundadora e que teve lugar na Casa da Anunciada a 17 de Dezembro de 1910: «A nossa Madre Geral referiu-se aos tristes acontecimentos que se deram e testemunhou o seu grande pesar por ver a sua Congregação, trabalho de tantos anos e fruto de tantos sacrifícios, dispersa, mas tendo confiança de que, depois da tempestade, viria a bonança. A Madre expôs o motivo da reunião: ver o modo como conservar a Congregação.»[151]

Esta reunião, feita sob o choque da perseguição e no maior sigilo, foi um novo «Pentecostes» para a Congregação. O Espírito Santo abriu novos rumos à missão. As Irmãs sentiram a urgência de fundar casas no estrangeiro.

A fé, a confiança e a coragem foram maiores do que a apreensão dos primeiros momentos, os humilhantes interrogatórios do Arsenal da Marinha, a dispersão por estações de comboio e cais de embarque.

As Irmãs, unidas de alma e coração à sua querida Fundadora e cientes da sua consagração, procuraram por todos os meios dar continuidade à Congregação, em novos lugares de missão.

As solicitações não faltaram. A disponibilidade, o entusiasmo das Irmãs da «diáspora» também não. Mais uma vez, as circunstâncias e a atenção aos sinais dos tempos, levaram a Congregação a novos caminhos, a novas fronteiras. De Portugal e dos países onde as Irmãs estrangeiras se encontravam refugiadas – Irlanda, Inglaterra, França, Alemanha –

---

[150] Nota da Madre Maria Manuela dos Anjos, 12 de Janeiro de 2002.

[151] Cf. THIAUCOURT, *Madre Teresa*..., p. 699.

organizaram-se e partiram para novos lugares de missão: Brasil, Estados Unidos da América, Bélgica e Espanha.

A Madre Teresa de Saldanha, lúcida, de fé esclarecida, com a tenacidade e a prudência que a distinguiam e alimentada pelo ideal que deu sentido à sua vida, acompanhou solícita este novo capítulo da Congregação. Apesar da dor sentida, da idade avançada, da falta de forças físicas, empreendeu corajosamente a reorganização da Congregação e contemplou, serena, as suas filhas que levavam mais longe o seu sonho: «fazer o bem sempre e onde seja possível,» como refere: «Em poucos meses que volta levou a nossa Congregação!! Mas, não morreu! Jesus a salvou. Que desgostos, que aflições tenho tido e tenho! Bendito seja Deus. Ele me valha e dê coragem e força para lutar.»[152]

Em 1912 escrevia: «Vós sabeis, querida Madre Maria Catarina, que me considero bastante pouco merecedora de tantas graças, e considero-me um instrumento sem merecimento nas mãos de Deus! Quanto tenho sofrido ultimamente e que grande coragem é necessária para continuar esta grande obra! Só o amor de Deus, meu amado Esposo, me pode dar força para perseverar. Tudo em Benfica, casa, e todos os objectos que eu tinha, nos foram tirados e vendidos! Claro que a Madre Imelda e Maria José estão informadas de tudo isto. No dia 4 de Agosto tudo o que tínhamos na querida Benfica foi posto à venda pelo governo. Incompreensíveis os decretos do nosso bom Deus!» [153]

Casa de Nossa Senhora do Rosário, Rua Gomes Freire, Lisboa

A própria Madre Fundadora sentiu na carne o preço da diáspora. Obrigada a deixar Benfica, estabeleceu-se, em Janeiro de 1911, clandestinamente, com duas Irmãs, numa pequena casa de aluguer na Rua Gomes Freire, n.º 147, em Lisboa.

Esta casa tornou-se, durante vários anos, o local de acolhimento e passagem de Irmãs que aí iam renovar os seus votos ou partiam além-fronteiras. Com o tempo, devido à exiguidade da casa, alugou-se outra defronte para as Irmãs doentes.

Foi da sua diáspora que a Madre Fundadora governou a Congregação, reunindo mensalmente com alguns elementos do Conselho Geral, até à sua morte, como podemos verificar no livro de actas do Conselho da Congregação.

Em 1913 preocupava-a a sorte das Irmãs ainda fora das Comunidades: «No dia 23 de Junho de 1913 reuniu-se o Conselho Geral. Falou-se da necessidade de recolher todas as Irmãs de votos perpétuos com urgência, pois muitas estavam necessitadas, outras doentes e idosas. Resolveu-se enviar para Salamanca, as que não pudessem ir para o Brasil. »[154]

É deste local que a Madre Geral acompanha, passo a passo, os novos projectos, as novas decisões, os novos riscos que as suas Irmãs enfrentam.

Quatro meses depois da expulsão, o primeiro grupo da diáspora segue rumo a Baker City, Oregon, na América do Norte: «Inquieta, mas confiando em Deus, passei todos os dias desde o dia 11 de Fevereiro até ao dia em que o correio me trouxe o seu postal de Nova Iorque, datada de 19 de Fevereiro! O correio também me trouxe a carta da querida Irmã Mary

---

[152] Carta da Madre Teresa de Saldanha à Madre Maria de Santo Inocêncio Lima, 23 de Maio de 1911, A.G.C., Doc. 2005.

[153] Carta da Madre Teresa de Saldanha à Madre Maria Catarina Roth,12 de Agosto de 1912, A.G.C., Doc. 28, k.

[154] Actas do Conselho da Congregação, A.G.C., Livro 202, p. 37.

Dominic e da Irmã Maria Catarina, ambas escritas a bordo do *S.S. Laurentic's* e recebi outro cartão seu, dizendo-me como está feliz na América.» [155]

As suas cartas desta época se, por um lado reflectem a dor pela diáspora forçada, por outro manifestam o entusiasmo com que seguia os novos e diversos percursos evangélicos da sua Obra: «Aqui estou a escrever-lhe ansiosamente para lhe expressar todos os meus sentimentos de amor para com as minhas tão queridas filhas, que foram para tão longe para trabalhar por amor de Deus e trabalhar duro, para preservar a nossa querida Congregação de ser extinguida! Tenho o maior interesse por todas as minhas queridas filhas, estejam onde estiverem, no Brasil, na América do Norte ou na Bélgica! Todas têm um cantinho cá dentro do meu coração! A nossa Congregação espalhando-se faz muito bem para a salvação das almas e glória de Deus.»[156]

O Mestre Geral da Ordem, Frei Hyacinth Marie Cormier, aconselhou as Irmãs a manterem sempre um núcleo da Congregação, em Portugal, para poderem retomar as obras assim que fosse possível. Era esse também o desejo da Madre Fundadora que tantos anos trabalhou, lutou e se sacrificou para realizar a fundação de uma Congregação em Portugal, destinada a exercer o apostolado neste país.

Os acontecimentos de 1910, porém, provocaram na Fundadora da Congregação uma grande abertura missionária como se pode depreender das suas cartas: «Li, com grande interesse, o que menciona a respeito da carta dos Padres Dominicanos a pedir Irmãs para a Missão Dominicana no Japão. Quem poderia supor que uma tal proposta nos seria feita? Se fosse mais nova e capaz de ir, eu gostaria muito de fazer esta fundação.»[157]

Às jovens que surgiam, tanto em Portugal como no estrangeiro, sobretudo no Brasil, nos Estados Unidos e em Espanha, a Madre Teresa fazia saber: «Considerando que a nossa Congregação está agora espalhada em tantos países, é necessário preparar as Irmãs, antes da profissão, para estarem prontas a serem chamadas para qualquer das nossas casas, em qualquer parte do mundo. O facto de entrarem no Noviciado na América, não significa que as Irmãs estejam apenas destinadas para essa fundação.»[158]

Além-fronteiras, a Congregação florescia. As notícias que chegavam eram animadoras. Aumentavam os pedidos de entradas e a abertura de iniciativas apostólicas: escolas, hospitais, inserção, catequese, etc.

Grata a Deus pela Sua protecção, a Madre Teresa, em carta ao Mestre Geral da Ordem Dominicana, Frei Hyacinth Marie Cormier, referia: «Envio a lista das casas fundadas; devemos humilhar-nos vendo como Nosso Senhor protege a nossa Congregação, permitindo tantas fundações em tão curto espaço de tempo.»[159]

No dia 8 de Janeiro de 1916, a Congregação foi surpreendida por inesperado acontecimento. A Madre Geral acabava de falecer, em odor de santidade, na pequena casa da rua Gomes Freire.

---

[155] Carta da Madre Teresa de Saldanha à Madre Maria Catarina Roth, 17 de Março de 1911, A.G.C., Doc.13, k.

[156] Carta da Madre Teresa de Saldanha à Madre Maria de São Jacinto de Sampaio Quintela, 31 de Outubro de 1911, A.G.C., Doc. 1959.

[157] Carta da Madre Teresa de Saldanha à Madre Maria Catarina Roth, A.G.C., Doc. 42, k.

[158] Idem, 22 de Junho de 1914, A.G.C., Doc. 44, k.

[159] Cf. Thiaucourt, *Madre Teresa...,* p. 716.

Após a sua morte, foi nomeada superiora da casa a Irmã Maria São Gabriel Soveral, que aí veio a falecer em 1925.

Não tendo esta Casa rendimentos próprios, era subsidiada pela Caixa da Congregação que ajudava ainda as casas do Nogueiró, La Panne, na Bélgica e o Noviciado em Salamanca.

Por isso, em 1919, resolveu-se alugar parte da casa, ficando só um dos andares por conta da Congregação.

Em 1930, a sobrinha da Madre Fundadora, Madre Maria Teresa de Saldanha Oliveira e Sousa, Superiora Geral, veio de Braga, então Casa-Mãe da Congregação, em busca de remédio para a doença que há muito a minava e aí faleceu.

A casa foi encerrada em 19 de Abril de 1931.

Ligada a esta casa esteve durante dez anos uma obra de crianças pobres: «Florinhas da Rua.»

Em 1918, no tempo da Madre Maria José Soares de Albergaria, as Irmãs da Casa de Nossa Senhora do Rosário assumiram uma obra de acolhimento a crianças pobres, as «Florinhas da Rua», que funcionava ali perto, no Campo dos Mártires da Pátria.

É isso que podemos ler na acta do Conselho Geral, do dia 10 de Março de 1918: «A Madre Geral falou da Obra Florinhas da Rua que há muito poucos meses D. João de Lima Vidal, Arcebispo de Mitilene, estabeleceu em Lisboa. A Madre Geral declarou que tinha prometido ao Senhor Arcebispo de o coadjuvar nessa obra, permitindo que as Irmãs que estão na Rua Gomes Freire de olhar pelas crianças.» [160]

Durante dez anos as Irmãs foram uma presença maternal junto de inúmeras crianças pobres, tendo à sua frente a Irmã Maria de São Gabriel Soveral, Superiora da Casa.

Em 1928 a Madre Geral, tendo em conta as dificuldades da casa, pediu à Senhora Condensa de Rilvas, presidente da Associação, para que as Missionárias de Maria que estão dirigindo as Florinhas anormais da Casa do Rego, dirigissem também as da Casa do Campo dos Mártires da Pátria, de que as Irmãs tomaram conta, desde o princípio, com grandes dificuldades.

A Senhora Condessa anuiu ao pedido da Madre Geral e as Irmãs retiraram-se dessa obra.

A Congregação nos Estados Unidos da América

As Irmãs irlandesas e inglesas, que se encontravam refugiadas em diversos conventos na Irlanda e Reino Unido, ao tomarem conhecimento da oferta do bispo americano, D. Charles O'Reilly, de Baker City – Oregon, para trabalharem na sua diocese, juntaram-se no Convento de Sena, em Drogheda, onde se encontravam a Irmã Maria de São Domingos Murphy e a Irmã Maria de São Patrício Maguire.

Preocupadas com a possível dissolução da Congregação, pediram à Madre Geral para aceitarem essa fundação. A Madre Maria de Santo Agostinho Collins, apesar de ter apenas vinte e oito anos de idade e dois de profissão, foi a grande entusiasta desta missão, escrevendo ela mesma à Madre Fundadora:

---

[160] Actas do Conselho da Congregação, A.G.C., Livro 213, p. 7.

> «Parece-me que o nosso querido Senhor tem desígnios especiais fazendo esta oferta. Pode contar com a ajuda de Deus e com a mais terna obediência filial pela nossa parte às suas ordens fazendo esforços pela restauração da nossa querida e amada Congregação para a glória e honra de Deus. Muita coragem, Mãe querida. A sua grande obra, com a ajuda de Deus, ainda crescerá num outro local onde encontraremos um vasto campo que nos permitirá reunir as nossas Irmãs dispersas. Sim, Madre, todos os países do Continente estão neste momento numa grande agitação, e é preciso muito cuidado. Por isso, não há lugar mais seguro do que os Estados Unidos, onde a liberdade, no verdadeiro sentido da palavra, reina e todas as mulheres são respeitadas, mas as religiosas acima de tudo. É por isto que nós sentimos que devemos ir para lá, estamos certas de que se produzirão frutos.»[161]

A Madre Fundadora respondeu afirmativamente, animando-as e dizendo-lhes que se fosse mais nova, seria ela uma das primeiras, mas, como as circunstâncias não lho permitiam, lhes mandava a sua bênção e todas as licenças.

Antes de partirem fizeram um retiro de preparação. Eram elas: Irmã Maria de São Patrício Maguire, Irmã Mary Dominic Murphy – estas duas eram da primeira geração da Congregação – Madre Maria de Santo Agostinho Collins, Irmã Maria Catarina Clayton, Irmã Maria de Santo Antonino McCabe e Madre Maria Catarina Roth, alemã, que se lhes juntou e foi escolhida pelas Irmãs para superiora de nova fundação.

Esta missão foi possível graças à generosidade e iniciativa dos irlandeses que promoveram uma campanha para angariação de fundos e às Irmãs do Convento de Drogheda que generosamente ofereceram livros e outros bens necessários à nova fundação, como escreve a Madre Fundadora em carta à Madre Maria de São Jacinto de Sampaio Quintela: «As nossas Irmãs irlandesas partiram cheias de entusiasmo no dia 11 de Janeiro. Não imagina o entusiasmo dos Irlandeses, o que eles fizeram para auxiliar as nossas Irmãs, a solenidade com que foi a partida! Mas que viagem tão longa e difícil!»[162]

Embarcaram no dia 11 de Fevereiro de 1911 e chegaram a Nova Iorque a 19 do mesmo mês, sendo recebidas com grande afecto por alguns familiares que viviam nesta cidade. À sua espera estava também a Madre Mary Joseph Butler's, da Congregação das Irmãs do Sagrado Coração de Maria que as acolheu calorosamente no seu Convento em Madison Avenue. As nossas Irmãs conheceram algumas destas religiosas na altura da expulsão de Outubro de 1910.

Em Nova Iorque tiveram as Irmãs oportunidade de visitar muitos conventos, igrejas e o próprio bispo, que lhes ofereceu um cheque de 100 dólares. Muitas outras ofertas se juntaram a esta para ajudar na nova fundação.

No dia 27 de Fevereiro, as Irmãs partiram de Nova Iorque rumo a Chicago e daí para Ontário, Oregon. Montaram uma tenda numa zona rural de Ontário, onde, respondendo a uma necessidade urgente, receberam os primeiros doentes e começaram a juntar fundos para construir a estrutura que cresceu e se tornou o *Holy Rosary Medical Center*. A Irmã Maria Catarina e as suas companheiras estudaram enfermagem dedicando-se, sem mais demora, ao ministério de curar os doentes necessitados.

---

[161] A.G.C., Doc. 2039.

[162] Janeiro de 1911, A.G.C., Doc. 1958.

A Madre Fundadora acompanhou as Irmãs pela oração e por carta: «Que Deus a recompense pela sua generosidade em deixar tudo e ir trabalhar, para tão longe, para a glória de Deus e tentar continuar o espírito da nossa Congregação. Desde o dia que deixou Queenstown, no dia 11 de Fevereiro, eu acompanhei, em espírito, a sua viagem, através do oceano Atlântico, esperando e rezando para que o nosso bom Deus as levasse a todas com segurança para a América.» [163]

Em 1912, seguiu o primeiro reforço saído directamente de Portugal, como se pode ler na carta que a Madre Fundadora escrevia à superiora a 16 de Abril de 1912: «Esta carta vai-lhe ser entregue pelas nossas três Irmãs missionárias: Maria de São Gregório, Maria de São Caetano e Maria Júlia que, corajosa e generosamente, deixam o seu país para irem para tão longe trabalhar para a Glória de Deus, para a nossa querida Congregação e para a salvação das almas. Eu penso que Deus inspirou-nos, pois são três santas almas, muito ardentes e cheias de boa vontade e coragem de trabalhar por amor de Deus. Estas são as primeiras Irmãs portuguesas que vão para a América.»[164]

Depois destas, outras embarcaram também para os novos espaços da missão. «Esta carta vai-lhe ser entregue pelas nossas Irmãs São Lucas[165], Maria dos Santos e Silvestre que partem hoje para Ontário, cheias de alegria e desejo de ir e trabalhar pela glória de Deus, pela nossa Congregação e salvação das almas. Envio estas Irmãs escolhidas por si e desejo que sejam úteis.

Agora, minha querida, recebi as suas queridas cartas e, com grande consolação, li todas as notícias que me enviou e que o nosso bom Deus lhe dê uma grande recompensa no Céu, pelo seu zelo, coragem e tão grande generosidade em fazer tudo o que está ao seu alcance pelo bem da nossa Congregação! É maravilhoso o que tem sido feito num tão curto espaço de tempo!

Recebi uma carta muito simpática do seu bom Bispo, Monsenhor O' Reilly, e ele elogia-a muito, o seu bom senso, caridade e espírito religioso e foi uma grande consolação para mim ouvir esta opinião do seu bom Bispo. Ele deseja ter o original do Rescrito sobre o Noviciado, para ser guardado nos Arquivos Diocesanos, contudo eu guardo aqui uma cópia e envio o original numa carta que junto para Monsenhor O'Reilly, a qual peço que mande a Sua Reverência, depois de a ter lido e ao Rescrito.»[166]

O Noviciado foi estabelecido primeiramente em Ontário e muitas foram as jovens que nele ingressaram até 1917, data em que foi transferido para Kenosha, Wisconsin. Esta casa tornou-se a sede do Vicariato da América do Norte.

Pouco a pouco, as Irmãs espalharam-se por diferentes lugares, fundando hospitais, escolas de enfermagem e escolas paroquiais.

Em 1913, abriram o Hospital do Sagrado Coração de Jesus, em Hanford Califórnia. O primeiro doente assistido foi um português. Neste mesmo Estado fundaram casas em 1927, Madera e Taft, em 1930 em Carmel, em 1948 Saratoga e em 1949 Merced. Também em

---

[163] Idem.

[164] Idem.

[165] O seu nome era Joaquina Cardigos, faleceu, com 42 anos, no dia 23 de Dezembro de 1912, em Ontário, tendo edificado toda a Comunidade pela sua bondade e a santidade dos seus últimos momentos. Foi a primeira pessoa a ser sepultada no Cemitério Católico de Ontário.

[166] Carta da Madre Teresa de Saldanha à Madre Maria Catarina Roth, 16 de Abril de 1912, A.G.C., Doc. 25, k.

Albuquerque, Novo México, estabeleceram a Escola de Santa Teresinha. Eram estimadas pelo povo que muito as ajudou.

Em 1952, o Vicariato, constituído por seis casas e mais de uma centena de Irmãs, depois de obtidas as licenças da Santa Sé, formou uma Congregação autónoma: Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena de Kenosha.[167] Em 3 de Janeiro de 1952, com toda a Comunidade reunida em Capítulo Geral, foi promulgado o decreto:

«Em virtude de uma especial faculdade concedida ao Reverendíssimo Padre Emanuel Suarez, Mestre Geral da Ordem dos Pregadores, por Decreto da Sagrada Congregação dos Religiosos, de 12 Novembro de 1951[168] faço, por este meio, a separação das casas e dos membros deste Vicariato Americano, da referida Congregação das Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena de Sintra, Portugal. E pela presente fica canonicamente erecta e estabelecida o dito Vicariato como uma distinta e separada Congregação com Direito Pontifício, que será conhecida agora e para o futuro como Congregação das Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena de Kenosha, com todos os direitos, prerrogativas, privilégios e obrigações de uma Congregação religiosa de direito pontifical de acordo com o Direito Canónico.»[169]

«Realmente, somos agora uma Congregação diferente, mas, como um filho, nunca esqueceremos a nossa Congregação Mãe, a qual deu existência ao nosso Vicariato. Lembraremos sempre a grande tradição que nos deixaram as Dominicanas de Portugal que consideraremos uma herança preciosa.»[170]

Desde 1911, as Dominicanas Santa Catarina de Sena de Kenosha serviram o povo de Deus em Oregon, Califórnia, Novo México, Wisconsin, Florida, Missuri, Ohio, Arizona, Porto Rico, Equador, Peru e Chile.[171]

Esta Congregação continua irmanada no mesmo espírito, alicerçada na mesma Fundadora, por quem sente muita admiração e devoção.

Em 1989 as Irmãs Dominicanas de Kenosha, puseram na sua capela em Merced, Califórnia, um belo vitral com a figura de Teresa de Saldanha e a inscrição: *Teresa de Saldanha, Mãe Fundadora*.

A Congregação em La Panne, Bélgica – 1911

Em 1910, a Madre Fundadora considerava fundamental ter uma casa na Europa, fora de Portugal, onde pudesse estabelecer a sede da Congregação e a casa do Noviciado: «A Irmã Emília está pedida para outra parte e temos uma proposta que veio por intermédio da Madre Emília Renon que está em Prouille para fundar um Sanatório que em França tem o nome de *Clinique*, em Grenoble. Espero a aprovação do Bispo para eu tratar da fundação desta casa

---

[167] Cf. Actas do Conselho Geral de 1952, A.C.G., Livro C.

[168] Prot. No. 2209-50 MI73.

[169] Cf. Acts of the first General Chapter of the Congregation of the Dominican Sisters of Saint Catherine of Siena of Kenosha, p. 17, A.G.C., 14 b.

[170] Kenosha, WI, 6 de Janeiro de 1952.

[171] Cf. *CHARISMS, Catholic Health initiatives*, 1998, p. 21.

para a nossa Congregação.»[172] Esta fundação não chegou a realizar-se e a Madre Maria Emília Renon partiu para o Brasil, como tinha sido pedida.

Foi outro o caminho seguido, a Madre Maria de São Jacinto de Sampaio Quintela viajou até Bruxelas onde ficou hospedada no Convento de São Vicente de Paulo com o propósito de estudar as probabilidades de uma fundação. Depois de analisar várias propostas, optou pela Bélgica, e, vencendo mil dificuldades, instalou-se em La Panne onde fez todos os preparativos para a ida de outras Irmãs. Fundaram um sanatório para crianças, junto ao mar.

A Madre Fundadora apoiou a iniciativa e alegrou-se ao ver a Madre Maria de São Jacinto de Sampaio Quintela empenhada em manter viva a sua Obra, nomeando-a superiora da nova fundação: «A proposta que fiz de V. Rev.cia ser nomeada superiora da nova Casa da Congregação, que deve abrir-se brevemente na Bélgica, La Panne, foi aceite. Confirmo-a, portanto, neste cargo.»[173] Escrevendo a Irmãs de outras missões, manifesta a sua felicidade: «Da Bélgica, Panne, tenho muito boas notícias das Irmãs que lá estão, parecem estar satisfeitas e felizes.»[174]

A 4 de Maio de 1911, outras Irmãs embarcaram para esta fundação: Maria Nazaré Peixoto, Maria de São Roque Pereira e Maria do Patrocínio Pereira[175], entre outras. Juntou-se-lhes a Irmã Maria da Imaculada Smith[176] que tinha ido com a família para a Bélgica e a Madre Maria Rosa Thiaucourt que se tinha refugiado num convento de França.

Algumas Irmãs eram junioras e aqui, na Villa de Saint Joseph, La Panne emitiram os seus votos perpétuos, em francês, nas mãos da Madre Maria de São Jacinto Quintela: Irmã Maria da Imaculada, Alda Smith, Irmã Maria de São Diniz, Maria Júlia da Conceição, Irmã Maria do Nascimento, Maria Inácia da Silva Agostinha, Irmã Maria de São Guilherme, Albina de Jesus Esteves, Irmã Maria do Bom Jesus, Maria da Ascensão Cardoso, Irmã Maria Celeste, Margarida Emília dos Santos

Começaram com um sanatório para crianças. A violência da Primeira Grande Guerra Mundial obrigou algumas Irmãs a refugiaram-se no Convento Dominicano de Stone, na Inglaterra. Outras porém, tornaram-se enfermeiras incansáveis junto dos feridos e abnegadas mães de muitos órfãos. A corajosa entrega ao risco da missão, nesse atribulado período da história, mereceu à Madre Maria de São Jacinto uma condecoração, atribuída pelos Reis da Bélgica.

Inúmeras dificuldades do pós guerra, tornaram impossível a permanência da Congregação naquele país. As Irmãs deixaram a Bélgica e regressaram à Casa Mãe, em Salamanca, em Dezembro de 1922.

A Congregação em Salamanca, Espanha – 1912

---

[172] Carta da Madre Teresa de Saldanha à Madre Maria de Santo Inocêncio Lima, 20 de Junho de 1911, A.G. C., Doc. 2008.

[173] Carta da Madre Teresa de Saldanha à Madre Maria de São Jacinto de Sampaio Quintela, 19 de abril de 1911, A.G.C., Doc. 1969.

[174] Carta da Madre Teresa de Saldanha à Madre Maria de Santo Inocêncio Lima, 20 de Junho de 1911, A.G.C., Doc. 2008.

[175] Estas três Irmãs morreram na Bélgica e aí estão sepultadas.

[176] Alda Smith era filha do Conselheiro João Smith.

Devido à distância da Bélgica e às grandes dificuldades económicas da Congregação, o Conselho Geral optou por Salamanca, Espanha, para aí estabelecer a casa do Noviciado. Além disso, existia ali o Convento de Santo Estêvão, dos Dominicanos, onde se encontrava refugiado, entre outros, Frei Domingos Maria Frutuoso, com os quais as Irmãs poderiam contar para a assistência espiritual à Comunidade e ajuda na formação.

Depois de vários contactos, no dia 12 de Agosto de 1912, as Irmãs abriram uma casa nesta cidade e no dia 15 de Agosto de 1913, transferiu-se para aí o Noviciado, com o grande apoio dos Padres Dominicanos, nomeadamente o Padre Justo Cuervo, OP.

A Madre Fundadora alegrou-se por já ter um local onde reunir as noviças dispersas: «Também lhe dou a consoladora notícia que na Europa, em Espanha, Salamanca, está estabelecido o nosso Noviciado, tendo a primeira postulante portuguesa recebido o nosso santo hábito no dia 21 de Setembro. Assim vai Nosso Senhor abençoando os nossos esforços e protegendo a nossa tão perseguida Congregação.»[177]

Foi nomeada para superiora dessa fundação a Madre Maria Imelda Bressane Leite Perry e para Mestra de Noviças a Madre Maria de São Paulo Mac Mahon.

Após a morte da Madre Fundadora, esta Casa de São José tornou-se a sede da Congregação onde se reuniram várias vezes Irmãs provenientes de todos os Vicariatos para os Capítulos Gerais. Aí foi eleita, em 1916, a Madre Maria José Soares de Albergaria que sucedeu à Madre Fundadora no governo da Congregação.

Em 27 de Abril de 1916 já se põe em causa a estada das Irmãs nesta cidade: «Falou-se sobre a nossa casa de Salamanca, achando-se ser impossível continuar como está, pois não rende o bastante para se sustentar e, além disso, o clima de Salamanca não é bom, as Irmãs têm-se dado mal de saúde pelo que se está pensando na transferência para outra terra e ver o modo como prover ao seu sustento.»[178]

Contudo, resolveu-se comprar casa própria para aí se estabelecer um colégio e uma escola apostólica, para que as Irmãs tivessem meios de subsistência e dessem formação a jovens vocacionadas.

A acta do dia 21 de Setembro de 1917, regista: «A Madre Geral disse que era preciso a aprovação do Conselho para as obras necessárias na Igreja de São Boal, o uso da qual nos foi cedido pelo Ex.mo Bispo de Salamanca. Fez-se a votação e os votos foram todos a favor de se fazerem as ditas obras.»[179]

Em 13 de Abril de 1928, a Madre Maria José Soares de Albergaria propôs ao Conselho a venda da Casa de Salamanca por ameaçar ruína e o regresso do Noviciado a Portugal.[180] Assim aconteceu, como narram as crónicas. A saída deu-se por grupos, com a preciosa ajuda do Senhor Gomes Júnior que foi um procurador dedicadíssimo às Irmãs.

---

[177] 21 de Setembro de 1915, A.G.C., Doc. 1750.

[178] Actas do Conselho Geral da Congregação, A.G.C., Doc. 202, p. 64.

[179] Idem, p. 82.

[180] Cf. Actas do Conselho Geral da Congregação, A.G.C., Livro 213.

As noviças professas, Madre Maria Rita Lecor Buys e Madre Maria Catarina Arantes[181] deixaram este registo da partida:

«A viagem foi excelente. Deixámos Salamanca pouco depois das 5.30 da manhã, não sem a sensação de saudade. Foi iniciada a nossa vida religiosa naquela terra acolhedora e isto não é para esquecer. Com as nossas oito malas de bagagem e quase outras tantas de mão, pensávamos com receio na passagem da fronteira de Espanha para Portugal. Mas, graças às muitas orações e ao documento passado pelo Cônsul, tudo correu maravilhosamente bem. Entrámos em Barca d'Alva e fomos Douro fora. A beleza crescia. Da Régua para diante, a beleza atingia o seu máximo. Louvado seja Deus! Como Ele quis que Portugal fosse lindo! Apesar da chuva miudinha, aborrecida, triste, o pitoresco da paisagem não passou despercebido. Admirava-se sempre.

Depois de uma longa viagem, de mudanças em estações de comboio, desembarcámos em Braga, que nos era totalmente desconhecida. A chuva sempre caindo, agora com toda a força. E, entretanto, qualquer coisa como um assalto se estava produzindo. Carregadores, carregadoras, *chauferes,* cocheiros, moças de estação, etc. gritavam, barafustavam, gesticulavam, questionavam, para ver quem nos havia de levar a nós e às bagagens. Todos eram os melhores e os mais baratos! Quase endoidecíamos! Por fim, um *chaufer* que dizia conhecer as Irmãs da Regeneração, tomou a resolução de nos levar. E assim, e só assim, ficou serenada aquela tempestade... Daí a 10 minutos fazíamos a nossa entrada na Casa da Regeneração, onde as Irmãs estavam longe de esperar aquela invasão e rebuliço, visto que, a carta avisando a nossa chegada, só foi recebida no dia seguinte. Mas, quando entrámos na portaria, Madres e Irmãs, que não conhecíamos, abriram-nos os braços para nos receber com muita alegria e verdadeira fraternidade.»[182]

Renascimento da Vida Dominicana Contemplativa em Portugal

Ligado à estada das Irmãs em Salamanca está o renascimento da Vida Contemplativa Dominicana, em Portugal. Quatro religiosas professas da Congregação contactaram, nessa cidade espanhola, com a corrente mística do famosos, Padre Frei João Arintero, OP.

Sentindo o apelo da clausura, a Madre Madre Maria Inês Félix Pereira de Sousa Botelho[183] com as Irmãs: Maria do Pilar Luque y Peso, Maria Angélica – Rita Esmeralda da Conceição Chiquita e Maria Emília – Amália da Conceição Soares[184] , deixaram a nossa Congregação para inaugurarem o desejo da clausura.

---

[181] Irmã Maria Catarina, Maria Leonor Arantes, nasceu em Lisboa a 16 de Agosto de 1889. Era filha de Hemetério Arantes, biógrafo da Madre Fundadora. Professou a 4 de Março de 1928 em Salamanca. Foi Prioresa, Conselheira Geral e Mestra de Noviças. Faleceu nos Cardae, Lisboa a 17 de Outubro de 1951.

[182] Crónica da Congregação, A.G.C., Livro 12.

[183] Ana Félix Pereira Botelho. Era filha de José Luís de Sousa Botelho, Conde de Vila Real, primo da Madre Fundadora. Nasceu a 1 de Março de 1886, no Porto. Foi educada no Colégio de Aveiro pela Madre Maria Inês Duff e, em sua memória, passou a chamar-se em religião Maria Inês. Professou em Benfica a 10 de Abril de 1908. Na República foi para o Brasil e depois para Salamanca onde foi Mestra de Noviças. No Capítulo Geral de 1928, foi eleita Conselheira Geral. Sentindo o apelo à vida contemplativa, partiu a 12 de Agosto de 1929, para o Mosteiro de Prouille, França. Tinha 47 anos de idade e vinte e quatro de Profissão. Regressou a Portugal a 30 de Abril de 1932. Faleceu a 3 de Abril de 1967.

[184] Crónica da Casa de Salamanca, 30 de Abril de 1930, fl. 190, A.G.C.

Chegaram a Prouille, em França, a 14 de Agosto, mas só iniciaram o Noviciado a 20 de Janeiro de 1930. As Irmãs permaneceram em Prouille, como membros da Comunidade, até Abril de 1932.

É assim que a acta do Conselho Geral do dia 13 de Agosto de 1929, narra o facto: «A Madre Geral participou que a nossa Madre Maria Inês Félix Pereira de Sousa Botelho não comparecia nesta reunião por ter passado para as Irmãs Dominicanas da 2ª Ordem para onde se sentia atraída há muitos anos. Tinha sido admitida na Comunidade das Dominicanas de Prouille, França, para onde tinha partido a 9 do corrente mês. Deixava a Congregação, com pesar, mas sentia era esta a vontade de Deus.»[185]

A 27 de Março de 1931, a Madre Maria Inês emitiu os seus votos perpétuos como monja dominicana de clausura.

Regressaram a Portugal a 30 de Abril de 1932 e estabeleceram-se em Vila do Conde, num apartamento. Pouco tempo depois, alugaram uma casa mais apropriada para a vida claustral. As vocações[186] foram aparecendo e a Madre Maria Inês foi nomeada Prioresa e Mestra de Noviças.

Depois de muitas diligências, estabeleceram-se em Azurara, Porto, a 2 de Fevereiro de 1934, no Mosteiro da Divina Eucaristia. Devido à hostilidade do clima, a 24 de Dezembro, estabeleceram-se na Quinta dos Cisnes, em Azevedo-Campanhã, arredores do Porto.

Em 1994 o Mosteiro da Divina Eucaristia foi transferido para Lamego.

Além de fundadora, a Madre Maria Inês Felix exerceu, durante muitos anos, o cargo de prioresa e Mestra de Noviças. Ficou sempre muito ligada à Congregação, «pela saudade, pela amizade e pela oração.»[187]

A Congregação no Brasil

Entre as Irmãs estrangeiras expulsas de Portugal, havia uma brasileira, Irmã Maria de Santo Inocêncio Lima, natural da cidade de Belém, Estado do Pará. Em 1910 fazia parte da Comunidade do Colégio de São José em Lagoa. Quando partiu, prometeu à Madre Fundadora que, se um dia as Irmãs se reunissem em alguma parte para salvar a Congregação, ela se lhes juntaria novamente.

Embarcou para o Brasil nos primeiros dias de Dezembro de 1910, levando uma carta de recomendação da Madre Fundadora para Frei José Lucas OP, a fim de obter acolhimento entre as *Domincanas de Monteils*, residentes em Uberaba, Minas Gerais. Desembarcou no Rio de Janeiro e foi acolhida pela família La Roque, onde encontrou o Padre Frei J. Lacomme OP, Provincial dos Dominicanos no Brasil. Aconselhada por este, aceitou a hospedagem que, em Belo Horizonte, lhe ofereceram as *Irmãs Dominicanas de Sèvres*, que aí mantinham o Colégio de Santa Maria. De lá escreveu à Madre Fundadora, em 9 de Janeiro de 1911, comunicando-lhe o que acontecera.

---

[185] Livro das Actas do Conselho da Congregação de 1919-1934, A.G.C.

[186] Madre Isabel da SS.ma Trindade, 1889-1962, ingressou no Convento de Azurara a 8 de Setembro de 1934. Passados sete meses saiu por sentir não ser essa a sua vocação. Fundou, em 1936, as Irmãs Concepcionistas ao Serviço dos Pobres, em Elvas. O seu Processo de Canonização decorre, em Roma.

[187] Testemunho da Irmã Maria Clarisse de Sousa que passou três meses à experiência neste convento.

Enquanto isto, um sacerdote português da diocese de Campinas, Padre José de Almeida e Silva, natural de Viseu, que há oito anos visitara a Casa da Regeneração em Braga, apoiado pelo bispo, D. João Baptista Correia Nery, escreveu à Madre Fundadora pedindo-lhe Irmãs para fundarem uma obra semelhante, em Campinas.

A 28 de Dezembro de 1910, a Madre Fundadora escreveu à Madre Maria de Santo Inocêncio Lima comunicando-lhe o pedido e lembrando-lhe a promessa que fizera no momento da partida. Animou-a, lembrando-lhe que todas as fundações começam com o cunho da cruz e da pobreza: «Em dinheiro não se pensa, Deus Nosso Senhor é o nosso tesoureiro. Quem podia supor que Nosso Senhor havia de proteger desta maneira a nossa Congregação? Lembra-se quando foi à Rua de Santo Antão e partiu e despediu-se de mim sem saber se um dia as nossas Irmãs se tornariam a juntar? V. Rev.cia partiu muito triste e eu também fiquei triste! Depois recebi esperanças de termos uma fundação. Fiquei logo a pensar em V. Rev.cia e de a apanhar, e o resto que aconteceu sabemos nós! Deus seja bendito!!»[188]

As esperanças não foram frustadas, pôde contar com ela e nomeou-a para superiora da nova Comunidade em terras brasileiras, concedendo-lhe faculdades para dirigir a fundação.

A 21 de Fevereiro de 1911, com a aprovação de D. António Mendes Belo, Patriarca de Lisboa, embarcou no vapor *Amazonas* da Mala Real Inglesa, o primeiro grupo de Irmãs para as terras de Santa Cruz.

Em carta à Madre Maria de Santo Inocêncio, a Madre Fundadora dá-lhe conta de quem vai e como se deve processar a sua vida: «As Irmãs que vão são oito: Maria de São Pedro Mártir Marques, Maria de São José Chaves, Maria Cândida Rebelo Teixeira, Maria de São Francisco de Assis Teixeira Guedes, Maria de São Gonçalo Andrade, Maria de São Pedro Apóstolo Dias, Maria de São Jerónimo Correia e Maria de Santa Apolónia Rodrigues Dias. São Irmãs muito boas e vão cheias de fervor e bons desejos de trabalhar para a glória de Deus. A Irmã Maria de São Pedro Mártir, que é uma das mais antigas, tendo já votos perpétuos e que há muitos anos estava em Aveiro, é que vai governando as Irmãs.

Em Santos, aonde devem desembarcar, estão algumas pessoas à espera das Irmãs e do Rio de Janeiro deverão mandar, sendo possível, telegrama ao Senhor Padre Almeida e Silva, para ir esperar as Irmãs. As Irmãs devem seguir para Campinas, excepto a Madre Maria São José Chaves, que indo o pai esperá-la com toda a família a Santos e estando ansioso por ver a filha. Convém que esta veja a mãe e toda a família, antes de ir para Campinas e depois vai para lá sossegada.»[189]

No dia 7 de Março de 1911, festa de São Tomás de Aquino, desembarcavam em Santos as primeiras Irmãs. Chegaram cheias de fervor e bons desejos de trabalhar para a glória de Deus nessa terra que as acolhia. Daí seguiram para Campinas onde chegaram a 9 de Março.

Este país surpreendeu a Madre Fundadora como ficou claro nas suas cartas à Madre Maria de Santo Inocêncio Lima: «A descrição que me faz de tudo, do país e da liberdade religiosa que se goza no Brasil, faz-me bem lamentar a sorte do nosso! Altos desígnios de

---

[188] Carta da Madre Teresa de Saldanha à Madre Maria de Santo Inocêncio Lima, 20 de Junho de 1911, A.G.C. Doc. 2008.

[189] Idem.

Deus! Se alguém há seis meses me tivesse dito que as nossas Irmãs estavam hoje em Campinas eu teria respondido: isso é um sonho que não se pode realizar.»[190]

Noutra ocasião a Madre Fundadora escrevia: «O relatório da nossa Obra no Brasil é muito consolador e nós temos um grande futuro lá. E as nossas Irmãs adquiriram as simpatias de todas as pessoas e o Bispo de Campinas tem um grande carinho pelas nossas Irmãs.»191

Muitas outras Irmãs portuguesas que estavam dispersas, aguardavam o momento de partir, mas havia falta de lugares nos vapores, tal a concorrência de pessoas a deixar o país.

No mês de Dezembro cessou esse impedimento que causava tantos transtornos e aflições à Madre Maria de Santo Inocêncio, no Brasil e à Madre Fundadora, em Portugal.

No dia 4 de Dezembro de 1911 embarcaram em Lisboa no vapor *Chili* de *Mensageries Maritimes*, com direcção a Santos, seis Irmãs: Maria da Madre de Deus Ribeiro, Maria de São João Evangelista de Lima Vidal, Maria de Santo Humberto Cabrita, Maria de São Rafael Pereira Maria de Santo André e uma postulante, Maria das Neves Figueiredo. Chegaram à Casa de Campinas a 19 do mesmo mês.

A 18 de Dezembro partiram de Lisboa as Irmãs: Maria da Ressurreição de Oliveira e Maria de Santo Amaro Pedrosa, também num vapor da Companhia *Mensageries Maritimes*.

No primeiro dia de Janeiro de 1912, embarcou em Lisboa um grupo de seis Irmãs: Maria Rita Salema Garção, Maria Bernardete de Freitas, Maria do Bom Conselho Cabrita Varella, Maria da Encarnação Fernandes, Maria das Neves Cardoso e Maria Camila Ribeiro.

Levavam cartas da Madre Fundadora para a Madre Maria de Santo Inocêncio, com as nomeações das superioras para as cinco casas do Brasil.

Eis as cinco superioras: Madre Maria da Madre de Deus Costa, para a Casa de São Domingos em Campinas, Madre Maria Emília Renon, para a Casa de Nossa Senhora do Amparo, Madre Maria Rita Salema Garção, para o Hospital de Piracicaba, Madre Maria de São José Chaves, para a Casa de Copacabana, Madre Maria de Santo Inocêncio Lima, para a casa a inaugurar na Chácara das Rosas, Petrópolis.

No dia 27 de Janeiro de 1912 deixam Lisboa, com destino ao Brasil as Irmãs Maria de São Tomé da Silva Pereira e Maria de São Bernardino Cravinho e a 20 de Fevereiro, partiram as Irmãs Maria do Rosário Silva, que já contava setenta anos de idade, Maria de La Salete da Silva, Maria Eulália Gonçalves e Maria de São Bernardo Brito. Chegaram a Amparo no dia 12 de Março. Em 6 de Abril chegaram a Copacabana a Madre Maria Rosa Thiaucourt e Irmã Maria de São Boaventura da Silva.

Ainda neste ano, em Maio, deixaram Portugal e foram para o Brasil mais cinco Irmãs: Maria Brígida Ozorio Figueiredo, Maria da Visitação Leite, Maria Genoveve Correia, Maria Cristina Fernandes e Maria de São Clemente de Oliveira Leite.

No decorrer de 1913 dois grupos de Irmãs foram para o Brasil. O primeiro foi a pedido da Madre Maria Emília Renon que indicou os nomes e enviou dinheiro para as passagens. Embarcaram no dia 20 de Março as Irmãs: Maria de São Simão Ferreira, Maria da Glória Pereira de Araújo; Maria do Pilar Valentim; Maria do Salvador Silva e Maria Doroteia Gomes Pinho. Chegaram no dia 8 de Abril à casa de Campinas e seguiram para Amparo.

O segundo grupo compunha-se das Irmãs, Maria de Belém Machado, Maria de São Lourenço Lima, Maria de São Martinho Matos e Maria Perpétua Oliveira. Embarcaram na

---

[190] Idem, 22 de Abril de 1911, A.G.C., Doc. 2003.

[191] Carta da Madre Teresa de Saldanha à Madre Maria Catarina Roth, 10 de Outubro de 1911, A.G.C. Doc. 20, k.

cidade do Porto e passaram por Lisboa no dia 2 de Novembro de 1913, sem poder abandonar o vapor. Ao chegar ao Brasil, a Irmã Maria de São Lourenço desembarcou no Rio de Janeiro, e seguiu para Petrópolis, enquanto as outras desembarcaram em Santos e de lá partiram para Campinas, onde chagaram no dia 23 de Novembro.

Com a chegada deste último grupo, foram interrompidas as viagens das Irmãs portuguesas para o Brasil.

Em 1910, a Irmã Maria de São Jorge Luzia fora com a sua família para o Brasil. Em 28 de Maio de 1914 após a morte do pai, procurou as Irmãs em Campinas para prosseguir a sua vida religiosa. Com esta, soma a cinquenta e duas o número de Irmãs da Congregação que foram de Portugal para o Brasil.

A Madre Fundadora repete diversas vezes nas suas cartas à Madre Maria de Santo Inocêncio, que não obrigava nenhuma Irmã a sair de Portugal. Quando alguma se preparava para partir, perguntava-lhe sempre se preferia ir ou ficar, explicando bem claramente que lhe dava a liberdade de escolher. A maioria das Irmãs não tinha ainda os votos perpétuos. Emitiu-os no Brasil, em épocas diferentes, conforme a situação de cada uma.

A própria Madre Maria de Santo Inocêncio foi, com licença de Roma, Superiora e Provincial antes da profissão perpétua. Fê-la nas mãos da Madre Maria Emília Renon, na Casa de São Domingos em Campinas, a 15 de Dezembro de 1913.

Apenas seis destas cinquenta e duas Irmãs não se adaptarem ao clima do Brasil e regressaram a Portugal. A Madre Maria da Madre de Deus Ribeiro, a Irmã Maria de Santo André Alves e a postulante Maria das Neves Figueiredo que chegaram ao Brasil em Dezembro de 1911, regressaram à pátria antes de findar o ano seguinte. A Irmã Maria do Bom Conselho Varela voltou passado um ano. Também a Madre Maria Rosa Thiaucourt e a Irmã Maria de São Gonçalo Andrade regressaram a Portugal a 12 de Março de 1914. Estas seis Irmãs nem chegaram a ser assinadas às casas do Brasil, pois a Madre Fundadora, na sua grande prudência, só mandou a carta de assinação colectiva em 24 de Novembro de 1913.

As demais Irmãs permaneceram no Brasil, adoptando-o como uma segunda pátria e despendendo toda a energia da sua juventude, todo o zelo e dedicação das suas vidas apostólicas e dominicanas.

Algumas, mais tarde, depois de muitos anos de trabalho em terras brasileiras, por obediência ou outro motivo justo, tiveram de voltar a Portugal. Mostravam-se sempre muito saudosas do Brasil e conservaram até à morte, grande estima e gratidão para com a terra que lhes permitiu seguir a sua vocação religiosa e apostólica.

Ao ver o carisma da Congregação florescente, a Madre Fundadora manifestou a sua felicidade: «No dia 10 de Setembro de 1915, tive a grande consolação e alegria de receber a vossa carta com data de 16 de Agosto, a qual me trouxe tantas e tão consoladoras notícias de V. Rev.ª e das nossas Irmãs e casas no Brasil, o que considero milagroso devido à protecção visível de Nosso Senhor e da SS.ma Virgem, sendo V. Rev.ª o instrumento visível da protecção Divina sobre a nossa tão perseguida Congregação! Bendito seja Deus e só me resta curvar a cabeça para reconhecer e agradecer as Suas infinitas misericórdias para com as suas filhas.»[192]

Casa de São Domingos, Campinas, SP – 1911

[192] Madre Teresa de Saldanha à Madre Maria de Santo Inocêncio Lima, 21 de Setembro de 1915, A. G.C.

No dia 9 de Março, chegavam as Irmãs a Campinas e ficaram no Instituto de Santa Maria, obra do Padre José de Almeida e Silva, onde as esperava a Madre Maria de Santo Inocêncio Lima. Foi grande a alegria do encontro.

A Comunidade era formada pelas Irmãs recém chegadas, tendo como superiora a Madre Maria de Santo Inocêncio, apesar de ser ainda juniora: «Consultei as Madres que muito aprovaram essa fundação e nomeei V. Rev.ª minha muito querida Irmã para superiora dessa nova casa, reconhecendo o seu amor pela Congregação e, acima de tudo, por Nosso Senhor.»[193]

Em 30 de Março escreveram, as Irmãs, à Madre Fundadora dando notícias e dizendo que lhes fazia falta uma Irmã que soubesse música e pudesse tocar harmónio. Para atender a este pedido, em 24 de Abril, embarcaram para o Brasil, mais duas Irmãs: Madre Maria Inês Félix Pereira, organista, e Irmã Maria da Luz Palmares.

As Irmãs só estiveram alguns meses no Instituto de Santa Maria, devido às dificuldades que encontraram em seguir a vida regular.

O Senhor Bispo, D. João Baptista Correia Nery, alugou-lhes uma casa na Rua Campos Sales, n.º 19, onde abriram uma escola, Externato de São Domingos. Para a sua subsistência confeccionavam também trabalhos para fora.

Algum tempo depois, o Senhor Bispo ofereceu-lhes a Capela de Santa Cruz, situada à Praça 15 de Novembro com o convento anexo e o terreno em volta. Depois de obras necessárias para acolher as Irmãs, estas aí se estabeleceram, em Maio de 1912.

No documento pelo qual Sua Ex.a cedeu o convento às Irmãs, está consignado que enquanto houver uma Irmã Dominicana nesta casa, podem permanecer pelo tempo que quiserem sem terem de pagar renda de qualquer espécie e sem que ninguém lhes possa retirar esse direito.

D. João Baptista Correia Nery foi para as Irmãs um pai carinhoso, um guia e protector. É imensa a gratidão da Congregação para com o primeiro Bispo de Campinas e a sua memória permanece como uma bênção de Deus.

As Irmãs dedicavam-se a ensinar bordados, pintura e música. Mais tarde, abriram uma pequena escola. Essa escola cresceu e tornou-se no Externato de São Domingos.

Em 1923 o Noviciado, depois de 3 anos encerrado, foi reaberto nesta casa e em 13 de abril de 1934 voltou para Amparo.

No espaço do Noviciado as Irmãs passaram a receber pensionistas e voltaram-se para a sua formação e para os trabalhos paroquiais.

Transferida de Limeira, abriu-se aí, dirigida pela Irmã Maria Angélica Reis, a escola de pintura em tela e porcelana, que já tem levado suas obras de arte à exposições de nível nacional e internacional.

Esta casa, ao longo de sua existência, tem acolhido e tratado carinhosamente muitas das Irmãs mais idosas, que têm aí acabado os seus dias. Muitas das primeiras que foram para o Brasil passaram em Campinas os seus últimos anos de vida transformando esta casa num espaço de santidade.

As Irmãs mantém a Capela de Santa Cruz aberta ao público que aí acorre para a celebração diária da Eucaristia.

---

[193] Idem, Doc. 1978.

Casa de Nossa Senhora do Amparo, Amparo, SP – 1911

A Casa Nossa Senhora do Amparo foi a segunda Comunidade estabelecida no Brasil.

As Irmãs foram para a cidade de Amparo a convite do Senhor Cónego Pedro dos Santos que há muito queria responder a um anseio das famílias amparenses de fundar na cidade um estabelecimento de ensino religioso.

Para atender a este pedido, a Madre Maria de Santo Inocêncio em companhia da Madre Maria Inês Félix Pereira foi pela primeira vez a Amparo no dia 28 de Maio de 1911, estudar as possibilidades de fundação de um colégio. Aí foram calorosamente recebidas pelo Senhor Cónego Santos e um grupo de senhoras. Criadas as condições necessárias, no dia 26 de Junho seguinte, a Rev.ma Madre Geral e o seu Conselho aprovavam a fundação.

No dia 8 de Julho chegaram, para esta nova fundação, as primeiras Irmãs: Maria Inês Félix Pereira e Maria Apolónia Rodrigues Dias para ultimarem os preparativos das casas nº 29 e 30 na Rua Duque Caxias, alugada às Irmãs. Nos primeiros dias estiveram hospedadas em casa da família de D. Ana Bernardino Campos, mas no dia 13 entravam na sua residência. No dia seguinte, chegavam de Campinas, mais duas Irmãs para completar a nova Comunidade: Irmã Maria Cândida Rebelo Teixeira e Irmã Maria de São Gonçalo de Andrade. Como superiora ficou a Madre Maria Inês Félix Pereira, escolhida por D. João Baptista Correia Nery e depois confirmada pela Madre Fundadora.

No dia 15 de Julho, sábado, véspera da festa de Nossa Senhora do Carmo, teve lugar a abertura do Externato, com quatro crianças. O número de crianças aumentou e deu origem ao grande Externato de Nossa Senhora do Amparo. A partir de 1912 no colégio já funcionava o internato e o externato com o curso médio e o primário totalmente gratuito.

A 30 de Agosto chegaram a Amparo as duas Madre Visitadoras: Madre Maria José Soares de Albergaria e Madre Maria Teresa de Saldanha. Fizeram a visita canónica e no dia 1 de Setembro reuniu-se a Comunidade na capelinha para a confirmação dos cargos. A Madre Maria de Santo Inocêncio foi nomeada Provincial da Congregação, no Brasil; a Madre Maria Inês Félix Pereira, assistente da Casa Nossa Senhora do Amparo, a Madre Maria Emília Renon, directora das aulas.

Mais tarde mudaram-se as Irmãs para o prédio situado no Largo de São Benedito. No dia 22 de Abril de 1914 adquiriram um terreno com a frente para da Rua José Bonifácio onde começaram, a 3 de Outubro de 1917, as escavações para o futuro edifício. A bênção solene da primeira pedra fundamental, transcorreu a 7 de Janeiro de 1918, com a presença de Frei Estanislau Perez, OFM. À meia noite de 24 de Dezembro desse ano, celebrava-se a primeira missa no colégio.

O curso primário e pré-primário foi aberto em 1918, no centro da cidade, denominado Externato da Virgem do Rosário. Em 1928 houve a fundação da Escola Normal particular anexa ao curso colegial e em 1935 foi criado o curso ginasial, exigido pela reforma do ensino, com base no curso de formação de professores. Mais tarde essa obra recebeu a denominação de Colégio de Nossa Senhora do Amparo. O colégio apresentou sempre bons resultados e muitas formaturas.

Os tempos mudaram e, por motivos económicos a chácara de São José, grande terreno adjacente ao colégio começou a ser vendida em lotes, em 1964. Em Dezembro de 1972, por falta de alunos, fecharam-se as portas deste colégio que, ao longo de tantos anos, desempenhou a bela missão de educar.

A Casa de Nossa Senhora do Amparo, como se passou a chamar, ficou destinada somente a uma Comunidade de Irmãs e ao Noviciado, que por força das circunstâncias, foi transferido em 1973, para a casa de Limeira. A Comunidade aí permaneceram até Dezembro de 1973. Mantinha-se com o auxílio da Província. Foi um tempo de provação. Depois da saída das Irmãs, o prédio foi alugado aos Cursilhos de Cristandade.

Em 1976 reabriu a casa, com grande alegria de todas as Irmãs, sobretudo das portuguesas mais idosas, que aqui se tinham dedicado tanto, levantando com os seus sacrifícios esta casa. Por isso, mostraram a sua alegria com lágrimas nos olhos. E foram as Irmãs portuguesas, regressadas de Angola devido às convulsões da Independência, que de novo formaram a Comunidade de Amparo: Irmã Maria da Pureza Fonseca Correia, Irmã Maria Esperança Tavares de Almeida e Irmã Maria de São Gabriel Garcia Moneréo. Juntou-se a Irmã Maria Cacilda Correia de Almeida, ida de Portugal e algumas aspirantes. As Irmãs habitavam na parte do antigo Noviciado. Os Cursilhos ainda controlavam grande parte da casa.

A partir desta data, a casa foi destinada à formação. As Irmãs dedicaram-se ao apostolado na paróquia e em casa ministrando cursos de crisma, primeira comunhão, catequese de adolescentes e adultos, ao mesmo tempo que se lançaram numa acção de promoção social nos morros circundantes à cidade. Rapidamente a sua benéfica acção foi reconhecida.

Em 1977 retornou para aí o Noviciado e as Irmãs alargaram ainda mais a sua acção apostólica tomando a seu cargo as capelas de Três Pontes e Barra e o Apostolado do Rosário.

Num desejo de revitalizar ainda mais o carisma da Madre Fundadora, no seu amor e dedicação às crianças pobres, abriu-se nesta casa, em 1990, uma creche para atender as crianças carenciadas na idade pré escolar e primária, fornecendo-lhes refeições, formação humana e religiosa, lazer, acompanhamento nas actividades escolares e ajuda às suas famílias. Essa obra subsiste até ao presente.

É nesta casa que se realizam os Capítulos Provinciais, Retiros, Encontros de Formação para as Irmãs, para jovens, professores e utentes das casas da Província estando também sempre aberta às solicitações da Igreja.

Santa Casa da Misericórdia, Piracicaba, SP – 1911

Achando-se a Santa Casa da Misericórdia da cidade de Piracicaba, diocese de Campinas, necessitada de melhor organização, o Vigário desta cidade, Monsenhor Manuel Rosa, instou com D. João Baptista Correia Nery para que pedisse às Dominicanas de Campinas que se encarregassem desta missão.

As Irmãs, para atenderem aos pedidos de ambos, embora não tivessem na época pessoas preparadas para hospital, aceitaram a proposta.

No início de Agosto de 1911, a Madre Maria de Santo Inocêncio, enviou a Madre Maria de São José Chaves, para assumir provisoriamente a direcção do Hospital, acompanhada pelas Irmãs Maria de São Gonçalo Andrade e Maria da Luz Palmares.

O trabalho das Irmãs agradou de tal forma à Direcção da Santa Casa e aos médicos que, com licença da Madre Fundadora, foi firmado o contrato entre as Irmãs e a Direcção. Foi nomeada para Directora do Hospital a Madre Maria Rita Salema Garção que já estivera na direcção Sanatório do Outão, em Portugal.

Permaneceram aí até Julho de 1915, data em que o entregaram às Irmãs Franciscanas do Coração de Maria.

Casa de Copacabana, Rio de Janeiro – 1911

Um grupo de Terceiras Dominicanas insistiram com a Madre Fundadora para que as Irmãs estabelecessem, em Copacabana, uma casa de ensino para crianças.

Nesta data só estavam quinze Irmãs no Brasil e a ida das Irmãs de Portugal estava afectada com a falta de passagens nos vapores.

Contudo, a insistência foi tanta que a Madre Fundadora acabou por ceder. Com o apoio e a protecção das Terceiras Dominicanas, que ofereciam também professores, a casa teve início a 9 de Novembro de 1911, com apenas duas: Madre Maria de São José Chaves e Irmã Maria de São Pedro Apóstolo Dias.

Com a ida de mais Irmãs de Portugal a Comunidade aumentou. De facto, a 12 de Janeiro de 1912 chegaram a terras brasileiras as Irmãs Maria de Santo Humberto Cabrita e Maria das Neves Cardoso e a 6 de Abril, as Irmãs Maria Rosa Thiaucourt e Maria de São Boaventura.

A casa funcionou em 1912 com Jardim de Infância e Curso Primário, sendo de salientar de entre as benfeitoras Terceiras Dominicanas, D.ª Emília Rebec, que muito trabalhou pela instituição, não só leccionando, como também orientando as Irmãs.

Em 3 de Dezembro de 1912, entregaram a casa às Irmãs do Sagrado Coração de Maria, também chegadas ao Rio de Janeiro, expulsas de Portugal.

Casa de Nossa Senhora do Divino Coração, Petrópolis, RJ – 1912

Enquanto no Brasil as Irmãs trabalhavam em Campinas e começavam a casa de Amparo, recebia a Madre Fundadora, em Lisboa, cartas de Madame Maria José Pereira de La Roque, residente em Petrópolis. Esta senhora tinha relações de amizade com a Madre Maria de Santo Inocêncio e com os Padre Dominicanos, residentes no Brasil. Madame de La Roque expunha o seu desejo de fundar uma casa toda dedicada ao Sagrado Coração de Jesus na sua propriedade «Chácara das Rosas» e pedia Irmãs para esta fundação, comprometendo-se a pagar todas as despesas e a viagem das Irmãs.

Nas reuniões do Conselho Geral de 22 de Março e 28 de Julho de 1911 ficou decidido irem ao Brasil a Madre Maria José Soares de Albergaria e a Madre Maria Teresa de Saldanha para tratarem deste assunto, visitar as casas e resolver outros negócios convenientes.

Partiram as duas Madres de Lisboa, no dia 7 de Agosto de 1911, no vapor *Araguaya* da Mala Real Inglesa, levando mais três Irmãs: Maria Emília Renon, Maria do Coração de Maria Teixeira e Maria da Providência Faria. Desembarcaram no Rio de Janeiro e daí foram para Petrópolis tratar da fundação.

Quando regressaram a Portugal a 4 de Outubro de 1911, as Madres informaram o Conselho Geral a respeito do pedido de Madame La Roque, alegando que a dita senhora era uma alma privilegiada, que só queria fazer o bem. Não lhe sendo possível fundar o sanatório como desejava, oferecia uma casa que tem na chácara para residência das Irmãs e construiria um barracão anexo para um externato de crianças pobres. A proposta foi aceite, mas só em 18

de Janeiro de 1912 a Madre Maria de Santo Inocêncio, a Irmã Maria da Encarnação Fernandes e Irmã Maria de Santo Amaro Ferreira deram entrada na nova casa. Mais tarde, juntaram-se-lhes as Irmãs Maria Apolónia, Maria de São Tomé da Silva Pereira e Maria do Coração de Maria Teixeira.

A Comunidade que chegou a contar com oito membros teve como superiora a Madre Maria de Santo Inocêncio Lima até 13 de Junho de 1918, sendo então substituída pela Irmã Maria de Santo Humberto Cabrita. A Madre Maria de São José Chaves, ia todos os quinze dias visitá-las.

As crianças que frequentavam o Externato de Nossa Senhora do Divino Coração recebiam sopa diária, material escolar, roupa, enxoval para a primeira comunhão.

Esta casa fechou em 18 de Julho de 1919.

Erecção do Noviciado no Brasil – 1914

A 6 de Agosto de 1913 a Madre Fundadora recebia a licença de D. João Baptista Correia Nery para se estabelecer o Noviciado em Amparo. Foi aberto nesta casa em 1914, sob a orientação da Mestra de Noviças, Madre Maria Emília Renon eleita, pelo Conselho Geral, em 18 de Março de 1913.

A inauguração do Noviciado teve lugar no dia 21 de Junho de 1914, sendo a primeira postulante, Miss Emily Delany, natural de Dublin, Irlanda. Contava cinquenta e seis anos de idade, era pessoa muito culta, professora de piano, formada pelo conservatório de Dublin. Muito bem conheceu a Madre Fundadora na Casa da rua Gomes Freire, em Lisboa, e foi esta que a enviou para o Brasil.

As quatro primeiras Irmãs formadas no Noviciado do Brasil eram de quatro nacionalidades diferentes: irlandesa, Irmã Maria de São Raimundo Penaforte Delany, a primeira admitida, faleceu em Limeira a 16 de Fevereiro de 1923, africana: Irmã Maria de Jesus Crucificado Martins que faleceu em odor de santidade, em Campinas, em 8 de Outubro de 1923, brasileira: Irmã Maria Madalena de Carli, natural de Amparo e que faleceu em Campinas a 29 de Dezembro de 1986, portuguesa: Irmã Maria de São Tomás de Aquino Preciosa Correia que voltou para a sua pátria em 2 de Março de 1934, em companhia da Madre Geral, Maria de São João Evangelista de Lima Vidal. Até Julho de 1920 entraram apenas nove candidatas.

Em Agosto de 1920, a Madre Maria José Soares de Albergaria, Superiora Geral, depois de visitar as casas do Vicariato, nomeou a Madre Maria de São Jordão May, Mestra de Noviças. Porém, por falta de pretendentes, o Noviciado não funcionou até 1923. Reiniciou a 17 de Dezembro de 1923, na Casa de São Domingos de Campinas, com duas postulantes: Etelvina de Amaral e Theresa de Jesus Teixeira, sendo nomeada a Madre Maria de São José Chaves para Mestra de Noviças, cargo que ocupou até 12 de Abril de 1934. Nestes dez anos foram admitidas quarenta e seis postulantes.

Em 1934 verificou-se que o Noviciado estava num local muito movimentado e não dispunha de espaço suficiente. Voltou para a Casa de Nossa Senhora do Amparo, onde nascera em 1914, um local calmo e silencioso.

Em 1973, quando se fechou a Casa de Amparo, o Noviciado foi transferido para a Casa de São José de Limeira. Voltou para a casa de Amparo, seu berço, em 1977.

Mestras de Noviças no Brasil:

Madre Maria Emília Renon, francesa – 1914 a 1920
Madre Maria de São José Chaves, portuguesa – 1923 a 1934
Madre Maria Rita Lecor Buys, portuguesa – 1934 a 1937
Madre Maria Teresa de Jesus Teixeira, brasileira – 1937 a 1941
Madre Maria Rosa de Lima Barbosa, brasileira – 1941 a 1944
Madre Maria do Calvário Figueiredo, brasileira – 1944 a 1952
Madre Maria Inês Cardoso Gonçalves, portuguesa – 1952 a 1961
Irmã Cecília Isabel Oliveira do Vale, brasileira – 1961 a 1966
Irmã Maria das Graças Silva, brasileira – 1967 a 1968
Irmã Cecília Isabel Oliveira do Vale, brasileira – 1968 a 1980
Irmã Solange Maria de Carvalho, brasileira – 1980 a 1990
Irmã Maria Irene Cardoso, brasileira – 1990 ...

Casa de Nossa Senhora da Providência, Rio de Janeiro – 1915

Em 1915, as Irmãs aceitaram a direcção de um Patronato de Menores na cidade do Rio de Janeiro. Uma Associação de Beneficência era responsável de todas as despesas de instalação e manutenção do Patronato, enquanto as Irmãs teriam a direcção dos trabalhos, sendo-lhes assegurada autonomia no governo interno da casa.

Com a denominação de Nossa Senhora da Providência, no dia 6 de Agosto de 1915, foi instalada esta casa na Rua Guanabara, n.º 75, com as Irmãs: Maria de São José Chaves, superiora, Maria de São Francisco de Assis Teixeira, Maria da Ressurreição Oliveira, Maria das Neves Cardoso, Maria da Luz Palmares, Maria Cristina Fernandes e Maria de São Jorge Luzia.

A inauguração oficial do Patronato foi feita com grande solenidade, contando com a presença do Ex.mo Senhor Bispo de Bethesaida, do Ex.mo Presidente da República do Brasil e grandes personalidades da sociedade do Rio de Janeiro.

A obra principal desta casa era uma creche para filhos de operários. Recebiam-nas desde quatro meses até aos sete anos.

As Irmãs tomaram conta desta obra até 31 de Janeiro de 1921, data em que a entregaram às Irmãs de Sant'Ana.

Asilo de São Vicente de Paulo, Campinas – 1917

Em atenção ao pedido de D. João Baptista Correia Nery, as Irmãs aceitaram tomar, provisoriamente, conta do Asilo de São Vicente de Paulo, fundado nesta cidade pelos Vicentinos, sob o patrocínio do Senhor Bispo, em 12 de Julho de 1917.

Para lá foram as Irmãs: Maria Rita Salema Garção, Maria Bernardete de Freitas, Maria de São Rafael Pereira, Maria do Salvador da Silva e Maria da Luz Palmares.

O trabalho das Irmãs consistia em exercer vigilância sobre as famílias pobres, asiladas na vila, educar os seus filhos, dar-lhes catequese, preparar e distribuir a sopa aos pobres operários.

O número de pobres asilados chegou a cinquenta e seis frequentando as aulas cerca de cinquenta crianças e a catequese atingia mais de duzentas.

Em 17 de Julho de 1921, as Irmãs entregaram o Asilo às religiosas que eram esperadas para esta obra.

Casa de São José, Limeira, SP – 1921

D. Francisco de Campos Barreto, bispo de Campinas, sucessor de D. João Baptista Correia Nery, falecido no 1.º de Fevereiro de 1920, em visita ao Colégio de São Domingos, em Campinas, no dia 10 de Janeiro de 1921, manifestou à Madre Maria de Santo Inocêncio o desejo de que as Irmãs estabelecessem um colégio na cidade de Itapira ou de Limeira.

Acedendo a esse desejo, a Madre Maria de Santo Inocêncio foi a Limeira para escolher uma casa que servisse à fundação. Levou uma carta do Senhor Bispo para o Vigário da paróquia, Cónego Bento de Almeida Dias Leme, autorizando-o a cooperar com as Irmãs.

Em Limeira a Madre Maria de Santo Inocêncio conseguiu uma casa grande, mas muito velha, na Rua do Comércio, e para aí foram cinco Irmãs, no dia 26 de Janeiro de 1921. Em 5 de Fevereiro, mais cinco juntaram-se às primeiras.

Foram elas: Madre Maria de Santo Inocêncio Lima, Irmã Maria das Neves Cardoso, Irmã Maria de Santo Amaro Pedrosa, Irmã Maria de São Tomé da Silva Pereira, Irmã Maria de São Jorge Luzia, Irmã Maria de São Pedro Mártir Marques, Irmã Maria de Jesus Martins, Irmã Maria da Encarnação Fernandes, Irmã Maria de São Jerónimo Correia e Irmã Maria do Coração de Maria Teixeira.

No dia 10, inaugurava-se o colégio com doze alunas externas e nove internas, das quais, três eram alunas das Irmãs em Campinas, pois não se tratava da fundação de um novo colégio, mas da transferência do Externato São Domingos de Campinas para Limeira, tomando por patrono São José, de acordo com a determinação do Senhor Bispo.

A capelinha da casa das Irmãs inaugurou-se no dia 22 com a celebração da eucaristia, presidida pelo Senhor Cónego Bento.

Em 16 de Abril, mais três Irmãs vieram fazer parte do corpo docente do colégio: Madre Maria de São Jordão May, professora de Francês; Madre Maria de São Francisco de Assis Teixeira, professora de Trabalhos Manuais e a Irmã Maria de São Raimundo Penaforte Delany, professora de música e piano.

O número das alunas aumentou rapidamente e, em 4 de Agosto, foi inaugurado o Jardim de Infância para crianças dos três aos sete anos.

No início do ano seguinte, 1922, a matrícula foi tal que as Irmãs tiveram de procurar uma casa maior. Encorajada pelo Senhor Bispo, que fazia questão que as Irmãs permanecessem em Limeira, a Madre Maria de Santo Inocêncio, com um empréstimo, comprou um antigo hotel situado na Rua Barão de Cascalho n.º 30. Feitas as adaptações necessárias, já no primeiro dia de Maio as aulas passaram a funcionar no prédio novo. As Irmãs, porém, só puderam transferir a comunidade para este local em 22 de Junho.

Com grande solenidade e com a presença das principais autoridades da cidade, teve lugar a inauguração da Escola Normal Particular, anexa ao Colégio de São José, a 27 de Maio de 1928.

Em 1934 obtiveram a criação do Ginásio que funcionou sob regime de inspecção preliminar até 1946, quando se conseguiu a equiparação permanente.

Aos poucos, as Irmãs adquiriram outros terrenos e prédios anexos ao colégio para acomodar as muitas educandas internas e os diversos cursos. Em 1939 o antigo hotel foi demolido, construindo-se no local, a primeira parte do prédio actual, com três andares. Em

1957, o edifício foi aumentado, permitindo funcionando aí os cursos Primário, Ginasial e Normal. As Irmãs residiam em casa à parte.

Em 1956, abriu-se na Rua Santa Cruz, n.º 248, num edifício vizinho ao do Colégio, o Conservatório Musical São José que tinha como lema: *Sursun per Arte*. Era um estabelecimento de ensino artístico de graus primário, secundário e superior, regido pelas normas da Secretaria Estadual de Cultura Esporte e Turismo.

Foi sua fundadora a Irmã Maria Gertrudes Rebello, conhecida no meio artístico, pela sua paixão à música erudita, que tocava com perfeição, ao piano.

O Conservatório, com um corpo docente especializado, proporcionou a muitas centenas de alunos, formação musical, artística e cultural. Descobriu talentos e encaminhou muitos jovens na carreira artística. Valendo-se do *Movimento Pró-Arte*, também por ela fundado, trouxe para Limeira grandes nomes do piano e de outras artes, contribuindo assim, para a formação cultural dos limeirenses.

O Conservatório Musical São José encerrou suas actividades no ano 2000.

O edifício do Colégio São José passou por diversas remodelações, conforme as necessidades. Fechou o internato por falta de espaços específicos e, com o passar do tempo atingiu um número elevado de alunos, chegando a funcionar com três turnos, atendendo utentes desde o maternal até o 2.º grau. O seu Curso de Magistério, formou inúmeras educadoras de infância.

A Irmã Maria do Carmo Silva, enquanto Directora do Colégio, abriu no período nocturno, Cursos profissionalizantes de Secretariado e Publicidade e Cursos Supletivos que proporcionaram habilitação de 1.º e 2.º Graus a muitas centenas de alunos adultos, que não a adquiriram na idade adequada.

O Colégio São José possui modernas e funcionais instalações e métodos pedagógicos. Atende, em dois períodos diurnos, desde os recém nascidos, no berçário que ocupa o edifício do antigo Conservatório Musical, agora remodelado, até os alunos do Curso Colegial.

As Irmãs, além da preocupação de fazer do colégio um espaço privilegiado de evangelização dos seus utentes, têm o edifício sempre aberto às necessidades da Igreja, especialmente da diocese de Limeira, onde estão integradas em diversas pastorais.

Casa de Santa Catarina de Sena, São Paulo, SP – 1934

Há muito que se pensava abrir uma casa em São Paulo, devido à necessidade das Irmãs que aí se tinham de deslocar para resolver assuntos referentes às escolas ou para tratar de problemas de saúde.

A Madre Maria de São João Evangelista de Lima Vidal, quando chegou ao Brasil em 1933, obteve do Senhor Arcebispo de São Paulo, D. Duarte Leopoldo e Silva, licença para a erecção canónica de uma comunidade nesta capital. No mês seguinte enviou duas Irmãs: Maria do Rosário Figueiredo e Maria Rufina Vasconcelos para providenciarem casa e estudarem as possibilidades de levar avante a fundação. Ficaram hospedadas em casa do Dr. Artur Vasconcelos, médico português, grande amigo das Irmãs.

Depois de muitas diligências, descobriram, na rua Martiniano de Carvalho n.º 24, um pequeno Externato com duas professoras que se prontificaram a entrar em acordo com as Irmãs: cediam-lhes o Externato, continuando elas como professoras.

No dia 19 de Março de 1934, era celebrada com a presença da Madre Vigária, Madre Maria Emília Renon, a primeira Missa no Externato, agora denominado «Educandário Noelista das Florinhas Paulistas.» Este dia é considerado o da inauguração da nova casa.

A primeira comunidade era formada pelas Irmãs: Madre Maria de Santo Inocêncio Lima, superiora das Irmãs e directora do Educandário, Irmã Maria de São Pedro Marques, Irmã Maria Rufina Ferreira de Vasconcelos, Irmã Maria Teresinha do Menino Jesus Paiva Azevedo, Irmã Maria Nazareth Meireles, Irmã Maria de São Tomé Silva Pereira e Irmã Maria Ângela Lumaye.

Em Janeiro de 1935, as Irmãs mudaram-se para um prédio maior, na Rua Tamandaré, n.º 301, onde o Educandário passou a funcionar com a denominação de Colégio de Santa Catarina de Sena, com Jardim de Infância, Curso Primário e Curso Comercial.

No fim desse ano, as Irmãs foram obrigadas a deixar a casa e transferiram-se então para a Rua das Mercedes, no Alto da Lapa. Aí tiveram que recomeçar, só com alunos novos, o Curso Primário. Deste local passaram, em 1939, para a Rua Barão do Amazonas, n.º 33. Depois de passarem por outros locais, em 1945 compraram o prédio n.º 307 na Rua Manuel da Nóbrega, bairro Paraíso, onde estabeleceram o Externato de Santa Catarina de Sena. No dia 12 de Dezembro desse ano foi benzida a capela.

Nos anos de 1946 a 1957 o Externato funcionou com Jardim de Infância e Curso Primário. Em 1954 construiu-se, anexo à casa, um pavilhão com dois andares o que foi um melhoramento notável para o Externato. Em 25 de Janeiro de 1958 começou a funcionar o Curso Ginasial e em 1965 foi solicitada e obtida licença para a erecção da Escola Normal Particular Santa Catarina de Sena.

Em Julho de 1968, este prédio foi demolido e construiu-se a continuação do primeiro pavilhão com a fachada para a Rua Manoel da Nóbrega.

As Irmãs fixaram a sua residência, desde 15 de Novembro de 1963, na Rua Oscar Porto, n.º 59, cujo terreno comunica com o do Colégio.

O Colégio de Santa Catarina de Sena passou por muitas transferências devidas à escassez de espaço, por dificuldades financeiras ou rompimento de contratos, provocando nas Irmãs grande instabilidade. Apesar de tudo, com muito trabalho e perseverança das Irmãs, apoiadas por benfeitores, nomeadamente o Senhor José Chaves, irmão da Madre Maria de São José Chaves e o Dr. Artur Vasconcelos, a obra cresceu.

A partir de 1971, o Colégio Santa Catarina de Sena passou a ministrar cursos profissionalizantes: Auxiliar de Patologia Clínica, Redactor Auxiliar, Habilitação Específica de 2.º Grau para o Magistério.

Num edifício moderno e amplo, as Irmãs mantêm a sua missão inicial: obra educativa orientada para a evangelização, formando assim, agentes transformadores da sociedade e acolhimento às Irmãs, quer de outras comunidades, que amiúde por ali passam, quer de outras Províncias da Congregação e mesmo de outros Institutos Religiosos.

Casa de Nossa Senhora do Carmo, Borda da Mata, MG – 1943

Nos últimos meses de 1942, a Rev.da Madre Vigária, Maria Joana Martins, recebeu do Prefeito de Borda da Mata, Senhor Raul Cobra, um pedido para que as Irmãs aceitassem a direcção de uma Escola Normal, já equiparada pelo Governo do Estado de Minas Gerais e em

funcionamento há três anos. Tinha sido dirigida pelas Irmãs Ursulinas, alemãs, que nesta época se transferiram para Paraisópolis.

A proposta agradou à Madre Vigária, que reuniu seu Conselho com mais algumas Irmãs para estudar as condições e possibilidades de atender ao pedido. Sendo o parecer favorável, foram duas conselheiras à Borda da Mata para conhecer o local da fundação e a residência das Irmãs.

No dia 2 de Fevereiro de 1943, escolhido para a inauguração da Casa, por ser a Festa da Purificação de Nossa Senhora, partiram de Amparo, num comboio da Companhia Mogiana, a Madre Vigária e as Irmãs que deveriam formar a nova Comunidade: Madre Theresa de Jesus Mendonça, nomeada Superiora, Irmã Maria de Santo Alberto Gomes, Irmã Maria do Divino Coração Bueno de Camargo e a Irmã Maria Cristina Fernandes. Dias mais tarde chegou a Irmã Maria de São Tomás de Aquino Amaral, para completar a comunidade.

Na estação da cidade de Jacutinga, esperava-as o Vigário de Borda da Mata, Cónego Aurélio Mesquita, que as acompanhou daí em diante e se tornou um grande benfeitor das Irmãs. Pelas seis horas chegaram à Borda da Mata onde as aguardavam as alunas da Escola Normal, a Inspectora Estadual da Educação, Dr.ª Benedita Cobra, outras autoridades locais e grande número de pessoas.

Depois de passarem pela Igreja Paroquial de Nossa Senhora do Carmo, para pedirem a sua bênção e do discurso de boas vindas, entraram para a nova residência, a casa paroquial, generosamente cedida pelo Cónego Aurélio Mesquita, que passara a residir numa pensão ao lado da Igreja Matriz.

No dia seguinte, pela manhã, veio o Cónego Aurélio benzer a capela e celebrar a Santa Missa, deixando no Sacrário, o Santíssimo Sacramento.

Desde o início da fundação, as Irmãs tiveram muito trabalho na realização dos exames de admissão para o Curso de Adaptação e para o Curso Normal, organização das classes e a seguir, as próprias aulas. Durante os oito meses em que residiram na casa paroquial, iam e vinham duas ou três vezes por dia numa distância de dois quarteirões.

Nos anos de 1943 a 1946, a Escola Normal funcionou com os Cursos: Primário, Adaptação e Normal.

Em 1947, tornando-se obrigatório o Curso Ginasial nas Escolas, criou-se o Ginásio, substituindo o curso de Adaptação.

O prédio onde funcionava a escola, gratuitamente cedido pelo Senhor Raul Cobra, tornou-se demasiado pequeno para os diversos cursos. O povo, guiado pelos vigários da cidade, Cónego Aurélio Mesquita e seu sucessor, Cónego Pedro Cintra, construiu, num terreno adquirido pelas Irmãs na Rua Melo Viana, um edifício amplo, com dois andares, para onde foi transferida, em 1949, a escola e a residência das Irmãs, sendo depois de alguns anos adquirido mais um terreno anexo, onde se construíram campos de jogos, ginástica e espaços de recreio para os alunos.

Desde 1958, que a pedido do Bispo Diocesano, D. Oscar Oliveira, todos os cursos se tornaram mistos.

O Colégio de Nossa Senhora do Carmo cresceu e modernizou as suas instalações e pedagogia, tendo sempre em vista a sua primeira missão: a formação integral dos alunos.

Além do trabalho no Colégio, desde a fundação desta casa as Irmãs dedicam-se a outras obras de apostolado: visita aos doentes nos seus domicílios e hospitais, auxílio aos pobres e participação nas diversas actividades da Igreja e da sociedade local.

Casa de Nossa Senhora da Paz, Cafeára, PR – 1957

Encontrando-se em D. Geraldo Fernandes, Bispo de Londrina, em São Paulo, manifestou o desejo de colocar religiosos ou religiosas em todas as paróquias da sua diocese e propôs à Madre Vigária, Madre Maria do Loreto Freire Beirão, uma fundação em Cafeára, paróquia nova, a fim de trabalhar junto do povo.

A Madre Vigária viajou para Londrina e foi com o Padre Mário Lanceoti e o Padre Luiz Martini, até Cafeára. Encontraram uma terra muito pobre. À excepção do prédio para a escola paroquial, todas as casas eram de madeira, inclusive a Igreja. As famílias acolheram muito bem as Irmãs e algumas jovens pediram esclarecimentos acerca da vida religiosa. As Irmãs decidiram fazer aí uma fundação no 2.º semestre.

No dia 9 de Agosto de 1957, iniciaram a viagem que as conduziria à nova missão. Foram de comboio toda a noite e no dia seguinte de ónibus. Pernoitaram em Londrina e chegaram a Cafeára no dia 11, domingo, pelas dez horas da manhã.

A recepção foi entusiástica e festiva. O Vigário de Cafeára, Padre Domingos Rovedatti, com as Associações Religiosas da Paróquia, esperavam-nas em São Pedro. Não faltaram fogos de artifício, vivas, palmas e cantos. Na entrada da cidade, onde havia muito povo com as autoridades civis, repetiram-se as aclamações.

Chegadas à casa paroquial, que seria a residência provisória das Irmãs, o sacerdote celebrou missa no alpendre, na presença de numerosos fiéis, deu a bênção e colocou o Santíssimo num dos quartos, transformado em capela.

Nos primeiros dias, o povo acorria a casa das Irmãs para prestar algum serviço e oferecer os seus presentes, arroz, café, batatas, verdura, carne, ovos, fruta. Durante muito tempo, a comunidade fez pouca despesa com a sua manutenção.

No dia 18 de Agosto iniciou-se a matrícula dos alunos para o Jardim de Infância e no dia 22 foram inauguradas as aulas. O Curso de alfabetização para adultos começou no dia 7 de Outubro, com vinte e cinco alunos. A 3 de Fevereiro do ano seguinte, entrou em funcionamento a Escola Paroquial de Nossa Senhora da Paz, com as quatro classes do Curso Primário.

As Irmãs, a pedido do bispo, também desenvolviam junto do povo das zonas urbana e rural, serviço de assistência paroquial e de promoção social. Distribuíam roupas e géneros alimentícios aos mais carentes e atendiam os doentes num posto de saúde.

Em 1966, o padre missionário com quem trabalhavam, regressou a Itália, ficando as Irmãs sem qualquer assistência espiritual e sem recursos económicos para a subsistência da obra. Com estas condições, as Madres decidiram retirá-las.

O povo, porém, não se conformou com a situação e os seus insistentes pedidos fizeram com que em Fevereiro de 1967, a Madre Provincial, Irmã Maria Isabel Coelho, enviasse duas Irmãs para reiniciar os trabalhos naquela cidade.

Em 1968, encontrando-se as Irmãs nas mesmas condições anteriores, fechou-se definitivamente aquela obra.

Casa de Nossa Senhora de Fátima, Lupionópolis, Paraná – 1958

Na sua viagem ao Paraná em 1957, a Madre Vigária, Madre Maria do Loreto Freire Beirão, passou por Lupionópolis. O vigário auxiliar desta Paróquia, Padre Luiz Martini, mostrou-lhe o prédio, em construção, destinado à escola e convento, demonstrando o seu desejo de que ela fizesse uma fundação naquela cidade.

Dada a proximidade de Cafeára, achou oportuna a fundação, para que as Irmãs das duas comunidades se pudessem auxiliar mutuamente, já que estavam muito distante das outras casas da Congregação.

Assim, no dia 16 de Novembro de 1958, domingo, chegavam à nova Comunidade as Irmãs Maria de São Raimundo Santana, Catarina de Ricci Silveira e Maria de São Miguel Gava. Acompanhadas pela Madre Vigária, pelas Irmãs de Cafeára e sua superiora, a Madre Maria Imelda Camacho, que ficou responsável da nova fundação até à chegada da sua Superiora, um grupo de jovens da Pia União das Filhas de Maria e meninas da Cruzada Eucarística Infantil.

A recepção, na entrada da cidade de Lupionópolis, foi análoga à da fundação em Cafeára, não faltando fogos, vivas, palmas, muito povo, as Associações Religiosas e ainda os alunos do Ginásio Estadual, uniformizados e com a sua fanfarra.

Os carros dirigiram-se para a Igreja onde as Irmãs assistiram à Eucaristia celebrada pelo Padre Domingos Revedatti. À saída da Igreja, as Irmãs receberam os cumprimentos de várias pessoas e foram convidadas para uma festa no salão paroquial. Aí Frei António Pozzato fez uma palestra alusiva à vinda das Irmãs para a cidade, outras pessoas discursaram e seguiu-se um programa de cantos, poesias, diálogos, muito bem executados. Depois dos agradecimentos, seguiu-se o almoço oferecido às Irmãs, na sua residência.

Além do serviço paroquial e de apostolado, as Irmãs iniciaram uma escola, apenas com Jardim de Infância, visto haver curso primário na cidade. Foi tal a insistência de alguns pais, que acabaram por abrir também três classes do curso primário.

No dia 2 de Março de 1959, a Irmã Maria Augusta Santos chegou para tomar posse do seu cargo de superiora da Casa de Nossa Senhora de Fátima. Entregou-se com todo o fervor do seu zelo apostólico a trabalhar incansavelmente não só na organização dos cursos escolares, como no serviço paroquial dentro e fora da cidade, de sorte que, em pouco tempo, era conhecida e estimada por todos.

O facto mais marcante do início desta casa foi o falecimento, inesperado, desta sua jovem superiora, a Irmã Maria Augusta. As manifestações de pesar que precederam e seguiram o seu sepultamento, perduraram por muito tempo na cidade e chegaram até aos nossos dias. Os seus restos mortais repousam sob o altar da capela do cemitério de Lupionópolis, junto deste bom povo a quem ela tanto se dedicou.

Durante alguns anos, as Irmãs residiram numa casa de madeira e leccionavam no prédio em construção para a escola intitulada Casa Escolar Guido Maria Confort, em homenagem ao fundador dos Padres Xaverianos. Aos poucos, com as suas economias, a ajuda da diocese e do Estado, conseguiram terminar a construção e reunir no mesmo prédio a residência das Irmãs e a Escola.

A casa de Lupionópolis, apesar de muitas dificuldades de ordem económica, passou por algumas remodelações, oferecendo melhores condições quer físicas, quer pedagógicas às suas crianças.

Nesta cidade, a presença das Irmãs tem sido um verdadeiro testemunho evangélico e apostólico. Estando muitos períodos sem pároco, assumem todos os trabalhos da paróquia, congregando e animando o povo de Deus, na sua caminhada.

Casa de Nossa Senhora Aparecida, Uruaçu, Góias – 1959

Estando a Madre Geral, Madre Maria Teresa Gomes Pinto, em Campinas, foi visitada por D. Francisco Prada Carrara, Bispo de Uruaçu, que andava em busca de religiosas para assumirem na sede da diocese, a direcção da Escola Normal Regional Santanense e da e da Escola Paroquial Sagrado Coração de Maria que lhe era anexa.

Foram tão generosas as propostas da parte do Senhor Bispo e tão insistentes os seus pedidos que a Madre Geral acedeu.

No dia 19 de Fevereiro de 1959, partiram do aeroporto de Congonhas, São Paulo, a Madre Maria do Loreto Freire Beirão, Vigária, a Madre Maria Teresa de Jesus Mendonça, superiora da casa de Limeira, e as Irmãs destinadas à nova fundação: Madre Maria do Calvário Figueiredo, para superiora, Irmã Maria Cecília Saber, para Directora da Escola, Irmã Maria da Trindade Pinto Salgado e Irmã Maria do Menino Jesus Roma.

No aeroporto de Goiânia souberam que só teriam voo para Uruaçu daí a três dias. A Madre Vigária, entretanto, conseguiu lugares num avião que partia para o Norte do Brasil na manhã do dia seguinte o qual aterrou em Uruaçu, somente para deixar as Irmãs. Chegaram às 9 horas da manhã e ninguém as esperava, visto que a recepção não estava marcada para aquele dia.

O ruído do avião esvoaçando sobre a cidade, chamou a atenção. O Senhor Padre Euzébio, secretário do bispo, partiu de jipe para o aeroporto. Quando as Irmãs desciam do aparelho naquela clareira rodeada de mato, chegou o Senhor que cumprimentou as Irmãs e admirado explicou que não contavam com a sua chegada naquele dia.

As Irmãs pediram para ir à Igreja comungar. Ao subirem a escadaria da Catedral, deram com o Senhor Bispo, D. Francisco Prada Carrera que acabava de repicar os sinos e vinha ao encontro das Irmãs chorando de comoção.

Sem poder conter as lágrimas, as Irmãs entraram na Igreja para receber o Pão dos Fortes. O Senhor Bispo deu-lhes a comunhão e ao sair da Catedral, disse-lhes em voz baixa: «Hoje a acção de graças será curta, precisam de tomar o café.» Daí foram para a casa que lhes era destinada, na mesma praça, ao lado esquerdo da Igreja, que fora a primeira Casa Episcopal de Uruaçu, um prédio antigo, comprido e baixo, nem forrado, nem assoalhado, mas bastante grande, tinha onze compartimentos e os móveis indispensáveis.

Depois de tomarem o café, foram ver a casa e o enorme quintal, com um poço de água, que muitas vezes foi usado por nem sempre haver água nas torneiras.

Não faltaram visitas das famílias goianas, amáveis e prestáveis, mas que até no sotaque da voz se diferenciavam das paranaenses, paulistas ou mineiras.

Na Escola Paroquial e no Curso Normal Regional, situados na mesma praça, iniciaram as matrículas para os Cursos Primário e Normal Regional. O número de alunos, meninos e meninas, excedeu a expectativa das Irmãs.

Ainda em Agosto de 1959, num rasgo de generosidade singular, o Senhor Bispo, D. Francisco Prada, passou para a Congregação, com escritura oficial, o antigo Palácio Episcopal, onde residiam as Irmãs, com o respectivo terreno e mais um pequeno bosque num arrabalde da cidade e ainda uma chácara bem perto do perímetro urbano, proporcionando um espaço suficiente para o futuro da escola.

No ano seguinte, 1960, as Irmãs criaram o Curso Ginasial com a denominação de Ginásio de Nossa Senhora Aparecida. Pouco a pouco, foram fazendo as obras de ampliação da casa, de modo a receberem internas e externas.

Em 1966, alcançaram a erecção da Escola Normal Estadual oficializada, que pôs à disposição do grande Estado de Goiás um grupo de jovens professoras, preparadas para levar às escolas dos seus longínquos sertões, a fé e a civilização cristãs.

O desenvolvimento desta obra deveu-se, em grande parte, à grande generosidade dos bispos da diocese, primeiro D. Francisco Prada Carrera, que foi para as Irmãs um verdadeiro pai e pastor, guiando, amparando espiritual e economicamente. Depois o seu sucessor, D. José Silva Chaves, que continuou os gestos de generosidade do seu predecessor e, embora com a responsabilidade de uma diocese com um imenso território, sempre encontrou tempo para leccionar no Curso Normal e dirigir, pessoalmente, a construção do Colégio chegando mesmo a fazer alguns trabalhos com as próprias mãos.

As Irmãs, além da acção educativa, exerceram, desde a sua chegada, uma intensa actividade pastoral e missionária, não só na cidade, mas também acompanhando o Senhor Bispo e outros Sacerdotes nas capelas onde se deslocavam para levar a Palavra de Deus.

Dr. Cristóvão de Ávila, testemunhou sobre a presença das Irmãs nesta cidade, «Além da eficiência do ensino, promovem programas de assistência social, ministrando cursos de iniciação profissional, orientação a gestantes, alfabetização a dezenas de crianças pobres. A presença das Irmãs tem reflexos nas comunidades circunvizinhas de Campinorte, Estrela do Norte, Santa Teresa, Formoso, Campinaçu, Minaçu, Niquelândia, Santa Teresinha e outras.»[194]

O Colégio Nossa Senhora Aparecida passou momentos difíceis para manter o nível de ensino a que se propunha: o número reduzido de Irmãs para atender a crescente demanda de alunos nos três turnos diários e também a falta de professores habilitados para algumas disciplinas. Muitas vezes, para completar o quadro docente, necessitou recorrer a professores de outras localidades, a alguns sacerdotes e outros profissionais liberais.

Apesar das muitas dificuldades, incluídas as de ordem económica, o Colégio não parou de crescer. Foi actualizando a sua pedagogia de acordo com as necessidades do momento, podendo contar com um número cada vez maior de professores habilitados. Passou por diversas remodelações, tornando as suas instalações mais modernas, funcionais e acolhedoras.

Entretanto, muitas outras escolas, com variadas ideologias, métodos e grau de ensino, foram abertas. Isso repercutiu-se no andamento do Colégio que, actualmente, atende um número menor de utentes, distribuídos em dois turnos. Conta, porém, com um quadro de professores eficientes e entusiastas que, para além do ensino dos conteúdos específicos, colaboram com as Irmãs na formação da mente e do coração dos seus alunos.

Casa da Imaculada Conceição, Borrazópolis, Paraná – 1963

Sabendo que os Padres Dominicanos da Província de Malta se tinham estabelecido no Estado do Paraná, a Madre Maria do Loreto Freire Beirão mostrou desejo de fundar ou transferir algumas das casas para as mesmas paróquias, a fim de facilitar a orientação

[194] Professor e benfeitor do CNSA, Uruaçu, 21 de Abril de 1987.

dominicana para as Irmãs, especialmente para as vocações que iam aparecendo em grande número no Paraná.

Por outro lado, os Padres Dominicanos sabendo que havia Irmãs Dominicanas nalgumas paróquias, solicitaram-nas para aquelas de que se iam encarregar, nas cidades de Londrina, Ponta Grossa, Borrazópolis e Faxinal.

Depois de conversações com o Superior dos Dominicanos e com o Senhor Bispo de Londrina, D. Geraldo Fernandes, optou-se por fazer uma fundação em Borrazópolis e outra em Faxinal, onde os Dominicanos já se encontravam.

Abriu-se primeiro a casa de Borrazólopis, onde o Prefeito Municipal se encarregou de mandar construir uma boa e espaçosa casa de madeira para residência das Irmãs, ao lado da Igreja e da Escola Paroquial.

A Madre Vigária acompanhada pela Madre Maria de Jesus Teixeira, nomeada superiora e pelas Irmãs: Maria do Coração de Maria Carlomano, Maria Judith Reis Costa, Maria de Santo António Rossi e Maria de Santo Alberto Gomes, partiram de Campinas no dia 20 de Dezembro de 1963 e chegaram a Borrazópolis no dia seguinte, sendo festivamente recebidas pelos nossos Irmãos Dominicanos, pelo Prefeito da cidade, Senhor Ildefonso Senna e pelo povo que as queria ver de perto e cumprimentá-las.

A principal tarefa das Irmãs desta casa era o apostolado paroquial. Organizavam as obras de catequese: cursos de baptismo, preparação remota e próxima para a Primeira Eucaristia, catequese de adultos e das crianças das escolas. Animavam a Liturgia Eucarística, o Movimento das Filhas de Maria e, aos domingos, acompanhavam os padres nas celebrações das capelas, dando assistência à população rural.

Para ajudar na manutenção da comunidade, visto a paróquia não possuir recursos suficientes, algumas Irmãs também passaram a leccionar na Escola Municipal e no Ginásio Estadual, onde também levavam a Boa Nova de Jesus.

Estiveram em Borrazópolis apenas sete anos e o mesmo carinho, respeito e generosidade que o seu povo lhes dispensou no dia da chegada, continuou por todo o tempo em que as Irmãs aí permaneceram.

Em 1970, com muito pesar por não haver Irmãs em número suficiente para manter todas as obras, fechou-se esta casa.

Casa de São Domingos, Faxinal, Paraná – 1964

«A 17 de Fevereiro de 1964, apesar das chuvas torrenciais que dificultavam as viagens, entravam em Faxinal as duas primeiras Irmãs para uma nova fundação: Irmã Maria Marta Bueno de Camargo, nomeada para superiora e Irmã Theresinha Pinto de Oliveira. No dia 22 chegava a Madre Vigária, Madre Maria do Loreto Freire Beirão com a Irmã Maria da Cruz Guilherme.

Foram festivamente recebidas pelos Freis Domicanos Malteses: Domingos Ebjer, Rafael e Angelo e especialmente pelo bom povo de Faxinal, com muitas homenagens de boas vindas.

A Comunidade instalou-se, imediatamente, numa casa de madeira que lhe fora preparada, ao lado da nova Igreja Matriz, em construção. Era tudo muito pobre; a casa não tinha água nem luz e os meios de comunicação muito escassos.

A fundação tinha por finalidade principal assumir a direcção de um ginásio já projectado pelos Padres Dominicanos. Portanto, o trabalho mais urgente foi matricular e organizar as classes do Curso Primário, Admissão e primeira Série Ginasial, para que o Ginásio de São Domingos pudesse funcionar ainda neste ano 1964, conforme o desejo das famílias de Faxinal e de Frei Domingos Ebejer, OP.

Muito trabalhou Frei Domingos para preparar as salas indispensáveis dentro da planta do futuro prédio, cuja construção localizada em frente da casa das Irmãs, apenas se iniciava.

Com as bênçãos divinas tudo se conseguiu e em Dezembro de 1967 a primeira turma já recebia o certificado de conclusão do Curso Ginasial.

As Irmãs abriram também uma classe de Jardim da Infância e no período nocturno, o Curso Ginasial para adultos.

Além deste intenso trabalho em prol da educação, dedicavam-se também a outros serviços paroquiais na cidade e na zona rural.

O alvo que levou a Rev.ma e saudosa Madre Maria do Loreto Freire Beirão, quando Vigária do Brasil, a aceitar a fundação das casas no Estado do Paraná, tem sido atingido. Nestes onze anos, foram admitidas no Noviciado sessenta e cinco postulantes vindas do Paraná, das quais quarenta e quatro estão perseverando. Destas, dez já fizeram a Profissão Perpétua e vinte e quatro, a Profissão Temporária.[195]

A vida Irmãs, durante os anos de presença no Faxinal passou por muitas transformações.

Construiu-se, em 1977, uma nova residência para a comunidade, ao lado da Igreja Paroquial, separada do edifício do Colégio por um jardim. Pela sua funcionalidade, é um espaço muito propício à convivência fraterna.

O edifício do Colégio de São Domingos que no princípio da fundação, pertencia aos Padres Dominicanos, foi doado à Província que aos poucos, foi melhorando as suas dependências tornando-se numa escola ampla, funcional e moderna nas instalações e nos métodos pedagógicos. Conta com um pessoal docente muito bem preparado, consciente da sua missão educativa e que tem à sua disposição material didáctico de alta tecnologia. Funciona no colégio desde o maternal até o 2.º Grau Colegial.

Nos últimos anos o número de utentes tem vindo a aumentar, tanto os residentes em Faxinal como os das cidades vizinhas.

Casa da Sagrada Família, obra da Criança Zenaide de Souza Lima
Itaquaquecetuba, São Paulo, 1974

A Casa da Criança «Zenaide de Souza Lima» foi fundada em 20 de Março de 1949, pelo Dr. Moacyr Souza Lima e sua esposa D. Zenaide em cumprimento de uma promessa.

Em 1974, a Provincial, Madre Maria do Perpétuo Socorro Costa e seu Conselho aprovou o pedido de que as Irmãs assumissem a administração desta obra, regendo-se por contrato de locação de serviços. A obra era dirigida por elementos do Lions Club de Morumbi, São Paulo.

---

[195] Breve História do Vicariato do Brasil da Congregação das Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena, 1911-1968.

Em 1987 foi proposta e aceite uma direcção com pessoas da cidade e as Irmãs continuaram apenas na administração.

O objectivo da obra era dar às crianças abandonadas, assistência alimentar, médica, educacional e recreativa, em regime de internato.

A missão específica das Irmãs era a administração da obra, imprimindo-lhe uma orientação cristã. Zelar pela formação moral, humana e profissional das crianças, assistidas pela instituição, até que elas próprias pudessem integrar-se na sociedade.

Em 1985 começaram a surgir vários problemas com a direcção o que levou as Irmãs a retirarem-se em 1988.

Centro de Treinamento de São José, Uruaçu, Goiás – 1975

Em 1975, a pedido do Bispo de Uruaçu, D. José Silva Chaves, as Irmãs assumiram nessa cidade a orientação do Centro de Treinamento de São José, onde ministravam cursos pastorais, colaboravam nos encontros promovidos pela diocese e na formação dos seus seminaristas que ali habitavam. As crónicas registam que: «as pessoas seculares que estiveram em contacto com as Irmãs no Centro de Treinamento elogiam o trabalho que realizaram e admiram a sua dedicação.»[196]

As Irmãs retiraram-se dessa obra em 1979.

Casa Madre Fundadora, São Paulo, SP – 1977

A Casa Madre Fundadora, situada na Rua Manuel da Nóbrega, n.º 291, em edifício anexo ao do Colégio de Santa Catarina de Sena, foi doada à Província pelo Senhor Antonino Correia de Moura Chaves, irmão da Madre Maria de São José Chaves. Era propriedade e residência da família Chaves. Ficou sob usufruto da Madre Maria de São José e de sua irmã D. Carolina Chaves, que ali habitava.

Após o falecimento de ambas, as Irmãs aí se instalaram no dia 25 de Janeiro de 1977, com a presença da Madre Maria do Perpétuo Socorro Costa, Superiora Geral e da Madre Maria do Sagrado Coração de Jesus Valente, Conselheira Geral, no primeiro mandato da Superiora Provincial, Irmã Maria do Bom Conselho Teixeira Martins.

A instituição desta casa teve como objectivo servir de sede da Província de Santa Cruz e residência da Madre Provincial. Na mesma data abriu-se aí o primeiro Juniorado da Província a funcionar separado do Noviciado, com as junioras: Irmã Maria Cecília Campos e Irmã Dinazília Ribeiro Damacena, exercendo a função de Mestra a Madre Provincial, Irmã Maria do Bom Conselho. Aí também passou a funcionar a sede da Sociedade de Educação e Beneficência Santa Catarina de Sena.

As Irmãs que aí residem pertencem à Comunidade da Casa de Santa Catarina de Sena.

Casa de Santa Rosa de Lima, Londrina, Paraná – 1984

A Província de Santa Cruz adquiriu uma casa, num bairro de Londrina, com o objectivo de acolher as aspirantes, manter a promoção vocacional e colaborar na pastoral

[196] Crónicas da Congregação, 1979, A.G.C.

paroquial. Muitas foram as jovens que por ali passaram e tiveram o seu espaço de discernimento e orientação vocacional.

A Irmã Maria Irene Cardoso foi a primeira superiora desta casa, que foi erecta a 12 de Fevereiro de 1984.

As Irmãs, apesar de já não terem lá o aspirantado, têm realizado um intenso apostolado no bairro onde estão inseridas e na Igreja, sobretudo junto à pastoral da criança e catequese.

Casa Madre Maria do Sagrado Coração de Jesus, Dirceu Arcoverde, PI – 1986

As Irmãs foram para Dirceu Arcoverde, diocese de São Raimundo Nonato no Estado do Piauí, com o objectivo de uma total inserção junto do povo mais carenciado. Dedicam-se à evangelização, promoção social e religiosa e, consequentemente, à promoção vocacional. Vivem numa casa propriedade da diocese.

A abertura da Comunidade deu-se no dia 23 de Fevereiro de 1986 com a celebração da Eucaristia presidida pelo Senhor Bispo, D. Cândido Lourenzo Gonzáçez e concelebrada pelo Padre Francisco Barroso de Carvalho, Vigário Paroquial, Padre José Deusdará, Padre José Cláudio Moreno e Padre Manoel Lira.

Estavam presentes a Irmã Maria Pureza Fonseca Correia, Superiora Provincial, e as Irmãs que iriam fazer parte da Comunidade, Irmã Maria do Carmo Silva e Irmã Ana Maria Silva, as religiosas Mercedárias de São Raimundo Nonato e da cidade do Canto do Buriti, numerosos fiéis do local e das cidades vizinhas.

O Senhor Bispo expressou com afecto a alegria de receber as Irmãs na sua diocese. Igualmente o Padre Francisco Barroso de Carvalho relatou, com palavras emocionadas, todo o esforço, orações e sacrifícios que precederam, na Comunidade paroquial, a chegada das Irmãs.

A Madre Provincial agradeceu a todos, expressando o sacrifício, as esperanças e o amor que a decisão de colocar as Irmãs nesta região do Brasil significava para a Província de Santa Cruz.

Após a missa, foi servido um almoço de confraternização e cumprimentos.

Ao longo destes anos, as Irmãs têm tido uma grande acção missionária, não só na sede, mas também no interior, onde permanecem por muitos dias junto das populações mais carenciadas. Aí visitam as famílias, evangelizam crianças e adultos e distribuem, aos que necessitam, bens essenciais recebidos da Caritas.

Casa de Nossa Senhora do Rosário, Petrolina – Pernambuco, 1993

Em Setembro de 1993, o Conselho Geral recebeu, da Madre Maria do Carmo Silva, Provincial da Província de Santa Cruz, o pedido da erecção canónica de uma Comunidade em Petrolina, Estado de Pernambuco com o objectivo de acolher e dar assistência às vocações daquela região, prestar serviços pastorais e de ter uma Comunidade mais próxima das Irmãs que trabalham na cidade de Dirceu Arcoverde.

A Comunidade foi erecta, a pedido de D. Paulo Cardoso, no dia 16 de Janeiro de 1994. Orientam um Centro Diocesano de Treinamento, com espaço de reflexão e cursos, pensionato para adultos que residindo em localidades distantes, trabalham na cidade de Petrolina e ainda

recebem, gratuitamente, pessoas com poucos recursos, que, necessitando tratar da saúde ou de outros assuntos não podem pagar numa pensão.

As Irmãs, além de orientarem a vida da casa, também exercem actividades missionárias através de cursos e da rádio local que pertence à diocese, quer deslocando-se às zonas do interior onde permanecem durante largo tempo na evangelização do povo.

Ao longo de todos estes anos de presença da Congregação no Brasil, os desígnios de Deus para que a Obra não se extinguisse mas se dilatasse numa vocação universal, foram-se cumprindo. A Província de Santa Cruz é formada por onze comunidades espalhadas por seis Estados, dedicando-se especialmente à educação, tornando os seus colégios, locais privilegiados de evangelização, atingindo pela sua dedicação, milhares de crianças, jovens e adultos.

O seu empenho na evangelização ultrapassa os muros dos colégios. Em todas as comunidades existem Irmãs inseridas nas diversas pastorais desenvolvidas pela Igreja do Brasil.

A Congregação continua viva neste grande País, com numerosas vocações, que ao jeito da Madre Teresa de Saldanha, procuram seguir Jesus, semeando o bem.

Capítulo V
Missão *ad gentes*

Em 1959, quase cinquenta anos após a primeira arrancada missionária, a Congregação estendeu-se para novos campos de missão, num desejo de irradiar a obra evangelizadora da Madre Teresa de Saldanha.

Angola – antes da Independência

D. Moisés Alves de Pinho, na altura Bispo de Luanda, conhecedor do apostolado da Congregação, em Portugal, solicitou à Madre Geral, Madre Teresa Gomes Pinto, Irmãs para uma missão em Salazar – Angola.

Respondendo a este apelo, as primeiras Irmãs partiram para África, dando cumprimento ao desejo da sua Fundadora, Madre Teresa de Saldanha, no 91.º aniversário da fundação da Congregação.

Foi a 26 de Agosto de 1959 que no paquete *Império* seguiram rumo a Angola, as primeiras quatro Irmãs missionárias: Maria Jacinta Morais Gomes, superiora, Maria de São Gabriel Garcia Moneréo, Maria Fernanda Rafael Pires, Maria Custódia Antunes, onde chegaram no dia 5 de Setembro.

No mesmo dia, seguiram para N'dalatando duas das Irmãs, enquanto a Madre Maria Jacinta e Madre Fernanda ficaram em Luanda até ao dia 8, festa da Natividade de Nossa Senhora.

Casa de Santa Teresinha, N'dalatando – 1959

Salazar era uma pequena vila, situada no Kuanza Norte, a 210 km de Luanda. O seu povo, muito acolhedor e laborioso, tinha um coração aberto à Boa Nova do Evangelho e ao progresso. Uma bela paisagem florestal e extensas fazendas de café perfumavam, com seu aroma, a atmosfera verde e fresca desde o Morro do Binda até perto do Lukala.

O clima, quente e seco, era muito agradável, no tempo do cacimbo. Nos férteis terrenos, o povo cultivava as lavras de onde tirava o seu sustento quotidiano.

Foi esta a primeira missão em que as Irmãs começaram a sua acção missionária. As quatro Irmãs constituíram uma comunidade, tendo como superiora a Madre Maria Jacinta Morais, pessoa simples, mas atenta e dinâmica, de uma generosidade a toda a prova e sempre com vontade de chegar mais longe.

A seara, para as novas missionárias, era imensa! Já as esperavam os Missionários do Espírito Santo que, há anos, aí trabalhavam. Foram eles que fizeram os preparativos para a sua chegada. Assim, elas encontraram com vassoura e pano na mão, o jovem Padre Abílio Ribas, hoje Bispo de São Tomé e Príncipe, limpando a casa, acabada de construir.[197]

As Irmãs iam cheias de entusiasmo e juventude, não lhes metia medo o imenso campo de acção que se lhes abria. Era, sim, motivo de alegria, a oportunidade de amarem decidida e generosamente os irmãos, através da educação, do ensino, da evangelização e da promoção.

Estava fundada a missão feminina de Santa Teresinha.

Quais as necessidades mais urgentes daquela população, a que era preciso dar resposta?

Um internato para meninas órfãs ou mais necessitadas, dos quimbos distantes; promoção da mulher; preparação de noivas para o casamento; catequese em geral; aulas de educação moral e religiosa nas escolas primárias; uma creche para crianças mais desfavorecidas; acção social pelos bairros e sanzalas da periferia; acompanhamento dos missionários às populações mais distantes da missão e onde ficavam, alguns dias, fazendo trabalho de pastoral. Foi assim este primeiro ano de vida missionária que também poderíamos chamar de adaptação ou inculturação.

Na província do Kuanza Norte não havia um estabelecimento de ensino, nem outras missionárias que proporcionassem às crianças e adolescentes o ensino académico para além da 4.ª classe. Alguns pedidos começaram a pressionar as Irmãs para que diligenciassem essa possibilidade.

Entretanto, no ano seguinte, no dia 29 de Novembro de 1960 embarcaram, via marítima, mais duas Irmãs: Maria Samuel Vieira e Lucília Santos Gomes. Nos primeiros tempos quase todas as viagens se faziam de barco. Eram nove dias de «retiro» contemplando a grande beleza do mar, com seus peixes gozando a liberdade, das noites cheias de luar, do raiar e do pôr do Sol, da tranquilidade das águas. Que belos dias, quando não havia tempestades...!!!

Chegaram a Luanda no dia 15 de Dezembro, do mesmo ano. Esperava-as muito esforço, muito sacrifício e também muita alegria.

As Irmãs Maria Fernanda Pires, Maria São Gabriel Moneréo e Maria Samuel Vieira distribuíram entre si as várias disciplinas. Começaram com um pequeno grupo de alunas que nunca mais parou de crescer. Tornando-se um estabelecimento de ensino com grande frequência, o Colégio de Santa Maria Goretti. Uma construção com dormitórios e salas de aula, campos de jogos que, rapidamente, acolhia seiscentos alunos externos, raparigas e

---

[197] Nota da Irmã Maria Fernanda Rafael Pires, OP. A.G.C.

rapazes. O internato acolhia cento e cinquenta meninas. O único na província do Kuanza Norte.

Merece referência o testemunho do Padre Álvaro Terreiro, capelão militar, que por aí passou nesses tempos:

«Numa cidade, em pleno crescimento, como era Salazar, nos anos 1961-63, a presença das Irmãs Dominicanas era pedra fundamental para a formação e cultura da sua gente. Fundamental, sobretudo, para a juventude daquele tempo, necessitada de tudo e a braços com a incerteza da vida, quando o terrorismo alastrava a passos largos.

A superiora da Comunidade, Madre Maria Jacinta Gomes, desdobrava-se em actividades de missão, com a ajuda que pudesse obter no campo social e religioso.

A casa que já se podia considerar provida do indispensável, numa zona lindíssima da vila, ao longo da avenida principal, ficava quase em frente da Missão dos Padres Espiritanos.

Como eu residia na missão, pois era capelão da unidade militar – Batalhão 230 – e conseguia, nas longas noites, menos turbulentas, entreter os militares e oficiais, através da criação de um grupo coral, a Madre Maria Jacinta, começou logo a pensar servir-se de mim, para lhe dar uma pequena ajuda nesse campo.

Um dia, o grupo coral abrilhantou a Missa do Crisma, na missão, com a sua presença discreta, recebendo festivamente o Senhor Bispo, D. Moisés Alves de Pinho, ao qual se dedicou, com letra e música apropriada, a vozes, coisa rara, entre os militares.

Foi então que a Madre Maria Jacinta me solicitou para orientar um retiro dos alunos e alunas, pois o colégio era misto, o que para o tempo não era o vulgar. Um pouco renitente, pois era a primeira vez que fora solicitado para um trabalho destes. Fui prometendo, por etapas evasivas, até que não pude deixar de lhe dar o "sim" definitivo.

Foi um retiro-encontro de reflexão aberto, com diálogos de permeio, a gosto do conferente, com permissão da Irmã, pessoa muito aberta a inovações, nada inclinada a ambientes de sacristia.

Resultou bem, com a ajuda da inovação, da abertura da Superiora e das Irmãs Fernanda e Maria de São Gabriel. Até se criou um hino para o colégio que ainda hoje existe e está publicado, embora com algumas modificações.

O espírito de sacrifício das Irmãs era enorme. Além do trabalho da casa e da missão, tinham as aulas do colégio que havia que preparar. Lembro-me que várias vezes, ao regressar à missão, altas horas da madrugada, via ainda luz no quarto da Madre Maria Fernanda que leccionava algumas disciplinas... Pensava eu que eram vigílias de oração que fazia... Só mais tarde a Irmã Maria Rosália me confessou que era o zelo da preparação das aulas que a levava a fazer aqueles serões.

Grande oração essa, a favor dos jovens que gostava de ensinar e formar para a vida !

Como eu fiquei grato àquela Comunidade de Irmãs, Só Deus sabe.» [198] !

Em torno da missão havia muita vida, muito entusiasmo, muita dedicação. Muita gente, crianças e jovens, que cresciam culturalmente e com valores humanos e cristãos. Aulas, festas, passeios de estudo e convívios, torneios, preparação para os sacramentos, celebrações, eram as actividades dos alunos.

Mas a acção das Irmãs não se reduzia apenas ao colégio. Quanto mais Irmãs iam chegando, maior era o leque das iniciativas. Eram sempre poucas para dar resposta a todos os

[198] Nota do Padre Álvaro Terreiro, 03 de Março de 2002.

pedidos que lhe eram feitos. Cada Irmã, no seu trabalho, se distinguia pelo entusiasmo e dedicação com que exercia as mais variadas tarefas, apesar da diferença de cultura e longe da terra natal.

A Irmã Maria Esperança Tavares, humilde e silenciosa, passava longas horas, todos os dias com um grupo de jovens e adultos, dando-lhes catequese e preparando-os para o baptismo. Ensinava também costura a jovens e senhoras. Uma vez por semana ia visitar os doentes ao hospital e nos fins-de- semana, como as outras Irmãs, ia para as aldeias dar catequese e rezar o terço com as pessoas. Durante muitos anos, mesmo quando o peso dos anos se fez sentir, caminhou a pé debaixo de escaldante sol, para os bairros distantes onde passava rezando e evangelizando.

Em Outubro de 1970, chegou a Luanda a Irmã Maria Conceição Santos que deixou registada a sua primeira impressão: «No dia seguinte, às 5,30 horas segui de comboio com a Irmã Maria Samuel Vieira, que me veio esperar, rumo a N'dalatando. Com os meus olhos muito arregalados toda a viagem, ia saboreando as belas paisagens cheias de novidades tropicais. Fiquei encantada com uma belíssima árvore que estava plantada no jardim da missão. Pensei que era o jardim do Éden... Havia cerca de trinta e cinco meninas da missão que estudavam e aprendiam serviços domésticos e costura.»[199]

Mais tarde, foi necessário construir um lar, junto ao colégio, para meninas, a fim de tirarem o curso de professoras na escola que os Maristas abriram. As Irmãs adquiriram também uns terrenos em Camoma que cultivavam e onde criavam também animais.

Os movimentos de apostolado, o coro e os escuteiros foram sementes que germinaram cheias de vigor e tornaram a Missão de Salazar um pedaço do Reino de Deus, belo, dinâmico e atraente.

Ano após ano, o grupo de Irmãs ia aumentando, atendendo às diversas solicitações.

A Irmã Maria Fernanda Pedrosa Rei com a sua prima Irmã Maria Ondina Pinto de Oliveira foram para a missão de N'dalatando, ainda junioras. Aí emitiram os Votos Perpétuos, na Igreja de São João Baptista, no dia 15 de Fevereiro de 1975, nas mãos da Superiora Geral, Madre Maria do Sagrado Coração de Jesus Valente.

Na altura da Independência, 11 de Novembro de 1975, estavam em N'dalatando doze Irmãs que foram obrigadas a abandonar a missão. Porém, um mês depois, chegou a Luanda o clamor do povo que, de joelhos na estrada, solicitava o retorno das Irmãs. A interpelação era irresistível!

Após uma noite de oração e discernimento, ficou decidido que duas Irmãs regressassem a N'dalatando, ocupando os destroços da violência. Permaneceram na sua casa destruída, até que, um ano depois, foram postas na rua, no espaço de 24 horas. Histórias a lembrar outra História.

No ano de 1978, regressaram a Angola quatro Irmãs, duas destinadas a N'dalatando e duas a Cacuso. Despojadas de tudo, foram acolhidas pelos Missionários Espiritanos que lhes cederam o rés-do-chão da sua casa.

As Irmãs, juntamente com os missionários, começaram a assistir algumas missões. A Irmã Maria Fernanda Rei ia ao Dondo e a Irmã Maria de Lurdes Fernandes ao Golungo Alto, onde acabou por ficar implantada mais uma Comunidade.

Logo após a Independência, foram restaurados uns velhos barracões onde as Irmãs viveram até à entrega dos bens à Igreja, em 1991. Em 1992, esta casa ficou muito danificada

---

[199] Nota da Irmã Maria Conceição Santos, OP.

com os obuses e tiroteios. Providencialmente, as Irmãs já se tinham transferido para o antigo lar, restituído pelo Governo. Aí também sofreram as consequências da guerra, embora mais protegidas pelas grossas paredes.

Entretanto, o edifício do Colégio de Santa Maria Goretti, restituído pelo Governo, sofreu obras de restauração e a escola reabriu em 1994 com o apoio do Senhor Bispo e dos diversos missionários.

Hoje funciona com cerca de 2800 alunos, entre os quais mil são órfãos que as Irmãs apoiam dando uma refeição diária.

A antiga residência das Irmãs, casa da missão, também restituída pelo Governo, passou a ser a Casa Episcopal da nova diocese, criada pela Bula *Peculiari Quidem Cura*, de 26 de Março de 1990, pelo Papa João Paulo II. O seu primeiro bispo, D. Pedro Luís Scarpa, aí reside.

A Irmã Maria Fernanda Rei trabalhou antes, durante e após a Independência, muitos anos, no campo do ensino e da assistência e da promoção na Província do Kuanza Norte. Criou, em tempos de fome, uma cooperativa agrícola para que o povo pudesse trabalhar a lavra e dela colher o essencial para a alimentação. O Governador da Província, Senhor Manuel Pedro Pacavira, reconheceu publicamente a sua dedicação e entrega ao povo, concedendo-lhe, em Maio de 2000, uma condecoração e o título de «mãe angolana».

Casa de Nossa Senhora de Fátima, Luanda – 1963

Nos anos sessenta, do século passado, a Congregação sentiu a necessidade de ter uma casa em Luanda. Depois de perscrutar as necessidades apostólicas mais urgentes na capital, a Congregação decidiu abrir um lar para estudantes universitárias que servisse também de casa de acolhimento às Irmãs que chegavam e partiam.

O primeiro lar abriu na Rua Cabral Moncada, n.os 22 e 24, muito perto da Igreja da Sagrada Família. Esta primeira casa tinha capacidade para trinta pensionistas. A crónica conta-nos alguns momentos do seu início: «Dia 5 de Agosto de 1963 chegou a Irmã Maria de São Gabriel Moneréo com quatro meninas numa camioneta de carga, preparar a casa. Não havia carro nem transportes públicos, nem luz nem água. Havia, sim, muita coisa para concertar e limpar. Já exaustas, foram comprar algo para comer e um fogareiro a carvão onde cozinharam durante bons meses. Altas horas da madrugada, sem ninguém esperar, chegou mais uma Irmã e uma menina que também conseguiram uma boleia num camião de carga, e vinham ajudar.»[200]

Depois de tudo ajeitado, as duas primeiras pensionistas entraram no dia 30 de Agosto, como narra a cronista: «No dia 1 de Setembro chegou a Irmã Maria de Santo Humberto Dias, de barco, trazendo consigo um monte de bagagem para a nova fundação. Cada nova Irmã que chegava era uma festa. Tudo para nós era motivo de festa, de gratidão ao Senhor.»[201]

Provenientes de Moçambique, chegaram no dia 3 de Setembro, também de barco, as Irmãs Carmelita Pereira e Sacramento Soares de Miranda. A primeira para se restabelecer do traumatismo resultante do acidente que sofreu, em Março de 1963, quando viajava de Xai-Xai para Lourenço Marques, Maputo, com a Irmã Maria Emanuel e onde esta perdeu a vida, a

[200] Crónica do Lar Universitário de Nossa Senhora de Fátima, 1963-1975, A.G.C.

[201] Crónica do Lar Universitário de Nossa Senhora de Fátima, 1963-1975, A.G.C.

segunda para se dedicar a um novo campo de missão, em Luanda. No dia 7 de Janeiro de 1964, a Madre Maria Fernanda Rafael Pires foi nomeada superiora da Comunidade e directora do lar. Até esta data, a Comunidade estava dependente de N'dalatando.

A vida na missão era cheia de trabalhos, privações e dificuldades, mas as peripécias que iam acontecendo davam-lhe um certo humor que tornavam o cansaço mais leve e o ambiente mais fraterno. É essa pobreza e alegria que perpassa ao longo da crónica: «O espaço da casa reservado às Irmãs é de tal maneira pobre e pequeno que o Padre Carlos, Espiritano, um santo ancião que nos fez o retiro em 1965, ao deparar-se com a exiguidade da única sala que servia para tudo e onde dormíamos em beliches, exclamou com algum espanto: "Vocês dormem assim?!..."[202]

A casa tornou-se insuficiente para os pedidos que surgiam. Assim, no dia 31 do Outubro de 1966, o lar foi transferido para a Rua Ramalho Ortigão, para uma casa maior que comportava sessenta pensionistas e a Comunidade. Foi nesta casa que começou a funcionar um centro de catequese da Paróquia Sagrada Família a cargo de uma das Irmãs. Ali funcionou o lar até Outubro de 1966.

Entretanto, iniciaram-se diligências para a construção de um prédio que fosse simultaneamente lar universitário, casa de formação e Noviciado. O projecto foi aprovado pelo Conselho Geral e a Madre Maria Fernanda Rafael Pires ficou encarregue de o concretizar. Dos pequenos e grandes «milagres» obtidos durante a construção falam as crónicas e para elas remetemos os nossos leitores.

Além das tarefas inerentes ao bom funcionamento do lar, as Irmãs colaboravam na pastoral, na animação litúrgica, cursos, retiros, catequese, movimentos de apostolado Oásis e Legião de Maria, comunhões pascais dos alunos das escolas, atendimento a pessoas, promoção da mulher. Muitas pensionistas colaboravam nas actividades pastorais.

Foi neste novo edifício que se instalou a sede da Província de São Domingos.

Os tempos de bonança, porém, não foram longos. Com a Revolução dos Cravos, em Lisboa, os ânimos exaltaram-se entre as estudantes do lar. Com efeito, no dia 17 de Janeiro de 1975, as Irmãs foram surpreendidas com os piquetes de grupos de pensionistas em todas as portas de acesso ao interior do lar. Portões com fortes cadeados impediam a passagem. Depois de muito diálogo levantaram os piquetes e voltou uma precária acalmia.

Entretanto o edifício passou para o Governo que nele instalou a Escola do Partido MPLA.

Passados dezasseis anos, em 1991, o Governo restituiu à Congregação o edifício do lar, num estado de degradação deplorável. A situação económica da Província não permitia o restauro na totalidade e, por isso, uma parte foi vendida à Conferência Episcopal de Angola e São Tomé. Com o montante obtido com a venda procedeu-se ao restauro da parte da casa outrora destinada à Comunidade e ao Noviciado.

Em 1993 estabeleceu-se aí a Casa Provincial e de acolhimento às Irmãs que passam a caminho das missões do interior ou que vão a Luanda para se restabelecer. Nesta casa realizam-se os Capítulos Provinciais, encontros de formação permanente e de junioras.

Casa de Santa Teresinha, Quibaxe, Dembos – 1968

---

[202] Cf. Crónicas do Lar de Nossa Senhora de Fátima, Luanda, 1963-1975.

No dia 21 de Abril de 1968, com a presença da Superiora Geral, Madre Maria do Sagrado Coração de Jesus Valente, do Senhor Bispo, D. Moisés Alves de Pinho, o Secretário de Educação, Dr. Pinheiro da Silva, de diversas autoridades da região, de vários padres, missionárias e das quatro Irmãs destinadas a esta missão: Maria de São Gabriel Garcia Monéreo, Sabina Tavares Coelho, Maria Adelaide António e Irmã Angélica Gameiro, foi inaugurada a missão feminina de Quibaxe, nos Dembos.

Esta missão ficava completamente isolada da população, ou seja a 7 km do centro da pequena vila. Aí as Irmãs educavam cerca de sessenta menina em regime de internato que estudavam até a 5ª classe. Além disso, acompanhavam os missionários às aldeias, dedicavam-se à pastoral, à promoção da mulher, atendiam os doentes e iam onde eram solicitadas. Transportavam para o hospital os doentes que necessitassem, porque nas missões, sobretudo no interior, os carros dos missionários servem para tudo e muitas vezes são o único recurso.

Em Janeiro de 1970 pediram apoio às Irmãs para acompanharem os professores. Davam também aulas de Religião e Moral nas escolas da vila.

As matas eram bonitas, mas cerradas, as picadas péssimas e já existiam por lá grupos armados, o que gerava grande tensão. Nas noites escuras, viam-se ao longe luzes que se acendiam e apagavam no céu... saíam dos canos das armas e impunham muito respeito.

Pelas estradas para Luanda ou Carmona as Irmãs só viajavam integradas em colunas militares, pois era um grande risco viajar isoladamente, e, algumas vezes, foi necessário descerem com rapidez dos carros e meterem-se debaixo deles durante os tiroteios.

Nos fins de 1974, as forças militares começaram a apertar o cerco à Vila de Quibaxe e, em Agosto de 1975, já se tinham efectuado dois ataques à vila estando previsto um terceiro, mais forte. Com a maior parte das aldeias destruídas e a população em pânico, as condições de sobrevivência estavam a esgotar-se.

Chorando e rezando e com imenso desgosto de terem de sair de onde se tinham doado tão generosa e alegremente, as Irmãs sentiram-se forçadas a abandonar esta missão.

Casa de São Domingos, Cacuso – 1972

O Bispo de Malanje, D. Pompeu de Sá Leão e Seabra, apressava-se a construir a casa da Missão Feminina, pois tinha pedido à Madre Geral que lhe enviasse Irmãs para a missão de Cacuso, a 70 km de Malanje.

Assim, no dia 3 de Dezembro de 1972, festa de São Francisco Xavier, e tendo por patrono da Comunidade São Domingos, abriu-se a missão composta por quatro Irmãs: Maria de Fátima Reis Oliveira, vinda de Moçambique; Maria Rita Vasconcelos, brasileira; Maria Emanuel Carvalhais e Maria de Santa Iria da Costa Faria.

Era uma Comunidade inserida junto do povo, praticamente rural. O seu raio de acção era muito vasto, exigindo deslocações durante semanas inteiras. Tanto nas aldeias como no centro da missão, a actividade mais absorvente é a evangelização: formação de catequistas, catequese, coro de jovens, promoção da mulher – costura e bordados, culinária, higiene e saúde e preparação de noivas – formação e preparação do enxoval.

Forçadas pelas circunstâncias e pressões dos acontecimentos pós-independência, acabaram por abandonar a missão, entregando a casa a um casal de catequistas.

Em 1978 as Irmãs Maria Rita Vasconcelos e Fátima Loureiro regressaram a pedido do MPLA, partido no poder. O casal de catequistas ainda ocupava um canto da casa, mas todo o resto estava degradado. Foi necessário recomeçar.

A 15 de Setembro de 1979, chegou a Irmã Beatriz Carlota dos Santos, que também já tinha estado em Moçambique. Aí, com Irmã Maria do Sameiro Silva e Irmã Maria Emanuel Carvalhais, continuaram a missão sem grandes sobressaltos. Iam para as aldeias, semanas inteiras, com o Padre Joaquim Silva, Missionário do Espírito Santo, que aí trabalhou muitos anos. Faziam praticamente as mesmas actividades com a população, sobretudo feminina, tanto na missão como nas aldeias. Mensalmente, programavam e avaliavam o trabalho com o catequista geral.

Em 1982 começou o êxodo das populações que vinham das aldeias de toda aquela área, para o centro da pequena vila ou eram despejados de camiões nas fazendas, cheios de fome, doentes e sem nada para vestir. Com a Caritas diocesana de Malanje, as Irmãs fizeram o levantamento dos deslocados que chegaram e organizaram a assistência às populações, tanto na logística, como na saúde. Era a hora da assistência e do estar com o povo sofredor!

Em 1985 os militares fizeram das varandas da missão e da casa das Irmãs as suas trincheiras para defender a vila. Esse local era um ponto militar estratégico. Muitas noites as Irmãs pegavam nas *imbambas*[203] e iam dormir para a sacristia da igreja ou para a missão, conforme as circunstâncias. Aí, as paredes mais altas e mais fortes serviam de fortaleza às rajadas e tiroteios.

Durante dois anos, também a Irmã Maria Pilar Garcia trabalhou no hospital de Cacuso tendo levado para lá grande quantidade de medicamentos que conseguia em Espanha e em diversas instituições. Também para lá foram enviadas as Irmãs Joana Vigano Rafael, e Filipa António Alexandre que, com os professores, organizaram as escolas da missão.

No início da década de noventa, do século XX as Irmãs Maria Alzira Marques e Maria Agostinha Quintas, Domingas Loureiro, Josefa e Ana Jerónimo, Ermelinda Simão sofreram os piores ataques levados a cabo na vila. Assistiram à debandada das gentes e permaneceram na missão, como o sinal de esperança para o povo vindo das aldeias, que fez da igreja e da missão o seu lar, o seu hospital.

Incansáveis na assistência à população, as Irmãs transportavam doentes, faziam verdadeiros milagres na sua cura, cosendo profundos golpes, extraindo balas, sem anestesia e com escassos meios. Intervieram junto das autoridades e conseguiram salvar a vida a muita gente preste a ser executada. As crianças chegaram a um tal estado de desnutrição que precisavam de tratamento, muito cuidado e regular, para que a anemia não as dizimasse. Durante um ano, a missão ficou totalmente isolada, sem qualquer possibilidade de saída ou entrada por terra. Apenas, mas raramente, se comunicava por via aérea.

A população redobrou em gestos de amor e carinho às Irmãs pela sua presença e doação. Mas um dia, a guerra gritou mais forte. Sob o pretexto de que tinham acolhido forças da oposição, houve um ataque à casa das Irmãs. Centenas de balas foram atiradas sobre ela, deixando as suas marcas. Até os livros da biblioteca ficaram perfurados, e lá estão para testemunhar. A Irmã Maria Agostinha narra-nos, em carta, como tudo aconteceu: «Dia 22 para 23 chegaram aqui as forças militares, pelas 6.30 horas, dando muitos tiros à entrada da vila. Depois carregaram sobre a nossa casa. O que nos valeu foi termos feito um portão de ferro na entrada. As portas ficaram cheias de buracos e as janelas praticamente sem vidros. Deram

---

[203] Expressão que significa os seus haveres.

volta à casa toda. Mas o pior foi na parte da frente. Nós estávamos no corredor à espera do último momento de vida. Já não esperávamos mais nada senão a morte!

De 25 para 26, o combate começou às 6.30 horas da manhã. Estivemos novamente no corredor até ao meio-dia. Sentimos muito medo! Quando atiravam morteiros grandes a casa tremia toda, receávamos que caísse uma bomba no telhado. Desde esse dia começámos todas a dormir na Missão dos Padres Espiritanos, porque, estando ali muita gente, nos sentíamos mais acompanhadas.

De 2 para 3 de Março novo combate. Sempre à mesma hora. Estávamos todos na missão e começou a chegar muita gente dos bairros. Meteram-se na igreja e em todos os lugares. Caiu uma bomba no quintal. Estragou um pouco o telhado e algumas janelas mas, graças a Deus, não apanhou ninguém. Para susto chegou!

O panorama é desolador. Está muita gente na missão que teve de abandonar as suas casas. Algumas pessoas foram para as matas, outras tentaram fugir para Malanje, algumas foram mortas e de outras não se sabe o paradeiro. Muitas famílias não sabem uns dos outros.

Constantemente revistam as casas e algumas são queimadas. Estão sempre a chegar feridos e muitas crianças pequeninas que ficaram sem os pais. A igreja fica cheia de gente a dormir. O salão, todas as salas e quartos, tudo foi invadido. Toda esta gente só pode sair daqui quando as forças militares derem ordens de ir para as suas casas, que muitos já não têm. E estamos assim nesta situação. Graças a Deus que ainda estamos vivas para ajudar um pouco este povo que tanto sofre.» [204]

Passados os ataques, a vida recomeçou. «Temos agora, em Cacuso, a Escola Missionária com 548 alunos, distribuídos em dezasseis turmas. Tem dado muito que fazer, mas vale a pena dedicarmo-nos a estas crianças que tanto esperam e necessitam. Temos tentado restaurar a escola e já não parece a mesma. E é com estas mesmas crianças que fazemos o apostolado e formámos uma Comissão de Pais, que têm os filhos a estudar na Escola Missionária com bons resultados.» [205]

Em 1997, celebraram-se as bodas de prata da presença das Irmãs nesta missão. A comunidade cristã e a população, profundamente reconhecidas pela sua dedicação, brindaram às Irmãs que ainda residem em Cacuso, e na pessoa delas, a todas as que por lá passaram com uma grande festa cheia de alegria e gratidão.[206]

Angola – após a Independência

Casa de Nossa Senhora do Carmo, Luanda – 1977

Depois da Independência, as Irmãs alugaram o rés-do-chão de uma vivenda na Rua Tipografia Mamã Tita, nº. 16, perto da Igreja do Carmo.

Na secretaria da paróquia passavam, diariamente, centenas de certidões para os que, nesse período, abandonavam o território, reorganizavam a catequese, atendiam as pessoas, procurando animá-las com palavras de esperança. Foram as Irmãs que garantiram a

---

[204] Carta da Irmã Maria Agostinha Quintas, Cacuso, 10 de Março de 1993, A.G.C.

[205] Carta da Irmã Elisa do Rosário Nassoma, Cacuso, 26 de Julho de 1998, A.G.C.

[206] Crónicas da Casa de Cacuso, 1997, A.G.C.

continuação da paróquia no período pós-independência e muito trabalharam para a sua reorganização e renovação.

Como sede da Província de São Domingos, esta pequena casa pode contar a grande história que foi a sua restauração em Angola. Por ela passaram dezenas de Irmãs em formação ou em trânsito para os seus lugares de missão. Aqui se reuniram os Capítulos Provinciais, organizou-se a ajuda às missões distantes e carecidas. Aqui se rezou, se renovaram votos. Aqui chegavam as Irmãs, exaustas da guerra e da vida dura no mato. Aqui chegavam as notícias e se espalham: «...do interior vão chegando as notícias, de vez em quando. Desta vez está cá a Irmã Maria Fernanda Rei. Muito boa e bem animada com o que elas andam por lá a fazer. É uma graça vermos o ânimo que as nossas Irmãs do interior trazem. Só o facto de elas estarem lá partilhando do sofrimento deste povo inocente já é muito bom. Este meu povo tem sofrido muito. Muita miséria, fome, num país tão rico...!

A nossa Madre Fundadora tinha muita razão em dizer: "O amor vence todas as dificuldades". É este amor que faz com que as nossas Irmãs continuem lá junto do povo. Bendito seja Deus que lhes dá força e coragem. De Benguela também temos notícias boas, graças a Deus.»[207]

Nesta casa se assistiu, com alegria e esperança, ao nascer da Paz em 1992, às primeiras eleições livres do país e à inesquecível visita do Papa João Paulo II, o peregrino da paz entre 4 e 9 de Junho de 1992. Algumas Irmãs colaboraram activamente na preparação da inesquecível visita. Devido à proximidade da Delegação Apostólica e a convite do Senhor Delegado, Monsenhor Félix Blanco Prieto, algumas Irmãs participaram da Eucaristia celebrada por Sua Santidade na pequena capela da Delegação Apostólica e receberam a sua bênção.

Na Sé de Luanda, a Irmã Ermelinda Domingos Simão recebeu uma bênção especial, por ser pequenina. O Papa ao passar junto dela parou, poisou-lhe a mão na cabeça e disse: «Minha pequenina.»[208]

Nesta casa estiveram as Irmãs fechadas três dias, sob fogo cruzado, em Novembro de 1992, acolhendo, num período de curta trégua o Noviciado e a Comunidade do km 9.

Actualmente a Comunidade continua a dar apoio à Paróquia de Nossa Senhora do Carmo, onde trabalham os Padres Dominicanos.

Uma casa plena de lembranças e afectos.

Casa do Imaculado Coração de Maria, Lobito – 1980

Desde 1980 receberam-se as primeiras aspirantes à vida Religiosa na Casa de Nossa Senhora do Carmo em Luanda.

Era preciso pensar na casa do postulantado e Noviciado. Foi escolhida a diocese de Benguela, onde já existia um Mosteiro de Monjas Dominicanas. O seu Bispo, D. Óscar Braga, acolheu as Irmãs com alegria, numa casa por si mobilada, no Bairro de São Pedro do Liro, no Lobito, onde as responsabilizou pela pastoral e promoção humana.

Foi no dia 30 de Julho de 1981 que as Irmãs: Maria Teresa Ferreira do Carmo e Maria Emanuel Carvalhais, com cinco aspirantes, abriram a casa do Imaculado Coração de Maria,

---

[207] Carta da Irmã Maria da Conceição Silvestre, Luanda, 25 de Março de 1994, A.G.C.

[208] Crónicas da Congregação, A.G.C.

no Lobito. Do Brasil chegou, pouco depois, a Irmã Maria Celina de Melo, que também se juntou à Comunidade formadora. Aqui foram formadas e professaram vários grupos de Irmãs. Muito colaboraram as Irmãs na pastoral paroquial e diocesana, na Caritas e na saúde.

Devido à exiguidade da casa, o Noviciado foi transferido, em 1991, para o km 9 nos arredores de Luanda.

Uma Comunidade, contudo, permaneceu neste bairro onde, ao longo dos anos, tem prestado um valioso contributo pastoral, sanitário e educacional. Sendo o Lobito uma cidade onde chega muita gente do interior, há muitas crianças deslocadas. É dessa situação que nos escreve a Irmã Maria Emanuel Carvalhal: «Agora temos cá um menino de 8 anos que é um verdadeiro esqueleto em pé. Veio de muito longe, fugido aos horrores da guerra, onde viu a sua família a desaparecer... Arrepia ouvi-lo. Fica connosco até que se recupere um bocado, antes de ir para a Casa do Gaiato, porque pode ainda morrer. Já conseguimos que se ria. Vinha triste demais.» [209]

Seguindo os passos da Madre Fundadora, as Irmãs abriram uma aula para as crianças deslocadas que não podem frequentar a escola oficial, por falta de documentos.

Casa de Santa Catarina de Sena, Golungo Alto – 1981

O Golungo Alto é uma bela povoação, verde e montanhosa. A localidade fora outrora evangelizada pelos Padres Carmelitas que, uns séculos atrás, ali haviam residido e fundado escolas. Por isso, no Golungo, o desenvolvimento religioso e social era notório. Daí surgiram bastantes vocações e também as nossas primeiras aspirantes.

A presença das Irmãs nesta missão sofreu muitos embates, quer pela situação de insegurança, quer pela falta de estruturas.

No entanto, deram um bom contributo pastoral e social, na educação e na saúde. Tudo era uma dificuldade. As Irmãs eram obrigadas a ir à capital, buscar sal às salinas do Cacuaco, peixe às lotas de Luanda e pão para a Comunidade e para distribuir pelo povo. Alguém, um dia, comentando os perigos dos caminhos, dizia: «Nas estradas só circulam os três M ou seja: os Militares os Missionários e os Malucos.» Transportaram, no jipe, doentes e parturientes para o hospital e até mortos, depois dos ataques. Era assim, naquele tempo em que a luta armada, entre UNITA e MPLA, se travava nas povoações.

A Irmã Maria Fernanda Rei esteve isolada, durante vários meses, nesta localidade, onde prestou um bom serviço, quer na educação, quer na construção da residência dos padres e no arranjo da igreja, sendo presença de solidariedade para o povo.

A Irmã Maria de Lurdes Fernandes foi vítima de um rebentamento de uma mina anti-tanque quando viajava de carro do Golungo Alto para Luanda, no dia 4 de Novembro de 1985. O acidente provocou quatro mortos, vários feridos graves entre os quais a própria Irmã e o Padre.

A Irmã Maria do Pilar Garcia sofreu vários ataques nesta missão. Com a sua habitual alegria, fruto de uma intensa vida interior, permaneceu junto do povo sofredor, a aí foi médica, enfermeira, mãe. Deixa-nos o seu testemunho: «Estivemos vários meses isoladas e só em Outubro é que nos foi possível a comunicação. Temos sofrido muito nestes últimos meses, desde Maio até Dezembro ao ver o povo a sofrer: prisões, desaparecimentos, torturas... por

[209] Carta da Irmã Maria Emanuel Carvalhais, Lobito, 28 de Setembro de 1994.

parte de um dos beligerantes. Veio depois o adversário que se vingou no povo matando muita gente. Voltaram com obuses e feriram muita gente, foi horrível, não dá para contar. Mas, graças a Deus, Ele nos livrou de tudo...

Nós continuamos isoladas, a situação do povo é a mesma: doenças, fome, miséria... sem nada, sem ao menos as coisas necessárias para viver.

A situação está-se tornando, cada dia que passa, mais difícil para as pessoas. Tantas mortes! Então crianças, nem se fala, não temos medicamentos, comida, nem sal, nem sabão.» [210]

Em 2000 a Irmã Maria do Pilar recebeu, do Governador da Província do Kuanza Norte, Senhor Manuel Pedro Pacavira, o «Certificado de Mérito pela formação feminina, saúde, educação e ensino que a tornaram muito querida, durante a sua permanência no Município do Golungo Alto.»

A missão no Golungo Alto tem sido fortemente marcada pelo cunho da Cruz.

Em 2001, estando tudo já organizado, surge novo ataque: «O susto de 21 de Maio foi grande! Mas Deus nunca abandona os seus escolhidos. Imagina-me, naquele Golungo Alto, sozinha – digo isto pois estava somente eu, a noviça em estágio e as duas aspirantes, todas inexperientes de guerra. Eu não sabia o que fazer, como mais velha da Comunidade. Mas, como Deus não nos deixa só nos momentos difíceis, deu-me força e coragem para animar a noviça e as aspirantes. Foi uma experiência única e irrepetível. A nós missionárias, respeitaram-nos. Mas o povo é sempre quem paga tudo. O pouco que tinha lhes foi saqueado, ficando sem nada. É terrível e duro ver este povo a sofrer inocentemente e, às vezes, não podendo fazer nada por eles.

A nossa casa transformou-se num centro de saúde, porque o hospital também foi saqueado a ponto de ficar sem nada. Este é o grande episódio que se vai repetindo nesta martirizada terra. Até quando? Ninguém o sabe!» [211]

Casa de São Martinho de Lima, Benguela – 1988

A Comunidade de Benguela, fundada em 1988, cujo padroeiro é São Martinho de Lima, surgiu da necessidade de espaço para acolhimento e apoio a jovens vocacionadas, vindas do interior a fim de se prepararem, através do estudo académico e da formação humana.

Iniciaram esta fundação as Irmãs Maria Emanuel Carvalhais e Maria Rosália Lincho. Várias Irmãs têm passado por esta casa, realizando diversas funções pastorais, para além do apoio as aspirantes. Uma Irmã trabalhou no bispado organizando o arquivo da diocese e criando o secretariado diocesano da catequese; outras têm dado aulas no seminário, na Escola diocesana de dactilografia e no ensino oficial. Houve uma experiência pioneira com crianças deficientes. Algumas Irmãs completaram aqui os cursos de enfermagem e trabalharam no hospital da cidade.

Nesta diocese lançaram as Irmãs o primeiro grupo do laicado Dominicano.

---

[210] Carta da Irmã Maria do Pilar Garcia, Golungo Alto, 1995, A.G.C.

[211] Carta da Irmã Maria da Conceição Silvestre, 26 de Agosto de 2001, A.G.C.

Em 1992 viveram-se momentos de festa nesta cidade, como em outros locais do país. A paz foi a mais bela e indescritível sensação de felicidade que jamais se tinha saboreado. Tanto angolanos como estrangeiros, cansados e martirizados de guerra não tinham palavras que descrevessem tais sentimentos. Ao sair da Sé Catedral de Benguela, pelas 23 horas, viam-se jovens, aos quais se juntaram as Irmãs mais novas, correndo pelas ruas da cidade com tochas acesas, cantando e dançando.

Outro momento que merece referência foi a visita do Papa João Paulo II, em Junho de 1992. Algumas das Irmãs tiveram o privilégio de estar muito perto do Papa, ou porque foram escolhidas para estar nas celebrações, ou porque foram escaladas para os diversos serviços de acolhimento. A Irmã Emanuel Carvalhais teve a honra de ensinar o caminho à comitiva papal para o Cavaco onde se localiza o Mosteiro das Monjas Dominicanas que o Papa queria visitar.[212]

Os momentos de paz foram fugazes. A guerra e os seus efeitos rapidamente se fizeram sentir, como se pode ler em carta, de uma das Irmãs: « Os caminhos vão sendo abertos mas, de vez em quando, não faltam os ataques... O povo, pouco a pouco, começa a regressar às suas terras mas com um certo receio. No entanto, os efeitos da guerra continuam a marcar a vida deste povo. A fome continua a ser o grande flagelo assim como a doença. Nos campos pouco se pode trabalhar, pois estão semeados, mas é de minas. Como querem que o povo vá para as suas terras, deixam de lhe dar auxílio aqui na cidade, mas como não têm transportes que os levem, ficam à espera da primeira oportunidade e... entretanto vão morrendo de fome, às vezes em plena rua.»[213]

As Irmãs continuam presentes nesta missão sendo, nos momentos de paz e nos momentos de guerra, nos momentos de alegria e nos momentos de tragédia, o sorriso de Deus junto do povo ávido de Esperança.

Casa de São José, km 9, Viana – 1989

A nova casa do Noviciado foi colocada num sítio calmo, num terreno ao km 9, entre Luanda e Viana, junto a uma Igreja, a cargo dos Padres da Boa Nova.

Para acompanhar a construção do edifício que seria o Noviciado, as primeiras Irmãs, Fernanda Rei, Joana Vigano Rafael e Manuela Nacandumbo, foram residir numa pequena casa no outro extremo do terreno. Inseriram-se rapidamente no bairro onde começaram um trabalho pastoral.

A transferência do Noviciado deu-se em 1991.

O bairro calmo foi aumentando com o fluxo de refugiados e deslocados dos confrontos de 1992. Neste mesmo ano, a guerra entrou nas cidades. Na primeira semana de Novembro, os confrontos foram demasiado violentos. Em frente ao portão da casa do Noviciado, localizava-se uma base da UNITA, um alvo estratégico. Devido ao grande tiroteio, todas as Irmãs foram obrigadas a abandonar a casa. Saltaram muros, atravessaram bairros debaixo de fogo, acabando por ser acolhidas na casa dos Padres da Boa Nova. Só passados três dias

[212] O artigo sobre a presença das Irmãs em Angola teve a colaboração das Irmãs Maria Teresa Ferreira do Carmo e Maria Rosália Lincho.

[213] Carta da Irmã Beatriz Carlota dos Santos, Benguela, 26 de Junho de 1995.

saíram do seu refúgio, juntando-se à Comunidade de Nossa Senhora do Carmo, em Luanda. De volta, encontraram a casa intacta, guardada por um amigo.

A casa do Noviciado, apesar de agora estar num bairro populoso, continua a ser um pequeno oásis, propício à oração, ao silêncio, ao estudo e à partilha.

A escolinha da paz

A partir desse ano, verificou-se um crescimento assustador no bairro. Foram muitas as centenas de pessoas que receberam apoio e medicamentos das Irmãs que diariamente atendiam uma fila interminável de doentes. A Irmã Maria Domingas Loureiro começou a juntar, debaixo de uma árvore, uma centena de crianças que brincavam e esmolavam todo o dia. Registava-as, dava-lhes catequese e ensinava-lhes as primeiras letras.

Duas publicações angolanas dão ênfase a esta iniciativa.

«Um dia a Irmã Maria Domingas bateu à porta da Sonangol. Trazia o recado argamassado em convicção. Elas, as Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena, tinham uma centena de meninos deslocados, na sua maioria, aos quais era necessário devolver, com urgência o direito de acreditar nos homens e no futuro. E a Sonangol, como lhe competia, foi ver para crer. Nasceram quase de contínuo os apoios.»[214]

«O fluxo de crianças era enorme. E não parava de crescer. Por esse motivo as Irmãs Dominicanas decidiram transferir as aulas para uma tenda por elas providenciada. Ali a vida não era um mar de rosas. As condições eram as mesmas: sentavam-se no chão. A única diferença é que as aulas já não eram dadas ao ar livre. O único senão tinha a ver com o calor e outros fenómenos da natureza, mas nem isso impedia a vontade dos menores.

De forma assustadora, o número de aderentes cresceu, assim como os níveis de escolaridade dos utentes. Depois de uns tempos essas mesmas tendas passaram a ser insuficientes.

Em 1998 foi erguida a escola do ensino geral do 1.º nível com apenas 6 salas e mais algumas dependências e as crianças abandonaram a tenda e passaram a ter ao seu dispor uma instalação melhor dotada.

Estamos no ano de 1999. O clamor das crianças cresce de tom. As Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena elaboraram um projecto e solicitam apoio às empresas petrolíferas que operam em Angola, lideradas pela Sonangol.

Estas respondem favoravelmente. São erguidas no mesmo recinto mais doze salas de aulas, biblioteca, sala para aulas manuais e outras dependências, hoje denominada Escolinha da Paz, aberta oficialmente sábado último pelo ministro da Educação e Cultura Burity da Silva.

Depois disto, surge a necessidade de uma escola para aqueles que transitavam para níveis mais elevados. As empresas petrolíferas, Sonangol, Texaco, Esso, Elf, Braspetro, Totalfina e Norsk Hydro abriram os cordões à bolsa e a contribuição atingiu perto de um milhão de dólares. Com essa quantia ergueu-se, no mesmo recinto, mais doze salas de aulas, biblioteca e outras dependências.» [215]

---

[214] Revista *Sonangol*, Nº 5 – Junho de 1999.

[215] Jornal de Angola, 13 de Maio de 2000, «Da árvore à parede fixa»

A Escolinha da Paz tem como directora a Irmã Feliciana Dias Bastos, angolana, e uma frequência de 2300 alunos, desde a primária até à 8.ª classe.

Moçambique antes da Independência

Em de Março de 1957 a Madre Geral recebeu da parte do Cardeal de Lourenço Marques o seguinte postal: «Muitos chefes de família que vão para a Metrópole, me pedem recomendações a fim de que as filhas sejam admitidas no vosso Colégio do Ramalhão.

Isto mostra a confiança que têm nas Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena e nos seus colégios. Ora, precisamos aqui de Irmãs para dirigir um colégio com escola primária e o curso do Liceu, 1.º e 2.º ciclos, na Vila de João Belo, a 200 km de Lourenço Marques. Será externato para rapazes e internato e externato para meninas.

O Governador constrói o edifício com capela e residência das Irmãs e mobila-o. Como os alunos e alunas pagarão, as Irmãs serão sustentadas pelo próprio colégio.

Teria muito prazer que as Irmãs viessem tomar conta deste colégio, a partir de Setembro de 1958.»[216]

Casa de Nossa Senhora do Rosário, Xai-Xai – 1959

O pedido do Senhor Cardeal teve bom acolhimento e, dois anos depois, no dia 15 de Setembro de 1959, partiram de Lisboa, de avião, quatro Irmãs rumo, a João Belo, hoje Xai-Xai. Foram elas: Irmã Maria da Ressurreição Ferreira do Carmo, superiora; Irmã Maria de Fátima Fernandes Pereira de Castro, Irmã Maria Cândida Jesus Rodrigues Fonseca e Irmã Maria de Lurdes Lopes Fernandes.

Xai-Xai fica a cerca de 200 quilómetros de Lourenço Marques, hoje Maputo, no Sul de Moçambique. Paisagem verdejante, com grandes planícies onde se cultiva arroz. Imensas árvores de cajueiro davam um tom característico a toda a zona.

As Irmãs chegaram no dia 16 de Setembro. A viagem foi turbulenta e o avião chegou cinco horas atrasado. Ninguém as esperava. Por casualidade apareceu um missionário que as levou para a casa das Irmãs Dominicanas, inglesas, onde pernoitaram.

No dia seguinte, o motorista do Senhor Governador do Xai-Xai levou-as Irmãs até essa cidade.

Aqui ficam as primeiras impressões da missão, escritas por uma jovem de vinte anos, a Irmã Maria de Lurdes Lopes Fernandes: «A viagem decorreu agradável, por rectas infinitas ao longo dos campos arborizados onde, de vez em quando, uma esguia palmeira se elevava. Quase no fim aparece a jangada e posto o carro sobre ela, os homens começaram cantando e dançando. Não entendi a sua língua, mas diziam no meio "Portugal e Lisboa."

Disseram-nos que eram as boas-vindas que nos estavam a dar. Feita a travessia do rio Limpopo, depressa chegámos ao Xai-Xai. Fomos ter a casa dos Padres. Depois uma senhora levou-nos para almoçar no Restaurante Xai-Xai. Em seguida fomos para nossa casa. Por fora, uma casa escura, castanha e creme, um tanto velha, por dentro uma casa em obras, toda suja e cheia da presença de Deus, que está em toda a parte, mais três camas. Foi uma alegria! Nós

---

[216] T. C. Gouveia, Cardeal de Lourenço Marques.

não tínhamos nada, bem tínhamos três camas. O chão era o forte: era cadeira, mesa, rouparia, etc., etc. Mas sabem a causa de todo este vácuo? É que o Senhor Governador não acreditava, ainda, na nossa vinda! Nós éramos desejadas como o Messias, parece. Toda a gente sente uma alegria enorme com a nossa presença. Não vêem outra coisa.

Hoje fui à missa das 9. Esta é a missa dos indígenas. Gostei imenso. Dialogaram e cantaram. Eu até chorei ao ouvi-los cantar "Cremos em Vós". Há anos atrás não se cantava aqui ao nosso Deus e agora estão eles fervorosamente louvando a Deus. Vamos, segundo o espírito da nossa Madre Fundadora, criar uma aula nocturna, onde eles poderão aprender a preparar-se para o 2.º ano.

Ontem fomos à inauguração de uma capela, é uma missão que dista daqui 150 km, não é nada. Queria o Senhor Governador que fôssemos para ver os célebres marimbeiros de Zavala que já foram ao estrangeiro e são realmente únicos. Se visse o ritmo, a música, os trejeitos, as caretas, as diabruras que faziam. Têm uma ginástica formidável. As danças deles são danças guerreiras, quase sempre sátiras ou então a narração de um acontecimento de vulto acontecido na tribo deles. Têm uma veste própria, muitas penas, tiras e tirinhas de cores vivas, crinas de cavalo, enfeites nos pés, nas pernas, nos braços, na cabeça, cordões, colares. A dança é uma coisa única, mas a música das marimbas não lhe fica atrás. Nós gostámos muito. Falámos também com o régulo que tem aí, em Lisboa, na Faculdade de Letras, uma filha.

A Irmã Maria Cândida anda um tanto aflita com os cozinhados porque não entende patavina... Rimo-nos imenso. Nós à mesa não fazemos mais nada que não seja beber água. É uma sede que não se pode. Faz um calor de morrer.. mesmo em casa... Enfim haja alegria! Nós estamos contentes apesar, ou melhor, por causa de todos estes sacrificiozinhos. Aqui tudo é diferente, até o horário. Às 5 horas já o sol vai alto, às 7.30 horas já se está na aula, às 18 horas é noite. É engraçadíssimo. Nós divertimo-nos com estas coisas.

À noite aparecem uma baratas gigantes (não elefantes porque não os há aqui) de que a Irmã Maria da Fátima não gosta.»[217]

Quando a população soube da pobreza das missionárias, mobilizou-se e, em pouco tempo, apareceu uma cadeira daqui, uma mesa dali, roupa de cama, talheres, etc.

Os Padres Franciscanos emprestaram-lhes algumas cadeiras e carteiras que embora muito velhas, já davam jeito para iniciar as aulas. Um turno de dia e um turno à noite.

A pequena casa não tinha condições, nem espaço suficiente, para o trabalho e, por isso, fizeram-se as devidas diligências para arranjar meios e terreno, a fim de, aos poucos, irem fazendo o colégio, a residência das Irmãs e finalmente o internato e a casa de trabalho para a promoção da mulher. A nova construção ficaria situada no Bairro Tavene, Xai-Xai, Colégio de Nossa Senhora do Rosário

Além de outras entidades, foi notório o despacho exarado pelo Governador Geral, Dr. Baltazar Rebelo de Sousa, que permitiu o acabamento da parte do internato que ficou concluída, em finais de 1969.[218]

Embora as actividades do colégio absorvessem o tempo e as energias, quase por completo, de todas as Irmãs da Comunidade, estas ainda visitavam alguns bairros, davam costura a jovens e a senhoras dedicando-se ainda a outras actividades como pastoral e acções de educação para a saúde.

---

[217] Xai-Xai, 18 de Outubro de 1959.

[218] Crónicas da Casa de Nossa Senhora do Rosário, Xai-Xai, Moçambique, 1959.

O Colégio de Nossa Senhora do Rosário era o único estabelecimento de ensino secundário para um distrito do tamanho de Portugal. Era, por isso, ao mesmo tempo, particular e estatal, sendo considerado uma escola-modelo. No colégio ministravam o Curso Liceal até 5.º ano, valorizava-se o desporto e respectivas competições, havia um grande campo de jogos, junto ao colégio; exposições de trabalhos manuais e do grupo de promoção, motivavam-se os alunos a participar nas actividades e celebrações da paróquia. Promoviam-se visitas a fábricas e a museus, cursos de música, festas do colégio com teatros para o público e outros temas circum-escolares. Houve um especial cuidado em organizar uma biblioteca para que os alunos pudessem fazer maior progresso nos estudos.

«Era um grande estabelecimento de ensino com muito boas condições tanto a nível de laboratórios como de outros sectores. Admirava todas as Irmãs, dentro das suas vertentes ocupacionais, mas realço a Madre Maria Rosa, que Deus tenha em descanso, directora do colégio, pelo seu dinamismo: rádio amadora, fotógrafa, grande incentivadora e dinamizadora. Já nesta altura dava aulas de desenho, com música de fundo muito suave e os alunos desenvolviam a sua criatividade de uma forma espectacular. A relação entre professores, alunos e Irmãs era óptima. Todos constituíam uma família.» [219]

Em 1974 o colégio tinha à volta de 600 alunos e dez Irmãs. Neste mesmo ano, as Irmãs receberam um subsídio para acabamento do internato.

Foram directoras deste colégio as Irmãs Maria de Fátima Fernandes Pereira de Castro e Maria Rosa de Lima Monchique do Sacramento.

De Xai-Xai saíram as Irmãs ameaçadas, atemorizadas, pela violência. Tudo fora saqueado e o colégio tomado pelo Governo e reduzido, a breve trecho, àquilo a que podemos chamar de destruição.

As últimas a deixar o território, foram as mais humilhadas e enxovalhadas. No aeroporto foram submetidas a exaustivos interrogatórios, obrigando-as ainda a despirem-se totalmente para serem revistadas. Entraram no avião apenas com a roupa do corpo.

Apesar de tudo, saíram com muita pena e, algumas, com imensa vontade de ficar. A diocese lamentou a saída das Irmãs e nunca perdeu a esperança de as ver voltar.

Missão de Vila Cabral – 1972

Em 1969, o Senhor Bispo de Vila Cabral, D. Eurico Nogueira, pediu à Congregação Irmãs para uma missão, na sua Diocese.

Nesse mesmo ano, de Xai-Xai seguiram para lá as Irmãs Maria Fátima de Castro, Maria Pilar Garcia e Maria Clara Lucas, cheias de entusiasmo pela nova experiência missionária. Elaboraram um projecto de intervenção: «Evangelização das povoações das aldeias pela presença, rectidão de vida, pelo ensino da religião e do anúncio do Evangelho.

Contribuir para a promoção global das populações rurais; recrutar entre as camadas mais evoluídas da população, elementos que tomem a responsabilidade dessa promoção.

Acções tipo sociocultural de pessoas e grupos; programas de carácter recreativo e cultural; preparação de festas locais e tradicionais.

---

[219] Nota de D. Maria Guiomar Pinto Rolo Ferreira, antiga professora, 14 de Abril 2001.

Acção tendente a melhorar o nível de vida da população com centros sociais, actividades extra-escolares, cantinas escolares e alfabetização de adultos. Apoio às aspirações do povo: cooperativas de artesanato para valorizar e fixar a mão-de-obra feminina.

Estratégias de intervenção: formação de grupos, elaboração de um programa conjunto, procura de uma pedagogia adaptada aos diferentes grupos, constituição de comissões capazes de assumir as responsabilidades pelas iniciativas locais, estabelecer relações entre as comissões e as comunidades e entre as comissões e autoridades e serviços.»[220]

Durante os anos em que se mantiveram em Vila Cabral, as Irmãs procuraram realizar os objectivos propostos, trabalhando no ensino estatal e no sector da saúde.

Deixaram esta missão em 1975.

Moçambique após a Independência

Moçambique sempre esteve no horizonte das Dominicanas. Um apelo longínquo nunca deixou de se ouvir e as memórias do desejo não o deixaram morrer.

A partir do Capítulo Geral de 1990, foi possível concretizar esse anseio. Assim, um pequeno número de Irmãs regressou a Xai-Xai[221], diocese e Província de Gaza, para aí ser presença e testemunho do Reino.

O país tinha mudado. Tudo estava por refazer, desde o interior das pessoas, desfeito por uma guerra fratricida, à instauração de valores, aos cuidados elementares de uma sociedade organizada: saúde, educação, aos espaços físicos...

O conceito de missão também tinha mudado, radicalmente.

Em espírito de missão e de aventura, quatro Irmãs, de países, culturas e nacionalidades diferentes, disponibilizaram-se para habitar o desconhecido: Maria Celina Melo, Brasil, Isabel Langa, Moçambique, Suzana Tchilombo e Patrícia Navyu, Angola. Um ano mais tarde, junta-se-lhes uma portuguesa, Irmã Maria do Céu Mateus.

Partem em 1993, um ano antes das primeiras eleições democráticas do país e estabelecem-se.

Casa Madre Teresa de Saldanha, Xai-Xai – 1993

Foi numa pequena casa da CARITAS que as Irmãs foram recebidas para iniciarem esta nova fase de missionação em Xai Xai.

Uma Irmã começou a leccionar no ensino oficial. A Irmã Isabel Langa organizou uma escolinha para os meninos de rua.

Casa de Nossa Senhora de Lourdes, Chongoene – 1994

O Bispo da diocese, D. Júlio Duarte Langa, tinha pedido à Congregação Irmãs para lhes confiar a missão de Chongoene[222], a 20 quilómetros da cidade de Xai-Xai. Entretanto,

---

[220] Cf. Programação para um projecto, A.G.C., 1969.

[221] Xai-Xai fica a 210 km de Maputo, a diocese foi erecta em 1970 e tem 75 km^2.

[222] Chonguene é a segunda missão mais antiga da diocese, criada em 1906.

vários obstáculos impediram as Irmãs de irem logo para a missão, ficando na cidade durante dois anos. Com a chegada de mais missionárias, foi possível responderem ao pedido do bispo que queria a presença das Irmãs Dominicanas no santuário mariano e na educação e formação dos seminaristas menores assim como na evangelização e formação das comunidades da missão.

Alguma Irmãs têm colaborado directamente na formação dos seminaristas e têm procurado evangelizar as comunidades distantes.

Casa de Santa Rosa de Lima, Maputo – 1996

Em 1996 foi adquirida uma casa em Maputo, onde se estabeleceu outra Comunidade para acolhimento às Irmãs do interior.

Nesta Comunidade as Irmãs estudam, dão aulas de trabalhos manuais, trabalham na catequese, apoiam os grupos de reflexão bíblica . A Irmã Celina já criou seis as equipas de casais de Nossa Senhora e está a lançar mais. Uma das Irmãs dá aulas na escola comunitária – alfabetização a meninos de rua.

As Irmãs que foram passando por Moçambique entregaram-se ao serviço da Igreja e do povo, segundo as prioridades ou os pedidos que iam surgindo, integrando-se no meio, sem obra própria: ensino público e privado, alfabetização, serviço social – nomeadamente o acolhimento a «meninos da rua» ou às crianças que, por falta de registos civis, não frequentavam qualquer escola – apoio a deslocados, promoção da mulher, pastoral paroquial e diocesana.

Só a partir de 2000, já restaurada a antiga casa, propriedade da Congregação, nacionalizada e ocupada pelo governo desde 1975 e entregue à Igreja diocesana 23 anos mais tarde, a Comunidade de Xai-Xai começa a trabalhar mais directamente nas várias actividades que se foram aí desenvolvendo. Entre elas conta-se a escola de alfabetização de crianças e adultos, promoção da mulher, sobretudo no apoio às mães solteiras com aprendizagem de práticas de culinária, corte e costura.

Um dos momentos mais marcantes para as Irmãs que passaram por Moçambique foi, sem dúvida alguma, o das cheias de Xai-Xai em Fevereiro de 2000. Nessa altura, e durante vários meses, a casa das Dominicanas serviu de refúgio a muitas pessoas da Igreja – padres, religiosas, aspirantes, missionárias leigas – e a mais de 200 deslocadas da cidade baixa.

Aí funcionaram os vários serviços religiosos da paróquia, desde a celebração da Eucaristia dominical, catequese paroquial à secretaria da Cáritas diocesana, armazém do Programa Mundial de Alimentação, P.M.A., gabinete do Bispo – D. Júlio Duarte Langa. Foi um período de muito sofrimento mas, sobretudo, de enriquecimento comunitário. Todas as Irmãs trabalharam directamente para minimizar o sofrimento dos deslocados, integrando-se no funcionamento das estruturas civis e religiosas, responsabilizando-se por centros de instalações provisórias, servindo com generosidade e alegria as vítimas da catástrofe.

Com a abertura da conta da Família Dominicana em Moçambique, gerou-se uma onda de solidariedade em vários pontos do planeta e chegaram muitos milhares de dólares que possibilitaram a construção de dezenas de casas para os que perderam tudo nas cheias e uma linda escola de material convencional que já está a servir às crianças duma zona de reinstalação de pessoas.[223]

---

[223] «Moçambique após a Independência» foi escrito pela Irmã Maria do Céu Mateus, OP, 15 de Janeiro de 2002.

Albânia

Casa de Nossa Senhora da Paz, Tirana – 1999

Respondendo às prioridades do Capítulo Geral da Congregação de 1996 e a um apelo do Núncio Apostólico em Albânia, fizeram-se várias diligências, entre as quais uma visita prévia por forma a estabelecer uma Comunidade neste país. Estabelecidos contactos locais com o Monsenhor Merdita, bispo de Tirana, com o Núncio Apostólico e os Padre Salesianos, escolheram-se as fundadoras e ultimaram-se os preparativos para a nova missão.

A partida estava prevista para o dia 25 de Março. Após a missa do envio, na véspera, intensificaram-se os conflitos no Kosovo sendo encerrado o espaço aéreo na zona. Apenas no dia 2 de Agosto partiram as Irmãs Maria Luísa Madalena Barata Duarte, Maria Luísa Valentim Barbosa e Izide Santina Vechi. Acompanhou-as a Madre Geral, Irmã Maria Manuela dos Anjos.

O primeiro desafio foi a aprendizagem da língua. Para o vencer muito contribuiu uma senhora albanesa, Iliriana Agolli, comissária do pavilhão da Albânia na Expo 1998, em Lisboa e que fala fluentemente o português. Enquanto lhes ensinava a língua introduziu-as na cultura albanesa possibilitando-lhes uma inserção mais enraizada e a resolução de problemas burucráticos.

Apoiadas pelos Padres Salesianos de Itália, as Irmãs iniciaram a sua missão em Breglumasi, um bairro pobre da periferia de Tirana, formado por camponeses de tradição católica mas que, devido à presença comunista dos últimos cinquenta anos, não tinham prática da fé.

O modo de estar das Irmãs, as visitas às famílias e o carinho com as crianças, foi o modo de integração no bairro, onde começaram a dedicar-se à evangelização, à saúde e à educação. Inicialmente, só algumas crianças e poucos jovens participavam na missa dominical mas a sua presença evangelizadora tem dado os seus frutos. Hoje a igreja enche-se e as pessoas começam já a participar activamente, tendo-se ministrado muitos sacramentos.

No bairro há um Jardim Infantil «Jeta e Ludje», «Vida em flor» subsidiado pela Congregação e orientado pelas Irmãs, com cerca de cem crianças a quem se serve uma refeição diária.

Além desta actividade, uma das Irmãs desloca-se a Maminas, aldeia a cerca de 20 quilómetros, onde trabalha em colaboração com a Caritas Italiana, num projecto de educação de crianças. Nesta aldeia só existiam treze famílias católicas, mas nem sequer sabiam fazer o sinal da cruz.

Fazem parte da Comunidade Irmãs, de três países diferentes, uma comunidade inter-cultural, que dá o seu testemunho: «Já estamos mais integradas, compreendendo melhor a língua e falando com as pessoas. Estamos semeando, embora tantas vezes "entre lágrimas", como diz o salmista. Mas, por termos a Cruz connosco, estamos felizes e sabemos que a obra é de Deus.»

Para além destes apontamentos históricos, que retractam alguma coisa do que fizeram as Irmãs que passaram pelo caminho da missão *ad gentes*, há muito mais vidas que ficaram escritas em páginas de silêncio.

Capítulo VI
Memória das datas

Na vida das pessoas e das instituições há datas marcantes, pontos de referência obrigatória. A própria Madre Fundadora deixou algumas notas dos principais acontecimentos da caminhada da Congregação a que deu o título de «Datas Memoráveis».

Datas Memoráveis:

24 de Junho de 1865 – Comecei a devoção dos quinze sábados, em honra do Santíssimo Rosário, para recomendar à Virgem Santíssima o importante negócio da minha vocação, aonde e como Deus queria que eu trabalhasse, e me esclarecesse sobre a maneira de estabelecer em Portugal a Ordem Terceira de São Domingos.

01 de Outubro de 1865 – Festa do Santíssimo Rosário, Deus, depois de eu receber a Sagrada Comunhão, deu-me a conhecer, que eu devia ficar em Portugal, trabalhar no meu País para estabelecer as Irmãs Terceiras de São Domingos. Recebi uma luz da graça, tão grande, que escrevi ao meu Director dizendo-lhe o que se tinha passado na minha alma e sem dúvida, disse: «Deus quer que eu fique em Portugal.» Começou desde esse dia a grande obra da fundação das Irmãs Terceiras.

Novembro de 1865 – Apareceu uma senhora, Irmã Maria Madalena Martin, que o meu Director, o Padre Russell, achou muito boa para entrar para Terceira, e ela prontificou-se a ir para aonde quiséssemos.

02 de Janeiro de 1866 – Partiu a minha primeira carta à Superiora, do Convento de Drogheda, a Madre Maria Imelda, falando no meu projecto de fundar a Ordem Terceira.

19 de Março 1866 – Visita da Condessa de Rio Maior, Maria, ao Patriarca D. Manuel Bento Rodrigues, para pedir autorização e aprovação de fundar em Lisboa as Irmãs Terceiras. O Patriarca deu licença, mas que fizéssemos o com prudência.

24 de Abril 1866 – Comecei a devoção das quinze Terças feiras em honra de São Domingos e em preparação à sua festa.

01 de Outubro de 1866 – Primeiro Capítulo, no Largo da Páscoa. Assistiu a Madalena Martin, Maria Augusta Campos e Teresa de Saldanha. Presidiu o nosso Superior Doutor Russell. Foi para decidir a partida da Madalena Martin, para o Convento de Drogheda, na Irlanda. Quando estava para partir só, de repente decidiu-se a ida da nossa querida Maria José Barros de Castro.

07 de Novembro 1866 – Embarcaram as duas primeiras Irmãs Maria José de Castro e Maria Madalena Martin, para irem começar o seu Noviciado, no Convento de Sena, em Drogheda. Embarcaram no Cais Sodré, ao meio dia. Acompanhei-as a bordo e foi comigo o Doutor Russell e a minha cunhada Maria, Condessa de Rio Maior. O vapor partiu no dia 8 de manhã.

13 de Novembro 1866 – Chegaram as duas Irmãs a Inglaterra.

16 de Novembro 1866 – Escrevi ao Mestre Geral, para Roma, dizendo da partida das Irmãs.

18 de Novembro 1866 – Entraram as duas primeiras Irmãs no Convento, de Sena.

29 de Novembro 1866 – Visitei o Núncio, o Monsenhor Ferrieri, para lhe falar na nossa Obra.

02 de Fevereiro 1867 – Tomaram o hábito de Noviças, as duas Irmãs Maria Madalena Martin e Maria José.

12 de Março 1867 – Escrevi a um homem, com reputação de santo, Conde du Pont, em França, pedindo orações.

11 de Agosto 1867 – Entrou a Maria Murphy, no Convento de Sena, como Postulante, sendo a nossa primeira postulante Irlandesa e é a actual Irmã Maria de São Domingos.

Novembro 1867 – Escreveu a Prioresa, ao nosso Superior, o Doutor Russel, falando que a Kate Corbally pedia para tomar parte na nossa obra.

17 de Novembro 1867 – Teve lugar no Asilo das Portas da Cruz, o 2.º Capítulo da Ordem, ao qual assistiu a Maria Josefina Duff (hoje Irmã Maria Inês), Maria Augusta Campos, eu e presidiu o nosso Superior. Foi para decidir a admissão da Kate Corbally, irlandesa.

18 de Novembro 1866 – Começámos uma Novena, para pedir luzes, sobre diferentes negócios. Nenhum negócio se resolveu, relativamente a esta grande obra, sem primeiro rezar e pedir muito a Nosso Senhor, que nos indicasse qual era a Sua Vontade!

26 de Janeiro 1868 – 3.º Capítulo, no Asilo das Portas da Cruz, ao qual assistiu a Maria Josefina Duff, a Maria Augusta Campos, a Pilar Nandin de Carvalho, eu e o nosso Superior. Foi para decidir se as duas Irmãs Maria José e Maria Madalena, depois de professas deviam ir estar algum tempo no hospital de Dublin, para ver e aprender a maneira de tratar os doentes

25 de Fevereiro 1868 – Profissão das nossas duas Irmãs Maria José de Castro e Maria Madalena. Tomou o hábito de Noviça a Irmã Maria de São Domingos José do S.S.^{mo} Rosário Murphy.

12 de Maio a 5 de Junho 1868 – Estiveram as Irmãs Maria José e Maria Madalena, no hospital das Irmãs da Caridade Irlandesas, em Dublin, para aprenderem o modo de tratar os doentes.

22 de Agosto 1868 – Escreveu a Superiora de Sena, sobre a vocação da Margarida Maguire.

25 de Agosto 1868 – Tomou o hábito de Noviça, como Irmã Maria Catarina de Ricci.

29 de Agosto 1868 – Entrou para Postulante, a Kate Corbally, actual Irmã Maria Rosa Corbally.

08 de Novembro 1868 – Partida do Convento de Sena, para Lisboa das duas primeiras Irmãs, Irmã Maria Madalena e Irmã Maria José. Embarcaram em Southampton a 9 de Novembro.

12 de Novembro 1868 – Dr. Russell benzeu a casa das Portas da Cruz.

13 de Novembro 1868 – Chegada das duas Irmãs Maria José e Maria Madalena.

29 de Novembro 1868 – Partiu a Maria Josefina Duff, para ir fazer o seu Noviciado.

07 de Dezembro 1868 – Entrou para Postulante no Convento de Sena, a Margarida Maguire, actual Irmã Maria de São Patrício Maguire.

02 de Maio 1869 – Profissão da Irmã Maria de São Domingos Murphy.
Tomaram hábito de Noviças a Maria Josefina Duff com o nome de Irmã Maria Inês do Sagrado Coração de Jesus; a Kate Corbally, com o nome de Irmã Maria Rosa das Sagradas Chagas; a Margarida Maguire com o nome de Irmã Maria de São Patrício de Jesus.

23 de Março 1869 – Chegou a Lisboa a nossa terceira Irmã, a Irmã Maria de São Domingos José do S.S.mo Rosário Murphy.

13 de Dezembro 1870 – Chegaram a Lisboa mais três Irmãs, Maria Inês Duff, Maria Rosa Corbally, Maria de São Patrício Maguire, desembarcaram às 4 horas da tarde.

13 de Maio 1871 – Foi o D. Ayres de Ornelas, futuro Bispo do Funchal, crismar as pequenas do Asilo das Portas da Cruz. Disse Missa e em seguida crismou perto de 200 pessoas.

10 de Julho 1871 – Chegada a Lisboa, da Postulante, Maria da Conceição, vindo do Varatojo. Foi esta a nossa primeira postulante recebida aqui.

08 de Outubro 1873 – Requerimento ao Patriarca pedindo para a Irmã Maria José Barros de Castro ser nomeada Madre Vigária e a Irmã Maria Inês Champalimaud Duff, Mestra de Noviças. O Sr. Patriarca fez estas nomeações.

12 de Outubro – Houve nas Portas da Cruz, Missa cantada dita pelo Doutor Russell e em seguida Acto de Consagração ao Sagrado Coração de Jesus, para consagrar todas as Irmãs a este Divino Coração.

24 de Outubro 1873 – Primeira entrevista com o Rev.do Arcipreste da Vila do Conde. Tratou-se de virem três senhoras para serem Noviças.

04 de Abril de 1877 – Comprei o Palácio de Benfica.[224]

---

[224] A.G.C., Doc. 7268.

(...) [225]

01 de Março de 1910 – Começou o Tríduo em desagravo dos insultos proferidos contra a Imaculada Conceição.

03 de Março de 1910 – Enviei para Roma as Constituições e Estatutos da nossa Associação das Terceiras Dominicanas.

01 de Julho de 1910 – Trasladação da Irmã Ângela Germain para o Cemitério de Benfica.

02 de Setembro de 1910 – Ida para o Outão com a minha sobrinha e Irmã da Graça.

13 de Setembro de 1910 – Partiu para Benfica a Irmã Maria Teresa, Prioresa, com a Irmã São Simão por causa da perseguição religiosa.

05 de Outubro de 1910: Revolução, de 5 para 6, Revolução em Setúbal e proclamação da República. Queimaram o Convento de Brancannes.

08 de Outubro de 1910 – Foi o Senhor Gomes, filho, buscar-me ao Outão, indo numa carruagem para me trazer e à Irmã Teresa. Saímos do Outão à 1 hora da madrugada. Vim eu, a minha sobrinha, a Irmã da Graça e o Senhor Francisco Gomes que vinha na almofada. Chegámos primeiro a Setúbal depois ao Barreiro e embarcámos para Lisboa, aonde chagámos às 6 ½ da manhã, fomos para casa do Senhor Gomes, aonde descansámos, tomámos alguma coisa e fomos para Benfica.

09 de Outubro de 1910 – Chegámos a Benfica, por volta das onze horas, conservei-me vestida de preto todo o dia. Tratei de muitos negócios.

10 de Outubro de 1910 – Pus o meu hábito e todas as Irmãs e fomos ao coro aonde rezámos o ofício todas em coro.

18 de Outubro de 1910 – Fechou-se o Convento de Jesus, Aveiro e saíram todas as Irmãs.

04 de Novembro de 1910 – Chegou a Irmã Maria de Santo Inocêncio do Algarve.

14 de Novembro de 1910 – Entregou-se o requerimento ao Ministro da Justiça Afonso Costa.

18 de Dezembro de 1910 – Partiu a Irmã Santo Inocêncio para o Brasil.

21 de Dezembro de 1910 – Faleceu a Maria Madalena Martin, no Hospital de São José.

22 de Dezembro de 1910 – Saímos da Anunciada às 9 horas da noite.

---

[225] Não foram encontrados os apontamentos de *Datas Memoráveis* de Março de 1877 a Fevereiro de 1910.

16 de Janeiro de 1911 – Saímos do Hotel Pension para a Rua Gomes Freire.

03 de Fevereiro de 1911 – Partiu a Madre São Jacinto de Sampaio Quintela para França.

11 de Fevereiro de 1911 – Partiram seis Irmãs para a América.

21 de Fevereiro de 1911 – Partiram oito Irmãs para Campinas.

05 de Março de 1911 – Escrevi à Madre São Jacinto Quintela tratando do negócio da fundação na Bélgica.

06 de Março de 1911 – Saímos às 5 da tarde da casa da Rua Gomes Freire, num automóvel e fomos para Sintra, aonde ficámos no Hotel Lawrence, eu, a Irmã Maria Isabel e Maria da Graça. Escrevi à D. Claudina Chamiço a respeito da Sant' Ana.

30 de Março de 1911 – Abriu-se a nossa capela, o Prior veio benzê-la e disse Missa.

04 de Maio de 1911 – Partiram três Irmãs de Lisboa para a Bélgica, indo para La Panne.

01 de Janeiro de 1912 – Partiram para o Brasil mais 6 Irmãs: Madre Maria Rita Salema Garção, Irmã do Bom Conselho, Irmã Bernardete, Encarnação, Maria das Neves e Maria Camila. Escrevi à Madre Santo Inocêncio.

04 de Março de 1912 – Irmã Maria RosaThiaucourt foi de Prouille para La Panne, Bélgica.

24 de Março de 1912 – Partiu a Irmã Maria Rosa Thiaucourt e Boaventura para o Brasil.

28 de Agosto de 1912 – Partiu a Madre Imelda Perry, Madre Maria José Albergaria e Irmã Maria dos Prazeres para Salamanca.

03 de Dezembro de 1912 – Partiu a Irmã São Gabriel e a Madre do Resgate para Salamanca.

05 de Janeiro de 1913 – Falei com o Advogado, Dr. António Bourbon, para tomar conta da questão de Benfica.

07 de Março de 1913 – Dia de São Tomás as Irmãs em Salamanca puseram os hábitos.

15 de Agosto de 1913 – Abriu-se o Noviciado em Salamanca.

01 de Janeiro de 1914 – Faleceu o Cândido.

27 de Março de 1914 – Voltou a Irmã Maria Rosa Thiaucourt do Brasil.

10 de Agosto de 1914 – Postal, *sujet à la guerre*, para a Madre São Jacinto Quintela.

20 de Agosto de 1914 – Faleceu o Santo Padre Pio X, em Roma.

22 de Agosto de 1914 – Partiu o Senhor Patriarca, D. António Mendes Bello, para Roma.

03 de Setembro de 1914 – Eleição do Santo Padre Benedicto XV.

04 de Setembro de 1914 – Imposição do barrete cardinalício ao Patriarca, D. António I.

4 de Maio de 1915 – Foi para Outão a Madre Maria José Albergaria e a Irmã Osana Vieira.

04 de Setembro de 1915 – Tive muitas cartas e 27 visitas.

21 de Setembro de 1915 – Domingo 19 de Setembro apareceu no jornal *A Nação* um artigo a meu respeito recordando o tempo que o Senhor João Franco Monteiro, quando pequeno, esteve em São Domingos de Benfica.

25 de Setembro de 1915 – Enviei telegrama à Irmã São Paulo Mac Mahon, a respeito dos documentos necessários que está nas Constituições. Escrevi à Irmã São Paulo felicitando pela festa no dia 21, tomada de hábito da Jovita Figueiredo.[226]

03 de Janeiro de 1916 – Escrevi ao Cardeal Vannutelli, para Roma.

04 de Janeiro de 1916 – Escrevi ao Padre Cormier, para Roma.

05 de Janeiro de 1916 – Mandei telegrama e carta para o Cardeal Touti, Roma.

06 de Janeiro de 1916 – Carta ao Cónego Miguel Ferreira de Almeida, Viseu.

07 de Janeiro de 1916 – Escrevi à Madre Maria José Soares Albergaria, à Irmã Maria de Lourdes, ao Dr. António Marques de Figueiredo, Deão e Vigário Geral e à Angèle.»[227]

08 de Janeiro de 1916 – Faleceu, de repente, a Madre Fundadora.

Aprovações da Congregação e das Constituições:

Aprovação das Contituições pelo Patriarca de Lisboa – 1887

Foi no Patriarcado de Lisboa que a Congregação deu os primeiros passos e foi o seu Prelado, D. José Sebastião Neto, que aprovou as primeiras Constituições .

Requerimento da Vigária da Congregação ao Em.mo Cardeal-Patriarca de Lisboa D. José Sebastião Neto pedindo a aprovação das constituições

---

[226] Primeira postulante portuguesa a entrar para o Noviciado em Salamanca.

[227] Título e texto da Madre Fundadora, A.G.C., Doc. 7003.

Eminentíssimo e Reverendíssimo Senhor

A Superiora das Religiosas da Ordem Terceira de São Domingos, estabelecidas nesta casa de São José, em São Domingos de Benfica, vem respeitosamente participar a Vossa Eminência que está, felizmente, terminado o trabalho da preparação das Constituições, destinadas para o governo da Congregação das Irmãs Terceiras de São Domingos, existente neste Reino.

Conformando-se com as instruções de Vossa Eminência, tem a dita Superiora reunido por várias vezes o seu Conselho, cuja maioria sempre se tem conservado nesta Casa, tendo o cuidado de participar o resultado das deliberações aos membros ausentes e sujeitando tudo ao Rev.do Padre Frei Pedro Daniel Hichey OP, indicado para esse efeito por Vossa Eminência.

Tomando por base a Regra de Santo Agostinho e a Regra da Ordem Terceira da Penitência, do Patriarca São Domingos aprovada por muitos Sumos Pontífices, especialmente por Inocêncio VII e Eugénio IV, temos procurado nas presentes Constituições adaptar a dita regra da Ordem Terceira, às necessidades do tempo presente, às circunstâncias do nosso país e à natureza das obras de que nos havemos de ocupar, conforme a praxe seguida em outros países, com a aprovação das autoridades eclesiásticas e a sanção da Santa Sé.

Por este motivo vimos humildemente depor aos pés de Vossa Eminência este nosso trabalho, na confiança que há-de merecer a Vossa aprovação, a qual havemos de considerar como o penhor da benção de Deus, que nos há-de dar a força de perseverar, trabalhando com fruto, debaixo da direcção de Vossa Eminência, para a salvação das almas e para a glória de Nosso Senhor.

Deus guarde a Vossa Eminência.

São Domingos de Benfica, 27 de Janeiro de 1887.

Irmã Maria José Barros de Castro - Vigária[228]

«Aos que esta Nossa Provisão virem, saúde, paz e bênção, em Jesus Cristo Nosso Salvador, que de todos é Luz, Verdade e Vida.

Persuadidos que entre os diversos deveres do nosso múnus pastoral, não há nenhum que mais eficazmente contribua para a salvação das almas, que o cuidado que nos incumbe acerca das Congregações Religiosas sujeitas à nossa jurisdição, por isso não tem sido pequena a nossa alegria vendo como está crescendo cada vez mais o número das nossas amadas filhas no Senhor, as Irmãs da Ordem Terceira Regular de São Domingos, que existem desde alguns anos neste Patriarcado, com a sua sede principal no lugar de São Domingos de Benfica ao pé de Lisboa.

Agora, porém, temos um novo motivo de regozijo, visto que as Constituições que devem servir para o governo das ditas Irmãs, e que foram começadas em tempo por nosso Conselho, acham-se definitivamente coordenadas. Portanto, acolhemos com muito agrado o pedido que nos fazem as ditas Irmãs, para que concedêssemos a nossa aprovação às mesmas Constituições. Pelo teor,

[228] A.G.C. Doc. 7114.

pois, da presente Provisão, e conformando-nos com a informação e parecer do Rev.do Reitor do Colégio do Santíssimo Rosário da Ordem dos Pregadores desta cidade, interpondo nossa autoridade, havemos por bem aprovar as ditas Constituições como existem no manuscrito que nos foi apresentado.»[229]

Decreto de Louvor e aprovação da Congregação – 1889

Uma vez as Constituições aprovadas pelo Patriarca de Lisboa, a Madre Fundadora fez, a 26 de Maio de 1888, um requerimento a Sua Santidade o Papa Leão XIII pedindo humildemente a aprovação quer do Instituto quer das Constituições. O seu requerimento foi acompanhado pelas cartas comendatícias dos bispos das dioceses onde as Irmãs se encontravam.

D. Manuel Correia de Bastos Pina, bispo de Coimbra:

«Rendo público testemunho do importante serviço que as beneméritas Irmãs de São Domingos estão prestando à religião com a sua virtude, piedade e zelo na educação das crianças e que gozam da estima pública, respeito e veneração. Animado pelos sentimentos de admiração e gratidão para com esta nobilíssima e benemérita Dominicana e para com as suas devotas Irmãs, e convicto do dever que me obriga a proteger e a dilatar este santo Instituto, em vista do grande bem que traz à religião e à sociedade, ouso pedir a Vossa Santidade que se digne abençoar e favorecer a Congregação das Irmãs Terceiras de São Domingos em Portugal. Com esta bênção e favor será sempre maior o seu zelo e mais abundantes os frutos que produzirá »[230]

Arcebispo Primaz de Braga, D. António:

«Sob a denominação de Colégio da Regeneração, acha-se há poucos anos instalado nesta cidade de Braga, um caritativo Instituto, benemérito da Igreja e da Sociedade, no qual se dá abrigo a muitas desgraçadas que atrofiadas pelas desilusões, desgostos e desprezos de uma vida desregrada, e tocadas da graça, se voltaram para Deus, a quem haviam trocado pelos falsos prazeres do mundo, e lhe vêm pedir perdão, procurando aqui, contritas, a paz e tranquilidade das suas consciências, vertendo amargas lágrimas de sincera dor e arrependimento.

A Direcção interna de tão útil e piedoso Instituto, mormente na parte espiritual está confiada às Irmãs Terceiras Dominicanas Portuguesas, que têm a sua Casa Mãe em Benfica, no Patriarcado de Lisboa, sendo para este serviço delegadas por sua ilustre Superiora e Fundadora. Dignas são dos maiores louvores pela sua boa vontade, muito zelo e perseverantes esforços que empregam em obra tão meritória e tanto do agrado de Deus Nosso Senhor.

---

[229] A.G.C., Doc. 7098.

[230] Coimbra 31 de Outubro de 1887, A.G.C., Livro 204, fl. 35.

Pela minha parte, faço ardentes votos pela continuação de tão benemérita Direcção, e muitíssimo me interesso pelo progresso daquela nascente Congregação, com a qual tem muito a lucrar a Igreja em Portugal, se não me iludo.

Humildemente prostrado na presença de Vossa Santidade, eu suplico, Beatíssimo Padre, a Vossa Bênção Apostólica para a nascente Congregação das Irmãs Terceiras Dominicanas Portuguesas e com ela a Aprovação Apostólica de tão auspiciosa e benéfica Congregação, com o que muito ganhará também o Instituto que aqui dirigem, para maior honra e glória de Deus e a salvação das almas, e para o qual imploro também de joelhos, bem como para mim a Bênção Apostólica.»[231]

Com efeito, a 11 de Setembro de 1889, foi concedido à Congregação o Decreto de Louvor e Aprovação do Santo Padre Leão XIII:

Decreto de Louvor e Aprovação da Congregação das Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena por Sua Santidade o Papa Leão XIII, em 11 de Setembro de 1889

Decreto nº 6265 / 13

A piedosa e nobre donzela - Senhora D. Teresa de Saldanha Oliveira e Sousa, da família dos Condes de Rio Maior, constatando as tristíssimas circunstâncias de Portugal, onde expulsas e dispersas as Ordens Religiosas de um e outro sexo, com grande detrimento da Religião e das almas, homens perversos e filiados em ímpias seitas, se apoderaram da educação da mocidade, pensou em instituir uma pia sociedade de Irmãs, cujo fim principal e escopo fosse a educação cristã e civil de raparigas.

Vencidas, pois, com a ajuda de Deus, as múltiplas insídias e dificuldades dos inimigos do nome cristão, perseverando, constante, no seu santo propósito, conseguiu ela no ano de 1866, o que muito e muito desejava, e a expensas próprias lançou os fundamentos do Instituto das Irmãs de Santa Catarina de Sena da Terceira Ordem de São Domingos - de Lisboa em uma amplíssima casa em Benfica, subúrbios de Lisboa, que adquirira, e nela constituiu a Casa Mãe do novo Instituto. Este foi o princípio da Sociedade, na qual ela própria, poucos anos depois, fez a sua profissão.

As Irmãs vivendo em comunidade, além da própria santificação, dedicam-se com todo o empenho à educação cristã de donzelas na própria Casa, nos Colégios e Asilos. Além disso, estão sujeitas ao governo da Prioresa Geral e fazem os três votos de pobreza, obediência e castidade.

A piedosa Sociedade com o andar dos tempos também se estendeu à Diocese de Coimbra e, no presente, conta quase sessenta Irmãs professas. Isto se refere nas cartas de recomendação do Em.mo Patriarca de Lisboa e Bispo de Coimbra, as quais, elogiando o Instituto, e as Irmãs, pedem a aprovação Pontifícia.

Exposta esta informação e petição ao Santo Padre Leão XIII, pelo abaixo assinado Secretário da Sagrada Congregação dos Bispos Regulares, na audiência concedida a 6 de Setembro, de 1889, Sua Santidade, tendo em conta as cartas de

[231] Braga, 12 Dezembro de 1887, A. G. C., Livro 204, fl. 36.

recomendação dos referidos prelados, querendo favorecer com graças especiais, a Fundadora e as Irmãs, dignou-se louvar o escopo e fim do Instituto das Irmãs de Santa Catarina de Sena da Terceira Ordem de São Domingos, de Lisboa, recomendá-lo, aprová-lo e confirmá-lo por graça especial, e sem exemplo, como realmente, pelo teor do presente decreto, louva e recomenda o escopo e fim, aprova e confirma o Instituto, salva todavia a jurisdição dos Ordinários, em conformidade dos sagrados Cânones e Constituições Apostólicas, reservando para tempo oportuno a aprovação das Constituições, as quais ordenou se fizessem algumas advertências.

Prossigam, pois, as Irmãs com todo o zelo e empenho a educar as donzelas no santo temor de Deus, para que correspondam fielmente à sua santa vocação e aos desejos do Sumo Pontífice.

Dado em Roma na Secretaria da Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares, aos 11 de Setembro de1889.

+ Isidorus Cardinalis Verga - Praefectus
+ Fr. Aloisius Episcopus Callinicen - Secretarius[232]

A 15 de Setembro desse mesmo ano, a Madre Fundadora teve conhecimento da aprovação da Congregação, através de uma carta do Padre Marcolino Cicognani, então Procurador Geral da Ordem Dominicana:

«Com a alma cheia, transbordando de santa alegria escrevo estas poucas linhas para lhe comunicar que o Santo Padre concedeu benignamente o Decreto de Louvor e Aprovação do seu Instituto, Decreto que tenho em minha mão. Ontem dia sagrado para a nossa Ordem, porque começam os santos jejuns, foi-me ele entregue pela Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares, juntamente com as correcções que se devem fazer nas Constituições.

O Santo Padre ouvindo a História do Instituto e como por meio dele se abre caminho à introdução da nossa Ordem em Portugal, informado além disso do grande bem, que juntamente com suas Irmãs tem feito na educação, ficou muito consolado, manda a todas a sua Bênção apostólica, e concedeu-lhe um favor, que a ninguém se concede: Quando um Instituto se apresenta pela primeira vez à santa Sé, pedindo a aprovação, a Santa Sé não costuma dar-lhe senão um Decreto de Louvor, e só depois de 5 ou 7 anos o Decreto de Aprovação. Para obter depois a aprovação das Constituições, deve passar um outro período de tempo, a fim de se experimentarem as correcções feitas nas Constituições. Para si e para o seu Instituto quebrou isto o Santo Padre, quer dizer que em vez de dar primeiro só o Decreto de louvor, para depois de um quinquénio lhe dar o segundo Decreto de aprovação, quis favorecer o seu Instituto dando um só Decreto de louvor e aprovação, com o qual desde hoje o seu Instituto fica reconhecido entre os aprovados pela Santa Sé. Eternos louvores sejam dados ao Senhor. » [233]

[232] A.G.C. Doc. 6990.

[233] A.G.C., Doc. 7547.

Aprovação definitiva da Congregação e das Constituições

Grande foi o júbilo com que a Madre Fundadora e as Irmãs receberam o Decreto. Empreenderam o trabalho da revisão das Constituições. Depois de alguns anos de experiência, foi pedida a sua aprovação definitiva à Santa Sé.

Pedido de aprovação definitiva da Congregação e das suas Constituições a sua Santidade o Papa Leão XIII

Santíssimo Padre

A Superiora Geral da Congregação de Santa Catarina de Sena, em Portugal, da Ordem Terceira de São Domingos, com o seu Conselho, tendo já obtido de Vossa Santidade, um Decreto de louvor, com data de Roma 11 de Setembro de 1889, e desde essa época tendo sido postas em prática todas as observâncias, como ordenava o Decreto de louvor, as abaixo assinadas humildemente prostradas aos pés de Vossa Santidade imploram de Vossa Santidade a graça de conceder o Decreto de aprovação definitiva desta Congregação e das suas Constituições das quais apresentam a Vossa Santidade um exemplar com os documentos exigidos.

Beijando com suma reverência o pé de Vossa Santidade e implorando para nós e para toda a Congregação a Benção Apostólica somos

De Vossa Santidade ínfimas e humildes filhas.

Lisboa, 19 de Março de 1899.

Irmã Teresa Catarina de Saldanha Oliveira e Sousa - Superiora Geral[234]

Acompanhou o seu pedido uma carta do Cardeal Patriarca de Lisboa, D. José Sebastião Neto a 20 de Fevereiro de 1899 :

«Há cerca de trinta anos que existe fundada nesta minha diocese e Patriarcado de Lisboa uma Congregação religiosa de Terceiras de São Domingos, pela nobre Dona Teresa de Saldanha e Sousa, da família dos Condes de Rio Maior, a qual tem sido, até ao presente, a Superiora Geral da mesma Congregação. Felizmente esta Congregação acha-se hoje muito desenvolvida e aí floresce, em tudo, o bom espírito religioso, assim como goza de uma boa reputação entre o povo.

Dedicam-se estas Irmãs à instrução da juventude em dois grandes colégios, um em Lisboa e outro em Aveiro, além de outras casas de instrução menos importantes, das quais igualmente têm a direcção.

Nestes últimos anos, a Rainha Amélia, de Portugal, também entregou aos cuidados das Irmãs dois hospitais para crianças, vulgarmente chamados Dispensários, que Sua Majestade fundou em Lisboa e no Porto. Tanto pelos seus

[234] A.G.C. Doc. 1554.

trabalhos inteligentes feitos a favor dos pobres e do público em geral, como pela regular observância em que vivem, gozam de estima pública.

A Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares ultimamente ordenou que se procedesse à reforma das Constituições que regem a dita Congregação de Terceiras Dominicanas, indicando ao mesmo tempo as alterações que deviam fazer-se, devendo depois praticarem-se as ditas Constituições com as alterações indicadas. Assim se fez e tem-se observado regularmente as Constituições reformadas, há já alguns anos, com óptimo resultado para a vida religiosa, como somos informados pelas superioras de todas as casas.

Atendendo a todas estas razões, parece-me justo e conveniente que Vossa Santidade Se digne aprovar definitivamente, se assim for do agrado de Vossa Santidade, a Congregação das Terceiras Dominicanas em Portugal, cuja casa principal se acha em Lisboa e as suas Constituições reformadas segundo as indicações da Congregação dos Bispos e Regulares.»[235]

Passados alguns meses, Sua Santidade o Papa Leão XIII aprovou definitivamente, por Decreto de 9 de Janeiro de 1900, a Congregação e as suas Constituições:

Decreto de aprovação das Constituições da Congregação das Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena por Sua Santidade o Papa Leão XIII em 9 de Janeiro de 1900

Decretum N.º 6265/13

Sanctissimus Dominus Noster Leo Divina Providentia PP. XIII in Audientia habita ab infrascripto Cardinali Praefecto Sacrae Congregationis Episcoporum et Regularium die 18 Decembris 1899, attentis litteris commendatitiis Antistitum locorum, in quibus reperitur Institutum Sororum Tertii Ordinis S. Dominici Lusitan, ipsius Instituti constitutiones, prout continentur in hoc exemplari, cuius autographum in Archivo eiusdem S. Congregationis asservatur, benigne approbavit et confirmavit, prout praesentis Decreti tenore constitutiones ipsae approbantur et confirmantur, salva Ordinariorum iurisdictione ad formam SS. Canonum et Apostolicarum Constitutionum.

Datum Romae ex Secretaria praefatae S. Congregationis Episcoporum et Regularium die 9 Januarii 1900.

Fr. Hieronymus Mª Cardinalis Gotti - Praefectus[236]

A 6 de Fevereiro teve lugar na Casa Mãe uma grande festa de acção de graças pela aprovação das Constituições. Houve missa cantada e sermão pregado pelo Padre Domingos Frutuoso. Presidiu ao *Te Deum* Monsenhor Aiuti, Núncio Apostólico. Estavam presentes

[235] Carta de D. José Sebastião Neto, A.G.C., Doc. 7546.

[236] Anexado ao manuscrito original das Constituições, A.G.C. Livro 94, fls. 164.

Irmãs de todas as casas e de outras congregações; os Padres do Corpo Santo e outros eclesiásticos.

O júbilo da Fundadora foi enorme como se lê na carta escrita a 10 de Fevereiro ao Cardeal Masella: «É com um sentimento de profunda gratidão que venho confirmar a carta que me trazia a feliz nova da aprovação definitiva das nossas Constituições. Recebi-a com uma grande alegria que mal posso explicar! Nosso Senhor trata-nos como filhas privilegiadas, concedendo-nos tantas graças e favores! Tudo está feito; agora posso dizer: *Nunc dimittis*. Sinto-me bem feliz pela certeza que agora tenho que este trabalho de tantos anos era a Vontade de Deus!»

Aprovação das Constituições Pós-Vaticano II – 1987

CONGREGATIO PRO RELIGIOSIS ET INSTITUTIS SAECULARIBUS
DECRETO

As Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena, Congregação Portuguesa, cuja casa geral tem sede na Arquidiocese de Lisboa, Portugal, dedicam-se de uma maneira particular à educação e promoção da infância e juventude, não esquecendo fazer o bem seja onde for, nomeadamente em obras de misericórdia e evangelização dos mais pobres e abandonados. Concretizam de facto a sua missão em obras de serviço social, missões, lares académicos e escolas.

Em conformidade com as normas do Concílio Vaticano II e outras disposições eclesiásticas, o Instituto elaborou novamente com grande empenho o texto das Constituições, que a Superiora Geral apresentou à Santa Sé, pedindo humildemente a aprovação.

Esta Congregação para os Religiosos e os Institutos Seculares, depois de ter confiado o texto ao estudo dos Consultores, considerado o parecer favorável do Congresso, realizado no dia 8 de Maio de 1987, com o presente Decreto aprova-o e confirma-o com as modificações estabelecidas pelo mesmo Congresso, segundo o exemplar em língua portuguesa que se conserva no seu Arquivo, observado quanto, por direito, se deve observar.

Fiéis ao próprio património espiritual e tantas às urgências do Povo de Deus e de cada época e lugar, as Irmãs participem na missão apostólica da Igreja, segundo o espírito da Fundadora e o projecto concebido por São Domingos, estabelecendo nas suas vidas de consagradas um grande equilíbrio entre os momentos fortes de oração e de acção em comunhão fraterna e generosa dedicação ao bem dos outros.

Não obstando nada em contrário.

Dado em Roma, no dia 4 de Setembro de 1987, Ano Mariano, aos 150 anos do nascimento da Madre Fundadora, Teresa de Saldanha Oliveira e Sousa.[237]

Cardeal Hammer - Prefeito

Capítulos Gerais da Congregação:

1.º Capítulo Geral – 1887

---

[237] Prot. n.º L. 43 - 1 / 86.

Realizou-se na Casa de São José em São Domingos de Benfica a 9 de Novembro de 1887. Foi eleita Superiora Geral a Madre Fundadora.
Presidiu à eleição o Padre Frei Dr. Patrício Russell, OP. Estiveram ainda presentes o Padre Frei Pedro Daniel Hickey, OP, - 1.º Escrutinador e Padre Dr. Joaquim António dos Reis – 2.º Escrutinador.

2.º Capítulo Geral – 1894
Realizou-se na Casa de São José em São Domingos de Benfica a 25 de Janeiro de 1894. Foi reeleita Superiora Geral a Madre Fundadora.
Primeira Assistente, Madre Maria Imelda Bressane Leite Perry, segunda Assistente, Madre Maria de São Francisco de Assis Gonçalves e Procuradora, Irmã Maria José Barros de Castro.
Presidiu à eleição D. José III, Cardeal Patriarca de Lisboa e esteve presente o Padre Frei Pedro Daniel Hickey, OP.

3.º Capítulo Geral – 1900
Realizou-se na Casa de São José em São Domingos de Benfica a 29 de Janeiro de 1900. Foi reeleita Superiora Geral a Madre Fundadora.
Primeira Assistente, Madre Maria do Sagrado Coração de Jesus Fernandes, segunda Assistente Madre Maria Madalena Machado, primeira Conselheira, Madre Maria Imelda Bressane Leite Perry, segunda Conselheira, Madre Maria de São Francisco de Assis Gonçalves e Procuradora, Madre Maria José Barros de Castro.
Esteve presente, como Delegado de Sua Eminência D. José III Cardeal Patriarca de Lisboa, o Padre Frei Pio M. McAlliney, OP. Presentes ainda o Padre Dr. Joaquim António dos Reis e Frei Domingos Maria Frutuoso, OP.

4.º Capítulo Geral – 1906
Realizou-se na Casa de São José em São Domingos de Benfica a 27 de Janeiro de 1906. Foi reeleita Superiora Geral a Madre Fundadora.
Primeira Assistente, Madre Maria Imelda Bressane Leite Perry, segunda Assistente, Madre Maria José Soares de Albergaria, terceira Assistente e Secretária Geral, Madre Maria de São Paulo Mac Mahon, quarta Assistente e Procuradora Geral, Madre Maria do Loreto Lobão.
Presidiu o Padre Paulo O'Sullivan, OP., como Delegado da Santa Sé.

5.º Capítulo Geral – 1916
Realizou-se em Salamanca a 4 de Julho de 1916. Foi eleita Superiora Geral a Madre Maria José Soares de Albergaria.
Primeira Conselheira, Madre Maria Imelda Bressane Leite Perry, segunda Conselheira e Secretária Geral, Madre Maria de São Paulo Mac Mahon, terceira Conselheira, Madre Maria Teresa de Saldanha Oliveira e Sousa; quarta Conselheira, Madre Maria do Loreto Lobão, Procuradora a Madre Maria de São Gabriel de Pinto Soveral.
Presidiu o Padre Frei Domingos Maria Frutuoso como representante do Senhor Patriarca de Lisboa e Delegado da Santa Sé.

6.º Capítulo Geral – 1922
Realizou-se em Salamanca a 21 de Agosto de 1922. Foi reeleita Superiora Geral a Madre Maria José Soares de Albergaria.

Primeira Conselheira, Madre Maria Imelda Bressane Leite Perry, segunda Conselheira, Madre Maria Teresa de Saldanha Oliveira e Sousa, terceira Conselheira e Secretária Geral, Madre Maria Rosa Thiaucourt; quarta Conselheira, Madre Maria Cecília Correa de Sá, Procuradora, Madre Maria de São Gabriel Pinto de Soveral.
Presidiu D. Frei Domingos Maria Frutuoso, OP, Bispo de Portalegre.

7.º Capítulo Geral – 1928
Realizou-se em Leiria a 27 e 28 de Agosto de 1928. Foi eleita Superiora Geral a Madre Maria Teresa de Saldanha Oliveira e Sousa.
Primeira Conselheira, Madre Maria Inês Félix Pereira, segunda Conselheira, Madre Maria de São João Evangelista de Lima Vidal, terceira Conselheira, Madre Maria de Santo Estanislau Reid, quarta Conselheira e Secretária Geral, Madre Maria José Soares de Albergaria, Procuradora, Madre Maria Osana Dias Vieira.
Presidiu D. José Alves Correia, Bispo de Leiria e esteve presente Padre Frei Lourenço, OP.

8.º Capítulo Geral – 1930
Realizou-se na Casa-Mãe em Braga de 19 a 21 de Novembro de 1930. Foi eleita Superiora Geral a Madre Maria de São João Evangelista de Lima Vidal.
Conselheiras: Madre Maria José Soares de Albergaria, Madre Maria Imelda Bressane Leite Perry, Madre Maria de Santo Estanislau Reid, Madre Maria de Lurdes Pires de Lima; Secretária Madre Maria Rosa Thiaucourt; Procuradora Madre Maria Osana Dias Vieira.
Presidiu D. Manuel Vieira de Matos, Arcebispo Primaz e esteve presente o Padre Frei Pio Jougla, OP.

9.º Capítulo Geral – 1937
Realizou-se na Casa-Mãe em Braga de 10 a 25 de Maio de 1937. Foi eleita Superiora Geral a Madre Maria Rita da Cruz Lecor Buys.
Conselheiras: Madre Maria Cecília Correa de Sá, Madre Maria Imelda Bressane Leite Perry, Madre Maria de São João Evangelista de Lima Vidal, Madre Maria Catarina de Sena Arantes; Secretária: Madre Maria Rosa Thiaucourt; Procuradora: Madre Maria Osana Dias Vieira.
Presidiu o Cónego António Gonçalves Pires.

10.º Capítulo Geral – 1946
Realizou-se na Casa de São José, Ramalhão, Sintra de 2 a 13 de Julho de 1946. Foi reeleita Superiora Geral a Madre Maria Rita da Cruz Lecor Buys.
Conselheiras: Madre Maria de São João Evangelista de Lima Vidal, Madre Maria Catarina de Sena Arantes, Madre Maria Teresa Catarina de Almeida e Madre Maria Joana Martins; Secretária: Madre Maria Teresa Catarina de Almeida; Procuradora: Madre Maria Teresa Gomes Pinto.
Presidiu D. Manuel Gonçalves Cerejeira, Cardeal Patriarca de Lisboa.

11.º Capítulo Geral –1952
Realizou-se na Casa de São José, Ramalhão, Sintra de 2 a 4 de Julho de 1952. Foi eleita Superiora Geral a Madre Maria Teresa do Menino Jesus Gomes Pinto.
Conselheiras: Madre Maria de São João de Lima Vidal, Madre Maria Teresa Catarina Correia de Almeida, Madre Maria Inês Macedo, Madre Maria Rita da Cruz Lecor Buys; Secretária:

Madre Maria Teresa Catarina de Almeida; Procuradora: Madre Maria de São Paulo Frias de Carvalho.
Presidiu D. Manuel dos Santos Rocha. Estiveram presentes: Padre Frei Tomás Garde, OP e Padre Frei Pio Goudrault, OP.

12.º Capítulo Geral – 1958
Realizou-se na Casa de São José, Ramalhão, Sintra de 15 a 23 de Agosto de 1958. Foi reeleita Superiora Geral a Madre Maria Teresa do Menino Jesus Gomes Pinto.
Conselheiras: Madre Maria Rita da Cruz Lecor Buys, Madre Maria de São Tomás de Aquino Figueiredo, Madre Maria Teresa Catarina de Almeida, Madre Maria do Sagrado Coração de Jesus Valente; Secretária: Madre Maria Teresa Catarina de Almeida; Procuradora: Madre Maria de São Paulo Frias de Carvalho.
Presidiu D. Manuel dos Santos Rocha. Esteve presente: Padre Frei Luís Maria Sulyvan, OP.

13.º Capítulo Geral – 1964
Realizou-se na Casa de São José, Ramalhão, Sintra de 15 a 19 de Agosto de 1964. Foi eleita Superiora Geral a Madre Maria do Sagrado Coração de Jesus Valente.
Conselheiras: Madre Maria Teresa Gomes Pinto, Madre Maria Teresa Catarina de Almeida, Madre Maria do Perpétuo Socorro Costa, Madre Maria de São João de Brito de Almeida; Secretária: Madre Maria Teresa Catarina de Almeida; Procuradora: Madre Maria de São Paulo Frias de Carvalho
Presidiu D. Francisco Rendeiro, OP.

14.º Capitulo Geral Extraordinário – 1967/68
Respondendo às exigências do Concílio Vaticano II, a Congregação realizou o seu Capítulo Geral Extraordinário, em 1967. Teve início na Casa de São José de Lisboa, no dia 26 de Dezembro de 1967, com a Celebração da Missa votiva do Espírito Santo, presidida pelo Senhor Bispo de Coimbra, D. Francisco Rendeiro, OP, grande amigo da Congregação, como delegado do Senhor Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira. Ainda presentes Frei Raul Rolo, OP, Provincial dos Dominicanos e Frei Artur Alonso Lobo, OP, canonista do Convento de Santo Estêvão, Salamanca.
O Senhor D. Francisco exortou as capitulares referindo-se, sobretudo, à importância de um Capítulo de Renovação, segundo as normas conciliares, e à responsabilidade das capitulares de agirem de acordo com o que faria a nossa Veneranda Fundadora se, nesta hora de renovação, estivesse presente para refundar a Congregação.
O Capítulo procurou, num regresso às fontes, promover a renovação da Congregação e das suas Constituições, de acordo com o carisma fundacional.
A partir do dia 5 de Fevereiro, o Capítulo decorreu na Casa de São Domingos do Santíssimo Rosário, em Fátima, onde se celebrou o seu encerramento, no dia 19 de Fevereiro de 1968.
Acontecimento marcante deste Capítulo foi a formação de três Províncias.

15.º Capítulo Geral – 1970
Realizou-se na Casa de São José, Ramalhão, Sintra de 14 a 16 de Agosto de 1970. Foi reeleita Superiora Geral a Madre Maria do Sagrado Coração de Jesus Valente.
Conselheiras: Madre Maria de São João de Brito, Madre Maria Inês Macedo, Madre Maria da Ascensão Duarte de Oliveira, Madre Maria Cecília da Câmara de Siqueira; Secretária: Madre

Maria Teresa de Jesus de Carvalho Ribeiro; Procuradora: Madre Maria de São Paulo Frias de Carvalho.
Presidiu D. Francisco Rendeiro, OP.

16.º Capítulo Geral – 1976
Realizou-se na Casa de São José, Ramalhão, Sintra de 14 a 28 de Agosto de 1976. Foi eleita Superiora Geral a Madre Maria do Perpétuo Socorro Costa.
Conselheiras: Madre Maria Cecília da Câmara de Siqueira, Madre Maria do Sagrado Coração de Jesus Valente, Madre Maria do Sameiro Marques Pereira, Irmã Maria Ana Teresa Calado Pereira; Secretária: Irmã Maria Rosa Monchique do Sacramento; Procuradora: Irmã Maria Madalena de Pazzi Macedo Pires.
Presidiu D. Júlio Rebimbas. Estiveram presentes: Padre Frei Miguel dos Santos, OP e Padre Frei Acebal Lugon, OP.

17.º Capítulo Geral – 1978
Realizou-se na Casa de São Domingos do Santíssimo Rosário, Fátima de 3 a 9 de Julho de 1978. Foi eleita Superiora Geral a Madre Maria Cecília da Câmara de Siqueira.
Conselheiras: Madre Maria de São João de Brito de Almeida, Madre Maria do Sameiro Marques Pereira, Madre Maria Fernanda Rafael Pires, Irmã Maria Ana Teresa Calado Pereira; Secretária: Irmã Maria Celina da Silva Laranjeiro; Procuradora: Irmã Maria Madalena de Pazzi Macedo Pires.
Presidiu: D. Alberto Cosme Amaral, bispo de Leiria. Estiveram presentes: Padre Frei Mateus Cardoso Peres, OP, Padre Frei Tomás Videira, Padre Frei Acebal Lugon, OP.

18.º Capítulo Geral – 1984
Realizou-se na Casa de São Domingos do Santíssimo Rosário, Fátima de 30 de Junho a 17 de Julho de 1984. Foi eleita Superiora Geral a Madre Maria de São João de Brito de Almeida.
Conselheiras: Irmã Maria Inês de Jesus d'Abreu Mota e Melo, Irmã Maria Fernanda Rafael Pires, Irmã Maria Manuel Fonseca, Irmã Maria Teresa de Jesus de Carvalho Ribeiro; Secretária: Irmã Maria Celina Laranjeiro; Procuradora: Irmã Maria Madalena de Pazzi Pires Macedo.
Esteve presente o Padre Frei Rafael Moya, OP.

19.º Capítulo Geral – 1990
Realizou-se na Casa de São José, Quinta do Ramalhão, Sintra de 18 a 25 de Julho de 1984. Foi reeleita Superiora Geral a Madre Maria de São João de Brito de Almeida.
Conselheiras: Irmã Maria Inês de Jesus d'Abreu Mota e Melo, Irmã Maria Teresa de Jesus Carvalho Ribeiro, Irmã Solange Maria de Carvalho, Irmã Maria Manuela dos Anjos; Secretária: Irmã Ana Maria de Sousa Vieira; Procuradora: Irmã Maria de Fátima Reis Oliveira.
Presidiu: D. António Ribeiro, Cardeal Patriarca de Lisboa e estiveram presentes os Padres Frei Mateus Peres, OP e Frei Acebal Lugon, OP.

20.º Capítulo Geral – 1996
Realizou-se na Casa de São Domingos do Santíssimo Rosário de 12 a 21 de Julho de 1984. Foi eleita Superiora Geral a Madre Maria Manuela dos Anjos.

Conselheiras: Irmã Maria Teresa de Jesus Carvalho Ribeiro, Irmã Ana Maria de Sousa Vieira, Irmã Maria de São João de Brito de Almeida, Irmã Rita Veronezzi de Sousa; Secretária: Irmã Rita Maria do Nascimento Lourenço Nicolau; Procuradora: Irmã Maria de Fátima Reis Oliveira.
Presidiu: D. António Ribeiro, Cardeal Patriarca de Lisboa.

Dispersão da Congregação – 1910

O anti-congregacionismo que marcou todo século XIX em Portugal aumentou no início do século XX. Já em 1901 muitas casas religiosas sofreram as consequências. Todas as Congregações, que juridicamente viviam numa situação de ilegalidade, foram intimadas a apresentar Estatutos.

A Congregação apresentou os «Estatutos da Associação das Irmãs Terceiras de São Domingos» que foram aprovados por Portaria de 18 de Outubro de 1901, publicada no *Diário do Governo* a 21 de Outubro de 1901, assinada pelo Ministro Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro.

Esta aprovação em nada afectou a determinação da Congregação que prosperava, abrangendo com a sua acção benéfica alguns milhares de pessoas, o que se pode verificar numa carta da Madre Fundadora, a 27 de Fevereiro de 1910, ao Cardeal Vincent Vannutelli, Protector da Congregação: «Esta carta acompanha documentos importantes que demonstrarão a Vossa Eminência a prosperidade da nossa Congregação e o seu estado actual demonstrado pelos mapas que envio. O número das crianças, das arrependidas, das cegas sob a nossa direcção é de 50617, como poderá ver no mapa que lhe envio, e espero que esta prova, bem exacta, do bem que a nossa Congregação faz em Portugal, será um motivo de consolação para Vossa Eminência.»[238]

Nesse ano, como era habitual, houve retiro na Casa Mãe aberto a todas as Irmãs das casas filiais que mais tarde seria recordado, com saudade, pela Madre Fundadora: «Fez-me recordar o belo retiro que tivemos no mês de Agosto de 1910, feito pelo Superior dos Congregados do Sagrado Coração de Maria, espanhóis, que tinham uma casa em Lisboa e eram muito fervorosos. Por eles principiou a perseguição religiosa e esse retiro foi como uma preparação para nós.»[239]

De facto, aquando da proclamação da República, a 5 de Outubro de 1910, a Congregação estava em plena vitalidade religiosa e apostólica. Pelo Decreto de 8 de Outubro do mesmo ano foram dissolvidas todas as Congregações Religiosas e as Irmãs expulsas das casas onde residiam, apoderando-se o Governo de todos os seus bens. Apenas duas casas escaparam a esta lei: o Colégio da Regeneração em Braga e o Asilo das Cegas em Lisboa, onde as Irmãs continuaram, por exigência das utentes.

Assim tiveram que abandonar as seguintes casas:

1.º Casa de São José em São Domingos de Benfica, Lisboa.

2.º Casa do Senhor Rei Salvador, Lisboa.

3.º Casa do Santíssimo Sacramento, Lisboa.

---

[238] Carta da Madre Teresa de Saldanha ao Cardeal Vincent Vannutelli, 27 de Janeiro de 1910, A.G.C., Doc. 2030.

[239] Carta da Madre Teresa de Saldanha à Madre Maria de Santo Inocêncio Lima, 20 de Junho de 1911, A.G.C., Doc. 2008.

4.º Casa de Santa Joana, Aveiro.
5.º Casa de São José, Lagoa, Algarve.
6.º Casa de Santa Catarina, Porto.
7.º Casa de São Domingos, Outão, Setúbal.

No dia 5 de Outubro de 1910, a Madre Fundadora encontrava-se na Casa do Outão, perto de Setúbal onde permaneceu até à noite do dia 8. Para evitar que fossem vistas, o Senhor Gomes, procurador da Congregação, foi buscá-la ao cair da noite, bem como a outras Irmãs e serviu-lhes uma refeição em sua casa[240], levando-as em seguida para Benfica. Ali, as Irmãs, já vestidas à secular, receberam-nas com grande alegria. Foi um domingo sem missa e passado entre sustos e na maior expectativa.

À noite, a Prioresa de Benfica que era então a sobrinha da Madre Fundadora, Madre Maria Teresa de Saldanha, reuniu todas as Irmãs e, com palavras de ânimo, encorajou-as a estarem prontas para tudo o que Nosso Senhor lhes pedisse. Todas fizeram a vénia[241] diante do Santíssimo Sacramento, pedindo, por este acto, perdão a Nosso Senhor de todos os pecados e faltas. Algumas Irmãs permaneceram levantadas toda a noite rezando e esperando os acontecimentos.[242]

Na manhã de segunda-feira, dia 10 de Outubro de 1910, o sino do despertar tocou, como de costume. Depois da meditação, do ofício e da missa, as Irmãs seguiram para o refeitório. Foi aí que, cheias de tristeza e lágrimas, escutaram o Decreto da expulsão das Ordens e Congregações Religiosas! O abandono das casas religiosas foi marcado por grande dor e emoção: «Quem escreve estas linhas lembra-se bem o que foi aquele almoço, que para nós devia ser o último naquela casa! As lágrimas corriam-nos pelas faces e com razão, pois, à saída do refeitório, chegou a Irmã Procuradora Geral, Madre Maria Catarina Roth, com um jornal na mão onde vinha o Decreto da expulsão das Ordens e Congregações Religiosas. A aflição e a desolação habitavam todos os corações: Exiladas na nossa própria pátria, o que seria de todas nós?»[243]

As Irmãs da Casa de Benfica, bem como de todas as Casas de Lisboa, foram levadas por soldados para o Arsenal da Marinha, uma espécie de celeiro, pouco arejado e mal iluminado, onde já se encontravam cerca de trezentas religiosas de outras congregações, amontoadas, com apenas quarenta colchões de palha no chão para todas elas.

Aí passaram alguns dias em precárias condições, alimentadas apenas com café e biscoitos salgados e foram sujeitas a minuciosos inquéritos acerca da sua vida religiosa. A Superiora Geral e veneranda Fundadora, foi a última a deixar Benfica de onde saiu ao entardecer desse dia 10. A intervenção da Cruz Vermelha e a sua idade avançada, pesaram para que a Madre Fundadora não tomasse o caminho do Arsenal da Marinha, mas da Anunciada.

A Madre Maria Rosa Thiaucourt, que se encontrava no Outão, tentou voltar a Lisboa com outras duas Irmãs. Foram presas na estação de Setúbal e, mais tarde, quando de lá saíram, um polícia acompanhou-as até ao barco. Ao desembarcarem em Lisboa, foram

---

[240] No Largo do Calvário, em Lisboa.

[241] A vénia é uma tradição dominicana que consiste numa prostração em sinal de despojamento.

[242] Cf. Sister M. Thomas, OP, *The Lord may be in a hurry*, Kenosha, Wisconsin, 1967, p. 62.

[243] THIAUCOURT, *Maria Rosa, Madre Teresa de Saldanha, Vida e Obra*, p. 692.

rodeadas pela tropa e pelo povo que as insultou durante todo o trajecto até ao Governo Civil. Depois de interrogadas, foram levadas para o Arsenal da Marinha.

Após os humilhantes interrogatórios, as Irmãs estrangeiras, quer as que estavam no Arsenal, quer as das outras casas, foram protegidas pelos respectivos cônsules que providenciaram a viagem de regresso aos seus países.

A Madre Fundadora, preocupada e solícita com a sorte das suas filhas, recorreu à Santa Sé para obter licença de vender alguns bens por forma a poder auxiliar as Irmãs que não tinham meios de subsistência. Encarregou o seu procurador, Sr. Gomes, de entregar a cada Irmã um envelope com dinheiro para as ajudar nas suas necessidades.

Muitas, já idosas, não tinham parentes, outras, eram os familiares que consideravam um perigo recebê-las na sua própria casa. Isso seria quase um acto heróico, devido ao medo de se relacionarem com padres e religiosos. Assim, algumas Irmãs, não tendo para onde ir, procuraram abrigo em casas particulares a troco de serviços.

Em carta escrita a 9 de Novembro de 1910, a Frei José Lucas, OP, então residente em Uberaba – Brasil, a Madre Fundadora refere-se a esse penoso momento histórico:

> «A nossa Congregação, tão florescente com as suas nove casas, acaba de ser suprimida e, após trinta anos de trabalhos, sofro a dor profunda, inexprimível, de ser obrigada a separar todas as nossas Irmãs, e fazê-las voltar para as suas famílias e as estrangeiras para os seus países! Que a Vontade de Deus se cumpra em tudo e por toda parte!» [244]
>
> A Madre Fundadora nem na casa de família pôde ter guarida. A sua presença era motivo de ameaça. Corriam boatos de colocação de bomba no palácio. Teve de sair. Uns meses mais tarde, narra esta insólita situação: «Não sei se sabe que tive de passar essa santa noite num hotel, ou *pension*, em Lisboa! Aonde tive de me refugiar com a querida Madre Teresa e a Irmã Maria da Graça, em consequência de receber um aviso que os desordeiros iam atacar a casa... Fomos avisadas que era conveniente que eu saísse de lá, com as duas Irmãs. Ficámos vinte dias nesse hotel e na noite do Santo Natal, 25 de Dezembro, no quarto aonde estávamos, ajoelhámos e acendemos umas velas e aí louvámos o Menino Jesus e pedimos que nos abençoasse e me desse coragem para sofrer com paciência este tão grande desgosto de estar extinta uma obra, na qual empreguei trinta anos!»[245]

Alugou depois uma pequena casa na Rua Gomes Freire, em Lisboa, e para aí foi viver no dia 16 de Janeiro de 1911 com a Irmãs Maria Teresa, sobrinha, e Maria da Graça da Conceição Vieira. Mais tarde juntou-se-lhes a Irmã Maria de São Gabriel Soveral. Esta casa tornou-se a sede da Congregação até 1916. Por carta, e sempre com a máxima prudência, começou a Madre Fundadora a contactar com as Irmãs dispersas. Escrevendo à Procuradora Geral, Madre Maria Catarina Roth, para Wissenburerstrasse, na Alemanha, desabafa: «Que alegria receber notícias suas! Tenho o coração despedaçado de dor e tudo me parece ainda um sonho mau! O trabalho de trinta anos destruído, ver todas as Irmãs separadas, as nossas casas fechadas, temendo que o Governo confisque toda a propriedade de Benfica. Tudo isto lhe

---

[244] Copiador da Congregação, V, A.G.C.

[245] Carta da Madre Teresa de Saldanha à Madre Maria de Santo Inocêncio Lima, 28 de Janeiro de 1911, A.G.C., Doc. 1975.

deve fazer compreender a minha dor, a minha angústia nestes momentos de cruel provação!! Que fazer? Submeter-me à santa vontade de Deus. Ele sabe o que faz.» [246]

Se a perseguição religiosa de 1910 foi um dos momentos mais crucificantes da vida da Madre Fundadora, foi também o tempo em que, eloquentemente, provou a heroicidade da sua fé: «Relendo a minha carta, vejo que escrevi "o grande desgosto de estar extinta uma obra na qual empreguei trinta anos de trabalho", mas não disse bem, não está extinta, a obra é de Deus e Ele a protege.»[247]

Disponível, como sempre, à vontade de Deus, escreve, a 21 de Fevereiro de 1911, ao Cardeal Vincent Vannutelli:

> «Esmagada por desgostos, serviu-me esta carta de grande consolação, vendo que V. Ex.cia não se esquece de nós e que compreende a nossa dolorosa situação. Estou com mais duas Irmãs em Lisboa, onde vêm as Irmãs renovar os seus votos. Tudo se faz como no tempo das perseguições religiosas, às escondidas. Junto envio uma folha, na qual indico as três fundações que se fizeram neste curto espaço de quatro meses Vejo, segundo V. Ex.cia me diz, que me devo resignar a levar ainda por algum tempo este pesado cargo! Sujeito-me a tudo o que Deus quiser de mim e, quando me encontrar em algum embaraço, não deixarei de me dirigir a V. Em.cia, pois as dificuldades em que me vejo são muitas. Temos um certo número de Irmãs nas quatro casas[248] que ainda existem em Portugal, mas umas 82 vivem com as famílias ou em casas particulares.»[249]

Às Irmãs que estão na América, a Madre Fundadora dá-lhes notícia da situação da Congregação: «As Irmãs ainda estão em Braga, temos lá vinte. As Irmãs continuam a estar no Asilo das mulheres cegas e no Sanatório da Parede, agora também temos lá doze Irmãs.

As fundações no Brasil são de grande importância para a nossa Congregação e o Bispo de Campinas, tem um grande interesse nas nossas Irmãs e é como um pai para todas elas.

Aqui ainda estamos todas muito incertas quanto ao futuro; mas todos recomendam ter paciência e esperar, pois este estado de coisas não pode continuar e uma revolução é esperada. Que Deus nos proteja!!» [250]

Apesar das hostilidades e dificuldades, a Congregação voltou a expandir-se em território português.

A morte da Madre Fundadora – 1916

---

[246] Carta da Madre Teresa de Saldanha à Madre Maria Catarina Roth, A.G. C., Doc. 2, k.

[247] Carta da Madre Teresa de Saldanha à Madre Maria de Santo Inocêncio Lima, 28 de Janeiro de 1911, A.G.C., Doc. 1975.

[248] Braga, Cardaes, Parede e Rua Gomes Freire, em Lisboa.

[249] Cf. THIAUCOURT, *Madre Teresa*.., p. 704.

[250] Carta de Madre Teresa de Saldanha à Madre Maria Catarina Roth, 23 de Julho de 1911, A.G. C., Doc. 16, k.

Se a semente não morre...

O ano de 1916 trouxe a toda a Congregação uma grande dor. Com efeito, no dia 8 de Janeiro, um sábado, a querida Madre Fundadora foi chamada pelo Senhor, depois de uma longa vida inteiramente entregue ao Seu serviço. No leito de morte, trazia apertada na mão a pequenina imagem de São José, que sempre a acompanhou.[251]

Partiu docemente, tranquilamente, sem dar nas vistas, como sempre tinha vivido. Trabalhou até ao último dia, realizando o que ela própria tinha escrito: «Só a morte põe fim aos meus esforços.» Assim o testemunhou a Irmã Maria de São Gabriel Soveral que a acompanhou nos últimos anos: «Continuava no desempenho dos seus deveres com a maior dedicação, mostrando até ao fim a energia do seu carácter, a alegria no meio das cruzes e dificuldades, uma íntima união com Deus e uma tão completa confiança em Nosso Senhor que fazia lembrar as palavras de Santo Agostinho: "Amai e fazei o que quiserdes". Finalmente no dia 8 de Janeiro de 1916 entregou a alma nas mãos do seu Esposo, depois de uma vida toda ocupada no Seu amor e no Seu serviço.»[252]

Partiu sem um último adeus, sem uma última recomendação às suas filhas dispersas, sem um último olhar e sorriso à sua muito amada sobrinha, Madre Maria Teresa que vivia com ela na pequena casa da Rua Gomes Freire, em Lisboa, com mais duas Irmãs. Foi aí que a morte veio retirar aquela que todas cobriam com respeitosa afeição e estima.

O Conselho Geral da Congregação, presidido pela Madre Maria Imelda Bressane Leite Perry, reuniu no dia 20 de Janeiro, deixando na acta um voto de pesar «pela nossa querida Madre Geral e Fundadora Madre Teresa Catarina de Saldanha Oliveira e Sousa, que em toda a sua vida foi um exemplo de virtude, empregando todas as suas forças no serviço de Deus e nas obras de caridade! A sua morte foi muito sentida não só pela Congregação que ela fundou à custa de tantas dificuldades e trabalhos, como pelas numerosas pessoas que a conheciam e por aquelas a quem ela tinha feito bem.»[253]

Muita gente acorreu à sua pobre casa, para um último adeus: o Cardeal Patriarca de Lisboa, numerosos sacerdotes e religiosas, antigas alunas do Colégio de Benfica, imensos protegidos.

Aquela que sempre procurou os humildes e os pequenos, que se sentia tão feliz nas aulas das crianças pobres e entre as Irmãs, aquela que vivia afastada do mundo soube, coisa estranha, conquistar a estima deste mesmo mundo!

As exéquias foram celebradas na Igreja do Corpo Santo, onde tantas vezes comungara, rezara e se confessara aos bons Padres Dominicanos.

O cortejo fúnebre seguiu para o Cemitério de Benfica. A Madre que havia sido perseguida, expulsa, espoliada, viu-se acompanhada à sua última morada por uma verdadeira multidão. Contaram-se cem viaturas e automóveis seguindo o seu humilde coche fúnebre, e a multidão, à passagem, dizia já: «Santa Teresa de Saldanha.» Esta mesma multidão fazia tocar no seu hábito religioso medalhas e terços, e queria ainda trazer pedaços do hábito e da sua

---

[251] Cf. GONTA COLAÇO, Branca de, *Memórias da Marquesa de Rio Maior*, p. 113. Essa imagem continua, por tradição, a acompanhar todas as Superioras Gerais.

[252] Carta da Irmã Maria de São Gabriel Soveral, A.G.C., Doc. 7353.

[253] Livro das Actas do Conselho da Casa-Mãe, 1910-1919, p. 61, A.G.C.

capa.[254] Os seus restos mortais repousam no jazigo da Congregação, no Cemitério de Benfica, em Lisboa.[255]

Enorme foi o sentimento de saudade que perpassou por todas as Irmãs da Congregação, ao perderem aquela que as fundara e tanto as amava e animava.

«Pobre querida Madre Geral! Sem dúvida, era ela que tinha sido chamada para o seu repouso eterno de uma forma súbita. Isto era esperado nos últimos anos e um mês atrás eu tinha sido avisada que o seu fim poderia e seria provavelmente súbito. Mesmo assim, a notícia foi um choque para todas nós, não só aqui mas também na Europa.

A Irmã Maria de São Gabriel e a Madre Maria Teresa foram chamadas rapidamente, mas apenas puderam ver que não podiam fazer nada. Uma pequena agonia, uma oração, e tudo estava terminado. A nossa querida Mãe e Fundadora tinha deixado as suas filhas.

A sua vida será escrita e muito tem já sido dito sobre ela e as suas grandes virtudes. Teve sempre um grande interesse nas suas filhas americanas e orgulhava-se de nós. A Madre Geral estava contente por nos juntarmos e deu o seu inteiro consentimento e bênção, após expressar a sua pena por não nos poder vir ver. Os últimos anos em Portugal foram repletos de amarguras para ela.

Mantivemos sempre uma íntima união com ela e tentei o mais que pude poupar-lhe qualquer aborrecimento ou preocupação. Ela seguiu todo o nosso desenvolvimento com grande interesse e em todas as suas cartas expressava a grande satisfação pelos empreendimentos das suas filhas americanas.»[256]

A Vigária da Congregação, Madre Maria Imelda Bressane Leite Perry, refere em carta às Irmãs o sentimento geral: «Aqui têm aparecido muitas meninas educadas em Benfica, a nossa Mãe era muito estimada e querida, tem sido muito sentida a sua morte. Dizem que a nossa Mãe não estava nada disforme. Depois da sua morte, foi vestida com o nosso hábito, muita gente veio visitar o seu corpo, tocavam com terços nas suas mãos, e todos lhe chamavam Santa. O Senhor Patriarca veio aqui visitar o corpo, disse umas palavrinhas de conforto, e mandou um sacerdote para o representar no enterro.

O enterro foi muito concorrido com muitas pessoas de família, muita gente amiga e dedicada, os Padres da Ordem Dominicana todos acompanharam o seu cadáver que foi para o nosso jazigo de Benfica.»[257]

Foram muitas as condolências recebidas pelas Irmãs por esta ocasião.

O Cardeal Vincent Vanutelli, enviou de Roma esta carta: «Foi com uma profunda dor que soube da morte desta corajosa e santa Senhora que era D. Teresa de Saldanha! Sofremos uma perda imensa.

Peço a V. Rev.cia o favor de apresentar as minhas condolências à nobre Família e às Irmãs, de quem ela foi uma mãe desvelada e muito amada.»[258]

O Patriarca de Lisboa referiu as suas preclaras virtudes: «Tendo Deus Nosso Senhor chamado à Sua Divina Presença a saudosíssima Irmã D. Teresa Catarina de Saldanha Oliveira

---

[254] Cf. THIAUCOURT, 1861-1956.

[255] Idem.

[256] A.G.C., Doc. 2419.

[257] Madre Maria Imelda Bressane Leite Perry, 16 de Janeiro de 1916, A.G.C., Doc. 3383.

[258] Cardeal Vincent Vannutelli, 20 de Janeiro de 1916, A.G.C., Doc. 3651.

e Sousa, Superiora Geral da Congregação de Santa Catarina de Sena em Portugal, à qual, por muitos anos, prestara os valiosos serviços que eram de esperar das suas preclaras virtudes, ilustração invulgar, prudência e piedade.»[259]

Vários jornais se referiram ao seu desaparecimento:

«Uma grande figura feminina acaba de desaparecer da alta sociedade de Lisboa, e que se notabilizou pela grande cultura do seu espírito, pelas suas virtudes excelsas, pela sua acrisolada fé cristã: a Senhora Dona Teresa de Saldanha Oliveira e Sousa.

Das suas grandes qualidades, foi monumento a sua modelar casa de educação feminina em Benfica de que em 1910 foi desapossada a pretexto de se ministrar ali o ensino religioso, privando-a a República de uma propriedade que era legitimamente sua.

Tudo a nobilíssima senhora suportou com uma resignação verdadeiramente evangélica. Nesse transe de adversidade foi, como sempre, austera e grande a Senhora Dona Teresa de Saldanha de Oliveira e Sousa.»[260]

«Faleceu hoje a Senhora Dona Teresa Saldanha de Oliveira e Sousa que, em Portugal, instituiu a Ordem Terceira das Dominicanas. Era quase uma sombra que a velhice, o claustro, a meditação e a pureza imaculável da prece desprendera deste baixo mundo, onde as paixões enredam, na espessa matéria, os desejos e as almas.

No seu alto cargo de Madre Geral das Dominicanas, ela soube ser a fé invencível, o pensamento esclarecido e seguro, a ânsia do apostolado que as decepções e as amarguras nunca encontram dispostos à derrota. Quem a visse, tão humilde e apagada no seu hábito de religiosa, não poderia imaginar facilmente a força da sua provada, ardente vocação.

Podendo, entre as mulheres da sua terra, ser uma grande figura que a todos se impusesse pelo prestígio das suas qualidades de espírito e pelo sortilégio da sua distinção natural, rompeu com uma ambição tão legítima e refugiou-se, para melhor corresponder às vozes secretas do seu coração, na obscuridade das que sacrificam a Deus, num gesto de perfeita renúncia, as mais gostosas ilusões de uma existência inteira.

Nunca olhou para trás, buscando, numa romagem de saudade, o bem ilusório que perdera. A sua mente, o seu carácter, a sua energia íntima voltavam-se, por irrevogável decisão, para aquela fonte de luz, em que plenamente se sacia a fome de infinito. A sua morte calma, na hora que passa funesta como agouro de desventuras, é bem um episódio das eras em que, para se ser grande, bastava possuir-se a grandeza que vem da alma.»[261]

«No meio cristão, no meio social e no meio aristocrático português, desapareceu uma grande figura de mulher, de senhora ilustríssima que é digna de singulares encómios e de especial registo pelo muito bem que fez.

Referimo-nos à Senhora Dona Teresa de Saldanha Oliveira e Sousa. Cumprimos o dever de nos curvar reverentes ante o seu cadáver e de apontar o seu túmulo como o exemplo da abnegação, da virtude, da alteza moral no seu mais alto fastígio, da inteligência consagrada ao bem, que não foi pouco o que espalhou sobre a terra.

---

[259] D. António Mendes Belo, 1916, A.G.C., Doc. 8002.

[260] Jornal *O DIA*, 8 de Janeiro de 1916.

[261] Jornal *A Capital*, 8 de Janeiro de 1916.

Já lhe ouvimos chamar *Santa Teresa de Saldanha* e, com efeito, quando a vimos a derradeira vez, aí por Setembro, trouxemos dessa visita de imperecíveis recordações, a sua brandura, a sua delicadeza, a sua afabilidade, seriam os característicos modelares das bem-aventuradas, no seu percurso transitório por este vale de lágrimas.

Comoveu-nos o encontro, depois de tantíssimos anos de ausência e guardamos no escrínio do coração a memória sempre viva do seu acolhimento, da sua amizade.

Muito inteligente, de espírito muito culto, a senhora Dona Teresa de Saldanha ficava bem numa corte, nem que essa corte fosse das mais exigentes da Europa. Nada quis das grandezas do mundo, sem que o desinteresse significasse outro sentir, além da vocação religiosa e do desejo de servir a Deus.

Guardaremos para sempre essa recordação generosa, que a súbita notícia da sua morte ainda veio engrandecer no nosso espírito. Prestamos hoje a mais justa homenagem à virtude. Singelo tributo de quem nada pode dar, mas diligencia cumprir um dever de patriota, de cristão e de português.»[262]

«A morte da "Madre Geral", carinhosa denominação que lhe davam todos os que lhe conheciam as virtudes, despertou um geral sentimento de pesar. Viu-se então quanto afecto, quanta veneração lhe cercava o nome.

As exéquias, celebradas na Igreja do Corpo Santo foram concorridíssimas. Mas a tristeza que a sua morte causava, era uma tristeza suave, temperada pela consoladora esperança, pelo misterioso anelo de paz, pela confiança em Deus e num mundo melhor, que desperta a morte do Justo. Descanse no seio de Deus a Santa Senhora!» [263]

«A Reverenda Madre das Terceiras Dominicanas recebeu o ósculo do Senhor no dia 8 de Janeiro último aos 78 anos de idade, e podemos dizer que esse tipo de mulher forte: *mortus est senex et plenus dierum*.»[264]

«Com que amor e interesse Dona Teresa de Saldanha seguia em espírito este reflorir da sua obra e se lamentava de não poder ir, em pessoa, ver e acompanhar as obreiras que ela adestrou neste serviço divino!» Cumpre-nos, finalmente, agradecer ao Senhor Hemetério Arantes a oferta do seu trabalho, que nos proporcionou momentos deliciosos na sua leitura. Que ela se espalhe por toda a parte, contribuindo assim para a maior glória de *Santa Teresa de Saldanha*, como já chamaram à Senhora Dona Teresa Rio Maior, para a propaganda das suas virtudes, que ainda influem neste meio, tão necessitado do amoroso influxo do verdadeiro bem.» [265]

«Uma triste notícia nos transmitem os jornais de Lisboa – o falecimento da veneranda e nobre fidalga, a Ex.ma Senhora D. Teresa de Saldanha Oliveira e Sousa, que toda a Lisboa conhecia pela sua muita piedade e zelo pelo bem das almas.

Foi ela a benemérita fundadora da magnífica Congregação das Irmãs Terceiras de São Domingos, que tanto prosperou até que a República demagógica a veio expulsar de Benfica.

Morreu na idade avançada de 78 anos, todos eles passados a bem-fazer e na prática de todas as virtudes cristãs de que foi modelo e exemplo em toda a sua vida.

---

[262] Jornal *A Nação*, 12 de Janeiro de 1916.

[263] Revista *O Rosário*, Março de 1916.

[264] Jornal *A Verdade*, 15 de Março de 1916.

[265] João Franco Monteiro, *A Nação*, Março de 1916.

Assim mesmo a sua morte surpreendeu-nos, pois ainda há poucos dias a veneranda senhora nos tinha felicitado pelas bodas de prata da *Revista Cathólica*, da qual foi assinante desde a sua fundação.

Paz eterna à alma da piedosíssima finada, e condolências a toda a sua nobilíssima família.

Pie Jesu Domine, dona ei requiem sempiternam.»[266]

«Quis Nosso Senhor dar-lhe o prémio de uma vida toda de amor e sacrifício, permitindo que até ao fim do dia 7 de Janeiro cumprisse fielmente a sua vida habitual, e adormecendo nessa noite, temos a firme esperança que acordaria na madrugada de 8 de Janeiro nos braços de Nosso Senhor que largamente terá recompensado a sua fidelidade ao Seu Amor, os seus inumeráveis benefícios para com o próximo e sobretudo a sua extraordinária confiança em Nosso Senhor. "Uma morte repentina é muitas vezes uma graça de Deus", dizia ela. E assim parece que foi para D. Teresa de Saldanha.»[267]

Apesar da imensa dor, a coragem e a fortaleza falaram mais alto. Foi assim que, sentindo a suave presença da mãe que tanta coragem lhes revelara, as Irmãs continuaram os seus passos decididos e dilataram a sua Obra.

Celebrações Jubilares:

1.º Centenário do Nascimento de Teresa de Saldanha – 1937

É interessante recuarmos no tempo e vermos como as Irmãs celebraram as várias datas jubilares quer da Madre Fundadora, quer da Congregação.

Em 1937 celebrou-se o primeiro centenário do nascimento daquela que, pela sua vida, deu origem a esta família, com uma grande história.

Os arquivos forneceram-nos alguns dados: «Passando no dia 4 de Setembro de 1937 o 1.º Centenário do Nascimento da nossa Veneranda Mãe e Fundadora, data que deve ser para nós, que temos a felicidade de ser contadas no número das suas filhas, muito carinhosa e solenemente festejada, venho por meio desta circular traçar o plano que do coração desejo seja posto em prática, a fim de condignamente festejarmos aquela que foi a santa alma que, fiel às inspirações do Senhor, tão bem soube pôr em prática os Seus amorosos desígnios.

Programa:
Nos dias 1, 2 e 3 de Setembro – Tríduo preparatório, consistindo de Bênção do Santíssimo Sacramento, e, ao fim da tarde,Rosário Vivo.
Dia 4 – Missa Solene. O Santíssimo Sacramento exposto à tarde, durante algumas horas, rezando-se o Rosário Vivo.
Recreio geral durante o dia e regozijo.
Bodo aos pobres de acordo com as circunstâncias e possibilidades de cada casa.
Ter toda a casa e capela em ar de grande festa.

---

[266] *Revista Cathólica*, Lisboa de 15 de Janeiro de 1916.

[267] Revista *Raio de Luz*, 1 de Fevereiro de 1916.

> Fazer convites às pessoas amigas e conhecidas para a assistência aos actos religiosos desse dia.
> Na Casa-Mãe, procissão à gruta de Nossa Senhora de Lourdes.
> Distribuição de pagelas em todas as casas e às pessoas conhecidas.
> Nas casas de Lisboa, as Irmãs irão junto do jazigo de Benfica, visitar a urna da nossa Venerável Mãe.[268]

Além do programa a realizar nas comunidades, foi elaborado pela Madre Geral, Maria Rita da Cruz Lecor Buys, um plano a nível geral:

> «Publicação da biografia da Madre Fundadora, do Senhor Arcebispo D. João Evangelista de Lima Vidal.[269]
> Publicação de uma pagela para distribuir largamente por todo o País.
> Publicação de artigos relativos à vida e actividades da Madre Fundadora, nos jornais: *Novidades* e *Voz* e na revista *Rosário*. Na *Voz de Fátima*, lida em todo o país e fora dele, seria bom aparecer um artigo, já no mês de Agosto. Não seria mau também que aparecesse um artigo nos principais jornais das cidades em que temos casas.
> Publicar na *Revista Renascença* algumas fotografias da Madre Fundadora, das suas primeiras companheiras, das suas primeiras casas e obras, acompanhadas de um artigo alusivo e explicativo.
> Promover sessões na Sociedade de Geografia com conferências sobre a vida e actividades da Madre Fundadora.»[270]

Efectivamente a proposta teve eco nas várias comunidades como o atesta a descrição da Madre Maria Imelda Bressane Leite Perry: «No dia 3 de Setembro terminou o primeiro centenário do nascimento da Rev.ma Madre Fundadora, Madre Teresa Catarina de Saldanha Oliveira e Sousa (Rio Maior).

Na Igreja do Corpo Santo, em Lisboa, foi celebrada uma missa em homenagem à Veneranda Fundadora. A ela assistiram a Rev.ma Madre Geral e Irmãs do Asilo das Cegas em Lisboa, do Sanatório de Sant'Ana, na Parede, e do Colégio de São José da Rua Angra do Heroísmo em Lisboa.

Em todas as casas da Congregação foi celebrada nesse dia uma missa pela mesma intenção.

Na Casa Mãe, em Braga, organizou-se a procissão do primeiro domingo do mês, em honra do Santíssimo Rosário; saindo da capela, dirigiu-se através da quinta para a gruta de Nossa Senhora de Lourdes. Está nela a mesma imagem que se encontrava outrora na gruta da Quinta de Benfica.

Foi interessante a coincidência do dia deste aniversário ser consagrado ao Santíssimo Rosário, pelo qual a Veneranda Madre Fundadora tinha tão grande devoção. De resto, as principais datas da sua vida religiosa coincidiram sempre com as festas em honra do

---

[268] Madre Maria Rita Lecor Buys, 1937, A.G.C.

[269] Publicada em 1938.

[270] Madre Maria Rita Lecor Buys, 1937, A.G.C.

Santíssimo Rosário. Finda a procissão, todas as Irmãs seguiram cantando a Nossa Senhora, e reunidas depois em uma sala grande, todas cantaram com animação o Hino da Rev.ma Madre Fundadora, o que despertou saudades nas Irmãs mais antigas, que tanta vez o ouviram e cantaram.

Mais tarde, na capela, cantaram as Irmãs o *Te Deum* em acção de graças pelos benefícios obtidos por intercessão da Veneranda Fundadora, durante o seu ano jubilar.»[271]

Nos relatórios da celebração do centenário nas diversas casas há notas comuns: «Na Casa de São José, em Coimbra às oito horas, missa da festa pelo Rev.do Padre Perancho, OP que rezou a missa votiva do Rosário, própria da Ordem. As Irmãs cantaram durante a missa. Às oito e meia, missa de Acção de Graças rezada pelo Rev.do Padre Álvares, OP. Assistiram às missas algumas Terceiras Seculares e algumas alunas do colégio e outras pessoas de fora. No fim foram distribuídas as pagelas que foram muito apreciadas.

Quando as Irmãs chegaram ao refeitório, para almoçar, encontraram nos seus lugares as pagelas a que fizeram uma grande festa. Às dez horas reuniram-se as Irmãs na Comunidade para se darem as boas festas e em seguida foram tratar de arranjar as mesas para o jantar dos pobres. Enfeitaram-nas com flores.

Às doze e trinta foi o jantar dos pobres servido pelas Irmãs. No fim do jantar, a que todos fizeram muita honra, foram à capela rezar uma Estação ao Santíssimo e retiraram-se levando cada um o seu farnel e uma estampa do Amor Misericordioso, como recordação.

Depois de Completas, o Rev.do Padre Perancho expôs o Santíssimo na Custódia. Rezámos o Rosário Vivo até às cinco e meia, seguindo-se a bênção solene.

Às sete e meia grande regozijo[272] na Comunidade, onde estava o retrato da nossa Madre Fundadora enfeitado com flores. No fim do regozijo leram-se alguns artigos das *Novidades* ficando os outros da *Voz* para se lerem no refeitório no dia seguinte.

Na Casa de Santa Catarina de Sena, Estremoz, nos dias 1, 2 e 3 de Setembro, Tríduo de manhã, seguido de missa constando de *Salutaris*, Estação ao Santíssimo Sacramento, *Tantum Ergo* e bênção do Santíssimo Sacramento. Durante o dia, Rosário Vivo.

No dia 4 não tivemos missa, mas houve Bênção do Santíssimo Sacramento, como acima, e rezou-se o Rosário. De tarde, houve regozijo e recreio geral. Os corredores estavam enfeitados com plantas, bandeiras e luminárias em arco. À noite, no corredor de cima acenderam-se as luminárias, que faziam bonito efeito, e as pequenas divertiram-se muito.

Também se fez a Novena pelas melhoras da Madre Maria Osana e Madre Maria Cecília.

Na Casa de São Domingos em Bencanta, durante o Tríduo, tivemos a Bênção do Santíssimo Sacramento a seguir à missa e de tarde, no primeiro dia o Rosário Vivo, por turnos de duas, uma Irmã e uma menina. No segundo e terceiro dias rezámos o Rosário todas em comum, meninas e Irmãs, por não poder ser como no primeiro dia.

De tarde, expôs-se o Santíssimo às três e meia, ficando nós, duas a duas, uma Irmã com uma menina, rezando o Rosário Vivo, umas após outras até às seis, em que teve lugar o Terço em comum e a Bênção Solene do Santíssimo a que assistiram algumas pessoas de fora e os pobres que foram contemplados com o bodo. No fim distribuíram-se as pagelas sobre da querida Mãe Fundadora.

---

[271] Relatório das Comemorações jubilares de 1937, A.G.C.

[272] As leis da Congregação não permitiam que se falasse no refeitório. Nos dias de festas jantava-se na sala da comunidade e chamava-se a essa refeição de regozijo.

Todo o dia foi recreio geral, no fim do qual houve um regozijo. As nossas orfãzinhas tiveram um passeio ao rio onde merendaram.

Na Casa de Santana, na Parede, conforme o desejo da nossa Rev.ma Madre Geral o dia 4 de Setembro, Centenário da nossa Madre Fundadora, foi comemorado com a maior solenidade possível, apesar de os nossos corações estarem ainda cheios de saudades pela partida da nossa muito querida e bondosa Madre prioresa, Madre Maria Joana Martins, mas conformadas todas, porque sabíamos que era o Bom Deus que nos pedia este tão grande sacrifício!

Às sete horas, comunhão geral das Irmãs, meninas, empregadas e várias pessoas amigas. Às oito horas missa cantada, sendo o celebrante o Rev.do Padre Firmo, acolitado pelo Rev.do Padre Manuel Boavida e pelos seminaristas Manuel de Jesus Rodrigues e Mário Pinto da Costa. A Epístola foi cantada pelo Rev.do Padre Manuel Boavida.

Depois das Completas fez-se a Exposição do Santíssimo Sacramento. Após cantar o *Salutari,* principiou-se logo a rezar o Rosário, que se continuou sem interrupção até à hora do encerramento que foi às sete horas da tarde. No fim da bênção, a Madre Maria das Dores distribuiu pelas crianças, empregadas e pessoas amigas, a pagela da nossa Madre Fundadora, que muito apreciaram.

A capela achava-se toda enfeitada com flores, luzes e alcatifas.

Os pobres não foram esquecidos neste dia. Deu-se-lhes de comer e dinheiro.

À noite, reuniram-se na sala da comunidade todas as Irmãs, onde foi servido o chá com vários doces e frutas. Todas as nossas Irmãs se mostraram bem satisfeitas e alegres, isto é, o mais que podiam, porque o lugar da nossa querida Madre, que estava vazio, vinha de vez em quando ao pensamento e não deixava de pairar uma santa tristeza!

Durante a recreação a nossa boa Madre Maria das Dores distribuiu a todas as Irmãs a pagela da nossa Madre Fundadora. Gostámos muito desta lembrança.

Duas das nossas Irmãs foram ao cemitério visitar os restos mortais da nossa Santa Fundadora.

A festa do dia 4 foi precedida de um Tríduo constando do Rosário Vivo e em seguida a bênção do Santíssimo Sacramento. O dia correu na maior alegria.

Na Casa de Nossa Senhora da Conceição de Braga, nos dias 1, 2 e 3 de Setembro seguiu-se o Tríduo rezando o Rosário Vivo, com a bênção no fim da missa.

Dia 4 cantou-se durante a comunhão e a missa foi por alma da Madre Fundadora. À tarde, Exposição do Santíssimo das quatro às seis e meia encerrando com os cânticos *Salutaris*, *Tantum Ergo* e bênção do Santíssimo.

Deu-se bodo aos pobres e melhorou-se o jantar das recolhidas.

Espalharam-se as pagelas da Madre Fundadora por várias pessoas conhecidas e amigas.

A comunidade desta casa fez a novena de 27 a 4 de Setembro, para obter graças para a Congregação e a cura da Madre Vigária e Madre Maria Osana.

As recolhidas e mais pessoal da casa acompanharam-nos neste programa.

A Casa da Sagrada Família na Guarda, para corresponder ao convite feito pela carta circular dirigida pela nossa muito querida Madre Geral, nos dias 1, 2 e 3 do corrente fizemos na nossa capelinha um Tríduo para a comemoração do 1.º Centenário da nossa Venerável Madre Fundadora.

Pelas cinco e meia da tarde rezou-se o Terço do Rosário diante do Santíssimo Sacramento exposto à porta do Sacrário, ladainha da Santíssima Virgem, cânticos e bênção do Santíssimo. Fez se também a novena pelas intenções das nossas queridas Irmãs doentes.

No dia 4 houve missa rezada, em honra da Rainha do Santíssimo Rosário com cânticos. Às três e meia da tarde expôs-se solenemente o Santíssimo Sacramento e às seis e meia rezou-se o Terço, ladainha de Nossa Senhora, cânticos e bênção do Santíssimo. No fim cantou-se o Hino de Nosso Santíssimo Pai, com muito entusiasmo. Tanto no Tríduo como no próprio dia 4, estiveram presentes algumas senhoras Terceiras Dominicanas.

Houve também um bodo aos pobres, conforme as posses e circunstâncias da Casa. E assim terminou a nossa festinha, sendo para desejar que sobre nós todas desçam abundantes bênçãos do céu.»[273]

No Convento dos Cardaes: «Graças a Deus passámos o dia 4 muito bem. Durante a missa, à hora do costume, as ceguinhas cantaram o melhor que puderam. O Senhor Padre Sousa, depois do Evangelho, disse umas palavras sobre a nossa Santa Mãe Fundadora e à tarde tivemos a bênção do Santíssimo, também. Foi uma atenção da sua parte para nos dar gosto. Depois fomos assistir à missa na Igreja do Corpo Santo, que foi dita às onze e meia, dita pelo Rev.do Senhor Padre Paulo. Assistiram o Senhor Marquês e Marquesa de Rio Maior e dois filhos, os Senhores Marqueses do Lavradio, a Camila Carvalhosa e marido e o Senhor Gomes que ajudou à Santa Missa com todo o respeito e devoção. De manhã, fomos ao cemitério visitar a nossa Mãe. Os Senhores Marqueses de Rio Maior e o Senhor Gomes foram de tarde e acharam que o jazigo estava muito bem arranjado. Na tarde do dia 4 esteve o Santíssimo Sacramento exposto. Os Senhores Marqueses de Rio Maior vieram à nossa Igreja visitar Nosso Senhor. No fim da ceia nos reunimo-nos para termos o nosso regozijo, e, graças a Deus passámos essa hora alegres e bem dispostas.

Gostámos muito das pagelas da Mãe Fundadora, que foram distribuídas na nossa igreja no fim da bênção do Santíssimo, pelo Senhor Padre Sousa. Ele mesmo as quis distribuir. Também as tenho mandado a pessoas conhecidas.

O nosso bodo foi dar algumas esmolas a pessoas envergonhadas e muito necessitadas. As ceguinhas também tiveram as refeições muito melhoradas e uma merenda boazinha.

A *Voz* e as *Novidades* realmente estão bonitas e os artigos bons. Temo-nos reunido para os ouvir ler e temos gostado muito, e é com saudades, e muitas, que as antigas recordam esses bons tempos passados com a Madre Fundadora! Faz bem à alma e dá coragem para a luta de cada dia o exemplo da nossa Santa Mãe Fundadora, e das outras queridas Madres falecidas, tão boas! Que elas peçam muito por nós e pela nossa querida Congregação.»[274]

Reproduzimos aqui a homilia do Padre Justino Telles, proferida em Braga, nesta ocasião:

> «Está de parabéns a Congregação de Santa Catarina de Sena das Irmãs Terceiras de São Domingos, por motivo do centenário do nascimento da sua ilustre Fundadora.
>
> Celebrar o natalício de alguém que despende o tempo em benemerências, é justo e digno. Mas que direi das benemerências e exemplos de virtude, bondade,

[273] A.G.C., Doc. 7336.

[274] Irmã Maria dos Prazeres Correia d'Almeida, Cardaes,1938, A.G.C.

sacrifícios e dedicação de uma Senhora que, durante a vida inteira, se votou generosamente, abnegadamente, sem um desfalecimento, apesar de enormes contrariedades, à santificação de si mesma e ainda à de toda uma geração de filhas espirituais durante mais de meio século?!

É um mar imenso de dedicações e sacrifícios, de mortificações e renúncia, de oração e de caridade que só Deus, nos altos desígnios da Sua Providência, podia inspirar, amparar, fortalecer e consolidar, não obstante o espírito do mundo se opor tenazmente, logo no seu início, à realização formosa do mais belo e puro sonho de amor divino, como é este da Congregação de Santa Catarina de Sena das Irmãs Terceiras de São Domingos.

E quem foi o instrumento de que se serviu Nosso Senhor para realizar esta grande Obra de santificação? A segunda filha dos Condes de Rio Maior, Teresa Catarina de Saldanha Oliveira e Sousa, nascida em Lisboa, no Palácio da Anunciada, a 4 de Setembro de 1837, de compleição débil, mas que desde a sua meninice aliava à intensa alegria de crença o mais puro espírito de inocência e simplicidade.

Em Maio de 1864, escrevia ela a uma sua amiga e parente: «tudo ofereço a Deus, e por ele tudo o que sofremos é pouco. Sabes, sinto-me tão indiferente a tudo o que se passa, a não ser a aflição dos meus e o negócio tão importante da minha vocação! Nada neste mundo se pode comparar à felicidade de ser esposa do Senhor!»

Estas palavras são o seu mais belo retrato moral!

Teresa de Saldanha foi a primeira Madre Geral do novo Instituto, e tomou para divisa da Congregação que fundara, uma simples palavra, VERITAS, tirada do seu brasão, VERITAS OMNIUM VICTRIX, – A VERDADE VENCE TUDO, e que resume o espírito dominicano, conforme o testemunho de um do mais preclaros padres da Ordem dos Pregadores: «Resumo o espírito dominicano numa só palavra: Verdade; desenvolvo-o em três raios esplêndidos: verdade na doutrina, formando almas cheias de fé, e fé inteligente; verdade na expressão e na manifestação da doutrina, tornando as almas expansivas e apostólicas; verdade na existência, pautando todos os actos em harmonia com a doutrina divina, que acreditamos e ensinamos.»

E a pequenina semente, deitada à terra, por essa alma de eleição, que foi Teresa Catarina de Saldanha Oliveira e Souza (Rio Maior), germinou, cresceu, bracejou os seus ramos, não só por toda a boa terra portuguesa, mas ainda pelo Brasil e pela América do Norte, tornou-se uma grande árvore, onde as aves do céu vêm repousar sobre os seus ramos.

Está, pois, de parabéns, a ilustre e benemérita Congregação de Santa Catarina de Sena das Irmãs Terceiras de São Domingos, por celebrar o faustoso 1.º centenário do nascimento da sua Fundadora, de santa memória.

O Instituto tem realizado plenamente o fim para que foi criado: a santificação dos seus membros em primeiro lugar, e depois a educação civil e religiosa da mocidade e todas as obras de caridade compatíveis com os deveres das Irmãs. Só na casa do Noviciado, Rua Pelames, n.º 8, acolhem mais de oitenta

meninas pobres, às quais é maternalmente fornecido o pão do corpo e do espírito. *Te Deum Laudamus*!»[275]

Com o título «Madre Teresa Catarina, Fundadora da Ordem Terceira de São Domingos em Portugal» publicou o jornal *Novidades* um artigo por esta ocasião: «Estão as Religiosas Dominicanas Portuguesas comemorando o primeiro centenário do nascimento da Fundadora da sua Congregação. Por este motivo realizaram-se em Lisboa, no dia 30 de Março, solenes exéquias por alma da Madre Teresa Catarina que no mundo foi Teresa Saldanha de Oliveira e Sousa, filha dos Condes de Rio Maior.

Constitui esta piedosa homenagem tema e filial manifestação de saudade, tanto das religiosas, suas filhas, e de sua ilustre família, como das numerosas senhoras que foram educadas em seus colégios, especialmente no de São José em Benfica e de Santa Joana em Aveiro.

Pequena era a igreja para conter todas aquelas que, de todos os pontos de Portugal, acorreram a trazer a esta piedosa romagem ao passado, a sua gratidão e saudade, como lâmpada votiva que o tempo não pode extinguir e que o sopro da vida que passa, com suas lutas, incertezas e amarguras, faz arder mais viva.

Estava reunida a família da Madre Teresa Catarina, mas não toda: impossível juntar ali todos aqueles que tinham a grande parte do seu coração: os humildes, os pobrezinhos, as crianças abandonadas, os doentes.

Celebrou a missa de Pontifical o Senhor Bispo de Portalegre[276] e proferiu a oração fúnebre o Senhor Arcebispo de Ossirinco. Bela oração em que Sua Excelência Reverendíssima evocou a figura moral da Madre Teresa Catarina, como a da mulher forte das Escrituras.

Com efeito, havia em Teresa de Saldanha força, energia temperada de doçura, delicada sensibilidade de mulher escondendo férrea energia de lutador prudente que sabe esperar, que sabe vencer-se; clara visão das coisas, visão penetrante que vai além do momento presente e a simplicidade de uma criança…

Na sua alma, ardendo muito alta, a chama da caridade.

Um grande ideal: servir Jesus, servindo as almas.

E depois, o grande amor de Portugal.

Esta aristocrata, em período de desequilíbrio e decadência na sociedade portuguesa, sonha com a regeneração moral da sua pátria, e quer, apaixonadamente, organizar a milícia que trabalhando, orando, sofrendo, há-de realizar esta tarefa.

Portugal é país de missão, mas são perseguidas, encarniçadamente, todas as ordens religiosas. Não importa. Ela dispõe de fé profunda, esperança invencível, vontade indomável.

Funda-se a Congregação de Santa Catarina de Sena das Irmãs da Ordem Terceira de São Domingos, cujo fim especial é a educação e formação da juventude portuguesa.

Seria impossível dizer num simples artigo o que foi e é este Instituto, cuja fundação Nosso Senhor abençoou e é obra da sua misericórdia e amor. A sua história e a da Madre Teresa Catarina, de quem o Senhor se serviu como instrumento da Sua Providência, serão em

---

[275] 1.º Centenário do Nascimento de Teresa de Saldanha, Padre Justino Telles, Braga, 1937, A.G.C.

[276] D. Domingos Maria Frutuoso, OP.

breve publicadas, como homenagem prestada pelas Dominicanas Portuguesas à memória da sua querida Mãe.»[277]

Também os Vicariatos comungaram nas mesmas celebrações, como nos dão conta algumas cartas.

Na América do Norte: «Em 15 de Outubro de 1937, as Irmãs celebraram com grande alegria e satisfação o Centenário da nossa querida Madre Fundadora. As pagelas comemorativas foram já distribuídas. Nesse dia a Madre Maria Augustin, traduziu o pequeno relato da vida da nossa Madre, enquanto as Irmãs a seguiam nas próprias pagelas. Todas expressaram uma profunda admiração e amor pela nossa querida Madre Fundadora.

O tríduo em sua homenagem começou também em 15 de Outubro e terminou no domingo, dia 17. Tivemos missa de *Requiem*, solene, em memória da Madre, celebrada pelo Padre Muler OP, que na homilia nos falou da Madre Fundadora: "Teresa Catarina! Nomes de duas grandes santas, queridas em toda a Igreja Católica. A venerável Fundadora cujo centenário do nascimento e baptismo a Congregação está a celebrar, foi leal aos seus dois nomes. Foi Teresa, imitando a vida contemplativa de Santa Teresa. Foi Catarina, imitando a actividade apostólica da Santa de Sena. Toda a sua vida, a sua obra religiosa, o trabalho da sua Congregação em vários países, é uma luz**".»**

No Convento de Santa Maria, Faft, Califórnia, as Irmãs celebraram o centenário através de festividades cheias de amor e alegria, no dia 21 de Outubro.

«A Madre Vincent, Vigária do Vicariato norte-americano, estava na sua visita a Faft e deu início à novena a Nossa Senhora de Fátima, através da intercessão da nossa querida Madre Fundadora, para obter a cura da Madre Maria Cecília, da Madre Maria Osana e também incluiu uma das nossas Irmãs daqui que sofre muito da vista.

Neste dia tivemos recreio o dia inteiro e à tardinha, jantámos na sala da Comunidade. Este jantar foi especialmente preparado para a grande ocasião e tivemos uma imensa alegria.

Tivemos também duas missas oferecidas para a glorificação da alma da Madre Fundadora.»[278]

«Em Kenosha, de acordo com os seus desejos, celebramos o início do glorioso centenário da nossa amada Madre Fundadora.

Sexta-feira, 3 de Setembro, a primeira sexta-feira do mês, passámo-la em oração e silêncio. Foi dia de Exposição do Santíssimo e assim tivemos a oportunidade de rezar muito durante os nossos períodos de adoração e de pedir a Nosso Senhor Eucarístico pela glorificação da nossa Madre Fundadora.

Sábado de manhã, 4 de Setembro, o Rev.do Padre Van Meer ofereceu a Santa Missa pela alma da querida Madre Fundadora. As Irmãs cantaram excepcionalmente bem.

A querida Madre Maria Imelda tinha um belo programa preparado para o dia 4 de Setembro. Não foi tarefa fácil para ela conseguir as Irmãs para o realizarem, uma vez que o hospital estava muito cheio, mas todas se esforçaram por fazer o seu melhor.

---

[277] Jornal *Novidades* de Lisboa, 2 de Maio de 1938.

[278] Dominican Sisters – Ontário e Califórnia, 1937, A.G.C.

Os pequenos programas *Veritas* que recebemos para esta tarde eram muito bonitos. Tinham esta dedicatória: "Para a nossa Madre Fundadora, a Musa da nossa Congregação, que com o fervor de Cristo, arrojada coragem e sacrifício heróico, cobriu com fundações dominicanas, Portugal, os Estados Unidos e o Brasil. Dedicamos-lhe com amor e gratidão este Dia, este Centenário."

A Madre Vigária preparou um *Triduum* para a Festa do Santíssimo Rosário. Antes do *Triduum*, a querida Madre Vigária preparou-nos uma surpresa. Dia 29 de Setembro foi um dia belo e quente e a Madre escolheu-o para algumas horas de recreio no Lago.[279] Apenas temos que atravessar a estrada para lá chegar, mas com os deveres de um hospital cheio, raramente conseguimos tirar todas as Irmãs dos seus trabalhos.

Na tarde desse mesmo dia chegou o Rev.do Padre Burke, OP, para orientar o *Triduum* antes do Domingo do Rosário. É um grande admirador do Nosso Santo Pai São Domingos. Foi a primeira visita que nos fez e ficou muito bem impressionado com o trabalho das nossas Irmãs junto dos doentes. Maravilhou-se por todas terem conseguido estar nas quatro conferências. Ficou muito sensibilizado por o trabalho do hospital ser o da própria Santa Catarina: cuidado da alma e do corpo.

Seguramente que a nossa querida Madre Fundadora deve estar contente e recomenda frequentemente as suas filhas ao Nosso Bendito Senhor por todas as obras de caridade, tão queridas ao seu coração, realizadas nas nossas Instituições.

Tivemos Exposição do Santíssimo Sacramento dia 1 de Outubro e no dia 2 uma agradável Festa do Rosário, começando com missa cantada em honra de Nossa Senhora. A Madre deu-nos os folhetos da nossa querida Madre Fundadora e ficámos muito felizes por os receber. A Irmã Maria Isabel traduziu-os para nós. Tivemos Exposição do Santíssimo Sacramento durante uma hora, à tarde. No final do dia tivemos uma grande festa.

A Irmã Maria Isabel enviou muitos folhetos a amigos. Os Portugueses em Hanford e Oakland ficarão contentes por conhecer a querida Madre Fundadora. Estamos a fazer grandes esforços por dar a conhecer a Madre Fundadora, por isso ela não deixará de nos assegurar as suas bênçãos.

Uma das mais agradáveis recordações que teremos do ano do centenário da nossa Madre Fundadora é a renovação da nossa Capela. Não é nada comparada com a vossa, que é linda, mas foi caiada e parece-nos grande por não vermos os tijolos em todo o lado.

Fizemos a novena pela cura da nossa querida Madre Maria Cecília e Madre Maria Osana. Acabou em 16 de Outubro. Tivemos missa cantada na festa de Santa Teresa, oferecida pela querida Madre Fundadora. Todas as Irmãs ficaram muito felizes.»[280]

80.º aniversário da Associação Protectora das Meninas Pobres –1939

Em 1939 celebrou-se o 80.º aniversário da Associação Protectora das Meninas Pobres fundada por D. Teresa de Saldanha e à sombra da qual nasceu a congregação. Transcrição do artigo do jornal que noticia o evento:

---

[279] Kenosha, é uma cidade situada na margem do lago Michigan, no estado de Wisconsin, EUA.

[280] Sister Amata, Hospital de Santa Catarina, Kenosha, Outubro de 1937, A.G.C., Doc. 2428.

«Sua Eminência D. Manuel Cerejeira presidiu, ontem, à festa do 80º aniversário desta benemérita obra, cuja Fundadora o Senhor Bispo enalteceu num interessante discurso.

A memória excelsa de D. Teresa Rosa Fernanda Saldanha de Oliveira e Sousa (Rio Maior), nome luminoso da aristocracia portuguesa e das religiosas da Ordem de São Domingos, onde se chamou Madre Teresa Catarina, foi ontem homenageada na festa comemorativa da passagem do 80º aniversário da Associação Protectora de Meninas Pobres, fundada pela ilustre senhora.

Sua Eminência presidiu à cerimónia, que se realizou pelas 16 horas, na sede central da Acção Católica, ao Campo de Santana.

Na assistência encontravam-se numerosos membros da família Rio Maior e das casas com ela aparentadas, tendo nós tomado nota dos Senhores Marquês de Rio Maior, Condes de São Tiago, Alcáçovas, Azinhaga, Visconde de Santarém, etc.

Algumas filas de cadeiras foram ocupadas por pequeninas educandas dos Colégios de São José e de Rio de Mouro, pertencentes à Associação. As últimas eram acompanhadas pelas Professoras Senhoras D. Maria Eugénia Esteves, que ali serve há 56 anos, e D. Maria de Lourdes Faria, que tem 32 anos de casa.

Esta escola, por não ser dirigida por Irmãs Religiosas, embora pertença a uma das suas Ordens, foi a única que escapou à odiosa sanha perseguidora que a demagogia republicana lançou, após 1910, contra a Igreja e as obras de caridade nela apoiadas.

Noutros lugares sentaram-se grupos de Irmãs de São José de Cluny, de São Vicente de Paulo, Terceiras Dominicanas, sacerdotes, etc.

Secretariaram o nosso eminente prelado as Senhoras D. Eugénia de Castelo Branco Alves Deniz e D. Maria do Carmo Carvalho Duffner, respectivamente Presidente e Secretária da Associação Protectora de Meninas Pobres; D. Elisa Bravo Borges, D. Maria do Carmo Andrade Pinto, D. Maria da Conceição Canto e Castro Nobre da Veiga, D. Adélia dos Santos Gomes e D. Maria Teresa Saldanha Quintela.

Ao lado sentou-se Sua Ex.cia Rev.ma o Senhor Bispo de Portalegre, figura nobilíssima do nosso Episcopado e que por pertencer, também, à Ordem Dominicana, cujo hábito branco envergava, foi escolhido para evocar a memória da Madre Teresa Catarina, que conheceu pessoalmente.

As meninas cantaram, primeiro, o Hino da Associação, depois do que o Senhor D. Manuel Cerejeira abriu a sessão dizendo que o Senhor D. Domingos Maria Frutuoso estava especialmente indicado para falar da ilustre Fundadora da Associação Protectora das Meninas Pobres, nome insigne da aristocracia de Portugal, pelas suas virtudes, pela sua obra e pela sua linhagem.

O Senhor Bispo de Portalegre agradeceu as palavras de Sua Eminência e pediu a leitura do Relatório da Associação, acto a que procedeu, em seguida, a Senhora D. Maria do Carmo de Carvalho Duffner, secretária daquela benemérita instituição.

Diz aquele documento, elaborado pela mesma senhora, que D. Teresa, Rio Maior, foi bem uma precursora da Acção Católica em Portugal, tendo vencido, com o seu fervor apostólico, a sua coragem, todos os obstáculos.

Contava 20 anos, era culta e duma família distintíssima, mas o seu coração voava para a causa da caridade, pelo que formou, com algumas amigas uma "Associação de Meninas Ricas" que foi a base da futura Associação das Meninas Pobres.

Como apenas três das fundadoras haviam chegado já aos 21 anos, foram também as únicas que puderam assinar os Estatutos: D. Maria Amália de Mendonça, D. Maria de Sousa e Holstein e D. Cecília O'Neill.

Assim, por meio da APMP foram socorridas muitas escolas em más circunstâncias, tanto na capital como na província. Delas fazia parte o actual Colégio de São José, então instalado no Largo da Anunciada, e que tanto bem espalhou pelas crianças pobres do centro da cidade e Colégio de São Salvador, o Colégio modelo da Associação, instalado no Convento do Senhor Rei Salvador e dirigido pelas boas Irmãs Dominicanas.

Todo o trabalho de muitos anos de esforços veio mais tarde a ser aniquilado com a advento do regime republicano, depois de se ter obtido auxílio de alguns governadores civis e Lisboa, entre eles o Senhor Conselheiro João de Azevedo Coutinho, auxílio que permitiu dar refeições às crianças.

A Escola de Rio de Mouro conta, actualmente, 175 alunos de ambos os sexos, e em Maio último pode realizar 14 casamentos e 18 baptizados, durante uma missa pregada pelo Rev.do Padre Canastreiro, actual prior da igreja de Fátima, em Lisboa.

Tem uma escola de bordados e roupa branca, sendo impecáveis no seu comportamento e na perfeição do seu trabalho as 15 raparigas que a frequentam. Cerca de 50 crianças foram levadas a exame, na última época, tendo ficado distintas quase todas.

A Senhora D. Maria do Carmo Duffner prosseguiu dizendo o que tem sido a actividade da Associação, mantida à custa do fervoroso espírito apostólico das boas Irmãs Dominicanas e de generosos legados e donativos.

Terminou apelando para a caridade dos desvelados protectores da APMP, que tão carecida está de auxílio e dizendo que, na data de ontem, devia estar presente a memória da Fundadora.

O Senhor D. Domingos Maria Frutuoso OP, fez em seguida uma palestra interessantíssima, cheia de amenidade e optimismo, em que foi buscar à vida exemplar da Madre Teresa Catarina de Saldanha e doutros vultos nobilíssimos, ensinamentos edificantes. Porque o seu propósito foi falar para um auditório infantil, interessado no conhecimento da santa personalidade da boa Fundadora da obra que o protege, o ilustre prelado soube usar duma linguagem e duma força de expressão dignas de admiração pela sua justeza e propriedade, de tal modo que só em desfigurado resumo podemos reproduzir as suas belas palavras.

Mantendo sempre a assistência sorridente e suspensa do seu discurso, o Senhor Bispo de Portalegre relatou com afabilidade e ternura alguns factos do seu conhecimento directo e indirecto, demorando-se na apreciação comovida de certas figuras desaparecidas, como o virtuoso padre Dr. Russell, do Corpo Santo, um dominicano de alma e coração, que morreu cheio de amor aos portugueses, entre os quais viveu 70 anos, mas sem saber falar claramente a nossa língua.

Referiu a profunda vocação apostólica da Senhora D. Teresa Rosa de Saldanha Oliveira e Sousa - Rio Maior - citando que nas suas memórias escreveu a «Marquesa» do mesmo título e um vaticínio do confessor da Madre Teresa, o Padre Richmond, do Colégio dos Inglesinhos, que ao contemplar a pureza e a formosura da que era ainda uma criança, afirmou que ela estava predestinada para recristianizar a Pátria.

E era viva e alegre a Santa Senhora, cheia de ardor e fé. A propósito, o orador exaltou a bondosa e saudável alegria do Patriarca São Domingos, seu patrono, recordou que São

Tomás de Aquino, grande Doutor dominicano, disse não poder estar um dia inteiro com um homem tristonho.

Pode ser-se alegre e muito religioso, porque Deus não deve infundir terror, mas alegria pura. E em Portugal há o mau hábito de fazer cara de pecado mortal e de atmosfera de pessimismo.

Ao terminar, o prelado disse que não será esperar muito confiar em que ainda um dia vejamos, nos altares de Portugal, a imagem de Madre Teresa Catarina, que bem merece ser canonizada pelo bem que fez à Igreja e à Pátria.

A sessão foi encerrada com o Hino de São Domingos.»[281]

1.º Centenário da Fundação da Congregação – 1968

Em 1968 – 1969, a Congregação celebrou o primeiro centenário da sua fundação, um Ano Jubilar, rico de graças e bênçãos para todos os seus membros.

Esse acontecimento foi, para cada Irmã, um desafio a uma renovação interior tomando como ponto de partida o exemplo mais genuíno que nos legou a Madre Fundadora, como se pode ver no texto elaborado pela comissão das celebrações: «Como um sopro potente vindo do Céu, o Amor – que é Deus – chamou Teresa de Saldanha à realização de um seu particular pensamento no mundo de então.

Desfolhando os seus escritos mais íntimos, encontramos a resposta fundamental: *Deus super omnia*, o que significa, na prática, a escolha de Deus momento a momento, custe o que custar, apesar de tudo e todos. A Madre Fundadora aponta-nos ainda a rota com o *Deus super omnia*. Amar a Deus, escolher Deus acima de tudo, é fazer imediatamente, agora, neste momento, neste minuto a Sua vontade, não a nossa. "Não é aquele que diz Senhor, Senhor... mas o que faz a vontade do Pai." [282]

Como realizar, pois, o *Deus super omnia* no nosso dia-a-dia?

Depois de termos chegado à conclusão de que este Centenário deve ser para todas nós, não uma série de celebrações meramente exteriores, mas a projecção de uma atitude interior revitalizada no contacto com a Fonte, vimos que esta revitalização exige um ponto de partida, uma conversão completa, da qual os actos externos sejam os testemunhos vivos diante de Deus e diante dos homens.

Uma vez que o Senhor nos proporciona esta Graça – porque o Centenário é uma Graça – parece-nos urgente ter bem presente que *Deus super omnia* não é um sentimento, algo essencialmente de ordem sensível, mas sim fazer a cada momento a vontade do mesmo Deus, quer sintamos ou não.

Ora esta vontade aparece-nos ao longo dos dias manifesta, por exemplo, através de um sorriso que nos é pedido, de uma ajuda alegre e pronta solicitada, de uma auscultação atenta às dores, às alegrias dos outros que cada dia passam ao nosso lado, de uma atenção paciente em ouvir o outro, mesmo quando estamos cheios de pressa, etc., lembrando-nos de que tudo o que fizermos ao mais pequenino dos Irmãos é ao próprio Jesus que o fazemos.

---

[281] Jornal *A Voz* de 19 de Janeiro de 1939, A.G.C.

[282] Mt 7,21.

Será pois, para o *Deus super omnia*, isto é, para a vontade de Deus realizada minuto a minuto que, ao longo deste primeiro mês precedendo a abertura do Centenário, sugerimos sejam orientados todos os nossos esforços no sentido de uma renovação interior tomada a sério, a fim de que o Centenário da nossa Congregação marque uma etapa decisiva e prometedora de "fermento novo" nesta célula da Igreja, na qual fomos chamados a ser "Sal da Terra" e "Luz do Mundo**".»**[283]

Para comemorar os cem anos de serviço ao Reino, em cada país onde as Irmãs se encontravam fizeram as suas celebrações.

Em Portugal, iniciaram-se as celebrações no dia 13 de Novembro de 1968, com uma solene missa presidida por Sua Eminência o Senhor D. Manuel Gonçalves Cerejeira, Cardeal – Patriarca de Lisboa. Foram concelebrantes Suas Ex.cias Rev.mas, os Senhores Bispos de Coimbra e Leiria, D. Francisco Rendeiro, OP e D. João Pereira Venâncio, o Rev.mo Provincial dos Dominicanos, muitos outros padres dominicanos das várias casas que a Ordem tem em Portugal e o Rev.mo Frei José Montalverne, franciscano, sobrinho neto da Madre Fundadora.

Ao Evangelho pregou o Senhor D. Francisco Rendeiro,OP que se referiu não só à caminhada da Congregação nestes cem anos de existência, mas percorreu toda a história da vida religiosa em Portugal a partir dos princípios do século XIX:

> «Irmãos, o acto litúrgico que estamos a realizar convida-nos a uma breve reflexão sobre o passado.
>
> Celebramos os primeiros cem anos de uma nova Congregação Religiosa, a das Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena, que datam a sua fundação do dia 13 de Novembro de 1868.
>
> Creio que, para entendermos melhor o significado deste acontecimento, convirá referirmo-nos ao período que o precedeu, e considerarmos, nas suas linhas gerais, a situação da vida religiosa em Portugal a partir do Decreto de 28 de Maio de 1834, que extinguiu todas as famílias religiosas, talvez melhor ainda, a partir do 3 de Setembro de 1759, que declarava os Jesuítas "desnaturalizados, prescritos e exterminados" de todo o território português.
>
> Verdade terrível. É sempre muito difícil julgar os homens, mesmo com as perspectivas da História; só Deus pode julgar infalivelmente, e já julgou o marquês de Pombal e Joaquim António de Aguiar. Os historiadores julgam-nos à maneira dos seus próprios ideais, e Portugal, ao menos "um certo Portugal" ergueu ao primeiro o maior monumento de Lisboa, e ao segundo o maior monumento de Coimbra.
>
> Estes homens tiveram, sem dúvida, grandes méritos, e a Pátria talvez lhes deva grandes serviços. Mas a história religiosa de Portugal não pode deixar de assinalar uma verdade terrível. Pombal destruiu num instante a obra missionária que Portugal realizara tão laboriosamente ao longo de séculos.
>
> O que nos fez verdadeiramente grandes aos olhos do mundo foi a nossa obra civilizadora e missionária. Essa obra foi destruída de tal forma que, só dois séculos depois, começou verdadeiramente a ressurgir.

---

[283] Texto da comissão organizadora das celebrações do 1.º Centenário da Fundação da Congregação, 1967.

É certo que nesse meado do século XVIII se nota decadência em todas as missões portuguesas. Mesmo assim, elas constituíam um conjunto magnífico.

Com o seu ódio à Companhia de Jesus, Pombal mudou o rumo da história pátria. É difícil dizer o que teria acontecido, mas talvez se possa afirmar que a continuação dos Jesuítas na Universidade de Évora teria dado outra feição espiritual ao Sul do Tejo; a sua continuação, nas missões do Brasil talvez tivesse mantido essa imensa colónia unida por mais tempo à mãe-pátria, e tê-la-ia feito seguramente mais cristã e a sua permanência nas missões da África e da Ásia teria, sem dúvida, assegurado a continuidade do Padroado Missionário português.

Pombal deixou em relativa paz as outras Ordens Religiosas, mas o espírito da sua época havia de marcá-las a todas profundamente. A segunda metade do século XVIII é de grande decadência, quer no aspecto disciplinar, quer até no económico.

É certo que não faltaram tentativas de reforma, mas eram providas pelo poder civil, sem a mais leve consideração pela natureza e pelas exigências do espírito religioso. Até que chegámos ao liberalismo de D. Pedro IV, que hipocritamente criou uma comissão de reforma geral eclesiástica, a 31 de Julho de 1833, para "desagravar por todos os meios ao alcance do supremo poder temporal a santa religião de Jesus Cristo dando ao clero secular e regular a consideração que lhe era devida, e fazendo com que os ministros do altar dirigissem seus actos como deviam, para a felicidade dos povos, que o imperador devia promover."

A 28 de Maio do ano seguinte, 1834, deu-se o epílogo de todo este processo destruidor da vida religiosa em Portugal, no primeiro decreto assinado por D. Pedro e pelo seu ministro Joaquim António de Aguiar, que "extinguia em Portugal, Algarve, ilhas adjacentes e domínios portugueses, todos os conventos, mosteiros, colégios, hospícios e quaisquer causas de religiosos de todas as ordens regulares, seja qual for a sua denominação, instituto ou regra."

O decreto era precedido de um relatório que abria com estas célebres afirmações: "Senhor: está hoje extinto o prejuízo que durou séculos, de que a existência das ordens regulares é indispensável à Religião Católica e útil ao Estado, e a opinião dominante é que a Religião nada lucra com elas, e a sua conservação não é compatível com a civilização e luzes do século e com a organização política que convém ao povo."

Os religiosos tiveram que sair das suas casas sem hábito, muitos deles descalços e cobertos com mantas. Foi-lhes atribuída uma pensão anual de 7$200 réis por decreto de 20 de Junho desse ano, quando nesse mesmo dia é atribuído ao porteiro do Tribunal do Tesouro Público o vencimento de 800$000 e ao seu ajudante 500$000.

As nossas missões ficaram completamente abandonadas. Em Angola, em 1846 havia apenas quatro padres. Em 1868 a província de Moçambique estava reduzida a igual número de sacerdotes.

Em 1885 Portugal aderia à Conferência de Berlim, em que se reconhecia a necessidade das missões religiosas para a civilização da África. Como não tinha missionários católicos, era forçado a receber os protestantes ingleses e alemães. Em 1889 já se reconhecia que os missionários escoceses punham em perigo o nosso domínio ultramarino.

Com o decreto de Joaquim António de Aguiar, os frades tinham oficialmente desaparecido, já que por força da lei tiveram que deixar as suas casas e os seus bens, e nem sequer puderam reconstruir as suas comunidades noutros edifícios. Uns deixaram a pátria e foram acolher-se a países estrangeiros que lhes abriram carinhosamente as portas, outros ficaram dispersos em casa da família ou foram aproveitados para algum ministério pastoral, quase sempre em lugares muito secundários, com o nome pouco lisonjeiro de egressos.

Muitos terão alimentado por algum tempo a esperança de voltarem a suas casas ou pelo menos de se reagruparem em Comunidade.

Esta esperança só os Franciscanos do Varatojo conseguiram vê-la realidade em 1861, talvez como recompensa providencial ao grande fervor que a sua Comunidade pudera manter, mesmo nos tempos da decadência.

A situação política de pleno fervor liberal, por um lado, e por outro o natural desgaste do tempo, que os ia consumindo de anos e doença, ia tornando cada vez mais difícil o regresso.

Indignação de Alexandre Herculano. –As religiosas tinham ficado numa situação de relativo privilégio, na medida em que se lhes permitia que fossem morrendo nas suas casas. Privilégio que, afinal, redundou em mais prolongado martírio, pois, privadas do sangue novo das vocações que não podiam receber, e privadas do pão material dos seus bens, elas deambulavam cada vez mais solitárias nos casarões dos seus mosteiros, cheias de frio, de fome e de miséria, como tão bem manifesta a famosa carta de Herculano relativa às cistercienses de Lorvão: "Peço esmola para as freiras de Lorvão, que foram ricas e felizes na mocidade, e que na velhice têm fome. A velhice é santa.

Imagine, meu amigo, uma noite de Inverno nesta espécie de poço perdido no meio da turba dos montes que o rodeiam; imagine dezoito ou vinte mulheres idosas, metidas entre quatro paredes húmidas e regeladas, sem agasalho, sem lume para se aquecerem, sem pão para se alimentarem, sem energia na alma, e sem forças no corpo, comparando o passado, sentindo o presente e antevendo o futuro. Imagine o vento que ruge, a chuva ou a neve fustigando as poucas vidraças que ainda restam no edifício, imagine essas orgias tempestuosas da natureza que passam por cima das lágrimas silenciosas cistercienses, e as horas eternas que batem na torre. Imagine tudo isto, e sentirá acender-lhe no ânimo uma indignação reconcentrada e inflexível. "[284]

Também as religiosas terão esperado por algum tempo que chegassem melhores dias, e terão visto cair a pouco e pouco as ilusões dessa esperança.

E afinal para que preocupar-se a sociedade com esta situação, quando os seus profetas tinham declarado magistralmente, dogmaticamente, infalivelmente, que as ordens religiosas não eram necessárias.

A extinção das ordens religiosas em 1834, considerada o plano dos homens, foi o triunfo da maçonaria e do liberalismo, que tirou a esses milhares de cidadãos portugueses a liberdade de viverem em Comunidade, e lançando-os na miséria, em nome dessa mesma liberdade. Foi um crime que teve graves repercussões sobre os destinos da própria integridade nacional.

---

[284] A. H., *Opúsculos*, vol. 1.

Quando Deus escreve direito por linhas tortas. – Nos planos de Deus, porém, as coisas apareceram bem diferentes. O Senhor sabe escrever direito mesmo quando os homens fazem as linhas tortas.

Os Institutos Religiosos, apesar dos grandes méritos que ainda tinham, e dos benefícios consideráveis que prestavam à sociedade, atravessavam uma crise de tal maneira grave e profunda que, humanamente não se lhe via solução. Estavam tão doentes, que a maior parte não resistiu ao vendaval.

Nos planos do Senhor o remédio foi muito duro; aparentemente uma destruição completa.

Porém o golpe foi de misericórdia, não para matar mas para salvar.

Ao longo de um século, ou pouco mais, operou-se uma reacção lenta, mas extraordinariamente salutar. Bom número de institutos suprimidos em 1834 voltaram a restabelecer-se, em condições difíceis, num estado de purificação admirável. Privados dos bens que tinham, começaram a viver numa pobreza edificante e a trabalhar zelosamente no campo do Senhor.

Em 1857 os Lazaristas estavam de novo na casa de São Luís, em Lisboa; em 1858 os Jesuítas adquiriram a casa de Campolide, onde o célebre Padre Rademaker estabeleceu um colégio; em 1881 os Franciscanos compraram o antigo Seminário do Varatojo.

E enquanto os Institutos antigos voltavam a estabelecer-se em Portugal, vinham alguns novos, como por exemplo os Padres do Espírito Santo, que em 1866 enviaram os primeiros missionários para Angola.

As Irmãs Doroteias vieram também em 1866, as do Sagrado Coração de Maria em 1871, as Franciscanas de Calais em 1875, as Irmãs do Bom Pastor em 1881, as Irmãs de São José de Cluny também em 1881.

Assim, enquanto iam morrendo lentamente os antigos egressos de l834 e as religiosas que ficaram nos antigos conventos, como as de Lorvão e tantas outras, ia surgindo vida nova, com Institutos que se restauravam e com os que vinham cá estabelecer-se pela primeira vez.

A segunda metade do século passado já oferece uma perspectiva consoladora, que haveria de ser experimentada pela provação de 1910, para recomeçar mais tarde o grande impulso de que nós todos, felizmente, temos sido testemunhas.

Caminhos da Providência. – Quando olhamos hoje para a história da vida religiosa em Portugal, quando consideramos o período áureo do século XIV, com a renovação trazida pelos mendicantes, o século XVI com a reforma geral impulsionada pelo Concílio de Trento; e depois quando consideramos também os períodos de decadência, como esse dos fins do século XVIII e princípios do século XIX, não podemos deixar de admirar os caminhos da Providência.

O vendaval de 1834 foi a grande purificação que varreu quase por completo a vida religiosa da terra portuguesa. Nessa altura alguns terão pensado que era a destruição completa.

Graças a Deus ficava na alma do nosso povo, tão tradicionalmente cristão, uma ressonância maravilhosa que a seu tempo haveria de manifestar-se, não só no acolhimento aos Institutos que voltaram, mas até na capacidade de novas fundações.

Graças a Deus nasceram em Portugal, na segunda metade do século XIX**,** três grandes Institutos que cresceram consideravelmente e se estenderam a todas as partes do mundo: as Franciscanas Hospitaleiras, as Franciscanas de Nossa Senhora das Vitórias e as Dominicanas de Santa Catarina de Sena. Na ordem do tempo foram estas as primeiras, e porque hoje fazem um século, aqui nos encontramos com elas.

A verdadeira fundadora da nova Congregação. – A 13 de Novembro de 1868 desembarcaram em Lisboa, vindas da Irlanda, duas Irmãs que lá tinham ido fazer a sua formação religiosa, no intuito de serem as primeiras de uma nova Congregação.

No cais esperava-as D. Teresa de Saldanha Oliveira e Sousa (Rio Maior) que já contava 31 anos de idade e que só dezanove anos mais tarde havia de tomar o hábito dominicano, mas que era a verdadeira Fundadora da nova Congregação.

A data do desembarque daquelas Irmãs foi escolhida para marcar hoje o início das celebrações centenárias da Congregação das Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena.

Não sei quem mais estaria então com a Fundadora a receber as suas primeiras filhas; talvez um pequeno grupo de pessoas amigas e uma ou outra rapariga decidida a seguir o caminho das que chegavam.

Em todo o caso o acontecimento de há 100 anos é modesto no seu aspecto exterior, mas é marcado pelo cunho de Deus, que se compraz em fazer grandes coisas com poucos recursos humanos.

D. Teresa de Saldanha, na sociedade do seu tempo era a filha dos Condes de Rio Maior, sobrinha neta do Marechal Duque de Saldanha, que teimava em deixar passar o tempo do casamento, para se dedicar à caridade, como Presidente da Associação Protectora das Meninas Pobres, e aos exercícios de piedade, sob a direcção dos Padres Dominicanos do Corpo Santo.

Os segredos da sua alma, as intenções de fundar uma congregação religiosa, soube ocultá-los perfeitamente ao Conde seu pai, que não lhe permitiria realizar tais intentos. Talvez por isso mesmo ela constitui um exemplo raro e digno da maior admiração: é uma fundadora que ao longo de 19 anos, sem hábito e sem Noviciado, permanece na casa paterna, enquanto as filhas seguem o teor comum da vida religiosa, nas várias casas que se vão fundando. E só à morte do pai é que ela toma o hábito e inicia o Noviciado, a 18 de Abril de 1887, na Casa de São José de Benfica.

Os caminhos de Deus têm surpresas, que por tarde se conhecerem não são menos admiráveis. Em D. Teresa de Saldanha, afinal havia uma preparação da Providência, que vinha de longas gerações. Conta Frei Luís de Sousa que já no seu tempo a família Saldanha dava filhos à Ordem de São Domingos (Frei Diogo de Saldanha, por exemplo) e era tradicionalmente devota do Santo Patriarca, tendo escolhido uma divisa semelhante à da Ordem: *Veritas omnium victrix*.

Inclinada por esta tradição para a Ordem Dominicana, formada na escola espiritual dos Padres do Corpo Santo, e por outro lado trabalhando há muito com crianças pobres e vendo a grande necessidade da assistência religiosa aos doentes e aos pobres, não admira que tenha sentido na alma a inclinação misteriosa para

fundar uma Congregação que nascesse logo entroncada na grande família de São Domingos.

"Vendo a necessidade de estabelecer na minha Pátria uma ordem religiosa activa", escreve ela, "que se pudesse ocupar da educação das crianças pobres e ricas, pondo em prática as obras de misericórdia, que tratem dos doentes, os visitem nos seus domicílios, comecei a pensar profundamente, tinha então vinte e sete anos de idade, como seria possível pôr em prática os meus ardentes desejos, seguindo em tudo e por tudo a vontade de Deus. O pensamento das Irmãs de São Domingos estava no meu espírito. Não se podia aproveitar coisa alguma, era preciso começar de novo."

E foi então que não podendo partir ela própria para um Noviciado religioso, manda as primeiras companheiras para um convento da 2.ª Ordem na Irlanda, a fim de se prepararem para a nova fundação. E são essas que regressaram a Portugal faz hoje cem anos.

Fidelidade das Dominicanas portuguesas. – Estava lançada a semente. Depois o desabrochar da obra é igual ao de todas as outras.

A primeira sede foi no Largo das Portas da Cruz. Em 1877 abrem um colégio em São Domingos de Benfica, nesse mesmo ano abrem em Lisboa o Asilo das Cegas e em Braga um abrigo para raparigas (hoje Colégio da Regeneração).

Em 1878 ocupam o antigo Convento do Salvador, em 1884 o de Santa Joana em Aveiro e em 1885 o do Sacramento, onde em 1883 a Rainha D. Amélia fundava um Dispensário que entregava ao cuidado das Irmãs. Mais tarde tomam conta do Sanatório do Outão, em Setúbal; do Dispensário da Rainha D. Amélia no Porto e do Sanatório de Sant'Ana na Parede e abrem o Colégio de São José no antigo Convento das Carmelitas em Lagoa, Algarve.

As Constituições da nova Congregação são aprovadas por Leão XIII em 1889. A Madre Fundadora tem a alegria de ver a sua obra consagrada pela Igreja e espalhada por todo o país.

Deus reservava-lhe ainda a provação de 1910, que só poupou a Regeneração de Braga e o Asilo das Cegas em Lisboa. As Irmãs das outras casas tiveram que dispersar. Mas o Senhor soube aproveitar a maldade dos homens para dilatar a Sua obra. As Irmãs emigraram para os Estados Unidos da América do Norte e para o Brasil, onde hoje existem ramos florescentes da mesma Congregação.

A 8 de Janeiro de 1916 morria em Lisboa a Madre Teresa de Saldanha, tendo-se mantido em actividade até à véspera desse dia. Morria tranquila e confiada, com a certeza palpável de que a obra estava consolidada e ia realizando os desígnios do Senhor. Esta certeza temo-la nós também no dia de hoje, olhando para a Congregação que conta 360 Irmãs em 30 Casas espalhadas por Portugal Continental, Madeira, Angola, Moçambique e Brasil, além das da América do Norte, que formam uma Congregação independente.

Pensamos que, do Céu, o Patriarca São Domingos e Santa Catarina de Sena, não nos desmentem, se dissermos que as Dominicanas portuguesas são fiéis ao seu ideal. Experimentando as dificuldades comuns a todas as famílias religiosas do nosso tempo, elas esforçam-se por realizar o grande programa de renovação traçado pelo Concílio Vaticano II.

> Tendo celebrado há pouco o seu capítulo de renovação, elas procuraram, numa linha de equilíbrio e fidelidade à Igreja, corresponder às necessidades dos tempos actuais. E elas esperam que a celebração do 1.º Centenário da sua fundação lhes dê a certeza reconfortante de que podem enfrentar o futuro com inteira confiança no Senhor.
>
> Vamos prosseguir na celebração dos santos mistérios, em acção de graças pelos cem anos da Congregação das Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena, e em súplica pelas maiores prosperidades da sua vida religiosa e do seu apostolado futuro.» [285]

Durante este ano jubilar, muitos outros eventos enriqueceram as comemorações em Portugal:

A partir de 8 de Janeiro de 1969, esteve patente ao público, no Externato São José do Restelo, uma exposição sobre a presença das Dominicanas de Santa Catarina de Sena no mundo de hoje.

A Rádio e Televisão Portuguesa – RTP – apresentou um Filme Documentário, no dia 27 de Abril de 1969, sobre as actividades desenvolvidas pelas Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena em Portugal.

Nos dias 5 e 6 de Agosto de 1969, as Irmãs portuguesas reuniram-se em Fátima, para uma missa de acção de graças, paraliturgia e consagração da Congregação a Nossa Senhora.

Foram publicados vários artigos sobre a Madre Fundadora e a Congregação em diversos jornais e revistas. Na revista *Rosário de Maria* podemos ler:

> «Centenário das Dominicanas de Santa Catarina de Sena. A 13 de Novembro de 1968 completaram-se 100 anos de existência da Congregação das Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena, de origem portuguesa, e cuja acção benemérita é conhecida de todo o país e doutras nações, concretamente do Brasil onde existe um Vicariato a que preside, em nome da Madre Geral, residente em Portugal, uma superiora com o título de Vigária, que orienta a sua acção apostólica em terras de Santa Cruz. Estão projectadas várias cerimónias evocativas da sua existência e actividades apostólicas nestes 100 anos. Esperamos dar mensalmente aos nossos leitores notícias sobre o espírito e apostolado destas nossas beneméritas religiosas, cuja acção de amor, verdadeiro carinho, espírito evangélico e tão dominicano pelas almas tanto bem têm feito a tantas que delas falam com ternura e gratidão por esse país fora.»[286]

O encerramento deste Ano Jubilar em Portugal, realizou-se no dia 13 de Novembro de 1969, com uma solene eucaristia na Igreja de São Domingos de Lisboa.

África teve o seu momento alto de acção de graças, na Eucaristia presidida por D. Manuel Nunes Gabriel, Arcebispo de Luanda – Angola, em 13 de Novembro de 1968. É de salientar a mensagem que transmitiu às Irmãs e ao povo na sua homilia:

---

[285] D. Francisco Rendeiro, OP, 13 de Novembro de 1968, homilia da missa de abertura do 1.º Centenário da Fundação da Congregação.

[286] Revista *Rosário de Maria*, Janeiro de 1969.

«Deus é admirável nos seus santos!

Numa época calamitosa para a vida religiosa em Portugal como o foi o período que decorreu aproximadamente desde 1820 a 1880, suscitou Deus uma alma de eleição que "esperando contra toda a esperança", levou a cabo uma empresa que mesmo aos mais generosos e bem-intencionados parecia loucura e votada ao fracasso.

D. Teresa de Saldanha havia sonhado, na sua Pátria, com uma obra que remisse tantas faltas e fraquezas que nos últimos quarenta anos se vinham amontoando por todo o país!

Um furacão lançará por terra o edifício já vacilante das várias Ordens Religiosas masculinas e femininas que haviam feito a glória da Nação, amparando-a nas horas mais difíceis e ajudando-a a chegar ao apogeu da glória. Agora, em paga de tantos benefícios, mas também como expiação de numerosas faltas e negligências, estavam extintos os conventos e mosteiros, dispersos os membros que ainda subsistiam.

A educação da juventude, a assistência aos doentes, aos pobres e órfãos, que foram a glória das ordens religiosas, estavam entregues a mercenários ou, na maior parte dos casos, não estavam confiadas a ninguém!

Os melhores desanimavam nas suas empresas generosas e um sectarismo vesgo estava sempre alerta, não fossem os "reaccionários" pretender reacender a chama que ainda crepitava, mas quase extinta, sob as ruínas dos conventos e, o que é mais triste, nas ruínas de tantas almas que deixavam de erguer os olhos para o céu, porque era de bom-tom não os levantar para além dos horizontes terrenos!

E foi uma mulher que Deus chamou para atear essa chama quase extinta, dar-lhe corpo e elevá-la bem alto de forma que a semente então lançada à terra crescesse, se desenvolvesse e lançasse raízes profundas quando açoitada pelos temporais. A árvore, passados cem anos, apresenta-se-nos com toda a pujança da sua vida gloriosa, a que não faltaram também dias de dolorosa paixão.

São Domingos e as suas filhas. – Viveu São Domingos numa época muito agitada da história da Igreja. Comoveu-o o triste espectáculo das províncias do Sul da França devastadas pela heresia albigense. As tropas enviadas para dominar os hereges nada tinham conseguido: vencidos pela força das armas, continuavam empedernidos em suas almas e agora mais obcecados por causa dos sofrimentos causados pelas guerras e perseguições de que eram vítimas.

O Santo obteve do seu Bispo autorização para, com alguns companheiros, se entregar à instrução religiosa daqueles hereges. Procura difundir entre eles uma terna devoção a Nossa Senhora, funda a Ordem dos Padres Pregadores e a das Dominicanas e os resultados são surpreendentes.

Oração e ensino foram as grandes armas de que eles e seus filhos espirituais se serviram para no século XIII vencerem a grande batalha da Fé.

Nos séculos seguintes várias Fundadoras foram beber à Regra Dominicana a orientação a dar a novos Institutos de Vida activa cujos membros procuram a satisfação pessoal nas obras de apostolado.

Foi também à Regra de São Domingos que D. Teresa de Saldanha foi buscar as normas que haviam de orientar o pequeno rebanho de que ela foi a primeira e desvelada pastora.

Deus é admirável nos Seus Santos!

Princípios humildes, desconfiança até mesmo nas pessoas que deviam animá-la e entusiasmá-la no empreendimento, lutas, dissabores, perseguições!

E quando parecia que o machado tinha sido posto ao tronco da árvore para prostrar, definitivamente, alguns dos seus rebentos transplantaram-se para outras terras e para outros continentes, evitando assim que a árvore morresse. E hoje apresenta-se de novo bela e gloriosa!

Sob esta árvore frondosa formada por algumas centenas de Irmãs vêm repousar milhares de crianças, de adolescentes e de donzelas, que ali aprendem o caminho que há-de torná-las mulheres fortes; recebem o pão da educação e do ensino muitas crianças desprotegidas para quem as Irmãs Dominicanas são as mães da terra; recebem o conforto e remédio para seus males muitos doentes confiados aos seus diligentes cuidados em hospitais e sanatórios.

E tudo isto por Deus e pelas almas!

Minhas Irmãs, ao passar o I Centenário da vossa Congregação, dai graças ao Senhor por todos os benefícios que vos tem concedido e permanecei firmes na vossa adesão à Santa Igreja e fiéis à vocação que ele vos concedeu.

Santa Catarina de Sena, padroeira do vosso Instituto, desempenhou um papel admirável no seu tempo. Donzela de vinte e cinco anos, foi a conselheira do Papa a quem numa das suas cartas apelidava de "doce Cristo na Terra". Expõe-lhe com toda a liberdade todos os males que afligiam a Igreja no seu tempo e os remédios a aplicar-lhe. Os habitantes de Florença, em rebelião com o Papa, pedem-lhe que seja a sua advogada junto do Sumo Pontífice. E aquilo que não tinham conseguido os reis nem as maiores autoridades religiosas e civis, conseguiu-o esta humilde terceira dominicana: o regresso do Papa a Roma, depois de uma ausência de mais de setenta anos em Avinhão. E é ver como ela se deixou dominar por uma santa indignação ao lançar em rosto aos Cardeais o terem abandonado o Papa legítimo para seguirem um cismático! O amor à Santa Igreja transfigurou esta humilde donzela num dos maiores heróis da história da Igreja. A Itália honra-a como sua padroeira! Paulo VI já anunciou que esperava poder declará-la ainda Doutora da Igreja juntamente com Santa Teresa de Jesus!

Deus continua a ser admirável nos Seus Santos!

No amor à Santa Igreja e na fidelidade às Regras e aos exemplos que vos deixaram a vossa Fundadora Madre Teresa de Saldanha, as Superioras e Irmãs que a precederam na vida religiosa, segui o vosso caminho prontas na obediência, desapegadas dos bens temporais, castas esposas de Cristo, imoladas até ao sacrifício por Deus e pelas almas. Esta a vossa vocação. Isto o que o Senhor vos pede para Lhe mostrardes a vossa gratidão pelos benefícios concedidos ao longo destes cem anos. A voz da vossa Fundadora continua a fazer-se ouvir através da regra que vos deu, dos exemplos que vos deixou.

Abram-se de par em par as portas da vossa alma e deixai que o Senhor penetre profundamente em vós. Por Ele, com Ele, e n'Ele, sereis as mulheres fortes do Evangelho e cantareis o hino do triunfo e de glória a Deus por todos os benefícios que vos tem concedido e que são penhor de novas bênçãos para a vossa Congregação.

É o que pedimos ao Senhor e sinceramente vos desejamos.»[287]

---

[287] Centenário da Fundação da Congregação, 1968, A.G.C.

As celebrações do 1.º Centenário da Congregação, no Brasil, foram espaços privilegiados de evangelização e de volta às fontes do seu carisma fundacional. Muitas comemorações se realizaram em todas as comunidades, nas obras e com o povo de Deus através das actividades paroquiais.

Reproduzimos a homilia que D. José Silva Chaves, Bispo de Uruaçu, Goiás, proferiu na ocasião:

«A Igreja Católica tem passado como uma rainha e uma mãe, pela estrada larga dos séculos, fazendo bem aos povos, coroando-se de auréolas de santidade e produzindo obras mestras de perfectibilidade humana que chamamos de santos, verdadeira aristocracia do mundo, e o mais alto expoente da grandeza humana.

Olhai e vede quão floridos são os jardins do Catolicismo onde ufanas crescem as flores da virtude. Olhai quão estrelados são os céus, onde resplandecem como luzeiros seus santos. Para a Igreja não existem anos de esterilidades nem eclipses em seu incessante virginal parto de santos. As épocas mais revoltas e frívolas da História são, talvez, para o Cristianismo épocas de Primavera espiritual, que se coroam com grandiosas epifanias de actos heróicos e de pessoas que em asas de seu amor a Deus e ao próximo escalam prosperamente os mais airosos cumes de santidade.

Aí está o século XIX; chamado o século das revoluções, do liberalismo, das rebeldias, da secularização, do ateísmo prático e também de século apóstata. Eu, porém, vos digo que é um século em que floresceu a santidade em toda a sua esplêndida ufania. Tem factos áureos para os anais católicos: aparição da Virgem da Medalha Milagrosa, definição do Mistério da Conceição Imaculada da Virgem, a Aparição em Lourdes abrindo nova era de misericórdia e portento; não muito depois, celebra-se o Concílio Ecuménico do Vaticano cujo término se deu em nossos dias.

As famílias religiosas nascidas do fecundo seio do Catolicismo, criando novas modalidades e tipos novos de santidade, passam de trinta, citemos algumas: Irmãs de Caridade, Irmãos Maristas, Oblatos de Maria Imaculada, Missionários do Imaculado Coração de Maria, Adoradores, Carmelitas de Caridade, Irmãs da Misericórdia, dos Anjos Custódios, etc. Uma verdadeira renovação da vida espiritual que coroa de glória o cedro do Catolicismo.

Se às pessoas insignes queremos atender, olhai uma grande constelação delas que se põe diante de nossos olhos. Na Alemanha: Catarina Emerich, São Clemente Maria. Na França: Padre Champagnat, São João Vianney, São Clemente Maria, Sofia Barat, Santa Bernardete de Lourdes e Teresinha do Menino Jesus. Na Itália: Gaspar de Búfalo, Cottolengo, Gioneli, Cafaso, Gabriel da Dolorosa, Joana Galgani e o famoso São João Bosco. A Espanha se coroa com o esplêndido diadema de Santo António Maria Claret, seus missionários Jaime Clotet e Avalana e os mártires dominicanos Almató e Hermosilla.

E o nosso Portugal?! Este engastou em sua coroa como pedra de grande valia D. Teresa Rosa Fernanda de Saldanha Oliveira e Sousa, objecto de nosso júbilo neste grande dia em que celebramos o centenário da sua simpática Congregação.

Teresa de Saldanha, eis aqui uma galhardia de nossa raça, flor do jardim português, estrela do céu, broto da árvore secular da nossa fé, heroína com o heroísmo de Augusta de Aragão; nobre com a nobreza de Isabel, *a Católica*; audaz e empreendedora, graciosa e genial, como Teresa de Jesus. Teresa Saldanha era filha de nobres condes de Rio Maior e Vila Real, sendo, portanto, da nobreza portuguesa; recebeu da natureza as mais relevantes qualidades, os talentos mais apreciados. Nobreza herdada de um apelido glorioso, que lhe

dava direito a ingressar nas mais brilhantes esferas da glória do mundo, para exibir sua figura à adoração e inveja de seus semelhantes, opulência e riquezas em abundância, para poder ataviar-se magnificamente e procurar a satisfação dos mais nímios caprichos; formosura deslumbrante para servir de rainha nos salões aristocráticos; talento agudo e perspicaz, para obter quanto os seus desejos ambicionassem; coração amoroso inclinado às amizades e ao trato com as criaturas, corpo delgado e elegante para alternar sem diminuição ante os reis de Portugal, Espanha e França; imaginação brilhante, rica em soluções aos casos mais complicados, gosto artístico, até fazer da elegância e da limpeza um culto.

Que será dessa dama opulenta, sábia e cortês? Imaginai, meus caríssimos, o porvir mais glorioso e brilhante para ela, assistem-lhe para sua conquista e aquisição todas as facilidades. Porém, Teresa sente em seu interior que se repete o convite de uma voz calada e profunda, poderosíssima e eficaz que a chama às mais radiantes alturas e aos heroísmos de santidade e um dedo invisível que já marcou a rota da sua vida. Se ela livre como é, opta por seguir as espaçosas vias do mundo, coalhadas de ouros e prazeres, de honras e aplausos, eu vos asseguro, caríssimos meus, com toda a certeza, se esfumará a sumptuosa figura de Teresa, ao projectar-se pela última vez na pantalha do mundo. Será uma de tantas estrelas que têm reluzido um momento desvanecendo-se à hora da morte. Porém, Teresa se decide a secundar a acção da graça que, como brisa celeste, a impele às ribeiras da santidade mais heróica, será insigne e sua glória não morrerá.

Essa é sua alternativa, ó jovem opulenta, que escolhe seu coração? Ah! Que consolo! Esse coração, tão cristãmente educado por sua mãe e protegido pela graça de Deus, escolhe felizmente, a santidade

Sim, valorosa jovem, todo esse conjunto de qualidades, talentos e grandezas, tudo isso há-de ser transformado, destruído e profundamente modificado num crisol amaríssimo, num calvário sangrento. Porquê? Esta pergunta, caríssimos Irmãos, abre um profundo sulco de divisão entre a filosofia humana e a filosofia católica. Porque disse o Senhor, fundador do Catolicismo: *Si quis vult post me venire, abneget semetipsum, et tollat crucem suam*, e claramente o glosou o Apóstolo São Paulo quando escreveu ser necessário despojar-se do homem velho para revestir-se de Jesus Cristo; e essas qualidades eminentes que o homem adora e o mundo estima são a vestimenta do homem velho, seus ídolos, seus amores, antitéticos aos amores vivificantes de Jesus Cristo. E o espoliar-se das coisas que o homem ama, não pode realizar-se sem sangue de coração, sem pranto nos olhos, sem sacrifício de todo o ser.

Sem querer, caríssimos Irmãos, estou oferecendo-vos a medida infalível para apreciar os méritos de Teresa Saldanha.

Vede quão rica, formosa, distinta, sagaz, elegante, sedutora e engenhosa. Diante dela se lhe apresenta o amor de Deus em forma de menino pobre, e ela em sua presença, comovido seu grande coração, vendo, por outro lado, os caminhos das amizades legítimas que lhe oferecem *abrenuntio* disseram seus lábios, não quero que meus pés se deslizem por esses caminhos; e ainda jovem escolhe um grupo de crianças pobres repugnantes à natureza humana, dedicando-se a elas inteira e generosamente.

Desejada por muitos jovens de primeira nobreza de Portugal, podendo fundar um lar, poema de amores, acrescentar a seu escudo novas pérolas de glória, ante visão tão sedutora *abrenuntio*, disse ela pronunciando ante o altar seu voto de virgindade perpétua.

Cada uma dessas renúncias era uma amarra quebrada para o mundo e uma acumulação de força ascensional aos cumes da santidade. Tudo isso era uma preparação para a sua obra mestra: a Congregação das Dominicanas de Santa Catarina de Sena.

Não é lícito a nenhum de nós aqui presente desconhecer ou negar a glória e os benefícios que Teresa, exímia Fundadora, nos trouxe com esta Congregação que hoje mais do que nunca brilha através da nuvem espessa de cem anos de existência.

Discutem calorosamente os profissionais da filosofia da História sobre a prioridade respectiva dos vários factores que integram e elaboram este grandioso fenómeno da civilização universal e cristã. Enquanto uns vêem nela a obra exclusiva das grandes personalidades históricas, qualificadas de heróis, génios e super-homens; outros julgam ser um efeito privativo e específico das grandes instituições sociais e religiosas; os mais numerosos e os melhores, vêem nela um resultado simultâneo de ambos os elementos.

Os grandes homens, segundo eles, agem e influem através das poderosas instituições por eles criadas e que constituem sua poderosa contra-senha.

Escolhidas pela Providência, factor supremo e definitivo de todo verdadeiro progresso humano, aparecem de época em época, de século em século, no palanque heróico da História, pessoas geniais, levando sobre a fronte a estrela de uma missão extraordinária, tanto maior e gloriosas quanto mais intimamente se relaciona com os grandes fins providenciais.

Uma dessas predestinadas foi Teresa Saldanha, Fundadora das Dominicanas de Santa Catarina de Sena.

Como em outros tempos chamava e prevenia Deus com bênçãos e carismas singularíssimos os Patriarcas, cabeças e pais das tribos que haviam de perpetuar a fé e a esperança no futuro Messias Redentor do mundo, chama e predestina agora os fundadores e patriarcas das novas tribos religiosas que hão-de anunciar, pregar ao mundo, pela palavra e pelo exemplo, a boa nova evangélica de Jesus Cristo, verdadeiro alfa e ómega, princípio, meio e fim de toda História universal.

A vida admirável de Teresa, vista através dessa luz predestinadora, aparece como um novo ciclo constelado de intervenções providenciais em ordem à sua missão de fundadora.

Os idílios acontecimentos de sua vida; a expectativa do consentimento, principalmente do pai, para a realização do seu grande desejo; a formação de seu espírito religioso no molde de São Domingos; seu trato com insignes padres dominicanos imbuídos do espírito do grande Patriarca de Caleruega, tudo se ordenava nos divinos desígnios à sua grande missão fundacional.

E quando tudo já estava bem encaminhado, ao chegar o dia 7 de Novembro de 1866, despedia-se Teresa das duas jovens idealistas como ela: Miss Harriet Martin, mais tarde Irmã Maria Madalena e Maria José de Barros Castro, depois Irmã Maria José e o velho *Galileu* as transportava em seu bojo para Liverpool e Irlanda. Levavam na alma como ferro candente o imperativo paulino da caridade, *oportet Christum regnare*, é necessário que reine e impere em todos os corações o amor de Cristo. Em Portugal fica Teresa dinamizando todas as faculdades, multiplicando e centuplicando até o inverosímil sua actuação, para sustentar e acompanhar, embora de longe, suas primeiras filhas.

Dai-me, dizia Balmes, sete homens possuídos de uma nobre ambição semelhante à dos Apóstolos e eu vos darei transformada a face de nosso povo, mais do que nunca necessitado de renovação e redenção. O que imaginava e pedia o genial filósofo ia realizar a virtuosa e apostólica Teresa com as duas heroínas escolhidas pela Providência para associarem à sua magnífica empresa.

Os génios, disse o mesmo pensador, não são os que têm muitas ideias, senão os que têm poucas ou uma só na qual o vêem e compreendem tudo, como os anjos e como o mesmo Deus, que tudo vê em seu Verbo e por ele cria todas as coisas. O mesmo poder-se-á dizer dos génios da acção. Não são os que têm muitas e pequenas paixões, senão os que dominados por uma só e grande paixão, a cujo influxo despótico todos se subordinam e a qual, quando é nobre e generosa, somos devedores de todos os heroísmos do pensamento, do sentimento e da acção.

A fundadora providencial de uma Congregação missionária como é Teresa Saldanha, é por necessidade uma apaixonada, por não dizer uma possessa, da mais nobre e avassaladora paixão: a sobrenatural paixão do zelo pela glória de Deus e pela salvação do próximo.

Toda a sua vida foi entregue ao apostolado que a fazia viver nesse estado de febre precursora das grandes criações. Até que chega a plenitude do tempo, que para o caso, foi 13 de Novembro de 1868, realizou-se, então, o prodígio da nova criação, sua obra-mestra, da qual todas as pequenas obras, escolas, orfanatos, casa de regeneração, eram pequenos ensaios.

Nada mais misterioso e difícil que explicar a concepção, gestação e parto dessas instituições veneráveis que chamamos Ordens Religiosas.

Dia eternamente memorável, 13 de Novembro de 1868! Fez explosão nos lábios de Teresa o *fiat* criador, eco daquele divino *euntes* que dera origem um dia nos lábios de Cristo a suprema das instituições missionárias, a Igreja Católica.

Estava fundada a Congregação das Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena que leva na fronte o mais belo nome, no coração o mais sublime dos ideais e nas mãos uma sábia constituição.Congregação de Santa Catarina de Sena! Todos instintivamente a sentem! Porém ninguém tem decifrado a recôndita beleza e o secreto poder talismático desse nome, verdadeira pedra preciosa em que veio cristalizar o harmónico, complexo e polifacético espírito de Teresa Saldanha, às vezes heróico e terno, magnânimo e humilde, ascético e místico, activo e contemplativo, antigo e novo, português e ecuménico, como o coração da Virgem que ela soube tão bem estampar no quadro da Dolorosa e na alma das suas filhas.

Eis o ideal da Congregação, cujo centenário hoje celebramos!

Não é, pois, de se estranhar que essa Congregação, com as bênçãos de Deus, de início se espalha pela Europa, Norte América e Brasil.

Ó felix culpa, poderíamos exclamar, daquele terrível movimento republicano português que nos mereceu tão grande presente. Estas dedicadas Irmãs.

Quisera eu ter uma voz bem possante para dizer ao nosso povo, já que elas não o dizem, um pouco do muito que silenciosa e humildemente têm feito estas dedicadíssimas Irmãs em nossa humilde diocese engastada no centro de Goiás bem no coração do Brasil.

Não é possível dizer, em tão pouco espaço de tempo, o que elas têm feito em prol da humanidade nos seus cem anos de existência. Mas posso afirmar que em dez têm feito em nossa diocese o que outras não fizeram em cem.

Ouso dizer que é uma Congregação de pouca propaganda e muito serviço. Quisera eu ter em todas as paróquias da Diocese uma Comunidade de Irmãs desse quilate, para contrabalançar esta hora doente do vício inerente à frivolidade; a esse aluvião de progresso que se precipita sobre nós trazendo em suas águas o desprezo do sobrenatural. Mortos à vida da alma, se sabe de tudo menos do fundamental aos nossos imortais destinos. Preocupados em viver a vida do corpo, a da alma em suas duas faculdades, entendimento e de vontade, é endémica.

Há superficialidade nos conhecimentos divinos; se ignora o mais substancial da doutrina; a verdade a têm muitos aprisionada com as cadeias do erro, da mentira e do modernismo exagerado.

Como Teresa Saldanha, enchamos nosso coração com o amor à verdade, inflamemos nossas almas com o zelo incansável pela salvação do próximo, do incêndio do seu amor a Deus, que sobre para nós uma chispa, da inocência de sua vida aprendamos a ter um encarniçado ódio ao pecado. E das ternuras de sua alma para com a Santíssima Virgem, logremos da mesma Virgem uma devoção sincera e permanente à cadeia áurea do Santo Rosário, essa série de Ave-Marias e Pai-Nossos alimentados com a meditação dos mistérios da vida, paixão e morte de Jesus Cristo, que foram e serão sempre em nossos lábios arma ofensiva e defensiva contra nossos inimigos: o mundo, o demónio e a carne.

Para que vivendo sob seu amparo morramos iluminados pelos fulgores desta clara estrela da manhã como aurora do grande dia da parusia feliz que por vosso valimento esperamos alcançar.»[288]

150 anos do Nascimento de Teresa de Saldanha – 1987

As pessoas vão passando, mas a memória das datas permanece. A celebração dos 150 anos do nascimento da Madre Fundadora foi um momento significativo que despertou, em toda as Irmãs da Congregação e no povo de Deus, um interesse redobrado pela sua figura e obra.

A carta da Madre Maria de São João de Brito Almeida, Superiora Geral da Congregação, às Provinciais, foi o ponto de partida para a criatividade das celebrações em cada espaço e lugar onde se encontram as continuadoras do seu projecto:

«Venho, com alegria, anunciar-lhe que no dia 4 de Setembro de 1987 celebramos os 150 anos do nascimento da nossa Veneranda Madre Fundadora, acontecimento que merece ser por nós, suas filhas, solenemente celebrado.

Assim, o Conselho Geral, como ponto de partida, definiu:

«O objectivo das celebrações é aprofundar, ao longo do ano, o nosso conhecimento acerca da vida e obra da Madre Fundadora em todas as Comunidades da Congregação.

Constituímos uma comissão organizadora das celebrações: Irmãs Maria Inês de Jesus de Abreu Mota e Melo, Madre Maria Fernanda Rafael Pires e Irmã Maria da Conceição Sá.

Certa de que estas iniciativas encontrarão, da parte de todas e cada uma das Irmãs, o melhor eco, pois cremos que é uma causa demasiado querida a todas nós, imploramos de Deus, através da nossa Madre Fundadora, as melhores bênçãos sobre toda a congregação.»[289]

Em 1 de Setembro de 1987 a Madre Geral dirige-se a todas as Irmãs da congregação:

«Já em vésperas do início solene da abertura das comemorações dos 150 anos do nascimento da nossa veneranda Madre Fundadora, venho dirigir a todas e a cada uma mais

[288] D. José Silva Chaves, 1968, A.G.C.

[289] Carta da Madre Maria de São João de Brito às Madres Provinciais, 1987.

um veemente apelo à participação plena nesta manifestação de alegria e reconhecimento ao Senhor pelo dom que nos fez da vida, pessoa e obra de Teresa de Saldanha.

Contudo, queridas Irmãs, quero pedir-lhes que a nossa vivência do carisma da Madre Fundadora ultrapasse a dimensão pessoal e assuma uma clara e marcada expressão comunitária, congregacional e eclesial. Penso que este deve ser o esforço que Deus nos pede, ao longo deste ano jubilar, para a nossa congregação.

A nossa presença seja para o mundo testemunho eloquente da felicidade que sentimos pela nossa consagração a Deus nesta família religiosa por ela fundada!»[290]

A solene abertura das comemorações teve lugar no Mosteiro dos Jerónimos, em Lisboa, no dia 4 de Setembro, às 16 horas, com uma Eucaristia presidida por sua Ex.cia Rev.ma o Senhor D. Manuel de Almeida Trindade, Bispo de Aveiro. Foi uma cerimónia comovente, na qual participaram muitas pessoas amigas, numerosas Irmãs das Comunidades de Portugal e representações das Irmãs de Angola e do Brasil. Tudo decorreu com muita solenidade. No final da celebração, leu-se um telegrama de Sua Santidade, o Papa João Paulo II, felicitando a Congregação:

«Madre Superiora Geral Dominicanas Portuguesas

Ao comemorar Congregação Santa Catarina de Sena 150 aniversário nascimento sua Fundadora Sumo Pontífice une-se espiritualmente à família religiosa, agradecendo ao Altíssimo dons misericórdia que efeméride evoca e suplicando que Dominicanas Portuguesas na sua caminhada da fé olhem sempre Mãe do Redentor imitando seu coração indiviso e disponibilidade pronta seguindo ideal fazer bem onde for necessário com particular empenho ao serviço infância juventude que inspirou Fundação stop Como penhor graças divinas estímulo para fidelidade a Cristo Sua Igreja vivendo carisma com radicalidade bem-aventuranças e testemunhando absoluto de Deus em caridade Santo Padre envia-lhes implorada bênção apostólica stop

Cardeal Casaroli»[291]

Durante este ano, foi levantado um pouco o véu que cobria essa tão notável figura da Igreja.

Editou-se o livro da Madre Maria Rosa Thiaucourt – *Madre Teresa de Saldanha, Vida e Obra* e reeditou-se o da Marquesa de Rio Maior – *Fundação da Ordem das Terceiras de São Domingos em Portugal*, que serviram de base de estudo às comunidades permitindo-lhes aprofundar o seu espírito e confrontarem-se com o carisma que marcou a sua Fundação.

Difundiram-se autocolantes, postais, cartazes e desdobráveis dizendo um pouco o que ela era e que é a Congregação; divulgou-se o seu rosto em colecção se selos. Falou-se de Teresa de Saldanha em artigos de jornal, em conferências de imprensa, em programas de rádio e televisão.

---

[290] Carta da Madre Maria de São João de Brito às Irmãs da Congregação, 1987.

[291] 150 Anos, 1987, A.G.C.

Em Fevereiro e Março de 1988, decorreu um ciclo de conferências no auditório da Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, que teve grande audiência do meio Lisboeta e de outras cidades, como Coimbra, Leiria. Estiveram presentes membros do Episcopado, autoridades civis, figuras do mundo da cultura e da arte, alunos, professores, pais e amigos. Enquanto decorriam as conferências esteve patente ao público uma exposição da obra pictórica executada por Teresa de Saldanha durante a sua juventude.

Para apresentar a riqueza e a profundidade da sua pessoa, foram convidados mestres da espiritualidade, da cultura e da arte:

Frei Raul Rolo, OP – *Teresa de Saldanha, mulher da Igreja*

«A apreciação da eclesialidade de uma figura requer não só o conhecimento dos tópicos fundamentais da sua vida e da sua acção exterior, mas também possuir algumas luzes do mistério da Igreja, simultaneamente comunhão de graça e comunhão jerárquica, na sua peregrinação.

É, pois, necessário conhecer ainda os condicionalismos da vida da Igreja nessa etapa do seu peregrinar, a fim de se poder, à sua luz, descobrir e interpretar melhor a intencionalidade e medir, com mais precisão, a intensidade interior do fiel.

O quadro cronológico da existência de Teresa de Saldanha decorreu do seu nascimento, em 1837 à sua morte, em 1916. Quase ao centro deste percurso ela instituiu, em 1866, a Congregação Portuguesa das Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena, como expressão concreta e projecção perene do seu carisma eclesial.

Acerca dos problemas de mais realce para a Igreja nesse período, permito-me sublinhar, a difusão do Protestantismo em Portugal, as repercussões do Iluminismo, o I Concílio Ecuménico do Vaticano, a extinção das Ordens Religiosas em Portugal, em 1834 e 19l0, e, finalmente, o auge do Modernismo, nos últimos dias da sua existência.

Teresa de Saldanha, mulher culta e cristã esclarecida, nunca reivindicou os seus dotes intelectuais – que eram muitos – nem os seus recursos sistemáticos de Teologia – que não adquirira – contudo a sua visão da Igreja, guiada pela fé e estimulada pelo amor, foi apurada e completa.

Exalta-se com plena justiça e mérito, a opção de Teresa de Saldanha pelas crianças pobres e pela acção catequética da fé, mas só isso não esgotaria completamente o profundo sentido do seu carisma eclesial. A dimensão divina, invisível, contemplativa e escatológica da Igreja competem principa1mente ao estado de vida consagrada, por se fundar no dom divino dos conselhos evangélicos.

A esta luz, Teresa de Saldanha exerceu, heroicamente e sem, desfalecimento, a sublime maternidade da Igreja a favor dos seus filhos mais débeis e carecidos, as crianças pobres; e assumiu o seu magistério de salvação, pela fé pregada por Domingos, dando absoluta prioridade à instrução catequética das pequenitas dos seus asilos e alunas das suas escolas.

A sublimação religiosa de Teresa de Saldanha, no seu serviço de caridade e de fé, concretizou-se na imagem da Igreja Mãe e Mestra, como a declarou o Papa Paulo VI ao defini-la "Mãe dos homens e Mestra da Sa1vação".» [292]

---

[292] Extracto da conferência proferida a 2 de Março de 1988.

Frei Bento Domingues, OP – *Uma Congregação bem portuguesa: Ambiguidades de um nome. Obstáculo ou desafio à inculturação em novos países.*

«As razões pelas quais, desde o começo até ao fim, Teresa de Saldanha insistiu numa Congregação inteiramente portuguesa e para Portugal, tem razões óbvias.

Num clima de mentalidade galicana, de religião nacional, as congregações religiosas comandadas do estrangeiro teriam sempre essa acusação e a ameaça sobre as cabeças. O caso das Irmãs de Caridade, comandadas a partir de França, caso bem conhecido, por contacto directo, de Teresa, não deixava dúvida.

Era preciso que a Congregação fosse bem portuguesa e não desse flanco à acusação de ser um foco da reacção, do fanatismo miguelista e ultramontano. Tinha de encontrar apoios, difíceis aliás, ao mais alto nível.

A pertinácia insistência de Teresa numa congregação bem portuguesa ao serviço dos pobres, tem a ver, talvez com uma interrogação que lhe surge como um apelo a exigir uma resposta carismática: "Que País é este, que Igreja é esta que precisa do estrangeiro, de congregações estrangeiras, para tratar dos seus doentes e dos seus pobres e de regenerar o País sob o ponto de vista religioso?"

Note-se que Teresa nunca recusou o contacto com o estrangeiro, nunca recusou pessoas, ligações, ajudas e lições internacionais para lançar e fazer progredir o seu projecto fundacional.

O conhecimento do que se passava no campo dominicano em França e em Inglaterra, através de amigos e da sua cunhada, a Marquesa de Rio Maior, verdadeira co-fundadora, do impulso decisivo do Padre Wiseman e do apoio constante dos Padres irlandeses do Corpo Santo, assim como das dominicanas da Irlanda (Drogheda), o contacto permanente com os Mestres Gerais da Ordem dos Pregadores foi essencial para o cunho Dominicano da nova fundação.

Creio que a perspectiva de levar avante o seu plano só aqui, custasse o que custasse, não era uma questão de patriotismo balofo. Era o contrário. Era a vontade tenaz de afirmar que não podemos deixar que em Portugal e na Igreja portuguesa seque a esperança de uma resposta portuguesa aos desafios que a pobreza e a miséria levantam em Portugal. Era virar o país para os seus pobres e suscitar um instituto de vida religiosa que dissesse no concreto a misericórdia de São Domingos, a caridade dominicana, como ela dizia.

Teresa não era a portuguesa do saudosismo, ou do visionarismo, mas da acção prática conduzida com tenacidade. É esse o contexto das suas repetidas afirmações.

Em 1863, o *Père Jandel* esteve em Lisboa. Vinha, por assim dizer, deitar uma última absolvição aos restos da Ordem Dominicana portuguesa: Conventos de Santa Joana, o Sacramento, o Salvador em Lisboa, Santa Catarina de Sena em Évora, etc.[293]

«Vejo na minha imaginação um palácio nobre e antigo para Casa Mãe da nossa fundação, onde deite muita água benta, por causa de pecados velhos, de que tenho muito medo. Num convento, é célebre, não gostava de começar; parece-me que Nosso Senhor quer que tudo acabe no passado, para tudo se renovar completamente nas boas obras e no silêncio.»[294]

---

[293] In *A Fundação das Terceiras*..., Marquesa de Rio Maior, Op. Cit. p. 117.

[294] Cf. Op. Cit. p. 99 e p. 117.

Isto para não se ficar com a ideia de que Teresa quer restaurar o antigo regime, "à antiga portuguesa."

E também não se trata de uma Congregação para o serviço da nobreza portuguesa e das classes elevadas. Trata-se, pelo contrário, a começar pelo seu exemplo de converter pessoas de nobreza portuguesa e das classes elevadas ao serviço da libertação da miséria e da pobreza impostas.

Trata-se de, a partir de Portugal e dos portugueses, dos cristãos portugueses, da vida religiosa dominicana portuguesa, contribuir para a transformação de Portugal e da Igreja. Com um projecto de futuro e não de restauração do passado.»[295]

Dr. Jorge Borges de Macedo – *O momento de Teresa de Saldanha*

«Lembrar Madre Teresa Catarina de Saldanha não é uma expressão de saudosismo. É a expressão da permanência da sua mensagem, da actualidade da sua atitude, cujo profundo significado é hoje mais claro que no seu próprio tempo.

O exemplo e lembrança de Madre Teresa Catarina são significativos. É a nossa tarefa mostrar a estas novas gerações que se pode perder tudo se perdermos o sentido da Comunidade e de verdade que Madre Teresa ajudou a reconstituir no seu tempo.

Foi isso que Madre Teresa lembrou a um meio português que, no fundo da sua boa vontade, tinha medo de falar assim, envolvia-se em lutas precárias. Mas Madre Teresa veio gritar com o seu exemplo humilde, com o desprezo das opções grandiosas que não eram esses os decisivos. As almas – na sua linguagem – são mais importante do que as instituições. Quaisquer que estas últimas sejam, são sempre precárias, enquanto almas – as pessoas, como hoje dizemos – são a razão decisiva da sociedade ou da Comunidade. As almas têm um meio, a pátria – um fio condutor – o amor ao próximo, uma justificação – Deus.» [296]

Drª Maria Helena Duarte Souto Nunes – *Teresa de Saldanha: caminhos da jovem dama na Lisboa romântica*

«Teresa de Saldanha é uma romântica que se afastava dos parâmetros estereotipados da maioria das jovens damas de sociedade. Ao contrário da maioria que "não sabiam andar a pé", Teresa de Saldanha andava, e muito, a pé percorrendo os caminhos de Lisboa. E os seus passos levam-na para longe da Anunciada, numa época em que no interior da cidade não havia transportes colectivos, só aparecendo estes em 1873.

Frequentava o grande mundo lisboeta de então, como competia a uma jovem dama do seu nível social, dos concertos, dos passeios nos arredores de Lisboa, Teresa de Saldanha as mais das vezes desfrutava-os com prazer. Simultaneamente, sentimos implícito ao seu discurso, um certo distanciamento relativo a alguns desses prazeres mundanos.

Assim era Teresa de Saldanha, personalidade directa, pragmática, sensata, mas também subtil e sensível, atenta ao que a rodeava. Fugindo aos estereótipos de menina da

---

[295] Extracto da conferência proferida a 29 de Fevereiro de 1988.

[296] Extracto da conferência proferida a 19 de Fevereiro de 1988.

sociedade oitocentista, ela surge-nos surpreendentemente contemporânea. Bem mais do que os bailes, Teresa de Saldanha apreciava a ópera, o teatro e os concertos.

A sua imensa vontade interior canalizá-la-á para a edificação religiosa, que já por esta altura a chamava e que, por enquanto, ainda conjuga com a aptidão artística, até esses decisivos anos de 1868/1869.» [297]

Frei José Augusto Miranda Mourão, OP – *Teresa de Saldanha cedências: O amor, a circunstância, o aforismo*

«O que é verdadeiramente *fundante* na vida e na obra de Teresa de Saldanha é o ter compreendido que, pelo facto da sua consagração e dos seus votos, ela é um ser dado e oferecido, ligado a Deus e ao suspiro de São Domingo à vista das misérias e angústias humanas. Deus e os pobres. Isso era tudo. De facto, ela refere toda a iniciativa, toda a obra ao querer de Deus, integrando toda a demora, contrariedade ou oposição a essa vontade primeira.

O amor é operativo, actuante. A questão que preocupa Teresa de Saldanha, que porque muito ama, muito deseja fazer, é esta: "que hei-de fazer", ou "o que faço eu por Deus?" [298]

A preocupação com a vontade de Deus a seu respeito, o desejo de consagração de empregar a sua vida em obras de caridade e o lugar onde deveria realizá-las foram sempre no horizonte da vida de Teresa de Saldanha os pontos simultaneamente fixos e o princípio da sua deslocação.

Teresa sabe que a caridade se exerce no tempo, na relação com o outro. A circunstância aqui, é o acontecimento que se espera, o esclarecimento sobre o que se terá a fazer. A circunstância é o momento oportuno, o tempo favorável que a sabedoria preparou. A atenção ao tempo, as circunstâncias era a prioridade.

Em tudo Teresa de Saldanha manifesta uma ciência do coração, uma arte rara que só o testemunho conhece, de conjugar o tempo, Deus e a circunstância.

As cartas de Teresa de Saldanha interessam-nos pelo que transpiram do ar do tempo, como interpretação duma época, avaliação de uma obra, ressonância de uma inquietação. Os seus escritos são a respiração da sua existência ligada a um estado de coisas, ao agir que a move, ao banal a gerir. É esta ciência do coração, melhor ainda, esta pré-ciência, que segue o que o desejo em surdina lhe sussurra, um pensar laboratorial que a experiência lhe fornece que ditará a Teresa as cartas inumeráveis, as exortações breves, comezinhas, aforísticas para o tempo e as pessoas com que se relaciona. Duas cartas conheço, uma contendo na mesma frase uma citação de São Paulo, em francês: *ce n'est plus moi qui vis, c'est Jésus qui vit en moi*. [299] A sua saga é o seu risco. A sua força vem-lhe da atenção ao tempo, não da encenação macabra de um qualquer final do tempo.

Se o amor cedeu a circunstância, só aforisticamente o saberemos. Porque todo o amor exige um rosto onde dizer-se. Porque o que é individual não pode senão abordar-se.» [300]

---

[297] Extracto da conferência proferida a 26 de Fevereiro de 1988.

[298] Oeiras, 12 de Julho de 1866.

[299] Gal 3, 20.

[300] Extracto da conferência proferida a 3 de Março de 1988.

Dr. António Quadros – *Romantismo e Misticismo na pintura de Teresa de Saldanha*

«Vinte anos depois da morte de Sequeira, idêntica convergência do espírito romântico e do espírito místico se daria numa jovem aristocrata portuguesa, Teresa de Saldanha.

Domingos António de Sequeira, o primeiro dos nossos artistas românticos, pintara precisamente a tela São Pedro de Alcântara em êxtase pelos Anjos.

Mas Teresa de Saldanha vai seguir o caminho inverso ao de Sequeira que, depois de um período de recolha ascética nos eremitérios do Buçaco e de Laveiras, regressou ao mundo. Caminho inverso porque esta insólita figura de rapariga da aristocracia lisboeta, em vez de bailes, teatros, festas, namoros, vida social, como a que se fazia na Lisboa da época, cada vez se vai recolhendo mais. Dedica-se à música, à pintura, à vida contemplativa, à espiritualidade, à preocupação pelos desprotegidos. Sente atracção por um outro mundo bem diferente, o mundo dos valores religiosos, o mundo transcendente, onde uma outra luz, a luz do divino, lhe parecia bem superior finalidade para a existência.

É depois de 1855 que se dedica cada vez mais, na sua pintura, a temas religiosos. É o caso de uma Santa Brígida, que pintou para a Igreja dos Inglesinhos; de uma Nossa Senhora com o Menino Jesus, para o Hospital de São Luís; ou de um São João Baptista, ou de um Sagrado Coração de Jesus, que foram para Goa.

Restam contudo três pinturas que eloquentemente nos mostram o que era a sua pintura religiosa.

Um *Ecce Homo* místico que terá pintado talvez em 1855 ou 1856 portanto ainda com 18 anos. Este *Ecce Homo* de Teresa de Saldanha dá-nos uma impressão profunda de serenidade, de paz, não já de uma situação dramática no meio da multidão humana, mas de um diálogo com o Altíssimo, os olhos elevando-se no chão, revelam uma enorme tristeza, mas ao mesmo tempo parecem dizer: "tudo está cumprido, chegou a hora, faça-se a Tua vontade."

E é, essencialmente, uma pintura mística. Aqui se anuncia o que vai ser, não só o regresso do Filho ao Pai, não só a elevação do corpo perecível para o Espírito de Deus ou o Espírito Santo, mas também o destino escatológico da condição humana, a inundação final da sombra pela Luz.

A *Mater Dolorosa* é uma Mãe esperançosa. Nesta, a técnica espiritualista e mística do claro-escuro ainda é mais acentuada, visto que todo o quadro é um espaço de negrume – o negrume do mundo que condenou o Divino Filho – emergindo dela no entanto o rosto luminoso da Virgem. Observe-se que, mais uma vez, não nos encontramos perante um quadro dramático: os olhos elevam-se, em arroubo de natureza mística, os lábios entreabrem-se num meio sorriso, a expressão é de expectativa, senão de esperança. Em verdade, esta *Mãe Dolorosa* é a Mãe Esperançosa, no conhecimento do destino imortal do seu Filho e de toda a Humanidade.

Na pintura da Santa Rosa de Viterbo, Teresa de Saldanha evoca a Santa que se festeja a 4 de Setembro, dia do seu nascimento. Teresa sentiu-se identificada, até pela vocação precoce, com esta Santa, canonizada em 1457, e que aqui vemos mais uma vez com o rosto e as mãos, que seguram o crucifixo, iluminadas, tal como o anjo que a protege ou inspira, enquanto em seu redor, tudo é noite ou sombra.

Mas a pintora acabou por ceder inteiramente o lugar à religiosa, Irmã Dominicana. A vida religiosa, contemplativa mas também de acção criativa e pedagógica, fazendo lembrar o perfil de uma Teresa de Ávila.

De entre os seus pensamentos, há um que particularmente me impressiona: "Deus pôs no meu coração ambições maiores do que tudo quanto se pode chamar grande."

Se um Sequeira, escolhendo o mundo em vez do eremitério, veio a ser o maior pintor português da 1.ª metade do século XIX, uma Teresa de Saldanha, renunciando pelo contrário ao mundo, realizou o que para ela foi uma ambição maior do que tudo o que se pode chamar grande: colocar-se inteiramente e sem limites ao serviço de Deus.» [301]

Durante este ano jubilar, houve nas diversas Províncias grandes celebrações, estudos, exposições, concentrações, programas de rádio e de televisão.

A Província de Nossa Senhora do Rosário elaborou um plano de acção tendo como objectivo dinamizar todas as Irmãs para um aprofundamento e confronto com o carisma e vida da Madre Fundadora, levando-as a dá-la a conhecer aos utentes das suas obras e a todos os que as rodeiam, através de temas em aulas de moral e religião, catequese, dramatizações, conferências, comunicações à imprensa e, sobretudo pelo testemunho de vida.

Para atingir este fim promoveu encontros nos dias 28 e 29 Novembro, Norte e 5 e 6 de Dezembro, Sul, para ajudar as comunidades a entrar em contacto com a documentação existente e proporcionar momentos de partilha da vida e obra da Madre Fundadora.

Organizou um retiro intercomunitário, de 29 de Julho a 4 de Agosto, orientado pelo Frei Rui Carlos Antunes e Almeida Lopes, OP, focando, exclusivamente, a espiritualidade da Madre Fundadora.

Efectuou-se uma romagem ao jazigo da Madre Fundadora no dia 8 de Janeiro, aniversário de sua morte.

Preparou uma grande concentração em Fátima, a nível de toda a Província, como encerramento das comemorações, no dia 8 de Outubro de 1988. Além das Irmãs, muitos amigos, alunos, professores, pais, utentes de todas as obras, reuniram-se para uma grande festa que teve lugar no anfiteatro do Centro Paulo VI, onde, entre outras coisas, houve uma belíssima peça teatral, contando a vida de Teresa de Saldanha, apresentada pelas crianças e jovens das várias casas da Província, coordenada pela Irmã Francisca Maria Reis.

O ponto alto das celebrações foi a Eucaristia presidida por D. António Ribeiro, Cardeal-Patriarca de Lisboa:

Os três amores de Teresa de Saldanha

«Tempo de Acção de Graças. – Viemos hoje a Fátima para encerrar, neste lugar de especial significado religioso, as comemorações dos 150 anos do nascimento de Teresa de Saldanha, Fundadora da Congregação Portuguesa das Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena.

Trouxe-nos aqui o propósito de agradecer a Deus o exemplo de uma vida que, apesar de ter experimentado a morte há quase três quartos de século, continua a iluminar os nossos caminhos. E queremos, sobretudo, dar graças ao Céu pela obra que Madre Teresa nos legou, a sua Congregação de Irmãs Dominicanas, agora presente e actuante, não apenas em Portugal, mas também no Brasil e em Angola.

---

[301] Extracto da conferência proferida a 22 de Fevereiro de 1988.

Ao longo do ano das comemorações, múltiplas e belas coisas se disseram, e se escreveram, e se fizeram, em torno da figura de Madre Teresa, do seu tempo e da sua admirável actividade apostólica. Não é necessário repeti-las, no momento presente.

Hoje e aqui, desejo simplesmente sublinhar, para vossa e minha meditação, três traços fundamentais da fisionomia espiritual de Teresa de Saldanha. Poderia chamar-lhes os três grandes amores de Madre Teresa e creio que neles se corporiza a actualidade perene do carisma da Congregação que ela fundou.

O Amor de Deus. – Quem lê os escritos de Teresa de Saldanha e conhece os testemunhos que dela deram os seus contemporâneos, apercebe-se facilmente de que o primeiro grande amor da sua vida foi o amor de Deus manifestado em Cristo Jesus. Conhecer e seguir a vontade de Deus a seu respeito, descobrir o querer divino nos acontecimentos do dia a dia, conformar-se com a vontade divina conhecida, resignar-se activamente diante de factos e acontecimentos para os quais não encontra outra explicação, a não ser porque Deus assim quer ou permite – eis alguns traços bem significativos da espiritualidade de Teresa de Saldanha.

Já se afirmou, e talvez com acerto, que a espiritualidade de Madre Teresa não se caracteriza por altos voos místicos, nem por extraordinárias manifestações sobrenaturais. E, se alguma vez sentiu coisa semelhante, não hesitou em contrariá-la, como aliás expressamente refere: "Aspirações estavam a levar-me demasiado longe e eu tenho de as deixar por outras mais adequadas ao tempo". É uma espiritualidade bem inserida no quotidiano, de pés assentes no tempo presente e nas realidades que é necessário viver, sem fuga nem compromisso. Dir-se-á que é uma espiritualidade semelhante à da maioria dos santos portugueses, pouco atreitos a fenómenos místicos espectaculares.

Não se conclua, todavia, que Madre Teresa de Saldanha não foi uma contemplativa. Foi-o, certamente, em grau notável, imbuída como estava do sentido da presença de Deus, da soberania do Seu querer divino, do absoluto do Seu Ser, que tudo o mais relativiza e subordina. Foi uma contemplativa na acção.

Reside aqui – estou disso seguro – a primeira lição de actualidade da Fundadora das Dominicanas Portuguesas. Hoje como ontem, o mundo precisa de testemunhas de Deus. Precisa de cristãos – padres, religiosos, religiosas e leigos – que vivam "como se vissem o invisível", alicerçados no absoluto da fé e projectados no quotidiano da existência para a acolher e transformar. Primeira lição e primeiro apelo, a que não podemos furtar-nos, todos os que decidimos comemorar os 150 anos do nascimento de Teresa de Saldanha.

O segundo amor de Madre Teresa foi, indubitavelmente, o amor dos pobres.

Sendo rica, sobretudo em bens de cultura e linhagem de nascimento, não receou fazer-se pobre por amor dos pobres. Logo na juventude, dedicou-se com entusiasmo à Associação Protectora das Meninas Pobres, da Rua de Santa Marta, onde exerceu relevante actividade. E mais tarde, quando pensa fazer-se religiosa, é sempre o serviço dos pobres que a seduz. Deseja uma Congregação voltada para a promoção dos mais desfavorecidos. Ela própria assim escreve: "Em Lisboa nada existia, nesse tempo, nem Comunidades Religiosas dedicadas à vida activa; nem Hospitaleiras, nem Doroteias; as Irmãs de Caridade francesas tinham sido expulsas; portanto, a falta tão grande de uma Congregação que se dedicasse ao serviço dos pobres e educação de crianças fez-me desejar imenso trabalhar para realizar o meu sonho, o que assim parecia nesse tempo semelhante plano, pelas dificuldades que se julgavam invencíveis."

A História das Dominicanas Portuguesas de Santa Catarina de Sena diz como o sonho se realizou e as dificuldades se venceram. Desde o começo, as Irmãs cuidaram dos doentes, dos diminuídos, dos marginalizados e ofereceram educação e instrução a numerosas gerações de poucos haveres. E, mesmo quando a Fundadora decidiu abrir os seus colégios a alunas mais abastadas, fê-lo a pensar nos pobres, pressentindo, justamente, que não é possível promover os mais desfavorecidos, sem converter os ricos, sem formar mulheres e homens novos, de coração aberto aos clamores da pobreza e da miséria moral e material.

Neste amor preferencial pelos pobres, reside a segunda grande lição de Madre Teresa. E daí se ergue um apelo que ninguém pode deixar de ouvir. Ele constitui a essência do Evangelho de Cristo. De nada vale falar línguas ou realizar prodígios, se em nós não existe amor de Deus e dos homens. De nada serve percorrer caminhos ásperos, se não for para evangelizar os pobres, libertar os cativos, remover o jugo da opressão e anunciar a todos a alegria do jubileu dos tempos novos, os tempos da justiça e da verdade, do amor e da paz.

Nenhum cristão deve esquecer este apelo. E muito menos o podem ignorar as Irmãs Dominicanas Portuguesas. Dos seus colégios e das suas instituições, necessário é que continuem a sair mulheres e homens renovados pelo Evangelho de Cristo, sempre solidários com os mais pobres e decididos a colaborar activamente na construção de um mundo mais justo e fraterno.

Por fim, o terceiro amor de Madre Teresa de Saldanha foi o *amor da pátria.*

Sofreu, como se fora na própria carne, os agravos que se fizeram à genuína alma da Nação, a partir de meados do século XIX. E não se resignou, sem levar por diante quanto estava ao seu alcance para modificar o estado de coisas, em que lhe foi dado viver. Sempre quis trabalhar em Portugal e não imaginava a sua Congregação, a não ser portuguesa e posta ao serviço da regeneração espiritual da sua pátria.

Era a percepção exacta das enormes necessidades, então existentes, que a levava a pensar e sentir assim. Em nome da "civilização e das luzes do século", as Ordens e Congregações Religiosas haviam sido suprimidas, em 1834, e desde então tornavam-se, cada dia, mais prementes as urgências sociais de educação dos jovens, de amparo das crianças pobres e dos órfãos, de cuidado dos doentes, de protecção das raparigas em perigo moral. Tanto que fazer e tão pouco quem o fizesse!

A tenacidade de Teresa de Saldanha era, todavia, maior do que os obstáculos erguidos à sua frente. O seu amor a Portugal lançava-a na ousada aventura de fundar uma nova Congregação religiosa, que desse resposta a carências daquele género. Teresa não se resignou, não cruzou os braços, não esperou que outros fizessem o que deveria ser feito.

Também nisto vejo uma lição e descubro um apelo de notória actualidade. Certo é que já não estamos em 1834, nem sequer em 1910. Mas continua a ser preciso honrar e engrandecer Portugal. Este é, aliás, dever perene de todos os cidadãos, particularmente dos católicos. Diz o Concílio Vaticano II: "Os católicos sintam-se obrigados a promover o bem comum, na dedicação à pátria e no fiel cumprimento das obrigações civis, e façam valer o peso da sua opinião, de modo a que o poder civil se exerça com justiça e as leis correspondam aos preceitos morais e ao bem comum." [302]

A sociedade portuguesa ainda não saldou a dívida de gratidão contraída para com a Fundadora das Dominicanas de Santa Catarina de Sena. Mais do que certos nomes, merecia

---

[302] (AA.14).

figurar o de Teresa de Saldanha nalguma rua de Lisboa e, porventura, de outras cidades do país.

E também o Estado ainda não reparou a grave injustiça cometida em 1910, quando esbulhou a Madre Teresa da Casa Mãe da sua Congregação, o então Colégio de São José de Benfica, casa por ela adquirida com meios patrimoniais próprios e devidamente registada em seu nome pessoal. O esbulho, além de injusto, terá mesmo sido ilegal, dado que a lei autorizava a confiscação dos bens dos institutos religiosos, mas não os dos cidadãos particulares.

Mas já vai longa esta palavra e, por isso, a termino.

Os três grandes amores de Madre Teresa reduzem-se, afinal, a um só: o amor de Deus prolongado no amor dos Irmã os, sobretudo os mais carecidos.

A Virgem Maria, em cujo Santuário hoje nos reunimos, nos alcance a graça de, no nosso tempo e à nossa maneira, seguirmos o exemplo que nos deixou Teresa de Saldanha, nascida há 150 anos.»[303]

O país que não compreendeu nem reconheceu, na sua época, a personalidade e o alcance da obra de Madre Teresa de Saldanha é o mesmo que, passadas algumas décadas lhe reconhece publicamente os méritos. Por ocasião dos 150 anos de seu nascimento, o seu nome passou a figurar na toponímia local:

Lisboa, 3 de Abril de 1988.

> «Tenho o prazer de informar V. Ex.a que no Edital n.º 88, decidi atribuir à Rua Particular, à Estrada da Póvoa, o topónimo Rua Teresa de Saldanha, em homenagem à benemérita e santa.
> Encarrega-me o Senhor Vereador da Comissão Municipal de Toponímia, Comandante Pinto Machado, de enviar a V. Ex.a cópia dos recortes de imprensa onde saiu noticiada a atribuição do nome de Teresa de Saldanha a uma rua da capital portuguesa.»[304]

Na Província de Santa Cruz, Brasil, as celebrações dos 150 anos do nascimento de Teresa de Saldanha tomaram uma dimensão eclesial.

A participação das Irmãs nas diversas pastorais das dioceses onde estão inseridas serviu-lhes de porta de entrada para levarem ao conhecimento do povo de Deus a figura da Madre Fundadora. Com efeito, promoveram-se conferências, encontros de estudo, de celebração e de oração, nos vários grupos e movimentos da Igreja local, evocando a sua vida e obra.

O programa elaborado para esse ano jubilar foi um convite a cada uma das Irmãs a confrontar a sua vida religiosa, quer particular, quer comunitária, com o ideal traçado pela Madre Fundadora para as suas filhas e a sua Congregação. A equipe organizadora, presidida pela Irmã Maria de São Paulo Tibúrcio, deslocou-se a todas as casas da Província, para uns dias de estudo, reflexão, celebração e confraternização a nível comunitário.

---

[303] 1988, A.G.C.

[304] A.G.C.

As Irmãs em todas as comunidades promoveram uma intensa divulgação, através de programas de rádio e da imprensa – revistas, jornais, boletins informativos, panfletos. Nas paróquias, capelas e em locais de acesso público, afixaram o cartaz oficial do evento e fotos da Madre Fundadora.

Nos colégios as comemorações atingiram os alunos de todos os níveis. Nas aulas de formação religiosa, as Irmãs promoveram estudos, sessões de filmes e slides, palestras e momentos de celebração e de oração. Nas outras áreas, gincanas e concursos de cartazes, redacções, cânticos e poesias; coreografias, murais, teatros. Para atingir os pais, aproveitaram o momento de reflexão, que normalmente acontece no início das reuniões de pais e mestres.

As Irmãs brasileiras deram especial atenção à sua actuação junto dos professores, transmitindo-lhes um pouco da pedagogia da Madre Fundadora. Nesta linha, realizaram alguns encontros entre os professores dos diferentes colégios, e, a partir deste ano jubilar, o projecto educativo de Teresa de Saldanha passou a fazer parte do planeamento escolar.

No final do retiro do mês de Julho, em Amparo, realizou-se a nível de Província, uma romaria ao Santuário de Aparecida do Norte com um grande número de Irmãs, para celebrar a Eucaristia de Acção de Graças pelo dom da Madre Fundadora.

As comemorações no Brasil tiveram o seu apogeu em Limeira, como podemos ler no Relatório da Província:

«A Província de Santa Cruz, Brasil, celebrou, a nível provincial, no dia 13 de Setembro, no Colégio São José de Limeira, o encerramento das comemorações dos 150 anos do nascimento da Madre Fundadora, Teresa de Saldanha.

Com grande entusiasmo já desde a antevéspera, as Irmãs de várias comunidades espalhadas pelo país, foram chegando e alegremente trouxeram dentro de si, o contentamento e a disponibilidade de somar esforços com um único objectivo: fazer daquele domingo um dia muito feliz.

As festividades traduziram a vida cheia de amor a Deus, com a qual a imortal "aniversariante" sempre pautou a sua conduta dedicada à causa dos seres humanos carentes de tudo, principalmente da graça divina.

Cada Comunidade trouxe, à Província reunida, uma bela surpresa que reflectia o melhor de si mesma. Tudo em sinal de gratidão e amor àquela que doou a sua vida a Deus na pessoa dos irmãos.

O início da festa foi às 9 horas, na quadra desportiva. A abertura foi feita pela fanfarra do colégio. Com a orientação de instrutores e professores de educação física, várias melodias foram executadas, para despertar o entusiasmo no coração de todos os presentes.

O Conservatório Musical São José, de Limeira, apresentou com alunas do curso de dança, uma coreografia evocativa da vida da Madre Fundadora. As alunas exibiram danças típicas dos países onde a Congregação está presente: Portugal, Angola e Brasil. Foi um número muito alegre com todo o colorido e ritmo característicos de cada país.

A Comunidade de São Paulo, com as alunas do Colégio de Santa Catarina de Sena, trouxe à apresentação um número artístico, onde buscava fundamentar o lado social vivenciado pela Madre Fundadora. Assim, através do *ballet* e de bonitas expressões corporais, as alunas propiciaram à plateia, um espectáculo deslumbrante.

Um grupo de alunos do Colégio São Domingos, de Faxinal, Paraná, através de composições e melodias enfocaram muito bem as várias etapas da vida de Teresa de Saldanha.

As aspirantes da Casa de Santa Rosa de Lima, de Londrina, apresentaram um jogral que falava da vocação religiosa e da vocação pessoal de Teresa de Saldanha, ressaltando os momentos mais marcantes de sua vida dedicada a Deus.

A Casa da Criança de Itaquaquecetuba, São Paulo, que tem por finalidade acolher os menores abandonados, apresentou, através das suas crianças, um espectáculo comovente e real. Na forma de teatro, transmitiram à assistência, o drama do abandono e rejeição ao qual elas são expostas na dura vida das cidades, um lamentável cenário que todos sabemos existir. Por fim, num cântico de liberdade, exigiram o mesmo espaço das crianças em melhor situação económica.

Uma aluna da Escola Guido Maria Confort, da Casa Nossa Senhora de Fátima Lupionópolis – Paraná, com toda a sua meiguice e simplicidade encantadoras, declamou uma poesia, muito bonita. Conseguiu colocar vida na poesia.

Trazendo alegria às festividades desse dia, a Comunidade escolar do Colégio Nossa Senhora do Carmo de Borda da Mata – Minas Gerais, sobressaiu brilhantemente com a apresentação de uma dança rítmica, a singular dança da fita. Adolescentes do 1.º grau, com a espontaneidade, própria dessa idade, transmitiram a todos a esperança de um mundo mais fraterno, que sempre foi almejado pela Madre Fundadora.

Como encerramento da primeira parte do dia, tivemos um belo número artístico apresentado pelas crianças do Colégio São José. Demonstraram, com os seus uniformes brancos, a paz e a simplicidade. Desenhando o nome de Teresa no piso da quadra, levaram aos corações dos presentes, o sentimento da Madre Teresa de Saldanha: criar algo que conseguisse transmitir a paz necessária aos jovens da sua época.

Após essa apresentação houve um intervalo para o almoço de confraternização.

A seguir, todos se reuniram para apreciar, através de videocassetes e slides, os trabalhos que não puderam ser apresentados ao vivo.

Em prosseguimento às festividades, no salão nobre do colégio, todos puderam assistir a uma peça teatral retratando a vida da Madre Fundadora. O seu nascimento, baptismo, primeira eucaristia, formação cultural e religiosa, bem como todo o esforço para fundar a Congregação. Apresentaram-na alunos e pessoas amigas da família dominicana. Entre um acto e outro, houve músicas executadas ao piano, por alunas do Conservatório Musical São José.

Coroando as festividades do aniversário da Madre Teresa de Saldanha, nos 150 anos de seu nascimento, foi celebrada às dezasseis horas uma Eucaristia de Acção de Graças, na Catedral de Nossa Senhora das Dores, presidida por D. Fernando Legal, Bispo da Diocese de Limeira. Participaram da missa, alunos, pais, autoridades civis, amigos e demais convidados, além de todas as Irmãs que comemoravam as festividades.

Na homilia, D. Fernando salientou a grande responsabilidade de ser religiosa hoje. Cada religiosa "deve ser um instrumento de Deus no caminho da santidade da Igreja."» [305]

As comemorações na Província de São Domingos, Angola.

Tendo como objectivo, tornar a Madre Teresa de Saldanha mais conhecida, para ser mais amada, não só pelas Irmãs da Província, mas pela Igreja de Angola, sobretudo nas missões onde nos encontramos, o Conselho Provincial constituiu uma equipa formada pelas

[305] Relatório das comemorações dos 150 anos de Teresa de Saldanha, 1988, A.G.C.

Irmãs: Maria Rosália Lincho, Rita Maria do Nascimento Lourenço Nicolau e Idalina da Costa Faria, para dinamizar as celebrações.

As comemorações foram abertas no dia 8 de Janeiro de 1988 com uma solene celebração eucarística na Igreja de Nossa Senhora do Carmo em Luanda, presidida pelo Senhor Bispo Auxiliar, D. Pedro Luís Scarpa, que nos falou de Teresa de Saldanha – Mulher da Igreja – que muito amou a vida religiosa dominicana.

Em Julho desse ano organizou-se em Luanda – *Uma semana com Teresa de Saldanha* – encontro de Irmãs da Província, sob a orientação da Irmã Ana Maria de Sousa Vieira, que se deslocou propositadamente a Angola para esse fim. Participaram mais de 75% das Irmãs da Província, bem como o Noviciado. A Irmã Ana Maria falou também ao povo de Deus sobre a figura e acção de Teresa de Saldanha, em várias celebrações, nos locais onde a congregação se encontra.

Para além dos grandes momentos celebrativos deu-se maior ênfase às principais datas da vida da Madre Fundadora com todo o colorido e alegria tão próprios do povo africano. Promoveram-se conferências, momentos de reflexão, estudo e oração nas comunidades e com o povo das diversas missões onde as Irmãs actuam.

Publicou-se um opúsculo: *Teresa de Saldanha – mulher forte e humilde*, banda desenhada, destinada a crianças e jovens com texto das Irmãs e desenho de um jovem da Paróquia de Nossa Senhora do Carmo. Para melhor dar a conhecer a mensagem evangélica que nos legou a Madre Teresa de Saldanha, divulgaram-se cartazes com alguns dos seus pensamentos.

As celebrações terminaram no dia 8 de Agosto de 1988, Festa de São Domingos, na Paróquia de Nossa Senhora do Carmo, numa Eucaristia concelebrada pelos bispos: D. Pedro Luís Scarpa, D. Francisco Viti, D. Zacarias Kamuwenho[306], D. Eugénio Salessu e por numerosos sacerdotes.

Num templo repleto de fiéis, missionários e Irmãs da congregação, em ambiente de festa solene e alegria contagiante, três jovens Irmãs angolanas fizeram a sua profissão religiosa.

O Presidente da celebração referiu-se à grande admiração de Teresa de Saldanha a São Domingos no seu amor pela Verdade, em cuja Ordem enxertou a sua congregação. Deixou atrás de si um património que não é constituído por bens que a traça corrói, mas por um espírito, uma inspiração de vida, que continua a atrair jovens. Incentivou a assembleia a prosseguir no caminho percorrido pela Madre Teresa de Saldanha, que é para todos os cristãos um modelo no seguimento de Jesus.

O eco deste Jubileu chegou à Santa Sé.

Eis a carta da Secretaria de Estado do Vaticano à Superiora Geral, no Encerramento das Comemorações:

> «Chegou ao conhecimento do Sumo Pontífice o teor da carta-convite, subscrita pela Vigária Geral da Congregação Portuguesa das Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena, com a qual se quis informar o Pai Comum do encerramento das comemorações do 150.° aniversário do nascimento da Madre Teresa Saldanha, Fundadora da família religiosa.

[306] Arcebispo de Lubango, Prémio Sakharov do Parlamento Europeu para os Direitos Humanos, 2001.

Grato pelo gesto de devotamento, implícita afirmação de protestos de adesão e fidelidade à Cátedra de São Pedro, o Santo Padre encarregou-me de certificar da Sua presença espiritual, com a oração e bons votos que renova. E deseja, mais uma vez, exortar as caríssimas Irmãs a fazerem das comemorações vividas um motivo de nova arrancada na imitação generosa do divino Mestre, quanto ao amor do próximo e à adoração de Deus, em fidelidade ao carisma peculiar do instituto. Uma fidelidade que assente na consciência de Igreja e do valor eclesial da vida consagrada, e as leve a avançar jubilosas pelos caminhos dos conselhos evangélicos e da comunhão fraterna. Mais do que aquilo que fazem, será sempre o que as Irmãs são que tornará conhecida a Congregação e atrairá novas vocações. E Sua Santidade o Papa corrobora estes votos estimulantes com a implorada Bênção Apostólica.

Serve-me a oportunidade para lhe afirmar religiosa consideração em Cristo Senhor.»[307]

Tudo o que se realizou foi obra do Espírito actuando em equipas diversificadas, que, trabalhando cada uma no seu sector, projectaram uma acção cuja envergadura ultrapassou todas as perspectivas.

A celebração dos 150 anos do nascimento de Teresa de Saldanha foi um marco decisivo para a introdução do seu processo de canonização.

Erecção das Províncias – 1969

O Capítulo Geral Extraordinário, celebrado em 1967 – 1968, atento aos apelos do Concílio Vaticano II, aprovou algumas mudanças na estrutura da Congregação. Uma delas foi a descentralização do governo. Até esta altura, a Congregação era dirigida pela Madre Geral e seu Conselho com sede em Portugal e representada nos outros países onde a Congregação se encontrava por uma Vigária nomeada pelos Capítulos Gerais.

Delineou-se uma forma de governo regional, constituído por três Províncias autónomas, unidas entre si através da Madre Geral e observância das Constituições.

No dia 15 de Outubro de 1969, concluído o processo junto da Santa Sé, teve lugar a cerimónia da Erecção das Províncias. Na capela da casa de São Domingos do Santíssimo Rosário, em Fátima, durante a celebração eucarística e com toda a solenidade exigida pela importância do acto, foram lidas as cartas de nomeação das Madres Provinciais das três Províncias:

Província de Nossa Senhora do Rosário – constituída pelas casas do Norte de Portugal: Braga, Sameiro, Guarda, Aveiro, Coimbra, Fátima e Leiria.
Superiora Provincial: Madre Maria Jacinta Morais Gomes.

Província de Santa Cruz – constituída por todas as casas da Congregação, no Brasil
Superiora Provincial: Madre Maria do Perpétuo Socorro Costa.

[307] Cidade do Vaticano, 7 de Outubro de 1988, E. Cassidy, Substituto, A.G.C.

Província de São Domingos – constituída pelas casas do Sul de Portugal: Lisboa, Parede, Estremoz; da Ilha da Madeira: Funchal; de Angola e Moçambique.
Superiora Provincial: Madre Maria de São João de Brito Almeida.

A Província de Nossa Senhora do Rosário

A Província de Nossa Senhora do Rosário herdou as mais antigas casas da Congregação, uma vez que estas estão implantadas em Portugal.

A sua primeira Provincial, Madre Maria Jacinta Morais Gomes, pessoa muito dinâmica, boa, generosa e com larga experiência missionária, durante os anos em que esteve à frente da Província, visitou com frequência as comunidades e procurou responder às necessidades que se lhe iam apresentando.

Em 1972 as delimitações da Província foram alteradas, passando assim, a ser constituída por todas as casas estabelecidas em Portugal continental e insular, com excepção a casa de São José, Ramalhão, em Sintra, sede da Congregação, sob a directa jurisdição da Madre Geral.

Em Julho deste ano foi Provincial a Madre Maria da Ascensão Duarte de Oliveira. O seu mandato foi marcado por algumas inovações importantes. Considerou a formação espiritual e profissional como uma prioridade. Assim disponibilizou Irmãs que, numa casa para isso destinada, frequentavam cursos de formação. Tendo em vista a renovação da vida religiosa, promoveu na Província cursos do *Movimento do Mundo Melhor* e incentivou todas as Irmãs a neles participar.

Foi ainda no seu mandato que se abriu a primeira Comunidade de inserção da Província, junto à Paróquia de São Domingos de Benfica, no Bairro das Furnas.

Como terceira Provincial, teve a Madre Maria Assunta Sousa Cruz, eleita no Capítulo Provincial de 1975 e reeleita para um segundo mandato em 1978.

Atenta aos desafios dos novos tempos, abriu, em 1975, duas comunidades de inserção, uma em Castro Daire, diocese de Lamego e outra em Dornelas do Zêzere, diocese de Coimbra. Visitou frequentemente as casas da Província, estando atenta e partilhando das alegrias e dificuldades das Irmãs.

Preocupada com a sua actualização e crescimento, deu grande impulso à formação permanente, organizando cursos, encontros e outras actividades intercomunitárias.

O Capítulo Provincial de 1981 celebrado na Casa de São José, em Lisboa, elegeu a Irmã Maria Manuela dos Anjos, sua quarta Superiora Provincial que foi reeleita em 1984 e no Capítulo de 1987, foi reconduzida para um terceiro triénio.

Durante o seu mandato, a Irmã Maria Manuela dos Anjos fez duas novas fundações, uma em Portimão, em 1986 e outra na Ilha de São Miguel, Açores, em 1988, ambas para acolher e dar apoio a menores carenciadas. Fechou, em 1985, a casa de Dornelas do Zêzere.

Visitou as diversas comunidades, animando as Irmãs na sua caminhada.

Muito se empenhou por adquirir o Palácio da Anunciada, local onde nasceu e foi baptizada a Madre Fundadora, o que não se realizou.

Em Agosto de 1990, foi eleita, pelo Capítulo Provincial reunido em Leiria, a Irmã Maria Inês d'Abreu Mota e Melo. Foi reeleita para mais dois mandatos nos Capítulos de 1993 e de 1996, reunidos em Fátima.

Remodelou e modernizou a casa de São Domingos do Santíssimo Rosário, em Fátima, e, como a casa de Aveiro não apresentava as condições adequadas para o funcionamento de um lar universitário, construiu para esse fim, um edifício amplo, moderno e funcional, perto da Universidade de Aveiro, que foi inaugurado em 1993. Neste mesmo ano fechou a casa da Belida em Santarém.

Enquanto esteve à frente da Província, promoveu um grande número de cursos e encontros, visando a formação espiritual, humana e cultural das Irmãs. Assumiu as despesas da informatização dos escritos da Madre Fundadora em vista do seu Processo de Canonização. Fez parte da Comissão do Patriarcado de Lisboa para a organização do acolhimento ao Papa João Paulo II na sua visita a Portugal em Maio de 1991 o que também já tinha feito em 1982.

O Capítulo Provincial de 1999, reunido em Fátima, elegeu sua sexta Provincial, Irmã Rosa Catarina Pereira Figueiredo, que continua a conduzir e animar a Província.

A Província de Nossa Senhora do Rosário teve sua sede inicialmente em Aveiro, mudou-se em 1975 para Fátima e, em 1978, fixou-a em na Casa de São José, Restelo. É constituída por vinte comunidades, dedicadas quer à educação da infância e da juventude, quer inseridas em obras de acolhimento e promoção dos mais carenciados da sociedade.

Província de Santa Cruz

A parcela da Congregação, no Brasil, foi governada por Vigárias Gerais nomeadas pelos Capítulos Gerais até 15 de Outubro de 1969, data da erecção da Província. Desde então, passou a ser governada por Provinciais eleitas pelos Capítulos Provincias.

1.ª Vigária – Madre Maria de Santo Inocêncio Lima.

Por nomeação da Madre Teresa de Saldanha, foi Vigária desde a chegada das Irmãs ao Brasil a 7 de Março de 1911. Em Setembro de 1911 foi confirmada oficialmente no cargo pelas Madres Visitadoras: Madre Maria Teresa de Saldanha Oliveira e Sousa[308] e Madre Maria José Soares de Albergaria. Foi nomeada, outra vez, a 28 de Agosto de 1913, por quatro anos, pelo Conselho Geral. Exerceu o cargo até 16 de Novembro de 1917. Durante o seu mandato fundou as casas de Campinas, Amparo, Copacabana, Petrópolis e Piracicaba.

2.ª Vigária – Madre Maria Emília Renon, eleita pelo Conselho Geral em 1917. Ocupou o cargo até 1920.

3.ª Vigária – Madre Maria de Santo Inocêncio Lima, nomeada em Agosto de 1920, foi confirmada no cargo pelo Capítulo Geral de 1922 e exerceu-o até 18 de Outubro de 1928.

Fundou, em 1921, a casa de Limeira. Acumulou, então, os cargos de Vigária Geral, Prioresa da Comunidade e Directora do Colégio São José em Limeira.

4.ª Vigária – Madre Maria Emília Renon, foi nomeada em 1928 e exerceu o cargo até 1934. Deste ano até 16 de Setembro de 1937 esteve no Vicariato como Pró-Vigária.

Fundou, em 1933, a Casa de Santa Catarina em São Paulo.

---

[308] Sobrinha da Madre Fundadora.

5.ª Vigária – Madre Maria Joana de Jesus Crucificado Martins.

Nomeada no Capítulo Geral em Maio de 1937, chegou a Amparo em 16 de Setembro, tomando logo posse do cargo. Exerceu-o até ao dia 22 de Maio de 1946. No dia 31 deste mês, embarcou para Portugal a fim de tomar parte no Capítulo Geral de Julho daquele ano. Nomeada terceira Conselheira Geral, não voltou ao Brasil.

Durante o seu mandato, fundou em 2 de Fevereiro de 1942 a casa de Nossa Senhora do Carmo, em Borda da Mata.

6.ª Vigária – Madre Maria Letícia de Jesus Eucarístico Xavier.

Nomeada no Capítulo Geral de Julho de 1946, tomou posse em 10 de Setembro de 1946 e exerceu o cargo até ao dia 2 de Setembro de 1949.

7.ª Vigária – Madre Maria Teresa de Jesus Mendonça.

Nomeada pela Rev.ma Madre Geral, tomou posse a 1 de Novembro de 1949, foi reeleita em 1 de Novembro de 1952. Vencido o segundo triénio, continuou a exercer o cargo até 20 de Setembro de 1956.

8.ª Vigária – Madre Maria do Loreto Freire Beirão.

Vinda da casa de Fátima onde era Superiora, chegou ao Brasil a 15 de Setembro de 1956 e dia 20 tomou posse como Vigária Geral. Foi reeleita a 24 de Setembro de 1959.

Fundou, dando prioridade à promoção vocacional e a pedido dos Padres Dominicanos Malteses, quatro casas no estado do Paraná: em 1957, Cafeára e Lupionópolis, em 1963, a casa de Borrazópolis e em 1964 a casa de São Domingos em Faxinal.

Em 1959, a pedido de D. Francisco Prada, bispo de Uruaçu, Goiás, fundou naquela cidade a casa de Nossa Senhora Aparecida.

Regressou a Portugal em 7 de Agosto de 1964.

9.ª Vigária – Irmã Maria Isabel Coelho.

Foi nomeada em 12 de Novembro de 1964 e exerceu este cargo até 1968.

1.ª Provincial – Madre Maria do Perpétuo Socorro Costa.

No dia 15 de Outubro de 1969, teve lugar a cerimónia da erecção das Províncias e a tomada de posse das respectivas Provinciais. A Madre Maria do Perpétuo Socorro fora escolhida pelas Irmãs brasileiras, em votação secreta. Foi reeleita para um segundo triénio em Dezembro de 1972 e para um terceiro, em Dezembro de 1975 o qual não terminou por ter sido eleita, em 1976, Superiora Geral da Congregação

Em 1974 assumiu a Casa da Sagrada Família, obra da Criança Zenaide de Souza Lima em Itaquaquecetuba, São Paulo e em 1975, o Centro de Treinamento de São José, da diocese de Uruaçu, Goiás.

2.ª Provincial – Irmã Maria do Bom Conselho Teixeira Martins.

Foi eleita Provincial a 4 de Dezembro de 1976 e reeleita no Capítulo de 1979 para um segundo triénio.

Em 1977 abriu a Casa Madre Fundadora, São Paulo e aí fixou a sede da Província de Santa Cruz e Casa de Juniorado.

3.ª Provincial – Irmã Maria da Pureza Fonseca Correia.

Foi eleita em 12 de Julho de 1982 e reconduzida para um segundo triénio no Capítulo de 1985.

Fundou em 1984 a Casa de Santa Rosa de Lima em Londrina, Paraná, destinada à formação das aspirantes e, em 1986, abriu uma comunidade de inserção, Casa Madre Maria do Sagrado Coração de Jesus, em Dirceu Arcoverde, Piauí, nordeste brasileiro.

4.ª Provincial – Irmã Maria do Carmo Silva.

Eleita no Capítulo Provincial de 1988 e reeleita em Julho de 1991, foi reconduzida em 1994 para um terceiro triénio.

Em 1994 fundou em Petrolina, estado de Pernambuco, nordeste brasileiro, uma casa de acolhimento aos mais carenciados e de inserção, sob o patrocínio de Nossa Senhora do Rosário

5.ª Provincial – Irmã Dinazília Ribeiro Damacena.

Foi eleita pelo Capítulo Provincial em Julho de 1997 e reeleita em Julho de 2001. Concebeu para si uma forma de governo itinerante, promovendo, pessoalmente, acções de formação junto de cada comunidade.

A sede da Província passou consecutivamente por Campinas, Limeira, Campinas, Amparo, São Paulo, Amparo, São Paulo. É constituída por onze comunidades, dedicadas à educação da infância e da juventude nos colégios, à acções de promoção em casas de inserção nos meios mais necessitados e à actuação nas diversas pastorais da Igreja do Brasil.

Província de São Domingos

A Congregação, desde o seu estabelecimento em Angola e Moçambique no ano de 1959 até 15 de Outubro de 1969, data da erecção das Províncias estava directamente dependente da Madre Geral.

Com a criação da Província de São Domingos, passou a ser governada por Madres Provinciais sendo constituída pelas casas de Angola, Moçambique e também por algumas de Portugal. Dadas as diferenças culturais e as grandes distâncias existentes entre os dois continentes chegou-se à conclusão de que teria de haver outra delimitação da Província. É isso que podemos ler na acta da reunião do Conselho Geral de 26 de Junho de 1972, presidida pela Madre Maria do Sagrado Coração de Jesus Valente: «foi votada e aprovada, por unanimidade, uma nova delimitação das Províncias, em que ficariam a pertencer à Província de São Domingos apenas as casas de África.» [309]

Nesse mesmo ano, celebrou-se, o primeiro Capítulo Provincial, na Casa de Nossa Senhora de Fátima, em Luanda com representantes das Irmãs de Angola e Moçambique.

Instalou-se a sede da Província na Casa de Nossa Senhora de Fátima e ficou à frente da Província a Madre Maria Teresa Ferreira do Carmo.

---

[309] Actas do Conselho Geral, Livro D, fl. 331, A.G.C.

Este Capítulo foi um passo histórico na presença da Congregação em África. Pretendia-se, de algum modo, mudar o ritmo anterior ao lançar-se o desafio da inculturação. Uma nova fase estava a germinar.

A estabilidade, contudo, foi precária.

A situação sociopolítica, gerada pelos acontecimentos de 1975, levou as todas as Irmãs de Moçambique a deixar o território; em Angola, das vinte e duas Irmãs, que aí trabalhavam, em quatro comunidades, apenas permaneceram quatro Irmãs: Maria Teresa Ferreira do Carmo, Maria Celeste Faria, Maria da Soledade Neto [310] e Maria Fernanda Pedrosa Rei, um pequeno resto, que aceitou correr todos os riscos. Foi uma permanência providencial, graças a Deus e à intervenção do Senhor Arcebispo de Luanda, D. Manuel Nunes Gabriel, que não aceitou a extinção da Congregação em Angola. Deus abençoou a semente e os frutos foram-se colhendo.

As poucas Irmãs juntaram-se na Casa de Nossa Senhora de Fátima – lar, por algum tempo, e iam trabalhar à Paróquia de Nossa Senhora do Carmo. Não resistindo, porém, à pressão dos assaltos quase diários, deixaram o lar e foram instalar-se na torre da Igreja do Carmo. Algum tempo depois, esse edifício do lar foi nacionalizado, passando a funcionar nele a Escola do Partido.

A perseguição religiosa recrudesceu e a Congregação foi despojada de todos os bens. Tudo ficou nas mãos do Governo.

Apesar de algumas Irmãs terem, entretanto, regressado a Angola, o seu número era insuficiente para ser considerada canonicamente uma Província. Porém, por despacho da Sagrada Congregação para os Religiosos, as Irmãs receberam a alegre notícia de poderem conservar legalmente a Província, em circunstâncias excepcionais. A Provincial continuava a ser a Madre Maria Teresa Ferreira do Carmo.[311]

Nessa hora difícil para todos, as Irmãs assim como todos os missionários sentiram-se muito apoiados pela presença do primeiro Delegado Apostólico em Angola. Deu-lhes autorização, como situação transitória, que a sede da Província funcionasse na pequena Casa de Nossa Senhora do Carmo, um rés-do-chão alugado na Rua Tipografia Mamã Tita, nº. 16, perto da Igreja do Carmo.

Como sede da Província de São Domingos, esta pequena casa pode contar a grande história que foi a sua restauração em Angola. Pouco a pouco, muitas das Irmãs que tinham saído começaram a regressar e a ocupar velhos e novos lugares de missão.

Em 1980 sentiu-se a urgência de definir a situação do governo da Província, já há três triénios sem eleições e de reorganizar as três casas existentes, assim como toda a orgânica, de acordo com o dinamismo de uma nova situação, expansão e exigências eclesiais.

Foi então solicitado ao Conselho Geral a celebração de um Capítulo Provincial, o qual foi autorizado, tendo em conta a situação especial.

Em Maio de 1981 foi celebrado, na Casa de Nossa Senhora do Carmo, o Capítulo, presidido pela Madre Maria de São João de Brito Almeida, Vigária Geral, no qual foi eleita Provincial a Irmã Maria Adelaide António.

---

[310] Veio de Luanda para Lisboa, com uma septicémia em estado gravíssimo, tendo falecido no dia imediato ao da chegada, 23 de Setembro de 1977. Tinha 45 anos.

[311] Na época da Independência não havia número canónico de Irmãs da Congregação em Angola para se realizar o Capítulo Provincial.

Nesta altura foi dada prioridade à promoção vocacional e à formação. Assim, jovens aspirantes foram admitidas nas diversas casas, onde recebem formação humana, religiosa e académica.

O Noviciado foi aberto, em Setembro de 1982, na Casa do Lobito, diocese de Benguela. A pastoral vocacional experimentou um grande impulso, em toda a igreja e na Congregação que passou a ter também um rosto africano.

No dia 22 de Junho de 1983 as três primeiras postulantes: Maria Cristina Francisco dos Santos, Idalina da Costa Faria e Marta Silvestre tomaram o hábito dominicano, fazendo os primeiros votos a 15 de Junho de 1985.

A primeira Mestra de Noviças da Província foi a Madre Maria Teresa Ferreira do Carmo, a segunda foi a Irmã Idalina da Costa Faria, a terceira a Irmã Filipa António Manuel Alexandre, as duas últimas angolanas.

O conceito de missão tinha mudado radicalmente, no pós-independência. As Irmãs, sem obras próprias, disponibilizaram-se para compromissos de âmbito eclesial mais amplo e muito contribuíram para a consolidação da vida consagrada em Angola.

A Irmã Maria Adelaide António desempenhou funções na USMIRFA – Federação das Religiosas – bem como a Irmã Rita Maria Nicolau que além disso deu aulas no Seminário Maior de Luanda, no ICRA – Instituto de Ciências Religiosas de Angola, no Juniorado Inter-congregacional, na Escola Missionária, ministrou conferências e Cursos.

Em Benguela, a Irmã Maria Bernardete Gaspar deu aulas de português no Seminário Propedêutico; várias Irmãs leccionaram em escolas oficiais; a Irmã Maria de Fátima Loureiro trabalhou na CEAST – Conferência Episcopal de Angola e São Tomé, no ICRA , bem como a Irmã Ana Tchitambo.[312]

A partir da década de noventa, do século passado, o Governo devolveu os imóveis às Missões: colégios, lares, escolas, hospitais e outros estabelecimentos. As casas da Congregação foram devolvidas, todas elas porém, em estado deplorável, necessitando de grandes reparações para poderem entrar em funcionamento. Com esforços inauditos e com a ajuda de muitos, foram-se refazendo algumas casas. A sede da Província pôde regressar, em 1993, ao seu primeiro lugar, Casa de Nossa Senhora de Fátima.

Podemos, dividir a história da presença da Congregação em África, em duas partes: uma primeira, que vai desde 1959 até 1975 e a segunda, que vai de 1975, até ao presente.

Ambas merecem grande relevo, uma vez que se mantiveram os mesmos objectivos, com uma diferença: enquanto nos primeiros anos foi duro começar, depois de 1975, ou seja, da Independência, foi preciso construir em cima de ruínas, vivendo lado a lado com um povo em luta pela paz, o pão e a liberdade. Mas, a semente escondida morreu e germinou, à sombra da Cruz. Cresceu e multiplicou-se e agora vive.

Provinciais da Província de São Domingos:
Irmã Maria de São João de Brito Almeida – 1969
Irmã Maria Teresa do Menino Jesus Gomes Pinto – 1971
Irmã Maria Teresa Ferreira do Carmo – 1972
Irmã Maria Adelaide António – 1982
Irmã Maria Luísa Madalena Barata Duarte – 1990
Irmã Maria Adelaide António – 1996

---

[312] Cf. Crónicas da Província de São Domingos, A.G.C.

A Província é constituída por onze comunidades, oito em Angola e três em Moçambique que se dedicam à missão directa de evangelização e promoção a todos os níveis.

Retorno a Benfica

1991 – Casa de São José, em São Domingos de Benfica, Lisboa

A Madre Fundadora sempre alimentou a esperança de um dia regressar à casa de Benfica, como escreve em várias cartas, às Irmãs: «...Não se esqueça de lhe dizer que é das filhas de Benfica e que esperamos para lá voltar um dia.» [313]

A 10 de Outubro de 1911 lembrava com saudade: «Neste dia, há um ano, eu e toda a nossa querida comunidade deixámos a nossa casa de Benfica. O ano passou e a nossa casa continua na posse do Governo. Eu só posso dizer *Fiat*! [314] E noutra circunstância recorda: «Diverti-me a ler o relato que me fez do vosso jantar no dia de Natal e que ao jantar tiveram *turkey*. Tenho a certeza que as Irmãs se divertiram com isso lembrando o nosso refeitório em Benfica. Que saudades tenho do nosso tão belo refeitório!! Até agora a nossa querida casa de Benfica não nos foi dada! Nada está decidido de momento. A Igreja, graças a Deus, tem sido preservada e mantida como era, nada foi destruído.» [315]

Sofreu o despojamento absoluto: «Ontem foi um dia de saudades, e quanto eu tenho sofrido desde mais de uma semana, vendo tudo o que nós tínhamos na querida Benfica vendido em leilão público. Todas as coisas que durante tantos anos foram organizadas e compradas por nós. Tudo vendido! Seja feita a vontade de Deus! Reze por mim.» [316]

Até ao fim da vida a Madre Fundadora lutou por um direito de justiça, sem nada conseguir: «Acerca dos nossos assuntos aqui, de momento o nosso querido Benfica não me foi dado. Todos dizem que o meu direito é claro, mas até agora nada foi decidido.» [317]

Não viu realizado esse sonho.

As Superioras Gerais que lhe sucederam também se empenharam em reaver esta casa, onde viveu e professou a Madre Fundadora, bem como a maior parte das Irmãs da primeira geração. Nos documentos e livros de registos da Congregação, após a República aparece: «Casa de São José em São Domingos de Benfica transferida, provisoriamente, para Salamanca, Espanha.»[318] Contudo, os ventos não lhes foram favoráveis.

Na década de oitenta do século XX, os Conselhos Gerais envidaram esforços para que ela voltasse à posse da Congregação. Iniciaram-se conversações com o Governo no sentido de

---

[313] Carta da Madre Teresa de Saldanha à Irmã Maria de Santo Estanislau Reid, Lisboa, 24 de Fevereiro de 1915, A.G.C., Doc.1732.

[314] Carta de Madre Teresa de Saldanha à Madre Maria Catarina Roth, 10 de Outubro de 1911, A.G.C, Doc. 20, k.

[315] Carta da Madre Teresa de Saldanha à Madre Maria Catarina Roth, 31 de Janeiro de 1912, A.G.C., Doc. 21, k.

[316] Carta da Madre Teresa de Saldanha à Madre Maria de Santo Estanislau Reid, 5 de Agosto 1912, A.G.C., Doc. 1919.

[317] Carta da Madre Teresa de Saldanha à Madre Maria Catarina Roth, 23 de Julho de 1911, A.G. C., Doc. 16, k.

[318] A.G.C.

se obter a sua devolução. Surgiram dificuldades na restituição. Foi, porém, celebrado um acordo entre a Direcção dos Serviços Tutelares de Menores e a Congregação, na pessoa da Madre Maria de São João de Brito Almeida, então Superiora Geral, de cedência de uma ala da casa onde está a capela, mediante a condição das Irmãs dirigirem a Creche e o Lar aí intalados.

A Congregação aceitou o acordo: «pelo valor simbólico que tem a sua presença naquele espaço e naquele ambiente, concretizando de algum modo e nos limites do agora possível, o antigo desejo de voltar ao local a que a sua fundação se encontra indelevelmente ligada.» [319]

O Conselho Geral obteve a 16 de Abril de 1991 a autorização do Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa, D. António Ribeiro para erigir canonicamente uma Comunidade nesta casa que foi designada pelo nome que, em 1877, lhe foi dado pela Madre Fundadora: «Casa de São José de Benfica.»

Assim, oitenta e um anos depois de terem sido expulsas, as Irmãs regressaram a esta casa no dia 10 de Junho de 1991, concretizando, deste modo, um enorme desejo da Madre Fundadora de ver a Casa de Benfica habitada pelas suas filhas.

Estabeleceu-se aí uma comunidade e a residência da Madre Geral e de alguns membros do seu Conselho, voltando a Casa de Benfica a ser Casa-Mãe da Congregação.

A primeira Superiora, Irmã Maria de Fátima Reis Oliveira, levou a cabo grandes obras de reparação e adaptação aos seus novos objectivos.

A Creche que acolhia apenas os filhos das utentes do Instituto anexo, dos três meses aos três anos, passou a receber também bebes de outras famílias que a procuram e a chamar-se *Creche São José* ficando sob a responsabilidade de uma Irmã.

Sob a direcção de uma Irmã o lar, agora designado, *Lar Madre Teresa de Saldanha*, funciona, num edifício autónomo e cumpre a sua missão de acolher jovens em risco, em regime de semi-internato. Várias dezenas, com dificuldades sociais, com problemas de integração diversos e complexos, por ali têm passado. Algumas conseguem reestruturar a vida através do estudo ou de um emprego estável. É uma missão de fronteira.

A Capela de São José estava interdita ao culto, por usos profanos. O Senhor Patriarca de Lisboa autorizou a sua reabertura no dia 6 de Novembro de 1991, considerando, porém, que antes fosse benzida[320] com o rito liturgicamente prescrito para o efeito.

Terminadas as obras de restauro, foi reaberta canonicamente numa solene celebração eucarística, presidida por Sua Eminência Senhor Cardeal D. António Ribeiro, Patriarca de Lisboa, no dia 2 de Dezembro de 1993, com a presença de numerosas Irmãs e pessoas amigas.

No ano de 1993 aí tomaram hábito as postulantes Maria da Assunção Faustino e Irene Modesto, da Província de Nossa Senhora do Rosário.

Aí emitiram os Votos Perpétuos as Irmãs Maria Elisa Bueno Galvão, da Província de Santa Cruz e Elisa do Rosário Nassoma, da Província de São Domingos, nas mãos da Superiora Geral, Madre Maria Manuela dos Anjos, numa celebração presidida por D. José da Cruz Policarpo, Bispo Auxiliar de Lisboa, a 2 de Outubro de 1997 – no mesmo dia, à mesma hora e no mesmo lugar em que a Madre Fundadora há 110 anos professara.

---

[319] Cf. Acordo entre a Direcção Geral dos Serviços Tutelares de Menores e a Congregação de Santa Catarina de Sena da Ordem Terceira de São Domingos, Diário da República – II Série, Nº 272 – 24 de Novembro de 1990.

[320] Canon 1229.

Esta mesma capela que presenciou os grandes momentos da vida de Teresa de Saldanha, momentos de oração, momentos de alegria e festa, momentos de luto e amargura, momentos de discernimento e decisão, este lugar que testemunhou da grande intimidade com o Senhor da sua vida, testemunhou também, o desejo de suas filhas de vê-la nos altares concretizado na cerimónia de Abertura do seu Processo de Canonização. Era o dia 6 de Novembro de 1999.

Encontrando-se nesta casa o arquivo com os seus escritos, foi aí que se realizaram os trabalhos do Processo de Canonização da Madre Fundadora. Foi aí também, com autorização do Patriarca de Lisboa, que funcionou a sede do Tribunal Diocesano para as sessões do Processo.

Esta comunidade, com um rosto internacional, tem como missão acolher todas as Irmãs, sobretudo as que vêm para os capítulos, encontros, estudo, formação, tratamento da saúde, visita ou de férias.

Encontros Internacionais da Congregação

O Capítulo Geral de 1990 recomendou que decorridos três anos após a realização do Capítulo Geral se reunam a Madre Geral e o seu Conselho com as Provinciais e um membro do Conselho Provincial, eleito pelo mesmo Conselho, a fim de ser feita uma avaliação das disposições emanadas do Capítulo e outros assuntos de interesse para a Congregação.

Esta recomendação foi cumprida com diversos temas a debater por diversas Irmãs e em diversos espaços. Têm sido para todas as Irmãs da Congregação: oportunidade de cada uma manifestar as suas preocupações e esperanças; rectificar preconceitos; diluir as fronteiras em termos de conhecimento mútuo; intensificar o relacionamento a comunicação e a comunhão; cimentar a comunhão entre as Irmãs das diferentes Províncias.

Este poderá ser um caminho possível para aumentar a mentalidade de congregação num são pluralismo que conduz à sua unidade.

Primeiro Encontro Internacional – «A obra é de Deus, Ele quer que actuemos»

Para que toda a Congregação se nele se envolvesse previamente foi realizado nas comunidades um estudo sobre o mesmo tema: «A Obra é de Deus, Ele quer que actuemos.»[321]

O Encontro realizou-se em Fátima, de 20 a 25 de Fevereiro de 1993, no auditório dos Padres da Consolata. Nele participaram setenta Irmãs vindas das três Províncias e da Casa-Mãe.

Na sessão de abertura a Madre Maria de São João de Brito Almeida, Superiora Geral, lembrou à assembleia a oportunidade do Encontro: escutar directamente as diversas Provinciais falar das sua Províncias, da sua luz e da sua sombra, daquilo que lhes é preocupação e esperança. Isso conduzirá à «memória colectiva» do carisma que supõe dinamismo e abertura para responder em cada época e em cada lugar às exigências da evangelização

Apontou depois o objectivo do Encontro:

---

[321] Livro *O Único Amor*, p. 71.

Conhecer a Congregação e o meio em que está inserida.

Para alargar o horizonte do conhecimento das diferentes realidades onde estão implantadas as Províncias, foram convidados peritos:

Dr. Luís Manuel Marinho Antunes, sociólogo: «Elementos para uma reflexão da realidade social portuguesa – desafios que ela apresenta.»

Padre José Augusto Duarte Leitão, Missionário do Verbo Divino: «Análise da conjuntura do Brasil»;

Padre Marinho Lemos, Missionário do Espírito Santo: «Angola na perspectiva missionária.»

Cada uma das Madres Provinciais fez uma comunicação sobre o estado da Província.

No final do Encontro a Madre Geral expressou a emoção e a alegria sentidas pela realização do Encontro. Este permitiu a vivência de momentos de grande intensidade que mudaram a maneira de ver e de estar na Congregação: «Agora, vemo-la melhor na sua diversidade, inserida em realidades completamente diferente.

Agora, aceitaremos com menos dificuldade a pluralidade de modelos, porque a realidade também ela é plural.

Agora, conhecemos melhor os apelos e levamos os ouvidos e o coração mais aberto para ouvir de que lado sopra o Espírito. E parece que sopra do lado dos mais pobres e do homem que, de algum modo, se debate à procura dos valores essenciais que perdeu. deste Encontro nasceu uma mentalidade de Congregação. Conhecemo-nos melhor, amamo-nos mais..»[322]

Segundo Encontro Internacional – «Formação para o Ano 2000»

O Segundo Encontro Internacional **r**ealizou-se na Casa de Amparo, Brasil, de 30 de Dezembro de 1994 a 9 de Janeiro de 1995. Nele participaram oitenta Irmãs das três Províncias.

Na sessão de abertura, a Madre Maria de São João de Brito Almeida, Superiora Geral lembrou a todas as participantes que o objectivo fundamental do Encontro seria a busca de caminhos adequados à formação das novas gerações.

As Irmãs participantes debruçaram-se, em grupos, sobre «O conceito de educação de Teresa de Saldanha». Foram apontadas as seguintes características: fundou uma Associação com fins educativos e não delineou o seu projecto a partir de nenhum modelo. Soube perceber a urgência da educação para a regeneração do País, não excluindo nenhuma classe social. Preocupou-se, de maneira especial, com a educação da mulher e integrou deficientes nas suas escolas. Procurou atingir a família e responsabilizá-la pela educação de seus filhos.[323]

Para completar a reflexão foram ouvidos vários dominicanos, peritos na matéria:

Frei Estêvão Nunes, OP – «O perfil do formador»;

Frei Daniel Paulo Rodrigues, OP – «Vida Consagrada no Ano 2000»;

---

[322] Actas do I Encontro Internacional, da Congregação, p. 113, A.G.C.

[323] Cf. Actas do II Encontro Internacional, p. 23, A.G.C.

Frei Jean Pierre Barruel de Lagenest, OP – «A formação psicológica nas várias etapas da formação»;

Frei João Xerri, OP – «Desafios apostólicos e justiça e paz.»

Tudo isto contribuiu para a elaboração dos fundamentos do Plano Geral de Formação da Congregação.

Na conclusão do Encontro ficou consignado que: toda a formação tem de ser integrada no projecto de Teresa de Saldanha; a verdadeira promotora vocacional é cada Irmã e a comunidade; para se conseguir o equilíbrio e a maturidade na vida religiosa é urgente tomar consciência das dificuldades, mas principalmente das possibilidades; a justiça não é um elemento secundário, mas é essencial à fé; a vida tem de ser alicerçada na fé no Deus bíblico que se compadece dos pobres.[324]

No final do Encontro foi plantada uma árvore conjuntamente pela Madre Geral e as Superioras Provinciais, como sinal da vontade de crescer em unidade, apesar da diversidade.

Terceiro Encontro Internacional – «Teresa de Saldanha – novidade e futuro»

O Terceiro Encontro Internacional realizou-se em Fátima, de 2 a 10 de Julho de 2000 e nele participaram cem Irmãs vindas de: Albânia, Angola, Brasil, Moçambique e Portugal.

Na sessão de abertura, a Madre Geral referiu-se à importância deste Encontro, em atmosfera de abertura do processo da Madre Fundadora, e constituído por três partes. Na 1.ª - Teresa de Saldanha, espiritualidade e intervenção; 2.ª - O despertar vocacional; 3.ª - Jubileu 2000.

Foram conferencistas:

Irmã Rosilene Linares, OP – «O mundo dos afectos: Teresa de Saldanha e o abandono ao Outro»;

Irmã Maria de Fátima Brasão Neves, OP e Irmã Maria do Rosário Silva Catarino, OP – «Para cada tempo o seu olhar»;

Irmã Ermelinda Domingos Simão, OP – «O justo vive da Fé»;

D. António Baltasar Marcelino, Bispo de Aveiro – «Espiritualidade e compromisso em Teresa de Saldanha»;

Dr.ª Maria Manuela da Conceição de Carvalho – «A experiência de Deus em Teresa de Saldanha»;

Frei José Augusto Miranda Mourão, OP – «Teresa de Saldanha e a linguagem: quando dizer é fazer»;

D. Manuel Clemente, bispo Auxiliar de Lisboa – «Teresa de Saldanha, um apelo à santidade»;

Frei Luís França, OP – «Do seu ao nosso olhar sobre o mundo.»

O despertar vocacional foi tratado durante dois dias pelo Padre Wander de Sousa Carmo, nds.[325]

---

[324] Cf. Actas do II Encontro Internacional, p. 113, A.G.C.

[325] Padre brasileiro da Congregação de Notre Dâme de Sion.

Irmãs missionárias vindas de diferentes lugares de missão deram o seu testemunho, bem como as promotoras vocacionais.

O Conselho Geral lançou a avaliação do percurso feito desde o último Capítulo Geral.

O Sábado, 8 de Julho, teve como tema único: «Um dia com Teresa de Saldanha», especialmente dedicado aos «Amigos de Teresa de Saldanha», instituídos nesse encontro que decorreu no Centro Paulo VI. Estavam muitas centenas de pessoas provenientes dos locais onde há Irmãs a trabalhar.

De manhã houve uma conferência proferida pelo Dr. António Manuel Antunes de Matos Ferreira, perito em História do século XIX, sob o tema: «Teresa de Saldanha e a renovação religiosa em Portugal», da qual publicamos extractos:

«A minha função como historiador leva-me a encarar este tema com alguma distância, a distância crítica, para uma objectividade que nos leve, com os nossos olhos humanos, a não termos medo de olhar, de maneira frontal e crítica, a história. Porém, uma experiência de fé autêntica resiste a qualquer crítica, porque a fé não é construção nossa, é um dom que recebemos.

É esse o traço geral que encontro em Teresa de Saldanha, uma mulher de fé. Penso, com rigor, que estou a falar de uma mulher que centrou a sua vida em Jesus Cristo, e isto parece-me importante como historiador, pois como historiador não ando à procura da mulher extraordinária, o extraordinário para mim, em Teresa de Saldanha, é o centro da sua vida em Jesus. Isto pode parecer estranho para um historiador, mas sem a questão de Jesus, não podemos compreender o papel de Teresa de Saldanha na Renovação Religiosa em Portugal.

Mas a questão é: como é que, num tempo de profunda mutação, houve uma vida centrada em Jesus?

Teresa de Saldanha inscreve-se na problemática do Evangelho. O Evangelho é contra a lógica do natural: que o homem se renove, que brote do homem velho o novo Adão.

As épocas e personalidades podem ser distintas, mas a autenticidade da vida cristã refere-se à ousadia de viver de outro modo. A questão para Jesus era a ousadia de querer viver de outra maneira. É esta pergunta que podemos colocar a Teresa de Saldanha: qual foi a sua ousadia?

O problema em Teresa de Saldanha, não é dizer que ela nasceu em 1837, mas, sim que 1837 corresponde a um momento em que a sociedade portuguesa entrava num processo de profunda transformação. Era o passar de uma sociedade de corpo para uma sociedade de indivíduos e isto caracteriza a sociedade liberal marcada pela secularização. A religião não desaparece, mas ela é confrontada com o problema da liberdade e da autonomia.

O processo de secularização é acompanhado pelo processo de laicização. Teresa de Saldanha nasce na gestação desta sociedade. A sua vida atravessa um tempo fundamental da nossa história, como sociedade portuguesa. A Religião da nação era a Católica Apostólica Romana e os membros do clero eram os funcionários do religioso.

É exactamente aqui, que se coloca o problema da renovação da vida religiosa, porque esta era entendida como a experiência de homens e mulheres que podiam e deviam fazer uma acção para além da gestão do religioso. Quando se põem estas questões, Teresa de Saldanha tem 20 anos, e levanta-se a polémica da vinda das Irmãs da Caridade, para Portugal. Abre-se assim a possibilidade de haver mulheres religiosas a tratar de problemas sociais, a partir do religioso.

A vida religiosa no século XIX surgia como contraponto à sociedade, e isto é muito importante. Lutar por uma experiência de vida religiosa consagrada não era uma conformidade com o que existia, era uma ousadia a viver de outra maneira.

Teresa de Saldanha formula um desejo, mobiliza o seu coração para Jesus, e teve consciência disso, pois mais que restaurar o passado, a questão central era encontrar iniciativas, dar continuidade à experiência de fé ou garantir a institucionalização dessas experiências. Importa estabelecer uma forma, um percurso de realização pessoal que traduzisse numa aprofundada dedicação e consagração a Jesus, enquanto expressão radical de liberdade.

O problema da vida religiosa, tal como eu o vejo como historiador, em Teresa de Saldanha é a percepção que ela tem de que a vida religiosa é um elemento fundamental para a liberdade na sociedade e, sem os instrumentos teóricos que nós temos hoje, Teresa de Saldanha é uma mulher antes do Vaticano II que intuiu aquilo que o concílio diria.

Tem a clara percepção de que a liberdade não é incompatível com a experiência cristã.

Foi uma mulher livre na família, na relação com as amigas, com a instituição eclesiástica. Mas, há algo fundamental na realização pessoal na consagração a Jesus enquanto expressão de liberdade. Sendo uma mulher do seu tempo, a realização individual não é secundária, contudo, não se agarrou obsessivamente a ser religiosa, para fugir do mundo. O seu objectivo fundamental é criar um dinamismo, no qual se inscrevia também a fundação de uma ordem religiosa.

Ela tinha uma visão muito clara da complexidade do seu tempo, da sua Igreja e também do que constituíam os grandes traços de renovação do cristianismo. Tendo um sentido de identidade nacional forte, não quis estreitar a experiência cristã. Teve a percepção de que se passava uma renovação da vida cristã noutros contextos e sabia que as experiências se fortaleciam se houvesse contactos. Não é por acaso que ela manda as primeiras Irmãs formar-se no estrangeiro, o ambiente espiritual em Portugal é pobre, daí a experiência da Irlanda. O catolicismo em ambiente anglo-saxónico vivia um tempo de grande renovação, daí o interesse que Teresa de Saldanha teve em não se fechar.

Ao longo da sua vida, mais do que uma programação – ela era muito metódica e organizada – quis ser fiel a um Amor que escolheu na sua juventude, esse Amor a Jesus, através de uma vida espiritual e prática intensa, que se traduziu no amor ao próximo.

Teresa de Saldanha impressiona-me pela inteireza de mulher que é, mulher com vontade, culta, interessada. Quem lê os textos dessa mulher que se confronta com o seu papel, com o seu estatuto, vê o que ela leva dentro.

É interessante pensar nos seus 78 anos e no que iria no seu coração na véspera do 8 de Janeiro de 1916, e o seu olhar para trás e perguntar-se: o que significa tudo isto? De certa maneira, aquilo em que Teresa de Saldanha se empenhou, ruiu. Numa carta de 1910, às Irmãs dos Estados Unidos, escreve: «passados trinta anos, todas as casas que se abriram, estão fechadas". Teresa teve a ousadia de ver as coisas de outra maneira, o que teria parecido um desaire, levou-a a abrir casas onde ela nunca teria sonhado.

Com prudência, mas determinação, vemos em Teresa de Saldanha entre 1910 e 1915 no seu empenho em dar corpo a novas comunidades. Reconhecendo o risco da dispersão, tendo consciência do perigo e da fragilidade, apela ao sentido da vida religiosa. Mais que a questão institucional, Teresa de Saldanha, mesmo na última fase da sua vida e face aos desafios, valoriza a qualidade da vida religiosa, como ela escreve: A Vida Religiosa não é apenas a oração em comum, mas a relação entre as Irmãs.

Se algo temos que pedir a Deus é possuir a lucidez que Teresa de Saldanha teve, pois viver até aos 78 anos com iniciativa, lucidez, preocupação pelo outro, é um dom, sobretudo na sociedade liberal.

Teresa de Saldanha morre em pleno Inverno, na cidade de Lisboa, morre no momento, em que as tropas portuguesas entravam em conflito na costa da Flandres, época socialmente agitada. Contudo, todos os invernos transportam primaveras.

O seu testamento é a convicção de que, apesar de todos os invernos, a vida é mais forte do que a morte e esta convicção nos desenvolve e devolve a responsabilidade da criatividade.

Este é o maior desafio das Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena.»

Após a conferência toda a assembleia seguiu processionalmente, com a bandeira da congregação e dos países onde se encontram Irmãs até à Capelinha das Aparições onde houve uma concelebração Eucarística presidida pelo Frei Mateus Cardoso Peres, OP. Ao ofertório fizeram-se presentes os dons das diversas culturas que formam a Congregação.

À tarde houve, no Centro Pastoral Paulo VI a representação da vida da Madre Fundadora, encenada pelas alunas do Colégio do Ramalhão e um coral das alunas do Instituto Monsenhor Airosa.

Domingo, dia 9, foi dedicado a uma peregrinação aos «Lugares da nossa História», isto é aos diversos locais que evocam a Madre Fundadora, em Lisboa. Começando com uma oração junto ao seu jazigo, no Cemitério de Benfica, celebrámos a Eucaristia na Igreja do Corpo Santo, à qual se seguiu um almoço de confraternização no Convento dos Cardaes.

De regresso a Fátima, o grupo passou por Subserra[326], a casa dos pais da cunhada, a Marquesa de Rio Maior, onde Teresa de Saldanha e algumas Irmãs iam apanhar os bons ares da montanha, tendo no horizonte a lezíria ribatejana. Esta peregrinação deu-nos uma maior percepção da ousadia da sua caminhada, do calor da sua presença e da grandeza do seu coração.

Este Encontro, além de permitir aprofundar a vida e a espiritualidade da Madre Fundadora, foi um momento de grande unidade na vida da Congregação. Um dos seus pontos altos foi a Celebração do Jubileu, no Santuário, onde foram evocadas todas as Irmãs que nos passaram o seu testemunho de doação radical. A celebração terminou junto da imagem de Nossa Senhora de Fátima, com a consagração de todas as casas da congregação e suas Irmãs, bem como das pessoas que recebem sua acção benfazeja.

Em sinal de unidade à Igreja Universal pelo Ano do Jubileu 2000, muitas Irmãs da congregação foram, na segunda quinzena de Julho, em peregrinação a Roma.

Processo de Canonização da Madre Fundadora – 1999

Fases de um Processo

[326] Subserra, local perto de Vila Franca de Xira, onde vivia a Marquesa de Rio Maior. Foi aí que recebeu a carta datada de 4 de Maio de 1864 em que Teresa de Saldanha partilhava a sua intenção de seguir a vida religiosa.

A Madre Fundadora sempre foi considerada pelas Irmãs, e pelas pessoas que a conheciam, como alguém de extraordinário e, logo após a sua morte, já se confiavam à sua intercessão junto de Deus.

Cedo, as Irmãs começaram a pensar em introduzir o seu processo de canonização. Porém, as dificuldades da dispersão causada pelos acontecimentos de 1910 e as perseguições à Igreja, em Portugal, não permitiram a sua concretização.

Em 1932, dezasseis anos após a sua morte, a Madre Maria de São João Evangelista de Lima Vidal, então Superiora Geral, destacou a Madre Maria Rosa Thiaucourt para coligir a documentação e os testemunhos de Irmãs relativos à vida da Madre Fundadora, tendo em vista a biografia necessária ao Processo. Fez-se a compilação dos documentos os quais passaram a circular nas casas da Congregação. Em 1987 foram publicados com o título *Madre Teresa de Saldanha – Vida e Obra*.

Com o mesmo objectivo a Madre Geral pediu ao seu irmão, D. João Evangelista de Lima Vidal, bispo de Ossirinco, que escrevesse um livro sobre a Madre Fundadora e a Congregação. Este foi publicado em 1938 com o título *D. Teresa de Saldanha e suas Dominicanas*.

As comemorações do primeiro centenário do nascimento de Teresa de Saldanha em 1937 – 1938 manifestaram o grande desejo que todas tinham de ver reconhecida pela Igreja a heroicidade das suas virtudes. Nessa altura, muitos dos oradores, que conheceram pessoalmente a Madre Teresa de Saldanha, consideraram-na Santa.

Apesar de toda a boa vontade demonstrada, o processo não avançou devido à reorganização por que passava a Congregação.

O Capítulo Geral extraordinário, 1967 – 1968, dando resposta à exortação do Concílio Ecuménico Vaticano II, apelou para o regresso às fontes do carisma fundacional. Publicaram-se cartas e pensamentos da Madre Fundadora que serviram de tema para estudos, encontros e formação das Irmãs.

Nos finais da década de 70, Frei António do Rosário de Sousa Carvalho, OP,[327] membro da Academia Portuguesa de História, nas suas constantes pesquisas encontrou muitas cartas e outros documentos de Teresa de Saldanha e da sua Congregação, confiscados em 1910, no Instituto dos Arquivos Nacionais da Torre do Tombo. Na sequência disso, a Madre Maria Fernanda Rafael Pires passou a deslocar-se ao arquivo durante vários meses, a fim de fotocopiá-los.

Toda esta recolha revelou um espólio documental da maior importância e interesse a merecer um tratamento adequado. Na posse e conhecimento de tão avultada e rica documentação, o Conselho Geral fez diligências para avançar com o processo.

Assim, no Capítulo Geral de 1990 foi votada favoravelmente a proposta que dava início ao processo de Canonização da Madre Fundadora.

Procedeu-se à organização e catalogação desses documentos. Nesse trabalho contribuiu, durante o ano de 1992, a Irmã Maria das Graças Silva, vinda do Brasil especialmente para esse fim e também a Irmã Solange Maria de Carvalho, enquanto Conselheira Geral.

Em 15 de Janeiro de 1993 chegou do Brasil, para passar uns tempos em Portugal, a Irmã Maria Cecília Campos, que continuando o trabalho iniciado, passou a seleccionar e analisar os escritos da Madre Fundadora.

---

[327] Autor de *Reflorir Dominicano em Teresa de Saldanha*, Porto, 1980.

Em 16 de Outubro de 1995, o Conselho Geral designou uma equipa constituída pelas Irmãs Rita Maria do Nascimento Lourenço Nicolau e Maria Cecília Campos para providenciar toda a documentação necessária para a abertura oficial do processo. Nessa altura, todos os escritos da Madre Fundadora, que constam de milhares de cartas, notas particulares, agendas, constituições e livros de registos – toda a escrituração da Congregação nos seus primeiros trinta anos, inclusive a contabilidade, são do próprio punho da Madre Fundadora – foram informatizados. Para auxiliar as duas Irmãs nessa tarefa, contrataram-se dactilógrafos e tradutores, cujo trabalho foi custeado pela Província de Nossa Senhora do Rosário.

A Superiora Geral, Madre Maria de São João de Brito Almeida nomeou, a 1 de Maio de 1996, para Postulador da Causa da Madre Teresa de Saldanha, Frei Innocenzo Venchi, OP, Postulador Geral da Ordem Dominicana, que vive no Convento de Santa Sabina, em Roma. No mesmo ano, a 11 de Julho, foi nomeada por este, a Vice-Postuladora, Irmã Rita Maria do Nascimento Lourenço Nicolau.

D. António Ribeiro, Cardeal-Patriarca de Lisboa, emitiu um Edital a 8 de Agosto de 1996, solicitando a quem possuísse documentos referente à Madre Teresa Saldanha, a entregá-los no Patriarcado:

EDITAL

> Está em curso, na Cúria Patriarcal de Lisboa, a recolha dos escritos as Serva de Deus Teresa de Saldanha Oliveira e Sousa, falecida em Lisboa no dia 8 de Janeiro de 1916, fundadora da Congregação Portuguesa das Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena. Tais escritos serão examinados por uma comissão de teólogos, que sobre eles dará parecer competente, a fim de em tempo oportuno se requerer à Santa Sé o NIHIL OBSTAT para a organização do processo canónico sobre as virtudes e fama de santidade da mesma Serva de Deus.
>
> Determinamos, por isso, a quem possua algum escrito da referida Serva de Deus no-lo faça chegar, dentro de um mês a contar da publicação deste edital, entregando-o na Chancelaria Patriarcal de Lisboa, Campo dos Mártires da Pátria, nº 45, 1150 Lisboa.
>
> As pessoas que souberem da existência de escritos desta natureza, também devem dar conhecimento do fato à Chancelaria Patriarcal. Quem desejar conservar textos originais pode apresentar fotocópias autenticadas em qualquer Chancelaria Diocesana.
>
> Patriarcado de Lisboa, 8 de Agosto de 1996.
>
> + António, Cardeal Patriarca

Uma vez preparados os escritos da Serva de Deus, seguiram-se os procedimentos, de acordo com as Normas da Sagrada Congregação para as Causas dos Santos. Estes trabalhos foram orientados pelo Senhor Cónego Joaquim Saraiva Abrantes, encarregado dos Processos de Canonização instruídos no Patriarcado de Lisboa e, por feliz coincidência, pároco da Igreja de São José, paróquia onde nasceu e foi baptizada Teresa de Saldanha.

No dia 22 de Outubro de 1998, realizou-se no Patriarcado de Lisboa, presidida pelo novo Patriarca, D. José da Cruz Policarpo, a cerimónia de tomada de posse e juramento dos censores Teólogos – Frei José Augusto Miranda Mourão, OP e Dr.ª Maria Manuela da

Conceição Dias de Carvalho que deveriam analisar os escritos da Madre Fundadora declarando, por escrito e sob juramento, da existência ou não, de conteúdos que fossem contra a fé e a doutrina da Igreja. No mesmo acto, tomaram posse e fizeram o seu juramento, os peritos de História – Dr. António Manuel Antunes de Matos Ferreira e Dr.ª Margarida Maria Menezes Pinto Machado, encarregados de emitir um parecer, por escrito, sobre a autenticidade e valor dos escritos e documentos e traçar um perfil da personalidade da Serva de Deus.

No dia 25 de Março de 1999, os Censores Teólogos entregaram ao Senhor Patriarca, D. José da Cruz Policarpo, numa cerimónia privada, as suas declarações favoráveis à Serva de Deus.

A Conferência Episcopal Portuguesa, a 29 de Abril do mesmo ano, festa de Santa Catarina de Sena, emanou o seu parecer positivo para a abertura do processo. Todos estes documentos, juntamente com o pedido do *Nihil Obstat* à Santa Sé pelo Patriarca de Lisboa, seguiram para Roma a 13 de Junho de 1999.

Abertura do Processo de Canonização da Madre Teresa de Saldanha

A Igreja não encontrando obstáculos à abertura do Processo de Canonização da Madre Teresa de Saldanha concedeu o *Nihil Obstat*, o qual foi assinado com a data de 10 de Setembro de 1999 pelo Prefeito da Sagrada Congregação para a Causa dos Santos, o cardeal português, D. José Saraiva Martins:

"NIHIL OBSTAT" DA SANTA SÉ

Congregazione delle Cause dei Santi
Civitate Vaticana, 10 Septembris 1999

Prot. N. 2301-1/99

Excellentissime Domine,

Litteris, die 13 mensis Iunii huius anni 1999 editis, Excellentia Tua ab hac Congregatione de Causis Sanctorum quaeris utrum ex parte Sanctae Sedis aliquid obsit Causae Beatificationis et Canonizationis Servae Dei Teresiae Rosae Ferdinandae de Saldanha Oliveira e Sousa, Fundatricis Congregationis Lusitanae Sororum Dominicarum a Sancta Catharina Senensi, quae vita anno Domini 1916 functa est.

Re explorata, placet mihi Excellentiam Tuam certiorem reddere, ex parte Sanctae Sedis NIHIL OBSTARE quominus Causa Beatificationis et Canonizationis eiusdem Servae Dei Teresiae Rosae Ferdinandae de Saldanha Oliveira e Sousa peragi possit, servatis "Normis servandis in inquisitionibus ab Episcopis faciendis in Causis Sanctorum", die 7 mensis Februarii anno 1983 ab eadem Congregatione editis.

Excellentiae Tuae addictissimus in Domino

+ Iosephus Saraiva Martins

Archiep. tit. Thuburnicensis - Praefectus

+ Eduardus Nowak
Archiep. tit. Lunensis - a Secretarius

Recebido o *Nihil Obstat* da Santa Sé, D. José da Cruz Policarpo, assinou, a 28 de Outubro de 1999, o Decreto da Introdução da Causa e da Constituição do Tribunal:

DECRETO DE INTRODUÇÃO DA CAUSA, DE CONSTITUIÇÃO DE TRIBUNAL E CITAÇÕES

Eu, D. José Policarpo, Patriarca de Lisboa,

Visto o requerimento de 15 do mês do ano corrente, da Postulação da Causa de Canonização da Serva de Deus Teresa Rosa Fernanda de Saldanha Oliveira e Sousa, falecida, em odor de santidade, nesta cidade de Lisboa no dia 8 de Janeiro de 1916, no qual se pede a introdução da dita Causa;

Consultada a Conferência Episcopal Portuguesa e feitas as devidas e oportunas investigações;

Convencido do sólido fundamento da Causa e de que não existem obstáculos da parte da Santa Sé como consta da comunicação da Congregação para as Causas dos Santos, datada de 13 de Setembro de 1999 (Prot. N. 2301-1/99);

Pelas presentes

DECRETO

A introdução da Causa de Canonização da Serva de Deus Teresa Rosa Fernanda de Saldanha Oliveira e Sousa, e ordeno a instrução do Processo Diocesano sobre a vida, virtudes e fama de santidade da mesma serva de Deus, a teor da vigente legislação da Congregação para as Causas dos Santos.

Não podendo presidir pessoalmente o Tribunal que há-de instruir o processo respectivo, por motivo das muitas ocupações pastorais, pelo presente nomeio para a instrução do mesmo:

Juiz Delegado: Rev.do Frei António José Ribeirinha Barreleiro, OP
Promotor de Justiça: Rev.do Padre Baltazar de Sousa Azevedo, CMF
Notário: Dr. Mário Bento Martins Soares
Notário Adjunto: Irmã Maria Cecília Campos, OP

Pela Nossa Chancelaria sejam enviadas fotocópias autenticadas deste Nosso Decreto a cada um dos nomeados, para que lhes sirva de Título e participe-se-lhes, bem como à Postulação, que devem comparecer às 15,30 horas do dia 6 de Novembro de 1999, no Largo de São Domingos de Benfica, nº 14, em Lisboa, para a sessão de abertura, que decorrerá nos termos do Direito.

Dado em Lisboa no dia 28 de Outubro de 1999.

+ D. José da Cruz Policarpo
Patriarca de Lisboa

No dia 6 de Novembro de 1999, realizou-se, na Capela da Casa de São José, em São Domingos de Benfica, a abertura solene do processo com a constituição do Tribunal Eclesiástico para a Causa de Canonização da Madre Teresa de Saldanha. Presidiu ao acto D. José Francisco Sanches Alves, Bispo Auxiliar do Patriarcado de Lisboa.

O Senhor Bispo, o Tribunal constituído, o Postulador e Vice-Postuladora da Causa, fizeram juramento de fidelidade e sigilo, tocando com as mãos o Livro dos Evangelhos, que pertenceu à Madre Fundadora.

A sessão finalizou com a Oração de Vésperas, solenemente cantada pelas Irmãs e Irmãos Dominicanos, acompanhados pelo povo de Deus.

Foi uma cerimónia tocante para as filhas de Teresa de Saldanha, vindas de todas as casas de Portugal e dos diversos países onde a Congregação está implantada. Religiosas de outros Institutos, padres, um grande número de familiares, de devotos e de amigos da Serva de Deus, comungaram da mesma alegria.

Durante todo o ano de 2000, o Tribunal reuniu-se para analisar e autenticar os escritos e documentos do processo e, sobretudo, para ouvir as testemunhas da Fama de Santidade da Madre Teresa de Saldanha. Deram o seu testemunho dois bispos, quatro padres, catorze leigos, sendo seis, familiares da Madre Fundadora e oito Irmãs da Congregação.

Depois de realizados os actos legais, como a visita canónica do Tribunal ao jazigo da Serva de Deus e aos lugares onde ela viveu e, lavradas as últimas Actas, realizou-se a Clausura Diocesana do Processo no dia 17 de Novembro de 2001, na Igreja paroquial de São José da Anunciada, em Lisboa.

A *Evocação*[328] n.º 11 faz eco deste acontecimento de tão grande significado para a Igreja e para a Congregação: «A Igreja de São José da Anunciada, paróquia em que nasceu e foi baptizada Teresa de Saldanha, foi o lugar onde se realizou no passado dia 17 de Novembro a Clausura Diocesana do seu Processo de Canonização. Num templo completamente cheio de amigos de Teresa de Saldanha respirava-se um ar de felicidade, de acção de graças por este grande acontecimento eclesial.

Presidiu à Sessão o Senhor Cardeal-Patriarca de Lisboa, D. José da Cruz Policarpo que, com manifesta alegria, falou aos presentes: «Como Patriarca de Lisboa é a terceira vez que sou chamado a presidir a um acto deste género: o encerramento da fase diocesana do Processo de Canonização. Damos graças a Deus por ter sido possível realizá-la num tempo tão célere. Aqueles que estiveram neste processo agora sabem, por experiência concreta, o trabalho ingente, quase gigantesco que um processo deste género significa.

Quero agradecer a todos: ao Tribunal, ao Chanceler e Vice-Chanceler, Postulador e Vice-Postuladora, a todos os que nas comissões, numa fase prévia, foram chamados a contribuir neste processo e deram o melhor de si para que nós possamos estar aqui hoje. Quero agradecer muito sinceramente.

---

[328] Boletim de divulgação da vida e do Processo de Canonização da Serva de Deus, Teresa de Saldanha.

Comprometemo-nos todos no que de nós depender, sabendo que não depende só de nós, a continuar a acompanhar com a nossa solicitude, com o nosso esforço, este processo nas etapas que se vão agora seguir. Não depende de nós fazer agora um milagre, não depende de mim, esperamos que Deus queira dar essa graça à Igreja através da intercessão da Madre Teresa de Saldanha.

Houve um pormenor nesta cerimónia que eu gostaria de sublinhar: tratando-se do Processo de Canonização da Fundadora de uma Congregação Religiosa, esta cerimónia não foi feita numa das suas casas, mas na Igreja Paroquial onde Teresa de Saldanha foi baptizada. Eu fui sensível a esse pormenor, porque realmente a Igreja é o lugar dos santos, é o lugar da santidade. Os santos não têm dono, têm a universalidade do próprio amor de Deus.

Ao preparar esta sessão e ao ler a síntese da vida de Teresa de Saldanha dei comigo ao mesmo tempo a ler, porque hoje é a memória litúrgica de Santa Isabel da Hungria, a sua resenha biográfica e deu-me nas vistas a coincidência extraordinária de dois itinerários tão semelhantes, que nós poderíamos muito bem resumir na frase de João Paulo II no *Novo Millennio Ineunte*: "Uma nova fantasia da caridade". Fantasia porque ousada, fantasia porque inventiva, fantasia porque generosa. A santidade afinal é isso, é o mistério da caridade incarnada e situada numa existência concreta. A caridade tem a sua fonte em Deus, não é um modelo que se adapte automaticamente a cada um, é uma força que incarna e ganha forma numa existência concreta e isso é exactamente a ousadia da caridade.

Teresa de Saldanha, como aqui já foi dito, viveu num tempo muito concreto, porém as características dessa ousadia da caridade são universais, são as mesmas que nós encontramos em plenitude em Nosso Senhor Jesus Cristo, que nós encontramos numa plenitude completamente humana em Maria Santíssima, que é a submissão total à vontade de Deus: "Faça-se segundo a Tua Palavra" que é a intimidade procurada e aceite no querer de Deus e no amor dos Irmã os sem limites.

Mas, não tenhamos ilusões: ninguém é capaz dessa fantasia ousada de amor ao próximo se não tiver criado essa radicalidade de disponibilidade à Palavra do Senhor, se não tiver dado espaço sem limites e sem contabilidade à intimidade contemplativa com Deus.

Que Teresa de Saldanha seja, desde já, nossa intercessora, não apenas da Congregação que fundou, da paróquia que a gerou para a fé, desta Igreja de Lisboa que ela amou, mas de toda a Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo de quem ela hoje é santa.»

O seu processo, constituído por 8514 páginas, seguiu para a Sagrada Congregação para as Causas dos Santos, em Roma, onde será analisado por peritos da Igreja que comprovarão a heroicidade das suas virtudes.

A abertura do processo na Sagrada Congregação para as Causas dos Santos, em Roma, teve lugar no dia 14 de Fevereiro de 2002.

Na abertura e no encerramento do Processo de Canonização da Madre Teresa de Saldanha, na sua fase diocesana, muitos jornais e revistas publicaram artigos alusivos ao facto. Assim é que se refere a ela o Jornal «O Público» de Lisboa, 7 de Novembro de 1999:

TERESA
UMA NOBRE EM VIAS DE CANONIZAÇÃO

Foi ontem aberto em Lisboa o processo de canonização da portuguesa Teresa de Saldanha. Filha de condes, nasceu em 1837, após a vitória liberal e a extinção das ordens religiosas. Pintora, decidiu dedicar-se a ajudar e alfabetizar raparigas pobres e carenciadas. Fundou as Dominicanas de Santa Catarina de Sena.

NOBRE, PINTORA, AMIGA DOS POBRES, CANDIDATA A SANTA

Filha de condes, pintora mística e romântica, gostava de ajudar os pobres e carenciados. Viveu nos tempos liberais e republicanos, adversos às ordens religiosas. Ontem, foi iniciado o seu processo de canonização: é a portuguesa Madre Teresa de Saldanha.

Fundou, em 7 de Novembro de 1866, a Congregação das Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena, com o objectivo essencial de apoiar raparigas pobres.[329]

Do Jornal «Região de Rio Maior» de 19 de Novembro de 1999, extraímos:

RIO MAIOR PODE VIR A TER O NOME LIGADO A UMA SANTA

FILHA DOS CONDES DE RIO MAIOR
MADRE TERESA DE SALDANHA TEM PROCESSO DE CANONIZAÇÃO ABERTO

O Processo de Canonização da Fundação das Terceiras Dominicanas, Madre Teresa de Saldanha, teve início no passado sábado, 6 de Novembro, por coincidência Dia do Concelho de Rio Maior. Uma mulher que deixou marcas além fronteiras, na religião, na educação, na reintegração social e na assistência, numa época de intensa perseguição religiosa. Nascida em Lisboa Teresa de Saldanha viveu entre 4 de Setembro de 1837 e 8 de Janeiro de 1916. Era filha dos Condes de Rio Maior e descendente de figuras proeminentes da História de Portugal, como o Marquês de Pombal ou o Duque de Saldanha.

Rica de talentos e de fortuna, cedo percebeu que a felicidade não se encontra nem no muito ter, nem nos títulos aristocráticos. Por isso, esta mulher de linhagem nobre decidiu dedicar-se, e dedicar a sua fortuna a Deus, servindo as pessoas do seu país e em particular os pobres.

Educar, tratar, salvar: Muito culta, inteligente, com dotes de pintora e música, e com um amor profundo a Jesus, começou ainda antes dos vinte anos a dirigir instituições de educação. Mas as suas preocupações eram mais profundas: educar, cuidar dos desprotegidos, renovar a Igreja e a sociedade portuguesa.

Com forte oposição dos pais e muito cepticismo das mais altas esferas da Igreja, Teresa fundou em 1866 a Congregação das Terceiras Dominicanas Portuguesas. Custeou com a sua fortuna a formação e sustento da Congregação e da sua obra de educação e promoção das crianças pobres e de jovens operárias.

[329] Extracto do artigo.

Aperseguição leva à internacionalização: Em 1910, aquando da implantação da República, a Congregação geria vários dispensários, asilos escolas e uma casa de regeneração, espalhados de norte a sul do país. As Irmãs Terceiras Dominicanas cuidavam de cerca de 50 700 crianças, jovens, cegas, etc...

A perseguição religiosa intensificou-se. As religiosas estrangeiras foram expulsas, muitas das portuguesas foram obrigadas a regressar à sua família, os conventos foram confiscados para o Estado. A forte determinação de quem desde sempre trabalhou por "amor a Jesus", a fé de quem via em qualquer contrariedade "um sinal de Deus", o amor pelos outros e a necessidade imperiosa de trabalhar, não permitiram que a Madre Teresa de Saldanha saísse derrotada. Apesar da sua avançada idade e das condições precárias em que passou a viver – numa pequena casa, alugada, na Rua Gomes Freire, em Lisboa – havia que prosseguir o trabalho, que garantir o sustento e prossecução das vocações das religiosas; suas filhas as Dominicanas abrem diversas fundações: no Brasil, Estados Unidos e Europa.

Pobres e ricos acorreram a chorar a sua «santa», aquando da morte de Teresa de Saldanha, em 8 de Janeiro de 1916. Ainda hoje ao seu túmulo, no cemitério de Benfica, em Lisboa acorrem numerosos fiéis pedindo e agradecendo a sua protecção.

A cidade de Rio Maior quis homenagear a Madre Teresa de Saldanha atribuindo o seu nome a uma de suas ruas:

«Rio Maior, 12 de Dezembro de 2001.

A Câmara Municipal de Rio Maior deliberou na sua reunião de 12 de Dezembro a atribuição do nome de uma rua desta cidade a "Madre Teresa de Saldanha". fundadora, em 1866, das Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena. Teresa de Saldanha, cujo processo de canonização está em curso, era filha dos terceiros Condes de Rio Maior e irmã do primeiro Marquês de Rio Maior.

Dr. Silvino Manuel Gomes Sequeira, Presidente da Câmara. »[330]

Capítulo VII
Memória do Servir

Superioras Gerais da Congregação

«Eu estou no meio de vós como aquele que serve».[331]

Chamadas por Deus para promover o bem comum, a Madre Geral é sinal e princípio de unidade de toda a Congregação. Por si e com o seu Conselho tem por missão animar toda a Congregação através do seu magistério e do contacto pessoal com as Irmãs. Cabe-lhe ainda o

[330] Jornal *Região de Rio Maior*, 18 de Janeiro de 2002.

[331] Lc 22,27.

papel de coordenar as várias Províncias, estimulando-as, promovendo a comunicação fraterna entre elas.[332]

Madre Fundadora e 1.ª Superiora Geral
Madre Teresa Catarina Rosa Maria do Santíssimo Sacramento de Saldanha Oliveira e Sousa
1887-1916

A Madre Fundadora foi eleita primeira Superiora Geral da Congregação a 9 de Novembro de 1887, tendo sido dispensada do tempo canónico por um breve de 21 de Dezembro, o que foi motivo de grande júbilo para todas as Irmãs. Foi eleita, por unanimidade de votos. Agradecendo os cumprimentos enviados pela Maria Augusta Campos, escreve-lhe, com graça: «A "Madre Teresa" agradece muito a cruz que tão rodeada está de flores. Espero assim será comigo e que todos os trabalhos e cuidados inseparáveis do alto lugar que vou ocupar serão rodeados de flores, colhidas pelas queridas filhas, frutos da sua dedicação!» 333

Nos três capítulos seguintes, também presididos pelo Cardeal Patriarca de Lisboa, D. José Sebastião Neto – 25 de Janeiro de 1894, 30 de Janeiro de 1900 e 29 de Janeiro de 1906 – a Madre Fundadora foi sempre reeleita por unanimidade de votos. Agradecendo à sua cunhada, Marquesa de Rio Maior esclarece: «Venho agradecer-te a tua carta e parabéns pela minha reeleição. Bem sabes, pouco me importam honras, quero só o bem desta Congregação que, com o auxílio de Deus, eu fundei, só com o desejo do bem. Tu bem sabes isto, não é assim? Nenhum outro sentimento entrou no meu coração, só a glória de Deus e o bem das almas e do nosso país. Mas tudo prova a obra é de Deus, aliás não se poderia ter feito, o que feito está! As Irmãs o que podem ter a certeza é que não podiam ter uma superiora que maior amor tenha pela Congregação do que eu.» [334]

Em 1912, estando as Irmãs dispersas devido à revolução de 1910, expirou o seu tempo como Superiora Geral da Congregação: «Sabe que o meu tempo como Superiora Geral terminou e comigo as Madres do Conselho, também o seu de Procuradora Geral, por isso apelei para Roma, para o Cardeal Vincent Vannutelli, nosso Cardeal Protector, expondo a Sua Eminência as nossas dificuldades presentes e pedindo-lhe conselho. Estou à espera da sua resposta.» [335]

Tendo em conta as dificuldades que existiam para a reunião do Capítulo, o Cardeal Vannutelli, Protector da Congregação, respondeu «Estou autorizado a informar-vos que os vosso poderes de Superiora Geral foram prorrogados pela Santa Sé, sem necessidade de uma nova eleição, até que a Santa Sé julgue de outra forma. As Assistentes também podem continuar nos seus cargos, a menos que Vós, assistida pelo conselho de algumas Irmãs mais antigas, julgueis a propósito mudar uma ou outra.»[336]

---

[332] Cf. Constituições, n.º 385 C.

[333] A.G.C., Doc. 1096.

[334] 27 de Janeiro de 1894, A.G.C., Doc. 1579.

[335] Carta da Madre Teresa de Saldanha à Madre Maria Catarina Roth, 16 de Abril de 1912, A.G.C., Doc. 25, k.

[336] Carta do Cardeal Vanutelli, 1 de Maio de 1912, A.G.C., Doc. 2417.

Assim, a Madre Teresa de Saldanha exerceu o cargo de Superiora Geral da Congregação até ser chamada pelo Senhor, no dia 8 de Janeiro de 1916.

2.ª Superiora Geral
Madre Maria José Monteiro Soares de Albergaria
1916-1928

A Madre Maria José do Sagrado Coração de Jesus Soares de Albergaria era filha de Luís Monteiro Soares de Albergaria e de Ludovina Amélia da Silva Carvalho. Nasceu no dia 5 de Novembro de 1855, em Coimbra.

Professou em São Domingos de Benfica, no dia 3 de Abril de 1883. Na República foi para casa da família. Soube, depois da expulsão das Irmãs da Caridade do Hospital da Parede e do desejo de D. Claudina colocar Irmãs nesse hospital. Foi assim que comunicou com a Madre Fundadora no sentido de estabelecer uma Comunidade naquele espaço. E fez parte dessa primeira Comunidade.

Exerceu diversas e importantes missões na Congregação. Em 1911 foi com a Madre Teresa de Saldanha, como visitadora ao Brasil e, em 1916, foi eleita Superiora Geral.

Quando a Madre Fundadora morreu, a hostilidade religiosa ainda se fazia sentir em Portugal. O mundo era sacudido pela crueldade da I Guerra Mundial com todo o cortejo de desgraças daí provenientes: escassez de alimento, insegurança nas viagens, etc.

Devido a tantas dificuldades, só seis meses após a morte da Madre Fundadora foi possível reunir o Capítulo Geral e a ele não puderam comparecer as delegadas da América.

Neste Capítulo Geral, o 5.º, realizado em Salamanca, em 4 de Julho de 1916 e presidido pelo Padre Frei Domingos Frutuoso, OP, em representação do Senhor Patriarca de Lisboa, foi eleita a Madre Maria José Soares de Albergaria, como Superiora Geral.

Quando foi eleita Superiora Geral, os ventos revolucionários ainda sopravam em Portugal e continuavam a ser proibidos os hábitos religiosos e os conventos vistos com desconfiança. Por outro lado, o Noviciado em Salamanca tornava-se uma dificuldade acrescida, algumas vocações portuguesas não tinham possibilidades de ir para o estrangeiro; as despesas eram insustentáveis.

Contudo, a Madre Maria José, no agitado período do seu governo, soube manter a serenidade que lhe era habitual. Governou a Congregação, em tempos muito adversos, com sabedoria, zelo e coragem, abrindo diversas casas, quer em Portugal, quer na América. Foi ela que tomou conta das «Florinhas da Rua», obra de acolhimento a crianças pobres que funcionava no Campo dos Mártires da Pátria, em Lisboa. O Colégio da Lousã foi também fundação da Madre Maria José Soares de Albergaria, em Outubro de 1920.

Foi reeleita para novo período, em 21 de Agosto de 1922, em Salamanca. Presidiu ao acto D. Domingos Frutuoso, OP, Bispo de Portalegre. Governou a Congregação até 1928.

Faleceu, com 90 anos de idade, no Ramalhão, no dia 18 de Fevereiro de 1946.

3.ª Superiora Geral
Madre Maria Teresa de Saldanha Oliveira e Sousa
1928-1930

A Madre Maria Teresa de Jesus Crucificado, Maria Isabel, nasceu em Lisboa a 10 de Janeiro de 1876. Foi a primeira filha de D. José Luís de Saldanha Oliveira e Sousa, irmão da Madre Fundadora, e D. Bárbara Tavares de Proença Fevereiro.

Após a morte da mãe, em 1889, foi com as suas irmãs para o Colégio de São José, em São Domingos de Benfica. A Madre Fundadora refere-se à pequena Isabel como sendo uma criança muito dócil, piedosa e boa.

Professou na Congregação a 5 de Janeiro de 1903. Era prioresa da Casa de São Domingos de Benfica, na expulsão de 1910. Foi viver com a tia na casa da Rua Gomes Freire. Embora frágil, muito se dedicou e trabalhou pela Congregação. Em 1911 foi ao Brasil como Visitadora.

Mais tarde, foi prioresa na Casa da Parede e na da Lousã. Aí, dedicou-se totalmente à educação das crianças e à remodelação do edifício, onde abriu uma capela. O Inspector escolar mandou fechar a capela, obrigando as Irmãs a longas caminhadas para se deslocarem à Igreja paroquial para a missa e a bênção.

Desde nova que era doente e dada a jejuns, mortificações de toda a espécie, mas D. João Evangelista de Lima Vidal atribui a sua perda de saúde à sua estada na Lousã.

Foi eleita Superiora Geral no 7.º Capítulo Geral realizado em Leiria, a 27 de Agosto de 1928, presidido por D. José Alves Correia, Bispo de Leiria.

Nesse ano de 1928 estabeleceu o Noviciado e a Casa-Mãe em Braga, onde viveu até ao dia 13 de Junho de 1930. Nesse dia partiu, de comboio, para Lisboa na esperança de melhorar. Os médicos não conseguiram fazer nada, dado o gravoso estado da doença que a conduziu à morte, no dia 17 de Julho desse ano. Faleceu na Casa de Nossa Senhora do Rosário, na Rua Gomes Freire, com 53 anos de idade e apenas dois anos de generalato.

A Madre Maria São Jacinto Quintela deixou-nos um edificante testemunho da sua doença e morte: «A nossa querida doentinha muito mal, tem momentos mais animados mas está muito mal. Ontem à noite ela mesmo julgou que morria, coitadinha; sofre tanto e com muita paciência, dá grande edificação. Sente-se muito fraca e vê que não pode resistir, faz muita pena, tem o seu Purgatório cá neste mundo. Deus se lembre de nós.

A nossa Madre Geral continua a ir para o fim e é uma admiração, espanto mesmo, como vai resistindo! Há momentos que parece está a passar com aflições e outros que está muito esperta e pergunta por tudo e lembra-se de tudo, é uma coisa incompreensível. Quase que não se alimenta, muito inchada até à cintura e hoje já os braços, a mão e até a cara um pouco. Enfim, está a encher os seus dias, ainda não chegou a hora.

A querida doente está muito mal, mesmo sem esperança, o médico diz que pode ficar num instante, devido à grande prostração e decadência do coração. É uma lamparina que se está apagando. Esta noite esteve toda a noite sem tomar nada, para comungar de manhã. Não houve meio de a convencer que podia tomar, mas disse que queria oferecer esse sacrifício a Nosso Senhor. Está a passar o seu Purgatório.» [337]

Também a Madre Maria Osana Dias Vieira deixou o seu testemunho, escrito à Madre Maria Rosa Thiaucourt: «Então está tudo acabado!! Lá foi hoje a nossa querida Madre Geral para a sua última morada, coitadinha! Nosso Senhor a tenha já em descanso, pois tanto sofreu! Estes últimos dias já nem era viver! Só quem estava com ela pode avaliar o que era, ou o que foi! E, por outro lado, vermos que nada se podia fazer, era só esperar a hora que

[337] 1930, A.G.C.

tanto custou a chegar! Que aflições tinha de vez em quando! Era de esmagar o coração! Quase não se lhe podia pegar, e tantas vezes era preciso pegar-lhe, fazer-lhe tudo! Tudo! Que pena fazia! E no meio disto mostrava que não estava convencida que morria! Pois que quando tinha as aflições dizia muitas vezes: "Eu morro! Eu morro! Não posso resistir". Mas isto dito de maneira a mostrar que lhe custava muito morrer! E desejando que lhe valessem e ninguém lhe podia valer, só Nosso Senhor! Dizia-me uma vez aflita: "Madre Maria Osana, valha-me com os seus remediozinhos, Nosso Senhor a inspire!" Tudo isto fazia muita pena, e agora lembrando-me disto ainda me faz mais pena! Eu fazia-lhe tudo o que podia, mas nada aproveitava, porque Nosso Senhor não queria. Muito resistiu! Um espanto mesmo! Eu tenho tratado muitos doentes e nunca vi uma coisa assim!

O enterro foi sem convites e mesmo sem anúncio, de forma que além da família não foi muita gente, que era o que convinha! Foram quatro Padres ao cemitério, o nosso capelão em lugar do Prior da freguesia que não podia ir, o Senhor Padre Paulo pelos Padres do Corpo Santo, o Senhor Dr. Honorato a representar o Senhor Cardeal Patriarca, outro Padre a representar o Senhor Bispo de Portalegre e o Capelão do Sanatório da Parede e mais quatro pequenas do Sanatório a representar o Sanatório. Tudo correu muito bem, graças a Deus! Estou certa que se não houvesse esta reserva que houve, viria meia Lisboa ao enterro, mas era impossível com uma casa tão pequena e parte dela a cair![338]

Sinto hoje uma tristeza tão grande! Não calcula! Se a querida Madre Geral tivesse tanta vontade de viver e de se curar quando os médicos daí a mandaram para Lisboa, como tinha agora que já era tarde, não teria morrido já! A resistência que ela tinha! Mas já veio muito tarde, e a viagem que fez de Braga a Lisboa escangalhou-a muito. Os médicos admiram-se como cá chegou direita!

Esqueci-me dizer que no final a Madre Geral não teve aflição; acabou muito sossegadinha, como que uma luz que se vai apagando pouco a pouco; mas depois de morta tinha uma carinha de morte, exactamente. Uma velha! Muito sofreu!!» [339]

4.ª Superiora Geral
Madre Maria de São João Evangelista de Lima Vidal
1930-1937

A Madre Maria de São João Evangelista do Sagrado Coração de Jesus, Maria Zulmira de Lima Vidal, era filha de Norberto Ferreira Vidal e de Umbelina de Lima Vidal, nasceu no ano de 1881 na freguesia da Vera Cruz, Aveiro, e irmã de D. João de Lima Vidal.[340]

A Madre Maria de São João Evangelista professou na Congregação no dia 5 de Janeiro de 1903, com o nome de Irmã Maria de São João Evangelista. Na República, foi com outras Irmãs trabalhar para o Brasil.

---

[338] Refere-se a casa da Rua Gomes Freire para onde veio de Braga, para ser tratada.

[339] 1930, A.G.C.

[340] Bispo de Angola e Congo, Arcebispo de Mitilene no Patriarcado de Lisboa e o primeiro Arcebispo-Bispo da restaurada diocese de Aveiro. Foi o primeiro biógrafo da Madre Fundadora.

Regressou a Portugal em 1922 e foi como Sub-prioresa e professora de Português para o Colégio da Lousã. Esteve em várias casas da Congregação.

Foi a quarta Superiora Geral, eleita no 8.º Capítulo Geral, realizado em Braga, Casa-Mãe e Noviciado, a 21 de Novembro de 1930, presidido por D. Manuel Vieira de Matos, Arcebispo Primaz.

Partiu de barco, em visita às Irmãs da América do Norte, acompanhada pela Madre Maria Cecília Correa de Sá, em Abril de 1932. Daí viajou em companhia da Madre Maria de São Jacinto Piechowaska para o Brasil, onde permaneceu cinco meses. Tomou duas medidas importantes, a fundação de uma casa da Congregação na capital paulista e a transferência do Noviciado de Campinas para Amparo.

Governou Congregação de 1930 a 1937. Deu importantes passos para se levar a cabo a Processo de Canonização da Madre Fundadora que ela conhecera e muito amava. Incentivou as Irmãs a enviarem os seus testemunhos para a Madre Maria Rosa Thiaucourt escrever a vida e fama de santidade da Madre Fundadora. Colaborou com o seu irmão na publicação da obra: *Dona Teresa de Saldanha e as Suas Dominicanas*.

Passou os últimos anos da sua vida numa cadeira de rodas, mantendo sempre a mesma paz e espírito de oração.

Faleceu em Fátima, com 90 anos de idade, no dia 24 de Maio de 1972.

5.ª Superiora Geral
Madre Maria Rita da Cruz Lecor Buys
1937-1952

A Madre Maria Rita da Cruz, Alice Ferreira Lecor Buys, filha de Caetano Augusto Lecor Buys e de Carlota Ferreira, nasceu em Lisboa, a 4 de Março de 1884 e professou na Congregação a 20 de Abril de 1928.

Esteve em várias casas da Congregação, inclusive no Brasil, onde exerceu, durante anos, a missão de Mestra de Noviças.

Foi eleita Superiora Geral no 9.º Capítulo Geral realizado em Braga. A História do Vicariato do Brasil conta como tudo aconteceu: Em 1937 as duas capitulares – Madre Emília Renon e Madre Maria de Santo Inocêncio Lima – preparavam-se para embarcar em Santos rumo a Portugal para participar no Capítulo Geral. Estavam já dentro do navio quando a Madre Maria de Santo Inocêncio Lima caiu e partiu um braço. Perante o sucedido, tiveram de voltar para casa as duas capitulares, sendo a doente internada no hospital.

Para acompanhar a Madre Vigária ao Capítulo foi escolhida a Madre Maria Rita Lecor Buys, então Mestra de Noviças, Conselheira e Secretária do Vicariato. E surpresa! Iniciado o Capítulo no dia 11 de Maio com a eleição da Madre Geral, foi postulada para este cargo a Madre Maria Rita da Cruz Lecor Buys que nem tomava parte no Capítulo, visto não ser delegada. A notícia foi recebida com grande júbilo pelas comunidades do Brasil que viam na eleita uma verdadeira dominicana, capaz de entregar-se de corpo e alma ao bem da Congregação.[341]

---

[341] Cf. Breve História do Vicariato do Brasil, 1911-1968, p. 24.

Teve de se pedir dispensa à Santa Sé visto a Madre Maria Rita só ter nove anos de profissão e as Leis da Congregação exigirem dez anos. Presidiu o Cónego António Gonçalves Pires.

À Madre Maria Rita se deve a iniciativa de comprar o Ramalhão e aí estabelecer a Casa-Mãe, o Noviciado e um colégio de meninas. Foi também ela que se empenhou na construção de um edifício para o Externato de São José, em Lisboa.

Em Julho de 1946, no Capítulo Geral, presidido por D. Manuel Gonçalves Cerejeira, Cardeal Patriarca de Lisboa e realizado no Ramalhão, foi reeleita para outro período.

6.ª Superiora Geral
Madre Maria Teresa do Menino Jesus Gomes Pinto
1952-1964

A Madre Maria Teresa do Menino Jesus, Zélia Gomes Pinto, filha de José Maria Gomes Pinto e de Rosa d' Oliveira Piedade Pinto, nasceu a 30 de Agosto de 1892 em Ovar, diocese do Porto.

Ingressou na Congregação, em Salamanca, e professou a 2 de Março de 1925. Teve duas irmãs na Congregação: Irmã Maria Lúcia e Irmã Maria do Sagrado Coração de Maria.

Foi eleita Superiora Geral no 11.º Capítulo que se realizou no Ramalhão, Sintra de 2 a 4 de Julho de 1952 e que foi presidido por D. Manuel dos Santos Rocha e reeleita para outro período em Agosto de 1958.

Foi no seu mandato que a Congregação se expandiu para novos campos de missão em Angola e Moçambique.

Faleceu na Casa de Fátima, com 95 anos, no dia 27 de Dezembro de 1988.

7.ª Superiora Geral
Madre Maria do Sagrado Coração de Jesus Valente
1964-1976

A Madre Maria do Sagrado Coração do Santíssimo Rosário, Maria dos Prazeres Valente, filha de Manuel Francisco Valente e de Prazeres Peixe Redondo, nasceu em Ílhavo, diocese de Aveiro, a 10 de Agosto de 1911. Professou na Congregação a 26 de Julho de 1934.

Foi prioresa de várias casas da Congregação, revelando grande talento para governar. Era alegre, sincera, sabendo corrigir com amor e fraternidade. Em 1961 visitou as Irmãs, em Moçambique, como delegada da Madre Geral.

Foi eleita Superiora Geral no 13.º Capítulo Geral que se realizou na Casa de São José, Ramalhão, Sintra de 15 a 19 de Agosto de 1964, e reeleita para um segundo mandato, no Capítulo Geral de 1970.

Durante o seu mandato realizou-se o Capítulo Geral Extraordinário, em 1967/1968, para a renovação das Constituições e da Congregação, em consonância com as exortações do Concílio Ecuménico Vaticano II. D. Francisco Rendeiro, OP, seu grande amigo e da congregação, acompanhou os trabalhos capitulares com grande zelo e sentido eclesial.

A Madre Maria do Sagrado Coração de Jesus visitou várias vezes as casas de África e do Brasil onde a sua presença era marcante.

A morte colheu-a, inesperadamente, aos 66 anos num acidente de viação, juntamente com a Superiora Geral e mais duas Irmãs, no dia 22 de Janeiro de 1978. Na pagela em memória da sua morte está, em síntese, o que foi a sua vida: «Alegria e acolhimento a pessoas e iniciativas, optimismo esclarecido e irradiante, capacidade de decisão e eficácia de presença.»

No Brasil, a Comunidade de Dirceu Arcoverde, PI, tem o seu nome, em memória do bem que espalhou.

8.ª Superiora Geral
Madre Maria do Perpétuo Socorro Costa[342]
1976-1978

A Madre Maria do Perpétuo Socorro, Maria Emília da Costa, filha de José António e de Maria do Rosário Pereira, nasceu na Faniqueira, Batalha, diocese de Leiria-Fátima no dia 15 de Outubro de 1920. Professou na Congregação no dia 2 de Outubro de 1945. Era sobrinha da Madre Maria Catarina de Ricci Pereira e tia da Irmã Maria do Rosário Ferreira.

Trabalhou em várias casas, como directora de colégios, manifestando grande talento para formar a juventude. Era muito alegre e de grande doação.

Governou, durante vários anos, como Provincial a Província do Brasil. Foi nessa qualidade que participou no 15.º Capítulo Geral que se realizou no Ramalhão, Sintra, de 14 a 28 de Julho de 1976, onde foi eleita Superiora Geral. Presidiu ao acto D. Júlio Rebimbas, Bispo Auxiliar de Lisboa.

As Irmãs do Brasil saudaram, com alegria, a nova Madre Geral, chorando, contudo, a perda de uma Provincial tão querida.

Governou a Congregação apenas dezoito meses, pois faleceu vítima de acidente de viação, aos 57 anos, a 22 de Janeiro de 1978. Na pagela em memória da sua morte está, em síntese, o que foi a sua vida:

«Disponibilidade total de serviço, entrega mortificada e silenciosa mesmo a tarefas para as quais se sentia pequena e atribulada.»

9.ª Superiora Geral
Madre Maria Cecília da Câmara de Siqueira
1978-1984

A Madre Maria Cecília, Maria Isabel da Câmara de Siqueira, filha de Augusto de Siqueira e de Margarida Maria Figueiredo Cabral da Câmara, nasceu no dia 9 de Dezembro de 1931, em Castanheira do Ribatejo, diocese de Lisboa.

Foi educada no Colégio de São José, Ramalhão onde tirou o Curso Geral. Aí sentiu o apelo de Deus e professou na Congregação a 11 de Maio de 1951.

---

[342] No dia 22 de Janeiro de 1978, a Madre Geral, Madre Maria do Perpétuo Socorro Costa, regressava de um Encontro de Irmãs sem Fátima, acompanhada da Madre Maria do Sagrado Coração de Jesus Valente e das Irmãs: Maria de São João da Cruz Ferreira, Maria Deolinda Fernandes e Maria Natividade, para o Ramalhão, quando tiveram um acidente de viação, sobrevivendo dele apenas a Irmã Maria da Natividade.

Muito alegre e com imenso talento para a música, tocava vários instrumentos musicais, tinha uma bela e potente voz. Com esses talentos c e com grande entusiasmo animava a liturgia. Tirou o Curso de Teologia em Toulouse. Foi Sub-Mestra de Noviças no Ramalhão.

Foi eleita Superiora Geral no dia 4 de Julho de 1978, no 16.º Capítulo Geral que se realizou no Convento do Santíssimo Rosário, em Fátima, presidido por D. Alberto Cosme Amaral, Bispo da Diocese.

A Casa-Mãe e o Noviciado foram transferidos para Fátima, no seu mandato.

10.ª Superiora Geral
Madre Maria de São João de Brito de Almeida
1984-1996

A Madre Maria de São João de Brito, Maria de Lurdes de Almeida, filha de Pedro de Almeida e de Bárbara Atanásio, nasceu a 11 de Janeiro de 1927 em Cortiçô, Celorico da Beira, diocese da Guarda. Viveu, desde criança com a família, em Casal da Ribeira, Sintra.

Foi educada no Colégio de São José, Ramalhão, e professou na Congregação a 29 de Setembro de 1949. Tem uma irmã religiosa na Congregação, Irmã Maria de Santa Rosa de Viterbo.

Estudou enfermagem e, durante muitos anos, fez parte da administração do Hospital de Sant'Ana na Parede, onde deixou sinais visíveis da sua caridade.

Fez parte do Conselho Geral durante vários períodos. Em 1972 foi a primeira Provincial da Província de São Domingos, que abrangia as casa a Sul de Portugal e as de Angola e Moçambique.

Foi eleita Superiora Geral, no 17.º Capítulo Geral, a 4 de Julho de 1984, realizado no Convento de São Domingos do Santíssmo Rosário, em Fátima e presidido D. Alberto Cosme Amaral, Bispo da diocese e reeleita para outro período no Capítulo Geral de 1990, realizado no Ramalhão e onde esteve presente, D. António Ribeiro, Cardeal Patriarca de Lisboa.

Foi no seu mandato que: a Congregação celebrou os 150 anos do nascimento da Madre Fundadora; as Irmãs voltaram à Casa de São Domingos de Benfica, em 1991, mediante um protocolo de cedência assinado entre o Governo e a Congregação; se realizaram dois Encontros Internacionais, um em Portugal e outro no Brasil; se deu também início ao Processo de Canonização da Madre Fundadora, destacando duas Irmãs para essa missão.

11.ª Superiora Geral
Madre Maria Manuela dos Anjos
1996

A Madre Maria Manuela dos Anjos, filha de Manuel da Cruz e de Carmentina dos Anjos, nasceu a 17 de Novembro de 1936, em São Sebastião da Feira, concelho de Oliveira do Hospital, diocese de Coimbra.

Professou na Congregação a 31 de Maio de 1954.

Foi Mestra de Noviças, Professora e Directora, do Externato de São José, e Provincial da Província de Nossa Senhora do Rosário, durante nove anos. No seu mandato abriram-se duas casas de apoio social a crianças: Portimão e Nordeste, nos Açores.

Enquanto Provincial foi Presidente da Federação Nacional dos Institutos Religiosos Femininos (FNIRF).

Superiora Geral, eleita no 19.º Capítulo Geral que se realizou na Casa de São Domingos do Santíssimo Rosário, em 16 de Julho de 1996, em Fátima. Presidiu D. António Ribeiro, Cardeal Patriarca de Lisboa.

Dando cumprimento ás ordenações do Capítulo Geral de 1996 sobre a expansão da Congregação, abriu em 1999 uma Comunidade de inserção em Tirana, Albânia.

No seu generalato foi oficialmente aberto, a 6 de Novembro de 1999, na capela de São Domingos de Benfica, e encerrado a 17 de Novembro de 2001, na Igreja de São José da Anunciada, a fase diocesana do Processo de Canonização da Madre Fundadora.

Neste período começou-se a formação conjunta das Irmãs para os Votos Perpétuos.

Casas-Mãe da Congregação

Ao longo dos anos, as Superioras Gerais da Congregação têm vivido em diversas casas, de acordo com as circunstâncias históricas:

1- Casa de São José, Portas da Cruz, Lisboa, 1868-1877.
2- Casa de São José, em São Domingos de Benfica, Lisboa, 1877-1910.
3- Casa de Nossa Senhora do Rosário, Rua Gomes Freire, Lisboa, 1911-1916.
4- Casa de São José, Salamanca, Espanha, 1916-1928.
5- Casa de São José, Braga, 1928-1941.
6- Casa de São José, Quinta do Ramalhão, Sintra, 1941-1978.
7- Casa de São Domingos do Santíssimo Rosário, Fátima, 1978-1984.
8- Casa de São José, Quinta do Ramalhão, Sintra, 1984-1991.
9- Casa de São José em São Domingos de Benfica, 1991.

Capítulo VIII
In memoriam

Notas biográficas de Irmãs falecidas

Durante a vida da Fundadora faleceram sessenta e oito Irmãs, a maioria ainda muito jovem. Cada vez que morria uma, a Madre sentia a dor da separação: «Tudo isto faz-me muita impressão e muita saudade das queridas filhas que já se foram e que comigo partilharam tantos trabalhos, com quem eu podia conversar sobre as coisas e acontecimentos que se

passaram connosco. Falta-me a Madre Vigária, a Madre Maria Inês Duff e mais outras que presenciaram tantas coisas! Mas, *Fiat*, é esta a vontade de Deus.» [343]

Em 1912 a Madre Teresa de Saldanha revelou o desejo de publicar as vidas das Irmãs que foram modelo de santidade: «A nossa Irmã Maria do Espírito Santo está agora no céu, espero, e deve pedir muito por mim e por todas nós, que tanto necessitamos de ajuda nestas tristes circunstâncias! Estou contente por saber que a Madre Maria de São Paulo está a escrever algo acerca da Irmã Maria do Espírito Santo e isto dará edificação às nossas Irmãs. Sinto, muitas vezes, pena que as vidas de tantas das nossas Irmãs não tenham sido escritas, pois nós temos tido muitas Irmãs santas, na nossa Congregação.» [344]

A Madre Fundadora reconheceu, com alegria, que muitas percorreram o caminho da santidade: «As Irmãs são muito boas. Temos ali santas, eu é que não posso falar nisso, porque outras é que devem contar, mas são almas santas como se lêem nos livros e de grande virtude.» [345]

Alguns meses mais tarde, referiu-se ao mesmo assunto: «Foi uma grande consolação para mim saber que a Irmã Maria Germana era tão santa assim como era a Irmã Maria do Espírito Santo. Isto é uma grande consolação para mim, que ambas rezem por mim, pelas minhas muitas necessidades e pela nossa Congregação que tão maravilhosamente escapou e continua trabalhando para a glória de Deus. Há muito tempo que este pensamento está comigo, de ter uma pequena narração escrita das vidas destas Irmãs que tiveram tais mortes santas e estas vidas escritas nas casas onde elas deram tanta edificação pelas suas virtudes, uma narração pequena, mas edificante. Isto é feito em quase todas as Congregações e isto edifica muito e agora que nós temos tantas casas em diferentes países, é muito necessário fazer isto e estas vidas poderiam ser impressas e publicadas.»[346]

Tendo em conta o desejo da Madre Fundadora e acreditando que a santidade é património da Congregação, reunimos pequenas biografias de algumas Irmãs que tiveram vidas edificantes, falecidas antes da Madre Fundadora. Segundo o testemunho que encontramos nas suas cartas, houve muitas outras. Devido à dispersão de 1910, perderam-se documentos que continham dados fundamentais, o que nos impossibilita destacar todas as que viveram intensamente a sua consagração.

Irmã Maria de São Tomás de Aquino
São Domingos de Benfica, 13 de Julho de 1878

A Irmã Maria de Santo Tomás de Aquino, Maria das Dores Alves Pereira, nasceu em Braga, na freguesia de São Lázaro, a 2 de Abril de 1859.

---

[343] Carta da Madre Teresa de Saldanha à Madre Maria de Santo Estanislau Reid, A.G.C., doc. 2004.

[344] Carta da Madre Teresa de Saldanha à Madre Maria de Santo Estanislau Reid, 29 de Maio de 1912, A.G.C., Doc. 1926.

[345] Carta da Madre Teresa de Saldanha a Maria Augusta de Faria Campos, A.G.C., 5 de Setembro de 1897, Doc. 912.

[346] Idem, 16 de Setembro de 1912, A.G.C., Doc. 1916.

Aos 18 anos entrou no convento, em São Domingos de Benfica. Tinha uma bela presença, rosto simpático, meigo, era muito dócil e humilde. Foi encarregada da rouparia dos rapazinhos de 4 aos 11 anos, obrigação que cumpriu com muita exactidão e zelo durante o seu tempo de postulantado. Apesar da pouca idade, era respeitada pelos rapazes, devido ao seu carácter sério e decidido.

Tomou hábito no dia 7 de Março de 1878. Durante o Noviciado começou a sentir-se doente. A 11 de Junho caiu de cama com muita febre, tinha uma doença pulmonar. Quando lhe disseram que tivesse cuidado para não ir para o céu tão nova, respondeu alegremente: «Oh, bem feliz era eu, se Nosso Senhor me levasse, o pior é não ter ainda professado.» Manifestou, com uma grande simplicidade, o seu ardente amor por Jesus Sacramentado, por Maria e também quanto apreciava a sua vocação religiosa dominicana.

Sentindo que a morte se aproximava, pediu à Madre Maria Inês Duff, Mestra de Noviças, para fazer a sua profissão religiosa, vontade que realizou, em 'artigo de morte' no dia 11 de Julho de 1878, às 11 horas da noite, nas mãos da Madre Maria José Barros de Castro, repetindo cada palavra com voz decidida e inteligível. Todas as que assistiram ficaram impressionadas, não conseguindo conter as lágrimas. Só ela se conservava alegre e risonha. Terminada a cerimónia abraçou a prioresa e disse: "Agora sim, agora já sou vossa filha, deveras". Disse ainda: "Oh que alegria! Agora em estando no céu peço logo pela Madre". Vendo que a Madre Maria Inês não continha as lágrimas disse-lhe: "Não chore por mim, olhe que não vale a pena".»[347]

Faleceu a 13 de Julho de 1878, foi a primeira Irmã da Congregação a morrer, tinha apenas 18 anos. Assim se refere a ela, a Madre Teresa de Saldanha: «A nossa Irmã Maria de São Tomás foi para o céu, no sábado, às 11.30 h. da manhã. Que morte teve! Assisti-lhe a tudo. Expirou pouco depois das Irmãs cantarem a Salvé. Depois de morta estava linda...Tenho tido um grande desgosto de perder esta Irmã, a primeira da Congregação que foi para o céu!! Teve morte de uma santa! Que aspirações, que devoção! Professou e foi logo para o Céu. Feliz alma.»[348]

Irmã Maria Rosa Corbally
São Domingos de Benfica, 13 de Abril de 1880

A Irmã Maria Rosa, Kate Corbally, nasceu na Irlanda, em 1844. Foi a quarta Irmã a ingressar no Noviciado, em Drogheda. Professou nas mãos da Madre Maria Imelda Magee, Prioresa do Convento de Sena, em lugar de Sua Eminência o Senhor Patriarca de Lisboa, no dia 4 de Maio de 1870. Acabado o tempo de formação viajou para Lisboa, juntando-se às três Irmãs que, na Casa das Portas da Cruz, davam início à Congregação.

Quando abriu a Casa de São Domingos de Benfica, em 1877, fez parte do grupo da fundação da e aí desempenhou uma importante acção educativa como Mestra Geral de Estudos e professora.

---

[347] Cf. A.G.C., Doc. 7348.

[348] Carta de D. Teresa de Saldanha a Maria Augusta de Faria Campos,17 de Julho de 1878, A.G.C. Doc. 1330.

A sua doença causou grande preocupação como refere a Madre Fundadora: «Adoeceu a Irmã Maria Rosa com uma pneumonia. Tem estado muito mal, a sua falta seria irreparável. Mas, paciência, é a vontade de Deus, e basta.» [349]

Depois refere-se à sua morte, ocorrida no dia 13 de Abril de 1880, aos 37 anos de idade, na Casa de São Domingos de Benfica: «Na terça-feira foi para o céu a nossa querida Irmã Maria Rosa, teve uma morte santa como santa foi a sua vida! Voou para o céu, quando as Irmãs reunidas à roda da cama acabaram de cantar a Salve!! Eu recebi o seu último suspiro, assisti-lhe até ao fim! Coitadinha, tudo foi pouco para recompensar aquela que deixou o seu país e tudo de seu, para tomar parte nesta obra, confiando em Deus e em mim! Tenho tido um grandíssimo desgosto, mas estou resignada e conforme com a vontade de Deus. Esperamos que no céu a Irmã Maria Rosa nos será ainda mais útil, e seja feita sempre a vontade de Deus.»[350]

Na nota necrológica, escrita pela própria Madre Fundadora, pode ler-se: «A Irmã Maria Rosa foi uma das primeiras de um grupo de jovens irlandesas que, fizeram generosamente o sacrifício da sua pátria para virem ajudar a fundação da Ordem Terceira regular em Portugal, e pagar assim à nação portuguesa a dívida de hospitalidade concedida antigamente aos seus compatriotas perseguidos – hospitalidade da qual são magníficos monumentos os Colégios de São Patrício e do Corpo Santo e o Convento do Bom Sucesso.

Dotada de uma grande força de vontade e de uma grande firmeza de carácter, ao mesmo tempo, a Irmã Maria Rosa era admirável pela docilidade de espírito e pelas suas qualidade de coração.

Nas delicadas funções de Mestra Geral dos Estudos, ela soube ganhar e conservar, até um grau pouco comum, as afeições das crianças, sem nunca se deixar levar a uma fraca condescendência, tão contrária à sua consciência, como prejudicial aos verdadeiros interesses das crianças. A Irmã Maria Rosa possuía um grau extraordinário de doçura e de firmeza que o bem-aventurado Jordão de Saxe diz ter sido uma das feições mais características da fisionomia de Nosso Bem-Aventurado Pai São Domingos. Era sempre a primeira a dar o exemplo do que ensinava aos outros. A sua generosidade manifestava-se por uma fidelidade constante aos mais pequenos deveres do seu cargo.

No meio dos sofrimentos causados pela longa e cruel doença à qual sucumbiu, a Irmã Maria Rosa mostrou uma paciência inalterável. Uma vez, depois de muitas noites de insónia, pediu a Nosso Senhor a graça de poder dormir um pouco, para poder ficar mais unida com Ele e sofrer melhor. Nosso Senhor ouviu a sua oração, e esta nova prova de bondade do seu Esposo celeste, deu um novo impulso ao seu amor e ao seu reconhecimento.

A aproximação da morte não causava à Irmã Maria Rosa o mais pequeno receio, e um dia que alguém lhe perguntava se ela não tinha susto de morrer, a Irmã Maria Rosa respondeu com uma certa admiração: "Mas porquê?" Depois acrescentou: "Oh! não! Eu amo demasiadamente Nosso Senhor para ter medo d' Ele."

No dia 13 de Abril, de manhã, confessou-se, e o seu confessor, receando não estar ao lado da Irmã Maria Rosa no seu último momento, o qual parecia estar ainda longe, teve a feliz ideia de lhe ler as orações dos agonizantes, com o fim de lhe suscitar os pensamentos que ela devia ter, quando no momento da agonia lhe lessem as ditas orações.

---

[349] Idem, Doc. 977.

[350] Idem, Doc. 1391.

A Irmã Maria Rosa seguiu com uma tocante devoção estas belas orações, dando ela mesma as respostas e, quando as orações se concluíram, ela exprimiu o desejo de receber a Sagrada Comunhão.

Nosso Senhor quis justificar a confiança que a Irmã Maria Rosa tinha n'Ele e veio Ele mesmo, no Sacramento do Seu amor, trazer-lhe a feliz notícia do fim da sua peregrinação. Alguns instantes depois de ter recebido a Sagrada Comunhão, a Irmã Maria Rosa abateu-se docemente, repetiu com uma voz quase imperceptível as palavras de Nosso Senhor expirando sobre a cruz: Senhor, eu encomendo a minha alma nas Vossas mãos, e foi acabar no Céu a sua acção de graças começada na terra.[351]

Ao descer à sepultura, quem melhor sabia os segredos desta virtude, disse para os companheiros da triste peregrinação: "Esta alma, chamada ontem ao seio do Senhor, não levou nem a sombra do pecado".»[352]

Irmã Maria Catarina Callan
São Domingos de Benfica, 3 de Fevereiro de 1883

A Irmã Maria Catarina, Kathleen Callan, era natural da Irlanda, onde nasceu em 1851. Professou na Congregação no dia 16 de Setembro de 1874, na Casa das Portas da Cruz, em Lisboa.

Transferida para a Casa de São José, em São Domingos de Benfica, aí trabalhou até que a morte a colheu a 23 de Fevereiro de 1883, com 32 anos.

Sobre ela escreveu a Madre Teresa de Saldanha: «A nossa Irmã Maria Catarina foi para o céu! Teve morte de uma santa! Expirou às dez e quarenta da manhã, estando em si até à última, despedindo-se de todas nós. Ficámos, como podes supor, cheias de dor, mas edificadas e bem consoladas com uma morte tão santa! Consola ver como as nossas queridas Irmãs têm todas tido umas mortes tão edificantes e daqui vão para o céu pedir por nós. Mas fazem muita saudade, paciência!»[353]

Maria de São Reginaldo O'Neill
Braga, 31.10.1890

A Irmã Maria de São Reginaldo das Sagradas Chagas, Anne Catherine O'Neill, deixou a Irlanda, sua pátria, para ingressar na Congregação, onde professou a 28 de Novembro de 1888 na Casa-Mãe, em São Domingos de Benfica, nas mãos da Madre Fundadora.

Trabalhou em Aveiro onde adoeceu. Por motivo de doença, foi transferida para Braga, à procura de melhoras. Contudo, piorou e teve que ficar de cama, mas nunca proferiu por isso a mais pequena queixa, pois estava muito resignada.

---

[351] A.G.C. Doc. 1067.

[352] Copiador da Congregação, A.G.C., Livro 36.

[353] Carta à Maria Augusta de Faria Campos, A.G.C., Doc. 1374.

É com pesar que a Madre Fundadora se refere a esta doente: «Tenho a Irmã Maria de São Reginaldo a morrer em Braga e faz-me muita pena. Estava em Aveiro, mas lá não perceberam o que ela tinha; foi para Braga e descobriu o médico que está no último grau de tísica.»[354]

Era de natureza muito silenciosa e tímida, revelando muito medo da morte. Rezava continuamente para obter a graça da boa morte. As suas orações foram ouvidas porque, embora ela conhecesse muito bem o seu estado, estava muito serena e nunca mostrou, até ao fim, a mais leve perturbação.

Quando, em meados de Outubro, se sentia já muito mal, principiou a pedir a Nosso Senhor que a levasse antes do Dia dos Finados.

Morreu no dia 31 de Outubro de 1890, com 33 anos de idade e dois de profissão.

Uma das suas virtudes predilectas era a modéstia religiosa, que praticou até ao fim a custo de grandes sacrifícios.

Acerca dela escreve a Madre Teresa de Saldanha a sua cunhada: «A Irmã Maria de São Reginaldo nunca pensou que seria tão falada! Era bem simples e isso conta! Teve uma santa morte. Chamava-se Anne O'Neill.»[355]

Madre Maria Madalena Machado
Lisboa, Sacramento, 2 de Março de 1895

A Madre Maria Madalena Machado era filha dos Viscondes de Benagazil e professou na Congregação no dia 7 de Março de 1879.

Após o Noviciado foi nomeada Submestra de Noviças. Revelou várias virtudes, principalmente a humildade, a abnegação de si mesma e a conformidade com a vontade de Deus. Dedicou-se inteiramente a fazer o bem, não se poupando em nada quando se tratava de ajudar os outros.

A pedido das duas últimas religiosas da 2.ª Ordem que ainda viviam no Convento do Sacramento, em Lisboa, foi para lá a 7 de Abril de 1885 e os dez anos que ali passou, edificou a todas com as suas virtudes e zelo. Orientou uma aula gratuita para crianças pobres e um Dispensário da Rainha D. Amélia de Orléans, para doentes pobres.

Depois que a doença se declarou viveu apenas 48 horas. Sofreu horrivelmente com a maior paciência e resignação. Recebeu os últimos sacramentos com muita devoção e as suas últimas palavras foram: «Nas vossas mãos, Senhor, entrego o meu espírito.»

Faleceu a 2 de Março de 1895, com 51 anos de idade, quase repentinamente.

Depois que se espalhou a notícia da sua morte, a desolação foi geral, pois era muito estimada por todos os que a conheciam. [356]

Irmã Maria de São Raimundo Iwonney
Aveiro, 18 de Setembro de 1895

---

[354] Carta da Madre Fundadora à sua cunhada Maria, 25 de Julho de 1890, A.G.C., Doc. 5607.

[355] A.G.C., Doc. 5651.

[356] Cf. A.G.C., Doc. 7356.

A Irmã Maria de São Raimundo da Mãe de Deus, Mary Ellen Iwonney, de naturalidade irlandesa, professou na Congregação a 28 de Novembro de 1888, nas mãos da Madre Fundadora, em São Domingos de Benfica.

Viveu em Aveiro onde deu um bom testemunho fraterno. Durante o recreio comunitário ria e brincava muito, devido ao seu mau português.

Ainda jovem, foi atingida pela doença. Com muita calma e uma profunda paz, acolheu-a, manifestando absoluta confiança em Deus. Sentindo a proximidade da morte, falava dela como a coisa mais natural do mundo, pois era o meio de em breve se unir ao seu Divino Esposo que ela se alegrava tanto de poder ver.

Era muito amiga do Padre Russell e, já doente, sonhou que ele a iria visitar e sacramentar. Apesar das distâncias e dificuldades, viu o seu sonho realizado e com a mesma paz foi sacramentada. Pediu perdão a todas as Irmãs e sorriu-lhes em sinal de alegria e reconhecimento. Revelou a uma Irmã que apenas pensava no céu e nunca no demónio, uma vez que se tinha consagrado a Nosso Senhor pelos votos, era só a Ele que pertencia.

Depois de longo sofrimento, faleceu, em Aveiro, com 35 anos de idade, no dia 18 de Setembro de 1895. Participaram no seu funeral numerosos sacerdotes, crianças da escola, jovens... A igreja estava completamente cheia de povo em cujos olhos as lágrimas bailavam, pela recordação desta vida tão cheia de edificação e desta morte tão santa e serena.[357]

Irmã Maria Bárbara Franco
Braga, 21 de Dezembro de 1896

A Irmã Maria Bárbara do Santíssimo Sacramento, Doroteia Ferreira Franco, filha de António Ferreira e de Maria Doroteia Franco, natural de Lisboa, professou na Congregação a 1 de Setembro de 1895.

Com apenas 21 anos de idade e um de profissão, morreu na Casa de Braga, a 21 de Dezembro de 1896.

Durante a sua doença sofreu muitíssimo e aceitava com dificuldade a ideia de morrer. Porém, resignou-se e preparou-se para a acolher como «Irmã morte» .

Recebeu a Sagrada Comunhão muitas vezes durante a doença e foi ungida. No dia em que faleceu estava para receber Nosso Senhor. Entrando uma Irmã na sua cela pela manhã, viu-a sentada na cama à espera. Ainda falava perfeitamente e disse a essa Irmã: «Vê, já estou pronta, até tenho touca lavada". Chamaram o Padre Capelão ainda lhe deu a absolvição. Enquanto ele estava a dizer as palavras Maria *Mater graciae, Mater misericordiae*, ela, ainda sentada, inclinou a cabeça e morreu sem a menor aflição.

Irmã Maria Angela Germain
São Domingos de Benfica, 5 de Janeiro de 1892

A Irmã Maria Angela Mericia, Sophie Germain, nasceu em Marsal (Lorraine), França, no dia 14 de Março de 1868. Os seus pais morreram com a mesma doença que a vitimou, a

---

[357] Cf. A.G.C., Doc. 7354.

tuberculose, quando era menor. O seu tio Joseph Ernest Germain, proprietário em Metz é que foi o seu tutor.

Vivendo na Alemanha, ouviu falar da bondade da Madre Teresa de Saldanha, a quem escreveu, de Aschaffenbourg: «Perdoe-me a liberdade que tomo em vos escrever e importunar. Mas, ouvi falar da vossa casa por uma das antigas mestras de alemão, M. Eva Klassert, que esteve quatro anos no vosso pensionato. Ela disse-me tanto bem de si, Madame, que me apresso a escrever-lhe para implorar a sua ajuda. Será que me pode ajudar? Procuro um lugar como professora num pensionato ou numa família católica, contudo, preferia uma família. Como vê sou francesa, sou órfã. Tenho 19 anos, tenho o meu diploma, sei alemão, piano e desenho. Há dezoito meses que estou na Alemanha num instituto, como professora e aluna. Perdoe-me mais uma vez, Madame, a liberdade que tomei. Custa-me fazê-lo, mas, depois de todo o bem que ouvi de vós, não hesitei dirigir-me a vós.»[358]

Foi recebida em Benfica onde fez o postulantado e tomou hábito. Em noviça surgiu a doença que a vitimou. É nestes termos escreve ao tio:

«Como sabe, só comecei a ficar doente poucos dias depois da tomada de hábito. O Bom Deus poderia ter-me enviado esta doença alguns dias antes e então, adeus para mim o hábito. Mas Ele conhecia o meu ardente desejo e concedeu-mo. Que me importa então estar doente? Embora tivesse deitado sangue, o médico dizia que não era nada... Os cuidados das minhas Madres foram e são sem igual, que Deus as recompense de tudo o que elas fazem por mim. Eu não posso nada, os meus serviços, ofereci-os com todo o gosto ao entrar. Há nove meses que não sirvo para nada. É o bom Deus que o quer assim, posso eu queixar-me?

Consegui a aceitação da Vontade de Deus e estou calma e resignada, que Ele faça de mim o que quiser. Não sou eu já d' Ele?

Desde Novembro que já não saio e é-me impossível ir à missa e comungar. Depois de obtidas as licenças do Patriarca e do Núncio, a Madre prioresa mandou colocar um altar no quarto onde estou e o Padre vem celebrar a missa e dar-me a comunhão, cada quinze dias. Vê a bondade de Deus por mim. Eu não posso ir a Ele e então Ele vem a mim. Oh, como Ele é bom e como são boas as minhas Madres e Irmãs. Isto já dura há alguns meses e até quando irá? Até quando o bom Deus o quiser. Posso durar muito ou posso morrer amanhã, conhecemos nós o futuro? Sei que está toda a gente a rezar por mim... Adeus a todos, adeus, envio-vos milhões de beijos. Não fiquem tristes, isso não vale a pena, porque eu estou feliz, bem feliz.»[359]

Numa carta a sua Irmã, Ana, a desejar-lhe feliz Natal, dá-lhe conta da sua caminhada: «Natal! Está bem próximo e eu passá-lo-ei de cama. Escuta, querida Ana, vou-te contar toda a minha vida desde que entrei. Isto talvez te interesse. Depois de ter feito uma feliz viagem com a Madre prioresa e uma das suas sobrinhas, chegámos a Benfica à meia noite e imediatamente fiz a minha entrada no Noviciado, dia 29 de Setembro de 1889.

Já te falei do meu tempo de postulante, querida Ana? Nunca me senti tão calma, tão feliz e vi então como Deus é bom para com aqueles que deixaram tudo para O servir. A minha saúde estava bem, contudo, as Madres estavam inquietas e diziam que eu estava pálida e magra; no entanto, à parte certas fatigas, eu não me sentia mal. Enfim, no dia 13 de Maio fui admitida à tomada de hábito. Sim, minha Ana, bem felizes são as almas escolhidas pelo

---

[358] Sophie Germain, Aschaffenbourg, 19 de Julho de 1887, A.G.C., Doc. 2606.

[359] Carta da Irmã Maria Angela Germain ao seu tio, A.G.C., Doc. 2596.

Senhor para serem suas esposas; sim, felizes, bem felizes. Deus esperava-me lá. Eu tinha o meu hábito branco... eu estava liberta das coisas do mundo e o bom Deus julgou então que era oportuno provar-me. Há oito meses inteiros que estou doente. Apesar das esperanças que o médico me quer dar, sei que não terei cura. Não, a fraqueza, a febre, o sangue pela boca., não terei cura. O bom Deus chama-me, eu desejo, com todo o meu ardor, ir para Ele, mas isso pode durar ainda algum tempo; enfim quando for da Sua vontade. Eu quero tudo o que Ele quer. Oh sim! Sim!... Agora passo os meus dias sozinha, rezando o ofício, escrevendo um pouco, rezando o meu rosário! Uma hora por dia a minha Mestra de Noviças vem visitar-me.[360]

Dizer-te, Ana, os cuidados que tive e de que estou ainda rodeada, é impossível. Que o bom Deus as recompense, as nossas boas Madres.

Minha querida Ana, sem dúvida, esta carta é a última que escrevo... Reza por mim para que tenha uma boa morte e que o bom Deus me admita imediatamente no seu belo céu. Oh! Desejo tanto estar aí.

De qualquer modo, minha Ana, qualquer que seja o caminho a que Deus te chamar, sê feliz. Para mim, eu encontrei a felicidade. Sim, encontrei-a, os meus sofrimentos não ma retiraram. Procuro uni-los aos sofrimentos de Jesus. Adeus, até à vista lá no Alto.»[361]

Numa outra carta recomenda-lhe: «Não fiques triste, minha Ana, porque se o sofrimento me veio visitar, estou feliz e se morro, morrerei ao menos com o meu hábito branco. Não receio nada, porque tenho a esperança de fazer a profissão no meu leito de morte e que felicidade, minha Ana!...Terei a felicidade de ver Jesus, Jesus ao qual eu me entreguei, pelo qual eu deixei tudo, tudo deixei, família, amigos, pátria! Crês que a recompense será grande.

Adeus minha Ana, reza por mim, não para que eu recupere a saúde, esta doença não tem cura, mas para que Deus me conceda a graça de uma boa morte. Em todo o caso, que a vontade de Deus se faça!» [362]

Depois de dolorosa e prolongada doença, professou, *in articulo morte*, em São Domingos de Benfica, nas mãos da Madre Fundadora, no dia 5 de Setembro de 1891. É assim que a Madre Teresa se refere a ela: «Ontem não foi possível mandar a Lisboa, em consequência de ter a Irmã Maria Angela a morrer desde Sábado. Está a expirar desde esse dia e vai vivendo e ainda passou esta noite. Tem sido um bom trabalho. Eu tenho lá ido no meio do dia.»363 Faleceu às 7 da tarde do dia 5 de Janeiro de 1892, quatro meses depois da profissão, com 22 anos de idade, em odor de santidade**.**

Deixou alguns escritos místicos.

A ela se refere a Madre Teresa de Saldanha em carta à Madre Maria de Santo Estanislau Reid: «Bendito seja Deus que tornou bem pública a santidade de uma das nossas Irmãs e minha filha! Caso singular depois de dezoito anos, quase dezanove, de estar debaixo

---

[360] Na Quinta de São Domingos de Benfica havia uma casa separada para as Irmãs com doença contagiosa.

[361] Irmã Maria Angela Germain, Benfica, 19 de Dezembro de 1890, A.G.C., Doc. 2595.

[362] Irmã Maria Angela Germain, a sua irmã Ana, Benfica, 1 de Janeiro de 1891.

[363] Carta à Marquesa de Rio Maior, 5 de Janeiro de 1891, A.G.C., Doc. 5696.

da terra o corpo da Irmã Maria Angela foi encontrado inteiro. A roupa e até o papel dos votos escritos com a minha letra e que ela tinha nas mãos estavam intactos. Bendito seja Deus.»[364]

O seu túmulo é o que se encontra por baixo da urna da Madre Fundadora, no Cemitério de Benfica.

Irmã Maria de São Francisco de Assis Gonçalves
Lisboa, Cardaes, 26 de Janeiro de 1901

A Irmã Maria de São Francisco de Assis das Sagradas Chagas, Júlia Maria Gonçalves, professou na Congregação a 21 de Novembro de 1876, na Casa das Portas da Cruz.

Pupila carmelita do Convento dos Cardaes, onde não professou devido à extinção dos conventos, regressou à sua antiga casa religiosa não como carmelita mas como dominicana. Foi a primeira prioresa do Asilo das Cegas onde viveu muitos anos e desenvolveu uma grande acção caritativa.

Tinha uma estima muito grande pela Madre Teresa de Saldanha.

Faleceu nos Cardaes com 54 anos de idade, a 26 de Janeiro de 1901.

Madre Maria de Santo Agostinho Maguire
São Domingos de Benfica, 22 de Dezembro de 1902

A Madre Maria de Santo Agostinho Maguire, Isabel, é natural da Irlanda e Madre da Madre Maria de São Patrício. Foi a primeira irlandesa a professar em Portugal, na Casa das Portas da Cruz, a 16 de Setembro de 1874.

Foi sempre muito dedicada à Madre Fundadora a quem muito ajudou no Colégio de Benfica. Faleceu na Casa Mãe no dia 22 de Dezembro de 1902, com 57 anos.

Acerca desta boa Irmã pode ler-se na crónica «tinha sofrido muitíssimo os últimos dias, porém a sua morte foi muito sossegada. Mandou a Madre Geral chamar o Senhor Padre Pio e este veio confessá-la. À tarde veio, muito à pressa, para assistir à nossa doente que expirou. Era uma Irmã de grandes virtudes que a todos deixou grandes saudades. A sua irmã, a Madre Maria de São Patrício está inconsolável.

Faleceu de um tumor maligno interior que muito a fez sofrer, pois não podia alimentar-se e chegou a um estado de fraqueza muito grande. Ultimamente piorou muito rapidamente, pois ainda há apenas oito dias estava dando as suas voltas pelas aulas, ainda que já com custo.»[365]

Irmã Maria de Santa Isabel de Oliveira Pinho
Braga, 28 de Março de 1903

---

[364] Carta da Madre Teresa de Saldanha à Madre Maria de Santo Estanislau Reid, A.G.C., Doc. 2046.

[365] Livro das Crónicas da Casa Mãe, 1891-1906, p. 212.

A Irmã Maria de Santa Isabel do Sagrado Coração de Jesus Pinho professou na Congregação no dia 20 de Abril de 1882. Durante muitos anos trabalhou na Casa de Braga com o maior zelo e dedicação. Tinha um dom especial para dirigir as raparigas e os trabalhos, era muito querida por todas. Durante os últimos anos sofria muito do coração, mas andou sempre de pé e trabalhou até ao fim.

No dia 27 de Março de 1903 foi ao médico, que lhe receitou um remédio para tomar no dia seguinte na cama. «Amanhã não, Senhor Doutor, porque amanhã acabo uma novena a Nossa Senhora. Ficará para o dia seguinte.»

Levantou-se pois, no dia 28, comungou, e foi para o salão como de costume e aí trabalhou todo o dia. À noite esteve lá também e reparou-se que ela estava pondo tudo em ordem, tanto que as raparigas lhe perguntaram se ela se ia embora.

Pelas nove e meia da noite foi para a sua cela e, como era sábado, demorou-se algum tempo antes de se ir deitar. Passando uma Irmã defronte da cela da Irmã Maria de Santa Isabel, ouviu gemer. Abriu a porta e viu-a sentada na cama muito aflita, muito sufocada. Logo que ela viu entrar essa Irmã, disse: «Eu não sou toda de Deus? Sou toda de Deus, estou bem, mas chamem o Padre». Este veio a toda a pressa, mas só chegou a tempo de a absolver. Faleceu logo depois, sentada na cama e sem aflição nenhuma, aos 47 anos de idade, no dia 28 de Março de 1903.[366]

Irmã Maria Germana de Sousa
Nogueiró, 8 de Maio de 1904

A Irmã Maria Germana do Sagrado Coração de Jesus, Henriqueta de Sousa, professou na Congregação no dia 2 de Fevereiro de 1894.

Durante todos os anos em que esta Irmã esteve na Casa de Braga foi um modelo de obediência, de paciência e de caridade. Foi-lhe confiado um encargo bem difícil: a lavandaria. Aí trabalhou sem se poupar, mostrando grande prudência e caridade para com as recolhidas. Por mais cansada que estivesse dos seus trabalhos, nunca deixava de ir ao Coro à noite, cumprir com todas as rezas da sua obrigação.

Tendo adoecido, foi mandada para a Casa de Nogueiró aonde oito dias depois faleceu a 8 de Maio de 1904, com 39 anos de idade e dez de profissão.

Toda a gente de Nogueiró chamava-lhe *a santa*, e durante muito tempo tiveram muita devoção em ir ao cemitério rezar ao pé da *santa*.[367]

Irmã Maria de São Raimundo de Noronha
Benfica, 9 de Julho de 1904

A Irmã Maria de São Raimundo do Sagrado Coração de Jesus, Alba Maria Correia de Noronha, filha de José Joaquim de Noronha e de Filomena Possolo Correia de Noronha, nasceu em Pangim, freguesia de Nossa Senhora da Conceição, concelho das Ilhas, Goa, Índia.

---

[366] Cf. Notas Necrológicas, 1903, A.G.C.

[367] Cf. Notas Necrológicas, 1904, A.G.C.

Professou nas mãos da Madre Fundadora, em Benfica, no dia 1 de Setembro de 1900. Deu aulas em Benfica e foi aí que a morte a colheu aos 33 anos de idade, no dia 9 de Julho de 1904.

A crónica refere-se a esta Irmã nestes termos: «A virtuosa Irmã Maria de São Raimundo que, deixando a sua família na Índia para se fazer Irmã Dominicana em Portugal, venceu todos os obstáculos para se fazer religiosa. Até à morte, combateu fielmente todas as tentações contra a sua vocação, foi observantíssima e sempre zelosa no cumprimento dos seus deveres nas aulas.

Quatro meses antes de morrer, foi atacada de uma febre que a não largou mais. Teve ela a grande felicidade de receber a Sagrada Comunhão na cela todas as vezes que as Irmãs da Comunidade a receberam no Coro. A querida Irmã teve todas as consolações de uma alma escolhida e uma santa morte e teve a felicidade de ter ao seu lado no momento da sua morte a nossa Madre Geral, o Padre Capelão, a Madre prioresa e mais algumas Irmãs.[368]

Madre Maria José Barros de Castro
São Domingos de Benfica, 20 de Outubro de 1905

A Madre Maria José Barros de Castro era natural de Santa Iria de Azóia, perto de Lisboa. Começou por ser uma pupila à vida carmelita, no Convento dos Cardaes. Devido à legislação de 1834, não pôde professar e saiu.

Conheceu o projecto de Teresa de Saldanha e embarcou nele.

Foi a primeira Irmã portuguesa da Congregação, que juntamente com Miss Harriet Martin, partiu para a Irlanda para fazerem o Noviciado.

De Drogheda escrevia a Teresa de Saldanha cartas repassadas de amizade, carinho e consideração: «Não imagina, minha querida Senhora, o gosto que me dá e a firmeza que me faz o contar-me os seus trabalhos tão santos! Espanta-me ver a sua ardente piedade para com o nosso bom Deus e a caridade para com o próximo. Vossa Ex.cia não quer senão a vontade de Nosso Senhor, tem-lhe bastante amor e um espírito verdadeiramente evangélico.»[369]

Desde que chegou de Drogheda assumiu responsabilidades na Congregação. Pessoa madura, de consciência serena, com grande sabedoria e espírito de abnegação, sabia governar, fazer-se respeitar e organizar. Cuidou, durante toda a sua vida religiosa, do altar e do sacrário. Foi ela quem recebeu Teresa de Saldanha como, como noviça, na Congregação. Era conhecida e carinhosamente chamada, por toda gente, como «Madre Vigária».

Verdadeira co-fundadora, foi a Vigária da Congregação desde 1873 até à confirmação da eleição da Madre Fundadora como Superiora Geral, em 15 de Janeiro de 1888. Continuou sempre a sua fiel colaboradora.

A Madre Fundadora referia-se a ela com muita gratidão, considerando-a pessoa de grande sabedoria, discernimento, capacidade de doação e sacrifício: «A Irmã Maria José não se pode exceder em zelo, está penetrada da grandeza da nossa obra, do bem que há a fazer, do que já se faz e então neste ponto nada há a dizer e só peço a Deus que todas tenham o zelo que

---

[368] Cf. Crónica da Congregação da Casa-Mãe, A.G.C., Doc. 7445.

[369] Carta da Madre Maria José Barros de Castro, Drogheda, 1867, A.G.C., Doc. 7469.

ela tem.»[370] E noutra ocasião deu este testemunho: «Ninguém como a Madre Vigária, cada dia a venero mais.»[371]

Nas cartas que lhe escrevia, a Madre Fundadora tratava-a com imenso carinho chamando-a sempre por «meu amor» ou «meu querido amor». «Diz-me meu amor, o que achas melhor que eu faça e podes-me escrever à tarde. Adeus, meu querido amor, chega o médico e acabo a correr. Abraço à Madre Maria de Inês e a ti do fundo do coração, sou tua, bem tua, Teresa.»[372]

A Madre Maria José faleceu em Benfica com 80 anos no dia 20 de Outubro de 1905.

Irmã Maria de São Carlos Borromeu Alves de Moura
Braga,10 de Setembro de 1907

A Irmã Maria de São Carlos Borromeu de Jesus Crucificado, Cândida de Jesus Alves de Moura, professou na Congregação a 12 de Maio de 1896.

Foi para Casa da Regeneração, muito doente, no mês de Julho do ano de 1906. Faleceu a 10 de Setembro de 1907, com 33 anos de idade. Durante este intervalo conservou o seu feitio alegre e sujeitava-se a tudo com muita paciência e resignação.

Pediu nos seus últimos tempos de vida, sete graças a Nosso Senhor, e na verdade todas as sete lhe foram concedidas. Uma dessas graças era a de poder tornar a ver a Madre Geral antes de morrer. A nossa querida Madre Geral chegou justamente na véspera da sua morte! Outra foi a de ter o Ofício e Missa de *Requiem* cantados por muitos padres. Sem ninguém pedir esse favor, foi um sacerdote pedir licença para que houvesse Missa e Ofício, por ser a Irmã Maria de São Carlos prima do Sr. Padre Moura, muito conhecido e estimado por todos.

Recebeu todos os sacramentos e foi assistida à hora da morte pelo capelão da casa. Teve uma morte muito sossegada, morreu quase a brincar. Foi sempre uma Irmã muito alegre.

Todas as que viveram com ela afirmam que nunca a ouviram faltar à caridade nas suas palavras.

Madre Maria Inês Champalimaud Duff
Aveiro, 10 de Dezembro de 1909

A Madre Maria Inês do Sagrado Coração de Jesus, Maria Josefina Champalimaud Duff, nasceu em Lisboa, na freguesia da Lapa, no dia 11 de Março 1836. Era filha de Roberto Aleixo Duff, um liberal inglês, e de Ana Umbelina Champalimaud de Sousa Lixa e Castro, filha do general António Champalimaud.

Era um casal distinto na sociedade da capital, pelo seu nascimento e notáveis dotes de inteligência e de coração. Roberto Duff, apaixonado admirador do nosso grande épico, publicou em 1880 a tradução inglesa dos *Lusíadas*, com o título *The Lusiad of Camoens*.

Seus pais deram-lhe uma cuidada educação humana, intelectual e religiosa. Crescendo em Lisboa, tornou-se amiga íntima de Teresa de Saldanha. Maria, nome por que era

---

[370] Carta de Teresa de Saldanha à Madre Maria Inês Duff, 28 de Dezembro de 1869, A.G.C., Doc. 4855.

[371] Cit. in THIAUCOURT, *M. Rosa, Madre Teresa*…, p. 318.

[372] Carta de Teresa de Saldanha à Madre Maria José Barros de Castro, sd, A.G.C., Doc. 4884.

vulgarmente conhecida, colaborava na obra educativa da Associação Protectora das Meninas Pobres. Durante muito tempo, ambas percorreram juntas, as ruas e os bairros mais pobres da capital socorrendo os necessitados.

Sentindo o apelo de Deus a uma entrega mais radical, partiu para a Irlanda a 29 de Novembro de 1868, onde fez o Noviciado. Recebeu o nome de Madre Maria Inês do Sagrado Coração de Jesus. Professou, em Drogheda, no dia 4 de Maio de 1870 e regressou a Portugal em Dezembro do mesmo ano.

Exerceu uma influência relevante nas primeiras Irmãs da Congregação, quer como Mestra de Noviças, ministério que assumiu em 1873 sendo a primeira Mestra de Noviças, portuguesa, quer como conselheira e grande colaboradora de Teresa de Saldanha, na orientação da Congregação.

Foi nomeada prioresa do Colégio de Santa Joana, em Aveiro no dia 6 de Novembro de 1884. Aí permaneceu cerca de 25 anos, como prioresa e directora, sendo ao mesmo tempo Assistente Geral. Orientou o Colégio de Santa Joana e a aula pobre, sendo muito querida de todos pela sua caridade: «Políticos de relevo e gente de todo o tipo ao serem recebidos por ela confessavam que se julgavam em frente da Rainha Santa Isabel de Portugal, tal era a delicadeza do seu porte. Havia nela uma simpatia, uma suavidade e doçura que a todos conquistava. Muita gente da cidade procurava o seu conselho. Os pobres viam nela uma mãe desvelada: quantas lágrimas secou, quanta pobreza envergonhada socorreu! A Madre prioresa, como era conhecida em toda a cidade, era a consolação de todos os aflitos e a alegria de quantos a conheciam.»[373]

Em 1901, sofreu com o clima de hostilidade religiosa: «Estão os ânimos de tal modo excitados contra a religião que não podemos deixar de ter cuidado pelo que pode acontecer. Na 2.ª feira houve quem desse vivas e morras perto do Convento. Felizmente que o Frei José Lucas já se foi, pois parece que julgaram que era Jesuíta. Em Lisboa também já começaram as desordens, segundo vejo nos jornais. É preciso ter muita prudência, mas quem pode livrar-nos de mentiras e calúnias!! Confio em Nosso Senhor e Santa Joana há-de pedir por nós e livrar-nos.»

A Madre Maria Inês foi poupada à grande perseguição da República, pois faleceu no dia 10 de Dezembro de 1909, com 74 anos, em odor de santidade.

O seu funeral foi uma manifestação pública de gratidão, saudade, amizade e reconhecimento da sua santidade. O povo chorava-a com a expressão: «morreu a mãe dos pobres". Os jornais da cidade também deram esse testemunho. Ainda hoje devotos acorrem ao seu túmulo, no cemitério de Aveiro, pedindo protecção e agradecendo benefícios.

A Irmã Maria de São Gabriel Soveral, em carta a uma prima, deixou este testemunho: «A nossa Madre Maria Inês tinha aqui ganho as simpatias de todas as pessoas, pelo seu tacto, bom senso e acolhimento que a todas fazia, sem distinção. Que o seu espírito e o da Santa Princesa continuem a reinar nesta casa. Não sei se leu alguns dos jornais daqui com artigos sobre ela, não lhe posso mandar nenhum porque se esgotaram todos num instante.

O sentimento foi geral, todos lhe chamam Santa. A peregrinação para a igreja e o cemitério, onde esteve exposta toda a manhã de domingo, não tinha fim e o povo não a queria deixar enterrar. Viram-se homens de posição, tocar-lhe com anéis, outras pessoas com terços, medalhas, flores, etc. Foi uma coisa extraordinária, como a virtude é reconhecida, mesmo neste mundo! Mas também agora é que se sabe como a sua caridade chegava a tudo e aliviava

---

[373] Cf. Madre Maria de Santo Agostinho Pinto B. C. da Costa, História da Congregação, 1980, A.G.C.

tantas chagas corporais e espirituais, parece que não há pessoa em Aveiro que não lhe deva algum benefício! Sendo tão boa para as de fora, pode compreender-se o que era para nós e a falta que nos faz!!»[374]

Em Aveiro, onde está sepultada, é reconhecida como a mãe dos pobres. Dentre esses há a destacar os ciganos. Ao seu túmulo tem acorrido muita gente implorando e obtendo graças. O povo de Aveiro venera-a como santa.

Irmã Maria Madalena Martin
Lisboa, Dezembro de 1910

A Irmã Maria Madalena, Harriet Martin, uma inglesa anglicana, convertida ao catolicismo, foi a primeira a aceitar o projecto de Teresa de Saldanha, e, juntamente com a Madre Maria José Barros de Castro, recebeu a sua benção, já no vapor *Galileu* que as levaria a Drogheda, a fim de se prepararem para iniciar a sua obra.

Em carta à Madre Maria Imelda Magee, prioresa do Convento de Drogheda, Teresa de Saldanha escreve: «Quanto a nossa boa Irmã Maria Madalena, só posso dizer o tesouro que ele é para nós. Ela é a alma mais santa, boa e piedosa, apenas procurando fazer a vontade de Deus ao trabalhar para Sua glória e pronta para levar a cabo a grande obra que temos em vista. Em breve a conhecereis melhor que eu e julgareis por vós mesma quão verdadeiro é aquilo que digo quanto à sua santidade.»[375]

Professou nas mãos da Madre Maria Imelda Magee, no dia 25 de Fevereiro de 1868.

Regressou a Portugal em 13 de Novembro de 1868 e foi nomeada Vigária e Superiora da Casa das Portas da Cruz. A ela devemos as primeiras crónicas da fundação e dos princípios da Congregação.

A Irmã Maria Madalena foi acometida de uma doença mental e não pôde renovar os seus votos. Entretanto, viveu sempre ao lado da Madre Fundadora em Benfica até o encerramento dessa casa, onde foi tratada com muita caridade pelas Irmãs.

Faleceu no Hospital de São José, em Lisboa, no dia 21 de Dezembro de 1910, com 75 anos de idade.

Irmã Maria Escolástica Palhares
Lisboa,12 de Março de 1911

A Irmã Maria Escolástica de Jesus Crucificado, Eugénia Coelho Palhares, filha de António Palhares e de Maria José Coelho era natural da freguesia de Nossa Senhora do Socorro, Lisboa. Professou em São Domingos de Benfica, nas mãos da Madre Fundadora a 2 de Janeiro de 1902.

Faleceu, em Lisboa, em casa da sua família, onde se refugiou na república, no dia 12 de Março de 1911, com 32 anos de idade e nove de profissão.

Da nota necrológica extraímos: «Graças a Nosso Senhor a nossa querida Irmã Maria Escolástica teve uma santa morte. Há dois meses que ela estava doente, mas houve esperança

---

[374] Irmã Maria de São Gabriel Soveral a uma prima, Aveiro, 27 de Dezembro de 1909, A.G.C. Doc. 3423.

[375] Carta de Teresa de Saldanha, 5 de Novembro de 1867, A.G.C. Doc. 6951.

de a salvar. Há quinze dias deitou sangue pela boca e piorou muito. O médico desenganou logo. Tive a felicidade de estar lá a tratar dela com a Irmã do Sagrado Coração de Maria, que foi óptima enfermeira.

Estou verdadeiramente edificada por assistir a uma tão santa morte. Recebeu Nosso Senhor muitas vezes, ia lá todos os dias mais de uma vez, o Sr. Padre Pio. Não teve a mais pequenina impaciência durante a sua doença, e quando às vezes pedia a Nosso Senhor que viesse depressa, arrependia-se logo dizendo: "Eu só quero morrer quando Ele quiser". Pedia perdão a todos, cada um por sua vez.

Não imagina a ternura que me fez quando a vi agarrada ao crucifixo pedindo perdão a Deus para o Afonso Costa.[376] Dizia a Nosso Senhor que lhe perdoasse porque ela o perdoava também e até gostava de o ver.

No último dia e noite sofreu muito, com dores no corpo e aflições, mas sempre oferecendo a Deus todos os seus sofrimentos acompanhados com muitas jaculatórias.

Rezámos-lhe o ofício da agonia e a Salve, como é costume, e pouco tempo antes, esteve lá o Sr. Padre Pio. No fim já não falava, mas levou nas mãos o crucifixo até ao peito e assim ficou.

Não sei como hei-de agradecer a Deus ter assistido a uma tão santa morte.»

Acerca da sua morte, a Madre Fundadora escreveu: «A nossa tão boa Irmã Maria Escolástica foi para o céu no dia 12 de Março. Teve uma morte santa, muito resignada, muito paciente! É uma vítima deste Governo!! Sofreu muito, ouviu muitas palavras desagradáveis, etc. Por fim, o seu pai recebeu-a em casa dele, tinha tudo o que precisava e teve uma morte santa. O nosso bom Padre Pio esteve com ela todos os dias.»[377]

Madre Maria Catarina de Ricci
Braga, 12 de Maio de 1911

A Madre Maria Catarina de Ricci das Sagradas Chagas, Zeferina Andrade, foi uma das vocacionadas vindas de Vila do Conde e fez o Noviciado na Casa das Portas da Cruz, em Lisboa onde professou a 29 de Agosto de 1875.

Fez parte do primeiro grupo de Irmãs que foi para Braga. Ali foi prioresa durante vários anos sendo muito amiga e colaboradora da Madre Fundadora: «A Madre Maria Catarina era muito minha amiga, dava muito valor a tudo, acompanhou-me em muitas dificuldades da minha vida e era e sempre foi para mim uma filha fiel e dedicada, muito respeitosa.»[378]

Faleceu com 80 anos, em Braga, no dia 12 de Maio de 1911.

De uma crónica de Braga extraímos: «A Madre Maria Catarina de Ricci esteve superiora na Casa de Braga mais de trinta anos, tendo sido com a Madre Maria Joana Mota, as primeiras religiosas que aqui vieram para tomar conta desta obra.

---

[376] Ministro da Justiça Português que expulsou os religiosos dos conventos em 1910.

[377] Carta da Madre Teresa de Saldanha à Madre Maria Catarina Roth, 17 de Março de 1911, A.G.C., Doc. 13, k.

[378] Carta da Madre Teresa de Saldanha à Madre Maria de Santo Estanislau Reid, A.G.C., Doc. 2004.

Antes de entrar para a Congregação, tinha estado muitos anos em Vairão, e a sua vocação era para a vida contemplativa, mas não havendo convento desse género aqui em Portugal, resolveu fazer-se Dominicana.

Gostava muito dos autores místicos clássicos, principalmente do Padre Manuel Bernardes, cujas obras sabia quase de cor. Tinha o maior zelo por tudo o que dizia respeito ao culto divino.

Enquanto superiora mostrou grande prudência e caridade para com as recolhidas, que tinham nela a maior confiança.

Esteve nos últimos três anos da sua vida quase entrevada, mas nunca se mostrou nem aborrecida nem impaciente. Com as pessoas que a tratavam gracejava muito e dizia que era para não se tornar pesada.

Recebia a Sagrada Comunhão todos os dias, por isso dizia que, recebendo tão grande graça, tendo os seus queridos livros ao pé dela, e estando rodeada de Irmãs, como nada lhe faltava, temia que Nosso Senhor lhe estivesse dando consolações de mais, nesta vida.

A sua virtude predilecta era o abandono à Vontade de Deus.

Por causa da sua doença foi substituída na Prelazia, alguns anos antes da sua morte, e então, mais do que nunca, se viu a solidez da sua virtude. Foi um modelo de perfeita obediência, pois nunca mais fez nada sem pedir licença. No Capítulo era como uma noviça, a mais humilde.

A Madre Maria de Santo Estanislau, que era a prioresa, procurava alguma vez fazer esse acto sem ela o saber. Mas era justamente quando ela andava mais vigilante e nunca se pode fazer sem ela ter sabido a tempo!

Um ano antes de morrer quis desapegar-se dos seus queridos livros e de alguns quadros piedosos que tinha na cela. Só guardou um ou dois destes últimos, com licença.

Algum tempo depois da revolução, piorou. Recebeu os últimos sacramentos. O médico vendo-a um dia muito mal mandou aplicar-lhe umas ventosas. Ela mostrou repugnância em aceitar esse remédio, pois conhecia a sua inutilidade. Vendo, porém, que era a vontade dos seus superiores, disse logo: «É da vontade dos Superiores, então vamos já a isso!» Puseram então vinte e quatro, um quarto de hora depois, expirou, sendo as suas últimas palavras uma oração pela causa da religião em Portugal.

Teve Missa de *Requiem* cantada pelos seminaristas e vieram assistir muitos padres, pois ela era muito conhecida e estimada. A sua falta foi vivamente sentida por todos. Morreu a 12 de Maio de 1911.»[379]

Irmã Maria do Espírito Santo Silva
Braga, 22 de Maio de 1912

A Irmã Maria do Espírito Santo, Maria Gertrudes Silva, professou na Congregação no dia 2 de Março de 1889.

Logo após ter feito a sua profissão, em Benfica, as superioras pensaram mandá-la para uma casa filial. Um dia a Madre Geral encontrou-a no dormitório das meninas e disse-lhe: «A Irmã tem que ir para Braga». «É já, Madre Geral?», perguntou a Irmã com todo o sossego e submissão.

---

[379] Cf. Notas Necrológicas, 1911, A.G.C.

Essa mesma paz de espírito caracterizou-a durante toda a sua vida.

A boa Irmã foi efectivamente para a Casa da Regeneração, sendo sempre a edificação de todos.

Foi notável pelo seu espírito de recolhimento e de união com Deus. Isto tornava se patente não só pelas suas maneiras tão religiosas, pelo tom da sua voz quando falava, pelo silêncio rigoroso que ela guardava, mas também pelas palavras espirituais que dirigia sobretudo às recolhidas. Tinha sempre para elas uma palavra que lhes falava de Deus, tinha sempre uma jaculatória para lhes ensinar. Quando vinha uma de novo tomava sempre a peito de lhe fazer dizer: «Amado seja o Coração de Jesus e o Coração de Maria por toda a parte.» Queria que elas dissessem diante do Santíssimo «Creio, meu Deus, que Vós estais nessa Hóstia escondido, e se for preciso, em testemunho dessa verdade eu dou a minha vida.» E acrescentava: «Como não sei ler, digo isto depois da Sagrada Comunhão e não digo mais nada.»

Todas tinham por ela muita estima e veneração. Ela tinha o dom de sossegar as mais inquietas, as mais irritadas, com palavras brandas.

Numa ocasião, a nossa querida Irmã teve de suprir o lugar de uma outra na oficina de engomar, onde se juntam sempre as recolhidas mais novas, mais robustas, e, por conseguinte, mais difíceis. As raparigas mostraram logo o seu desagrado com a mudança. A querida Irmã Maria do Espírito Santo sabia que elas não ficariam contentes, e por isso entrou na oficina dizendo: «Olhem, meninas, eu bem sei que não gostam de mim, mas eu gosto muito das meninas!» Não houve uma que pudesse resistir a tanta humildade e todas se comportaram muito bem.

Dizia coisas tão acertadas, falava com tanta unção que se não podia duvidar que esses conhecimentos eram o resultado da sua contínua oração. Era essa também a opinião de Monsenhor Airosa, opinião que ele próprio declarou, fazendo uma prática às recolhidas, pouco tempo depois da morte da Irmã.

A Madre Maria de Santo Estanislau, estando um dia doente de cama, fez sentar a Irmã do Espírito Santo ao pé dela e falava em coisas espirituais; gostava imenso de a ouvir. Um dia que a Madre prioresa estava sofrendo mais, pediu a uma Irmã: «Vá procurar a Irmã Maria do Espírito Santo e diga-lhe que venha aqui. Gosto muito de falar com ela. Diz palavras tão cheias de piedade e tão edificantes que fico sempre melhor falando com ela.» A Irmã levou o recado, mas sem pensar no que fazia repetiu também os elogios que a Madre prioresa lhe tinha feito. A Irmã Maria do Espírito Santo atalhou logo dizendo: «Ó Irmã, eu não quero saber disso, os elogios nunca fazem bem a ninguém.» A Madre prioresa reparou que desde esse dia a Irmã Maria do Espírito Santo nunca mais entrou na sua cela, estando ela só. Esperava sempre que estivesse com ela outra pessoa para lhe fazer a sua visita.

Nestes últimos anos, a Irmã Maria do Espírito Santo gozava de pouca saúde, mas nunca faltava nem à missa nem à Sagrada Comunhão. No dia 20 de Maio de 1912 levantou-se, como de costume, para a meditação, ouviu missa e recebeu a Sagrada Comunhão. Estava a Comunidade para rezar as Horas depois da Missa, quando se aproximou da Madre prioresa e, com os olhos no chão, como era o seu costume, pediu para se ir encostar porque não se sentia bem. Pouco depois uma Irmã foi à sua cela perguntar se queria almoçar e encontrou-a deitada em cima da cama sem fala e sem movimento. Tinha sido acometida de uma congestão cerebral. Chamou-se o Sr. Padre Capelão que a ungiu. Em seguida apareceu também o médico, e durante todo esse dia, e todo o tempo que ainda viveu, empregaram-se todos os remédios possíveis, mas nunca mais falou e nunca mais deu sinal de conhecer ninguém.

Ficou nesse estado 43 horas e adormeceu no Senhor, no dia 22 às quatro e meia da manhã, sem um movimento, sem um suspiro!

Foi logo vestida com o nosso santo hábito, e depositada no Coro de baixo, onde se lhe rezou as últimas orações e onde foi visitada por todas as recolhidas que já principiavam a pedir graças do Céu por sua intercessão.

Na véspera do ataque, falando com uma jovem a respeito de não poder trazer o santo hábito, disse: «Quando Nosso Senhor me quiser chamar, Ele bem saberá encontrar-me mesmo assim sem o meu santo hábito.»[380]

Faleceu a 22 de Maio de 1912.

Irmãs que morreram em vida da Madre Fundadora

	Ano	Nome das Irmãs	Local	Idade	Tempo de profissão
01	1878	Maria de São Tomás Alves Pereira	Benfica	18	2 dias
02	1880	Maria Rosa Corbally	Benfica	37	10 anos
03	1881	Maria Conceição Andrade	Braga	48	5 anos
04	1883	Maria Catarina Callan	Benfica	32	9 anos
05	1884	Maria Graça Torrinha	Cardaes	-	2 meses
06	1885	Maria de São Sebastião de Casto	Cardaes	37	1 ano
07	1886	Maria da Purificação Martins	Cardaes	-	3 meses
08	1887	Maria do Espírito Santo da Silva	Cardaes	-	10 meses
09	1888	Maria do Carmo P. Leite	Salvador	37	3 anos
10	1888	Maria de Santo Alberto Machado	Cardaes	37	6 anos
11	1888	Maria de Santa Marta Marques	Benfica	37	3 anos
12	1890	Maria de São Reginaldo O'Neill	Braga	33	2 anos
13	1892	Maria Ângela Germain	Benfica	22	4 meses
14	1893	Maria da SS.ma Trindade Santos	Benfica	31	10 meses
15	1894	Maria dos Prazeres Gonçalves	Benfica	45	5 anos
16	1894	Maria Helena Vieira	Salvador	22	4 meses
17	1895	Maria Madalena Machado	Sacramento	51	16 anos
18	1895	Maria de São Raimundo Iwonney	Aveiro	35	7 anos
19	1895	Maria do SS. Rosário Madeira	Aveiro	32	8 anos
20	1896	Maria Bárbara Franco	Braga	21	1 ano
21	1897	Maria Lúcia Pereira	Santarém	29	2 anos
22	1897	Maria das Mercês Marques	Santarém	29	6 anos
23	1898	Maria de Santa Ana Oliveira	Sacramento	39	8 anos
24	1898	Maria de Santa Luzia Gomes	Sacramento	29	6 anos
25	1898	Maria Patrocino de São José	Sacramento	70	1 ano
26	1898	Maria de São Basílio Malheiro	Braga	25	1 ano
27	1899	Maria de La Salete C. Ribeiro	Sacramento	24	3 anos

[380] Livro de Registo das Irmãs falecidas em Braga, A.G.C.

28	1899	Maria de São Filipe Correia	Benfica	24	3 anos
29	1900	Maria dos Santos G. Cunha	Aveiro	45	11 anos
30	1900	Maria de São Tomé Gomes	Cardaes	41	8 anos
31	1900	Maria José do Menino Jesus	Sacramento	80	3 anos
32	1901	Maria de S. Francisco Assis Gonçalves	Cardaes	54	25 anos
33	1901	Maria do Socorro Santos	Aveiro	45	10 anos
34	1902	Maria de São Pedro Isaacson	Benfica	51	13 anos
35	1902	Maria de Santo Inácio Ponte	Sacramento	52	15 anos
36	1902	Maria de Santo Agostinho Maguire	Benfica	57	28 anos
37	1903	Maria de Santa Isabel Pinho	Braga	47	21 anos
38	1903	Maria Genoveva Carreira	Sacramento	29	1 ano
39	1903	Maria do Sacramento	Sacramento	63	6 anos
40	1904	Maria de Santo Estevão Castiço Viana	Benfica	44	9 anos
41	1904	Maria Germana Sousa	Braga	39	10 anos
42	1904	Maria de São Mateus Moreira	Benfica	32	12 anos
43	1904	Maria de São Raimundo Noronha	Benfica	33	4 anos
44	1904	Maria de São Jerónimo Ferreira	Aveiro	27	5 anos
45	1905	Maria de São Tomás Macedo	Cardaes	52	25 anos
46	1905	Maria São Francisco Xavier Borne	Sacramento	35	8 anos
47	1905	Maria de São Jorge S. Sacramento	Benfica	30	7 anos
48	1905	Maria José Barros de Castro	Benfica	80	37 anos
49	1906	Maria Felicidade Fernandes	Cardaes	36	4 anos
50	1907	Maria Benedita B. Mello Breyner	Benfica	39	5 anos
51	1907	Maria de São Carlos Moura	Braga	33	11 anos
52	1908	Maria de Santa Isabel Almeida	Benfica	24	1 ano
53	1908	Maria das Mercês	Outão	-	
54	1909	Maria da Apresentação Martins	Benfica	51	19 anos
55	1909	Maria Inês Champalimaud Duff	Aveiro	74	39 anos
56	1910	Maria de Santa Cruz Lessa	Benfica	40	1 mês
57	1910	Maria Madalena Martin	Hospital São José	75	
58	1910	Maria Joana de Oliveira Mota	Braga		35 anos
59	1911	Maria Eugénia Palhares	Lisboa	32	9 anos
60	1911	Maria Catarina Ricci Andrade	Braga	80	36 anos
61	1912	Maria de Santa Marta Marques	Póvoa Varzim	48	21 anos
62	1912	Maria do Espírito Santo Silva	Braga	60	23 anos
63	1912	Maria Lúcia C. Ferreira	Família	36	13 anos
64	1912	Maria de São Lucas Cardiga	Ontário	42	16 anos
65	1913	Maria Ana do Nascimento	Braga	83	16 anos
66	1914	Maria da Ascensão C. Silva	Gomes Freire	38	18 anos
67	1914	Maria de São Pio R. Costa	Braga	37	9 anos
68	1916	Maria da Cruz Fernandes	Braga	70	37 anos
69	1916	Madre Fundadora	Gomes Freire	78	29 anos

Fazemos memória também de outras Irmãs que, não tendo morrido em vida da Madre Fundadora, conviveram com ela e foram pioneiras da expansão, outras não a conheceram mas deram testemunho do seu carisma através de uma genuína vida dominicana, marcada pela verdade e entrega incondicional à Vontade de Deus.

Muitos outros nomes poderiam figurar nesta memória. A falta de dados biográficos, porém, levam-nos a citar apenas algumas.

Irmã Maria de São Lázaro do Santíssimo Sacramento
Parede, 22 de Abril de 1916

A Irmã Maria de São Lázaro do Santíssimo Sacramento, Clementina da Silva Simões, professou na Congregação a 18 de Fevereiro de 1893, nas mãos da Madre Fundadora, em São Domingos de Benfica.

Faleceu aos 43 anos de idade e 23 de profissão na Casa de Sant'Ana, Parede. Referem as crónicas. «Graças a Deus morreu como uma verdadeira santa. Como sabe, quando veio para aqui não estava nada conformada com a sua doença, e só depois de ver que tínhamos feito muitas novenas, é que conheceu que era vontade de Deus e principiou a mudar completamente. De dia para dia se via mais resignada, e então continuando nós a fazer novenas, ela dizia: "pois sim, vamos fazer outra novena, eu já não peço para me curar, pois que agora todo o meu desejo é morrer para ir para o Céu. Tenho tantos desejos de ver Nosso Senhor! E isto agora já não é viver". Então os últimos dias fazia gosto estar ao pé dela, pois edificava.

Estava sofrendo horrivelmente, e quando sentia mais dores tinha os olhos sempre fixos no crucifixo e só dizia: "Meu Jesus, dai-me paciência". Pedia a todos que lá iam que rezassem e dissessem jaculatórias e nunca se esquecessem da sua alma.

Dez dias antes de morrer, disse que desejava nesse mesmo dia receber todos os sacramentos. Como não estava mal e o Senhor Padre Augusto vinha no dia seguinte, dissemos-lhe que era melhor esperar. Mas não quis, pediu para ele vir nesse mesmo dia, porque queria ficar pronta e estar sossegada, dizendo que queria receber todos os sacramentos sabendo o que fazia e que não sabia se no dia seguinte o podia fazer.

Mandou-se chamar o Sr. Padre Augusto, mas nesse dia não podia vir por não estar em casa. Quando ela soube, disse: "Não faz mal, também gosto muito do Monsenhor, arranjo-me com ele". Efectivamente, nesse mesmo dia recebeu a nossa querida doente todos os sacramentos ficando consoladíssima.

Depois que recebeu os sacramentos pediu que não se falasse ao pé dela senão em coisas de Nosso Senhor e sobretudo que lhe dissessem muitas jaculatórias. No sábado em que morreu, pela manhã, disse a Monsenhor, "hoje é que eu morro"; mas não parecia nada que estava para morrer, até Monsenhor se riu e disse que estava a ver que era ela que marcava a hora e dia da sua morte, mas ela respondeu: "pois verão se morro ou não". Às duas da tarde, depois de tomar um caldo, disse: "deite-me que quero ir para o Céu deitada". Ainda não havia dois minutos que estava deitada quando a Irmã Maria Quitéria viu que estava a acabar, mandou-nos chamar. As Irmãs chegaram, rezaram a Salve Rainha e a Ladainha de Nossa Senhora. Deu um suspiro e faleceu sem aflição nenhuma. Nunca vi uma morte tão sossegada.

Foi o enterro no domingo de Páscoa. Ia vestida com o hábito. [381]

Irmã Maria do Patrocínio Pereira
La Panne, 12 de Março de 1918

A Irmã Maria do Patrocínio do Sagrado Coração de Jesus, Luzia Pereira, professou em São Domingos de Benfica, nas mãos da Madre Fundadora no dia 3 de Novembro de 1888.

Viveu a sua consagração, trabalhando em diversas casas em Portugal, antes da expulsão de 1910. Apesar de não falar francês, aceitou o desafio de fazer-se ao largo em novos campos de missão. Foi para a Bélgica em 1911 e trabalhou com dedicação no atendimento às crianças doentes no sanatório que para esse abriram.

Em 1914, com o advento da 1.ª Guerra Mundial, algumas Irmãs refugiaram-se na Inglaterra. A Irmã Maria do Patrocínio aí permaneceu, lutando com coragem e dedicação como enfermeira junto dos feridos belgas e franceses, sendo muito estimada por todos.

Aí morreu e foi sepultada a 12 de Março de 1918.

Irmã Maria de São Clemente de Oliveira Leite
Campinas, 16 de Março de 1920

A Irmã Maria de São Clemente do Sagrado Coração de Jesus, Teresa de Oliveira Leite, professou na Congregação a 1 de Setembro de 1900.

Após a República foi para Campinas, Brasil, sendo a primeira Irmã a falecer aí, no dia 16 de Março de 1920, com 43 anos de idade.

Eis o testemunho que dela nos deixou a Madre Maria Inês Félix Pereira: «Esteve a Irmã Maria de São Clemente muito pouco tempo doente, mas quando caiu na cama foi para não mais se levantar. Cinco dias depois de adoecer pediu à Madre Maria de Santo Inocêncio, superiora, que reunisse todas as Irmãs ali junto dela, que desejava despedir-se de todas e pedir-lhes perdão enquanto sabia o que fazia. Assim fizeram. Mas como faltasse uma Irmã que estava vigiando as crianças, a doente disse: "Falta aqui a Irmã Maria de São Raimundo, é preciso que ela também venha logo."

Ela tinha dito: "Eu desejo receber Nosso Senhor como Viático, mas de tarde, pois de manhã cedo não posso."

Sofreu horrivelmente a nossa querida Irmã. Numa crise que teve no dia 16 ficou linda, animada, e enquanto a Madre Maria de Santo Inocêncio lhe dizia jaculatórias: "Vinde Jesus, vinde buscar-me, não demoreis, anseio por ir para Vós", a doente dizia para a Madre: "Diga, diga, mais... não se canse de dizer". E como se invocassem vários santos para lhe virem assistir – São José, Nosso Santo Pai, Santa Catarina, todos os santos da nossa Ordem, a doente disse: "Eu sou devota das Cinco Chagas", como querendo dizer-nos que invocassem as chagas de Nosso Senhor, o que fizemos rezando a oração Alma de Cristo, etc.

Nunca se lhe viu um gesto, nem se lhe ouviu a mais pequena palavra de impaciência e a agonia foi serena e tranquila. Enfim, a nossa querida Irmã até ao fim conservou perfeito uso

[381] Livro de Registo das Irmãs falecidas, A.G.C.

dos sentidos. Via tudo e tudo percebia. Na véspera de morrer o confessor perguntou-lhe: 'O que deseja, morrer ou sarar?' A Irmã respondeu: "Eu quero o que Nosso Senhor quiser, mas se me perguntam o que quero, prefiro morrer". Que santo abandono e que paz de consciência!

Conhecemos o fim pela lágrima que derramou, depois disso apenas duas respirações muito fraquinhas e expirou.»[382]

Madre Maria de Santo Agostinho Collins
Kenosha, 1 de Abril de 1923

A Madre Maria de Santo Agostinho do Sagrado Coração de Jesus, Sara Collins, filha de Henry Collins e de Catherine Mac Donald Collins, era natural de Newry, diocese de Dromore, Irlanda. Professou na Congregação no dia 10 de Abril de 1908. Foi uma grande educadora no Colégio de Santa Joana em Aveiro.

Na Revolução republicana de 1910 foi expulsa de Portugal, como as outras religiosas estrangeiras. Foi para Newrey, na Irlanda, onde tinha parentes, sendo acolhida no Convento do Sagrado Coração de Jesus das Irmãs de Mercy, onde tinha duas tias religiosas.

Embora tivesse apenas dois anos de profissão, foi a grande impulsionadora da expansão da congregação para os Estados Unidos da América. Para aí embarcou, com outras Irmãs, no dia 11 de Fevereiro de 1911, dando início a novas fundações.

Sempre muito boa religiosa, era Vigária e Mestra de Noviças quando adoeceu. Faleceu no dia 1 de Abril de 1923, em Kenosha, com 41 anos de idade.

Teve uma santa morte, como santa foi a sua vida. Assim o testemunhou o capelão das Irmãs de Kenosha: «Foi a morte mais bela e consoladora que jamais presenciei: tão calma e sossegada durante três longos e dolorosos dias e noites, aparentemente sem dores e sem pena de deixar este mundo, mas com o mais intenso desejo de estar com Deus na Sua glória. Podeis ter a certeza de contar entre as vossas queridas Irmãs falecidas, uma nova e ilustre santa. Teve a suprema alegria de receber o seu Senhor e foi tão edificante ouvi-la dizer-lhe durante a noite quão intensamente O amava. As suas palavras durante a doença respiravam uma caridade que é Divina.»[383]

A morte da Madre Maria de Santo Agostinho lançou uma sombra, não só sobre o Hospital de Santa Catarina, em Kenosha, onde ela se tinha feito estimar por todos, nos poucos meses que ali esteve, mas também em todas as casas da Congregação, tanto na América como na Europa, pois ela era bem conhecida e admirada por toda a parte.

Consagrou muito cedo a sua vida à Igreja, e foi em Portugal que fez os seus votos entrando para a Ordem Dominicana. Depressa manifestou a sua capacidade de liderança.

Participou no Capítulo Geral em Salamanca e foi eleita Vigária Geral das Irmãs Dominicanas na América.

Intensa espiritualidade era a marca dominante do seu carácter. Guiando as Irmãs, mostrava o seu zelo na divisa «Tudo por Deus» e viveu uma vida de sacrifício e devoção. Era uma mãe para todos os membros da Ordem na América, e apesar de relativamente nova, tinha chegado a uma alta posição nos assuntos da organização. Apesar de sobrecarregada com o

---

[382] Livro de Registo das Irmãs falecidas, A.G.C.

[383] Carta do capelão das Irmãs de Kenosha, in Crónica da Casa de Salamanca, 2.º livro, 1921.

trabalho do Vicariado e do Noviciado, achava tempo para ajudar nos mais baixos serviços das Irmãs e fazia-se assim amar por todas.

Prestaram um grande tributo de homenagem à memória da Madre Maria de Santo Agostinho esta manhã por todas as organizações com quem tinha tido relações desde a sua chegada a Kenosha. [384]

A Madre Maria Catarina Roth faz uma emocionante descrição da sua morte: «A nossa querida Madre Maria de Santo Agostinho teve uma morte a mais linda e santa, no Domingo de Páscoa, 1 de Abril às 3h e 45 da tarde.

Sexta-feira Santa, às oito da manhã, mandou-me chamar (eu visitava-a dúzias de vezes ao dia), com urgência. Disse-me que sabia que estava a morrer, que não havia esperança, e que queria falar com cada Irmã em particular. Todas foram, uma de cada vez, naquele dia. Quando chegou a vez das Noviças de véu branco, ela mandou-as vir todas juntas, porque estava muito fraca. Recebeu Nosso Senhor de manhã, mas sem aparato, muito sossegadamente. Ela gostava tanto de ver as Irmãs ao pé dela, e como estava actualmente agonizante, naquele dia achando-se cada vez mais falta de forças, deixei ir todas à hora que quisessem.

Cantámos a Salve e o *Lumen* muitas vezes. Perguntava muito por Mary[385] e nós fazíamos a nossa parte para a animar e rezávamos a Deus que lhe ressuscitasse a vida; por fim ouve-se o automóvel e ela na verdade parecia voltar à vida e que alegria mostrou ao ver a Mary! A Mary, coitada, foi admirável! Que resignação a par de uma tão grande dor! Mas conservou-se plácida e firme.

A querida Madre Maria de Santo Agostinho não cessava de agradecer tudo que fiz por ela e quando eu entrava no quarto estendia-me os braços e agradecia-me de contínuo tudo que fiz; mostrava-se muito contente quando a beijava, o que eu fazia sempre. Ela beijou-me as mãos e eu beijei as dela muitas vezes; trocávamos bênçãos, eu como a mais antiga e ela como a quem pertencia. Não deixei nada que fazer, por seu corpo e alma. Parece-me que não lhe desgostei em nada.

A Madre Maria de Santo Agostinho tinha uma disposição de estar sempre tranquila e levar tudo a bom termo.

Durante os quatro dias mais graves da doença, muitos sacerdotes a visitaram.

Uma hora antes de ela expirar chegou o Sr. Padre Thuente sem ninguém o esperar e tornou-se a fazer todas as cerimónias.

Foi depositada na capela. Muito povo veio vê-la na segunda-feira quando teve missa cantada.

Mr. Harmon e os seus empregados mandaram-lhe lindas flores, não sabiam que mais fazer, são protestantes. Os médicos deram pêsames e dinheiro para missas. Não foi comovente? Dr. Murphy pagou o caixão, cem dólares. Uma Sr.ª protestante, Mrs. Allen e outras vieram visitá-la nos últimos dias, ela gostava de as ver enquanto tinha uso dos sentidos.

Nunca lhe escapou uma palavra de pesar por deixar este miserável mundo, mas somente de paz e felicidade.

---

[384] Cf. Jornal Americano, A.G.C.

[385] Mary era sua irmã de sangue. Tomou hábito em Salamanca com o nome de Irmã Maria Ângela, em 1916. Saiu do noviciado e voltou a entrar, mas no Vicariato dos Estados Unidos. Professou e deram-lhe o nome de Madre Maria de Santo Agostinho. Faleceu em 21 de Maio de 1975.

O Sr. Padre Thuente, Dominicano, disse que nunca viu uma morte tão serena. Ele fez a oração fúnebre. Muita gente estava na missa e alguns não foram ao cemitério porque estava a chover muito. Assistiram quinze sacerdotes e a capela estava repleta, com religiosas de Racine,Dominicanas, São Tiago, São Tomás, São Jorge, São Casimiro e até as Carmelitas vieram.

Abrimos o salão junto da capela e aí estavam as pessoas amigas e os médicos. Muitos ofereceram carros fechados para as Irmãs. Estava a chover muito.

Sinto-me desolada e estarei por muito tempo.

Recebi pêsames de todos os lados.

Mary é na verdade admirável. Quem me dera que ela tivesse já o véu preto.

As Irmãs todas morriam pela Madre Maria de Santo Agostinho.»[386]

Também o *Diário de Notícias*, de 27 de Abril de 1923, noticia a sua morte: «A Madre Maria de Santo Agostinho era irlandesa de nacionalidade, mas falava e escrevia o português correcta e fluentemente e amava os portugueses com enternecido afecto. Saiu do seu país muito nova para se dirigir a Lisboa onde entrou na Ordem de São Domingos.

A Revolução de 1910 foi a causa de se expatriarem para a América, algumas das religiosas daquela Congregação.

Na Califórnia, onde residem tantos portugueses, sentia-se bem a Madre Maria de Agostinho, e todo o seu desejo e enlevo era poder ser-lhes útil e dispensar-lhes todo o benefício espiritual. O seu modo gentil, afável e delicado, com um sorriso angelical nos lábios, atraía-lhe as simpatias e boas graças de quantos dela se achegavam e foi predicado poderoso para ajudar a vencer as muitas e grandes dificuldades com que lutou para fundar o hospital, que deixou bem estabelecido e no caminho do progresso.

Adormeceu no Senhor no Domingo de Páscoa, às quatro horas da tarde, com o sorriso de sempre nos lábios, com a serenidade e alegria consoladoras, que só experimentam aqueles que, como ela, possuem fé inabalável e esperança segura de gozo eterno, na pátria celeste.[387]

Na acta do Conselho Geral da Congregação, a Madre Geral refere que recebeu uma carta do capelão de Kenosha fazendo os maiores elogios da nossa saudosa Madre Maria de Santo Agostinhos Collins, descrevendo a sua santa morte. Dizia ainda que podíamos contar com mais uma noiva e ilustre santa.[388]

Irmã Maria de Jesus Crucificado Martins
Campinas, 8 de Outubro de 1923

---

[386] Hospital de Santa Catarina, Kenosha, Wisconsin, 4 de Abril de 1923.

[387] Cf. A.G.C.

[388] Cf. Actas do Conselho Geral, A.G.C., Livro 213.

A Irmã Maria de Jesus Crucificado Martins era originária de África, fez o Noviciado em Campinas, no Brasil, e professou a 5 de Fevereiro de 1919.

Faleceu santamente, com 37 anos, em Campinas a 8 de Outubro de 1923. Deixou-nos um grande testemunho de amor a Deus e à Congregação: «Espero que tenha recebido a minha última carta, em que lhe dizia que a querida doente tinha feito os Votos Perpétuos e as disposições em que se encontrava, particularmente desde que recebeu os últimos sacramentos, a 29 de Agosto, que desde então só falava do Céu e da sua muito querida Congregação que ela dizia amar de todo o coração.

Pediu que as Irmãs só lhe falassem do Céu e comigo só falava dos interesses da Congregação, particularmente no Vicariato do Brasil. Consultou-me em certos pedidos que queria fazer a Nosso Senhor, toda a preocupação dela enquanto esteve de cama, desde 29 de Agosto até 8 de Outubro, era a Congregação.

Disse-me que não desejava morrer pelo motivo de sermos poucas e o Noviciado estar fechado, mas que esperava em breve se abrisse na Casa de Santa Cruz em Campinas.

Desejava trabalhar muito para a Congregação, mas como não era esta a vontade de Deus, ela estava perfeitamente resignada a ir trabalhar no Céu juntamente comigo na terra. Isto tudo disse ela antes que chegassem ao Brasil as últimas determinações sobre o Noviciado.

Uma das coisas que ela me disse é que pouco depois que foi para Limeira, em Setembro de 1920, lhe pareceu que Nosso Senhor pedia uma vítima e ela ofereceu-se de todo o coração pela sua família espiritual. Conheceu que Nosso Senhor aceitou o sacrifício e a vida; começou logo com muitos e grandes sofrimentos e sabia que não ia longe. Então, começou a pedir a Nosso Senhor para morrer na Casa de Campinas, assim aconteceu, pois a 6 de Dezembro de 1922 ela veio apenas para consultar um bom médico, e o médico disse mais ou menos o estado dela e que não podia sair de Campinas.

Depois de nove meses de grandes tormentos ela aparentava melhoras e resolveram que fosse para Amparo começar a trabalhar. Ela disse-me a mim: "Sabe, o meu desejo era ir para Amparo ajudar as nossas queridas Irmãs tão sobrecarregadas que estão, mas... parece-me que Nosso Senhor não quer, eu sinto que morro breve". Ainda lhe disse por duas vezes, "vá para Amparo, goze de tudo e de todos, a mudança de ares far-lhe-á bem à sua saúde, e depois, venha para Campinas, morrer". Ela sorriu e disse: "Muito obrigada."

Quando veio ordem terminante para ela seguir para Amparo com a Irmã Maria Madalena, disse-me: "Não sei o que Nosso Senhor quer fazer, mas eu sinto que não chego a ir para Amparo, eu devo morrer em Santa Cruz."

Assim também aconteceu, ao outro dia começou a deitar grande quantidade de sangue pela primeira vez com febre muito alta e não mais se levantou.

Estava sempre com o sorriso nos lábios e agradecendo o mínimo serviço que se lhe prestava. Dizia muitas vezes: "Estou contente de me ter calado – sofri e calei, agora morro descansada."

Tínhamos umas senhoras hospedadas que tocavam muito piano, mas sabendo que estava uma Irmã gravemente doente deixaram de tocar. A nossa doente estranhou e perguntou o motivo, sabendo qual era pediu para tocarem o mais que pudessem. Pediu-me para dizer às Irmãs que quando a visitassem fossem sempre com rostos alegres.

No primeiro dia da novena da festa do Santíssimo Rosário, disse-me: "Sabe, espero ir para o Céu na festa do Rosário e desejo preparar-me muito bem". Fui-lhe buscar a estampa de Nossa Senhora do Rosário de Salamanca, que tem a bênção escrita pela querida Madre Geral, coloquei na parede o quadro e disse-lhe: "Aqui tem Nossa Senhora do Rosário de Salamanca

com a bênção escrita pela nossa Madre Geral, seja a sua oração um olhar e um pensamento". Ficou muito contente, agradeceu muito, como costumava.

Nos últimos dias tinha sempre um crucifixo na mão e todo o tempo que esteve na cama tinha outro na parede que consultava muitas vezes, quando tinha que falar ou responder, consultava-o com o olhar.

No Domingo do Rosário fizemos grande festa, vieram senhoras de fora, muito piedosas, tocar e cantar a missa; de tarde bênção muito solene com as crianças do catecismo, tudo por se esperar, isto é, por ela nos dizer que esperava ir para o Céu naquele dia e ela tinha pedido que fizessem muita festa.

Quando foi à tardinha qual não foi o meu espanto de vê-la sentada na cama! Perguntei-lhe o que significava, se tinha havido um milagre, ou se esperava a morte sentada. Sorriu, sempre com um sorriso angélico, e disse: "Sinto que estou melhor, mas devem ser as melhoras da morte, se por acaso não morrer hoje, deve ser na oitava, logo ao princípio."

No outro dia, às dez e meia da manhã, turvou-se-lhe a vista e sem mais força, conhecemos que era o último dia de vida.

Chamou-se logo o confessor, a quem ela disse que não precisava de nada, que estava muito contente, e ele disse-lhe que já se via voar para o Céu; ela respondeu que sim, lá para as duas horas da tarde; agradeceu-lhe muito tudo.

Pareceu-nos que ia entrar em agonia, reuniu a Comunidade, rezámos o oficio da agonia e cantámos a Salve Regina; esperávamos só o último suspiro. Era meio dia quando ela desperta como de um sono, sorrindo muito. Perguntei-lhe: "Já foi ao Céu e voltou?". "Não – disse-me ela – mais logo. Estou contente, muito obrigada por tudo". Queria continuar a falar mas as forças faltavam-lhe.

À uma e meia da tarde disse: "Rezem, estou por pouco". Rezou-se de novo o ofício da agonia, ao que ela respondeu até ao fim, palavra por palavra, cantou-se a Salve Regina e depois uns quinze minutos ficámos a dizer jaculatórias; deu três suspiros muito pequenos, sendo o último às duas e meia da tarde, sem a menor contracção no rosto.

Vinte minutos antes de expirar, as suas últimas palavras foram: "Quero ver todas as Irmãs". Respondemos: "Estamos todas aqui". E com a vista outra vez muito clara, olhou para cada uma em particular, sorriu e disse: "Muito obrigada, morro contente, rodeada das minhas Irmãs."

Depois da morte não parecia a mesma, ficou até com as feições mais finas, tinha aparência de uma verdadeira santa, prendia as pessoas ao caixão.

O enterro foi muito concorrido e as Irmãs Franciscanas pediram para carregar o caixão, nós também acompanhámos até ao cemitério. Tivemos de presente grande quantidade de flores brancas: rosas e lírios.

Foi depositado na capela vinte e quatro horas o caixão com a Santa Dominicana, como lhe chamavam, no meio de um jardim de lírios e de rosas, e toda a capela estava de branco como grande festa ainda do Rosário.

A capela estava repleta de gente, sempre a entrar e a sair. Não nos deixou impressão de morte, mas sim de festa.

Temos uma Santa no Céu, não há dúvida que ela interceda por nós, como tanto prometeu.

Só é conhecida de três Madres e Irmãs, mas todas as pessoas da nossa querida família gostaram de saber o fim tão edificante desta nossa Irmã, apesar de não a conhecerem.

Depois disto têm vindo cartas do Brasil dizendo que várias graças têm sido obtidas pela intervenção da Santa Irmã, como é chamada em Campinas.»[389]

A respeito da mesma Irmã, escreveu também a Madre Maria de São José à Secretária Geral, dizendo: «A esta hora já devem saber da santa morte da nossa Irmã. Faz amanhã um mês que faleceu, e como correu boato de santidade (pelo confessor, não por nós) algumas pessoas de Campinas encarregaram-se de mandar celebrar muitas missas, pedindo graças.»[390]

Irmã Maria de São Gabriel Pinto de Soveral
Lisboa, Gomes Freire, 10 de Dezembro de 1924

A Irmã Maria de São Gabriel do Menino Jesus, Mariana Pinto de Soveral, que era filha de Eduardo Pinto de Soveral e de Maria da Piedade Paes de Sande e Castro, nasceu em São João da Foz, Porto, a 14 de Junho de 1865.[391]

Aos três anos, por morte da mãe, a sua educação foi confiada às Irmãs Dominicanas na Casa das Portas da Cruz e mais tarde em Benfica onde estudou e viveu, sempre acompanhada de perto por D. Teresa de Saldanha.

Ingressou na Congregação e professou em 28 de Novembro de 1888, com 24 anos de idade.

Fazia parte da comunidade do colégio de São José, de Lagoa. quando se deu a República. Daí foi para Salamanca. Em 1914 foi transferida para a casa da Rua Gomes Freire, em Lisboa e aí viveu, trabalhou e acompanhou a Madre Fundadora até à sua morte. Sempre manifestou um imenso carinho pela Madre, com quem muito aprendeu e de quem nos deixou um belo testemunho.

Faleceu aos 59 anos de idade, a 10 de Dezembro de 1924, na casa da rua Gomes Freire onde exercia o cargo de Procuradora Geral da Congregação.

Madre Maria de São Jordão May
Limeira, 27 de Abril de 1925

A Madre Maria de São Jordão da Sagrada Paixão, Catarina Maria Teresia May, de nacionalidade alemã, professou em São Domingos de Benfica, nas mãos da Madre Fundadora a 24 de Outubro de 1891.

---

[389] Madre Maria de São José Chaves, 1923.

[390] Cf. Notas Necrológicas, 1923, A.G.C.

[391] Era irmã do Marquês de Soveral, membro dos «Vencidos da Vida», grupo político com grande influência sobre o rei D. Carlos.

Em 1910 foi protegida, com mais outras duas Irmãs, pela Madame Matilde de La Roque, que vivia como pensionista em Benfica. Acompanhou-a primeiro para França e a 9 de Julho de 1912 embarcou para o estado do Pará, no Brasil, onde residia a sua família. Com licença da Madre Fundadora, a Madre Maria de São Jordão fez-lhe companhia até à sua morte. Só então juntou-se às Irmãs da Congregação em Amparo, onde chegou a 28 de Novembro de 1919.

Foi a segunda Mestra de Noviças do Vicariato. Faleceu em Limeira a 27 de Abril de 1925.

Numa carta da Madre Maria de Santo Inocêncio Lima, datada de 17 de Maio de 1925, podemos ler: «A nossa muito querida Madre Maria de São Jordão morreu na Cruz, no auge do sofrimento até ao fim, mas sempre calma, muito calma, resignada e unida a Nosso Senhor. Foi de uma edificação exemplar: tal vida, tal morte. Até o médico desejou assisti-la e muito penalizado ficou, porque o sofrimento dela era atroz. A sala onde faleceu, até hoje, parece-nos um santuário, tal é o respeito que nos deixou a sua dor.

O Sr. Padre Giovanimi disse-me que quando quisesse edificar as Irmãs com a vida de um santo, que a citasse sempre, na sua obediência pronta, no seu espírito de pobreza e constante união com Deus.

O enterro parecia mais uma procissão festiva.

As saudades que todas temos são indescritíveis pois de 1923 a 1925 faleceram três Irmãs desta casa, e cada qual mais prestável, principalmente esta última.»[392]

Madre Maria Catarina Roth
Ontário, 19 de Fevereiro de 1926

A Madre Maria Catarina da Paixão, Anna Roth, de nacionalidade alemã, professou nas mãos da Madre Maria José Barros de Castro, em São Domingos de Benfica, no dia 9 de Junho de 1886.

Era Procuradora Geral da Congregação no conturbado Outubro de 1910, enfrentando com audácia o Ministro Afonso Costa para defender as Irmãs estrangeiras que estavam retidas no Arsenal da Marinha, impedidas de voltar a Benfica buscar suas malas que lá tinham ficado. Como todas elas, foi expulsa de Portugal tendo regressado ao seu país, Alemanha.

Juntou-se depois às Irmãs irlandesas e foi escolhida para Vigária da fundação dos Estados Unidos: «Estava certamente à altura da missão para a qual Deus a tinha chamado. O seu espírito de sacrifício, carácter nobre, o seu amor a Deus e o seu zelo pelo bem das almas, a causa da nossa Santa Mãe Igreja, e a sua capacidade como mulher de negócios, tornavam-na indicada para o trabalho para que Nosso Senhor a tinha chamado para fazer.»[393]

Manifestou grande dedicação e espírito de sacrifício para consolidar e expandir a Congregação na América. Foi muito amada pelas Irmãs.

A Madre Maria Catarina Roth, com a permissão da Santa Sé, transferiu o Noviciado para Kenosha, Wisconsin, em 1920. Acompanhou as noviças à nova Casa Mãe e passou a ser a superiora.

---

[392] Cf. Notas Necrológicas, 1925, A.G.C.

[393] Artigo de um jornal de 1937, Kenosha.

Acerca dela escreveu a Madre Fundadora: «É maravilhoso o que vós tendes feito em Ontário e como o nosso bom Deus tem abençoado a nossa Congregação. A querida Madre Maria Catarina, prioresa, é maravilhosa também. Depois de Deus, deve-se à sua energia e actividade esta fundação em Ontário, e que a obra tenha alcançado um tal desenvolvimento. A Madre Maria Catarina parece ter sido escolhida pelo nosso bom Deus para prestar este imenso serviço à nossa Congregação! As suas cartas são cheias de interesse com a narração que faz do hospital. Quantas almas são salvas e que imenso bem fazem as nossas Irmãs.»[394]

«A Madre Maria Catarina Roth era a superiora no Hospital do Santíssimo Rosário na altura da sua morte em 19 de Fevereiro de 1926. A sua morte foi como a sua vida, um exemplo vivo de verdadeira religiosa que deu tudo para realizar a obra que o seu Divino Esposo lhe tinha confiado, para Ele e para o bem da Igreja.

Foi sepultada no Cemitério Católico de Ontário, Oregon, apenas a alguns minutos, a pé, da casa onde fundara o Vicariato. Pouco antes de morrer, a Madre Maria Catarina Roth disse às suas filhas espirituais que iria cuidar deste lugar após a morte.

Mesmo as Irmãs que com ela tinham vivido e a conheciam na intimidade, nunca suspeitaram o nível heróico a que tinha chegado o seu espírito de sacrifício e penitências auto-impostas. Após a sua morte as Irmãs encontraram entre as suas coisas um pequeno livro no qual tinha escrito as suas dores secretas e outros actos de mortificação, os quais tinha obtido autorização para realizar do seu confessor e director espiritual. Estes eram conhecidos apenas por Deus, por ela própria e pela Madre Maria de São Patrício, que tinha sido sua mestra no noviciado, num passado distante, no longínquo Portugal, e que tinha vindo para este Vicariato com ela, como sua Assistente e Mestra de Noviças.

A Madre Maria de São Patrício morreu em 26 de Novembro de 1927, pouco mais de um ano após a sua querida companheira, a Madre Maria Catarina Roth. Como tinham vivido e trabalhado em vida lado a lado, na Vinha do Mestre, agora descansam lado a lado no Cemitério de Ontário. A Madre Maria de São Patrício expressava frequentemente o desejo de ser sepultada ao lado da sua primeira noviça.

É muito belo saber que as duas primeiras Madres do Vicariato dos Estados Unidos, uma fundadora, outra a assistente e Mestra de Noviças, estão sepultadas perto da primeira Casa Mãe e Noviciado da Congregação na Diocese de Baker City, Oregon.»[395]

Madre Maria de São Patrício Maguire
Ontário, 6 de Novembro de 1927

A Madre Maria de São Patrício, Margaret Anna Maguire, foi das primeiras irlandesas a entrar na Congregação. Eis a carta que a Madre prioresa do Convento de Sena, Drogheda escreve a D. Teresa: «O nosso querido Senhor mandou-nos outra postulante. O objectivo deste bilhete é o de perguntar à Teresa se a aceitará como sua filha, e implorar-lhe uma resposta,

---

[394] Carta da Madre Teresa de Saldanha à Madre Maria de São Patrício Maguire, 10 de Março de 1914, A.G.C., Doc. 40, k.

[395] Artigo da Madre Maria de São Domingos, Ontario, Oregon, 1937, A.G.C.

mesmo em poucas linhas pelo primeiro correio, pois se nos demorarmos podemos perder muito. Eis a pressa com que lhe escrevo hoje para descrever, tão sucintamente quanto possível, a sua nova aspirante. É Miss Margaret Maguire, foi nossa aluna o ano passado, fará 21 anos daqui a poucos meses, é uma rapariga muito simpática, se bem que tenha pouca instrução, tem uma disposição angelical, é ao mesmo tempo amável, tímida, mas firme, muito sensata, tem uma voz doce e canta muito bem, toca piano muito bem. É de família respeitável, mas agora com poucas posses, a mãe é uma senhora afável, e tinha uma grande fortuna, agora a pobre senhora apenas tem a sua anuidade e três filhas. Não pôde custear as despesas escolares da Margaret o ano passado, foi um tio que as pagou, mas não tornará a fazê-lo. Contudo, querida Dona Teresa, nós havemos de arranjar dinheiro para as despesas do Noviciado e das roupas, sem retirarmos mais dinheiro dos seus fundos, especialmente agora que eles devem estar sobrecarregados para irem de encontro a todas as exigências do que se está a tornar uma grande Comunidade.

A Margaret Maguire, no entanto, agora a sexta filha, não deve constituir mais um fardo sobre os parcos recursos. Nós nos encarregaremos disso, se a querida Teresa e o Dr. Russell estiverem na disposição de aceitá-la tal como ela é – ela é um tesouro em si mesma. O seu ano escolar termina dia 1 de Setembro, e eu quero, se possível, que ela comece já o Noviciado. Pois se a deixarmos regressar a casa, nunca se sabe quantos obstáculos os familiares podem pôr à sua entrada, gente que não dará nenhuma ajuda financeira à pobre rapariga, no entanto são pessoas que farão barulho e se oporão aos desejos dela.

À pobre mãe, eu já expliquei tudo e quase consegui o seu consentimento, e se a Teresa nos disser já que aceitará a Margaret, nós esperamos ser capazes de persuadir Mrs. Maguire a ceder, embora o seu pobre coração de mãe se parta. Ela é viúva e as suas três filhas são os seus tesouros. A Margaret também sente intensamente ter de abandonar tudo, mas tem um coração generoso para Deus e uma vontade firme.

Graças ao nosso bom Deus, estamos a conseguir almas generosas, ricas de virtude, embora pobres no respeitante ao mundo. Quando hão-de as aspirantes potuguesas lutar, batalhar e conquistar nesta obra para Deus na sua terra como as suas dedicadas Irmãs irlandesas?»[396]

Ingressou no Noviciado e professou em Drogheda a 20 de Junho de 1870. Veio para as Portas da Cruz em Lisboa. Viveu largos anos em Benfica e teve a honra de ter sido a Mestra de Noviças da Madre Fundadora. Era irmã da Madre Maria de Santo Agostinho Maguire, Isabel, que professou nas Portas da Cruz a 16 de Setembro de 1874 e faleceu em Benfica a 22 de Dezembro de 1902.

Na República, a Madre Maria de São Patrício foi acolhida no Convento de Sena em Drogheda, onde tinha feito o Noviciado. Aí, juntamente com as outras Irmãs irlandesas se preparou e embarcou para os Estados Unidos. Já idosa sofreu muito durante a viagem. A ela se refere a Madre Fundadora: «Tenho grande consolação ao ver como o nosso bom Deus tem abençoado o pequeno "grupo de sementes" plantado há tantos anos na pequena casa das Portas da Cruz. Tem consigo a querida Madre Maria de São Patrício e a Maria de São Domingos que podem contar tudo o que foi feito, com tantas dificuldades e ansiedades! Envio para a Madre Maria de Patrício, certa de que ela recebera o que envio como uma relíquia, o livro de oficio da sua querida irmã, a Madre Maria de Santo Agostinho, o qual conseguimos

[396] Carta da Madre Imelda Magee, 22 de Agosto de 1868, A.G.C., Doc. 2970.

salvar juntamente com outros livros de Benfica. Guardei-o preciosamente à espera de uma oportunidade de lho enviar.»[397]

Faleceu a 26 de Novembro de 1927, com 81 anos, em Ontário.

Transcrevemos parte de uma carta da Irmã Maria do Carmo sobre os últimos dias da Madre Maria de São Patrício.

«Com respeito aos últimos momentos da nossa querida e sempre chorada Madre Maria de São Patrício, tenho a dizer que no dia 20 achou-se muito mal, de maneira que toda a Comunidade se reuniu; cantámos o Salve e rezámos o Rosário, etc. Chamou-se o Padre, que lhe deu o Santo Viático, rezou o Ofício da Agonia e muitas outras orações.

Depois, achou-se melhor e esteve alguns dias menos mal. No dia 26, no fim das completas a Madre prioresa chamou toda a Comunidade e cantámos outra vez a Salve, rezámos o Rosário, etc. Chamou-se o Padre que a ungiu e deu a bênção com o Santíssimo Sacramento e rezou o Ofício da Agonia e muitas outras orações. Às três horas, pouco mais ou menos, entregou a alma ao seu Criador muito pacificamente.

Ela esteve depositada na Capela desde sábado até segunda-feira. Estava tão bonita que não pode imaginar! Todas as pessoas que iam vê-la ficavam admiradas. Na segunda-feira às nove horas da manhã teve Missa solene; o Sr. Bispo e quatro Padres. Um deles fez um discurso lindíssimo a respeito da nossa querida Madre Maria de São Patrício. No fim da Missa foi um grande acompanhamento ao cemitério. O Rev.mo Sr. Bispo, Padres e muitas pessoas amigas; todas as nossas Madres e Irmãs de outras comunidades. O Sr. Bispo disse nunca ter assistido a um funeral tão bonito.»[398]

Está sepultada perto da primeira Casa Mãe e Noviciado da Congregação na Diocese de Baker City, Oregon.

A Madre Maria de São Domingos Murphy
Kenosha,14 de Fevereiro de 1928

A Madre Maria de São Domingos, Mary Murphy, foi a primeira irlandesa a ingressar no Convento de Sena, Drogheda, com o fim de professar na nova Congregação. Escrevendo a D. Teresa de Saldanha diz: «Só por ser a primeira Irmã irlandesa que entrou, penso que certamente vou decepcionar. Mas quando sou assaltada por estes pensamentos, tenho a consolação de pensar que sou a sua primeira filha, o que me dá coragem pois sempre terei um especial pedido e uma especial parte nas suas fervorosas orações ao nosso querido Senhor. Ele saberá como me ocupar quando eu for ter consigo.» [399]

Acerca dela escreve a Madre Imelda Magee: «A primeira que se nos apresentou foi Miss Mary Murphy. A sua família vive perto de Dundalk e são pessoas simples do campo, com meios suficientes para viverem confortavelmente, sem pretensões mundanas. Tudo o que recebeu foi educação da escola pública. Tem 27 anos de idade e é muito saudável. É um exemplo normal de uma rapariga irlandesa do campo, com um temperamento suave e muito

[397] Carta da Madre Teresa de Saldanha à Madre Maria Catarina Roth, A.G.C.

[398] Cf. Notas Necrológicas, 1928, A.G.C.

[399] Carta da Maria de São Domingos Murphy, Drogheda September 1868, A.G.C., Doc. 3039.

doce em todos os sentidos, mas com bom senso e sagacidade em abundância para fazer face à sua precária educação.

Há anos que deseja ser religiosa, mas os seus desejos sempre foram deixados para trás, devido aos familiares que contrariam a sua vocação. A sua actual intenção é deixar a casa secretamente. Os seus pais, diz ela, detê-la-iam por mais tempo se lhes pedisse permissão. Está certa de que uma vez no convento não a repreenderão, que custearão as despesas do Noviciado, fornecendo-lhe tudo o que for necessário, e tem esperanças que, na altura da profissão, além disto, lhe dêem cem libras. Talvez não estejam dispostos a participar com esta soma duma só vez, mas ela pensa que os podemos induzir a darem essa quantia em prestações, talvez 20 libras por ano, durante cinco anos após a profissão.

Ela não pretende que a família saiba que está aqui a fazer o Noviciado com vista a uma missão no estrangeiro. No seu modo perspicaz disse-me: "haverá tempo suficiente para lhes dizer após a minha profissão."

No que respeita a si própria parece estar tão pronta para partir para a China ou África Central como para Portugal. O seu desejo é dar-se inteiramente a Deus, e trabalhar para Ele onde o trabalho for mais necessário. Foi tocada no coração quando eu lhe disse o estado em que está Portugal. Contei-lhe também a mãe que ela teria na minha amada D. Teresa, a suave e devota criatura disse que ficaria encantada por ser sua filha e que desejava trabalhar para si e mais do que alguma vez foi capaz. Se a Teresa e o Dr. Russell decidirem recebê-la, ela, diz, entra no Noviciado na Festa do nosso Santo Padre, 4 de Agosto.»[400]

Ingressou no postulantado no dia 11 de Agosto de 1867. Tomou hábito a 25 de Fevereiro de 1868, no dia em que professaram as duas primeiras Irmãs, e recebeu o nome de Irmã Maria de São Domingos. Professou a 2 de Março de 1869, sendo a terceira Irmã da Congregação.

Após a profissão, viajou para Lisboa onde chegou a 23 de Março de 1869. Serviu com amor as Irmãs, na Casa das Portas da Cruz, tendo um carinho muito especial pela Madre Fundadora.

Depois de ter servido, com grande dedicação, em Portugal, foi expulsa em 1910, e forçada a voltar à Irlanda. Daí embarcou com outras irlandesas para os Estados Unidos onde muito trabalhou para continuar a Congregação.

Eis uma carta que a Madre Fundadora lhe escreve: «Espero que estas linhas cheguem antes da sua partida da Irlanda, pois estou ansiosa de lhe dizer, querida, a minha grande dor de não poder vê-la, de novo e de a apertar com ternura contra o meu coração, dando-lhe a minha bênção e dizendo-lhe como estou grata a Deus de me ter dado a mim e à Congregação tão dedicadas filhas! Que Deus a recompense pela sua generosidade em deixar tudo e ir, e trabalhar para tão longe, para a Glória de Deus e tentar continuar o espírito da nossa Congregação. Não deve deixar a Irlanda, sem primeiro ter recebido a minha benção e esta carta, a qual ira expressar os meus sentimentos de afeição e amor por si, querida, como uma das três que começou esta grande obra! Sinto uma forte impressão com a sua partida para tão longe! Dois sentimentos opostos: alegria e saber que vai trabalhar para a Gloria de Deus e pelo bem da nossa Congregação, tentando preservá-la de uma completa ruína, mas, dor por

[400] Carta da Madre Imelda Magee, Convento de Siena, 15 de Junho de 1867, A.G.C., Doc. 3160.

não poder acompanhá-la e depois vem o sentimento de saudades por si e por todas as minhas filhas com as quais eu, por tantos anos, vivi em paz e união!»[401]

Nos estados Unidos a Madre Maria de São Domingos continuou a sua missão, sempre muito atenta e solicita para com as Irmãs. Faleceu em Kenosha, aos 88 anos a 14 de Fevereiro de 1928.

Foi com muita pena que soubemos da sua morte: «A morte da Madre Maria de São Domingos foi bem sossegada. Foi à uma e meia da madrugada. Não teve uma agonia grande, estava fraca de mais para isso. A Madre Vigária e várias Irmãs estavam ao pé da sua cama e cantaram a Salve Regina na ocasião da partida. Havia quase três dias que ela não podia falar. Estava inteiramente resignada com a vontade de Deus.»[402]

Maria da Encarnação do Santíssimo Sacramento
Limeira, 10 de Dezembro de 1929

A Irmã Maria da Encarnação do Santíssimo Sacramento Fernandes filha de Alexandre Fernandes e de Maria Clara, era nasceu a 30 de Outubro de 1860, em Portugal

Professou na Congregação em São Domingos de Benfica, nas mãos da Madre Fundadora, no dia 18 de Fevereiro de 1893.

«A Irmã Maria da Encarnação fez parte do grupo de seis Irmãs que, partindo de Portugal em 1 de Janeiro de 1912, chegaram ao Brasil no dia 12 do mesmo mês. Sabemo-lo por carta da Madre Fundadora, escrita à Madre Maria de Santo Inocêncio, então Provincial no Brasil, na véspera da partida das seis Irmãs: "Amanhã partem as Irmãs Maria Rita de Salema Garção, Bernardete de Freitas, Irmã Maria do Bom Conselho Cabrita Varela, Maria da Encarnação, Maria das Neves e Camila. Todas vão muito bem dispostas, graças a Deus. Nosso Senhor as guie e proteja."

Foram para a Casa de São Domingos, (então conhecida por Casa Santa Cruz, em Campinas. Depois de uns dias de descanso, a Irmã Maria da Encarnação seguiu para Petrópolis para auxiliar a Madre Maria de Santo Inocêncio. Durante os últimos nove anos da sua vida trabalhou em Limeira.

A Irmã Maria da Encarnação foi uma Irmã de vida exemplar: muito boa, assídua aos actos de Comunidade, dedicada ao trabalho. Foi por muito tempo engomadeira e só deixou o serviço quando atingida por doença pertinaz, que a prostrou no leito e a fez sofrer muito, pois esteve cerca de um ano sem poder fazer o menor movimento. Faleceu no dia 10 de Dezembro de 1929 em Limeira.

O seu enterro teve lugar no dia 11 de Dezembro, à tarde. Parecia mais um desfile triunfal que cortejo fúnebre. As alunas da escola, as do colégio, as Associações Religiosas acompanharam levando flores brancas.»[403]

---

[401] Carta da Madre Teresa de Saldanha à Madre Maria de São Domingos Murphy, Janeiro de 1911, A.G.C.

[402] Cf. Notas Necrológicas, 1928, A.G.C.

[403] Livro de Registo das Irmãs falecidas, A.G.C.

Madre Maria Rita Salema Garção
Campinas, 11 de Fevereiro de 1930

A Madre Maria Rita do Santíssimo Sacramento, Maria da Graça Salema Garção, filha de José Maria Salema Garção e Maria Rita Rodrigues Carneiro Zagalho e Mello, era natural da freguesia de Santa Isabel, de Lisboa. Professou em São Domingos de Benfica, nas mãos da Madre Fundadora no dia 2 de Abril de 1900.

Em 1912 foi para o Brasil onde desempenhou vários cargos. Faleceu em Campinas a 11 de Fevereiro de 1930.

A Madre Maria da Penha Manjon Palomero deixou-nos o testemunho da sua santidade: «Estamos agora um pouco desconsoladas com a morte da querida Madre prioresa. Foi muito boa para mim e para todas. No pouco tempo que estive com ela conheci as virtudes em que mais se distinguia: eram a humildade e a caridade, assim, morreu como uma santinha. Com todo o conhecimento, mesmo na agonia nos conhecia; como não podia já falar dizia-nos adeus com a mão. Vale a pena não só ser boa, mas santa, pois é o que tem mérito diante de Deus.» [404]

Uma carta da Madre Maria Emília Renon para a Madre Maria Imelda Perry, conta a sua morte: «Quando estivemos em Lisboa, em Agosto de 1928, a nossa querida Madre Maria Rita já sofria havia muitos anos. Um tumor maligno esgotava as suas forças pouco a pouco... Sobrevieram-lhe hemorragias, que nada podia fazer parar; e foram tantas e tantas que parecia não ter mais uma gota de sangue. Não se alimentava quase, e com isso uma febrita contínua. Não se iludia sobre o seu estado, e aos poucos ia-se acostumando ao pensamento de uma alma inteiramente desprendida de tudo e ansiosa para se ver no Céu! Impressionava vê-la, não era mais que a sombra de si mesma! Desde 26 de Janeiro nada conservava, os vómitos eram quase contínuos, só pela manhã tinha uma pequena trégua na ocasião da Sagrada Comunhão. Parecia que Nosso Senhor tomava um especial cuidado de vir Ele mesmo sustentá-la.

Desde 8 de Janeiro ela tinha recebido, a seu pedido, a Extrema-Unção e o Sagrado Viático. Nunca nela se notou a mais pequena impaciência, nem uma queixa dos seus sofrimentos; só se mostrava ansiosa de ir para o Céu! Dizia muitas vezes que lhe tardava que Deus Nosso Senhor viesse buscá-la!

Parece-nos que alguma coisa certa sabia da hora de sua morte! Como? Não sei, mas deram-se com ela os dois casos seguintes. Em meados de Dezembro, ainda estava de pé e não pensávamos que tão cedo nos deixaria, ela disse ao pregador do Retiro da Comunidade de Campinas: "V. Rev.a marca o dia do Retiro, mas peço-lhe que não fique para muito tarde, pois devo morrer no meio do Retiro, e estou com pressa de ir para o Céu!"

Enfim, dias antes do fim, como sofria muito, a Irmã que a acompanhava disse-lhe: "Quem sabe se na quarta-feira São José virá buscá-la para levá-la ao Céu". A doente sorriu docemente e respondeu: "É a Festa da Imaculada que é antes! É Maria que virá". Efectivamente morreu no dia 11 de Fevereiro às dez e meia da manhã, dia da festa de Nossa Senhora de Lourdes, uma terça-feira, justamente no quinto dia do Retiro da Comunidade de Campinas.

Um pouco antes das dez horas perguntou que horas eram. Como lhe disseram que faltava pouco para as dez horas, ela disse, já com a voz bastante fraca, para as Noviças cantarem.

---

[404] Cf. Notas Necrológicas, 1930, A.G.C.

Reuniu-se a Comunidade, e as nossas cerimónias para a hora derradeira se fizeram, na presença do Sacerdote que pregava o Retiro. Ela acompanhava tudo, o que se conhecia pelo movimento dos lábios. No fim, com o olhar vivo e claro, olhou para todas. Pouco depois disse, já com bastante esforço mas nitidamente: "Agora tudo está pronto, e eu me vou embora". Fechou os olhos alguns instantes, tornou a abri-los: um suspiro um pouco mais forte e a sua alma voou para seu divino Esposo.

Conservou até ao fim o seu amor a tudo o que é da nossa querida Congregação e o seu fervor era sempre o mesmo; só as forças físicas traíam a sua vontade; e nos últimos meses da sua vida, dócil como uma criança, repetia a Nosso Senhor quando a Comunidade se reunia e que não a acompanhava, "Senhor, eu queria, mas não posso."

Sempre boa e caritativa, auxiliava a todos com o mesmo sorriso de bondade e afecto.

Era amante apaixonada da santíssima pobreza: tudo dava, e mais que uma vez a autoridade teve que intervir para que conservasse para uso dela o que necessitava. Tinha arte de dar o melhor para os outros, guardando sempre o velho para ela.

Nunca nos poderemos esquecer de tudo o que fez para nos auxiliar nas grandes dificuldades em que nos temos encontrado, sem meios e sem pessoal às vezes para o ensino.

Apesar da sua idade avançada, tinha então 57 para 58 anos, dedicou-se ao estudo do Português, Francês e Música a fim de nos auxiliar. Deus abençoe a sua dedicação. E dava óptima conta destas matérias nas classes que leccionava.»[405]

Uma carta da Madre Maria de São José Chaves para a Madre Maria Imelda Perry, dá-nos outras facetas: «Nossa querida e saudosa Madre Maria Rita deixou-nos a 11 de Fevereiro, às dez e meia da manhã, deixando-nos profundas saudades e uma falta incalculável à casa do Noviciado.

Sofreu muito. Devido à doença ficou só com a pele e o osso. Sempre muito conformada, muito edificante.

Até à última pediu para ver as Noviças e falava muito nas que estavam já em Amparo, particularmente nas cinco que deixou em Limeira; destas tinha muitas saudades. Dizia que gostava muito de ver e falar das Noviças.

Disse-nos que desejava muito poder ajudar-nos, mas a vontade de Deus era que ela morresse; também estava contente, e muito, porque era nesta casa que desejava morrer e Nosso Senhor fazia-lhe a vontade.

"Que feliz eu sou no meio do meu sofrimento", dizia ela sempre, até quando mal podia falar. Expirou com o olhar claro, perdendo a vista apenas vinte minutos antes. Custava-lhe muito falar pela fraqueza em que estava, mas de vez em quando fazia esforço e falava claro e alto. Dizia: "Sofro muito fisicamente, mas sinto-me feliz no meio do sofrimento."

A todos os momentos perguntava pelas Noviças, como estavam de saúde e tudo o mais que lhe lembrava perguntar. Prometeu-me muitas vezes não lhes esquecer.

Que saudades! Que falta! Era o ideal de superiora para a casa do Noviciado. *Fiat*!. "Como sou feliz", dizia ela, "morrer nesta casa, junto destas Irmãs. Não faço Retiro, mas tenho o meu Pai espiritual para me assistir nos meus últimos dias e momentos".»[406]

---

[405] Cf. A.G.C., Doc. 3280.

[406] Cf. Notas Necrológicas, 1930, A.G.C.

Irmã Maria das Neves do Sagrado Coração
Limeira, 30 de Outubro de 1931

A Irmã Maria das Neves do Sagrado Coração, Teresa de Jesus Cardoso, filha de Luís Cardoso e de Carolina de Jesus Pedro, nasceu em Portugal a 25 de Dezembro de 1871.

Professou em São Domingos de Benfica, nas mãos da Madre Fundadora a 30 de Novembro de 1895.

Em Janeiro de 1912 foi para o Brasil, onde permaneceu até à morte.

A primeira Comunidade a que pertenceu foi à Casa de Copacabana. Esteve depois na Casa da Misericórdia de Piracicaba e mais tarde em Campinas. A 5 de Agosto de 1915 foi auxiliar na fundação da Casa de Nossa Senhora da Divina Providência, que então as nossas Irmãs acabavam de aceitar no Rio de Janeiro, à Rua Guanabara, n.º 76, onde permaneceu até 1 de Outubro de 1920.

No início de 1921 foi para Limeira, com a Madre Maria de Santo Inocêncio Lima e outras Irmãs para iniciar nesta cidade a fundação do Colégio de São José em atenção ao pedido do Sr. Bispo de Campinas, D. Francisco de Campos Barreto, a cuja diocese Limeira pertencia.

«Nesta última casa viveu mais de dez anos, os últimos de sua vida. A Irmã Maria das Neves embora entrasse muito nova para a Congregação, compreendeu muito bem os seus deveres, cumprindo-os com zelo e dedicação.

Em quarenta anos de vida religiosa nunca esteve ociosa até ao momento em que foi para o hospital para ser operada, a 5 de Agosto de 1931, festa de Nossa Senhora das Neves. A operação, feita nesse mesmo dia, correu bem, mas a Irmã só teve mais três meses de vida.

Foi ungida no dia 16 de Outubro e expirou no dia 30 do mesmo mês, placidamente, sem suspiro nem contracção alguma, assistida pelas Irmãs.

Por ter sido porteira da casa e muito amável com todos, era muito conhecida e estimada, tendo um enterro concorridíssimo. Houve profusão de flores brancas na Capela, no caixão e no carro: todas as senhoras e meninas levavam ramalhetes até ao cemitério, de sorte que mais parecia uma procissão festiva.

De uma carta à Madre Geral, podemos ler: "A nossa querida Irmã Maria das Neves teve uma morte belíssima... Morte santa, calma e suave... O enterro tinha o aspecto de uma procissão festiva. As alunas trouxeram-lhe muitíssimos lírios e ela foi coberta com eles. Resta-nos apenas muitas saudades, mas Deus sabe o que faz.

Nossa querida e boa Irmã Maria das Neves lá se foi no fim do mês do Rosário depois de muito trabalho e sofrer. Que boa religiosa foi sempre! Ela não se poupou, trabalhou sempre muito e talvez com recta intenção, por isso Nosso Senhor lhe fez tantas graças e mimos. Faço esta descrição agora, mas todas as Irmãs que têm morrido aqui em Limeira levam estes acompanhamentos de pessoas e flores, por isso é agradável morrer em Limeira. Acho que é por sermos as primeiras religiosas e as únicas".» [407]

Faleceu em Limeira a 30 de Outubro de 1931.

Irmã Maria do Imaculado Coração de Maria do Santíssimo Nascimento
Limeira, 8 de Maio de 1932

[407] Extracto das crónicas do Colégio de São José de Limeira, 1931.

A Irmã Maria do Imaculado Coração de Maria do Santíssimo Nascimento**,** Maria Victória de Jesus Teixeira, filha de Joaquim Teixeira e de Maria Encarnação, nasceu em Portugal, no dia 1 de Setembro de 1849. Professou em Benfica a 5 de Janeiro de 1908, nas mãos da Madre Fundadora.

Conta a crónica que esta Irmã, antes de ser Dominicana, pertenceu a uma Congregação Religiosa em Portugal, chegando a ser superiora. Extinta esta Congregação, pediu a admissão na nossa, sendo aceite com mais uma companheira.

Por ocasião da Revolução de 1910, foi para o Brasil em companhia da Madre Maria Teresa de Saldanha Oliveira e Sousa, sobrinha da Madre Fundadora, e da Madre Maria José Soares d'Albergaria, delegadas para visitar a nova Província da Congregação do Brasil e resolver alguns negócios da mesma Província. Com elas foram também a Madre Maria Emília Renon e a Irmã Maria da Providência Faria.

Partiram de Lisboa no dia 7 de Agosto de 1911, no vapor *Araguaia* da Mala Real Inglesa. Chegando a Campinas em fins de Agosto, fez parte desta primeira Comunidade durante alguns meses. Em 1912 foi para Petrópolis, onde as nossas Irmãs iniciavam um externato patrocinado pela família La Rocque.

Fez os votos perpétuos no Brasil, como se lê numa carta da Madre Fundadora à Madre Maria de Santo Inocêncio: «A Irmã Maria do Coração de Maria também foi proposta para fazer os seus Votos Perpétuos, e depois de V.ª Rev.ª fazer os seus, a Irmã Maria do Coração de Maria fará os dela nas mãos de V. Rev.ª Sempre foi uma boa e excelente Irmã.»[408]

«Depois de ter estado em Amparo e Campinas, foi, em 1921, auxiliar a nova fundação – o Colégio São José de Limeira. Nesta casa passou os últimos onze anos da sua peregrinação terrena, pois faleceu no dia 8 de Maio de 1932. Contava oitenta e dois anos de idade.

Sofreu horrivelmente sem se queixar. Teve uma morte suave, apesar de uma agonia prolongada.

A Irmã Maria do Coração de Maria foi sempre uma Irmã exemplar, respeitosa e delicada para com todos, edificante pela sua pronta obediência, humildade e pontualidade aos actos da Comunidade. Mas, sobretudo, atraía pela sua união com Deus e, mesmo depois de ter perdido o uso da razão, não cessava de repetir jaculatórias amorosas ao Pai do Céu, como O designava constantemente.

Era muito dedicada às crianças, e mesmo depois de perder o uso da razão supunha estar sempre ao lado delas, vigiando-as, ensinando-as.

Um artigo publicado pela *Gazeta de Limeira* por ocasião de sua morte, mostra-nos como a sua acção dedicada era sentida além do âmbito do colégio, nas famílias e na sociedade. "É mais uma heroína do bem e da virtude que desaparece, depois de haver iluminado, com candura lirial de sua alma muitíssimas outras almas em flor que viviam ao redor dela, em busca de educação e ensino".»[409]

---

[408] 14 de Outubro de 1913, A.G.C., Doc. 1838.

[409] Cf. Notas Necrológicas, 1932, A.G.C.

Irmã Maria de Santo Amaro de Jesus Sacramentado
Limeira, 10 de Julho de 1933

A Irmã Maria de Santo Amaro de Jesus Sacramentado, Engrácia dos Prazeres Ferreira Pedrosa filha de Manuel Pedrosa e de Teresa Ferreira, nasceu a 16 de Abril de 1865, em Monte Redondo, concelho de Leiria, Portugal. Professou em São Domingos de Benfica, nas mãos da Madre Fundadora, a 29 de Março de 1898.

Em 1911, foi para o Brasil com a Irmã Maria da Ressurreição Oliveira, como se pode ver através de uma carta da Madre Fundadora de 18 de Dezembro de 1911: «Esta carta deve ser-lhe entregue pelas nossas Irmãs, Irmã Maria da Ressurreição e Irmã Maria de Santo Amaro, que partem hoje, no vapor das *Messageries Maritimes*, em direcção ao Brasil, e vão muito satisfeitas e cheias de bons desejos de seguirem a sua vida religiosa. A Irmã Maria de Santo Amaro poderá ser útil na fundação de Madame La Rocque, é muito desembaraçada e activa.»[410]

Esteve em várias casas e foi das primeiras de Limeira com a Madre Maria de Santo Inocêncio e as Irmãs Maria de São Jorge, Maria das Neves e Maria de São Tomé, a iniciar uma nova fundação: o Colégio de São José.

Nesta casa viveu os últimos doze anos da sua peregrinação terrena.

Adoeceu em Junho de 1933 com uma paralisia. Sofreu muito, sempre com muita paciência e edificação.

A Irmã Maria de Santo Amaro foi religiosa de vida exemplar, distinguindo-se por uma observância delicada do voto de pobreza e pela assiduidade no trabalho, sempre pontual nas obrigações e actos de Comunidade. Muito fervorosa e de piedade sólida, nunca deixou de fazer à noite a sua visita ao Santíssimo Sacramento e a Via Sacra.

«A nossa Irmã sentiu-se, talvez uns dois meses antes, muito acabrunhada por ir perdendo a memória, mostrando-se mais apoquentada nos dias de confissões, suponho eu, com o receio de se esquecer dos pecados.

Foi cozinheira muitos anos, tendo sempre em vista o voto da santa pobreza quer nos gostos e em tudo o mais. Apesar de ser cozinheira, nos recreios nunca estava ociosa. Consertando um hábito velho disse: "Vou arranjar este, que certamente será para mim". E assim foi. Foi sempre uma Irmã muito edificante e respeitadora das superioras.»[411]

Irmã Maria da Conceição do Precioso Sangue Nogueira
Braga, 10 de Novembro de 1935

A Irmã Maria da Conceição do Precioso Sangue Nogueira professou em São Domingos de Benfica, nas mãos da Madre Maria José Barros de Castro, a 14 de Abril de 1887.

Trabalhou, primeiro, como ajudante na despensa de Benfica. Em 1890, foi enviada para a Casa de Nossa Senhora da Conceição, em Braga, para ajudar na vigilância. Exercia também o ofício de enfermeira das recolhidas, assinalando-se pela sua grande caridade. Por

[410] A.G.C., Doc. 1981.

[411] Carta da Madre Maria de Santo Inocêncio para a Madre Maria Imelda Leite Perry, Limeira, 15 de Julho de 1933

causa dela, cedo contraiu a mesma doença, por amparar ao peito uma tuberculosa. Era forte e resistiu, mas do ano de 1893 até à última doença ficou sempre a expectorar sangue e a sentir falta de ar. Aprendeu, no seu zelo para o bem da Casa da Regeneração, a fazer calçados e, ajudada por quatro penitentes, fez e remendou o calçado de 145 internas por vários anos. Sentindo-se mais fraca, ensinou uma outra Irmã para a substituir.

Tanto lhe custava a falta de ar, que pedia a Deus que se fosse da Sua Santíssima Vontade lhe mudasse por outra qualquer doença. De repente no sábado, dia 31 de Agosto, foi assaltada de uma dor agudíssima no estômago. Passou a noite muito incomodada e na manhã seguinte, domingo, não pôde receber a Sagrada Comunhão por causa dos vómitos. Desde então não teve mais tosse, nem expectoração, nem falta de ar, mas dores agudas.

Aceitou a sua doença com admirável resignação e edificantes disposições, fez de noite e de dia o que podia para não dar trabalho a ninguém. Sofreu em silêncio os dois meses em que esteve da cama.

Faleceu com uma santa e preciosa morte a 10 de Novembro de 1935.

Madre Maria do Loreto Lobão
Nogueiró, 21 de Novembro de 1935

A Madre Maria do Loreto de Jesus Sacramentado, Emília Jesuína de Araújo Lobão, filha de Joaquim Lúcio de Araújo e de Mariana Dacia de Araújo, natural de Lisboa, freguesia de Nossa Senhora do Amparo.

Sendo viúva, foi necessária uma licença especial para ingressar na Congregação onde professou, nas mãos da Madre Fundadora, a 6 de Abril de 1896, com quarenta e três anos.

Desde o início deu testemunho de grande sujeição e bom espírito.

Em Janeiro de 1897 foi como superiora para o Convento do Salvador onde ficou até à expulsão de 1910. Era muito bondosa, carinhosa e querida por todos. Os alunos chamavam-lhe mãezinha. A Madre Fundadora refere-se a ela com muita consideração e estima.

Quando em 1910 foi obrigada a sair do convento, houve um antigo aluno, já homem, que se postou à porta e não deixou que a maltratassem, sofrendo ele algumas afrontas.

Quem deixou este depoimento, diz que a conheceu em 1931 e que a Madre Maria do Loreto respirava bondade.

Nos anos após a República foi Assistente da Congregação, depois foi para Nogueiró onde cuidou das Irmãs doentes. Foi incansável na sua dedicação: aos infelizes confortava, às crianças, que estremecia, aconselhava, a todos envolvendo na sua caridade.

Morreu, com 82 anos, a 21 de Novembro de 1935.[412]

Irmã Maria Clara da Costa Ramos
Porto, 16 de Dezembro de 1937

A Irmã Maria Clara, Prudência da Costa Ramos, professou na Congregação, na Casa das Portas da Cruz, nas mãos da Madre Vigária, Irmã Maria José de Barros de Castro, a 21 de Novembro de 1876.

---

[412] Cf. Notas Necrológicas, 1935, A.G.C.

Foi uma das que trabalhou na aula pobre do Convento de Santa Joana, em Lisboa. A Madre Fundadora refere-se várias vezes a esta Irmã como sendo muito sensível ao problema das pessoas pobres e que sofriam, procurando tudo o que estava ao seu alcance para os ajudar.

Passou os últimos anos da sua vida na Casa do Porto onde faleceu com 90 anos. No dia 16 de Dezembro de 1937, com fama de ser uma santa religiosa. É isso que podemos concluir da carta da sua prioresa, Irmã Maria de São Raimundo: «Escrevo esta carta profundamente comovida ainda pelo espectáculo mais do Céu que da terra, que foi a morte da nossa muito querida Irmã Maria Clara, para que as minhas queridas Madres e Irmãs se consolem mutuamente de ficarem privadas da grande alegria e felicidade que experimentamos, mesmo no meio das nossas lágrimas, que não foram poucas, assistindo aos últimos momentos da nossa querida Irmã.

No dia 14, o Rev.º Frei Bartolomeu, da nossa Ordem, veio visitar-nos pela primeira vez e, revestido do santo hábito, esteve bastante tempo junto da nossa Irmã Maria Clara, dirigindo-lhe palavras de consolação e rezando toda a paixão de Nosso Senhor. Também lhe deu as absolvições da Ordem. E perguntando-lhe se Nosso Senhor lhe desse a saúde e a vida para trabalhar mais na salvação das almas se a queria, respondeu que sim, que a desejava para trabalhar com mais caridade na salvação das almas. "Mas se Nosso Senhor lhe der a morte?" "Aceito-a", respondeu muito decididamente. No entanto, parecia-nos que não estava bem convencida de que morria.

No dia 15 de manhã teve uma grande excitação. Porém, benzendo-se, ficou sossegada. Depois disse que via coisas do Céu e tão lindas como nunca tinha visto. Foi então que ficou numa paz e serenidade que fazia a admiração de todos nós, e numa união com Nosso Senhor, por meio de jaculatórias e outras orações, que não interrompeu senão quando deixou de falar. E nesta altura já dizia que morria, mas não nesse dia, como de facto não foi.

Perguntei-lhe se desejava novamente o confessor, disse-me que não, que estava muito arranjadinha. Não obstante chamou-se o confessor que esteve uns momentos junto dela consolando-a e fortificando-a.

Mais tarde, perguntei-lhe se estava contente. Respondeu-me que sim, e que a Santíssima Virgem estava muito contente. "Com quem?", perguntei-lhe. Ela hesitando um pouco murmurou – "comigo" – e então com voz clara e um tanto forte, acrescentou: "E com aquelas que me acompanham."

Todo o dia rezámos junto dela... No fim cantámos a Salve Regina e com assombro e comoção ouvimo-la entoar também as primeiras palavras, calando-se depois, porque não podia. Mas baixinho ia rezando sempre até às duas horas da manhã do dia 16, hora em que teve um grande suor frio, fechou os olhos, deixou de falar e ouvir, entrando verdadeiramente em agonia. Já não pôde comungar porque nem água engolia.

Sempre a seu lado, as Irmãs vigiavam e rezavam e todas compreendemos que se ia chegando a hora da nossa querida Irmã ir para o Céu.

Eram onze horas e um quarto. Estava majestosa na sua serenidade e santa paz, sem largar o Crucifixo e a vela benta do Santo Rosário, até que passado um quarto de hora lhe tirámos estes objectos, pois já não lhe eram precisos.

Descrever este momento tão grave e tão solene é difícil, ainda assim por este resumo, ainda que imperfeito, espero que as minhas queridas Madres e Irmãs possam fazer uma ideia da morte tão santa e consoladora que teve a nossa querida Irmã Maria Clara. O enterro foi modesto, mas muito decente. À frente ia o automóvel com o Sr. Prior e o Sacristão com a Cruz, depois o carro fúnebre, a seguir as crianças da aula pobre em duas alas, o nosso

automóvel e mais dois ou três com pessoas amigas, um grupo de Terceiras Dominicanas e as senhoras da Casa.

As Irmãs levaram o corpo até à porta da rua e no cemitério também o levámos por vezes até à sepultura.

Fizemos tudo quanto pudemos, e somente por amor e carinho para com a nossa querida Irmã, pois todas gostávamos muito dela. Mas não imagina como todas as pessoas ficaram bem impressionadas e louvaram, cheias de comoção, o nosso procedimento.

Nosso Senhor é infinitamente bom e mais uma vez provou que não deixa sem recompensa, mesmo já neste mundo, toda a boa acção.»[413]

Irmã Maria Angela da Santa Face Lumaye
São Paulo, 29 de Maio de 1938

A Irmã Maria Angela, Mary Evelyne Lumaye, filha Gustavo Lumaye, francês, e de Annie Lumaye, escocesa, nasceu em Londres a 3 de Agosto de 1884.

Foi antiga noviça nas Dominicanas do Bom Sucesso, de onde saiu por falta de vista. Melhorou e pediu para entrar na Congregação. Fez o Noviciado em Ontário, Oregon, Estados Unidos. Professou na Congregação, no Brasil, a 18 de Dezembro de 1916.

Era muito enérgica, zelosa pela vida religiosa e, devido ao seu temperamento, pediu a Jesus a graça de fazer o purgatório na terra.

Leccionou Inglês e aulas de Religião.

Cancerosa, não quis nenhuma injecção para aliviar a sua dor. Após uma operação delicada ficou impossibilitada de mover os braços. A Madre Maria de Santo Inocêncio, sempre atenta às necessidades das suas Irmãs, passava as noites tentando aliviar-lhe as dores, mudando as almofadas.

A quem lhe perguntava se estava bem de saúde, dizia: «Ah! Estou muito boa, estou melhor do que mereço.»

O seu sofrimento durou dois anos. Os Sacerdotes Salesianos costumavam dar a bênção de Nossa Senhora Auxiliadora todos os dias 24 de cada mês. No dia 24 de Maio de 1938, após a bênção, diz ao Sacerdote que daí a cinco dias estaria pedindo por ele, prevendo o dia da sua morte, que foi a 29 de Maio de 1938, na Casa de São Paulo.

Madre Maria Imelda Bressane Leite Perry
Braga, 22 de Junho de 1938

A Madre Maria Imelda, Maria das Dores Bressane Leite Perry, filha de José Ribeiro Perry e de Maria Brígida Bressane Leite Perry, nasceu na freguesia da Cedofeita, Porto, a 27 de Março de 1863.

Professou a 16 de Julho de 1881, nas mãos da Madre Maria José Barros de Castro, em São Domingos de Benfica.

Desempenhou cargos de grande responsabilidade: Mestra de Noviças, Conselheira Geral, prioresa de várias casas, entre as quais é de salientar o Outão, onde foi muito elogiada pela Rainha D. Amélia, pela boa condução do Dispensário: «Sua Majestade a Rainha sente

[413] Nota da Irmã Maria de São Raimundo, 21 de Dezembro de 1937, A.G.C.

muito que a Madre Maria Imelda deixasse o Outão e quer que te peça que, em seu nome, lhe agradeças todo o bem que ali fez, o zelo e dedicação com que se entregou a essa Obra redentora da alma e do corpo das crianças. Diz mais Sua Majestade que a digna recompensa de tantos e tão bons serviços, só Deus lhe poderá dar, mas a Rainha quer testemunhar-lhe a sua gratidão.»[414]

«Era a Vigária Geral quando a Madre Fundadora morreu. Quando as Irmãs foram para Salamanca, lá esteve a Madre Maria Imelda a governar a casa, vivendo com alegria a extrema pobreza, apesar de ser de uma família ilustre: Braga da Cruz.

Por onde passou deixou a marca do seu carisma de autoridade, zelo enérgico e forte, mas sempre de bondade e ternura maternal, o seu amor à observância religiosa.»[415]

Viveu os últimos anos em Braga onde faleceu e foi chorada tanto pelas Irmãs como pelas educandas, devido ao bom ambiente que criava pela sua delicadeza e atenção aos outros.

O Senhor Arcebispo de Braga e Senhor D. Domingos, OP, Bispo de Portalegre fizeram-se representar no seu funeral que foi acompanhado por muitas Irmãs, meninas da aula pobre, rapazes do Asilo de José e São Caetano, numerosos familiares e pessoas amigas. O Rev.do P. Fr. Luís de Sousa, seu director espiritual, disse à Madre Geral. «Há muitos anos que conhecia esta respeitável Madre, Nosso Senhor lhe dê muitas como ela!

A Madre Maria Imelda foi sempre, para nós, um exemplo de virtude, abnegação própria e constante dedicação à nossa Congregação em todos os cargos que em sua vida desempenhou.»[416]

Morreu em Braga a 22 de Junho de 1938. Tinha 75 anos, dos quais cerca de 60 passados na vida religiosa.

Madre Maria de Santo Estanislau Reid
Braga, 12 de Janeiro de 1940

A Madre Maria de Santo Estanislau, Maria Josefina Reid, nasceu em Dublin, Irlanda, no dia 1 de Junho de 1862 e foi baptizada no mesmo dia. Foi a segunda de nove filhos. Sempre muito sensata e piedosa, quis ser religiosa. Perante o seu desejo a mãe respondeu-lhe: «A Deus Nosso Senhor dou todos os meus filhos.» Na vida religiosa como no mundo só procurava ser verdadeiramente virtuosa.

Conhecedora da obra de D. Teresa de Saldanha e seduzida pela fama das suas virtudes, veio para Portugal e professou na Congregação, aos 28 anos, no dia 4 de Janeiro de 1890. Era irmã da Irmã Maria de São Francisco de Sales.

Do Noviciado de Benfica, foi mandada para o Colégio da Regeneração em 1890, e aí mereceu que a sua superiora dissesse à Madre Fundadora, numa visita que mais tarde fez a este colégio: «Esta Irmã é a minha consolação.»

Eleita superiora do mesmo colégio, depois de 14 anos de serviço como boa súbdita, desempenhou os deveres deste novo cargo com todo o zelo, prudência e grande caridade.

---

[414] Carta à Madre Teresa de Saldanha in THIAUCOURT, p. 635.

[415] Extracto do *Boletim Mensal das Missões Franciscanas*, Julho 1938.

[416] A.G.C., Doc. 7366.

Em Outubro de 1910, na mudança de regime do país, o fundador do colégio, Monsenhor Airosa, apresentou-se ao Governador Civil, Sr. Manuel Monteiro, dizendo com respeito e firmeza: «Tenho esta casa de beneficência, governada inteiramente pelas Irmãs Dominicanas, entre elas duas irlandesas, mas não posso dispensar nenhuma. Se V. Ex.a quer mandar embora as estrangeiras que aí estão, entrego esta casa.»

Perante essa intimidação, a casa não fechou. A Madre Maria de Santo Estanislau continuou ao lado de Monsenhor Airosa a sua missão salvadora junto das pobres que necessitavam daquele abrigo, com a bênção visível da Providência.

Atravessou-se aquela época difícil, em todo o sentido, com efeitos admiráveis. Tudo progrediu apesar das dificuldades.

Em Junho de 1921, a Madre Maria de Santo Estanislau foi aos Estados Unidos, como visitadora, função que desempenhou com os melhores resultados, ficando na América por algum tempo como Mestra de Noviças. As cartas que vieram depois da sua morte, das Noviças que com ela conviveram, dão claro testemunho das suas grandes virtudes e do bem que deixou impresso nos seus espíritos e corações.

Em 1923 retomou o cargo de superiora e cumpriu-o até Janeiro de 1930.

O facto de ter ficado em Braga até 1910 foi uma disposição singular da Providência, pois tinha estado uns dias antes, na Casa do Outão, na companhia da Madre Fundadora e mais Irmãs. As suas súbditas escreveram-lhe pedindo-lhe para vir para Braga celebrar a Festa do Rosário, ela veio e assim escapou à desordem em que foram envolvidas as outras Irmãs que aí estiveram.

Era uma Irmã com muita sabedoria, discernimento e bom senso e a quem a Madre Teresa de Saldanha recorria frequentemente na resolução de alguns problemas da Congregação e com a qual manteve uma assídua correspondência, repassada de partilha espiritual e manifestações de pura amizade. Quando alguém lha pedia para as novas fundações, respondia: «Arranjem-se como quiserem, mas não quero a Madre Maria de Santo Estanislau fora de Portugal.»

Faleceu em Braga a 12 de Janeiro de 1940.

Excerto de uma carta da Madre Maria Catarina de Ricci, de Kenosha, Estados Unidos da América, à Madre Maria Rosa Thiaucourt:

«Agradecemos as notícias sobre a nossa amada Madre Maria de Santo Estanislau. Ela era-nos muito querida a todas, porque foi o primeiro laço que nos uniu à nossa querida Casa-Mãe em Portugal, desde que o nosso Vicariato veio para os Estados Unidos. Lembre-se, Madre, que foi a visitadora pela Madre Geral em 1921 e então nós ganhámos muito com ela. Tomou inteiramente conta das Noviças no ano que passou connosco e oh! que ajuda era de inúmeras formas. Era de tão grande edificação! Nesse tempo os seus pés causavam-lhe grande sofrimento, contudo não se servia do elevador, mas subia por as escadas, todas as vezes que tinha de ir ao Noviciado. O Noviciado tinha quatro andares desde o fundo.

Nesse tempo poupou muito para nós, nas coisas necessárias para o hospital. Durante o recreio do meio dia punha as Noviças a preparar grandes ligaduras, que de outro modo seriam deitadas fora, como inúteis. Vai surpreendê-la saber que ela poupou centenas de dólares deste modo. Certamente o seu exemplo deu-nos a ideia de que as nossas Madres portuguesas eram admiráveis religiosas. Esta ideia foi confirmada pela nossa visita ao querido Portugal.»[417]

---

[417] 23 de Fevereiro de 1940, A.G.C.

Madre Maria de São Jacinto de Sampaio Quintela
Lisboa, 16 de Maio de 1940

A Madre Maria de São Jacinto, Maria Joaquina de Sampaio Quintela era filha de Francisco Quintela e de Cristina de Sampaio, Viscondes de Charruda. Nasceu em Lisboa a 28 de Agosto de 1869.

Professou a 4 de Janeiro de 1890, nas mãos da Madre Fundadora, em São Domingos de Benfica.

Trabalhou em diversas casas, nomeadamente em Santarém.

Depois da República foi para Paris, ficando em casa das Irmãs da Caridade onde tinha uma irmã. Ali estudou a possibilidade de uma fundação na Europa. Decidindo-se por La Panne, Bélgica, partiu para lá a 4 de Maio de 1911. Foi a grande impulsionadora desta missão, onde dirigiam um Sanatório para crianças fracas.

Sobreveio a invasão alemã e a I Guerra Mundial. A Madre Maria de São Jacinto transformou a casa, à testa da qual estava, em hospital onde acolheu com a maior dedicação militares feridos e órfãos. A Bélgica condecorou-a com a Medalha de Benemerência da Rainha Isabel, destinada a galardoar actos de dedicação como os dela.

Em Dezembro de 1928 deixou a Bélgica por obediência às Superioras, e foi para Salamanca. Esteve depois como prioresa do Asilo das Cegas, em Lisboa.

Por ocasião das suas Bodas de Ouro de Profissão Religiosa, em 4 de Janeiro de 1940, o Rei Leopoldo da Bélgica mandou-lhe o telegrama seguinte: «*Ma mère se joint à moi pour vous adresser nos félicitations et nos meilleurs voeux a l'occasion de votre magnifique jubilé*.»[418]

«Conheci-a em Lisboa no Colégio de São José, Rua Angra do Heroísmo, em 1939. Era já muito velhinha, agarrada a uma bengala. Não saía do quarto. Todos os dias ia visitá-la, fazer-lhe companhia e enriquecer-me com as suas palavras. Era muito bondosa e falava-me, com muita saudade, da fundação da Bélgica. Dizia que depois várias peripécias, chegou a La Panne, um sítio ermo, com uma praia, onde o mar era muito bravo.

A pequena Comunidade era constituída Irmãs generosas que se entregaram ao Senhor, longe da terra, com uma língua diferente. Eram muito queridas e estimadas por todos.

Estavam em guerra, longe da zona perigosa. O rei mandou-lhes construir pavilhões, refúgios. Os reis levaram para aí os seus filhos: Maria Pia e o príncipe sucessor. Queriam que eles fossem tratados como as outras crianças, sem excepção.

Como a guerra continuasse a devastar, o rei em combinação com a Madre Maria de São Jacinto mandou construir mais dois pavilhões para soldados feridos. As Irmãs não tinham mãos a medir. A Rainha D. Isabel visitava-os e consolava-os na companhia das Irmãs.

Quando acabou a guerra, as Irmãs mudaram para Cocide, onde tinham vida de Comunidade fazendo o bem e atraindo as pessoas para as suas obras de caridade. Tiveram sete postulantes.

Em 1928, devido a várias dificuldades e necessitando das Irmãs, mandaram-nas vir para Portugal, o que causou grande desgosto à Madre São Jacinto, embora fosse humilde e submissa.

---

[418] Minha mãe junta-se a mim para vos dirigir nossas felicitações e os nossos melhores votos por ocasião do vosso magnífico Jubileu. A.G.C., Doc. 7360.

Adoeceu e ficou em estado de coma, durante vários dias. Um dia, estava eu a guardá-la, abriu os olhos e disse: "É a Irmã? Se eu melhorar tenho muito que lhe contar". Não falou mais. O Dr. Gentil beijou-a na testa e chorou.»[419]

A Madre Maria de São Jacinto faleceu em Lisboa, a 16 de Maio de 1940, com 80 anos todos entregues ao serviço de Deus, na obediência filial ao seu projecto.

Madre Maria Emília Renon
Amparo,13 de Agosto de 1940

A Madre Maria Emília de Jesus Crucificado, Marie Berthe Renon, filha de Pierre Renon e Marie Maurin, nasceu a 25 de Dezembro de 1873, em Guimps, diocese de Angoulême Charente, França. Professou em São Domingos de Benfica, nas mãos da Madre Fundadora, a 21 de Março de 1898.

Na Revolução republicana de 1910 foi para França e daí para o Brasil onde exerceu uma inteligente acção educativa e de organização de comunidades. Foi a primeira Mestra de Noviças nesse Vicariato.

A ela se referiu um jornal de Amparo: «A pranteada extinta gozava, entre nós, de unânime estima, admiração e respeito, não só por causa de suas altas e nobres virtudes cristãs, mas também pelas suas comprovadas qualidades de educadora. Amparo muito deveu a essa dedicada filha de São Domingos que jamais soube o que foi a tranquilidade de um instante de lazer, porque todos os seus minutos, ela os dedicou, ininterruptamente, ao árduo, porém fecundo trabalho de semear a boa semente da piedade e da instrução. Senhora de aprimorada cultura e excelentes dotes de educadora, Madre Maria Emília Renon repartiu com várias gerações de amparenses, os frutos de ouro de seu saber.

Em 15 de Novembro de 1917 tomou posse como Vigária Geral, no Brasil e sempre exerceu cargos de prioresa e sub-prioresa do Colégio de Amparo. Adoeceu em 1939, mas sofreu sempre com resignação e paz inalterável, confiando sempre na misericórdia Divina.

Morreu com 66 anos na Casa do Amparo, Brasil, no dia 13 de Agosto de 1940. Compareceram aos funerais autoridades civis e religiosas, representantes de todas as associações católicas da cidade.»[420]

A Madre Maria Rosa narra, à Madre Geral, os seus últimos tempos: «Contar a sua última doença, os seus últimos dias, dias de edificação para nós, não é muito fácil, pois não encontrarei expressões bastante exactas para reproduzir pela palavra uma série de quadros tão próprios para nos afervorar e mesmo converter. Posso assegurar, Madre Geral, que nunca assisti a uma morte tão calma e tão santa. É meu dever narrar o melhor que puder tudo quanto se passou e como tudo se passou.

Durante os doze últimos dias, preparou-se para a morte e muitas vezes nos falava na felicidade de morrer. Dia cinco pediu a Extrema-Unção. Antes da cerimónia pediu-me que lhe desse o cerimonial para a administração desse sacramento, assim o fiz e ela sentia-se feliz!

Estava e esteve até ao fim em seu perfeito juízo. No fim mandou-nos cantar a Salve Regina, e como estivéssemos com a voz embargada, repreendeu-nos docemente dizendo que

---

[419] Nota da Irmã Maria Samuel Vieira, 1998, A.G.C.

[420] Jornal *O Comércio*, 15 de Agosto de 1940, A.G.C., Doc. 7359.

as almas fortes nessa hora cantam com entusiasmo, como fariam as nossas Madres antigas que pareciam partilhar da felicidade da doente. Disse então ao Padre Superior que era preciso confortar-nos e não consentir que ficássemos assim acabrunhadas!

No dia 5 cedo recebeu Nosso Senhor e passou alegre e satisfeita todo o resto do dia, aconselhando-nos sempre a sermos almas generosas e não mesquinhas, sermos verdadeiramente Dominicanas. Explicou-me tudo a respeito das contas da casa e das meninas e outros negócios; disse-me o que se devia fazer quando ela tivesse morrido, no referente ao seu enterro, que não queria nada além do que se fizera para as outras Irmãs. Disse-me que escrevesse logo à Madre Geral e pedisse em seu nome, às Madres e outras suas conhecidas, o devido perdão das faltas cometidas para com a Congregação. Na sexta-feira, dia 9, teve uma crise bastante forte; nessa hora reuniram-se as Irmãs e quando nos viu reunidas a crise foi cedendo e então ela aproveitou para fazer as suas últimas recomendações e últimos pedidos.

Disse-nos então: "Minhas filhas, não se entristeçam com a minha ida para o Céu. Eu aqui não posso fazer mais nada, o que eu pude fazer já o fiz, lá do Céu as ajudarei bastante. Conservem entre si a união, tenham muito espírito de fé e muita caridade, só isto nos poderá fazer verdadeiras filhas de nossa Santa Mãe e Fundadora. Que haja entre todas uma só alma e um só coração, que haja sempre muita lealdade, muito espírito de fé e caridade, senão Nosso Senhor não nos poderá abençoar! Que haja sempre e em tudo muita humildade e bom espírito, sejamos verdadeiras Dominicanas, cheias de um só espírito religioso, o da Ordem!"

No domingo recebeu a visita da Madre Provincial das Franciscanas e conversou animadamente, o que nos alegrou muito. Desejou receber todas as bênçãos apostólicas e indulgências do Rosário, etc., e tudo foi feito conforme os seus santos desejos. Passou o domingo quase continuamente mergulhada numa profunda sonolência, falando pouco. Entretanto, mesmo durante o sono balbuciava sempre *Je vous salue Marie, Mère de Dieu*, etc.

Sempre que lhe perguntava como se sentia, respondia: "Estou bem, estou como Nosso Senhor quer! Nosso Senhor sofreu tanto no Jardim das Oliveiras!"

Cantámos novamente a Salve Regina e apesar de ter entrado em estado de coma às dez e trinta, percebeu que cantávamos e nas palavras: *Ó Clemens, ó Pia*... ficou com a respiração suspensa e o seu rosto manifestou uma expressão de felicidade e paz. Às dez e cinquenta entrou em suave e lenta agonia e às onze horas em ponto expirou.

Foi uma morte invejável e santa. O seu rosto ficou com uma expressão de alegria. Só às duas horas da tarde é que processionalmente o levámos para a capela, onde uma massa de povo já esperava. Até altas horas da noite a capela esteve cheia de pessoas amigas.

Sentimos ainda hoje um vácuo imenso e uma saudade infinda! Não a vemos mas sentimo-la em todas as partes da casa.

O enterro teve lugar às nove horas. Havia muita gente, sem contar as alunas todas do colégio. Todas sentem muito a morte desta mãe de família, como elas diziam.

Esquecia-me dizer, tudo foi encontrado em perfeita ordem, a respeito de papéis, documentos, contas, etc. Até a folha do telegrama para Portugal já estava por ela endereçada!

O Dr. Américo foi incansável. Os Rev. Franciscanos também, como sempre, muito bondosos. Termino, querida Madre Geral, pedindo a caridade de nos enviar uma mãe.»[421]

Em Amparo existe uma Rua, perto da casa das Irmãs com o nome de Madre Maria Emília Renon, em homenagem ao grande contributo que deu no desenvolvimento da cidade.

---

[421] Cf. Notas Necrológicas, 1940, A.G.C.

Madre Maria Osana Dias Vieira
Braga, 23 de Agosto de 1941

A Madre Maria Osana**,** Maria Deolinda Dias Vieira, era filha de João Luís d'Abreu e de Margarida Dias Vieira. Nasceu no dia 6 de Setembro de 1865, na freguesia de Eixo, Aveiro.

Professou em São Domingos de Benfica, nas mãos da Madre Fundadora, no dia 9 de Fevereiro de 1895.

Exerceu importantes serviços na Congregação, sendo Procuradora Geral e prioresa de diversas casas.

Era de uma grande serenidade e dedicação. Em 1910 foi para o Sanatório de Sant'Ana, na Parede, sendo mais tarde prioresa. Manifestou muito amor e dedicação aos doentes. Esteve também à frente da fundação de Viseu, onde mostrou grande talento para curar e consolar.

Acometida de doença grave, aceitou com fé e soube sofrer em silêncio, manifestando-se afável e bondosa para com todos.

Faleceu, em Braga, no dia 23 de Agosto de 1941.

Madre Maria Amada da Virgem Santíssima de Lima e Lemos
Fátima, 22 de Setembro de 1942

A Madre Maria Amada da Virgem Santíssima, Maria da Piedade de Lima e Lemos, filha de José Maria de Lemos de Almeida Valente e de D. Hedwiges Clementina de Lemos Sousa Pinto Basto, era natural de Avanca, diocese de Aveiro. Professou na Congregação aos vinte e dois anos, no dia 26 de Abril de 1895, juntamente com a sua irmã, Maria da Anunciação, que recebeu o nome de Irmã Maria Madalena de Pazzi. As duas irmãs desempenharam diversos serviços de responsabilidade na Congregação e deram testemunho de santidade.

Na República fez parte do primeiro grupo de Irmãs que iniciou a comunidade da Parede. Desempenhou missões de relevo na Congregação quer como Prioresa, quer como Conselheira. Em 1924, quando se abriu a Comunidade de Leiria, foi a primeira prioresa dessa casa.

Muito devota de Nossa Senhora e atenta aos acontecimentos das aparições em Fátima, tomou conhecimento da Carta Pastoral *A Divina Providência*, do dia 13 de Outubro de 1930, em que o Bispo de Leiria declarava "dignas de crédito as visões das crianças na Cova da Iria" e permitiu oficialmente o culto de Nossa Senhora de Fátima. Prontamente começa a trabalhar no Santuário para ajudar a tratar os peregrinos.

No dia 13 de Junho de 1933, aparece a Madre Maria Amada, numa foto, a assistir aos doentes no Santuário. Efectivamente, ainda como superiora de Leiria, iniciou a obra de pessoas que voluntariamente se dedicam ao acolhimento e tratamento dos peregrinos que chegam ao Santuário de Fátima – os Servitas, de quem foi a também a sua primeira chefe. Dedicou-se a essa missão até ao fim da sua vida. Faleceu aos 69 anos em Fátima, no dia 22 de Setembro de 1942.

Madre Maria de São Francisco de Sales Reid
Braga, 25 de Maio de 1943

A Madre Maria de São Francisco de Sales, Brígida Reid, irmã da Madre Maria de Santo Estanislau, professou em Benfica, nas mãos da Madre Fundadora no dia 24 de Outubro de 1891.

Viveu quase sempre em Braga onde foi Subprioresa, secretária da Comunidade e responsável pela secção dos teares e do refeitório. Tinha grandes dotes musicais.

Distinguiu-se pela sua vida de piedade. Nas procissões dentro de casa e na cerca, era costume a Irmã levar a imagem de Nossa Senhora que erguia, fazendo ao mesmo tempo, evocações e jaculatórias, incentivando assim à piedade.

Passou na Regeneração a época conturbada da Revolução de 1910 e apreensiva com a ideia de que pudessem ser expulsas, desencadeou uma campanha de oração tão intensa que Afonso Costa em vez de concretizar a visita anunciada, dirigiu-se imediatamente para a estação de caminho de ferro, com destino a Lisboa.

Nesta época, as Irmãs não podiam usar hábito na rua. Conta-se que a Irmã Maria de Sales ao gracejo de que tinha uma linda cara, respondeu: «Sou bonita, sou mas é para Nosso Senhor.»

Quando chegou a hora de partir para a Casa do Pai, as suas últimas palavras foram cheias de alegria pois, finalmente, ia encontrar-se com o Senhor que tanto amou, durante a vida.

Madre Maria Cecília Correia de Sá
Ramalhão, 4 de Janeiro de 1943

A Madre Maria Cecília do Sagrado Coração de Jesus, Mariana Correia de Sá, que era filha de António Maria Correia de Sá (Asseca) e de Leonor Maria Pinto de Soveral. Nasceu a 11 de Dezembro de 1869, na freguesia de Santos-o-Velho, Lisboa. Sendo parente da Madre Fundadora foi educada pelas Irmãs, desde tenra idade, primeiro nas Portas da Cruz e depois em São Domingos de Benfica.

Professou na Congregação em 15 de Dezembro de 1892.

Tinha um talento especial para a música. Durante muitos anos foi uma excelente educadora das jovens em Benfica.

Exerceu diversos serviços de responsabilidade na Congregação e formação das Irmãs, especialmente como Mestra de Noviças e Conselheira Geral. Muitas foram as gerações de noviças que marcou pela alegria e exigência com que viveu os compromissos da vida dominicana.

Passou os últimos tempos da sua vida no Ramalhão e foi a primeira Irmã a falecer nessa casa, no dia 4 de Janeiro de 1943, com 73 anos de idade.

Madre Maria de Santo Inocêncio do Divino Coração Lima
São Paulo, 26 de Outubro de 1948

A Madre Maria de Santo Inocêncio do Divino Coração, Máxima Augusta Lima, nasceu a 29 de Maio de 1872, em Belém do Pará, Brasil. Era filha de pai português e de mãe brasileira. A convite e em companhia da família de La Rocque, costumava vir passear a Portugal, quando moça e já professora. De uma vez em que cá se demoraram mais tempo, entrou ela para o Noviciado da Congregação, estabelecido em Benfica, Lisboa. Aí professou em 10 de Abril de 1908.

Quando eclodiu a Revolução de 1910, a Madre Maria de Santo Inocêncio estava na casa de São José em Lagoa, Algarve. Como brasileira, foi expatriada.

Pensou em pedir a sua admissão entre as Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils, então estabelecidas em Uberaba, Minas Gerais, como se vê na carta da Madre Fundadora ao Frei Lucas OP: «Com esta carta, V. Rev.ª receberá outra de minhas queridas filhas, Máxima de Lima, brasileira de nascimento. Deseja ser recebida na Congregação das Irmãs Dominicanas de Uberaba. É uma santa Irmã, muito virtuosa, dedicada e poderá prestar grandes serviços à Congregação em que for admitida. Eu recomendo a protecção paternal e caridosa de V. Rev.ª.

A Madre Maria de Santo Inocêncio Lima deve ter chegado ao Brasil em meados de Dezembro de 1910, pois em 21 deste mês escreveu de Petrópolis à Madre Fundadora dando notícias da sua viagem e feliz por ter chegado ao seu país. Relata o bom acolhimento dominicano, das Irmãs Dominicanas Francesas, estabelecidas em Belo Horizonte, Minas Gerais que, sabendo da vinda de uma Dominicana expulsa para o Brasil, mandaram uma professora ao Rio de Janeiro esperá-la e oferecer-lhe hospedagem. Mediante este bom acolhimento das Irmãs e aconselhada por Frei Jacinto Lacomme, OP, a Madre Maria de Santo Inocêncio aceitou de bom grado esta oferta. Em 9 de Janeiro de 1911 escreveu novamente à Madre Fundadora, já do Colégio Santa Maria de Belo Horizonte.

A Madre Fundadora responde-lhe a 15 de Fevereiro de 1911: «Fiquei certa de que tudo quanto aconteceu, e como a minha querida filha, bem aconselhada, ficou em Belo Horizonte. Tudo são determinações de Nosso Senhor!» [422]

A Madre Maria de Santo Inocêncio ficou com as Irmãs Francesas, até à chegada das primeiras Irmãs da sua Congregação ao Brasil, o que se deu em 7 de Março de 1911.

Tendo prometido à Madre Fundadora, antes de partir de Portugal, que se as Irmãs se reunissem em algum lugar para salvar a Congregação ela se uniria a elas, a Madre Maria de Santo Inocêncio foi fiel a esta promessa.

Em carta de 28 de Janeiro de 1911, a Madre Fundadora comunica o convite que recebera do Padre José A. de Almeida e Silva, português, residente em Campinas, para mandar Irmãs estabelecerem uma casa nesta cidade. Nomeia a Madre Maria de Santo Inocêncio superiora da nova fundação, encarregando-a de a dirigir, e transmite-lhe as orientações necessárias para o efeito.

A Madre Maria de Santo Inocêncio era, na verdade, uma religiosa inteligente e muito virtuosa, como vemos pelas palavras da Madre Fundadora: «Muito me consolou ler tudo quanto me escreve a respeito da instalação das Irmãs no Rio de Janeiro e acho que fez uma boa escolha das Irmãs para essa obra. Li, com a maior atenção, a cópia da Escritura de contrato entre o Patronato de Menores e as Irmãs Dominicanas e admirei a inteligência e bom

[422] A.G.C., Doc. 1980.

senso de V. Rev. que dirigiu esse negócio tão importante e aceite as minhas felicitações. Consolando-me de a ter como uma filha tão cheia de zelo, inteligência, caridade e tão dedicada à nossa Congregação. Bendito seja Deus e só me resta curvar a cabeça para reconhecer e agradecer as Suas infinitas misericórdias para com as Suas filhas.»[423]

Foi, assim que, desde o início, a Madre Maria de Santo Inocêncio guiou as Irmãs portuguesas que foram para o Brasil, sendo a primeira superiora da primeira casa fundada no Brasil, a Casa de São Domingos em Campinas – conhecida também por Casa de Santa Cruz, nome da capela da mesma casa.

Estando também encarregada pela Madre Fundadora de dirigir os negócios da Congregação no Brasil, tratou, a pedido do Sr. Bispo de Campinas, da fundação do Colégio Nossa Senhora do Amparo, em Amparo, cidade que visitou pela primeira vez em 28 de Maio de 1911.

Em 1 de Setembro de 1911 foi nomeada primeira Provincial[424] do Brasil pelas Madres Delegadas[425], vindas ao Brasil para resolver alguns pedidos de fundação e outros negócios.

Desempenhou este cargo, que praticamente vinha exercendo desde o início, até 15 de Novembro de 1917, tendo sido reeleita pelo Conselho da Congregação, por quatro anos, em 28 de Agosto de 1913.

Em 18 de Janeiro de 1912 deixou a casa de São Domingos de Campinas e foi iniciar uma fundação em Petrópolis, a pedido da família La Rocque. Esteve à frente desta casa, Nossa Senhora do Divino Coração, para qual foi nomeada superiora, até 13 de Junho de 1918.

Em 15 de Dezembro de 1913 fez os seus Votos Perpétuos em Campinas nas mãos da Madre Maria Emília Renon, então superiora do Colégio de Nossa Senhora do Amparo.

Em 27 de Junho de 1918, voltou a residir em Campinas, e governou esta casa até 26 de Janeiro de 1921. Em 8 de Dezembro de 1920, após a visita da Rev.ma Madre Geral, Madre Maria de São José Soares d'Albergaria, ao Brasil, foi a Madre Maria de Santo Inocêncio nomeada novamente Vigária Geral, sendo confirmada neste cargo pelo Capítulo Geral de Salamanca em 1922, e exercendo-o até ao Capitulo Geral de Leiria em 28 de Agosto de 1928.

A pedido do Ex.mo Sr. Bispo de Campinas, D. Francisco de Campos Barreto, em 26 de Janeiro de 1921, deu início à fundação do Colégio São José em Limeira, de que foi a primeira superiora e directora, sempre reeleita até 24 de Outubro de 1928.

No dia 22 de Julho de 1922 seguiu para Salamanca, em companhia da Madre Maria de São José Chaves, delegada da casa, para tomar parte no Capítulo Geral que se reuniu nesta cidade, em 21 de Agosto do mesmo ano.

Ainda como Vigária participou no Capítulo Geral que em 1928, se reuniu em Leiria, Portugal. Deixando o cargo de Vigária em 1928, continuou a prestar serviços ao Vicariato, como Conselheira.

Em 11 de Abril de 1934 saiu de Limeira para São Paulo, para iniciar uma fundação nesta capital, Casa de Santa Catarina de Sena, onde foi a primeira superiora, cargo que exerceu ate 20 de Março de 1941.

---

[423] 21 de Setembro de 1915, A.G.C. Doc. 1750.

[424] A Madre Fundadora, desde 1911, sempre se refere-se a esta Irmã como Provincial e ao Brasil, Província.

[425] Madre Maria Teresa de Saldanha Oliveira e Sousa e Madre Maria José Soares de Albergaria.

No dia 26 de Junho de 1948 foi sacramentada, como nota num dos seus livros de leitura espiritual: «No dia 26 de Junho de 1948 recebi todos os sacramentos na cama, pelas 6 horas da tarde. Uma graça extraordinária que devo ao Sagrado Coração de Jesus.»

As dez horas da noite de 26 de Outubro de 1948, rodeada das preces e dos cuidados das suas Irmãs, faleceu na Casa de Santa Catarina de Sena aquela que fora a iniciadora e até então a alma desta obra.

O espírito de fé da Madre Maria de Santo Inocêncio, o seu zelo incomparável pela educação da infância e juventude, o seu grande amor pela criança, foram os alicerces desta e de muitas outras casas de ensino que em sua vida criou e dirigiu. Como Mãe e Mestra desvelada, amou as crianças e a juventude que educou e instruiu. A sua dedicação encontrava correspondência nos corações dos seus alunos. Isto foi constatado em todas as circunstâncias e lugares onde trabalhara e mais especialmente junto do seu caixão: em fila, silenciosos, comovidos e respeitosos, os alunos vieram oscular pela última vez, em sinal de despedida e de agradecimento, aquelas mãos amigas que tantas vezes os afagara; rezavam com fervor e emoção, pela alma daquela que fora sua grande amiga e mestra.

A Congregação no Brasil muito deve à sua ardente e operosa caridade, ao seu confiante abandono à Divina Providência e ao seu profundíssimo espírito de sacrifício e de fé. Alma interior, humilde e operosa. E foi para todas um modelo de religiosa submissa, sacrificada e zelosa pela causa de Deus e da Congregação.

Para provar quanto a sua acção benfazeja irradiava longe, transcrevemos um artigo publicado pelo jornal de Limeira, por ocasião do primeiro aniversário do seu falecimento: «Madre Maria de Santo Inocêncio Lima... Quem não sente ao ler este nome querido a incontida emoção da sua lembrança! Sobre o valor de sua personalidade falem as nossas crianças de vinte anos passados, hoje mães de família. Fale a população de Limeira, fale enfim este Colégio São José, cujo histórico é bastante eloquente para avivar a lembrança dos sacrifícios de sua fundação, e da operosa actividade de organização de sua fundadora e primeira superiora! Madre Maria de Santo Inocêncio foi uma religiosa simples no seu feitio de mestra culta e capaz. Exercia a correcção de suas alunas com a doçura de seu sorriso franco a florir nos lábios, como educadora mansa e amiga, atributos que a faziam venerada...»[426]

Em Limeira existe uma Escola com o seu nome, em homenagem ao seu grande contributo à educação.

Irmã Maria de São Basílio Pereira da Silva
Braga, 8 de Março de 1949

A Irmã Maria de São Basílio do Santíssimo Sacramento, Maria Augusta Pereira da Silva, filha de Porfírio da Silva e de Jacinta Pereira da Silva, natural de Nariz, diocese de Aveiro, professou em São Domingos de Benfica, nas mãos da Madre Fundadora a 11 de Dezembro de 1905.

Foi assinada à Casa de Braga onde muito se sacrificou. O seu emprego era a sapataria, onde trabalhou sempre enquanto pôde. Nosso Senhor provou-a com a falta da vista e do

[426] Cf. Notas Necrológicas, 1948, A.G.C.

ouvido. Mesmo assim, esforçava-se por cuidar do calçado das internadas que por vezes experimentaram a sua paciência.

Adoeceu e esteve, sustentada só a gotas de água mais de oito ou quinze dias. A sua preocupação era a Sagrada Comunhão, que teve a felicidade de receber todos os dias. Morreu nas mais santas disposições, repetindo sempre as jaculatórias que as Irmãs lhe lembravam.

Sem contracção nem grande aflição, entregou a sua alma Àquele para quem só trabalhou e sofreu, a 8 de Março de 1949.

Irmã Maria de São Luís Beltrão Urbani
Cardaes, 05 de Março de 1951

A Irmã Maria de São Luís Beltrão, Emily Urbani, filha de Pedro Valentim Urbani e Isabel Vaughan, era natural de Londres, Inglaterra. Professou em São Domingos de Benfica, a 15 de Dezembro de 1892, nas mãos da Madre Fundadora por quem tinha um carinho muito especial.

Em Outubro de 1910, obrigada a deixar Portugal, refugiou-se com a sua irmã, Irmã Maria Ângela, e a sua prima, Irmã Maria de São Tomás Cochrane,[427] no Convento Dominicano de Portobello, em Londres.

Sabemos o que se passou então, através de uma carta da Madre Fundadora à prioresa do convento: «Peço ao bom Deus a recompense por toda a bondade e interesse que tem com as nossas três Irmãs: Ângela, Lewis, São Tomás, a quem recebeu na sua Comunidade de braços abertos. Estas três Irmãs, por quem tenho imenso interesse, estiveram em Benfica vários anos, muito dedicadas à Congregação, edificando pelo seu zelo em ajudar nos diferentes trabalhos confiados ao seu cuidado, na nossa Congregação, em diferentes casas.

Estas Irmãs, tendo já feito os votos perpétuos, estão ainda ligadas à nossa Congregação, infelizmente dispersa pela crueldade do governo português, mas não extinta. E, prova disto, é que, estamos preparando e fazendo novas fundações. Isto é uma prova de que a nossa Congregação não está morta.

Neste caso, as nossas três Irmãs e minhas queridas filhas não podem ingressar numa outra Comunidade sem uma licença especial da autoridade eclesiástica de Roma. Informo-a de tudo isto, querida Madre prioresa, para lhe manifestar as dificuldades que podem surgir. O meu único desejo é saber as nossas Irmãs completamente felizes, na sua vida religiosa, Tenho um grande interesse espiritual por elas e uma profunda afeição, mas, agora que tomaram outra resolução e esperam ser felizes noutra casa religiosa, suponho que seja a vontade de Deus e não pretendo interferir num assunto espiritual de tão grande importância.»[428]

Estas Irmãs permaneceram em Londres vários anos. A Irmã Maria Ângela acabou por morrer nessa casa religiosa. As duas primas – Irmã Maria de São Luís e Maria de São Tomás Cochrane – voltaram a Portugal, sendo recebidas com grande alegria e festa na Casa Mãe da Congregação, no dia 7 de Setembro de 1934, como descreve a cronista: «a Irmã Maria de São Luís e a Irmã Maria de São Tomás vinham contentes e comovidas da boa recepção que lhes fizemos. A portaria, a escada indo para a capela, refeitório, tudo estava enfeitado com palmas

[427] Faleceu no Ramalhão a 20 de Dezembro de 1953.

[428] 6 de Maio de 1911, A.G.C., Doc. 6853.

grandes, hera e flores. Na capela fez-se a cerimónia do itinerário. Na sala da Comunidade estava o piano. Reunimo-nos todas e recitou-se e cantou-se um hino de boas vindas que comoveu as Madres.»[429] Estas duas Irmãs reingressaram na Congregação, depois de 24 anos de ausência. Ambas assumiram cargos de responsabilidade em Portugal. A Irmã Maria de São Luís Beltrão foi nomeada Conselheira Geral, e prioresa da Casa Mãe, no tempo da Madre Maria de São João Evangelista.

Faleceu em Lisboa, Cardaes, com 82 anos, a 5 de Março de 1951.

Irmã Maria de São Pedro Mártir
Campinas, 19 de Agosto de 1953

A Irmã Maria de São Pedro Mártir, Virgínia Palma Marques, natural do Algarve, fez a Profissão religiosa em São Domingos de Benfica, a 21 de Novembro de 1885, nas mãos da Madre Vigária, Maria José Barros de Castro.

Como apóstola, impulsionada pelo seu zelo e dedicação, transpôs os mares. Fez parte do primeiro grupo de Irmãs que constituíram, no Brasil, a pequenina mas fecunda semente da Congregação. Contava então 50 anos de idade. Trazia um coração grande, cheio de ardor pela causa de Deus e da Congregação.

Enérgica, fervorosa, inteligente e de uma observância edificante, entregou-se desde o primeiro momento à nobre tarefa do ensino e da educação da juventude.

Os seus múltiplos anos de vida religiosa foram um contínuo acto de fé, de esperança e de caridade e, por isso, enquanto as suas mãos de artista confeccionavam os mais ricos e delicados trabalhos, o seu coração permanecia unido ao Esposo Divino.

Pintando os mais lindos painéis, ou no meio dos seus múltiplos trabalhos, ouvimo-la proferir baixinho, amiudadas vezes, o primeiro versículo do seu Salmo predilecto: *Misericordias Domini in Aeternum Cantabo*.[430]

Assim passou a sua vida: com os olhos e o coração abertos à vontade divina, na mais inteira submissão, na mais fiel observância, no mais religioso silêncio e no mais cioso aproveitamento do tempo.

Trabalhou com grande desvelo em todos os colégios e comunidades por onde passou. Com a sua virtude, com o inteligente desempenho dos cargos e deveres que a obediência lhe confiou, soube conquistar a estima das suas Irmãs e alunas. Pertenceu pois à plêiade das verdadeiras apóstolas que passam derramando a caridade de Cristo e semeando em profusão os ensinamentos do Evangelho.

Nos dois últimos anos, a sua actividade e energia sentiram-se acorrentadas pela enfermidade e pelo peso dos anos e, aproximando-se o fim da sua carreira, aumentaram-lhe, consideravelmente, os sofrimentos físicos. No entanto, sempre submissa às prescrições da Irmã enfermeira, não proferia a mínima queixa.

Recebeu, com grande fervor, os últimos sacramentos, e na manhã do dia 4 de Agosto, festa de São Domingos, pediu à Madre superiora que reunisse na enfermaria as Irmãs da Comunidade. Isso feito, despediu-se de todas e a todas pediu perdão recomendando-se às suas

---

[429] Crónicas da Congregação, A.G.C., Livro 13.

[430] Cf. Salmo 88.

orações pois sentia próximo o seu fim. Nosso Pai São Domingos, atendendo aos apelos dessa sua filha, veio buscá-la na oitava de sua festa.

Rezou até à morte o Rosário de Maria, suspirando sempre por encontrar-se no Céu com a divina Mãe e aí cantar eternamente as Misericórdias do Senhor.

Faleceu cheia de virtudes e de anos, após uma existência meritória para o Céu, na idade de 92 anos, aos 10 de Agosto de 1953, na Comunidade de Campinas.

Madre Maria de Lurdes Pires de Lima
Braga, 24 de Setembro de 1955

A Madre Maria de Lurdes, Júlia Pires de Lima, professou a 4 de Janeiro de 1890, na Casa de São Domingos de Benfica, nas mãos da Madre Fundadora por quem guardou uma grande amizade.

Trabalhou durante mais de vinte e sete anos na Casa de Braga, revelando uma grande bondade e caridade para educar as jovens. Era uma boa e modelar religiosa em quem as Irmãs podiam confiar. Tinha muita virtude. Trabalhou, quanto pôde em contas e com igualdade de humor, sempre muito agradável para todas as Irmãs. Foi Conselheira Geral da Congregação.

Sofreu bastante, sobretudo das pernas, mas sempre resignada com a Vontade de Nosso Senhor.

Nos últimos anos da sua vida ia para o Coro numa cadeira de rodas, de onde assistia à Santa Missa.

Faleceu nesta casa aos 88 anos, com a Comunidade a cantar-lhe a Salve Rainha, no dia 24 de Agosto de 1955.

Madre Maria Rosa Thiaucourt
Ramalhão, 12 de Junho de 1956

A Madre Maria Rosa, Jeanne Thiaucourt, filha de Jean Baptiste Thiaucourt e de Marie Baylois Thiaucourt, nasceu no dia 19 de Abril de 1861 em Darney, Vosgos, França.

Foi por intermédio de uma tia religiosa num Convento de Dominicanas em Nancy que travou conhecimento com D. Teresa de Saldanha e a sua obra, nos primeiros anos da fundação da Congregação. Eis a apresentação que dela faz Soeur Marie Germain, Superiora das Irmãs de Nancy: «Esta jovem tem dezoito anos e está hospedada na nossa casa, há vários anos, passou nos seus exames na Academia de Nancy onde recebeu uma boa nota. É séria, não tem nenhum desejo de sair para ver o mundo, pois a sua intenção é ser religiosa. Numa palavra, estará no meio das boas Irmãs como uma filha, se lhes testemunharem afeição. É um pouco tímida quando não conhece as pessoas e é de uma grande simplicidade sem pretensão. Aqui os alunos gostam muito dela porque há no seu carácter qualquer coisa de serviçal, sempre desejosa de dar alegria aos outros. Perdeu o seu pai e a sua mãe... Creio que esta jovem vos convém, ela é sobrinha de uma das nossas Irmãs que se sente muito feliz de a ver entrar num convento dominicano.»[431]

Veio para uma das suas escolas, como mestra, ensinar francês.

---

[431] Carta de Soeur Marie Germain a Teresa de Saldanha, Nancy, 29 de Abril de 1879, A.G.C., Doc. 11725.

Sentindo o apelo de Deus a uma entrega mais radical, professou no dia 3 de Abril de 1883.

Dedicou a sua longa vida à educação da juventude no Colégio de São José, em São Domingos de Benfica, e no Colégio de Santa Joana de Aveiro. Era muito devota do Rosário e muito trabalhou para introduzir e implementar a Associação das Rosaristas em Portugal.

Sentia um grande fascínio pela figura e bondade de Teresa de Saldanha, a quem escrevia cartas repassadas de ternura, afecto e gratidão, autodenominando-se «a sua Rosa.»

Foi a primeira Irmã da Congregação a empreender a árdua tarefa de coligir, compilar, ordenar e publicar os escritos da Madre Fundadora e todos os passos dados por esta desde a fundação da Congregação até à sua morte. É reconhecidamente «a sua mais minuciosa biógrafa.»[432]

Manteve sempre a mesma doçura e delicadeza, mesmo nos últimos anos de vida em que, já cega, se dedicava à oração.

Na República foi para França, depois para a Bélgica, Salamanca, Brasil e voltou a Portugal. Foi, durante muitos anos, secretária geral da Congregação.

Faleceu, com noventa e cinco anos, na Casa de São José, Ramalhão, Sintra, no dia 12 de Junho de 1956.

Irmã Maria Augusta Santos
Lupionópolis, 1 de Maio de 1960

A Irmã Maria Augusta, Mary Santos natural de Borda da Mata, professou no Brasil no dia 24 de Fevereiro de 1949. Revelou sempre uma grande maturidade e profundidade espiritual.

No dia 2 de Março de 1959 chegou a Lupionópolis para assumir o cargo de superiora da casa. Aqui entregou-se incansavelmente no serviço pastoral dentro e fora da cidade, de modo que se tornou muito querida e amada pelo povo.

Na véspera da festa de Santa Catarina de Sena, sentiu uma indisposição de estômago, mas o médico não achou gravidade. No dia 1.º de Maio, com apenas trinta anos, foi acometida de um coma diabético, de que não voltou. Faleceu nesse dia, à tarde, em Lupionópolis, Paraná.

Foi grande o pesar deixado a toda a Comunidade de Lupionópolis, pois durante o tempo que conviveu com este povo, foi de uma dedicação sem medida, não se poupando em nada, e tudo o que fazia era visando o bem do próximo, fosse ele quem fosse.

Existe no cemitério da cidade uma capela onde se encontra o seu túmulo, construída pelo povo por quem foi e continua a ser muito querida e que a considera como santa. E muitos, através de orações, já deram testemunho de ter alcançado graças por seu intermédio.

Na cidade de Borda da Mata há, em sua memória, um Hospital Geriátrico denominado – *Lar Irmã Maria Augusta*.

Tem uma sobrinha na Congregação, Irmã Maria Aparecida Marques, missionária em África.

---

[432] *Vida da Reverenda Madre Teresa Catarina Rosa de Saldanha Oliveira e Sousa, fundadora e primeira Superiora Geral das Irmãs Terceiras Dominicanas da Congregação de Santa Catarina de Sena em Portugal*, obra dactilografada, volumes I-IV. Lisboa, 1930 - 1936. Foi editada com o título *Madre Teresa de Saldanha, vida e obra*, 1987.

Madre Maria Rosa de Lima do Coração de Jesus Barbosa Guimarães
São Paulo, 5 de Maio de 1960

A Madre Maria Rosa de Lima, Maria de Lourdes Barbosa Guimarães, filha de Benedito Barbosa, brasileiro e de Cecília Barbosa, italiana, nasceu no dia 8 de Julho de 1908, em Descalvado, Estado de São Paulo.

Professou no dia 4 de Agosto de 1929.

A Madre Maria Rosa de Lima dedicou-se inteiramente ao serviço de Deus e estava sempre disponível para trabalhar onde a vontade de Deus a colocava.

Foi conselheira, secretária, mestra de noviças e directora de colégios. Muito trabalhou para a fundação do curso ginasial, do qual foi a primeira Directora, no Colégio de São Paulo. Era uma alma apostólica e exímia educadora.

Fazia parte da Comunidade de São Paulo, onde era cronista, secretária da escola e professora. No dia 5 de Maio de 1960, às 9.30 horas da manhã, numa aula de Matemática na 5.ª série do Ginásio, quando escrevia no quadro, caiu, repentinamente, fulminada por uma síncope cardíaca, tinha 51 anos.

Não se pode descrever o choque das alunas, a aflição das Irmãs e a falta insubstituível da boa Madre na Comunidade e na Escola.

Era uma Madre cheia de vida e optimismo, de disponibilidade. Era a generosidade personificada. Era para nós tão agradável viver com ela, sentir o calor da sua amizade.

Deixou-nos o exemplo de dedicação e entrega total a Deus e ao próximo, vivendo numa inteira disponibilidade à Sua Vontade.[433]

Madre Maria Emanuel Vaz Mota
Moçambique, 20 de Março de 1963

A Madre Maria Emanuel, Deolinda dos Santos Vaz Mota, filha de Manuel Vaz da Mota e de Maria das Dores Sobrinho, nasceu a 1 de Novembro de 1908 em Curras, concelho de Valpaços, diocese de Vila Real.

Fez seu Noviciado em Braga e professou a 20 de Junho de 1941.

Era alegre e com vontade determinante de consagrar-se plenamente, ao Reino de Deus.

Depois de grande dedicação às crianças e adolescentes no Ramalhão e Colégio de São José na Rua Angra do Heroísmo, Lisboa, foi chamada a aplicar os seus talentos como educadora das jovens que, tocadas pela Graça, queriam seguir os passos de Teresa de Saldanha.

Algumas das suas noviças traçam-lhe o perfil: era culta, bem disposta. Sensível. Muito perspicaz, de olhar penetrante. Serena, senhora de si. Recta, frontal. Arejada.

Zelosa do Reino, apaixonada pelos mais pobres, estava disposta a ir para o fim do Mundo! Ainda em Mestra de Noviças costumava dizer, com frequência: Ah!, as Missões, quanto gostaria de ir! E tenho essa esperança. Hei-de ir, nem que seja já velhinha, agarrada a uma bengala.

---

[433] Cf. Notas Necrológicas, 1963, A.G.C.

Foi para Moçambique, muito antes de ser velhinha. Ali se deu, de alma e coração, às suas Irmãs, às crianças e a todos de quem se aproximava.

Partiu para o Céu a meio da vida, vítima de trágico acidente. Era o dia 20 de Março de 1963.

Toda a Congregação estremeceu. Suas antigas noviças, de modo particular. Os alunos do Colégio de Xai-Xai, acorreram ao funeral, junto com muito povo. O seu túmulo, o primeiro das filhas de Teresa de Saldanha em Terras de África, passou a ser assiduamente coberto de frescas flores.

A saudade ficou, mas acompanhada da Esperança! Para aquele que crê, «a vida não acaba, apenas se transforma". Caminhamos para a Casa do Pai, lutando e aguardando que «Deus seja tudo em todos.» (1.ª Cor., 15,28). [434]

Madre Maria Teresa Catarina Correia de Sá
Ramalhão, 8 de Março de 1967

A Madre Teresa Catarina do Santíssimo Rosário, Maria da Purificação d'Almeida Correia de Sá, era filha de D. José Maria de Almeida Correia de Sá, Conde de Lavradio, e D. Piedade Saldanha, sobrinha da Madre Fundadora. Nasceu em Lisboa no Palácio da Anunciada no dia 3 de Fevereiro de 1903. Teve uma esmerada educação, possuindo bons conhecimentos de Francês, Inglês, Alemão, Estudos históricos e musicais. A música fazia-a elevar. Tocava muito bem violino. Tinha também uma profunda formação religiosa: Bíblia, Teologia, Liturgia e Mística.

Foi em Subserra, próximo de Vila Franca de Xira, que olhando as planícies ribatejanas, sentiu e amadureceu o apelo do Senhor. Um dia, ao chegar a casa, depois de um baile, um turbilhão de ideias encheu-lhe o coração: como seria necessário educar os não educados, reeducar os transviados, insinuar piedade aos não piedosos! Era preciso olhar por eles, sacrificar-se por eles! A mãe dirigiu-se ao quarto da filha para saber o que se passava. Foi então que a jovem absolutamente segura de si disse: «Mãe, quero ser religiosa.» Seguiu a tradição da família.

Depois do Noviciado, feito em Braga, a que chamou o tempo de «lua de mel», professou no dia 15 de Outubro de 1930.

Apesar de possuir rara cultura, conservou sempre a mesma humildade. Exerceu vários serviços de responsabilidade na Congregação: prioresa, mestra de aulas, Mestra de Noviças, Secretaria Geral.

Deixou marcas profundas nas Irmãs que formou pela sua dimensão contemplativa e humildade: «A Madre Teresa Catarina era muito profunda. O jeito como falava de São Domingos, Santa Catarina de Sena, de Santa Teresa d'Ávila, de São João da Cruz, foi algo que me espantou logo nos primeiros dias que a conheci. Esta vida de união profunda com Deus, seguindo as pegadas de Cristo, levou-a sempre a ser fiel cumpridora dos seus deveres, a fim de fazer a Vontade do Pai.»

«A santidade que busco é a do rigoroso dever cumprido na execução do voto feito na prática da Regra sem dar a perceber que isso é difícil, pois todos os nossos actos se devem expressar com limpidez de espírito e de forma alegre e simples, para mostrarmos a Nosso

[434] Nota da Madre Maria Manuela dos Anjos, 7 de Fevereiro de 2002, A.G.C.

Senhor que O amamos e, por isso, queremos fazer a Sua vontade como Ele fez a vontade do Pai». Estas foram as palavras que dirigiu a alguém da sua intimidade.

Em 1965 surgiu a doença que a havia de vitimar. Plenamente consciente da gravidade do seu estado, uma preocupação a animava: não dar trabalho e não afligir ninguém, procurando manter sempre o mesmo sorriso.

Quando recebeu a Santa Unção, na presença de toda a Comunidade, cantou-se o *Magnificat*. Depois a Madre disse: «Estou tão limpinha. Sinto-me tão bem! Valeu a pena sofrer tanto para sentir agora uma tão grande felicidade!» Em seguida, dirigindo-se a Madre Vigária, na presença dos Irmãos falou assim: «Queria dizer às Irmãs que me senti sempre muito feliz, muito, muito feliz, felicíssima, na minha vida religiosa. Em todas as casas me receberam sempre com muita amizade e caridade". Pediu a Madre para dizer isto a todas as Irmãs. [435]

Faleceu, com 64 anos, no dia 8 de Março de 1967, na Casa Geral, Ramalhão, Sintra.

Irmã Maria de São Bartolomeu Faria
Parede,11 de Novembro de 1971

A Irmã Maria de São Bartolomeu do Santíssimo Sacramento, Sofia da Conceição do Céu Faria, filha de Manuel de Faria e de Maria da Conceição de Faria, era natural de Gondemaria, concelho de Vila Nova de Ourém.

Proveniente de uma família de Dominicanos: Padres, Frades e Religiosas de várias gerações, professou nas mãos da Madre Fundadora a 1 de Setembro de 1909. Com fama de muito santa, eis o testemunho de uma Irmã:

«Conheci-a na Parede, a secar-me as lágrimas, tinha eu a idade de 5 anos e lá continuou até o Senhor a chamar. Era como a abelha-mestra para as crianças das quais cuidava com carinho: roupas de lã ou de algodão e sapatos ou sandálias, conforme a época, ensinando tudo o que uma criança deve saber.

Mais tarde, já religiosa professa, privei com ela a ocupar-se do pessoal. A sua cabeça era como um computador, orientava o trabalho, as folgas, as férias, com a eficiência de mestre, acompanhando-as também na oração da noite. As empregadas amavam-na e com razão. Para elas, era uma mãe. Pequenina, sempre a diminuir, crescia na santidade. Recolhida, orante e sacrificada, nunca a ouvi queixar-se e nem sequer lamentar-se quando as forças lhe faltaram e lhe retiraram a obrigação.

Casualmente e de passagem, tive a sorte de assistir aos seus últimos dias e ouvir da boca do seu director espiritual, Padre Sebastião Pinto, que a visitara, um testemunho concludente: "Esta Irmã nunca perdeu a inocência baptismal". Que mais é preciso para ser santa?»[436]

A Irmã Maria Sofia, como era mais conhecida, tinha outra irmã na congregação, Irmã Maria da Divina Providência que faleceu apenas 17 dias após sua irmã, na mesma casa. Era tia da Irmã Maria Benigna Faria de Oliveira e da Irmã Maria de São Jordão Faria de Oliveira e tia-avó da Irmã Maria de Fátima Reis Oliveira.

---

[435] Cf. Notas Necrológicas, 1967, A.G.C.

[436] Nota da Irmã Maria Samuel Vieira, 8 de Fevereiro de 2001.

Faleceu na Parede com 87 anos, no dia 11 de Novembro de 1971.

Irmã Maria da Visitação Valente
Limeira, 25 de Março de 1976

«A Irmã Maria da Visitação Valente era natural de Ovar, diocese do Porto, Portugal. Fez o seu Noviciado em Salamanca, Espanha onde professou no dia 1 de Novembro de 1925, nas mãos da Madre Maria Imelda Bressane Leite Perry, em substituição da Madre Geral.

Ainda de votos simples, foi enviada para o Brasil, onde chegou no dia 10 de Janeiro de 1927. Em Outubro do mesmo ano foi para a Comunidade do Colégio São José, na cidade de Limeira. Aí se consagrou definitivamente ao Deus da vida, pela Profissão dos Votos Perpétuos.

A Irmã Maria da Visitação Valente nunca mais voltou à sua terra natal. Permaneceu no Brasil até a sua morte, em 25 de Março de 1976.

Falar sobre uma pessoa como a nossa querida "Avozinha" como, carinhosamente a chamávamos, e sobretudo, falar depois de 26 anos de ausência, não é tarefa fácil, mas faço-o pelo carinho que sempre tive por ela.

Pela bondade de Deus, tive o privilégio de conviver com a Maria da Visitação durante 18 anos, no Colégio São José de Limeira e tenho gratas recordações daquela figura de religiosa que, na simplicidade e no anonimato, soube espalhar carinho, amor e dedicação, não só às suas Irmãs, mas a todo o pessoal do colégio, que sempre a estimou muito.

A Irmã Maria da Visitação, simples Irmã conversa, iletrada, por humildade nunca se interessou em ser alfabetizada. Possuía uma ciência religiosa infusa e a todos encantava com suas palavras sábias e cheias de unção espiritual. Nunca rezou o breviário, nem leu a Bíblia, mas estava sempre com o seu terço nas mãos, o qual rezava e meditava constantemente. Sua humildade era tanta que até a preocupava o carinho que suas Irmãs lhe dedicavam. No fim vida nos dizia em tom de repreensão: "vocês me tratam assim e depois eu vou pagar no purgatório todo esse luxo que recebo."

Para todas as Irmãs, foi sempre um exemplo de humildade e dedicação. Santificou-se nos trabalhos mais humildade da casa, os quais sempre executou de maneira perfeita e amorosa.

Faleceu em Limeira no dia 25 de Março de 1976. Seu funeral mais parecia uma festa celeste, no colégio. Durante todo o tempo a capela permaneceu repleta de alunos que rezavam e choravam a perda da avozinha, como era carinhosamente chamada por todos. Com certeza, no céu pede a Deus por nós e pelo colégio que tanto amou.»[437]

Madre Maria de São José de Jesus Crucificado Chaves
São Paulo, 25 de Outubro e 1976

A Madre Maria de São José de Jesus Crucificado, Matilde Augusta Chaves, era filha de Francisco Chaves e de Amélia Chaves, nasceu a 15 de Outubro de 1879, Vila Real,

[437] Nota da Irmã Maria do Carmo Silva, Dirceu Arcoverde, Fevereiro de 2002.

Portugal. Professou em São Domingos de Benfica, nas mãos da Madre Fundadora a 10 de Abril de 1908.

Pertenceu ao grupo das oito primeiras Irmãs que foram para o Brasil, na ocasião da Revolução portuguesa de 1910.

A Madre Maria de São José com as suas sete companheiras embarcaram em Lisboa a 21 de Fevereiro de 1911, no vapor *Amazonas* da Mala Real Inglesa, que aportou em Santos a 7 de Março À sua espera estavam os pais que residiam em São Paulo. A Madre Maria de São José esteve, com licença da Madre Fundadora, em casa de seus pais até 4 de Maio do mesmo ano. Foi depois juntar-se às Irmãs em Campinas, completando a primeira Comunidade nesta cidade. Em Agosto de 1911 foi para Piracicaba à frente da Santa Casa de Misericórdia. Passado algum tempo, a Madre Fundadora nomeou-a superiora de uma nova fundação em Copacabana, Rio de Janeiro. Tratava-se de uma escola com Jardim de Infância e curso primário. Ocupou o cargo até fins de Dezembro de 1912, quando a obra foi fechada.

A Madre Maria de São José voltou para Campinas para substituir a superiora que regressou a Portugal. Governou essa casa até 18 de Junho de 1915. De 1915 a 1920 dirigiu o Patronato dos Menores, no Rio de Janeiro, obra de que as Irmãs tiveram a direcção por mais de cinco anos. Embarcou, em 1920, para Espanha, visto ter sido nomeada Procuradora da casa do Noviciado.

Meses depois voltou ao Brasil, retomando novamente o seu cargo de superiora do Patronato de Menores.

Em Outubro de 1923, a Madre Maria de São José foi nomeada mestra de noviças, cargo que desempenhou de 1923 até 1934.

Foi Prioresa noutras casas e chegou a substituir a Madre Vigária. Esteve sempre ao serviço da Congregação nos diversos lugares em que a Vontade de Deus a colocou.

Nonagenária lembrava, com entusiasmo, os primeiros anos das Irmãs no Brasil, um passado tão cheio de doces recordações. Faleceu aos 97 anos, no dia 25 de Outubro de 1976, na Casa de Santa Catarina, São Paulo.

As Irmãs, alunas, amigos e parentes acompanharam o funeral ao Cemitério do Araçá. O dia estava chuvoso e, desde a saída, o carro funerário, apesar de ser muito luxuoso, apresentou defeitos sendo empurrado pelos alunos do colégio.

A Madre Maria de São José, vinda de uma família com muitos bens, em toda a sua vida sempre foi muito simples e pobre e a Providência Divina permitiu que o carro não pudesse continuar, e assim, foi preciso parar o cortejo na Rua Rafael de Barros, e sua urna foi colocada na calçada, onde aguardou por mais de uma hora a chegada de outro carro, sendo este uma perua simples e velha. No cemitério houve missa concelebrada por nossos Irmãos Dominicanos e logo em seguida seu corpo foi levado pelas Irmãs até o túmulo.[438]

Madre Maria Teresa de Jesus Mendonça
São Paulo, 29 de Abril de 1979

[438] Cf. Notas Necrológicas, 1976, A.G.C.

A Madre Maria Teresa de Jesus, Maria Carmen de Mendonça, natural de Uberaba, Minas Gerais, nasceu a 2 de Janeiro de 1907. Era irmã da Irmã Maria de São Vicente Ferrer. Recebeu esmerada educação na família a qual foi aprimorada pela instrução recebida no colégio Nossa Senhora das Dores, através das Irmãs e Padres Dominicanos de Uberaba.

Professou a 16 de Julho de 1935.

Em Março de 1942 foi nomeada superiora e continuou sendo professora e Directora do Externato São Domingos.

Em 1943 foi a primeira superiora e fundadora do colégio Nossa Senhora do Carmo, em Borda da Mata, Minas Gerais.

Em Setembro de 1949 foi nomeada Vigária no Brasil.

Em 1964 foi delegada das superioras ao Capítulo Geral, sendo impedida de ir devido a grave doença. Continuando em precário estado de saúde, pediu demissão do cargo, sendo substituída em Janeiro de 1965, continuando apenas Conselheira Provincial. Restabelecida, razoavelmente, assumiu de novo o cargo.

A Madre Maria Teresa muito trabalhou por ocasião da instalação da Província de Santa Cruz no Brasil. Foi incansável na organização e unificação das diversas Casas na entidade Sociedade de Educação e Beneficência Santa Catarina de Sena.

Em todas as casas onde morou não poupou esforços, quer como Superiora, Directora ou Professora, pelo progresso dos colégios e pela vida regular das comunidades. Foi uma religiosa coerente com a formação que recebeu, cuja vivência demonstrava convicção dos seus actos. Como superiora, tinha muito zelo pelo progresso espiritual das Irmãs. Era notável, ao lado da grande actividade, o espírito de oração e o amor à Congregação. Dentre as virtudes sobressaíam: a firmeza, a energia e a prudência com que desempenhava o cargo e assumia a responsabilidade dos serviços que lhe foram confiados.

Na manhã de 29 de Abril de 1979, minada por prolongada doença, após atrozes sofrimentos e longa agonia, expirou, na Casa de Santa Catarina de Sena, São Paulo.

Esta Irmã era de um valor extraordinário, a Província sentiu muito a sua perda. Ela estava a par dos negócios e problemas da Sociedade e conhecia todas as Casas, seus problemas e seu pessoal. Era uma das «colunas» da Província e da Congregação à qual sempre se dedicou totalmente.

Irmã Maria Doroteia Gomes Pinho
Campinas, 13 de Maio de 1979

A Irmã Maria de Santa Doroteia do Santíssimo Sacramento, Rosa Gomes de Pinho, filha de Francisco Gomes e de Micaela Gomes Pinho, nasceu a 13 de Maio de 1884, em Ovar, diocese do Porto, Portugal. Professou na Congregação a 2 de Dezembro de 1904, nas mãos da Madre Fundadora.

Foi para o Brasil em atenção a um pedido da Madre Maria Emília Renon. Saiu de Lisboa, para nunca mais voltar, no dia 20 de Março de 1913, chegando a Santos no dia 8 de Abril do mesmo ano. Foram suas companheiras: Irmã Maria de São Simão Ferreira, Irmã Maria da Glória Pereira, Irmã Maria do Pilar Valentim e Irmã Maria do Salvador da Silva. Trabalhou intensamente na Casa de Amparo, Limeira e Campinas, onde faleceu.

Teve a grande felicidade de conviver com a Madre Fundadora, de quem recebeu o Santo Hábito e em suas mãos fez os primeiros votos.

Religiosa exemplar, compreendeu e assimilou a essência da vida religiosa que concretizou no seu dia-a-dia. Alma de silêncio e de oração, irradiava alegria, fruto da certeza da presença de Deus em si, nos outros e nos acontecimentos. Fazia desta presença operante a razão do seu viver.

Consciente do o*ra et labora* na vida religiosa, até quando as suas forças permitiram, não deixou os seus trabalhos manuais de que era exímia professora. Sempre se preocupou com a sua responsabilidade na participação do sustento económico da casa. Quando a sua visão chegou ao auge da fragilidade e reclamou o merecido descanso, ao ouvir a sentença médica exclamou entre lágrimas de alegria: «Gastou-se para Cristo através da minha Congregação.»

A Irmã Maria Doroteia, qual vela que se consome até ao fim irradiando luz, desapareceu do nosso meio, no dia 13 de Maio de 1979, deixando-nos o exemplo vivo de uma religiosa dominicana, humilde e generosa, burilada na Escola de São Domingos.

A sua ausência é uma presença suplicante diante de Deus em benefício das suas Irmãs que tanto amou aqui na terra e a quem prometeu amar ainda mais, junto ao Senhor na glória.

Irmã Maria de São Camilo do Santíssimo Sacramento
Campinas, 23 de Setembro de 1980

A Irmã Maria Camila do Santíssimo Sacramento, Maria Deolinda Ribeiro, filha de João Baptista Ribeiro e de Maria Emília do Nascimento Ferreira, nasceu no dia 23 de Agosto de 1884, na freguesia de São Lázaro, Braga.

Fez a sua Profissão, nas mãos da Madre Fundadora, no dia 2 de Outubro de 1904. Na República saiu, como todas as Irmãs, da Comunidade. Sabendo da fundação do Brasil partiu.

Chegou ao Brasil, para nunca mais voltar à sua pátria, em 1912. A Irmã Camilinha, assim chamada por todas nós, não poupou esforços para testemunhar Cristo pela doação total ao Seu serviço e ao do próximo.

Na Casa Nossa Senhora do Amparo, onde exerceu por muitos anos o ofício de porteira, foi notável pela doçura e tranquilidade em atender as pessoas, transmitindo-lhes sempre aquele sorriso de paz e de compreensão. O seu amor ao Irmão foi edificante. Preocupava-se com tudo e com todos. Quantas santas amizades cultivou! Um numeroso número de ex-alunos e amigos visitavam-na com frequência, não querendo perder o contacto com esta alma que sabia aconselhar e amar.

Quando não mais pôde andar, em consequência de uma queda, continuou o seu trabalho manual, bordando e fazendo rendas. Procurava não dar trabalho a ninguém, esperando com humildade o auxílio das Irmãs. Nas suas longas insónias, o Rosário era o seu companheiro.

O amor pela Madre Fundadora transparecia em seu semblante, quando dela falava. Foi a última Irmã que veio naqueles atribulados tempos a desaparecer desta terra. Contava-nos factos da vida da Madre Fundadora, das suas alegrias e trabalhos para que a Congregação pudesse crescer e florescer, para a glória de Deus e benefício dos pobres.

Na sua doença, edificou todos, pois deu testemunho de paciência e resignação à vontade de Deus. A Irmã Maria Camila faleceu a 23 de Setembro de 1980, depois de uma longa vida de união com Ele, 96 anos. Está sepultada em Campinas, cidade onde faleceu. [439]

Irmã Maria Isabel da Trindade
Lisboa, Restelo, 5 de Janeiro de 1981

A Irmã Isabel da Trindade, Maria Cecília Pereira Arede, filha de António Augusto Arede e de Matilde Fernandes Gonçalves Pereira, era natural de Loureiro, do Pinheiro da Bemposta, diocese do Porto. Cedo sentiu o apelo à vida religiosa dominicana e professou no dia 8 de Setembro de 1959.

Tinha um jeito especial para as crianças a quem deu aulas durante vários anos quer no colégio do Ramalhão, quer no Restelo. Era uma Irmã muito simples, alegre, humilde, disponível e atenta aos outros, sendo por isso muito amada de todos.

Aos 38 anos, foi-lhe detectado um cancro. Os médicos disseram-lhe directamente que só viveria cerca de seis meses. A Irmã Isabel acolheu a notícia sem se deixar acabrunhar, procurando viver intensamente cada momento presente com amor e paz no coração. Fazia todos os dolorosos tratamentos prescritos, sem o menor queixume. Quando chegava a casa esgotada, muitas vezes ia e vinha em transportes públicos, e se lhe perguntavam: «Irmã Isabel, custou-lhe muito o tratamento? Respondia com o seu permanente sorriso: «Não, o que me custa é ver os outros a sofrer.»

Nos últimos dias, inchou muito e teve que ser hospitalizada para lhe aliviarem o mal estar. Sofreu com abnegado desprendimento. Despediu-se dos seus pais, irmãos e das Irmãs da Comunidade com palavras repassadas de fé, dizendo: «Amanhã estarei com Jesus. Amanhã te louvarei, Maria, amanhã, te louvarei". Foram estas as suas últimas palavras.

Faleceu, com 39 anos, no dia 5 de Janeiro de 1981, em Lisboa, e foi levada para Comunidade de São José do Restelo, onde estava assinada. O seu funeral foi uma alegre celebração de fé, uma manifestação de carinho e amizade: a capela, parecia um jardim florido, os cânticos festivos. Alunos, ex-alunos e amigos quiseram prestar homenagem àquela que tanto lhes ensinou, sorriu e amou. Está sepultada no Cemitério de Pinheiro da Bemposta, sua terra natal.[440]

Madre Maria Letícia de Jesus Eucarístico
São Paulo, 31 de Novembro de 1981

A Madre Maria Letícia de Jesus Eucarístico, Scintilla Xavier da Silva, era filha de Zacharias Xavier da Silva e de Bárbara Schlittler Xavier da Silva, ambos brasileiros. Nasceu a 27 de Outubro de 1891, em Araras, Estado de São Paulo, Brasil.

Ao perceber o chamamento de Jesus, deixou tudo e decidiu segui-Lo. Em Fevereiro de 1927, Scintilla viajou com destino a Campinas, onde ingressou no Noviciado e tomou hábito. Presidiu à solenidade o Bispo de Campinas, D. Barreto e Frei Vicente Moreira, fez a homilia

[439] Cf. Notas Necrológicas, 1980, A.G.C.

[440] Cf. Notas Necrológicas, 1981, A.G.C.

cuja mensagem despertou em sua alma a arte de ser uma noviça humilde e a coragem de ser uma Dominicana autêntica. A 21 de Janeiro de 1929 a Madre Maria Letícia emitiu os votos temporários. Quinze dias após a profissão a Madre Maria Letícia deixou o Noviciado e passou a pertencer à Comunidade de Limeira onde testemunhou o seu grande amor à Igreja e à Congregação.

Em Setembro de 1930 foi enviada como superiora para a Comunidade de Campinas, apesar de não ter ainda os votos perpétuos. Para essa missão obteve licença de D. Francisco de Campos Barreto, enquanto aguardava licença de Roma, a qual chegou a 23 de Outubro. Emitiu os votos perpétuos a 21 de Janeiro de 1932.

Em 1934 foi eleita 1.ª Conselheira do Vicariato. Participou no Capítulo Geral em 1946, onde foi nomeada Vigária da Congregação no Brasil.

Exerceu a função de Prioresa em Campinas, Limeira e São Paulo.

Em todas as actividades nas diversas casas em que trabalhou, a Madre Maria Letícia deixou o cunho da sua caridade e generosidade. Enfrentou todo o tipo de trabalho, quer atendendo, afavelmente, visitas de bispos, sacerdotes, religiosas, familiares das Irmãs, quer executando os trabalhos mais humildes para o bem da Comunidade e das obras da Congregação. Quanta generosidade em enfrentar as dificuldades, quando estava em jogo o progresso dos Colégios. Os tempos eram de penúria e pobreza. O trabalho foi árduo.

À Madre Maria Letícia se deve a construção do Colégio de Limeira, bem como a fundação do Curso Ginasial no Colégio Santa Catarina de Sena, em São Paulo. Ambos são, em parte, fruto do seu esforço e inteligente persistência.

O seu lema «Tudo por Deus, tudo para Deus», foi o segredo da sua doação.

Viveu a vida de Comunidade intensamente. Até ao último minuto, acompanhou o Ofício Divino no seu quarto, próximo da capela.

No dia 13 de Novembro de 1981, quando as Irmãs rezavam Laudes a Madre Maria Letícia, faleceu com 90 anos de idade.

Morreu santamente, como viveu.

Madre Maria Imelda do Coração Eucarístico
São Paulo, 29 de Abril de 1981

A Madre Maria Imelda, Maria da Paz Camacho, era natural da Ilha da Madeira, Portugal, onde nasceu a 24 de Janeiro de 1903. Foi para o Brasil com os seus pais, José Gomes Camacho e Rosa Gomes Camacho e aí ingressou na Congregação e professou a 24 de Fevereiro de 1928.

Exerceu vários serviços dentro das comunidades: subprioresa em Limeira, fundadora e prioresa em Cafeára, prioresa em Faxinal, prioresa em São Paulo

Dotada de caridade, piedade e de alegria, o seu sorriso contagiava as suas companheiras de Comunidade. Desprendida, gostava de fazer as boas obras no silêncio.

Sofria de insuficiência cardíaca.

A sua morte foi igual à sua vida: no silêncio, sem agonia, como um passarinho, no dia 29 de Abril de 1981, dia da nossa Padroeira Santa Catarina de Sena, tendo a seu lado a sua sobrinha, Irmã Alice Ferreira, e, fixando-a bem, despediu-se deste mundo para a glória do Pai.

Madre Maria Assunta de Sousa Cruz
Lisboa, Restelo,17 de Fevereiro de 1984

A Madre Maria Assunta, Maria Inês de Sousa Cruz, filha de António Alves e de Joaquina Rosa de Sousa, nasceu no lugar de Brânzelo, freguesia de Melres, Gondomar, diocese do Porto a 22 de Dezembro de 1929.

Professou na Congregação a 31 de Maio de 1954, no Ramalhão. De carácter recto, afável e perspicaz, aliava a contemplação à acção e estas desabrochavam em natural e comunicativa alegria, fruto do seu grande amor à Ordem Dominicana.

Inteligente e dinâmica, foi escolhida para o Curso de Teologia em Toulouse, França, o que fez com sucesso eficaz. Desempenhou vários cargos de responsabilidade, nomeadamente o de Mestra de Noviças, Provincial e representante da Congregação na Família Dominicana.

Sempre serviu onde a obediência a colocou com disponibilidade e espírito de pobreza. Tinha uma predilecção especial pelos pobres e ciganos, com quem trabalhou, alguns anos. No seu tempo de Provincial apostou nas comunidades de inserção e quer fizesse chuva ou frio, utilizava os transportes públicos nas suas visitas. Era o modo de se solidarizar com os pobres.

Quando a doença surgiu, encarou-a com fé. Tudo aceitou e ofereceu, alegremente, com o humor que lhe era habitual.

Depois de longa e dolorosa agonia, faleceu na Casa de São José, Restelo, dia 17 de Fevereiro de 1984, aos 54 anos. O seu funeral foi um verdadeiro Encontro da Família Dominicana a quem ela tanto amara e a quem tanto dera.

Foram publicados alguns depoimentos na revista *Entre Nós* da Família Dominicana, de que tirámos extractos: «Capaz de rir e de se divertir, amando os passeios e as boas histórias, mas sobretudo de uma dedicação extraordinária nas suas amizades, admirável na franqueza, na interpelação fraterna e no serviço. Grande testemunho de esperança, é assim, verdadeira e fraterna, que a gostamos de recordar. Naturalmente, esta filha de São Domingos amou o seu Pai e o espírito de família que Ele fundou...» [441]

«A sua passagem no meio de nós foi um raio de esperança. Todos sabíamos que ela sofria, mas ela nunca o dava a entender... Deus nos concedeu uma graça muito grande. Os santos não são só de outros tempos, eles vivem e continuam a viver no meio de nós. Assunta é um exemplo palpável desta realidade... Estou convencido que a oferenda da Assunta é uma prenda de grande futuro. Sabemos que temos uma eficaz e persistente intercessora junto do Pai», testemunhou o Frei Juan José Gallego, Presidente do Secretariado Geral da Família Dominicana.

Após a sua morte, encontrámos este seu escrito: «Três anos de vida pública... de liberdade para servir! Foi bom Senhor, eu te agradeço infinitamente! Sabes que procurei sempre estar ao serviço... fui feliz porque sempre encontrei ocasião de ser para os outros que era o mesmo que ser para Ti, pois sempre intentei ser por causa de ti Cristo que foste quem me fez andar nisto. Afinal, e sem fazer comparação, também tu aceitaste morrer no fim de três anos de caminhadas e de serviço aos outros.

Leva-me contigo ao Pai nosso faz-me, assim morrer para mim própria e ressuscitar com o teu verdadeiro rosto para ser, lá onde me puseres as tuas mãos, o teu sorriso, a Tua Palavra, enfim, o que tu quiseres.

---

[441] Frei Mateus Peres, OP, 1984, A.G.C.

Muito obrigada, Senhor, pelas pessoas que encontrei ao longo destes três anos. Obrigada pelos amigos que foram todos, pois todos, mesmo todos, quiseram para mim sempre o melhor.

Eu estou muito contente, Senhor. Sei que me perdoas todo o desamor que em mim notaste, toda a falta de acolhimento a ti, à Tua vontade, aos teus e meus Irmãos. Perdoa-me Jesus Cristo porque és o meu Salvador. Eu estou à tua inteira disposição, como já sabes. Manda-me para onde quiseres pois eu sei que tu, em todo o lugar és sempre o mesmo Jesus fiel que dizes: "Porque em mim confiou, hei-de salvá-lo. Hei-de protegê-lo pois conheceu o meu nome".» [442]

Está sepultada no cemitério de sua terra natal.

Irmã Maria Gertrudes Rebello
Limeira, 21 de Março de 1986

A Irmã Maria Gertrudes, Benedita Cardoso Rebello, professou na Congregação, no Brasil a 18 de Fevereiro de 1933. Era natural de Itatiba, mas viveu em Limeira cerca de 50 anos, onde muito trabalhou no ensino e na música, no Colégio de São José. Foi uma Irmã sempre muito respeitada, pois a sua actuação beneficiou não apenas o colégio, mas toda a colectividade.

Além de directora dessa escola, dirigiu também, e por anos seguidos, o Conservatório Musical que funciona junto ao estabelecimento.

«Muitas gerações de limeirenses estão com lágrimas manifestando a sua dor pela morte da Irmã Maria Gertrudes Rebello, que ajudou a formar culturalmente um número incontável de jovens, encaminhando-as, também, na vida artística e dando lições de rígida moral.

Com 84 anos, a Irmã Maria Gertrudes faleceu dia 21 de Março de 1986. Encontrava-se enferma há alguns anos, porém há poucos dias havia apresentado melhoras que deixavam optimistas as religiosas do colégio e também a quantos acompanhavam o seu estado de saúde.

Com a sua morte, Limeira perde uma grande educadora e incentivadora da arte musical. Tristeza profunda, no colégio e entre a população.

Uma alma... Um talento... Uma obra de Deus.

Alma forte, espírito forte, arrojada, com coragem própria dos que sabem o que querem, a que porto devem chegar.

A artista religiosa, mais que artista soube ser mestra e tanto quanto Artista-Religiosa, soube ser desprendida, soube ser aberta, soube ser sincera, soube ser amiga, soube ser... educadora. E como educadora não deixou, nunca, de ensinar, de transmitir seus conhecimentos a quantos dela se acercavam. Irmã Maria Gertrudes, digo-o hoje, porque sempre o disse: foi a pedra angular do início de um período áureo, do desenvolvimento artístico cultural de Limeira. Quem conheceu Irmã Maria Gertrudes de perto, conheceu uma mulher de Deus, uma mulher forte, uma mulher com vontade de vencer, uma mulher disposta

[442] Nota espiritual da Madre Maria Assunta de Sousa Cruz, sem data, A.G.C.

a levar os outros a vencerem. E tudo o que se escreva desta mulher hoje, que já não a temos mais em nosso convívio, é pouco.»[443]

Está sepultada no cemitério de Limeira, no jazigo das Irmãs Dominicanas.

Madre Maria Jacinta de Fátima de Morais Gomes
Fátima, 16 de Outubro de 1990

A Madre Maria Jacinta, Maria Eugénia de Morais Gomes, era filha de Carolino José Gomes e de Maria Eugénia de Morais, nasceu a 13 de Agosto de 1905, em Pouzadas, concelho de Mirandela, diocese de Bragança

Professou na Congregação a 13 de Fevereiro de 1941. A sua primeira casa foi a de San'Ana, Parede. Foi enfermeira, prioresa, subprioresa em várias casas da Congregação.

Fez parte do grupo de Irmãs que, em 1959, foi em missão para Angola. Aí serviu como prioresa da primeira casa, em N'Dalatando.

Eis o testemunho de uma Irmã que viveu com ela nesses tempos: «Sempre atenta a todo o andamento da casa, tinha um grande espírito de desprendimento, não pensando em si. Nunca aceitou que nenhuma Irmã ou menina lhe limpasse o quarto, apesar de ter o tempo muito ocupado.

No início das fundações, os gastos extras eram muitos e era difícil arranjar dinheiro para as despesas correntes, apesar disso, nunca lhe faltou, nos momentos cruciais, o suficiente para pagar as dívidas, mesmo nas casas novas que fundou, como aconteceu no Lar de Luanda. Era grande a sua confiança em Deus e nunca se lhe ouviu qualquer comentário acerca de não ter dinheiro, mesmo quando se tratava de ajudar os mais necessitados. Algumas vezes a vi meter a mão ao bolso e tirar o dinheiro, sem olhar quanto, e assim o oferecer.

Acolhia a todos, mesmo os militares[444] que passavam pela nossa missão. Aí encontravam espaço para pernoitar, água, alimento e roupa.

Às Irmãs mais novas estimulava-as e lançava-as no apostolado, sem receio de vacilarem e, quando estas faziam alguma coisa menos certa, corrigia-as, mas sempre com muita bondade. Mantinha uma boa relação com todas as Irmãs, sem distinção ou preferência. Quando tinha que dizer as coisas, fazia-o sem rodeios e também sem romper relações.

Estava sempre presente aos actos da comunidade, a não ser que a caridade urgisse. Para ela, a caridade estava acima de qualquer lei. Era acolhedora e aberta para todos.

A Madre Maria Jacinta quando pensou abrir a casa de Luanda, como em todas as que fundou no seu tempo, foi incansável. Não havia sacrifício que ela não fizesse. Calcorreou as ruas da cidade, sob um tórrido calor, à procura de casa e mobília.

Da sua boca não saíam lamentos, mas sim sorrisos. Totalmente desprendida de si, só pensava nos outros. Era de uma grande atenção às necessidades das Irmãs e do povo.» [445]

Foi a primeira Provincial da Província do Norte, Província de Nossa Senhora do Rosário, que abrangia as casas do Norte de Portugal, nomeada em 1969. No seu tempo abriu a Comunidade de Avanca.

---

[443] Artigo de Helena Duarte do Páteo, ex-aluna, Jornal *Gazeta de Limeira* de 22 de junho de 1986.

[444] Prima e muito amiga do General Francisco da Costa Gomes, Chefe de Estado Maior do Exército Português e Presidente da República de Portugal em 28 de Setembro de 1974.

[445] Nota da Irmã Maria Rosália Moreira Marques Lincho, 24 de Fevereiro de 2002.

Passou os últimos anos da sua vida de cama, numa semiconsciência, mas sempre apresentava um bonito sorriso.

Faleceu na Casa de Fátima, aos 84 anos, no dia 16 de Outubro de 1990.

Madre Maria da Penha de Jesus Sacramentado
Guarda, 20 de Junho de 1993

A Irmã Maria da Penha, Maria do Loreto Majon Palomero, filha de Onofre Manjon Imenez e de Agueda Palomero Gonzalez, nasceu a 26 de Setembro de 1902 em Balilafuente, Salamanca. Foi aí que conheceu as Irmãs e ingressou na Congregação, professando a 24 de Novembro de 1924.

Foi para o Brasil em 1928, onde chegou no dia 15 de Outubro, ficando a residir na Casa de São Domingos, Campinas.

Sentindo o apelo à vida contemplativa ingressou num Convento da 2.ª Ordem. Regressou à congregação com licença da Santa Sé a 13 de Janeiro de 1953.

Na Casa Sagrada Família, Guarda deixou grande memória pela sua incansável dedicação às crianças. Aí faleceu aos 91 anos no dia 20 de Junho de 1993. Do jornal *O Amigo da Verdade* extraímos esta nota: «Um amigo que não pôde acompanhá-la à sua última morada, envia-lhe esta palavra de adeus. Singela e pequenina, como a Madre da Penha. Não à altura da sua alma – essa de invulgar grandeza.

Procuro mergulhar no coração de todas as portuguesas espalhadas pelo país e pelo mundo, que, quando meninas, palmilharam as ruas da Guarda, acarinhadas por si, aconchegadas ao seu hábito de quente alvura, como pintainhos sob as asas da mãe. Pudesse alguém traduzir o que guardam esses corações e haveria um retrato fiel, a corpo inteiro, da jovem Dominicana, vinda de Espanha. Que saudade enorme, Madre Penha, das primeiras visitas que a minha memória retém. Lá naquele gabinete, às vezes poluído de *bem parecer*, onde a sua presença era lufada purificadora, deixando atrás de si o perfume da autenticidade e do *bem fazer*.»[446]

A cidade da Guarda conferiu o seu nome a uma praça: «Praça Madre Penha», em «reconhecimento à dedicação que ao longo da sua vida patenteou em prol da caridade e do amor pelas crianças.» [447]

Irmã Joaquina Elesso
Casa de São José, Viana, 23 de Março de 1997

A Irmã Joaquina Elesso nasceu em Caconda, Lubango, Angola, a 5 de Dezembro de 1966. Depois dos estudos académicos, e, enquanto aguardava uma bolsa de estudos para se formar em medicina, leccionava em Benguela com a sua mãe também professora.

---

[446] Guarda, 27 de Junho de 1993, A.G.C.

[447] Acta do Conselho Geral da Congregação, 1 de Dezembro de 1993, Livro H, A.G.C.

Sentiu o chamamento de Deus, e, apesar de ter encontrado muitas dificuldades, nomeadamente, ser filha única, quando recebeu a bolsa para estudar fora do país, desistiu, para ingressar na Congregação.

Professou na Casa de São José, km 9, em Viana, a 8 de Agosto de 1995. A sua paixão era fazer o bem, dedicando-se, sobretudo, a tratar os doentes do imenso bairro de deslocados do km 9.

Depois da Profissão viveu em N'dalatando, onde foi picada pela mosca tsé-tsé, sem ter tido disso consciência. Adoeceu lentamente. Quando foi diagnosticada a tripanossomia já era tarde. Seguiu-se o tratamento prescrito, mas o seu debilitado organismo não aguentou e a Irmã Joaquina entrou num coma profundo. Assim esteve durante trinta horas, até adormecer no Senhor, no dia 23 de Março de 1997, aos 30 anos de idade.

«Foi surpreendente esta morte prematura da nossa primeira Irmã angolana. A nossa querida Irmã Joaquina foi para o Pai! Ficou, porém, o testemunho de uma vida que interpela as mais velhas e as mais novas. A sua capacidade de interiorizar o sofrimento, a dedicação e disponibilidade, cedo se manifestaram nos locais da sua acção zelosa e incansável. Durante dois anos, no km 9, ficou gravado na alma e na carne de muitos, este sinal de bem fazer. Os testemunhos foram bem manifestos. O povo o proclamou bem alto, à maneira africana.

Tinha bem impresso na sua alma o fazer o bem sempre e a todos, sem distinção. Foi e será, para nós, modelo de simplicidade, de doação, de zelo apostólico e social.

Quando correu a notícia da sua morte, o povo acorreu de toda a parte. Durante duas noites, a velada foi contínua. Mais velhos, jovens e crianças gritavam pela Irmã Quina, a inesquecível e bondosa... A Eucaristia do corpo presente, mais pareceu um acontecimento nacional. Presidiu o Senhor Cardeal de Luanda, D. Alexandre do Nascimento, concelebraram dois bispos e dezanove sacerdotes. O cortejo fúnebre foi aberto com o carro da Polícia Especial, a Manjonbe, nossa vizinha. Também eles beneficiaram dos serviços da Irmã Quina e quiseram ser reconhecidos. Carros, camiões e autocarros com missionários e muito povo quiseram ir até ao fim.

Agradecemos a Deus o dom da Irmã Joaquina à nossa Congregação.

Agradecemos à sua mãe a generosidade da sua oferta a Deus. Estamos de luto, mas em festa porque a Província de São Domingos está ligada ao céu por laços directos de presença e intercessão junto de Deus. A primeira angolana da Congregação a preceder todos os seus membros, na alegria, sob o manto de Maria.»[448]

Irmã Maria Benigna Suso da Sagrada Família
Limeira, 4 de Março de 1998

Irmã Maria Benigna Suso da Sagrada Família, no Baptismo com o nome de Mathilde Andadre, nasceu a 8 de Dezembro de 1907, na cidade de Americana – São Paulo.

Professou na Congregação no dia 29 de Junho de 1933.

No dia 12 de Abril de 1934 iniciou seus trabalhos na Comunidade do Colégio São José de Limeira manifestando um grande amor pela educação.

Trabalhou sempre como cozinheira, ofício que exercia com visível alegria, sempre muito atenta às necessidades e gostos das Irmãs e das alunas. Além de ser especialista na

[448] Boletim da Província de São Domingos, Luanda, de 3 de Abril de 1997, A.G.C.

cozinha, tomava conta das alunas internas como uma verdadeira mãe, orientado-as na prática das virtudes.

Espalhou ao seu redor muito carinho, compreensão, perdão, paz e segurança. A sua felicidade consistia em fazer os outros felizes e para isso pensava nas mínimas coisas. Era uma Irmã especial, dotada de muita alegria, bom humor, simplicidade e transparência.

Foi sempre uma religiosa com uma intensa vida de oração, grande devota de Maria, José e do Menino Jesus. Garantia-nos que no céu haveria de realizar o seu maior sonho: «carregar o Menino Jesus.»

Após quatro anos de enfermidade, partiu para a Casa do Pai no dia 4 de Março de 1998, aos 89 anos de idade. Todas as pessoas que tiveram o privilégio de a conhecer, lembram-na com ternura, saudades e gratidão. [449]

A Irmã Benigna está sepultada no jazigo das Irmãs Dominicanas, em Limeira.

Irmã Maria de São Joaquim Pereira
Ramalhão, 9 de Agosto de 1998

A Irmã Maria de São Joaquim, Palmira Pereira, era filha de Joaquim Ferreira e de Maria Ferreira, nasceu na Freguesia de Freixianda, concelho de Ourém, a 2 de Novembro de 1922 e foi baptizada a 6 de Novembro do mesmo ano, apenas com quatro dias. Era a oitava de dez irmãos entre eles a Irmã Maria de São João Pereira.

Professou na Casa de São José, Ramalhão a 25 de Março de 1949, onde foi assinada e viveu até a morte. Aqui desempenhou exemplarmente diversos serviços: cozinheira, refeitoreira das Irmãs e alunas e roupeira das alunas.

A Irmã Maria de São Joaquim era muito acolhedora para todos. Tudo fazia para que nada faltasse a quem nos vinha visitar. As visitas diziam: «Que Irmã tão simpática aquela que nos serviu o lanche...»

Dedicada às Irmãs, às meninas, aos empregados, tinha tudo pronto a horas.

Era uma pessoa simples, bem disposta e tinha graça quando nos contava alguma história. Também embelezava as celebrações litúrgicas, com a sua voz bonita e bem timbrada.

Na última fase da sua doença, foi para nós um exemplo, muito paciente, sofreu sem grandes queixas, lutou até ao fim.

Dizia, que tinha medo de morrer. Só uma vez disse sumidamente: «Ó Jesus, vem depressa!» Teve uma agonia curta e serena.

Da Irmã Maria de São Joaquim resta-nos a saudade e a esperança na Ressurreição.

Faleceu a 9 de Agosto de 1998.[450]

Irmã Maria de São Miguel Ferreira
Ramalhão, 5 de Agosto de 2000

[449] Nota da Irmã Maria Rita de Arruda Vasconcellos, Limeira, Fevereiro de 2002.

[450] Nota da Irmã Marta Pais e Irmã Guadalupe Reis, Sintra, 30 de Junho de 1999.

A Irmã Maria de São Miguel do Sagrado Coração de Jesus, Matilde Fernandes Ferreira, filha de Albino Joaquim Fernandes e Ermelinda Rosa Ferreira, nasceu no dia 16 de Janeiro de 1904 em Esgueira, Aveiro.

Quando era criança, ouviu algumas senhoras pobres de Aveiro chorarem e clamarem: «Ai que levaram as mães dos nossos filhos! Levaram as Irmãs!» Só mais tarde é que ela compreendeu que se tratava das Irmãs Dominicanas expulsas da Casa de Santa Joana de Aveiro, em 1910.

Quando quis ser religiosa, foi ter com um sacerdote que lhe falou das Dominicanas que estavam, na época, no Porto. Ingressou na Congregação, sendo a primeira postulante a entrar na casa do Noviciado em Braga, no dia 22 de Outubro de 1928. Aí fez o noviciado e professou, no dia 7 de Março de 1931.

Foi uma Irmã muito simples, orante, trabalhadora, fraterna, atenta, alegre e bem disposta. Andava sempre a sorrir. Encarregada da dispensa do Colégio do Ramalhão, durante quase toda a vida, sempre se sacrificou para dar gosto às meninas e às Irmãs. Levantava-se de madrugada para adiantar o trabalho e poder rezar com a Comunidade.

Gostava muito de ler a Bíblia e de nos contar as suas histórias.

Da sua boca, nunca se ouviu uma crítica ou um queixume, nem mesmo quando estava doente. Muitas vezes arrancava os seus próprios dentes cariados ou queimava as feridas, para não incomodar os outros.

Procurava desculpar as Irmãs e gostava de dizer a quem a visitava, nos últimos tempos da sua vida: «As Irmãs são muito boas, tratam-me como um princesa.»

Faleceu, quase de repente, aos 96 anos de idade, no dia 5 de Agosto de 2000 e está sepultada no cemitério de Sintra.

Irmã Maria Perpétua Ribeiro
Aveiro, 22 de Janeiro de 2001

A Irmã Maria Perpétua, Maria Ribeiro, filha de Joaquim Ribeiro e de Maria Joaquina Santos, nasceu no dia 14 de Novembro de 1907, na freguesia de Mancelos, Amarante, diocese do Porto e foi baptizada no dia 18 do mesmo mês.

Conheceu as Irmãs no Porto e foi nessa casa que fez o seu postulantado. Guardava das Irmãs que a receberam uma recordação de bondoso acolhimento, e dizia muitas vezes que foi esse acolhimento e alegria que lhe deu gosto de ingressar na Congregação.

Professou no dia 20 de Junho de 1941. Foi sempre uma Irmã muito humilde, acolhedora e silenciosa, dedicando-se ao trabalho com amor e alegria.

Viveu quase todos os anos da sua vida religiosa na Comunidade de Santa Joana de Aveiro, revelando-se uma Irmã cheia dos dons de sabedoria e conselho, que lhe provinham da sua íntima e profunda vida de oração e silêncio. Era muito fraterna e dedicada à Comunidade.

Tinha uma Irmã na Congregação, a Irmã Maria de São Martinho, que viveu no Colégio de Coimbra, durante muitos, acolhendo todos com amabilidade e atenção. As duas Irmãs eram muito amigas e bondosas.

A Irmã Maria Perpétua faleceu aos 93 anos, repentinamente, em Aveiro no dia 22 de Janeiro de 2001 e a Irmã Maria de São Martinho faleceu, em Coimbra, aos 86 anos, no dia 8 de Outubro do mesmo ano.

Madre Maria de São Pedro Ferreira
Lisboa, Restelo, 24 de Outubro de 2001

A Madre Maria de São Pedro Ferreira, Irene do Céu, filha de Maria Adelaide Ferreira, nasceu a 13 de Junho de 1904, em Gavinhas de Cima, Oliveira do Hospital, Coimbra. Professou no dia 22 de Junho de 1934.

Fez parte das comunidades: Leiria, Braga, Ramalhão, Fátima, Sameiro, Coimbra, Restelo – Lisboa. Em muitas destas casas exerceu o serviço de superiora, subprioresa, mestra e submestra de noviças.

Deixou-nos o testemunho de uma Irmã muito acolhedora, simpática, humilde, desprendida e compassiva, frutos de uma profunda vida de oração e silêncio.

Faleceu aos 97 anos, no dia 24 de Outubro de 2001, na Comunidade a que pertencia – Casa de São José, Restelo – Lisboa.

Muitas outras Irmãs, cujos nomes estão inscritos no Livro da Vida e cujas vidas estão escritas no coração de Deus, deixaram o testemunho de grande fidelidade à sua consagração passando pelo mundo a fazer o bem, em trabalhos humildes, educando, orientando, promovendo, curando e semeando a esperança nos arriscados campos das missões.

São incentivos a caminhar na santidade, certificam que esta é possível em qualquer tempo, espaço ou circunstância. Lá no céu intercedem pela Congregação. Era essa a esperança da Madre Fundadora: «Desejamos e esperamos sempre que as nossas queridas Irmãs nos sejam ainda mais úteis no céu e peçam cada vez mais a Nosso Senhor que nos mande boas vocações e que das cinzas delas se levantem fervorosas e santas Irmãs Dominicanas.»[451]

Conclusão

A história de qualquer a fundação é o resultado da combinação de um carisma concreto com as circunstâncias históricas isto é, alguém, tocado pela Palavra e animado pelo Espírito, inaugura novas formas de vivência do Evangelho que é sempre boa nova para os pobres.

Teresa de Saldanha, penetrada do carisma evangélico, discerniu em profundidade os sinais dos tempos e a partir da sua experiência evangélica abriu novos caminhos de esperança e de salvação.

Esta história teve origem na inspiração do Espírito Santo e tem sido escrita por mulheres com nomes diferentes, em contextos diferentes e com diferentes acções de misericórdia e tendo, por isso, um rico matizado onde cabem todos os gestos de compaixão e ternura.

Memória das Datas compõe-se de vários capítulos, escritos ao longo de mais de cem anos, percorridos do século XIX ao século XXI. Começada em Lisboa, Portugal, alargou os seus passos a outros caminhos do mundo o que a Madre Fundadora entendeu como uma bênção: «Como o nosso bom Deus tem abençoado a nossa Congregação. É maravilhoso o que

[451] Crónicas da Congregação, 1905, A.G.C., Doc. 7445.

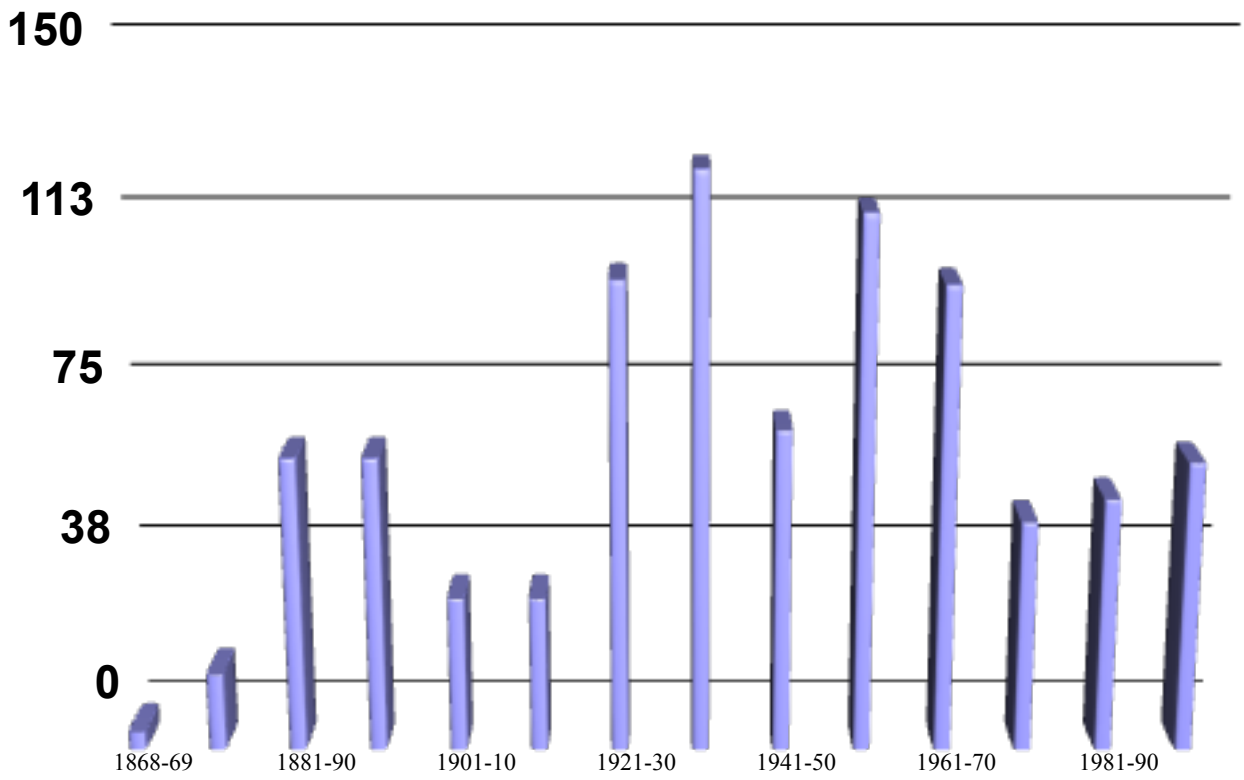
vós tendes feito! Como me lembro frequentemente da nossa vida passada, em Benfica e quem poderia imaginar que a nossa Congregação se espalharia por tantos países diferentes?»[452]

Quando a Madre Fundadora morreu, a Congregação estava em cinco países: Brasil, Bélgica, Espanha, Estados Unidos e Portugal. As circunstâncias, os apelos e desafios fizeram-na continuar nalguns locais, deixar outros e deslocar-se ainda para outros. Hoje está presente em cinco países: Albânia, Angola, Brasil, Moçambique e Portugal e é constituída por três Províncias.

A História da Congregação é uma história aberta a novos capítulos, em novos espaços e serviços, de acordo com os desafios do Espírito Santo, como nos diz o Papa João Paulo II:

«Vós não tendes apenas uma história gloriosa para recordar e narrar, mas uma grande história a construir. Olhai o futuro para o qual vos projecta o Espírito a fim de realizar convosco ainda grandes coisas.»[453]

Anexo 1. Gráfico das Profissões, na Congregação, de 1868 - 2000



[452] Carta da Madre Teresa de Saldanha à Madre Maria de São Patrício Maguire, Lisboa, 10 de Março de 1914, A.G.C., Doc. 40, k.

[453] João Paulo II, Exortação Apostólica, *Vida Consagrada*, nº 110 de 25 de Março de 1996.

Anexo 2. Casas da Congregação por ordem de fundação

	Casas da Congregação	Local	País	Abriu	Fechou
01	Portas da Cruz – escola, inserção	Lisboa	Portugal	1868	1877
02	Benfica Noviciado e escola	Lisboa	Portugal	1877	1910
03	Asilo de Cegas - Cardaes	Lisboa	Portugal	1877	
04	Regeneração – IMA	Braga	Portugal	1877	
05	Salvador, escola	Lisboa	Portugal	1878	1910
06	Santa Joana, escola	Lisboa	Portugal	1880	1896
07	Santa Joana, escola	Aveiro	Portugal	1884	1910
08	Sacramento, dispensário.	Lisboa	Portugal	1885	1910
09	Convento das Donas, escola	Santarém	Portugal	1892	1910
10	Convento de S. José, escola	Lagoa – Algarve	Portugal	1899	1910
11	Avé Maria, dispensário	Porto	Portugal	1896	1910
12	Sanatório	Outão- Setúbal	Portugal	1900	1910
13	Sant'Ana, hospital	Parede	Portugal	1910	
14	Rua Gomes Freire Obra «Florinhas da Rua»	Lisboa	Portugal	1911 1918	1931 1928
15	São Domingos, pensionato	Campinas, SP	Brasil	1911	
16	Escola de crianças	Copacabana, RJ	Brasil	1911	1912
17	Hospital da misericórdia	Piracicaba, SP	Brasil	1911	1915
18	Nª Sª Amparo, Noviciado, creche	Amparo, SP	Brasil	1911	
19	Sanatório infantil	La Panne	Bélgica	1911	1922
20	Hospital do Rego	Lisboa	Portugal	1911	1912
21	Escola e 1.º Noviciado	Ontário, Oregon	EUA	1911	
22	Casa de crianças	Petropolis – RJ	Brasil	1912	1919
23	Noviciado e Escola,	Salamanca	Espanha	1913	1928
24	Hospital	Hanford, Califórnia	EUA	1913	
25	Menino Jesus, crianças	Porto	Portugal	1914	1939
26	Clínica operatória	Viseu	Portugal	1915	1919
27	Creche	Rio de Janeiro, RJ	Brasil	1915	1921
28	Noviciado e hospital	Kenosha,Wisconsin	EUA	1917	
29	Colégio	Lousã	Portugal	1920	1935
30	Colégio	Limeira, SP	Brasil	1921	
31	Colégio	Coimbra	Portugal	1922	
32	Colégio	Leiria	Portugal	1924	
33	Escola paroquial	Madera, Califórnia	EUA	1927	1933

34	Serviço Social	Pinheiro da Bemposta	Portugal	1927	1956
35	Noviciado e escola	Braga	Portugal	1928	1941
36	Escola paroquial	Taft, Califórnia	EUA	1929	
37	Escola paroquial	Carmel, Califórnia	EUA	1930	1933
38	Colégio	São Paulo, SP	Brasil	1934	
39	Sameiro - acolhimento	Braga	Portugal	1934	
40	Serviço Social	Estremoz	Portugal	1935	
41	Serviço Social	Guarda	Portugal	1936	
42	Peregrinos e escola	Fátima	Portugal	1937	
43	Serviço Social	Aldeia Nova	Portugal	1965	1980
44	Externato São José	Lisboa	Portugal	1938	
45	Colégio Ramalhão	Sintra	Portugal	1941	
46	Colégio	Borda da Mata	Brasil	1943	
47	Escola Santa Teresinha	Novo México	EUA	1947	
48	Hospital psiquiátrico	Saratoga, Califórnia	EUA	1948	
49	Hospital	Merced, Califórnia	EUA	1949	
50	Casa de crianças	Itaquaquecetuba, SP	Brasil	1974	1988
51	Serviço Social	Abrigo – Funchal	Portugal	1953	
52	Lar de estudantes	Aveiro	Portugal	1953	
53	Lar de estudantes	Coimbra	Portugal	1954	1976
54	Alfabetização	Cafeára	Brasil	1957	1971
55	Escola, pastoral	Lupionópolis	Brasil	1958	
56	Lar de enfermeiras I.P.O.	Lisboa	Portugal	1957	1963
57	Colégio	Uruaçu – GO	Brasil	1959	
58	Missão e escola	Ndalatando	Angola	1959	1974
59	Missão e escola	Xai-Xai	Moçambique	1959	1975
60	Serviço paroquial	Borrazópilis	Brasil	1963	1970
61	Santa Cecília, Serviço Social	C. Zino Funchal	Portugal	1963	
62	Colégio	Faxinal, PR	Brasil	1964	
63	Missão	Quibaxe	Angola	1968	1975
64	Creche	Avanca	Portugal	1969	
65	Missão	Vila Cabral	Moçambique	1970	1975
66	Missão	Cacuso	Angola	1972	
67	Furnas, inserção	Lisboa	Portugal	1973	
68	Pastoral	Belida – Santarém	Portugal	1974	1993
69	Nª Sª do Carmo, missão	Luanda	Angola	1975	
70	Nª Sª de Fátima, Lar estudantes	Luanda	Angola	1967	1975
71	Centro Pastoral	Uruaçu – GO	Brasil	1975	1979

72	M. Teresa de Saldanha, inserção	Castro Daire	Portugal	1975	
73	Madre Fundadora – C. Provincial	São Paulo SP	Brasil	1977	
74	Inserção	Dornelas do Zêzere	Portugal	1975	1985
75	Missão	Golungo Alto	Angola	1981	
76	Noviciado, Missão	Lobito	Angola	1981	
77	Inserção	Londrina, PR	Brasil	1984	
78	Inserção	Dirceu – Píaui	Brasil	1986	
79	Serviço Social	Portimão	Portugal	1986	
80	Missão	Benguela	Angola	1988	
81	Serviço Social	Nordeste, Açores	Portugal	1988	
82	Noviciado, missão, escola	Km. 9 Luanda	Angola	1991	
83	Casa Provincial	Nª Sª Fátima Luanda	Angola	1993	
84	Missão	Chongoene	Moçambique	1993	
85	Serviço Pastoral	Petrolina	Brasil	1994	
86	Missão	Maputo	Moçambique	1995	
87	Missão	Tirana	Albânia	1999	

Anexo 2: Irmãs enviadas para Missões *Ad Gentes:*

Angola – antes da independência

Irmã Maria Jacinta Morais Gomes – P[454]
Irmã Maria de São Gabriel Garcia Monéreo – P
Irmã Maria Fernanda Rafael Pires – P
Irmã Maria Custódia de Sousa Antunes – P
Irmã Maria Samuel Vieira – P
Irmã Maria Lucília Gomes Santos – P
Irmã Maria Esperança Tavares de Almeida – P
Irmã Maria Augusta de Jesus Ribeiro – P
Irmã Maria Rosália Moreira Marques Lincho – P
Irmã Maria de Santo Agostinho Bastos Couceiro da Costa – P
Irmã Maria Palmira Mendes dos Santos – P
Irmã Maria Humberto Dias – P
Irmã Maria Aurora Luís de Sousa – P
Irmã Maria Celina da Silva Laranjeiro – P
Irmã Maria Celeste Simões Faria – P
Irmã Rosa Maria Oliveira Ramos – P
Irmã Maria Catarina de Sena Rezende Teixeira Constantino – M
Irmã Maria Doroteia de Jesus – P

[454] A – Angolana, B – Brasileira, E – Espanhola, M – Moçambicana, P – Portuguesa.

Irmã Maria Adelaide António – P
Irmã Maria Lúcia de Jesus – P
Irmã Maria Angélica Gameiro – P
Irmã Maria Fernanda Cafofo – P
Irmã Maria do Sameiro Silva – P
Irmã Maria Iria Faria da Costa – P
Irmã Maria Teresa Ferreira do Carmo – P
Irmã Maria da Encarnação Mendonça de Freitas – P
Irmã Maria Lúcia de Jesus Caetano – P
Irmã Maria de Santa Rosa Atanásio de Almeida – P
Irmã Maria Emanuel Carvalhais – P
Irmã Maria de Lurdes da Silva Fernandes – P
Irmã Maria Luísa de Paiva Boléo – P
Irmã Maria Amália da Fonseca Rente – P
Irmã Maria da Pureza Fonseca Correia – P
Irmã Maria Soledade Neto – P
Irmã Maria de Fátima Pereira Loureiro – P
Irmã Maria da Conceição Santos – P
Irmã Mariete Botas Curado – P
Irmã Maria Virgínia Coelho – P
Irmã Maria Rita Arruda Vasconcelos – B
Irmã Maria Fernanda Pedrosa Rei – P
Irmã Maria Ondina Pinto de Oliveira – P

Angola – depois da Independência

Irmã Beatriz Carlota dos Santos – P
Irmã Cândida de Jesus Rodrigues Fonseca – P
Irmã Maria Celina de Melo – B
Irmã Maria Armandina Glória de Jesus – P
Irmã Maria Dolores Ribeiro dos Santos – P
Irmã Maria Agostinha Quintas Ferreira – P
Irmã Rita Maria do Nascimento Lourenço Nicolau – P
Irmã Maria Bernardete Carreira Gaspar – P
Irmã Maria Alzira Marques – P
Irmã Maria Luísa Madalena Barata Duarte – P
Irmã Maria Aparecida Marques – B
Irmã Lúcia Felicidade Bettencourt – P
Irmã Maria Elisa Bueno Galvão – B

Moçambique – antes da Independência

Irmã Maria da Ressurreição Ferreira do Carmo – P
Irmã Maria de Fátima Fernandes Pereira de Castro – P
Irmã Maria de Lurdes Lopes Fernandes – P
Irmã Maria Cândida de Jesus Rodrigues Fonseca – P

Irmã Maria Adelaide Rodrigues Mota – P
Irmã Maria Emanuel Mota – P
Irmã Maria Ascensão Duarte de Oliveira – P
Irmã Maria Antónia Dias – P
Irmã Maria Rosa Sacramento Monchique – P
Irmã Maria de São Nuno Cristóvão – P
Irmã Maria Carmelita de Jesus Pereira – P
Irmã Maria do Sacramento Miranda – P
Irmã Ana Paula Silva – P
Irmã Ana Maria de Sousa Vieira – P
Irmã Stela Maria Farinha Campanha – P
Irmã Maria Assunção Coelho de Sousa – P
Irmã Maria de Fátima Reis de Oliveira – P
Irmã Maria Madalena Macedo Pires – P
Irmã Maria Catarina de Sena Rezende Teixeira Constantino – M
Irmã Maria Dolores Ribeiro dos Santos – P
Irmã Maria Eucaristia Baptista – P
Irmã Maria Clara Pereira Lucas – P
Irmã Beatriz Carlota dos Santos – P
Irmã Maria do Pilar Garcia – E[455]
Irmã Maria Rita Pereira Reis – P
Irmã Maria João de Sousa – P
Irmã Maria Cristina da Trindade da Silva Ferreira – P
Irmã Maria Glória Lopes Felicidade – P
Irmã Maria José de Sousa – P
Irmã Maria da Conceição Sá – P

Moçambique – depois da independência

Irmã Maria Isabel Langa – M [456]
Irmã Maria Celina de Melo – B
Irmã Maria do Céu Mateus Marques – P
Irmã Maria Rosália Lincho – P
Irmã Ana Paula Silva – P
Irmã Maria Patrícia Navyo – A
Irmã Maria Susana Tchilombo – A
Irmã Maria da Conceição Silvestre – A
Irmã Maria Cristina dos Santos – A
Irmã Maria Rita Correia – A
Irmã Maria Madalena Natchiumba – A
Irmã Maria da Conceição Tchendowesi – A
Irmã Ana Tchitambo – A

---

[455] Natural de Espanha, ingressou e professou na Congregação, em Portugal, no dia 1 de Novembro de 1963.

[456] Moçambicana, veio com as Irmãs para Portugal para ingressar na Congregação. Fez o Noviciado e aqui permaneceu até 1992.

Irmã Fernanda Paula Venâncio – A
Irmã Maria Carla Marisa Camilo – A
Irmã Maria Vitorina Domingos – A
Irmã Maria Albina Cambaya – A
Irmã Maria Ana Bernardo – A

Albânia

Irmã Maria Luísa Madalena Barata Duarte – A
Irmã Maria Luísa Valentim Barbosa – A
Irmã Ízide Santina Vechi – B
Irmã Maria do Pilar Garcia dos Santos – E
Irmã Susana Tchilombo – A

BIBLIOGRAFIA

FONTES

- SALDANHA, Teresa:, *Actas, Cartas, Crónicas, Exortações, Notas autobiográficas, Relatórios*, *Copiadores* in: Arquivo da Congregação Dominicana de Santa Catarina de Sena, Casa de São José, Largo de São Domingos de Benfica, Lisboa, Portugal, 1844-1916.
- *Constituições das Irmãs da Congregação de Santa Catarina de Sena, da Ordem Terceira Regular de São Domingos em Portugal,* Lisboa 1887.
- DOMINICANAS, *Constituições da Congregação Portuguesa das Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena*, Gráfica Telles da Silva, Lisboa 1987.
- THIAUCOURT, Maria Rosa O.P., *Madre Teresa de Saldanha, vida e obra,* Congregação Dominicana de Santa Catarina de Sena, Lisboa 1987 [2].
- Registo das Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena, Livro 24, Arquivo da Congregação Dominicana de Santa Catarina de Sena, Casa de São José, Largo de São Domingos de Benfica, Lisboa, Portugal.
- Actas dos Capítulos e Conselhos da Ordem Terceira de São Domingos.
- Actas do Conselho da Congregação, 1916-1937, D, Livro 216.
- Actas do Conselho da Congregação, Livro 213.
- Actas do Conselho da Congregação, 1950-1960, C, Livro 215.
- Actas do Conselho da Congregação, 1990-1937, H, Livro 225.
- Actas das eleições das Superioras Gerais da Congregação, Livro 218.
- Actas das Sessões da Associação Protectora das meninas Pobres, Livro 1, Arquivo.
- Nacional da Torre do Tombo, Arquivo das Congregações, Doc. nº 357.
- Actas do Conselho Geral, 1910-1919, Livro 202.
- Actas do Capítulo da Província de Nossa Senhora do Rosário, Livro [a]
- Actas do I Encontro Internacional, Fátima 1993, Arquivo Geral da Congregação.
- Actas do II Encontro Internacional, Amparo, Brasil 1995, Arquivo Geral da Congregação.

- Actas do III Encontro Internacional, Fátima 2000, Arquivo Geral da Congregação.
- Actas do Capítulo Geral Extraordinário, 1967-68, Livro 217, Arquivo Geral da Congregação.
- Copiador V.
- Cartas do Padre Patrício Russell, Arquivo Geral da Congregação.
- Crónica da Congregação, Livro 12.
- Crónica da Congregação, Livro 13.
- Crónica da casa de Salamanca, 1913-1928.
- Crónica do Convento do Sacramento, Livro 62.
- Crónica da Congregação, 1872-1891, Livro 204.
- Crónica da fundação da casa de Nossa Senhora de Fátima, Leiria, 1924-1926.
- Crónica da Casa de Santa Catarina de Sena, Estremoz, 1986.
- Crónica do Colégio de São José, Limeira, Brasil.
- Crónicas da Casa de Nossa Senhora do Rosário, Xai-Xai, 1969, Arquivo Geral da Congregação.
- Crónica da Missão de Santa Teresinha, N'dalatando 1959-1975, Arquivo Geral da Congregação.
- Crónica da Missão de Santa Teresinha, Dembos. Quibaxe, 1968-1975, Arquivo Geral da Congregação.
- Crónica da Casa de Nossa Senhora do Rosário, Xai-Xai, Moçambique, 1959-1975.
- Crónica do Lar Universitário de Nossa Senhora de Fátima, Luanda, 1963-1975, Arquivo Geral da Congregação.
- Crónica da Província de Nossa Senhora do Rosário.
- Crónica da Casa de Santa Maria, Açores, 1988.
- História do Vicariato de Brasil, 1911-1968, autora desconhecida, Arquivo Geral da Congregação.
- História da Congregação, manuscrita por Irmã Maria de Santo Agostinho Pinto Basto Couceiro da Costa, 1980.
- História da Província de Santa Cruz, Brasil, 1911-1978, autora desconhecida, Arquivo Geral da Congregação.
- Boletim da Província de São Domingos.
- História do Vicariato do Brasil, 1911-1968, Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena, autora desconhecida.
- Livro das Profissões, I, Arquivo Geral da Congregação.
- Livro de Registos da Profissão de Votos Perpétuos, Livro 21.
- Livro de Registo das Irmãs Falecidas, Braga.
- Livro de Registo das Irmãs Falecidas na Congregação.

JORNAIS

- *Jornal de Angola*, 13 de Março de 2000.
- *O Dia*, 8 de Janeiro de 1915.
- *A Capital*, 8 de Janeiro de 1916.
- *A Nação*, 12 de Janeiro de 1916.

- *Revista Católica*, 15 de Janeiro de 1916.
- *Raio de Luz*, Fevereiro de 1916.
- *O Comércio*, Agosto de 1940.
- *O Correio de Azeméis*, Outubro de 1993.
- *A Voz de Azeméis*, Outubro de 1993.
- *A Guarda*, 28 de Setembro de 2001.
- *Voz* da Verdade, 7 de Outubro de 2001.
- Região de Rio Maior, 18 de Janeiro de 2002.
- *Gazeta de Limeira*, 1986.
- *O Público*, 1999
- *Região de Rio Maior*, 2001.

REVISTAS

- *O Rosário*, Março de 1916.
- *A Verdade*, 15 de Março de 1916.
- *Revista da Sonangol*, Angola, nº 5, Junho de 1999.
- *O Rosário de Maria*, Janeiro de 1969.
- Boletim Mensal das *Missões Franciscanas*, Julho de 1938.
- *Entre-nós*, revista da Família Dominicana em Portugal, 1984.

OBRAS DE APOIO

- ALMEIDA, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, III, Civilização, Lisboa 1970.
- AMEAL, João, *História de Portugal,* T. Martins, Porto 1940.
- AMIGO VALLEJO, C., *El Sínodo de los obispos y la Vida Consagrada,* Claretianas, Madrid, 1994.
- ARANTES. H., *D. Theresa Rio Maior*, L. Ferreira , Lisboa 1916.
- AUBERT, Jean Marie, *L'exil féminin, Antifeminisme et cristianisme,* Cerf, Paris 1988.
- AUBERT, Marie Joséphe, *Les Religieuses sont-elles des femmes?* Centurion, Paris 1976.
- AUBERT, Roger*, Nouvelle Histoire de l'Eglise, IV, V,* Seuil, Paris 1975.
- AAA. A Ordem de São Domingos em Portugal, Separata da Revista *Rosário de Maria*, números 440-446.
- A.V. Ramalhão, 50 anos, Abril 1993.
- AA.V., *Evocação de Teresa de Saldanha – 150 anos do seu nascimento, 1987-1988,* C.D.C.S., Lisboa 1988.
- AA.V., *Dominicains, L'Ordre des Prêcheurs presenté par quelques uns d'entre eux,* Cerf , Paris 1980.
- Acts of the first General Chapter of the Congregation of the Dominican Sisters of Saint Catherine of Siena os Kenosha.
- BERN Stéphane, Eu, Amélia, Última Rainha de Portugal, Ed. Civilização, 1999, tradução do francês.

- CAMPANHA Stela Maria Farinha, Madre Teresa Catarina – Peregrina rumo ao Infinito, Lunho 1999, policopiado.
- CLEMENTE, Manuel*, A Igreja e o liberalismo. Um desafio e uma primeira resposta,* Communio, Revista Internacional Católica, nº 6, Lisboa 1992.
- *Clericalismo e anticlericalismo na cultura portuguesa,* Reflexão Cristã, nº 53, Fev./ Março, Lisboa 1987.
- *Laicização da sociedade e afirmação do laicado em Portugal (1820-1840),* Lusitania Sacra, 2ª série, 3 (1991) 548 – *Nas Origens do Apostolado contemporâneo em Portugal.*
- - *A Sociedade Católica (1843-1853),* Universidade Católica Portuguesa, Braga 1993.
- *Os Católicos Portugueses e os princípios de 89* in: Communio Revista Internacional Catolica nº 1, Lisboa 1989.
- *Teresa de Saldanha e a renovação Católica em Portugal,* prefácio à obra de Thiaucourt M.R., *Madre Teresa de Saldanha, vida e obra*, Congregação Dominicanas de Santa Catarina de Sena, Lisboa 1987 [2].
- COLAÇO Branca de Gonta, Memórias da Marquesa de Rio Maior,
- CHARISMS, Catholic Health, 1998.
- O Itinerário de Luísa Andaluz, Servas de Nossa Senhora de Fátima, Lisboa 1997.
- CRISTÓVÃO, Maria do Céu, *A questão das Irmãs da Caridade* – Estudo de opinião pública 1858-1862 , mimeografado: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa , Lisboa 1977.
- ESTEVÃO, José, *Discursos Parlamentares*, Câmara Municipal de Aveiro, Aveiro 1983.
- FERREIRA, A. Matos, *La revolution Française et le developpement du Catholicisme au Portugal, quelques questions et perspectives,* (Perspectives de l`impact révolutionnaire et de l`emergence du libéralisme dans le Catholicisme portugais) F.C.Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, Paris 1990.
- GASPAR João Gonçalves, *A Diocese de Aveiro – subsídios para a sua história* Cúria Diocesana de Aveiro, Aveiro 1964.
- GOMEZ J. ALVAREZ, *História de la Vida Religiosa*, III Vol., Claretianas, Madrid 1990.
- GRANDI – GALLI, *História da Igreja,* Paulinas 1963.
- HOSTIE Raymond, *Vie et mort des Ordres Religieux*, Desclée De Brouwer, Paris 1972.
- LANGLOIS Claude, *Le Catholicisme au féminin, Les Congregations françaises à superieure generale au XIX ème siècle,* Cerf, Paris 1984.
- LOZANO Juan Manuel, *Los Fundadores Profetas de la Historia,* Claretianas, Madrid 1978.
- MARQUESA DE RIO MAIOR, *Fundação da Ordem das Terceiras de São Domingos em Portugal,* C.D.C.S., Lisboa 1987 [2].
- MARIA ISABEL DA Santíssima Trindade, Lembrai-vos sempre, Ed. Franciscana, Braga 1995.

- MACEDO J. Borges de., *O anticlericalismo em Portugal no século XIX,* in: Communio, Revista Internacional Católica, nº 5 Set./Out. , Lisboa 1985.
- MARQUES Oliveira, *História de Portugal II Vol,* Pallas, Lisboa 1973.
- MATTOSO José, *História de Portugal, o Liberalismo* V Vol., Círculo de Leitores Lisboa 1993.
- METZ Johan Baptist, *Mas allá de la religión burguesa,* Sígueme, Salamanca 1982.
- *Las Ordenes Religiosas – su misión en un futuro próximo como testimonio vivo del seguimiento de Cristo*, Herder, Barcelona 1976.
- *Pasión de Dios, La existencia de Órdenes Religiosas hoy*, Herder Barcelona 1992.
- *Teología como biografía, Concilium* 115, 1976.
- MOURA Rosa Mendes, *Padre Raimundo Beirão – onde houver bem a fazer*, Salvador , Bahia 1989.
- MUACA Eduardo André, Breve História da Evangelização de Angola, CEAST, Setembro 2001.
- OLIVEIRA Martins, *Portugal Contemporâneo,* Guimarães 1976.
- OLIVEIRA Miguel, *História de Igreja,* União Gráfica , Lisboa 1959.
- RADCLIFFE Timothey, *Votados à Missão – uma carta à Ordem,*, Monjas Dominicanas – Mosteiro de Santa Maria, Lisboa 1994.
- SÁ V., *Lisboa no Liberalismo*, Livros Horizonte, Lisboa 1992.
- SERRÃO Joel, *Da situação da mulher portuguesa no século XIX*, Livros Horizonte, Lisboa 1987.
-TORRES, Alberto Pinheiro, Memória Histórica do Collégio de Regeneração, Braga, 1905
- TRINDADE M. *Portugallo, V., 1834 -,* in: *Dizionario degli Instituti di Perfezione*, Vol. VII Pio II Rzadka, Paoline, Roma 1983.
- TURIN Yvonne, *Femmes et religieuses au XIX ème siécle, le feminisme "en religion",* Nouvelle Cité, Paris 1989.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *História de Portugal (1832-1851) VIII Vol.* Verbo Lisboa 1986.
- THOMAS, The Lord may be in a hurry, 1967.
- VIDAL J. E. Lima, *Teresa de Saldanha e as suas Dominicanas*, Tip. Seminário das Missões, Cucujães 1938.
- VIEIRA Ana Maria, *Teresa de Saldanha, singularidade de um projecto,* in: *Reflexão Cristã* nº 66/67 (Out./Dez.), Lisboa 1989.
- ZELLER Renée, *Les Congregations Dominicaines du Tiers Ordre Régulier – Les Ordres Religieux,* Letouzey et année, Paris 1924.

Siglas:

A.G.C. - Arquivo Geral da Congregação.
IAN/TT - Instituto dos Arquivos Nacionais – Torre do Tombo.
APMP - Associação Protectora das Meninas Pobres.

CNSA - Colégio Nossa Senhora Aparecdida.
IMA - Instituto Monsenhor Airosa.
ATL - Actividades de Tempos Livres.

ÍNDICE

Apresentação
Introdução

Capítulo I
Memória da Fundação

Contexto histórico
A inspiração original
À procura de caminhos
Autorização do Patriarca de Lisboa
Autorização do Mestre Geral da Ordem Dominicana
0s fundamentos
A primeira geração de Irmãs
Nas Portas da Cruz

Capítulo II
Memória da Casa de Benfica

Casa de São Domingos de Benfica
Enfim... Irmã Teresa Catarina

Capítulo III
Memória do desejo

As fundações em Portugal

Até 1910:

Casa de São José – Vila do Conde
Colégio da Regeneração – Braga
Convento da Conceição dos Cardaes – Lisboa
Convento do Cristo Rei Salvador – Lisboa
Convento de Santa Joana Princesa – Lisboa
Convento de Jesus – Aveiro
Convento do Sacramento – Lisboa
Convento das Donas – Santarém
Casa de Santa Catarina de Sena – Porto
Convento de São José – Lagoa
Casa de São Domingos – Outão, Setúbal

Após 1910:

Casa de Sant'Ana – Parede
Casa do Sagrado Coração de Jesus – Nogueiró
Casa do Menino Jesus de Praga – Porto
Clínica Operatória Dr. Casimiro Vasconcelos – Viseu

Após a morte da Madre Fundadora:

Casa do Sagrado Coração de Jesus – Lousã
Casa de São José – Coimbra
Casa de Nossa Senhora de Fátima – Leiria
Casa de São José, Casa-Mãe – Braga
Casa de Santo António – Pinheiro da Bemposta
Casa de São Domingos – Bencanta
Casa de Santa Catarina de Sena – Estremoz
Casa da Sagrada Família – Guarda
Casa de São Domingos do SS.mo Rosário – Fátima
Casa de São José – Lisboa
Casa de Nossa Senhora do Sameiro – Braga
Casa de São José, Ramalhão – Sintra
Casa de Nossa Senhora de Fátima – Funchal, Ilha da Madeira
Casa de Santa Joana Princesa – Aveiro
Casa da Imaculada Conceição – Coimbra
Casa de Santa Cecília – Funchal, Ilha da Madeira
Casa do Menino Jesus – Avanca
Casa de São Domingos de Benfica – Furnas, Lisboa
Casa de Santa Teresinha – Belida, Santarém
Casa Madre Teresa de Saldanha – Castro Daire
Casa de Nossa Senhora das Neves – Dornelas do Zêzere
Casa de Nossa Senhora da Conceição – Portimão

Casa de Santa Maria – Nordeste, Ilha de São Miguel, Açores

Capítulo IV
Memória da Diáspora

Casa de Nossa Senhora do Rosário – Lisboa
A Congregação nos Estados Unidos da América
A Congregação em La Panne – Bélgica
A Congregação em Salamanca – Espanha
A Congregação no Brasil:

- Casa de São Domingos – Campinas, SP
- Casa de Nossa Senhora do Amparo – Amparo, SP
- Santa Casa da Misericórdia – Piracicaba, SP
- Casa de Copacabana – Rio de Janeiro, RJ
- Casa de Nossa Senhora do Divino Coração – Petrópolis, RJ
- Casa de Nossa Senhora da Providência – Rio de Janeiro, RJ
- Asilo São Vicente de Paulo – Campinas, SP
- Casa de São José, Limeira – SP
- Casa de Santa Catarina de Sena – São Paulo, SP
- Casa de Nossa Senhora do Carmo – Borda da Mata, MG
- Casa de Nossa Senhora da Paz, Cafeára – PR
- Casa de Nossa Senhora de Fátima – Lupionópolis, PR
- Casa de Nossa Senhora Aparecida – Uruaçu, GO
- Casa da Imaculada Conceição – Borrazópolis, PR
- Casa de São Domingos – Faxinal, PR
- Casa da Sagrada Família – Itaquaquecetuba, SP
- Centro de Treinamento de São José – Uruaçu, GO
- Casa da Madre Fundadora – São Paulo, SP
- Casa de Santa Rosa de Lima – Londrina, PR
- Casa da Madre Sagrado Coração de Jesus – Dirceu Arcoverde, PI
- Casa de Nossa Senhora do Rosário – Petrolina, PE

Capítulo V
Missão *ad gentes*

Angola antes da Independência:

- Casa de Santa Teresinha – N'dalatando
- Casa de Nossa Senhora de Fátima – Luanda
- Casa de Santa Teresinha – Quibaxe
- Casa de São Domingos – Cacuso

Angola após a Independência:

- Casa de Nossa Senhora do Carmo – Luanda
- Casa do Imaculado Coração de Maria – Lobito
- Casa de Santa Catarina de Sena – Golungo Alto
- Casa de São Martinho de Lima – Benguela

Casa de São José – Km. 9, Viana

Moçambique antes da Independência:

Casa de Nossa Senhora do Rosário – Xai-Xai
Missão de Vila Cabral – 1972

Moçambique após a Independência:

Casa de Nossa Senhora de Lurdes – Chongoene
Casa Madre Teresa de Saldanha – Xai-Xai
Casa de Santa Rosa de Lima – Maputo

Albânia:

Casa de Nossa Senhora da Paz –Tirana

Capítulo VI
Memória das Datas

Datas Memoráveis

Aprovação da Congregação e das Constituições

1887 – Aprovação das Constituições pelo Patriarca de Lisboa
1889 – Decreto da Santa Sé de Louvor e Aprovação da Congregação
1900 – Aprovação das Constituições pela Santa Sé
1987 – Aprovação das Constituições após o Vaticano II

Os Capítulos Gerais da Congregação

Dispersão da Congregação:

1910 – A Revolução Republicana

1916 – A morte da Madre Fundadora:

Se a semente não morre...

Celebrações Jubilares:

1937 – Primeiro Centenário do Nascimento de Teresa de Saldanha
1939 – 80.º Aniversário da Fundação da APMP
1968 – Primeiro Centenário da Fundação da Congregação
1987 – 150 Anos do Nascimento de Teresa de Saldanha

Erecção das Províncias – 1969

Retorno a São Domingos de Benfica – 1991

Encontros Internacionais:
1993 – I Encontro, Fátima, Portugal
1995 – II Encontro, Amparo, Brasil
2000 – III Encontro, Fátima, Portugal

Processo de Canonização da Madre Fundadora
Fases de um Processo
Sessão de abertura

Capítulo VII
Memória do Servir

As Superioras Gerais da Congregação

Capítulo VIII
In memoriam

Notas biográficas de Irmãs falecidas

Conclusão

Anexo 1 – Gráfico das profissões na Congregação.
Anexo 2 – Casas da Congregação por ordem de fundação
Anexo 3 – Lista das Irmãs enviadas para a Missão *Ad Gentes*

Bibliografia

Siglas